



A
ENTIDADE



Frank de Felitta

EXILADO DOS
LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Frank de Felitta

A ENTIDADE

Tradução de LUIZ HORÁCIO DA MATTA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S. A.
Copyright © 1978 by Frank De Felitta
Título original: The Entity

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
1980

Todos os direitos desta tradução reservados à LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA
S.A.

Escaneamento, Revisão e Formatação: LAVRo
Agradeço a Áureo o ótimo trabalho de OCR

en-ti-da-de (do Latim *entitas*) — *SER, EXISTÊNCIA: algo que possui existência distinta e separada, real ou imaginária.*

Para meu filho Raymond

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas me auxiliaram de um ou outro modo importante a escrever este livro. São elas Steven Weiner, que trabalhou na obra inteira; Barry Taff, Kerry Gaynor e Doris D., cujas vidas inspiraram parte dela; Dra. Jean Ritvo e Dr. Edward Ritvo, que contribuíram generosamente com seu conhecimento e imaginação; Dr. Donald Schwartz, que forneceu informações muito úteis; Barbara Ryan, cuja percepção e discernimento especiais deram-me encorajamento; Ivy Jones, por sua habilidade de recriação dramática; Michael E. Marcus, Tim Seldes e Peter Saphier, pelo constante apoio e convincente animação; William Targ, meu editor, cuja crítica perceptiva contribuiu para tornar este livro muito melhor do que era; e Dorothy, minha esposa, por sua perene confiança, amor e alegre boa vontade.

Gostaria também de expressar minha gratidão à Dra. Thelma Moss, cujos excelentes escritos e seminários sobre parapsicologia conduziram-me suavemente através do espelho, tornando-me um crente fervoroso na probabilidade do impossível.

DEPOIMENTO

23 de março de 1977 — Depoimento prestado pelo suspeito Jorge (Jerry) Rodriguez, fichado por acusação de agressão, gravado na presença do Policial John Flynn, matrícula no 1730522.

TRANSCRIÇÃO:

— *Sim, escute, escute, estou ferrado.*

“Estamos ferrados. Quero dizer, aquilo foi demais. Nunca sonhei. Havia alguma coisa... alguma coisa acontecendo com Carlotta. Alguma coisa estava acontecendo naquele quarto. Eu... como posso explicar? Eu não vi, exatamente, alguma coisa. Mas vi o que ela fazia a Carlotta. Vocês precisam compreender. Ela estava na cama... na cama... Eu tinha acabado de chegar ao quarto e estava me preparando... entende?... estava me preparando para me deitar com ela na cama. Virei-me e vi Carlotta... antes, eu a escutei. Primeiro, eu a escutei e ela estava... gemendo, sabe?... soltando gemidos como de amor, mas também de medo, como se não gostasse do que estava sentindo. Foi a minha impressão. Virei-me, pensando que era fingimento, sabe? Um fingimento para mim, como “Estou pronta para você, paizinho”. Éramos muito, muito ligados e sempre tivemos um bom relacionamento. Então, quando eu me virei... vi aquilo... como se alguma coisa a pressionasse... bem... entendam... quero dizer empurrando Carlotta... Ela estava nua e pude ver seus seios serem apalpados, apertados... Ora, como posso explicar?... Não eram as mãos dela, entendem? Pensei que ia ficar maluco. Vi aquilo e pensei: “Jesus Cristo! Será que ela me deixou louco? Todas aquelas conversas com o pessoal da universidade? Será que estou vendo coisas? Ou sonhando?”

“Sacudi a cabeça, sabe? Olhei melhor, achando que era fingimento.

Entendem? Alguma coisa que ela mesma estava fazendo. Chamei: “Ei, Carlotta... Carlotta...” Mas ela não respondeu e começou a gemer mais alto, parecendo... sentir dor... mais dor... Olhei de mais perto e vi que... seus seios estavam sendo espremidos, apertados, por dedos... Só não conseguia ver os dedos, mas marcas dos dedos apertando os bicos... o corpo de Carlotta senão espremido como... ora... como se alguém estivesse deitado em cima dela, trepando.

Pensei: “Oh, meu Deus! Jesus Cristo! Que diabo está acontecendo aqui?” Então vi as pernas dela se afastarem, forçadas a abrir-se... e ela começou a gritar... mantendo-se o tempo todo agarrada... segurando... alguém... ou alguma coisa. Seus braços envolviam alguma coisa. A essa altura, eu pensei: “Cristo Todo-Poderoso! Ela está sendo violentada!” Eu não conseguia ver ninguém, mas ela estava sendo estuprada. Fiquei meio louco, sem saber o que pensar.

“Podem crer. Eu não sabia o que estava fazendo... bem... agarrei a primeira coisa ao alcance da mão e... de repente... vi-me junto da cama... Ai... fui até lá com a cadeira e golpeei... Eu tinha que tirar aquela coisa de cima de Carlotta... tinha que salvá-la. Vocês precisam compreender que eu a amo... pelo menos a amava. Não quis machucar Carlotta, mas aquela coisa que estava em cima dela, esmagando, apertando... trepando... fodendo Carlotta. É isso aí. E ela fazendo todos aqueles barulhos. Ai eu... bati com a cadeira. A cadeira se quebrou. (choro). Juro por Deus. Deus é testemunha do que aconteceu. Eu vi alguma coisa. Pelo menos, vi alguma coisa que Carlotta estava sentindo.

“Alguma coisa em cima dela. Não consegui ver com os olhos, mas havia alguma coisa ali. Estou lhes dizendo, fico maluco.

(Choro.)

“Se eu conseguir me livrar desta encrenca, darei o fora daqui, para muito longe. Carlotta era uma grande garota... e a amava. Tudo deu certo por algum tempo. Mas... ela tem alguma coisa... alguma coisa dentro dela. Digo-lhes que ela está em dificuldades... Está muito enrascada.

*“Dominada por alguma coisa. Alguma coisa. Não sei o que é, mas...
Carlotta está em apuros.”*

FIM DO DEPOIMENTO

PRIMEIRA PARTE

Carlotta Moran

*... Venham, espíritos
Que vigiam os pensamentos dos mortais,
Castrem-me aqui e encham-me totalmente, Da cabeça às pontas dos
pés,
Com a mais terrível crueldade!...*

SHAKESPEARE

1

22:04 horas. 13 de outubro de 1976

Não houve aviso. Nem modo de prever. Absolutamente nada.

Ela saltou do carro. Sentia dor nas costas. Lembrava-se de haver pensado: “A Previdência Social é uma boa coisa, mas obriga-nos a fazer o que eles querem”. Agora, teria que ir para o curso de secretariado. Não se incomodava, mas, de certo modo, achava engraçado. Não sabia definir por que era engraçado. Sentiu mais dor ao fechar a porta do carro.

Era obrigada a atravessar a rua para chegar em casa. Isso porque sempre voltava para casa da escola pela extremidade norte da rua Kentner e não valia a pena manobrar o pesado Buick. A garagem era de Billy, que necessitava dela para seus motores, carros, e só Deus sabia mais o quê. Portanto, com dor nas costas, ela atravessou a rua. Machucara a coluna um ano antes, ajudando o rapaz da cozinha a levantar uma bacia de pratos sujos. Estupidez.

O vento era seco, levantando as folhas descoradas e rolando-as pelo calçamento. Em Los Angeles, as folhas secas nunca apodreciam. Davam a impressão de simplesmente rolar pela cidade em todas as estações, pequenas coisas mortas parecendo possuir vida própria. Podia-se sentir na garganta a secura do ar.

A secura desolada que vem do planalto deserto e causa uma depressão dos diabos nas pessoas.

Ao atravessar a rua, Carlotta olhou para o lado. O posto Shell parecia estar a quilômetro e meio de distância, num grupo de luzes brilhantes. Parecia visto através de um binóculo ao contrário. Toda atividade humana estava muito distante. Todas as casas estavam apagadas. Até mesmo silenciosas. Lotes pequenos e regulares, com minúsculos gramados providos de cercas para os cães. Mas até os cães estavam dormindo. Ou quietos. Só o rumor

distante da auto-estrada se fazia ouvir no bairro às escuras, como um rio que passa ao longe.

A rua Kentner era um *cul-de-sac*, uma viela terminando num balão de asfalto onde era possível manobrar os automóveis. E ali estava Carlotta, bem no final da rua.

Entrando em casa, escutou o filho, Billy, na garagem. O rádio tocava baixinho. Carlotta fechou a porta e trancou-a por dentro.

Sempre trancava a porta. Billy dispunha de uma entrada lateral que dava para a garagem. Tirou o casaco de vinil pardo e suspirou cansada. Correu o olhar pela sala. Nada fora do lugar.

Seus cigarros sobre a mesinha perto do sofá. Os sapatos no chão, as roupas e revistas, uma xícara de café, uma peça rachada no aparelho de aquecimento, que trepidava quando o termostato entrava em funcionamento — era como calçar um confortável par de sapatos velhos. Era onde Carlotta relaxava. Onde não existia o mundo exterior. O resto do mundo terminava na soleira da porta.

A Previdência Social pagava o aluguel; mas o lar era de Carlotta.

Uma casa como milhares de outras, construídas de acordo com uma planta padronizada, que se espalhavam pela cidade. Mais uma caixa de biscoitos entre tantas iguais. Mas era dela. O local onde ela e as crianças se reuniam como uma família.

Foi à cozinha e acendeu a luz. A lâmpada nua no teto tornava as paredes muito brancas. Não havia cerveja na geladeira. Carlotta gostaria de tomar uma cerveja, mas não havia.

Sentou-se por um momento na cozinha desolada e branca como ossos; então, foi ao fogão, resignando-se a tomar um café requentado.

Eram dez horas. Um pouco mais, porque levava cerca de vinte minutos para voltar da escola. Mas ainda não eram dez e meia, pois a essa hora Billy já teria entrado para dormir. A regra era estritamente obedecida. Haviam estabelecido um acordo: ele disporia da garagem se fosse dormir às dez e meia. Billy cumpria rigorosamente o trato. Portanto, era entre dez e dez e meia da noite. Quarta-feira, dia 13 de outubro. Amanhã, de volta ao curso de secretariado. Um dia como todos os outros. Nove à uma: datilografia. Estenografia: duas vezes por semana, à noite.

Carlotta se ergueu da poltrona, não pensando em nada especial. Apagou a luz e percorreu o estreito corredor que levava a seu quarto, fazendo uma pausa momentânea para olhar as meninas.

Julie e Kim dormiam como se isso fosse algo muito importante, com apenas uma luzinha — um abajur em forma de animal peludo com uma lâmpada interna — iluminando-lhes suavemente o rosto. Pareciam gêmeas, embora tivessem dois anos de diferença na idade. Pai diferente do de Billy. Lindas como anjos. Algum dia, pensou Carlotta, nada de Previdência Social. Nada daquilo. Algo melhor. Fechou a porta do quarto das meninas adormecidas e foi para o seu.

A cama estava desfeita. Uma cama enorme, absurda, que o inquilino anterior não conseguiria retirar da casa sem derrubar todas as portas. Tinha quatro estacas de dossel, e tanto a cabeceira como os pés eram de madeira entalhada com anjos e folhas. As juntas estavam coladas e era impossível desmontá-la.

Uma obra de amor, construída totalmente no próprio quarto. O marceneiro devia ter sido um grande artesão, um artista, um poeta, Como teria detestado deixar a cama para trás. Carlotta adorava a cama. Era algo único, uma fuga do ramerrão. Jerry adorava a cama. Jerry. O confuso e nervoso Jerry — sempre querendo adivinhar em que diabo se estava envolvendo. Pobre Jerry... A mente de Carlotta perdeu o fio das ideias.

Tirou as roupas, vestiu um roupão vermelho e foi à janela.

Trancou ambas as janelas do quarto, examinando o fecho de cada uma. Por causa do vento lá fora. Se as janelas não forem bem trancadas, trepidam a noite inteira.

Soltou alguns grampos e os cabelos negros lhe caíram até os ombros. Mirou-se no espelho. Sabia que era bonita. Cabelos escuros, pele clara, macia, mas o principal eram os olhos — vivos e escuros. Jerry dizia que eram “pretos faiscentes”.

Carlotta penteou os cabelos. A luz — agora atrás dela na imagem projetada no espelho — estava às suas costas, lançando uma aura que lhe banhava os ombros e iluminava as lapelas escuras do roupão vermelho.

Estava nua sob o roupão. Tinha um corpo miúdo e macio.

Ossos leves. Havia uma suavidade natural em seus movimentos.

Os homens nunca a tratavam rudemente. Ela nada possuía de duro que os homens desejassem quebrar ou dominar.

Apreciavam sua vulnerabilidade, as formas belas e esbeltas de seu corpo. Carlotta estudou os seios pequenos, os quadris elegantes, vendo-se como sabia que os homens a viam. Agora, faltava um mês para completar trinta e dois anos de idade. As únicas linhas em seu rosto eram em volta dos olhos e pareciam provocadas pelo riso. Portanto, sentiu-se satisfeita com a própria aparência.

A porta do armário embutido estava aberta. Lá dentro, os sapatos perfeitamente arrumados — o senso de ordem de Carlotta. Pensou em tomar um banho, enquanto procurava os chinelos. Não havia esconderijos no armário; este era como uma pequena caixa embutida na parede.

Reinava na casa um silêncio mortal. Carlotta teve a impressão de que o mundo inteiro adormecera. Era o que estava pensando — *antes daquilo acontecer*.

Num momento, Carlotta escovava os cabelos. No instante seguinte, estava sobre a cama, *vendo estrelas*. Um esbarrão, semelhante à carga de um pesado jogador de futebol americano, jogou-a através do quarto, atirando-a na cama. Atônita, ela percebeu que os travesseiros lhe envolviam repentinamente a cabeça. Em seguida, foram comprimidos contra o seu rosto.

Apanhada sem fôlego, Carlotta entrou em pânico. O travesseiro era empurrado, cada vez com mais força. O algodão lhe entrava pela boca. Ela não conseguia respirar. A força do travesseiro era terrível, comprimindo-lhe a cabeça contra o colchão. No escuro, Carlotta pensou que fosse morrer.

Foi o instinto que fez seus braços agarrarem o travesseiro, esmurrá-lo, sacudindo violentamente a cabeça de um lado para outro. Uma eternidade instantânea. Durou a vida inteira, mas tempo insuficiente para pensar. Carlotta lutou pela própria vida.

Um calor amarelo lhe dançava diante dos olhos. O travesseiro lhe cobria todo o rosto — os olhos, a boca, o nariz — e seus braços desesperados não conseguiam afastá-lo. Os pulmões estavam prestes a estourar.

Seu corpo deveria estar se debatendo sem que ela percebesse, porque, de repente, foi agarrado — com força.

Carlotta se afundava numa morte inevitável, mas sentiu mãos enormes nos

joelhos, nas pernas no interior das coxas, que foram forçadas a se abrirem totalmente. Então, algum conhecimento lhe chegou à consciência; ela compreendeu, enchendo-se de energia. Sentiu-se invadir por uma força selvagem. Contorceu-se e esperneou. Golpeou com os braços.

Quando se contorceu novamente para desferir pontapés, para matar se necessário, uma dor dilacerante atingiu a parte inferior de suas costas, imobilizando-a. As pernas estavam bem abertas, presas de encontro à cama, e, como um poste — um poste áspero, brutal — aquela coisa penetrou nela, distendendo-a, abrindo caminho à força dentro dela, até que foi impossível resistir e restou apenas a dor. Carlotta sentiu-se dilacerada nas entranhas. Sentiu-se rasgada internamente pelos golpes repetidos. Era a mais cruel das armas, repulsiva e angustiante.

Penetrava-a até o fundo. O corpo inteiro de Carlotta se afundava no colchão, comprimido, empurrado pelo peso que a castigava, transformando-a num monte de carne esmagada. Carlotta virou violentamente a cabeça, seu nariz sentiu ar, a boca escancarada engoliu oxigênio pelo lado do travesseiro.

Houve um grito. O grito de Carlotta. O travesseiro tornou a ser empurrado contra seu rosto. Dessa vez, ela conseguiu sentir a pressão de uma mão enorme, cujos dedos lhe comprimiam os olhos, nariz e boca através do travesseiro.

Carlotta mergulhou na escuridão. Não vira coisa alguma.

Apenas a parede oposta — ou nem mesmo isso, mas só a cor difusa da parede, através das centelhas e espirais que lhe dançavam diante dos olhos — antes que o travesseiro voltasse a tapar-lhe o rosto. Mergulhou na escuridão, as forças se esvaindo.

Carlotta estava morrendo. Logo estaria morta. A escuridão aumentava e a dor crescia implacavelmente. Estava morta?

A luz do teto estava acesa. Billy apareceu à porta. Tinha os olhos esbugalhados. Carlotta sentou-se num ímpeto, banhada de suor, fitando Billy com olhar esgazeado, — *Mamãe!*

Carlotta agarrou um lençol, cobrindo o corpo maltratado.

Choramingava e gemia ao mesmo tempo, ainda sem saber quem era Billy. Uma dor violenta lhe queimava o peito. Círculos e estrelas ainda dançavam no ar diante dela; tinha a impressão de que lhe haviam arrancado os olhos.

— *Mamãe!*

Era a voz de Billy. O temor carinhoso daquela voz despertou algum instinto em Carlotta, alguma necessidade de assumir o controle, de focalizar a mente, de agir.

— Oh, Billy!

Billy correu para ela. Abraçaram-se. Carlotta chorou. Sentiu náuseas. Então, tomou consciência da dor que se espalhava sobre suas partes privadas, alastrando-se pelas coxas e até mesmo pelo interior do abdômen.

Era como se estivesse destruída internamente. Dentro dela cresceu uma inflamação impossível de dominar.

— Billy, Billy, Billy...!

— O que é, mamãe? O que há de errado?

Carlotta olhou em volta. Então, percebeu o pior de tudo: *não havia ninguém mais no quarto.*

Virou-se bruscamente. As janelas continuavam trancadas. Em pânico, girou para olhar o armário. Só sapatos e roupas. Pequeno demais para ocultar alguém.

— Você viu alguém?

— Não, mamãe. Ninguém.

— A porta da frente está trancada?

— Está.

— Então, ele está na casa!

— Não há ninguém aqui, mamãe!

— Billy, quero que você chame a polícia.

— Mamãe, não tem ninguém aqui dentro.

A cabeça de Carlotta girava. Billy estava quase calmo. Só se sentia assustado por vê-la naquele estado. Seu rosto sujo de graxa observava atentamente o dela, com o medo carinhoso de uma criança, com a terna preocupação de um homem muito jovem.

— Você não viu ninguém? — perguntou Carlotta. — Não ouviu ninguém?

— Só quando você gritou. Vim correndo da garagem.

Julie e Kim apareceram à porta. Estavam aterrorizadas.

Olhavam para Billy.

— Foi apenas um sonho — disselhes Billy. — Mamãe teve um pesadelo.

— Um pesadelo? — repetiu Carlotta.

Billy continuava a falar com as meninas: — Vocês também já tiveram pesadelos. Agora, mamãe teve um. Voltem para a cama.

Imóveis, as meninas pareciam congeladas junto à porta, fitando Carlotta.

— Procurem no banheiro — disse Carlotta, As meninas se voltaram como autômatos.

— Então? — quis saber Carlotta.

— Não tem ninguém lá dentro — disse Julie. O comportamento de Carlotta a amedrontava até às lágrimas.

— Escutem, tratem de acalmar-se — disse Billy. — Vamos todos voltar para a cama. Vamos, agora.

Carlotta, sem acreditar, enrolou-se mecanicamente no lençol, enfiando as beiradas por baixo do corpo. Tentou controlar o tremor. Tinha a mente confusa e o corpo maltratado.

Mas a casa estava calma.

— Por Deus, Billy — disse ela.

— Foi um sonho, mamãe. Um pesadelo e tanto.

Carlotta começou a recobrar a consciência, como se tivesse realmente tido um sonho. Sentiu-se despertar; uma espécie de retorno do inferno.

— Por Deus — murmurou.

Olhou para o relógio. Onze e meia. Quase. Talvez tempo suficiente para ter adormecido. Mas Billy ainda estava vestindo *blue jeans* e camiseta. O que acontecera? Tentou sentar-se na beira da cama, mas ainda estava por demais dolorida.

— Coloque as garotas na cama, está bem, Billy? — ela pediu.

Billy conduziu as meninas para fora do quarto. Carlotta estendeu a mão para

pegar o roupão, que estava jogado no chão.

Nem mesmo perto da cadeira onde ela sempre o deixava.

— Vamos embora daqui — disse ela.

Vestiu o roupão, sentada na beira da cama. Tinha o corpo exausto. Olhou para os braços. Marcas vermelhas começavam a surgir acima dos cotovelos. O dedo mínimo parecia ter-se torcido na luta. Luta? *Contra quem?*

Carlotta se levantou. Mal conseguia andar; sentia-se quase desentranhada. Por um breve instante, teve a estranha sensação de ser incapaz de dizer se estava sonhando ou acordada. Então, passou. Explorou o interior da vagina com o dedo e sentiu uma leve umidade. Nada de sangue. E nada... nem sinal de... Apertou vagarosamente o roupão contra o corpo e saiu do quarto. Pela primeira vez, a cama lhe pareceu monstruosa, um instrumento de tortura. Então, fechou a porta.

Carlotta não tinha dúvida de que fora espancada e estuprada. Sentou-se numa cadeira da cozinha. Julie e Kim estavam tomando leite e comendo bolinhos. Billy, hesitante, sentara-se perto da porta. Devia estar pensando que as meninas precisavam voltar para a cama. Ou ainda havia algo errado?

Era quase como uma morte na família, refletiu Carlotta. A gente sabia que tudo melhoraria, voltaria ao normal, seria esquecido, mas, nesse ínterim, tinha que viver aquela sensação de estar sozinha num poço escuro. Perdida e amedrontada. E não sabia quanto tempo ia durar.

— Devagar com os bolinhos — advertiu Carlotta. — Vão passar mal.

A boca de Kim, suja de chocolate, abriu-se num sorriso. Julie bebeu ruidosamente o leite. A Carlotta, as meninas pareciam muito vulneráveis.

— Vamos assistir à TV — sugeriu Carlotta.

Sentaram-se no sofá. Billy ligou o aparelho. Alguns artistas de cinema que Carlotta não reconheceu direito sentavam-se formalmente no que parecia ser um luxuoso apartamento de cobertura em Nova York. Billy acomodou-se na espreguiçadeira perto do ar-condicionado. Tudo parecia normal, mas dava uma sensação irreal. Era como olhar através de um vidro que fizesse tudo parecer esquisito, distorcido.

Carlotta era realista. Seu ponto de vista baseava-se na necessidade e em sua própria experiência. Tinha poucas ou nenhuma ilusão a respeito de si mesma

ou de sua situação.

Algumas pessoas viviam numa espécie de faz-de-conta, tentando ser o que não eram, sem terem muita certeza sobre o significado ou objetivo da vida. Todavia, com um pouco de pobreza, um pouco de má sorte e tempos difíceis, a gente precisa saber quem é. O que mais incomodava Carlotta naquele momento, além da dor física, era a incapacidade de discernir o que era real ou não.

— Ei! Aquele é Humphrey Bogart — disse Billy. — Já vi esse filme.

Carlotta sorriu:

— Você ainda nem tinha nascido quando o filme foi feito.

Billy olhou-a defensivamente:

— Mas eu vi. Na Associação Cristã de Moços. Vejam o que vai acontecer: ele levará um tiro.

— Ele sempre leva tiros nesses filmes.

Billy tornou a recostar-se na poltrona.

— Sei tudo a respeito desse — resmungou.

Carlotta olhou para as meninas no sofá. Como duas bonequinhas meio embrulhadas num cobertor que uma delas devia ter trazido do quarto, dormiam, alheias a tudo. Chupavam os polegares de modo muito sério e decidido.

— Abaixе um pouco o volume, Bill — disse Carlotta.

À medida que a noite avançava, dormiram. Intermitentemente. Carlotta com os pés apoiados na mesinha de centro.

Billy na macia poltrona espreguiçadeira, uma perna passada sobre o braço da poltrona. Só o brilho da tela da TV quase silenciosa dava alguma aparência de vida à casa.

Carlotta teve um sobressalto. Despertou repentinamente.

Olhou para o brilhante retângulo de luz solar que se projetava na parede, ao lado do aparelho de ventilação. Billy devia ter desligado a televisão durante a noite, porque a tela estava escura e ele se encontrava na cama. As meninas ainda dormiam no sofá, a perna de Julie sobre o estômago de Kim. Carlotta olhou para o relógio da cozinha. Sete e trinta e cinco. Dentro de meia hora,

ela teria que sair para o curso de secretariado. A ideia era deprimente.

Sentia a cabeça pesada. Uma das piores noites que já passara. Começou a pensar nos acontecimentos da véspera. Teria sido apenas a noite anterior? A sensação, a repulsa, tudo lhe voltou à mente, provocando-lhe náuseas. Ergueu-se com esforço e foi ao banheiro, onde passou cinco minutos escovando os dentes.

No corredor que levava aos quartos havia um cesto com roupas lavadas, mas ainda por passar. Carlotta vestiu-se com o que encontrou no cesto, desejando evitar o armário do quarto.

Sutiã, calcinhas, uma saia de brim azul. Todas as blusas estavam amarrotadas. Ela escolheu uma e vestiu um suéter por cima, esperando que não fizesse calor durante o dia.

O despertador junto à cama tocou. Carlotta ficou escutando, ao mesmo tempo que observava as meninas se mexerem no sofá.

Billy saiu do quarto, ainda estremunhado, atravessou o corredor de cuecas e foi desligar o alarme. Então, sem olhar para Carlotta, tropeçou de volta ao quarto e sentou-se na cama, bocejando, reunindo energias para vestir-se.

— Obrigada, Bill — disse Carlotta.

O que faria? Todos os músculos de seu corpo doíam. Não havia tempo para tomar café. A Previdência Social daria uma bronca dos diabos se ela perdesse um só dia de aula. Carlotta sentiu-se infeliz.

Na cozinha, colocou sobre a mesa uma travessa de frutas e uma caixa de flocos de milho para o café matinal das crianças.

Antes de sair, acordou as meninas para a escola. A casa estava abafada, claustrofóbica. Saiu para a luz brilhante do dia, entrou no carro e partiu para o curso de secretariado.

2

01:17 horas. 14 de outubro de 1976

Carlotta dormiu na enorme cama. Acordou, ouvindo barulhos como se ratos estivessem roendo as paredes.

Arranhando e atravessando. Então, sentiu um cheiro horrível. O fedor de carne apodrecida. Sentou-se num arranco.

Levou uma pancada na bochecha esquerda. O golpe fê-la virar de lado, quase derrubando-a, e ela estendeu o braço para apoiar-se. O braço foi bruscamente puxado. Sentiu o rosto ser forçado de encontro ao cobertor. Uma grande pressão na cabeça, na nuca, empurrava-a por trás.

Desferiu pontapés, coices, não atingindo coisa alguma. Um braço forte agarrou-lhe a cintura, erguendo-a de modo que ela ficou de quatro sobre a cama. A camisola foi levantada para as costas e — por detrás — Carlotta foi violada. A coisa intensa — de dimensões gigantescas —, a dor de ser penetrada tão rápida e violentamente, golpeando suas entranhas como um aríete, dando a impressão de que Carlotta não passava de um órgão genital e não fosse uma criatura humana.

Desta feita, o cobertor sobre o qual seu rosto fora empurrado não serviu de mordalha tão perfeita quanto na noite anterior, quando ela quase morrera sufocada sob o travesseiro.

Carlotta conseguiu soltar gritos abafados através do punhado de lã. A mão sinistra, por mais que tentasse, não pôde silenciar o lamento entrecortado e apavorado da mulher em agonia.

Carlotta escutou uma risada. Um riso demente. Nem masculino, nem feminino. Lascivo, libidinoso. Estavam sendo observados.

— *Abre-te, vagina...* — riu-se a voz.

Carlotta mordeu a mão invisível. Encontrou substância? Sim; os dentes se

enfiaram numa substância flexível, que se livrou facilmente. Um golpe na nuca fez explodir estrelas diante de seus olhos. Por que ele não terminava logo? A cama inteira sacudia.

A luz se acendeu, exatamente como na noite anterior. Só que desta vez, em lugar de Billy era o vizinho quem tinha a mão no interruptor. Arnold Greenspan. O vizinho parecia ridículo. Um velho de joelhos ossudos, com um sobretudo por cima do pijama, segurando uma chave de sacar pneus. O que pretendia um velho frágil como ele fazer com aquela chave? Parecia morto de medo.

— Sra. Moran! — gritava Arnold Greenspan. — Sra. Moran! A senhora está bem? Parecia tão estranho, gritando a plenos pulmões embora estivesse a apenas um metro de distância. Por que gritava?

Porque Carlotta estava gritando. Tentou parar, mas seu corpo estremecia em espasmos e engasgos.

— Sra. Moran! — foi tudo que o vizinho conseguiu dizer.

Agora, o rosto aterrorizado de Billy surgiu à porta, sob o cotovelo de Greenspan. Carlotta, atônita, fitava-os; tremia como um animal mudo. Greenspan olhava para os seios inchados e avermelhados, que pareciam ter sido esmagados.

— Billy — disse Greenspan. — Vá chamar a polícia. Diga à telefonista que...

Carlotta tentou raciocinar.

— Não — protestou ela. — Não faça isso.

— Sra. Moran — interveio Greenspan. — A senhora foi...

— Não quero a polícia.

Greenspan baixou a ferramenta. Aproximou-se da cama.

Tinha os olhos úmidos. A preocupação tremia no próprio tom de sua voz:

— Não seria melhor falar com alguém? Existem policiais femininas.

Greenspan não tinha dúvidas sobre o que ocorrera. Para ele, não se tratava de pesadelo.

— Não quero submeter-me a isso — declarou Carlotta. — Deixem-me em paz.

Greenspan a observava. Sentia-se cada vez mais confuso.

Billy se aproximou da cama.

— Aconteceu o mesmo ontem à noite — disse Billy.

— Ontem à noite? — repetiu Greenspan.

Carlotta emergia do estado histérico. Paulatinamente, o pensamento racional abria caminho no escuro labirinto de medo que havia em sua mente.

— Oh, Deus! — chorou ela. — Deus do céu!

Greenspan fitava-a atentamente.

— Lembro-me de ter escutado alguma coisa na noite passada — disse ele.

— Mas pensei... foi minha mulher quem disse... que era... sabe como é... coisa de marido e mulher brigando. Tive a impressão de ser outra coisa, mas...

— Não faz mal — disse Carlotta.

Só então ela se deu conta de que o idoso cavalheiro estava na presença de uma mulher nua. Cobriu-se com o lençol, prendendo-o com o braço de encontro ao corpo. Fez-se um silêncio embaraçado.

— Quer um pouco de café? — indagou Greenspan. — Ou chocolate quente?

Sua voz mudava. Perdera o tom de emergência. A bondade vinha à tona. Por que tal fato incomodava Carlotta?

— Não — disse ela. — Muito obrigada.

— Tem certeza? Não quer alguma coisa? Por favor, Sra.

Moran. A senhora e as crianças. Venham para nossa casa. Temos espaço. Vocês dormirão lá esta noite. Amanhã, poderemos conversar melhor. A senhora deve procurar alguém...

— Não — interrompeu Carlotta, sentindo-se racional agora.

— Estou bem.

— Ontem à noite foi ainda pior — disse Billy.

De repente, Carlotta percebeu o que a incomodava. Por que Greenspan baixara a ferramenta? Por que não julgava haver mais alguém na casa? No armário? Por que não estava verificando as janelas? Carlotta virou-se na

cama. Naturalmente, as janelas continuavam trancadas desde a noite anterior. Por que um velho como aquele já não sentia medo algum? Por que não correria ao banheiro, golpeando com aquela ferramenta tola algo que se ocultava por detrás da cortina do chuveiro?

— A senhora se machucou um pouco, Sra. Moran — disse Greenspan. — Acho melhor tratar-se.

Era isso. Greenspan já não acreditava na mesma coisa que pensara ao acender a luz e, aterrorizado, deparar com a vizinha tão obviamente espancada e estuprada. Agora, mostrava-se por demais solícito e sua preocupação era exageradamente delicada.

— A Sra. Greenspan... pode lhe preparar alguma coisa. Pode passar a noite aqui, se a senhora desejar.

Ele julgava que ela estivesse embriagada. Ou drogada. Era fácil ver-lhe nos olhos. Um olhar curioso que observava os sintomas daquela estranha e rara moléstia. Carlotta detestou-o por isso.

— Que horas são? — indagou ela.

— Duas horas — respondeu Billy.

— Esteve sozinha a noite inteira? — perguntou Greenspan.

— Só com as crianças — disse Carlotta. — Ouça: estou bem.

Foi um desses malditos pesadelos malucos. Quase morri de medo. Mas agora estou bem. Realmente bem.

Virando-se recatadamente para o lado, vestiu o roupão por cima do lençol e, depois, deixou o lençol cair sobre a cama. Oh, Cristo, pensou. Precisava dormir um pouco. Apertou o cinto do roupão na cintura.

— Vamos sair deste quarto — sugeriu.

Percorreram o corredor até a sala.

— Volte para casa, Sr. Greenspan — disse Carlotta. — Está tudo bem.

— Bem? Ouça: não estou certo de que...

— Realmente bem. Absolutamente.

Greenspan encarou diretamente:

— É claro que sou muito mais velho que a senhora, mas conheço muito a

respeito da vida. A Sra. Greenspan também. A respeito de coisas. A senhora tem que falar com alguém. Tem que explorar essa coisa. Desejo que se sinta à vontade para vir à nossa casa tomar café. E conversar. A respeito do que quiser.

— Aceito — disse Carlotta. — Boa-noite, Sr. Greenspan.

Depois que ele saiu, Carlotta fechou a porta e tornou a trancá-la. Billy olhou para ela. Permaneceram calados durante algum tempo. Carlotta não sabia o que fazer, o que dizer. Sua mente girava, como um vagaroso carrossel.

— Não tive intenção de expulsá-lo — disse ela. — Só tive vontade de pensar sozinha por algum tempo.

— Claro, mamãe.

— Você pensa que estou enlouquecendo?

— Ora, mamãe. Claro que não.

Ela o puxou para si. O bom menino Billy, pensou. Era difícil encontrar bons meninos, mas ela possuía um.

— O que vou fazer? — indagou ela.

Não houve resposta.

Foi uma repetição sinistra da noite anterior. As meninas estavam em pé junto à porta da sala. Desta vez, fungavam como se estivessem doentes. Doentes de medo.

Carlotta sentou-se no sofá. Os seios davam-lhe a impressão de terem sido arrancados do peito. Billy recostou-se na poltrona espreguiçadeira, mas ninguém ligou o aparelho de TV. Carlotta não dormiu. Porque aquilo acontecera e, ao mesmo tempo, não acontecera. Era e não era. Ela estava acordada e, no entanto, acordara. O corpo estava dolorido em todas as partes sensíveis.

Agora, sua mente rebuscava os acontecimentos das duas últimas noites, tentando construir uma resposta.

O braço — ela sentira o braço. O pênis — era real demais.

Urgente, mas não chegando a ser quente. Todavia, o mais duro possível. O peso em cima dela. Disso, Carlotta não tinha tanta certeza. Parecia-lhe mais uma pressão do que um peso físico, mais semelhante a um incrível empuxo

para baixo, uma força de gravidade esmagadora. Não houvera sensação real de um corpo sobre o dela, excetuando as mãos e o pênis.

Carlotta despertou num sobressalto. Compreendeu que não conseguiria dormir de verdade aquela noite. Duas noites sem dormir. Sua cabeça parecia recheada de algodão. Cada som, movimento das crianças, zumbido, estalido ou arranhar na casa a acordavam de imediato.

E a voz? A voz de velho demente? Dava a impressão de vir de um corpo menor, como... Carlotta imaginou um velho aleijado, sem pernas, embora não tivesse visto coisa alguma naquelas duas noites. Ouvira mesmo a voz? Ou apenas a imaginara? Havia alguma diferença?

A escuridão se tornou cinzenta e, pouco a pouco, um retângulo de claridade se formou na parede. Luz do dia. O despertador tocou. Billy acordou na espreguiçadeira, cansado demais para levantar-se. Carlotta não pôde nem quis erguer-se do sofá. O zumbido do alarme continuou, como uma mosca furiosa. Aos poucos, a corda diminuiu e o som cessou.

Carlotta olhou para o relógio da cozinha. Quase oito horas.

Tinha que andar depressa. A escola marcava a presença e relacionava as faltas para a Previdência Social. Sentiu o pescoço machucado. Apertou mais o cinto do roupão. Pensou em Jerry.

Onde estaria ele? Mais seis semanas na estrada. Seis semanas antes de tornar a vê-lo. Sentia necessidade de Jerry. Ele era sólido. Ela necessitava de alguém agora. Era como uma premonição. A vida estava mudando, tornando-se terrível de uma hora para outra. Por quê? Carlotta recostou-se pesadamente, cruzou os braços e adormeceu.

Acordou. Billy já se fora. Sua mente enevoada tentou juntar as peças. Sentou-se na beirada do sofá, o corpo todo dolorido.

Eram quase quatro horas. As meninas tinham voltado da escola e brincavam lá fora. Carlotta ouvia suas vozes na calçada. Virou-se e avistou-as através da janela, escrevendo com giz no cimento.

Foi à cozinha e requentou um pouco de café.

Tudo estava extremamente quieto. Ela podia ouvir o zumbido do relógio na

parede. Então, tudo lhe pareceu estranhamente silencioso, como a calma que reina entre dois furacões. Carlotta procurou raciocinar da melhor maneira possível; se aquela coisa ocorresse mais uma vez... Então, o quê?

Fez uma pausa, segurando a xícara de café diante dos lábios.

Então, ela daria o fora. Era isso aí. Abandonaria aquela casa.

Tinha a sensação de que a raiz de tudo era, de algum modo, a casa. Sim; se tornasse a acontecer, eles dariam o fora — pegariam as coisas e iriam embora. Para onde? Cindy? Cindy Nash os acolheria. Um dia. Dois dias. Era preciso inventar uma estória. A casa estava cheia de formigas e estão fazendo uma aplicação de formicida. Que diabo! Cindy era uma boa amiga.

Não precisaria de estórias. Podiam ficar com ela uma semana, se necessário. Talvez Jerry regressasse mais cedo. Como fazia ocasionalmente. Dava um pulo em casa, de passagem entre uma cidade e outra. Passava apenas uma noite, ou um fim de semana.

Carlotta sorriu palidamente. Diabo! Por que ele não deixava um telefone? Ou se lembrava de ligar para ela? Tomou o café. Já estava frio. E se Cindy não pudesse acolhê-los? E se George protestasse? E se...? Carlotta franziu a testa, mas não conseguiu encontrar uma resposta. Não havia resposta para aquilo. Era preciso aguardar e esperar que nada...

Billy voltava da escola, andando pela calçada. O resto do mundo regressava do trabalho e ela estava apenas acordando.

Uma crescente sensação sombria pairava em sua mente, como se algo — talvez toda a sua vida — escorregasse em direção a um abismo se ela não tomasse cuidado e agisse com exatidão.

— Olá, mamãe — disse Billy.

— Por que você está tão feliz?

— Sou secretário do clube de mecânica de automóveis, na escola.

— Maravilhoso. No duro. Eu nunca passei de chefe da torcida do segundo time.

Billy exibiu um caderno cinzento, pesado e surrado, evidentemente usado há muitos semestres.

— Meu registro oficial, está vendo?

— Eles sabem que você não sabe escrever direito?

— Ora, mamãe.

— Estou apenas brincando. Ei, não o deixe no sofá. Vou dormir nele esta noite.

Fez-se silêncio. Billy colocou os livros em cima da espreguiçadeira. Foi para o quarto, a fim de vestir as velhas calças de brim e poder continuar a trabalhar no bloco de motor que estava na garagem.

Carlotta tomou mais café. Frio. Dormiria no sofá. Se isso não adiantasse...

Naquela noite, assistiram à televisão. Billy fora comprar leite e biscoitos de queijo, que todos comeram. Carlotta trocou a roupa das meninas e colocou-as na cama.

Por volta de onze e meia, deitou-se no sofá e cobriu-se. Billy não fez comentários, mas deixou a porta de seu quarto aberta.

Carlotta permaneceu imóvel, pensando nas duas últimas noites.

À medida que o tempo passava, sentia-se cada vez mais preocupada. Com os ruídos na casa, com a visão pouco familiar dos faróis de um automóvel distante lançando retângulos distorcidos sobre a parede do corredor. Não conseguiu dormir.

Então, deu-se conta de que o sofá lhe machucava as costas. Toda e qualquer posição que ela tomasse encontrava um botão ou um ressalto da almofada; não havia superfície plana, firme. Os músculos eram forçados em qualquer posição. Afinal, experimentou deitar-se sobre o lado direito, fitando a escuridão.

Por volta de duas e meia, devia estar cochilando, pois despertou sobressaltada. Era o aparelho de ar. Um pequeno *ping* quando o termostato se desligou. Carlotta apurou os ouvidos.

Nada. Ouvia apenas as crianças ressonando nos quartos. Lá fora — nada.

Fechou os olhos mas não conseguiu dormir. Mergulhou lentamente numa semiconsciência, uma percepção de imagens meio formadas que emergiam do caos em suas retinas. Então, adormeceu.

Durante o dia seguinte, sábado, um leve otimismo prevaleceu na casa. Nada de anormal ocorrera. Exceto por dores na parte inferior das costas, Carlotta estava bem disposta.

Levou todos ao Parque Griffith, vários hectares de colinas cobertas de vegetação que, em Los Angeles, passam por floresta virgem. Com todas as famílias que lá estavam, Carlotta voltou-se a sentir-se membro da raça humana, fazendo o que todos faziam, sentindo o que todos sentiam. Até mesmo as crianças pareciam dominadas por uma animação desusada. Billy encontrou um jogo de bola do qual participar. Voltaram para casa, exaustos, no final da tarde.

O domingo também transcorreu de maneira normal. Carlotta fez faxina na casa, excetuando o quarto. Billy saiu com alguns mecânicos para montar e desmontar — quem sabia exatamente o quê? As meninas assistiam à televisão. Carlotta treinava estenografia. Era maçante, mas necessário. Assim, as horas se passaram. Um dia normal. Até mesmo a noite não teve incidentes.

Na segunda-feira, porém, as coisas mudaram. O Sr. Reisz, o incrivelmente magro e exigente professor de datilografia e estenografia, chamou a atenção quanto ao desempenho de Carlotta. A velocidade e exatidão de seu trabalho estavam diminuindo. Carlotta nem notara. Ficou preocupada, pois vinha obtendo bons resultados. Se não conseguisse o diploma de secretária? Se as coisas se tornassem mais difíceis do que ela imaginava? Estaria sendo envolvida em alguma espécie de fracasso, algum tipo de sistema designado a frustrá-la? Sofreria de alguma limitação em sua capacidade? De repente, aquele pequeno problema de velocidade e exatidão passou a incomodá-la. Ficou temerosa de não conseguir superá-lo.

Naquela noite, quando voltou para casa, encontrou as crianças num ambiente pesado. A casa estava tensa, embora ninguém soubesse dizer por que motivo. Julie e Kim engalfinhavam-se no chão. Em retrospecto, tudo tinha um significado incrível de mau presságio, mas, na ocasião, Carlotta não se impressionou em especial.

— Julie me bateu com o cinzeiro — choramingou Kim.

— Não bati!

— Bateu!

— Não!

— Calem-se — ordenou Carlotta. — Deixem-me ver.

Havia realmente uma feia marca vermelha na parte posterior do pescoço de Kim.

— Está vendo? Ela me jogou o cinzeiro na cabeça!

Mas Julie protestou inocência. Carlotta, como é peculiar às mães, teve certeza de que Julie falava a verdade.

— Não olhe para *mim* — protestou Billy. — Acha que me divirto jogando cinzeiro em crianças pequenas?

— Está bem, está bem — disse Carlotta. — Vamos todos berrar uns com os outros. Ouçam: mamãe não está com disposição para cuidar deste tipo de problema, de modo que o silêncio é a melhor ideia, por enquanto. Está certo?

Houve um silêncio carregado de amuo.

— Bem, não fui *eu* — resmungou Billy.

Duas noites sem problemas. Mas, naquele sofá, as costas de Carlotta acabariam aleijadas definitivamente. Ela detestava médicos. Sempre lhe causavam mais dores. Ademais, com uma boa noite de sono em seu colchão ortopédico, melhoraria bastante. Não seria a primeira vez. Carlotta abriu a porta do quarto e espiou para dentro.

A visão da enorme cama de madeira pesada, com anjos europeus entalhados, assumia agora um aspecto sinistro, uma espécie de sorriso zombeteiro. Os cobertores e lençóis ainda estavam no chão, desde a última noite em que ela dormira no quarto. Com leve trepidação, Carlota entrou no quarto. Nenhum cheiro. Nada fora do lugar, exceto as cobertas. Desfez a cama e tornou a arrumá-la.

Eram onze horas. Carlotta necessitava repousar. Precisava melhorar o desempenho na escola. Tinha que impressionar o Sr. Reisz. E provar a si

mesma que estava de volta ao caminho certo. Enfiou-se entre os lençóis limpos e frescos, fechando os olhos.

O tempo passou muito devagar. O corpo de Carlotta, confortado pelo colchão duro, sentia-se suspenso, tranquilo. Não obstante, ela cochilava intermitentemente. Abria repetidamente os olhos. Deixara aberta a porta que dava para o corredor. E sabia que Billy também deixara aberta a porta de seu quarto, para qualquer eventualidade.

Devia ser mais ou menos meia-noite. A lâmpada do mostrador do relógio se apagara. Estaria queimada? Carlotta olhou a escuridão. Por que acordara? Escutou com atenção.

Nada. Fixando os olhos na escuridão à sua frente, divisou vagamente a forma da penteadeira, o espelho e o distante reflexo da cama no escuro.

Respirou fundo. Nada. Nenhum cheiro. Nada errado. Então, teve uma premonição, uma espécie de impressão. *Aquela coisa* estava chegando. Vinha em direção a ela, de muitos quilômetros de distância, atravessando um panorama desolado, e chegaria numa fração de segundo. Carlotta pulou da cama.

— Billy!

Billy levantou-se atabalhoadamente. Carlotta correu para o corredor, vestindo-se às pressas, abotoando o vestido. Encontrou Billy junto à porta.

— Alguma coisa está vindo — disse ela.

Escutou um estrondo atrás de si. Virou-se. O abajur caíra da mesa de cabeceira. Então, a mesinha foi atirada contra a parede.

Carlotta bateu a porta com violência.

— Vamos embora daqui! — exclamou.

O quarto, por detrás da porta fechada, estremecia ruidosamente com o baque dos móveis.

— Mamãe... — Billy fitava Carlotta, aterrorizado.

— Pegue Kim! — gritou Carlotta. — Eu levarei Julie!

Correram ao quarto das meninas. Billy pegou Kim no colo, com o cobertor pendendo sobre as pernas da garotinha.

— Devo levar o cobertor? — berrou Billy.

Estava em pânico.

— Sim! Sim! Leve-o! Saia logo!

Coisas — sapatos... uma penteadeira cheia de cosméticos — batiam no lado interno da porta do quarto. Enquanto corriam para o corredor, Carlotta viu a porta se arquear e uma rachadura se formar na madeira ordinária.

— Santo Deus! — exclamou.

Correram para a sala. Pelo barulho, parecia que o quarto estava sendo demolido, peça por peça, com a maior rapidez possível. Não como uma explosão, mas como se alguém agisse sistematicamente, coisa após coisa, com raiva, dando vazão à fúria por não encontrar Carlotta lá dentro. De repente, as cortinas — pesadas cortinas de pano — foram rasgadas como papel de seda e o som ecoou pela casa.

— Diabo! Diabo! — gritou Carlotta.

Lágrimas de medo e raiva lhe escorriam pelo rosto. Estava à porta de entrada, mas, com Julie no colo, não conseguia abrir o trinco. Curvou-se para a frente, prendendo a menina contra a porta. Julie gemeu involuntariamente de dor. Mas Carlotta conseguiu puxar o trinco. Algo se chocou contra a porta fechada do quarto, partindo-se em cacos.

— *VAGINA!* — rugiu a voz.

Fugiram para a rua e entraram no automóvel. Atrás deles, parecia que o quarto — o que dele restava — estava sendo devastado por uma equipe de demolidores. Carlotta engrenou marcha-à-ré, bateu com a traseira do carro em alguns arbustos, recobrou o controle e partiu, com os pneus derrapando e o motor roncando, pela rua Kentner.

— Cristo! Você *ouviu* aquilo, Billy?

Billy não respondeu. Petrificada, Carlotta tornou a perguntar:

— Você não *ouviu*?

— Ouvi, sim, mamãe.

Billy a fitava. De modo estranho, pensou Carlotta. Tinha os olhos úmidos de lágrimas.

Carlotta avançou o sinal num cruzamento deserto. Ninguém por perto. Dirigiu sem pensar, através de um labirinto de ruas, passando por casas apagadas que pareciam todas iguais.

— Devagar, mamãe — advertiu Billy. — Você está a oitenta por hora.

Carlotta olhou o velocímetro e aliviou o pé no acelerador. O pânico da fuga a deixara totalmente cega quanto ao que fazia.

Agia no vácuo, por puro instinto, como um animal amedrontado.

— Onde, diabo, estamos? — perguntou.

— Perto da Avenida Colorado — disse Billy. — Fica ali, atrás da fábrica.

Instintivamente, Carlotta foi em direção à Avenida Colorado.

Diminuiu um pouco mais a velocidade. Para sessenta e cinco quilômetros por hora.

— Escutem, crianças — disse ela, controlando a histeria da voz. — Logo estaremos bem. Ouviram? Como estão vocês?

Olhando por sobre o ombro, viu Julie no assento traseiro. A menina estava calada. Doente — assustada e calada. No banco dianteiro, Kim ofegava, ainda envolta no cobertor, petrificada demais para chorar. Em meio ao terrível pânico, Carlotta notou com certo divertimento que Billy estava apenas de cuecas e camiseta.

— Acho melhor enrolar-se no cobertor, Billy — disse ela. — Vou para a casa de Cindy.

Subiu a Avenida Colorado, virou para o norte e, dirigindo agora dentro do limite de velocidade, seguiu para as luzes brilhantes dos cinemas e motéis que ficavam em West Hollywood.

— Onde, diabo...?

— Dobre à esquerda — disse Billy, agasalhando-se com o cobertor. — Fica quase em Hollywood.

Milagrosamente, como se escolhesse sozinho o caminho, o carro chegou a ruas que pareciam conhecidas: casas velhas e pequenas, que aos poucos cediam lugar a grandes blocos de apartamentos.

— Lá está — anunciou Billy.

Carlotta estacionou diante de um enorme prédio cor-de-rosa.

A marquise anunciava: *El Escobar*. Era a única coisa que diferenciava o edifício dos demais blocos de apartamentos daquela rua. O nome e os globos vermelhos e azuis que alguém considerava iluminação exótica e faziam com que as palmeiras da calçada assumissem um aspecto horrível e doentio.

Subiram as escadas, Billy segurando o cobertor para não tropeçar.

— Escutem — disse Carlotta. — Deixem-me falar sozinha. O

que eu disser será o que aconteceu. Se alguém lhe fizer perguntas quando eu não estiver por perto, repitam tudo o que vou dizer.

Olhou em volta. As meninas assentiram.

— Claro, mamãe — disse Billy.

Carlotta apertou a campainha. Que aparição ridícula, refletiu. O som da campainha — uma cigarra — pareceu rasgar o silêncio da noite. Ninguém atendeu. Ela tornou a tocar. E se ninguém acordasse? Então, uma mão afastou vagarosamente as cortinas da janela. A porta se abriu imediatamente.

— Carlotta! — exclamou Cindy. — Billy! O que...

— Oh, Cindy!

— Não chore, querida. Entrem. Todos. Vamos entrar.

Cindy usava um roupão de banho e tinha o cabelo preso com rolinhos, mas, para Carlotta, pareceu linda. Especialmente na ocasião. No pequeno apartamento, o tapete dourado, puído nas beiradas, as paredes que rachavam em menos de dois anos, as cadeiras e a mesa ordinárias na cozinha — o tipo de apartamento igual a dezenas de milhares de outros espalhados por toda a cidade —, Carlotta teve a impressão de estar no sétimo céu.

— O que foi? indagou Cindy. — Um incêndio?

— Não — respondeu Carlotta. — Nós... fomos expulsos de casa.

— Foram expulsos? Por quem?

— Nós... fomos obrigados a sair...

As meninas começaram a chorar.

— Ora, crianças — disse Cindy. — Ouçam: querem ficar aqui, não é mesmo? Claro.

Cindy se ergueu da cadeira em frente a Carlotta. Foi a um armário embutido no corredor e voltou sobraçando cobertores e alguns travesseiros. Pela porta aberta do quarto, Carlotta podia escutar os roncoss de George, marido de Cindy. Milagrosamente, ele não acordara com o barulho.

— Obrigada, Cindy — disse Carlotta. — Não sei o que teria feito se...

— Para que servem os amigos? — interpôs Cindy.

Deitou as meninas no sofá, sob dois cobertores. Billy acomodou-se ali perto, sobre grandes almofadas. Cindy se debruçou e murmurou para Carlotta:

— Problemas com homem? Foi Jerry, não é?

— Não, não. Ele vai ficar mais seis semanas fora da cidade.

— Quer falar comigo sozinha? Longe das crianças?

— Está certo. Obrigada.

Cindy ajeitou as meninas. Carlotta despiu o vestido e se deitou no chão.

— Vai sobreviver a isso? — indagou Cindy, preocupada.

— Na verdade, é melhor para minhas costas.

— Está certo. Ouçam todos: o banheiro é ali. Fiquem à vontade.

— Deus a abençoe, Cindy — disse Carlotta. — Sinto muito...

— Tolice. Conversaremos de manhã.

— Boa-noite — disse Julie.

Parecia absurdo. Como se estivesse num acampamento, sendo delicada, sem saber por que motivo se encontrava ali.

— Boa-noite, boneca. Agora, durmam um pouco.

— Boa-noite, Cindy — disse Carlotta.

Através das finas paredes do quarto, Carlotta ouviu Cindy dizer algo a George. Este resmungou um pouco, mas Cindy conseguiu silenciá-lo após algum tempo. No silêncio do apartamento de Cindy, Billy já adormecera. As meninas também.

O pânico começou a abandonar Carlotta. A cada segundo, sentia-se cada vez

mais exausta, perdendo as energias. Então, as lágrimas começaram a se formar em seus olhos. Lágrimas de exaustão, frustração, medo. Chorou, mas sem fazer ruído. Afinal, cessou, cansada demais para chorar ou pensar. Adormeceu.

Todos adormeceram. Sem sonhar.

3

A luz do sol iluminava as margaridas sobre a mesa da cozinha e fazia o chão brilhar. Cindy, sentada, estava perplexa.

— Você viu realmente essas coisas atravessarem a parede?

— Não as vi — respondeu Carlotta. — Tive a impressão. Senti.

— Animais?

— Não sei o que eram.

— Então, o que fizeram?

— Não muito — mentiu Carlotta. — Você sabe, apenas andaram pelo quarto, tentando tocar em mim...

— Jesus!

— Arranharam a parede. Derrubaram coisas.

— Tem certeza de que estava acordada?

— Juro, Cindy. Tão acordada como estou agora. Acha que já não pensei nisso mil e uma vezes? Eu estava absolutamente acordada. Suando de medo, com os olhos esbugalhados, mas acordada.

Cindy sacudiu a cabeça e soltou um assovio.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Quase uma semana. Aconteceu duas vezes antes. Então, começou a acontecer ontem à noite e tratei de fugir. Peguei as crianças e corri. Não pude mais suportar.

— Não a censuro — declarou Cindy.

Então, franziu a testa, pensativa.

— Bem, você não está louca — disse, afinal. — Conheço-a muito bem. Se está amedrontada, tem motivo para isso. Você é uma das pessoas mais estáveis que conheço.

— Então, o que você acha que seja? — indagou Carlotta.

Cindy fitou a xícara de café e permaneceu calada durante longo tempo. Finalmente, ergueu os olhos para Carlotta: — Jerry.

— O quê?

— É Jerry. Ele está por detrás de tudo isso. Tenho tanta certeza como de estar aqui à sua frente — declarou Cindy.

Carlotta tirou uma tragada do cigarro. Na tela da televisão, um animador de programa sorria para um auditório de matronas do Meio-Oeste, mas o volume estava no mínimo e a imagem não passava de uma presença absurda, errática, sem significado.

— Você não acredita — disse Cindy.

— Não.

— Ouça: quando alguém desmorona, é por causa de algum problema central. Isto é, as pessoas simplesmente não resolvem que quinta-feira é um dia propício a terem um colapso nervoso, não é mesmo?

— Não sei.

— Claro que não. É sempre algo importante, algo básico em sua vida, que as corrói por dentro.

Carlotta olhou para a pequena tela de TV, franzindo a testa.

Depois, virou-se para Cindy.

— O que está querendo dizer exatamente, Cindy?

Como se recebesse sinal verde para liberar da repressão sua filosofia de vida, Cindy debruçou-se e começou a falar depressa, com veemência:

— Você está sofrendo e não sabe. Vem evitando a realidade. Tem fingido que tudo está ótimo, quando isso não é verdade. E Jerry é a causa de tudo.

— Não vejo a ligação...

— Claro que não. Ela nunca é direta. Lembre-se de minha tia, a que ficou biruta. Que ligação existia entre ela conversar com um agente inexistente do FBI em sua sala de visitas e seu verdadeiro problema? Nenhuma. Seu verdadeiro problema era ser rejeitada pela filha, aquela nojenta Jewel. A idiota fugiu com um artista, vivia no meio do lixo e queria dinheiro.

Ameaçou suicidar-se caso não conseguisse grana. Apelou para todos os golpes sujos. Deixou minha tia maluca. Mas, como você está vendo, não havia ligação direta. É sempre indireta, como se estivesse escondida além da esquina. É preciso enxergar o verdadeiro problema. Você precisa saber o que realmente ocorre dentro de si mesma.

— Como o que está acontecendo se liga com Jerry?

— Ele quer se casar com você, não é?

— Não sei dizer, Cindy. Nosso relacionamento nunca foi tão... definido a esse ponto. Sabe, apenas nos divertimos juntos. Não sei se Jerry deseja casar-se. Mas estamos envolvidos um com o outro, talvez um pouco mais do que imaginamos a princípio.

— Sim. Mas divertir-se é uma coisa; casar-se é outra.

Carlotta suspirou levemente.

— Você devia ser psiquiatra.

Cindy sorriu satisfeita.

— Sei disso. É porque leio muito — concordou. — Ouça: não tenha medo. Essas decisões são tomadas à nossa revelia. Quando somos espertos, elas são tomadas corretamente.

— Bem — disse Carlotta. — Talvez seja melhor falar abertamente. Sinceramente, nunca pensei no assunto sob esse ponto de vista. Isto é, quem sabe? Talvez você tenha razão.

Cindy pousou a mão no braço de Carlotta. Para sua surpresa, o braço estava quente, quase perspirando. Uma onda de piedade invadiu o coração de Cindy.

— Pois pense no assunto. Não existe problema impossível de enfrentar. Apenas, seja honesta consigo mesma.

— Está certo. Parece-me uma possibilidade muito remota, mas pensarei a respeito.

— Tudo dará certo — afirmou Cindy.

Na tela de televisão, um homem bem trajado postou-se junto ao atril. Dava a impressão de estar vendendo algo, devido ao sorriso. Então, pegou uma enorme Bíblia e a brandiu em direção à câmera. Carlotta sentiu que o gesto

era dirigido a ela.

Carlotta acordou durante a noite. Dor nos ossos. Dor de cabeça. Onde estava? George roncava baixinho no quarto ao lado.

As luzes dos carros passavam na parede da sala. Lá estava Billy, com os cabelos caindo sobre os olhos, ocultando-lhe o rosto. As meninas dormiam nas sombras. Que tranquilidade. Nem mesmo uma brisa. Só pensamentos vagos. O que aconteceu, para eu estar dormindo no chão da sala de Cindy? Sim, agora me lembro.

Ainda estou dolorida. O que se passa dentro de mim? E fora de mim? O que sou, afinal?

Contudo, estava segura ali. Era impossível que algo acontecesse naquele local. Gente demais. Cindy viria em socorro.

Enquanto George dormia. Todos menos George seriam testemunhas — da insanidade de Carlotta. Esta imaginou-se cercada de médicos num corredor comprido, debatendo-se, gritando. Seria assim? Uma pessoa continuava a ser ela mesma após enlouquecer? Saberá seu próprio nome? Em que se transformaria?

Assim, as imagens das últimas noites lhe dançavam na mente: luzes faiscantes, gosto de algodão enfiado em sua boca, a avassaladora sensação de... de... que... que... Carlotta já não sabia explicar. Não era sonho nem realidade. E quem, em toda a cidade de Los Angeles, em todo aquele apartamento, poderia lhe dizer realmente o que era?

O dia seguinte transcorreu agradavelmente. Carlotta faltou à escola. Em vez de ir à aula, saiu com Cindy para fazer compras.

Cindy comprou uma bolsa de couro na rua Olvera, onde artesãos mexicanos se instalavam ao longo da velha rua calçada de pedras, num festival de *piñatas* e cerâmica colorida. Voltando para casa, jogaram gamão até chegar a hora de Carlotta fazer o longo trajeto até West Los Angeles para pegar as crianças na escola. No cômputo geral, um dia agradável. Relaxante. O sol de outono fizera bem a Carlotta, como um tratamento de saúde — ou quase. O ar estava quase limpo, fresco, e os gritos das crianças, somados à festiva

música mexicana — ela estava alegre outra vez. Só restava uma pequena sombra no fundo de sua mente, à qual nenhuma das duas se referiu.

Com a aproximação da noite, porém, Cindy presenciou uma alteração de personalidade. Carlotta ficou nervosa, amedrontada.

Haveria algo mais em sua mente? Mais do que ver coisas no escuro? Cindy ficou cismada.

Então, George voltou para casa. A camisa manchada de suor nas axilas. Hesitou ao ver Carlotta. Então, sem uma palavra, dirigiu-se ao banheiro. Barulho de água no cano; o chuveiro foi aberto com força. Um som furioso.

— Ele está zangado comigo? — sussurrou Carlotta.

— Não. É assim mesmo — respondeu Cindy.

— Escute: se for inconveniente...

— Absolutamente.

— Quero dizer...

— Adoro sua companhia. Fique por quanto tempo desejar.

— Parece-me que George...

— Não ligue para ele. Já saiu do útero da mãe com a cara amarrada.

Cindy aproveitou a ocasião. Meneou a cabeça em direção à porta num gesto quase imperceptível. Carlotta ficou intrigada.

— Preciso falar com você — disse Cindy. — Vamos lá fora.

Saíram, fechando a porta.

Cindy fitou Carlotta nos olhos.

— Existe algo que você não me contou — disse Cindy. — O que é?

— Conteí tudo.

Cindy percebeu a expressão evasiva no rosto de Carlotta. O que esta tentava esconder parecia dominá-la. Contudo, até onde se pode pressionar uma amiga?

— A única coisa que desejo no mundo, Carly, é ver você bem — disse Cindy. — Acredita nisso?

— Claro que acredito.

— Se você não quiser que eu a ajude, não poderei ajudar.

— Juro por Deus, Cindy. Estou sendo franca com você.

Mas os olhos de Carlotta ocultavam alguma verdade obscura e evasiva. Se Cindy desejasse conhecê-la, teria que arrancá-la à força.

Cindy puxou Carlotta para mais longe da porta do apartamento. Lá embaixo, uma bomba fazia água jorrar nas pedras do chafariz que imitava uma cascata havaiana. Dois gatos correram sobre os telhados do beco atrás do prédio, sibilando raivosamente nas telhas vermelhas. O sol se punha, uma distante bola alaranjada através da névoa seca. Carlotta estremeceu com um frio súbito e estranho.

— Você toma drogas? — perguntou Cindy baixinho, temerosa.

— Drogas? Eu? Oh, não!

Cindy fitou os olhos de Carlotta, estudando-os por um instante.

— As pessoas tomam drogas e começam a ver coisas — disse Cindy. — Às vezes, mesmo quando não querem.

— Deus é testemunha, Cindy. Nunca toquei em drogas.

— Franklin Moran era viciado.

Carlotta recuou. A lembrança do rosto duro, rude, com o sorriso juvenil, lhe veio à mente. Isto e as noites doentias, seguidas pelas manhãs doces e tristonhas...

— Mas *eu* nunca fui — disse ela baixinho. — Nunca tomei tóxicos. Foi o que se interpôs entre nós. A primeira coisa — acrescentou, com um toque de amargura.

Cindy hesitou.

— Então, o que é?

— Não é nada. Ou melhor, não quero falar no assunto — replicou Carlotta.

— Não pretendo forçá-la, Carlotta, mas você não pode esconder essa coisa porque ela vai acabar destruindo sua vida.

Carlotta ergueu repentinamente o olhar. Estivera tentando acender um cigarro, mas a brisa fria apagava um fósforo após o outro. Quando levantou a

cabeça, tinha lágrimas nos olhos.

— Fui estuprada — declarou.

Cindy levou instintivamente a mão aos lábios, atordoada.

— Estuprada — tentou repetir Carlotta, com o cigarro apagado tremendo na boca, mas a palavra saiu quase inaudível.

— Oh, meu Deus! — murmurou Cindy.

Carlotta virou-se para o outro lado. Aquela sensação de podridão jamais a abandonaria? Mais uma vez, sentiu-se imunda dos pés à cabeça, imersa numa sujeira impossível de limpar.

— Oh, meu Deus! — foi tudo o que Cindy conseguiu dizer.

Então, as lágrimas lhe brotaram dos olhos, também.

Estendeu carinhosamente o braço, pousando a mão no ombro de Carlotta. As duas se abraçaram.

— Sinto muito... Eu não sabia... Nem mesmo imaginei... Oh, querida! — balbuciou Cindy.

— Oh, Cindy — chorou Carlotta. — Foi... sentime como...

arruinada... totalmente arrasada por dentro...

— Querida, querida... oh, meu Deus! Como pôde acontecer?

— Eu estava sozinha em meu quarto quando alguma coisa me agarrou... me sufocou... quase desmaiei... tudo ficou escuro...

Carlotta se afastou de Cindy. Pareceu ficar estranhamente fria. A brisa vespertina lhe soprava os cabelos, erguendo-os suavemente pela testa. Os olhos escuros se tornaram repentinamente distantes de Cindy, muito frios.

— Você não compreende, não é? — perguntou Carlotta.

— Claro que eu...

— Não menti a respeito da coisa que entrou pela parede.

Cindy limitou-se a fitá-la, atônita.

— De que diabos está falando? — sussurrou Cindy, afinal.

— Não compreende? Aconteceu e não aconteceu... Fui espancada, estuprada, mas não havia ninguém no quarto... Quase morri, mas, quando as luzes se

acenderam, eu estava sozinha.

Cindy não conseguia entender.

— Você chamou a polícia? — murmurou finalmente.

— Cindy, Cindy, minha boa e normal Cindy! Eu estava *sozinha* na cama... quando acenderam a luz. Esse homem... ou coisa... ou lá o que for... desapareceu... sumiu... esvaiu-se como um pesadelo...

A mão de Cindy permaneceu imóvel no próprio pescoço, na postura de quem não consegue compreender os aspectos mais simples do mais extraordinário fenômeno, mesmo que os esteja escutando.

— Não compreendo — disse ela. — Você foi atacada... ou não foi...?

— Claro que fui. Ele me espancou. Quase me estrangulou. Então, abusou de mim — horrivelmente. E quando a luz se acendeu ele desapareceu como... como se jamais tivesse aparecido ali.

Cindy apoiou-se na balaustrada. Percebia que Carlotta dissera a verdade. Tinha certeza disso pelo modo como Carlotta tentava evitar-lhe o olhar, o rosto bonito oculto de vergonha e humilhação, a lembrança do ataque ainda queimando em sua imaginação e um medo terrível começando a invadir-lhe o olhar.

Carlotta virou-se bruscamente para Cindy.

— Compreende? Compreende? — implorou. — Não existe resposta, existe? É verdade e não é verdade. Aconteceu e não aconteceu. Fiquei louca! Fiquei louca, Cindy! Duas vezes!

— Tomou a acontecer?

— Na noite seguinte! Por que acha que fugi desesperadamente para cá quando começou pela terceira vez?

— Mas agora, quando você está aqui comigo...?

— Com você, tudo está bem. Mas não sei por quanto tempo vai durar. Tenho medo de voar para casa. De ficar sozinha.

— Claro — concordou Cindy. Mas sentia-se confusa. — Não a censuro.

Passaram longo tempo caladas. Embora fizesse frio, permaneceram ali de

pé, em silêncio. A noite azul era agora iluminada pelas lâmpadas vermelhas e verdes espalhadas entre as palmeiras lá embaixo. Carlotta tremia de frio. Cindy, normalmente tão observadora e solícita, estava perdida nos labirintos de seus próprios pensamentos. Simplesmente não havia meio de explicar o ocorrido. Nenhum meio.

— Então, você ficará aqui, Carlotta — declarou Cindy. — Quanto tempo for necessário.

Carlotta concordou com a cabeça. Fitava vagamente o espaço, tentando focalizar outra vez a mente. Assoou o nariz num lençinho. Ajeitou os cabelos que esvoaçavam à brisa.

— Mas acho que deve consultar um psiquiatra — disse Cindy.

— Não tenho dinheiro.

— Pode procurar uma clínica gratuita.

— Não existe isso para problemas mentais.

— Está totalmente enganada. Você pode procurar a clínica da universidade. O pagamento é estritamente opcional e se você está por conta da Previdência Social não paga um vintém.

Carlotta assentiu. E sorriu.

— Acha que estou biruta? — indagou.

— Não sei. Mas tenho medo.

— Está certo. Por que não entramos?

Cindy assentiu. As duas mulheres caminharam de mãos dadas até a porta do apartamento. Separaram-se ao entrar.

— Não conte a George — advertiu Cindy. — Ele é um tanto careta a respeito dessas coisas.

— Eu não contaria a ninguém neste mundo, exceto a você — sussurrou Carlotta em resposta.

— Está certo. Sorria. Lá vamos nós...

Cindy abriu a porta. Lá dentro, Billy e as meninas ergueram os olhos. Desconfiados, refletiu Carlotta. Buscando no rosto da mãe indícios ocultos.

Pareciam perceber instintivamente quando ela estava envolvida naquele... horror... desconhecido, quase como se pudessem ler-lhe a mente. Em seguida, voltaram ao jogo de anagramas espalhado sobre a mesa da cozinha. George entrou com um jornal dobrado, lançando um breve olhar a Carlotta e, depois, virando se para Cindy.

— É possível comer nesta casa? — ele quis saber.

— Num minuto, George — disse Cindy.

— Jesus Cristo! — resmungou George.

George mexeu nos controles do aparelho de TV. Billy largou no chão várias peças de anagrama. Carlotta procurou na bolsa um livro, sentou-se e fingiu ler. Tinha a impressão de que todas as vezes em que falava naquilo, pensava a respeito, a coisa terrível voltava, dominando-lhe a vida toda, o seu mundo, como uma névoa que a envolvesse. Malévola. Malcheirosa. O único som alegre era o cantarolar de Cindy na cozinha.

Quinta-feira se passou. Sexta-feira. Um leve cheiro de ozônio pairava no ar vespertino, deprimindo Carlotta.

Julie e Kim dormiram no sofá. Bill voltou a dormir junto à parede, perto do aparelho de televisão. George resmungava ao passar por cima de Billy de manhã. O jantar fora silencioso e tristonho. George empilhava ervilhas no garfo e as amassava com a faca.

Carlotta não foi ao psiquiatra. O problema parecia cada vez mais remoto. O mundo se recuperava, transformando-se em algo menos amedrontador, mais amistoso. Carlotta sentia-se fisicamente bem. Dormir no chão era bom para sua coluna. Estar com Cindy fazia-lhe bem. As coisas retornavam ao normal.

Durante o dia, sentou-se rigidamente diante de uma enorme máquina de escrever na Escola Carter de Secretariado. O alto e magro Sr. Reisz, cujos cabelos rentes tinham-se tornado consideravelmente ralos desde os remotos tempos da juventude, passeava por entre as fileiras de mesas empunhando um cronômetro. A sala trepidava com o som de quarentas máquinas de escrever em febril funcionamento.

— E... parem! — exclamou o Sr. Reisz. — Trinta palavras.

Quem datilografou trinta palavras em um minuto? Trinta e cinco?... Excelente. Quarenta? Alguém datilografou quarenta palavras?

Carlotta ergueu a mão. O Sr. Reisz se aproximou para estudar o resultado.

— Cuidado com as maiúsculas — disse ele. — Firme. Uma batida seca e firme.

Na outra fileira, uma moça falou pela colega: — Juanita datilografou quarenta palavras, senhor.

O Sr. Reisz se postou atrás da máquina. Franziu a testa.

— Diga-lhe que o dedo mínimo ainda está fraco — disse ele.

— Não deve virar o pulso. Basta dar uma batida seca, firme.

As instruções foram traduzidas para o espanhol. O Sr. Riesz retornou à cátedra em frente às mesas. A escola estava sob contrato para a Prefeitura de Los Angeles. A maior parte das moças — um grupo animado, risonho — recebia o Auxílio-Pobreza da Previdência Social. Algumas estavam novamente grávidas.

Carlotta espiou pela janela. Alguns adolescentes magros e altos atiravam uma bola de basquetebol no aro armado no quintal asfaltado. Os rostos brilhavam de suor. Era um dia preguiçoso e quente; o interior da escola cheirava a material de limpeza mesclado a umidade, uma poeira fina que parecia vir do nada pousava nas mesas e janelas.

Como a vida é linda, refletiu Carlotta. Quem imaginaria que a filha de um pastor protestante de Pasadena se sentiria feliz datilografando letras maiúsculas para a Junta da Previdência Social? Não obstante, sentia-se feliz ali. Gostava das moças, do anguloso Sr. Reisz, tão absurdamente formal e, ao mesmo tempo, tão cheio de consideração, e gostava de melhorar dia a dia seu desempenho na máquina. As coisas em que Bob Garrett acreditara e lhe ensinara. Os pequenos detalhes que podemos entrelaçar e transformar numa sensação rica e gostosa.

O pesadelo da última semana passou a ser uma nuvem quase imperceptível, afastando-se cada vez mais no horizonte mental.

Com ela, afastava-se também qualquer ideia de consultar um psiquiatra.

Carlotta tinha medo de psiquiatras. As pessoas que os consultavam nunca melhoravam. Aqui, com Cindy, ela estava segura. Sentia-se numa fortaleza de segurança, com paredes de três metros de espessura. Tinha tempo para pensar direito nas coisas, reconstituir o passado. Deitou-se na banheira e a luz suave penetrou através das plantas penduradas na janela, lançando raios tranquilos sobre a espuma do banho.

Em que condições estaria sua casa? Talvez, agora, só restasse uma ruína enegrecida pelo fogo, onde apenas o vaso sanitário e a geladeira sobressaíssem por entre os escombros escuros. Carlotta imaginou o Sr. Greenspan, de cuecas, correndo de um lado para outro, procurando orientar os bombeiros. A multidão em torno do local, vendo tijolos e canos serem lançados pelos ares. Contudo, tais ideias lhe pareceram incríveis.

Pareciam algo que uma mente louca poderia inventar durante a pior das crises. O mundo não era assim. Carlotta sentia-se como uma ave gigantesca, descrevendo círculos no ar, descendo lentamente outra vez em direção à terra. Agora, tudo voltara ao foco, à realidade; não havia mais fantasias.

Saiu da banheira e enxugou os ombros com uma enorme toalha amarela. Franziu a testa, pensando: precisava descobrir.

Devia voltar para casa. Apanharia Billy na escola, a fim de irem juntos? Ou iria agora, enquanto ainda era dia claro? Vestiu o sutiã e as calcinhas. No quarto, pegou uma blusa e jeans emprestadas de Cindy. Não trouxera roupas para a casa de Cindy e não tinha dinheiro para comprar.

Penteou os cabelos. No espelho, seu rosto parecia novamente bonito. A tranquilidade devolvera-lhe suavidade às feições delicadas. Sentiu a confiança retornar. Saiu, com as chaves do carro na mão.

Parou o carro pouco antes do final sem saída da rua Kentner.

O exterior da casa parecia perfeitamente normal. Carlotta observou por um momento. Nada havia fora do lugar. Então, saltou do carro.

Quando abriu a porta da casa, foi atingida pelo calor seco que reinava lá dentro, opressivo, sufocante, tirando-lhe o fôlego.

Encaminhou-se para o termostato. Deviam ter esbarrado nele ao fugirem, pois estava marcando 34 graus centígrados. Carlotta o desligou. Silêncio.

Algumas moscas zumbiam em torno dos pratos sujos deixados na pia da cozinha.

O chinelo de Julie estava no chão do corredor, onde devia ter caído naquela noite. Carlotta espiou o quarto das meninas. Só os ursinhos, alguns livros, roupas íntimas na cadeira. Retirou das gavetas várias roupas para as filhas. Ali, o silêncio parecia ainda maior. Nem mesmo o barulho do tráfego podia ser escutado. Então, Carlotta saiu para o corredor e fitou a porta fechada de seu próprio quarto.

Olhou com atenção. Nada de rachaduras. Nem marcas de fogo. Nada. Empurrou a porta com o pé, entreabrindo-a. As janelas estavam abertas. Ela as deixara assim? Então, viu a mesinha de cabeceira caída de encontro à parede, um arranhão mostrando o local onde ela descascara a pintura. Vários vidros de cosméticos caídos atrás da penteadeira. Onde estava o reboco arrancado, as paredes fendidas, o teto arrombado? O ambiente dava a impressão de representar os restos materiais do pânico de uma só pessoa. Alguém saltara atabalhoadamente da cama, derrubando a mesinha de cabeceira, esbarrara na penteadeira e arrastara as roupas de cama quase até a porta. Nada mais que isso. Atônita, Carlotta caminhou pelo quarto, a passos lentos.

Tudo parecia tão normal. Pelo menos, no sentido de que nada havia de desumano no local. Era possível perceber nitidamente o que acontecera. Carlotta quase sentiu pena da pessoa aterrorizada em que se transformara, reagindo daquela maneira. Fechou vagarosamente as janelas, trancando-as.

Abriu a porta do armário embutido. Estava escuro lá dentro.

Não conseguindo encontrar a correntinha metálica que acionava o interruptor da lâmpada, curvou-se para diante, procurando divisar as peças que desejava entre a confusão de saias, calças de brim e vestidos.

Escolheu algumas e colocou-as cuidadosamente sobre o braço.

Ouviu um rugido distante.

Empertigou-se. Escutou com atenção. Nada. Virou-se. Nada.

Apurou os sentidos. Farejou o quarto. Nada. Esperou. Um pássaro cantou lá fora. Um menino passou de bicicleta. Um som distante, grave, metálico, fez vibrar a vidraça. Intensificou-se, gutural.

Parecia querer articular, com grande dificuldade, alguma espécie de ruído humano. Carlotta recuou até a porta, que estava fechada. Tateando às costas, encontrou a maçaneta.

O barulho retrocedeu. Carlotta entreabriu a porta e escutou.

Seria no corredor? Teve medo de sair do quarto. Tornou a fechar lentamente a porta, apoiando-se nela e colando o ouvido à madeira. Então, o som tornou a aumentar, grave, vibrante, de intensidade variada, mas não fazendo sentido.

Carlotta correu para a janela. Lá no alto, dois rastros brancos descreviam arcos no céu de Southland. Os aviões a jato estavam invisíveis, mas seu ruído, como um rugido duplo e demente, fazia vibrar as vidraças, tornando-se cada vez mais alto.

Carlotta fitou o infinito céu azul. Parecia tão puro. Como um sono infinito. As trilhas de vapor se desintegraram lentamente, deixando vestígios como penugem branca que se esvaía na imensidão azul clara. O sol cálido e amistoso incidiu-lhe no rosto.

Portanto, eram jatos. Nenhuma voz. Não existia voz. Eu inventei a voz. Estarei sonhando? Ou acabei de acordar?

Afastou-se da janela e foi ao quarto de Billy. Apanhou várias camisetas, cuecas, calças de brim e algumas camisas estampadas. Levou a pilha de roupas para o carro, colocando-a no banco traseiro. As árvores esguias balançavam à brisa fresca quando ela partiu.

Quando Carlotta e as crianças chegaram ao apartamento, ela sentiu que a amiga tinha algo em mente. Todavia, Cindy limitou-se a dizer: — Você me parece em ótima forma.

— Estou — disse Carlotta. — Sinto-me bem.

— Ótimo. Isso é ótimo.

Um silêncio embaraçoso reinou no ambiente. Cindy sorriu hesitante para Carlotta e depois virou-se para enxugar as mãos numa toalha pendurada num cabide. Em seguida, começou a ralar queijo.

Mais tarde, naquela noite, Billy quis saber: — Ei, mamãe, quando vamos embora?

Carlotta procurou ignorar a pergunta, mas Billy insistiu: — Tenho coisas na garagem. Não posso abandoná-las para sempre.

— Não será para sempre.

— Então, quando vamos voltar?

Carlotta suspirou:

— Em breve.

Naquela noite, Carlota deitou-se de costas, fitando o teto.

Uma fina faixa de poeira volteava numa corrente de ar, dando a impressão de pender do lustre de cristal. Carlotta escutou vozes abafadas no quarto. Virou a cabeça. A luz lá dentro ainda estava acesa, embora a porta se mantivesse fechada.

— Ora, por que você *não* disse a ela? — resmungou George.

— Oh, George — choramingou Cindy. — Não tive coragem.

— Eu lhe avisei, Cindy.

— Ela não tem para onde ir, George.

Carlotta apoiou-se num cotovelo, aguçando os ouvidos.

Seguiram-se murmúrios indistintos.

— Shhhhh! — advertiu Cindy.

— Não me importo que ela escute — disse George.

Cindy começou a fungar.

— Oh, Cristo! — murmurou George.

— Desculpe-me, George — choramingou Cindy.

— Cristo!

— Está vendo? Não estou chorando.

Cindy fungou várias vezes. Assoou o nariz. O quarto ficou em silêncio. Então, a luz lá dentro se apagou. Carlotta compreendeu que a proteção do apartamento de Cindy começava a desvanecer-se como o orvalho matinal.

— Você sabe o que fazer? — perguntou George.

— Sim.

— Quando?

Cindy murmurou alguma coisa.

— Quando? — repetiu George.

— Amanhã — disse Cindy. — De manhã.

— Bem, trate de cumprir.

— Oh, George...

— Preciso levantar às sete. Há gente que trabalha, sabe?

Então, silêncio. Carlotta recostou-se no colchão de cobertores. Olhou para o teto, mordendo o lábio. Que diabo!, pensou. E agora?

O sol da manhã se irradiava no pára-brisa empoeirado, obrigando Carlotta a franzir os olhos para enxergar o caminho pelas ruas familiares de West Los Angeles. Billy, calado, estava à sua direita. Kim e Julie brincavam ruidosamente no banco traseiro.

— Ei, parem com isso! — disse Carlotta por cima do ombro.

— Não briguem.

Suspirou aliviada ao desembarcá-las na esquina da escola.

Alívio acompanhado por sentimento de culpa devido a perturbar de tal maneira a vida delas.

Chegaria atrasada à aula matinal, mas não tinha remédio.

Antes, precisava voltar à casa de Cindy.

Cindy estava passando roupa quando Carlotta voltou ao apartamento. A conversa preliminar foi forçada, pouco natural.

Então, Carlotta disse:

— Preciso realmente agradecer-lhe, Cindy, por tudo o que você tem feito.

— É um prazer. Você bem sabe disso.

— Quero dizer: já faz uma semana. Não julguei que fôssemos demorar tanto. Palavra de honra.

— Ouça, Carlotta: eu gostaria de poder...

— Estou mesmo me sentindo muito bem outra vez. E não creio que aqueles pesadelos voltem a acontecer. Acho que é hora de irmos embora, sabe?

— Na verdade, não sei. Se você se sente bem..

— Sinto-me bem. No duro. Muito bem.

— Porque, como sabe, é bem-vinda aqui...

— Sim, eu sei. Mas já foi tempo suficiente. As crianças sentem falta de casa. Por Deus, não pensei em mudar-me definitivamente para cá.

— George, como você sabe, tem seus problemas...

— George é ótimo, deixando-nos ficar aqui. Diga-lhe isso por mim. Estamos mesmo agradecidos a ele.

— Direi.

Outro silêncio. Carlotta obviamente não desejava levantar-se e começar a arrumar as roupas das crianças. Cindy mexia o café, que já devia estar frio.

— Vai voltar para casa? — perguntou ela.

— Acho melhor.

— Não sei. Estive pensando, Carly. Talvez você deva mudar-se daquela casa.

— É impossível.

— Por quê?

— Tenho um contrato de locação. Se eu não cumprir, a Previdência Social terá que pagar.

Cindy sacudiu a cabeça.

— Então, você está presa lá? — perguntou.

— De todo modo, não creio que seja a casa. Acho que sou eu.

— Não tenho tanta certeza. Nada aconteceu aqui durante uma semana. Tudo correu muito bem.

— Pelo que eu lhe agradeço, Cindy. Você me deu a chance de colocar a cabeça no lugar.

Cindy suspirou:

— Mesmo assim, estou preocupada com você.

— Estarei bem. Digo-lhe uma coisa: vou passar alguns dias com minha mãe.

— Sua mãe? Carlotta...

— Claro. Alguns dias em Pasadena. Numa casa grande como a dela. Espaço para as crianças correrem. Julie e Kim não conhecem minha mãe.

— Eu sei.

— Uns poucos dias. Fartos cafés da manhã no pátio. Toda a mordomia, você sabe. É disso que preciso.

— Bem — disse Cindy, com ar duvidoso. — Você é quem sabe.

Novo silêncio... Desta feita, porém, Cindy cedeu. Sabia exatamente o que Pasadena significava para Carlotta. Assoou o nariz.

— Sinto muito, Carlotta. Eu só gostaria de...

— Esqueça, Cindy. Gostei realmente de ficar com você e George. Agora, é tempo de partir. Nada mais que isso.

— Está bem, está bem — disse Cindy, virando o rosto de lado e apoiando o queixo na mão, antes de repetir mais abstratamente: — Está bem, está bem..

Carlotta se ergueu da mesa. Olhou para a pilha de roupas de dormir emprestadas por Cindy e George, agora amarrotadas em cima do sofá, parecendo incrivelmente volumosas. A ideia de ir embora causava-lhe grande temor.

— Não havia uma caixa para o saco de dormir? — perguntou ela a Cindy.

— Sim. Está no armário embutido. Vou buscá-la.

Cindy foi ao armário. O relógio de parede emitiu badaladas tristonhas. As duas ficaram caladas. Carlotta sentiu-se mergulhar numa depressão.

4

A quinze minutos de Pasadena, Carlotta começou a reconhecer as velhas propriedades, as colinas secas cobertas de grama estranhamente mirrada e retorcida, os elevados aterros de concreto cobertos por trepadeiras. A noite dava a impressão de condensar uma névoa peculiar que tornava as casas evanescentes. Enquanto a auto-estrada parecia correr por baixo do automóvel, Carlotta dava-se cada vez mais conta da escuridão que se fechava sobre o panorama, como se a estrada e a noite se unissem para formar um túnel à sua frente.

Sabia que da quarta rampa de saída partia a estrada que descrevia um arco sobre a úmida ponte de concreto que gotejava no nevoeiro, levando — escura e estreita — ao Bulevar Orange Grove. Ali, a estrada se alargava e de ambos os lados apareciam as casas absurdas e imponentes, com amplos jardins e imensas palmeiras. Sabia também que ali — quase podia sentir-lhes o cheiro no ar úmido — pululavam as vidas amargas, os fantasmas arquejantes e vacilantes, com seus sorrisos esquivos e ambíguos.

Enquanto sua memória percorria os aposentos escuros, teve a impressão de sentir o cheiro das pesadas cortinas, dos corredores que conduziam do salão onde estava o piano de cauda ao pátio e, no lado oposto, dos roseirais. À noite, os roseirais cheiravam a poeira e adubos químicos. Sua mãe trabalhava nos roseirais à noite, as mãos enluvadas espargindo veneno branco sobre as rosas. Carlotta tentou adivinhar por que motivo sua mãe sempre esperava que a noite caísse para cuidar das rosas e só voltava para casa quando seu pai já roncava — um ronco suave, sibilante. Ela nunca se deitava antes que o marido adormecesse. E nunca se falavam. Suas vidas eram tão silenciosas, tão perfeitamente caladas quanto o luar cujo brilho se refletia nas lagartas e nos espinhos.

Era nos gestos que se comunicavam. Gestos ásperos, erráticos, nervosos. Pratos quebrados e copos partidos comunicavam alguma tensão misteriosa que corria como um rio através da casa. E, de algum modo, era culpa de Carlotta. De algum modo, todas as sombras incidiam nela, o silêncio se

abatia sobre ela, a amargura proclamava inaudivelmente que a culpa era sua. Porcelana branca na mesa, travessas Limoges, jarras Waterford, tudo brilhando — orgulhosos símbolos da riqueza herdada por sua mãe. Brilhando ao sol! A manhã dominical vibrante com o canto das aves, as pessoas conversando nos gramados. E ela, vestida como girassol no tecido riscadinho de amarelo, carregando os *hors d'oeuvres* em bandejas de estanho para servir as senhoras. Fazendo reverências, exibia um sorriso encantador, mostrando as covinhas do rosto, deleitando-se com cada movimento. Uma boneca mecânica, com a pele clara de porcelana rara, movimentando-se em perfeita obediência às maneiras formais e lentas, o riso delicado tão suave quanto a brisa de verão. E as vozes dos homens! Como um trovão abafado, sonoro e longínquo, como os deuses nas nuvens. Aquele homem — parecia impossível que fosse realmente seu pai — abria a Bíblia e lia: “... E terás alguém para confortar tua alma, alegrar tua velhice... que te amará...” Uma voz musical, gutural e profunda, como bronze soando ao vento. Parecia tão distante deles todos, uma sombra que temesse a luz do sol que os iluminava. Reuniam-se todos os domingos, as damas e cavalheiros elegantes, alguns famosos, muitos deles ricos, para participar do ritual de perfeita graça. Carlotta não acreditava naquilo. Parecia-lhe tão falso! Não obstante, não se atrevia a fazer comentários.

Muito tarde, certa noite, foi despertada por vozes — as vozes *deles* — ecoando pela casa. Atemorizou-se. Nunca tais sons haviam reverberado pelos imensos salões. Seu pai ergueu-se de um salto, afastando-se da escrivaninha, e jogou contra a parede o grande livro preto — o livro dos registros financeiros. Ou foi contra a mulher? Sobre que estavam gritando? O que era uma hipoteca? O que era uma lei de zoneamento? De algum modo, ele procedera mal. Era algo relacionado com o livro negro de registros. Então, percebeu que Carlotta o observava. Ela não tencionava espionar. Apenas fora acordada pelo barulho. Ele bateu em Carlotta. A mãe dela gritou. Dois meses mais tarde, um advogado veio visitá-los. O que era um divórcio? Por que a mãe dela queria um divórcio e o pai não? Mas o advogado aconselhou-os a não fazerem o divórcio. Por causa de Carlotta.

Dali em diante, nada mais fez sentido. Coisas que eles diziam e faziam, sem objetivo, mas apenas com uma raiva que ninguém podia mencionar. Mas o divórcio, que eles continuavam a discutir em curtas e iradas discussões sob os guardasóis do jardim, sem perceberem que Carlotta os ouvia e observava

a distância, jamais se materializou. Permaneceram juntos por causa de Carlotta. Esta era a única coisa que os dois possuíam em comum. Nela, exorcizavam sua hostilidade. Nela encontravam uma razão para existirem. Estavam todos acorrentados juntos na mesma escuridão.

A cada ano que passava, a esterilidade aumentava. A mãe de Carlotta mudou sua cama para o quarto no final do corredor. Seu pai se tornou magro e calvo, com erupções cutâneas, e lutava pelo poder na igreja. Então, o corpo de Carlotta começou a mudar. Foi algo que ela tentou evitar, mas nada pôde fazer em contrário. Seu peito cresceu, tornando-se macio, o cabelo nasceu onde suas pernas se juntavam e, certo dia, surgiu sangue.

Carlotta enterrou as calcinhas no roseiral, mas aquilo se repetiu a intervalos.

Sozinha na cama, escutando o silêncio que imperava na casa vazia, sentia-se percorrer por sentimentos estranhos, como se um desconhecido amistoso a dominasse. E a suave noite primaveril, o luar penetrando pela janela, tocava a mobília de carvalho europeu e as flores nas jarras, fazendo-as dançar para Carlotta, como animais fantásticos que bailassem com um brilho prateado.

Não foi através da imaginação que descobriu as curvas e as macias concavidades do próprio corpo. Repentinamente, suas sensações se focalizaram ali, quase dolorosamente, aumentando cada vez mais, acelerando-se incessantemente, até que, exausta, ela viu mentalmente a lua e as estrelas explodirem em mil e um fragmentos derretidos. Recuperou lentamente o fôlego, tentando adivinhar e que teria acontecido. Onde estivera ela? Eles teriam escutado?

Então, chegou a noite em que a enxada de sua mãe descobriu as calcinhas sujas de terra, manchadas de sangue seco e escurecido. E, para variar, Carlotta escutou os pais conversarem em tom abafado.

Despiram-na e tentaram banhá-la, mas ela não conseguiu suportar a ideia de que a tocassem e se esquivou.

— Carlotta, vire o rosto para mim..

À noite, no outro quarto, discutiram as alterações no corpo da filha, mas esta sentiu náuseas ao ouvir tais comentários de suas bocas. O toque da mão do pai tornou-se algo frio e repulsivo para ela.

De repente, passaram a observá-la. De algum modo, havia um toque obsceno no modo como a vigiavam. O que estariam procurando?

Ao completar quatorze anos, Carlotta sentia-se uma mulher adulta enfiada na forma de uma criança. Tinham-na malhado numa forma diferente. Ela fugiu.

Trouxeram-na de volta. Rezaram por ela. Ameaçaram-na.

Falaram-lhe sobre o grande mal que nela se instalara, ocasionando sua fuga.

Traziam-lhe coisas — coisas de criança. Uma casa de bonecas, com miniaturas humanas e móveis na mesma escala, bichinhos de pano, um mundo de faz-de-conta. Desejavam que ela fosse uma criança cujo encanto e inteligência afastasse o desejo que a invadira. Ela jamais seria estragada, atormentada, forçada a levar uma existência infernal por causa daqueles sentimentos...

Os sentimentos que a dominavam ao pôr do sol, com as amigas, escutando a música suave do rádio, olhando os reflexos das ondas brilhando na praia — tais sentimentos foram paralisados, transformando-se numa nuvem de vozes que zumbiam, cada um deles transformando Carlotta em sua imagem. A imagem deles. Ela queria viver, mas estava confinada no invólucro deles.

Quase podia sentir o gosto da vida que a cercava tão de perto, mas, ao mesmo tempo, se mantinha tão fora de seu alcance.

O instinto de Carlotta a impulsionava para os rapazes — os mais velhos, mais rudes. Só eles tinham coragem de arrancá-la da teia de aranha que os pais haviam tecido em torno dela.

Carlotta adorava a sensação de beber com eles o vinho proibido, o modo indelicado como a tratavam. Queria quebrar a casa de bonecas, desintegrar as miniaturas humanas, ver seres humanos vivos e reais surgirem no lugar delas.

Um dia, em frente à escola, viu um rapaz mais velho chegar de motocicleta. Tinha idade demais para frequentar o ginásio, mas gostava das garotas que lá estudavam. Chamava-se Franklin Moran...

Franklin, pensou Carlotta. Você é forte. Pode levar-me para longe deles. Deitada na areia úmida da praia, sussurrou ao ouvido de Franklin. Este lhe

beijou os lábios. Um fogo selvagem percorreu o corpo de Carlotta. Ela queria tanto viver. Seu corpo assumiu o controle. Foi dominada por aquele fogo ardente e proibido, pelo êxtase delirante do corpo de Franklin. Sentiu o peito dele arfando contra o seu. O tempo, como uma nuvem terrível, a ameaçava. Não havia tempo. Franklin, murmurou ela, Franklin, tome-me, tome-me agora...

Quando ela voltou, o cabelo molhado, sujo de areia e de sal, Franklin esperou lá fora no carro, inseguro a respeito de entrar ou não. Escutou os gritos na cozinha. Carlotta chorava. Franklin berrou que iam casar-se. Os pais dela, gritando, expulsaram-no da casa. Mas Carlotta o acompanhou — ambos amedrontados, perseguidos por ódio e pragas, imaginando o que o mundo faria deles agora. No escuro, porém, enquanto Franklin mudava as marchas do carro, afastando-se da casa, Carlotta compreendeu que o encanto estava desfeito. O que ela sofresse agora, o que o universo lhe mandasse como retribuição, seria o preço legítimo de sua independência.

No que lhe dizia respeito, a partir daquele dia seus pais estavam mortos para ela. No que lhe dizia respeito...

Agora, ao dirigir o carro pelas largas avenidas, Carlotta tentava adivinhar se a morte aliviara a alma de seu pai. Se a aniquilação realmente seria capaz de aliviar uma alma tão confusa e atormentada pela auto-repulsão. Talvez, durante todo o tempo ele tivesse mesmo desejado a morte mais que qualquer outra coisa. Certamente, mais que viver com aquela mulher nervosa e hostil que, pôr acidente, dera-lhe uma filha.

As palmeiras pareciam passar flutuando na noite, como num sonho. Ninguém acordado. Nenhuma luz acesa. Até mesmo para Pasadena, a quietude era normal. Numa daquelas casas compridas, em meio a uma propriedade bem cuidada, estava sua mãe. Atualmente, uma desconhecida, magra, embalsamada no medo e na renúncia. Receberia Carlota à porta? Ou gritaria, como se estivesse recebendo a visita de uma legião de demônios, e bateria a porta com força? Certamente a idade a teria suavizado, plantando em seu coração a semente da caridade...

Contudo, à medida que Carlotta se aproximava, reconhecendo melhor as avenidas, os jardins, o panorama, as lembranças se acumulavam. Lembranças angustiosas de uma retorcida boneca mecânica lutando pela

vida. Como poderia levar os próprios filhos para tal ambiente? Como poderia sacrificar tudo o que se tornara, que aprendera a ser pelo caminho mais difícil? O que restaria de sua mãe? Uma mulher derrotada, humilhada? Uma velha amargurada, encarquilhada, de cabelos brancos e olhar desconfiado? Não seria melhor deixar que o passado permanecesse nas trevas? De que adiantaria, agora?

Sentindo os olhos quentes e úmidos, Carlotta fez a curva, diminuiu a velocidade e, então, avistou a casa.

Grande e sombria, firmemente ancorada ao solo com colunas e telhados maciços, permanecia como sempre estivera em sua memória. Mais estranha, porém; mais fantasmagórica. Havia uma luz acesa no que deveria ser a cozinha. Sua mãe estaria sozinha lá? As estrelas acima da casa pareciam cintilar malevolamente. A casa fora a causa de tudo, refletiu Carlotta. Tudo em sua vida, todas as decisões que ela tomara, onde quer que estivesse, emanavam daquela casa. Aqui eles a tinham feito, formado, reformado, até acreditarem tê-la tornado a própria imagem deles.

Agora, ela estava de volta. Não era prova de que eles haviam vencido? Os mortos tinham vencido. Os mortos-vivos venceram.

Agora, perseguida por seu próprio pesadelo, Carlotta estava prestes a correr de volta ao mundo sombrio que tanto odiava.

Desapareceria, deformar-se-ia — não resistiria mais.

Torcendo desesperadamente o volante, sem saber o que estava fazendo, Carlotta manobrou o Buick. A casa se afastou.

Desapareceu. As avenidas familiares se afastaram. Desapareceram. Carlotta deu-se conta de que respirava melhor ao descer vagarosamente a rampa de acesso à auto-estrada e tomar a pista de alta velocidade, acelerando para longe de Pasadena pela última vez.

As mãos de Carlotta agarraram o volante com mais força.

Guiou em direção a Santa Monica, saindo em West Los Angeles e contornando o distrito industrial. A viver como fantoche, é melhor não viver, refletiu consigo mesma. As árvores e ruas conhecidas que levavam à rua Kentner se aproximavam. O carro percorreu o último quarteirão.

— Ei, mamãe — disse Billy, esfregando sonolentemente os olhos. — Pensei

que fôssemos para Pasadena.

— Não desta vez.

— Quero ir para Dena — disse Kim.

— Shhhh! — advertiu Billy. — Não irrite mamãe.

—... Dena — insistiu Kim.

— Shhhhh! — repetiu Billy.

As meninas começavam a inquietar-se. A tensão invadia o carro, como uma fria onda de eletricidade. Billy também estava nervoso. Então, Carlotta viu que as equipes da prefeitura tinham cortado ao meio todas as árvores da rua Kentner. Só restava uma fileira de troncos esquisitos, com o cerne branco aparecendo no topo, e os galhos amontoados em enormes pilhas ao longo da sarjeta, isolados por cordas e bandeiras vermelhas.

— Deus do céu! — exclamou Carlotta. — Olhem aquilo! Devastaram a rua inteira!

— Por que cortaram todas as árvores? — quis saber Julie.

— Metade das árvores — corrigiu Billy. — A metade de cima. Provavelmente estavam doentes, ou algo assim. Parece estupidez.

Carlotta breiou o carro. A casa surgia à frente deles. Por detrás do telhado, silhuetando-se sombriamente de encontro às tonalidades azuis, cinzentas e róseas do céu, as palmeiras se erguiam numa série de touceiras isoladas e ameaçadoras. Não era mais a casa amistosa de um mês atrás. As sombras compridas irradiavam-se dela em direção a Carlotta. O interior estava imerso na escuridão.

— Quem sabe? — disse Carlotta. — Quem pode saber o que está acontecendo?

Levaram a bagagem para dentro da casa.

O interior estava abafado. Silêncio total.

— Quer abrir uma janela, por favor, Billy?

No balcão da pia da cozinha as moscas andavam preguiçosamente sobre um bolo esquecido.

— Que sujeira! — comentou Carlotta.

A noite era fria. As folhas farfalhavam lá fora. Começava a ventar.

— Ei! — exclamou Billy em seu quarto. — Meu rádio está quebrado!

— Seu o quê?

— Espatifado no chão!

— Deve ter caído — respondeu Carlotta da cozinha.

Procurou embaixo da pia um vidro de detergente. Diabo!

Baratas. Pegou o vidro e fechou a porta do armário. Billy veio da sala, segurando pedaços de plástico, fios e algumas grades de metal.

— Puxa, mãe — lamentou-se. — Eu construí este rádio. Lembra-se? Na sétima série. Agora, está todo arreventado.

— Não pode soldá-lo outra vez?

— Não — disse Billy, desconsolado. Saiu da cozinha com os ombros curvados de desânimo. — Parece que alguém o estraçalhou.

Carlotta abriu a torneira. Barulho de gargarejo, de tosse, então a água jorrou, escura a princípio. Depois, esquentou, erguendo vapor. Os cantos das vidraças começaram a embaçar-se com uma leve película de vapor condensado. Lá fora ficava mais frio.

Do banheiro veio o barulho de Kim e Julie brigando.

— Já estou farta delas! — disse Carlotta com seus botões.

Virou-se. Um copo tombou, quebrando-se em seu braço numa chuva de estilhaços.

— Diabo! — exclamou Carlotta a meia voz.

A casa ficou repentinamente silenciosa. Carlotta sentiu o coração aos pulos.

Billy surgiu à porta, empunhando uma chave inglesa.

— Foi um copo — explicou Carlotta. — Caiu. O que você pensou que fosse?

Julie enfiou o rosto manchado de lágrimas pela porta da cozinha. Então, apareceu Kim, com a trança meio desfeita.

— Volte já para seu quarto, Kim. Vista-se para dormir. Julie, preciso de sua

ajuda na cozinha. Vamos... movam-se!

Julie, amedrontada, fitou inquisidoramente o rosto da mãe.

— Mova-se, Kim!

Carlotta deu um passo ameaçador em direção à menina. Kim correu para o quarto. Carlotta ouviu-a bater petulantemente as gavetas enquanto se vestia.

— E *não bata* as gavetas!

Tudo ficou calmo.

Julie enxugou os pratos que Carlotta lavava. Billy produzia sons metálicos na garagem. Pedacos secos de cascas mortas de árvore batiam no telhado à medida que a força do vento aumentava. Um vento seco, vazio.

A campainha soou.

Carlotta e Julie se entreolharam.

— Vá para seu quarto, Julie.

A campainha voltou a tocar. Julie entrou no quarto, fechando a porta de mansinho. Carlotta foi para a sala. Abriu a porta — o suficiente para ver um vulto vago que bloqueava a lâmpada da rua. O coração lhe saltou no peito.

— Cindy!

— Isso mesmo!

Carlotta manipulou atabalhoadamente a corrente e o trinco, conseguindo finalmente abrir totalmente a porta.

— Bem, desculpe-me — disse ela. — Entre. Eu não sabia que era você! Que diabo está fazendo por aqui?

— Vim incomodá-la?

— Incomodar? Você é uma festa para meus olhos sofridos. Eu apenas não a esperava.

— Eu sabia que você não iria para Pasadena — disse Cindy.

— É impossível iludir a velha Cindy.

Foram para a cozinha. Carlotta sorriu, feliz.

— Café? Cerveja? — ofereceu. — Não temos mais nada. É noite de restos na residência dos Moran. O que trouxe aí?

Cindy segurava uma pequena valise.

— Pensei que você talvez gostasse de um pouco de companhia. Sabe como é... a primeira noite de volta... de modo que...

— E George?

— Pensa que estou com minha irmã, Reseda — respondeu Cindy com uma risada. — Não que ele se importe muito.

— Ora, Deus a abençoe, Cindy. Eu *estava* me sentindo um pouco... você sabe... esquisita a respeito disso tudo. Sinto-me realmente feliz por ter você aqui comigo.

— Posso dormir no sofá.

— Ótimo. Maravilhoso.

Assim, a noite transcorreu tranquilamente. Cindy, Carlotta e Julie jogaram cartas. Julie ganhou. Chegou a hora de dormir.

Ajeitaram as meninas no quarto. Cindy observou Carlotta beijar as filhas. Cindy despediu-se da porta, com um aceno de mão, soprando-lhe um beijo. Apagaram as luzes, deixando as meninas no escuro.

— Sonhem com os anjos — murmurou Cindy.

Sentaram-se um momento na sala. Só um abajur estava aceso, lançando uma luz suave sobre o canto, e a parede. Cindy sentou-se no sofá e Carlotta recostou-se na espreguiçadeira. O resto da sala estava mergulhado em sombras.

— Está frio para você? — indagou Carlotta.

— Um pouco.

Carlotta levantou-se para regular o termostato.

— Sente medo? — perguntou Cindy.

— Não mentalmente. Não é uma sensação cerebral, como se fosse ficar louca, ou algo assim. É apenas uma sensação no corpo. Uma espécie de premonição. Só isso. Assusta-me um pouco. Posso quase sentir aquilo chegando.

Cindy observou o rosto de Carlotta, silhuetado na luz suave.

Era o rosto de quem tinha lutado pela vida anteriormente e sabia estar novamente travando um combate cujos riscos eram enormes.

Os encanamentos fizeram barulho sob a casa. Na garagem, Billy limpava a graxa das mãos, lavando-as num balde com detergente branco. Enxugou-as numa toalha suja pendurada perto do interruptor. Entrou em casa, cumprimentou Carlotta e Cindy com a cabeça e foi para seu quarto.

— Ele é tão adulto — sussurrou Carlotta.

Cindy assentiu.

— Faz-me sentir tão velha — prosseguiu Carlotta. Meu Deus, Cindy. Foi há dezesseis anos. Dezesseis longos anos. Sou uma velha.

— Ainda é muito bonita.

— Sim, mas tenho que me esforçar para isso. O tempo todo.

Cindy riu baixinho.

Após algum tempo, escutaram as molas da cama gemerem sob o peso de Billy quando este se deitou. A luz se apagou. Ruído de cobertas. Depois, silêncio.

— Acho que é hora de dormirmos — disse Carlotta.

Não se moveu da poltrona.

— São onze e meia — disse Cindy.

— Tão tarde?

— Cuidarei da louça. Vá deitar-se.

Carlotta permaneceu imóvel na poltrona.

— Amanhã, mais um dia de escola. Não aguentarei.

Na cozinha, Cindy colocou os copos na pia. Virou-se, um vulto escuro na obscuridade.

— Vá dormir, Carly. Estarei bem ali, no sofá.

— Está bem.

— Prefere dormir no sofá?

— Não. Arrebenta-me as costas. Estarei bem.

— Deixe a porta aberta.

Carlotta se ergueu, relutante.

— Durma bem, Cindy. Mais uma vez, obrigada por tudo.

— Trate de descansar.

— Certo. Boa-noite.

— Boa-noite, querida.

No quarto, o ar estava seco e não tão quente quanto na sala.

Talvez fosse defeito de construção da casa. O quarto fora adicionado posteriormente e talvez fosse feito com materiais diferentes. Mais argamassa, menos madeira. De todo modo, era sempre mais frio. Carlotta parou em frente ao espelho e despiu-se rapidamente.

Nas sombras, seus seios definiam pequenas reentrâncias escuras. Só os bicos pequenos sobressaíam à luz pálida e refletida das distantes lâmpadas externas. Seu ventre macio se curvava para a escuridão e os cabelos do púbis se mesclavam totalmente às áreas negras da noite. O espelho transformava Carlotta numa sombra, esculpida com a substância da noite.

Parecia vulnerável até mesmo aos próprios olhos.

Puxou as cobertas e enfiou-se por entre os lençóis frios. Em breve a cama se aqueceu. Carlotta fitava o teto. Não pegou no sono. Sentiu Cindy sentar-se no sofá, desdobrar um cobertor e, depois, deitar-se. Movimentou-se um pouco a fim de acomodar-se melhor. Então, silêncio. Billy roncou um pouco e parou. Aos poucos, Carlotta ficou sonolenta. Os encanamentos murmuravam sob as tábuas do assoalho, num trovejar longínquo e gutural que morreu com vários sons metálicos. Carlotta abriu os olhos e fitou o teto. Nada. Tornou a fechar os olhos, aninhou o rosto na macia fronha de algodão e mergulhou no sono. Dormiu profundamente.

07:22 horas — 25 de outubro de 1976

Carlotta sentiu cheiro de alguma coisa. Carne... Não... Sim...

Diferente... Toucinho. Levantou-se depressa. A luz do sol entrava pela janela, refletindo-se nos vidros de cosméticos perto do espelho.

— Cindy! — ela chamou. — O que está fazendo?

— Café da manhã! — respondeu Cindy da cozinha.

Carlotta vestiu um roupão, calçou os chinelos e tropeçou em direção à cozinha.

— Ei! — protestou. — Não precisa fazer isso! Onde arranjou toucinho, afinal?

— Comprei.

— Já? Que horas são?

— Por volta de sete e meia.

— Você é espantosa.

Carlotta bocejou, esfregando o rosto.

— Devo estar horrível — comentou.

— Um tanto informal, admito — disse Cindy, rindo.

Julie chegou à cozinha de camisola. Atrás dela apareceu Kim, apenas de calcinhas, com um sorriso hesitante e sonolento, esfregando os olhos. Arrastava atrás de si um felpudo cachorro de pano.

— Bem, vejam quem se levantou — disse Cindy. — Sentem-se, senhoritas. Os flocos de milho estão na mesa.

— Escute, Cindy — disse Carlotta. — Preciso me vestir. Voltarei logo.

Carlotta retornou ao quarto. Escolheu cuidadosamente um costume xadrez, com lapelas largas. Sobre uma blusa branca, dava-lhe uma aparência miúda, de busto desenvolvido. Ela adorava o traje. Billy entrou na cozinha, ajeitando as calças de brim.

— Bom-dia, Sra. Nash — disse ele.

— Bom-dia, Sr. Moran.

— O que temos para o café da manhã?

— Sente-se, Sr. Moran — riu-se Cindy. — Servi-lo-ei pessoalmente.

Billy sentou-se. Olhou pela janela para o dia perfeito. Seus pés batiam um compasso no chão de linóleo. O sol entrava pelas janelas. Lá fora, as folhas apresentavam uma coloração verde amarelada, brilhando onde se estendiam além da sombra da casa.

O céu era límpido e azul.

— Lindo dia — comentou Carlotta, voltando do quarto.

— Perfeito — concordou Cindy.

Cindy pegou os pratos e travessas, levando-os para a pia.

— Ei! — exclamou Carlotta. — Que pensa que está fazendo?

— Você trate de ir para a escola. Despacharei as crianças e farei a limpeza.

— Nada disso...

— Vai chegar atrasada.

— Cindy...

— Estou falando sério. Olhe o relógio. Já passa das oito.

— Meu Deus! Tem razão.

Cindy enxugou as mãos num avental.

— Escute — disse ela. — A respeito desta noite. Talvez eu deva voltar para casa.

— Claro. Naturalmente — disse Carlotta, após uma ligeira pausa. — E ouça: muito obrigada.

— Foi muito divertido. Agora, vá em frente. E guie com cuidado. Eu vestirei as meninas.

— Você é um anjo, Cindy. No duro.

Carlotta pegou o caderno de espiral para estenografia e outro maior, que estavam sobre a mesa da cozinha.

— Bem, até logo, todo mundo.

Houve um coro de despedidas.

Carlotta caminhou ao sol. A brisa soprava, mexendo as folhas caídas nas calcadas ensombreadas. O carro ainda estava frio. Ela entrou no automóvel, acenando para o Sr. Greenspan que tomava café, ao estilo europeu, numa pequena xícara, na minúscula varanda de sua casa. Ele acenou em resposta, brandindo um pedaço de torrada, balançando a cabeça e sorrindo. Carlotta manobrou o carro e partiu.

Mexeu no dial do rádio. Desligou o aparelho. Passou por um sinal verde. Parou num sinal vermelho.

Havia uma diferença entre Santa Monica e Los Angeles, que um visitante não perceberia. As árvores eram mais velhas, maiores, mais frondosas. Existia mais gente idosa nas calçadas.

Alguns prédios datavam de antes da Depressão. Sob o sol brilhante, dirigindo devagar um grande Buick, é como uma avenida de cores cremosas e céu azul. Não existe nada igual no mundo. O ar matinal, fresco e puro, realça as flores e gramados ao sol. E longe, muito longe, uma vaga faixa estreita e azulada limita o céu no horizonte: o Oceano Pacífico.

— Bom-dia, vagina!

Carlotta gelou.

Olhou através do pára-brisas empoeirado. A avenida larga e quente se estendia interminavelmente por entre as imensas árvores frondosas, com postos de gasolina em esquinas distantes. Carlotta passou a agir vagarosamente. Com cautela.

Esperando. Não era possível — não em plena luz do sol! Apalpou o botão do rádio. Estava desligado. Olhou para o lado.

Dois rostos masculinos de tipo latino olhavam-na de um velho caminhão na faixa adjacente. Queimados de sol, ambos usando bigodinhos, observavam-na meticulosamente: o rosto, o pescoço, os ombros, os seios e quadris. O caminhão dobrou à esquerda. Carlotta viu-o desaparecer do espelho retrovisor.

— Bata nela! Cutuque-a!

O coração de Carlotta se acelerou. Ela virou o rosto. A voz soava logo acima de sua cabeça. Por detrás. Não havia ninguém no banco traseiro do carro.

Carlotta endireitou o volante, enveredando pelo tráfego matinal, e levou a mão aos lábios, intrigada.

— Empurre-a para o penhasco!

— Jogue-a pela beira do cais!

A cabeça de Carlotta girava, os olhos esbugalhados e cheios de pavor. Observando. Procurando. Mas não havia ninguém no carro. Ela abriu a janela. Seu pé calcou o acelerador. Tentou erguer o pé. Uma força o empurrava contra o pedal.

— Jogue-a do penhasco! Do penhasco!

— Quebre a direção! Enfie a barra na vagina dela!

Duas vozes ásperas e dementes, que soavam como portas empenadas e de dobradiças enferrujadas. O carro ganhava velocidade, descendo a avenida Colorado, começando a ultrapassar os outros.

— Parem! Parem! — berrou Carlotta, tapando os ouvidos com as mãos.

— *Ha ha ha ha ha ha ha ha!* — risadas múltiplas, roucas e mescladas soavam-lhe aos ouvidos.

Então, num gemido, uma voz profunda e distorcida lhe segredou:

— Lembre-se de mim, vagina!

O volante escorregava sob os dedos de Carlotta. O carro virou para a direita. Carlotta agarrou a direção, mas mal conseguiu movê-la. O Buick entrou derrapando na artéria principal de Santa Monica, dirigindo-se ao oceano. Mãos semelhantes a garras de ratos puxavam os cabelos de Carlotta.

— *Belisquem-na! Belisquem-na!* — berrava uma voz.

— *Cutuquem-na!* — gritou outra, demente e sibilante.

O volante parecia solidamente soldado naquela posição.

Carlotta não conseguia erguer o pé do acelerador. Ou estava paralisado, ou alguém o premia irresistivelmente. De todo modo, permanecia imóvel, pesado, apertando o acelerador.

— Oh, Deus! Oh, meu Deus! — chorou Carlotta, tateando à procura do fecho do cinto de segurança, que estava preso numa fenda do banco dianteiro. — Oh, meu Deus!

O fecho se trancou com forte estalido. O vidro automático fechou-se com leve zumbido. Nos cruzamentos, os pedestres hesitavam e, depois, recuavam, fitando Carlotta raivosamente enquanto o Buick passava veloz.

— Sinto muito, meu bom Deus. Arrependo-me de tudo o que fiz. Por favor...

— Cale a boca!

— Queime-a! Enfie-lhe o acendedor na vagina!

O isqueiro do painel foi premido e começou a esquentar.

Carlotta gritou. Sabia que o fim se aproximava. Sua alma desejava escapar, mas estava presa no interior do corpo. Lá na frente, a estátua de Santa Monica, de pedra branca, brilhava ao sol. Depois da estátua, as rosas. Finalmente, o céu azul. Sessenta metros abaixo, a auto-estrada Litorânea do Pacífico, como uma fita de concreto, parecia agarrar-se aos penhascos.

— Mais força!

Algo espremeu o pé de Carlotta, levando o pedal do acelerador ao assoalho do carro. O veículo saltou para diante. O cérebro de Carlotta zumbia; a beira azul do penhasco avançava ao seu encontro.

— Adeus, Carlotta!

Carlotta berrou.

De repente, girou o volante com tanta força que o carro descreveu uma curva, os pneus gemendo, e investiu na direção da última fileira de prédios.

— Volte, sua puta!

O volante voltou depressa à posição anterior. Mas o pneu dianteiro bateu no meio-fio e o Buick subiu de lado na calçada.

Dois desocupados que descansavam nas sombras do beco deram a impressão de voar para trás em câmera lenta quando o carro partiu para eles. Numa abstração que pareceu durar toda a eternidade, Carlotta percebeu que os fregueses no segundo pavimento de um bar só agora começavam a erguer os olhos dos pratos.

— Por favor, não me deixe morrer — rezou Carlotta, desesperançada.

O pára-brisas se quebrou como uma onda. De olhos fechados, Carlotta sentiu os estilhaços de vidro lhe choverem sobre o rosto e ombros, como pingos que ardião. Ouvia o barulho metálico da grade, pára-lamas e partes do

motor que cediam ao impacto e eram arrancadas do capô esvaçalhado.

Atirada violentamente para diante, sentiu o estômago dilacerado pela pressão do cinto de segurança, que a puxou de volta para o encosto do banco dianteiro. O mundo lhe pareceu cheio de náusea. Tudo se tomou uma imagem instantânea e, ao mesmo tempo, demorada, o estrondo de vidros partidos e metal esmagado, uma aura de dor. Então, Carlotta se deu conta do silêncio.

Um homem esmurrou a porta do carro: — É melhor sair. Está fumegando.

— Não toque nela.

— Está saindo fumaça!

— Deixe-a em paz. Ela pode processar você.

— Chame uma ambulância.

— Não se apavore.

Um rosto espiou pelo vidro quebrado. Uma fisionomia amistosa, embora rude e marcada por cicatrizes.

— Não vou machucá-la, madame. Mas está saindo fumaça do motor. A senhora deve sair do carro, se for possível.

Carlotta desejava dizer que tudo estava realmente bem, agradecer ao homem e sair do carro. Queria pedir a ele que se afastasse para lhe dar passagem. Mas não conseguia abrir a boca.

Todas as palavras morriam no deserto incalculavelmente vasto e vazio de sua mente. Limitou-se a olhar estupidamente para o sujeito.

— Creio que ela está em choque.

— Está apenas atordoada.

— Abra a porta.

Juntos, os dois homens forçaram a porta amassada a abrir-se.

— Solte-lhe o cinto de segurança, Fred.

— Não consigo. Está emperrado. Não... Espere... Pronto.

— Calma.

Carlotta sentiu-se erguida do carro. Tentou pedir que a colocassem em pé. Queria voltar para casa. Mas tudo o que fez foi agarrar-se ao pescoço do

homem e chorar.

— Ela está bem. Apenas alguns arranhões.

— Um milagre.

— O Buick ficou destruído.

Carlotta viu o mundo passar em rostos hesitantes, curiosos.

— Estão tentando me matar — declarou, chorando, ao ser carregada para o interior do bar. — Vão me matar.

SEGUNDA PARTE

Gary Sneidermann

*“E a marreta? E a corrente?
Em que fornalha estava sua mente?
E a bigorna?
Que compreensão temerosa
Ousa aceitar seus terrores mortíferos?”*

BLAKE

5

As paredes refletiam um brilho alaranjado. Era o pôr-do-sol.

No teto, as lâmpadas fluorescentes cintilavam, lançando uma luz branco-esverdeada sobre as mãos de Carlotta. Numa vidraça, um reflexo deformado: ela mesma, de saia e jaqueta, abrindo e fechando as mãos.

Um murmúrio de vozes. Uma porta se abriu. Carlotta virou-se. Um rapaz alto, de jaleco branco, entrou e fechou a porta.

Tinha cabelos longos e escuros, que desciam até à gola do jaleco.

— Sou o Dr. Sneidermann — anunciou.

Sorriu. Um sorriso maquinal, polido. Apontou para uma cadeira em frente à mesa. Carlotta sentou-se devagar enquanto ele rodeava a mesa, puxava meticulosamente o vinco das calças nos joelhos e se sentava também, curvando-se para a frente. Um rosto bonito, juvenil, olhos cinzentos.

— Faço parte da equipe de psiquiatras da clínica. Estou de plantão para emergências esta noite.

Sneidermann observava o rosto de Carlotta, todo marcado por pequenos cortes, com uma equimose escura no queixo. Os olhos escuros da mulher o fitavam como os de um animal amedrontado. Ela parecia prestes a perder o controle.

Carlotta apertou as pálpebras, como se olhasse através de um nevoeiro. A intervalos, movia bruscamente a cabeça. Havia mais alguém no minúsculo consultório? O que acontecera às pessoas com toda aquela papelada? Não se lembrava de como chegara até a clínica.

— Acho que podemos dar-nos muito bem — disse o médico.

Carlotta o olhou com ar desconfiado

— Sente frio? — indagou ele. — Às vezes, entra uma corrente de ar dos corredores externos.

Carlotta sacudiu vagamente a cabeça. Virou-se. A porta continuava fechada.

Ninguém mais na sala. Tornou a encarar Sneidermann. Imaginou onde estaria o médico. Em vez dele, via aquele rapaz com um sorriso composto, artificial.

— Já consultou um psiquiatra anteriormente?

— Não.

O fato de Carlotta responder fê-lo relaxar-se. Pigarreou. Não tinha certeza de como proceder exatamente. Puxou a cadeira de trás da mesa, a fim de ficar mais perto de Carlotta.

— Como prefere ser chamada? — indagou.

— Car... Carlotta.

— Carlotta. Muito bem. Ótimo.

De repente, ocorreu uma perturbação lá fora. Carlotta escutou vozes no saguão. Havia alguém lá. Vozes de enfermeiras? Carlotta ficou observando a porta.

— Carlotta — disse Sneidermann.

Alguém a chamara. Ela se voltou. Quem era aquele rapaz de jaleco branco? Como sabia o nome dela?

— O que precisamos fazer, Carlotta, é conversar. Você precisa me contar o que está acontecendo em seu íntimo, o que lhe causa medo. É a maneira de descobrirmos qual é o problema.

Carlotta o encarou de modo estranho. Mordeu o lábio, pensando em outra coisa. Então, algo a amedrontou, porque ela se virou na cadeira, olhando para a janela.

— Onde está você, Carlotta?

— Na clínica.

— Sim. Muito bem. Por que veio aqui?

Carlotta voltou-se lentamente. Sentia o corpo pesado, dolorido do acidente, tenso de medo. O rosto corou sob os arranhões. Os dedos estavam rígidos, brancos e frios.

— Por que eles me cercaram — respondeu, em desespero.

— Quem a cercou?

— No carro.

Sneidermann assentiu com a cabeça, mas Carlotta não percebeu. Estava absorta em contemplar os próprios dedos, que se trançavam e destrançavam interminavelmente no colo.

— Pode contar-me a respeito do acidente, Carlotta?

Ela abriu os dedos. Empertigou-se na cadeira. Tinha diante de si um rapaz de jaleco branco, curvado para ela. Estudou-lhe o rosto quadrado, atentou, liso. Mais jovem que ela.

— Carlotta?

— O quê?

— Pode contar-me o que aconteceu no carro?

Devagar, muito devagar, como água se espalhando sobre terra fria, os olhos dela se embaçaram de lágrimas. As narinas se dilataram. Se ela chorasse, relaxaria. Mas Carlotta limitou-se a sacudir a cabeça.

— É difícil para você contar-me o que aconteceu?

Ela assentiu, calada.

— Está bem, Carlotta.

Então, ocorreu a Carlotta que se encontrava em segurança.

Por que isso? Porque a porta estava fechada. Porque a sala estava em silêncio. Era diferente. O médico a encarava, encorajador, profissional, amistoso.

O dedo de Sneidermann, traçando lentamente o contorno de uma fenda no topo da mesa, era a única indicação de que se sentia pouco à vontade naquele impasse. Então, controlou-se.

Ficou completamente imóvel, o rosto uma máscara de impenetrável competência, não obstante seus pensamentos turbilhonassem enquanto observava Carlotta.

— Havia alguém com você no carro?

— Não... não a princípio...

— Mas depois de algum tempo?

Carlotta confirmou com a cabeça. Quando fitou os olhos de Sneidermann, este sorriu. Um sorriso contido, treinado. Carlotta não confiava nele. Imaginara alguém totalmente diferente. Era como se falasse com Billy.

— Depois de algum tempo estiveram no carro com você? — perguntou o médico.

— Sim.

— Falaram com você?

— Sim.

— Pode contar-me o que eles lhe disseram?

Carlotta sacudiu a cabeça.

— Seria difícil para você contar-me o que lhe disseram?

— Sim.

— Está bem, Carlotta.

Ela dava a impressão de haver relaxado um pouco. Ao menos, seu corpo já não estava tão tenso. Começava a dar-se conta de que não se tratava de uma conversa normal. O médico não deixava de insistir no que desejava descobrir, manipulando-a por meio de palavras.

— Talvez as vozes fossem do rádio.

— Não. O rádio estava desligado. Eles me cercavam.

— Compreendo.

Carlotta tirou da bolsa um lenço de papel amarrotado.

Sentia-se humilhada, temerosa de encarar Sneidermann.

— Queriam matar-me — sussurrou, afinal.

— Mas não conseguiram. Vamos providenciar para que não voltem.

— Sim.

— Muito bem.

Pela primeira vez, Carlotta sentiu-se em contato com o rapaz de branco. Por detrás da máscara, da pose, algo estabelecera um contato. Ele dava a impressão de interessar-se por ela. Carlotta o estudou com mais atenção. Era verdade: os pequenos olhos cinzentos observavam-na com preocupação.

— Foi a primeira vez que isso aconteceu?

— Não. Na primeira vez, foi diferente.

As veias lhe latejavam no pescoço. Os dedos transformaram o lenço de papel numa bolinha. Sua respiração era trêmula.

Sneidermann fitou-lhe o rosto bonito. Os olhos escuros exprimiam medo. Antes faiscando ferosamente de medo e hostilidade, agora pareciam dois poços escuros e profundos que conduziam à miséria que lhe dominava o íntimo.

— Pode contar-me a respeito da primeira vez?

— Não é coisa de que me agrada falar.

— Acha difícil?

— Sim.

— Mas estamos num consultório médico. Aqui não há segredos.

Carlotta respirou fundo. *Eles* estão escutando, pensou. Eles me despirão e cutucarão. Sentia-se, agora, completamente isolada. Virou-se lentamente para a porta.

— Fui estuprada — disse, inaudível.

Seus olhos se embaçaram, quentes de lágrimas. Ela ergueu o rosto para Sneidermann, que parecia um vulto branco e difuso.

— Fui estuprada — repetiu, não sabendo se ele a escutara.

— Em sua casa? — indagou ele delicadamente.

Surpresa por ele mostrar apenas aquela reação, Carlotta limitou-se a assentir com a cabeça, observando-o detidamente.

Por detrás da máscara, o médico parecia não haver mudado. Mais uma vez, Carlotta percebeu que não se tratava de uma conversa normal.

— Compreendo — disse ele, observando-a.

Carlotta mordeu o lábio, tentando não chorar. Não adiantaria. Seu rosto apenas se torceu numa careta, uma distorção de remorso. Como uma onda negra, tudo extravasou: o terror, a repulsa, a humilhação. Ela tentou ocultar o rosto com as mãos, desejando que o médico não visse, mas não conseguiu controlar-se.

— Foi repulsivo! — chorou. — Horrível!

Respirava em espasmos, cercada pelo horror e podridão, sentindo o contato e o gosto por todos os lados.

— Estou tão suja! — lamentou-se.

Passou inutilmente nos olhos o lenço de papel amarrotado.

Derreou-se na cadeira, chorando desconsoladamente. Uma pontada de pena atingiu o coração de Sneidermann. Já não era a mulher bonita e educada que entrara na sala; transformara-se numa adolescente despida de dignidade.

O pranto cessou, aos poucos. O relógio zumbia na parede.

Sneidermann esperava junto ao canto da mesa, na mesma posição anterior. O crescente silêncio os envolveu, unindo-os.

— Quero apenas morrer — disse Carlotta baixinho.

Sneidermann abriu a boca, mas conteve as palavras.

Congratulou-se por ter-se mantido perfeitamente calmo até então.

— Chamou a polícia?

— Como poderia chamar? Não havia ninguém no quarto.

Sneidermann foi apanhado desprevenido. Por um instante, a máscara caiu. Olhou para Carlotta, não acreditando no que acabava de ouvir. Bateu com o dedo nos lábios e recostou-se ligeiramente. Da melhor maneira que lhe foi possível, tornou a adotar a máscara de médico.

— Pode contar-me o que aconteceu?

— Fui estuprada. Que mais existe para contar?

Sneidermann pigarreou de leve, franzindo a testa em concentração. Mil e uma possibilidades dançavam-lhe diante dos olhos. Agora, precisava proceder com muita cautela.

— Estava sozinha no quarto?

— Sim.

— Foi estuprada por quem?

— Eu... não sei... — uma longa pausa. — Não havia ninguém lá.

— Diga-me, Carlotta: a que se refere quando diz “estuprada”?

— “Estuprada” quer dizer estuprada.

— Não pode ser mais explícita?

— Que quer dizer com “explícita”? Todo mundo sabe o que é estupro.

— Às vezes, o termo é usado de modo metafórico. “Fui estuprado numa transação comercial”, ou algo semelhante.

— Bem, não é a isso que me refiro.

Sneidermann não a contrariou. Queria que Carlotta soubesse que ele estava do lado dela.

— Pode me dizer o que aconteceu? — indagou suavemente.

— Talvez seja difícil, mas preciso saber.

Carlotta recuou. Sua voz baixou, perdendo a flexibilidade.

Tornou-se fria, impessoal quanto a si mesma.

— Eu estava penteando o cabelo em frente ao espelho. No escuro, creio...

— Sim.

— E ele me agarrou.

— Quem a agarrou?

— Não sei.

— Então, que aconteceu?

— O que aconteceu? — repetiu ela, num tom amargo. — O

que pensa que aconteceu? Pensei que ia morrer. Ele estava me sufocando.

— Estrangulou-a?

— Não. Com o travesseiro. Cobriu meu rosto com o travesseiro. Não consegui respirar!

— Tentou resistir?

— Tentei, mas ele era muito forte.

— E possuiu você à força?

— Já lhe contei. Sim.

— Completamente?

— Sim.

— Então, o que aconteceu?

Os olhos de Carlotta faiscaram raivosamente.

— O que aconteceu? — repetiu ela. — O que aconteceu?

Depois de usar-me... sexualmente... ele desapareceu.

— Fugiu?

— Não. Ele simplesmente... desapareceu.

— Pela porta?

— Não. A porta estava fechada. Num minuto ele estava em cima de mim e, no minuto seguinte, desapareceu. Então, meu filho chegou.

Sneidermann meneou a cabeça, num gesto abstrato. Refletiu um pouco. Depois, voltou-se para Carlotta, mais escutando que observando.

— Seu filho... viu alguém?

— Só eu. Entrou correndo no quarto. Eu estava gritando.

— Depois, o que aconteceu?

— Nós... as meninas também... ficamos na sala. Eu sentia medo.

— Medo de que ele ainda estivesse na casa?

— Não. Ele desaparecera.

O médico encarou-a em silêncio. Carlotta percebeu que ele não sabia o que pensar de tudo aquilo.

— Diga-me, Carlotta — disse Sneidermann pausadamente. — Por que motivo pensa que não foi um homem real que a estuprou?

— Ele simplesmente... se evaporou... quando Billy acendeu a luz.

— Talvez tenha pulado pela janela.

— Não. As janelas estavam trancadas. Ele apenas desapareceu.

— Porém, sentiu-o dentro de você?

— Decididamente.

— Parecia um homem?

- Um homem grande.
- Você sentiu dor?
- Sim, naturalmente.
- Muito bem. O que aconteceu depois?
- Naquela noite, nada. Mas na noite seguinte...
- Aconteceu a mesma coisa?
- Desta feita, por detrás.

Sneidermann esfregou a testa, parecendo ainda mais jovem que ao entrar no consultório. Carlotta refletiu que ele devia ser muito inteligente, para ser médico com tão pouca idade.

- O que pensou seu filho?
- Veio com um vizinho. Pensaram que eu estava sofrendo de alucinações.
- Por que pensaram isso?
- Porque eu estava gritando e não havia ninguém no quarto.
- Você alguma vez tomou tóxicos ou drogas?
- Nunca.
- Muito bem. E o que pensou você?
- Eu... não tinha certeza... Sabia que estava... machucada.

Sentia-me horrivelmente por dentro. É impossível a gente se enganar a respeito. E podia sentir o cheiro dele em todo o meu corpo...

- Sentiu o cheiro dele?
- Sim. Era horrível.
- Compreendo.
- Não tenho certeza se ele... se ele...
- Ejaculou?
- Sim... Creio que ejaculou. Então, a luz se acendeu e tive a impressão de estar acordando. Emergindo da escuridão. E ninguém mais aparentava medo. Jamais imaginaram que houvesse alguém ali.

Sneidermann meneou a cabeça. Parecia ter conseguido prender Carlotta.

Observou-a novamente: os sinais faciais, a linguagem corporal, o tom da voz. Desejava obter alguma confirmação do que estava pensando.

— Você disse que aconteceu uma terceira vez.

— Não exatamente. Eu o escutei chegando. Senti seu cheiro a distância. Fugi do quarto.

— O que aconteceu?

— Peguei as crianças e fugi de casa o mais depressa que pude. Fomos para a casa de minha amiga.

— E então?

Carlotta sacudiu os ombros.

— Então, nada aconteceu. Fiquei com Cindy uma semana.

Sentime melhor. Todos nos sentimos melhor. Mas eu não podia ficar lá para sempre. Voltei para casa ontem, com as crianças.

Cindy passou a noite conosco. Tudo correu bem. Acordei, tomamos café e, depois, peguei o carro e parti para meu curso de secretariado, em West Los Angeles.

— Foi então que escutou as vozes no carro?

Carlotta confirmou com a cabeça. Parecia ter relaxado.

Apenas seus olhos, como os de um coelho, procuravam algum encorajamento nos do médico, encarando-o vez por outra.

— Portanto, qual a sua opinião? — quis saber ela, — Vá em frente e seja franco. Diga-me.

Procurou um cigarro e o acendeu com dedos trêmulos.

Sneidermann aguardou até que ela terminasse. Precisava captar-lhe a confiança — sem mentir.

— Bem, Carlotta — disse ele. — Naturalmente, é algo muito grave.

— Acha que estou maluca?

— Maluca? A palavra tem diferentes significados para diferentes pessoas.

Sorriu para Carlotta, mas esta percebeu que ele não cedera um milímetro, continuando a ser um profissional, ocultando os sentimentos, jamais se

deixando relaxar.

— Tem alguém que possa ficar com você? — perguntou Sneidermann.

— Meu filho Billy.

— Quantos anos ele tem?

— Quinze.

— E sua amiga Cindy?

— Esta noite, não. Talvez dentro de alguns dias.

— Porque quero que você fique com alguém, Carlotta. O tempo todo. Não quero que fique sozinha.

— Está bem.

— Agora, precisamos fazer alguns exames médicos. Alguns testes psicológicos. Não doem.

— Imediatamente?

— Podemos fazê-los amanhã.

— Preciso ir ao curso de secretariado. Estou por conta da Previdência Social e eles exigem presença às aulas.

— Vamos conversar com a enfermeira na recepção, ao sairmos. Geralmente, conseguimos ajeitar as coisas com a Previdência Social.

Carlotta esmagou o cigarro pela metade.

— Então, o senhor nada pode fazer?

— Não até descobrir qual é exatamente o problema. Tenho algumas ideias, mas preciso dos outros testes para confirmá-las.

— Enquanto isso, eu morrerei.

— Não. Não creio.

— Eles tentaram matar-me hoje.

— Acho que você estará bem se tiver companhia.

Carlotta afastou os cabelos da testa. Ecos de vozes distantes atravessaram a porta.

— Não sei o que fazer — disse ela, simplesmente.

— Creio que fez uma coisa muito boa vindo procurar a clínica.

— Acha isso?

— Decididamente. É o primeiro passo. E o mais difícil.

Fez-se um silêncio agourento. Esperaram algum tempo.

Carlotta se ergueu, alisando a saia. Encaminharam-se à porta.

Quando a porta se abriu, Carlotta deparou-se com um labirinto de corredores bem iluminados. Não se recordava de tê-los visto antes. A sala de recepção ficava à esquerda.

Sneidermann apoiou-se no balcão, falando com uma enfermeira.

Carlotta também não se lembrava de ter visto a sala de recepção.

O médico voltou até ela, atravessando o tapete cor de laranja. De repente, passou a ser para Carlotta o único rosto conhecido no mundo inteiro.

— Tome este cartão — disse ele. — Tem o telefone da clínica. Eles me localizarão, caso você precise de mim. A qualquer hora do dia ou da noite.

Carlotta guardou o cartão na bolsa, recobrando as maneiras de uma jovem senhora bem educada. Não obstante, recebia auxílio-pobreza da Previdência Social. Sneidermann estava intrigado.

— Muito obrigada, doutor — disse ela delicadamente.

— Sneidermann — disse ele. — Deixe-me escrever o nome no cartão.

Depois, observou Carlotta sair, caminhando hesitante pelos corredores marcados por faixas coloridas ao longo do assoalho.

Ela desapareceu e Sneidermann finalmente suspirou, exausto.

— Levou muito tempo cuidando desse caso, Gary — comentou a enfermeira.

— O quê?... Oh! Diga-me: tem certeza de que ela nunca consultou outro psiquiatra?

— Foi o que ela escreveu na ficha.

— Nada de drogas.

— Se a gente acreditar nela.

— Incrível!

Serviu-se de uma xícara de café preto. Continuava absorto em Carlotta.

— Estarei na biblioteca — anunciou. — Preciso escrever os detalhes do caso.

Caminhou apressadamente pelo corredor, tomando goles de café. Sob o braço, levava uma pasta preta de vinil, na qual ainda não fizera anotações. Seus passos ecoavam nos ladrilhos de corredores desertos.

Sneidermann acendeu um cigarro, exalou uma nuvem de fumaça e tirou o jaleco. Arregaçou as mangas da camisa, deixando à mostra braços musculosos. Tinha uma memória excelente, lembrando-se à vontade de toda a conversa com Carlotta. Relatou-a por escrito na pasta preta, em cuja capa escrevera o nome da paciente.

Num canto isolado, outro médico residente consultava vários livros volumosos, ignorando a presença de Sneidermann tanto quanto este ignorava a sua.

Era uma biblioteca enorme e antiga, com chão de ladrilhos, portas entalhadas e escadas também entalhadas que levavam aos níveis superiores. Reinava silêncio. Tão tarde da noite, aquela ala do complexo hospitalar estava quase deserta. Sneidermann levantou-se, apoiou o pé na cadeira, debruçou-se sobre a mesa e examinou o que acabava de escrever.

Ela tomara a iniciativa. Não se tratava de uma dona-de-casa com uma carreira de frustrações. Não era uma secretária obesa, cuja solidão se traduzia em excesso de alimentação, bulmina. Os outros casos de Sneidermann ficaram esquecidos. Quase não podia acreditar no que tinha diante de si. Desejava guardar aquele caso, tratá-lo pessoal e exclusivamente, antes que os outros tomassem conhecimento. Tremia de excitação.

Apanhou um livro numa prateleira alta e levou-o à mesa de leitura. Alucinações visuais, táteis, auditivas e olfativas eram bastante raras. Provavelmente, constituíam manifestações de uma psicose ou de uma neurose histérica. Sneidermann sentia-se satisfeito por ter conseguido acalmar Carlotta, dominando-lhe a histeria até estabelecer contato. Levava-a a falar racionalmente com ele, algo que duvidava ser possível logo que a

avistou, imóvel, perdida e indefesa, em pé no meio da sala.

Sabia que tipo de trabalho tinha pela frente: teria que pesquisar na literatura médica clássica as mais completas descrições de tais alucinações múltiplas. Então, consultou suas anotações. A voz de Carlotta se tornara inexpressiva ao descrever as crises, como se estas tivessem ocorrido com uma total desconhecida. Portanto, houvera uma dissociação.

Possivelmente, uma histeria clássica de grau elevado. Fora disso, refletiu Sneidermann, o ego parecia intato — reagindo bem aos testes de realidade depois que ele conseguira trazer Carlotta de volta.

Sua ideia seguinte foi psicose. As alucinações foram tão extremas, a ilusão tão completa, que Carlotta devia ter perdido o contato com a realidade. Contudo, quanto mais ela falava, mais se acalmava, mais racional se tornava. Sneidermann decidiu adiar o diagnóstico até conhecer melhor a história da paciente.

Psicose e esquizofrenia costumam apresentar indícios aos vinte e poucos anos.

A curiosidade de Sneidermann aumentou, inquietando-o. A violência psíquica de parte contra o todo, tentando reorganizar-se numa nova constelação. Com que objetivo? Por que agora, aos trinta e dois anos de idade? O caso continuava totalmente em aberto, um continente inexplorado — e Sneidermann ansiava por começar a exploração.

Agora, sozinho na biblioteca, ocorreu-lhe repentinamente que não poderia esperar mais que aquilo: curar os combalidos e distorcidos, numa disciplina que ele respeitava profundamente, sob as melhores condições. A imagem do pai veio-lhe à mente.

Um homem encolhido, derrotado, com as mãos cheirando a removedor. Estava ali, mas pela graça de Deus, refletiu o médico.

Numa cidade estranha, entre desconhecidos, Sneidermann atirava-se aos casos que lhe apareciam, a fim de evitar tais pensamentos.

Esfregou os olhos, fechou os livros de consulta e jogou a xícara de plástico na cesta de papéis usados. Esforçou-se por concentrar-se no caso de Carlotta, mas a fadiga lhe evaporava os pensamentos, que se mesclavam sem formarem um significado.

Pegando a pasta preta, saiu da biblioteca.

A solidão dos psiquiatras residentes é um segredo para os leigos. O isolamento, os corredores vazios e formais, as insossas salas de conferências e os relacionamentos puramente profissionais, a competição por todos os lados, que não cessa por um só minuto. Ao atravessar o pátio deserto, com o chafariz desligado e os lagos silenciosos, escutou os ruídos da cidade que ecoavam fantasmagoricamente dentro da noite. Voltou a seu alojamento, concentrado em Carlotta Moran.

Billy debruçou-se por sobre o ombro de Carlotta, tocando-lhe o rosto com uma pequena toalha umedecida em desinfetante.

O pescoço de Carlotta estava manchado com leves riscas rosadas, como se uma garra invisível tivesse procurado prendê-la.

— É um milagre você estar viva — comentou ele. — O Buick virou sucata.

— Acha que poderá consertá-lo?

— Claro. Provavelmente, com algumas peças novas. O ventilador simplesmente se desintegrou Carlotta fez uma careta de dor quando Billy tocou os cortes sob sua orelha. O espelho refletia o rosto terno e preocupado do menino. Carlotta o observava pelo espelho; por detrás dele, através da janela aberta, as lâmpadas da rua iluminavam um terreno baldio, no qual crescera um mato alto e amarelado que farfalhava à brisa noturna.

— Quanto vai custar? — perguntou ela.

— Algumas centenas de dólares.

— Que nós não temos — gemeu Carlotta.

As meninas estavam à porta, espiando, os olhos arregalados de espanto.

— O médico machucou você? — quis saber Julie.

— Não, querida. Nem um pouco. Mamãe apenas conversou com ele.

— Vai voltar lá? — perguntou Billy.

— Amanhã. Depois da aula.

Fez sinal para que Billy parasse e se pôs de pé — Escutem, crianças — disse ela. — Tem um cartão em cima da mesa, com o telefone da clínica. Se

acontecer alguma coisa, telefonem para lá, ouviram? O nome do médico é... — consultou o cartão —... Sneidermann.

Kim riu do som daquele nome.

Dentro de uma hora as crianças estavam na cama. Carlotta dormiu no sofá. Billy serrara uma tábua larga, colocando-o sob as almofadas. Em cima das almofadas, puseram o antigo enchimento do colchão de Julie, que tapava os botões e reentrâncias. Não era perfeito, mas Carlotta dormiu. Embora não dormisse bem, nada aconteceu.

Foi sua primeira noite no estranho mundo dos doentes, onde todas as regras são invertidas. De certo modo, o médico confirmara o fato. A ansiedade era como uma nuvem escura que pairasse sobre ela, até que esquecesse como era a vida sem aquilo.

— Billy — chamou ela baixinho.

Amanhecera. Billy sentou-se na cama, o sol incidindo sobre os lençóis amarfanhados.

— O que é?

— Se Jerry telefonar, não lhe conte nada, por favor. Entendeu? Dê o mesmo recado às meninas. Só faltaria isso.

— Quer dizer que ele vai voltar?

Billy ficou mais ereto, totalmente desperto. A hostilidade, confusa mas inequívoca, jorrava dele como um rio. Recostou-se na cabeceira da cama, com os braços caídos ao longo do corpo, mas seu rosto bonito era de um adulto, sério, e os ombros jogados para trás tinham uma postura decidida.

Carlotta deu um passo na direção dele, dizendo suavemente: — Escute, Bill: sei como se sente. Mas compreenda uma coisa: gosto de Jerry. E ele está tentando gostar de você.

Portanto, você lhe deve pelo menos essa retribuição. Além disso, não importa o que você pense a respeito dele. Jerry é meu amigo. Entende o que quero dizer? Formamos um bom par. Talvez seja permanente. É melhor você pensar no assunto, porque pode ser que se torne algo permanente e enquanto

— você morar aqui terá que se adaptar aos fatos. Concorda?

— Está cometendo um erro, mamãe.

— Deixemos as coisas como estão. O erro é meu. Deixarei que você cometa os seus.

Billy pegou uma camisa xadrez em cima da cadeira. Sentou-se na beira da cama, vestindo-se e evitando o olhar da mãe.

— Quer que eu vá com você? — indagou.

— Obrigada, Billy, mas vou apenas ao curso.

— Tem certeza?

— Claro. O que pode acontecer? Tomarei o ônibus.

Billy se levantou, pegou as calças na mesma cadeira e vestiu-as, afivelando o cinto.

— Posso conseguir um carro. Jed sabe dirigir e tem carteira.

Se você quiser uma carona de volta, telefone.

— Está certo. Veremos como me sentirei.

Billy acompanhou Carlotta até a porta. Ela levava o caderno sob o braço.

— Até logo, mamãe — disse ele.

Carlotta segurou-o um instante. Então, começou a andar ao sol. No final da rua Kentner, o ônibus fez uma curva lenta e pesada. Após pagar a passagem, Carlotta avistou Billy, ainda de pé à sombra da porta. Depois, ele se virou desconsoladamente, entrou em casa e fechou a porta.

— Dormiu bem?

— Razoavelmente.

— No quarto?

— No sofá da sala.

Sneidermann meneou a cabeça, concordando. Carlotta parecia muito mais calma, dando a impressão de ter-se colocado nas mãos dele. O médico sentiu-se imensamente satisfeito. O que desejava agora era prosseguir o mais rapidamente possível.

Ainda restava um breve impulso da véspera e Sneidermann tentou aumentá-lo.

— Nenhum pesadelo? — indagou.

— Não.

Ele sorriu, genuinamente encorajado. Carlotta percebeu de imediato e resolveu deixá-lo fazer com ela o que quisesse.

— Foi uma boa ideia dormir no sofá, Carlotta.

O médico parecia lembrar-se de cada detalhe da conversa que haviam mantido na noite anterior.

— Veio aqui sozinha? — perguntou ele.

— Sim.

— Eu preferiria que viesse com alguém. Seu filho, por exemplo.

— Ele fica na escola até o meio da tarde.

— Bem, poderíamos encontrar-nos num horário diferente.

Que tal às quatro horas? Assim ficaria bom para vocês?

— E para o senhor?

— Trocarei meus horários. Não há problema.

Carlotta assentiu com a cabeça. Hesitava em confiar inteiramente nele. A aparência juvenil de Sneidermann a perturbava. Seria melhor que ele tivesse mais vinte anos de idade.

— Então, podemos encontrar-nos às quatro da tarde — disse ele.

— Amanhã?

— Todos os dias.

— Será necessário?

— Sim.

A perspectiva de um tratamento tão intensivo era algo que Carlotta não imaginara.

Sneidermann ajeitou alguns papéis em cima da mesa.

Carlotta não exibia vestígios da tensão que a dominava na véspera.

— Mencionei ontem alguns testes e exames — disse o médico. — São pura rotina. Você certamente já fez antes a maioria deles: sangue, urina, *etc.* Alguns são psicológicos. Um psicólogo lhe mostrará algumas figuras e você construirá uma história sobre elas. Coisas desse tipo. Nada de dor. Nenhuma surpresa. Está disposta a fazê-los agora?

— Suponho que sim. Se o senhor quiser.

— Ótimo. Vamos.

Sneidermann levantou-se depressa. Carlotta assustou-se um pouco com a rapidez dos acontecimentos. Ergueu-se devagar, pegando a bolsa que deixara no chão.

— Vou levá-la ao laboratório — disse o médico. — Lá embaixo é muito grande e você poderia perder-se.

Saíram juntos do consultório e foram ao movimentado laboratório, onde Sneidermann cumprimentou médicos e enfermeiras. Atravessaram vários saguões e salas de análises cheias de técnicos. Sneidermann era alto e movimentava com rapidez as pernas compridas; Carlotta tinha dificuldade para acompanhá-lo. Viraram uma esquina do corredor e pararam diante das portas dos elevadores, esperando entre um grupo de pessoas que aumentava a cada instante.

— O senhor não é médico de verdade, é? — perguntou Carlotta.

Sneidermann corou. Riu-se.

— Por que diz isso? Sou um residente no hospital e, portanto, tenho que ser médico. Mas trabalho sob as ordens de um supervisor.

— Parece-me jovem demais. Só isso.

— Ora, não sou tão jovem assim.

O elevador se abriu, despejando um grupo de pacientes e funcionários do hospital. Sneidermann e Carlotta entraram. Ele apertou um botão. Chegando ao andar térreo, conduziu Carlotta através de uma série de corredores e portas basculantes. Ao longo das paredes, velhos de ambos os sexos tossiam em suas cadeiras de rodas.

— Esta é a Sra. Moran — disse ele a uma enfermeira que atendia num guichê. — Do Instituto Neuropsiquiátrico. Quero um exame físico completo. Formulários laranja, verde e amarelo.

A enfermeira deu uma risadinha:

— Temos outras cores.

— Então, dê-me o arco-íris todo.

A enfermeira fez várias cruzes em quadradinhos no formulário que tinha diante de si.

— Mande-a sentar-se. Será atendida num minuto.

Sneidermann voltou até Carlotta. Os esquisitos odores de remédios e produtos químicos deixavam-na nervosa. O andar térreo estava mais frio que o resto do hospital. Havia mostradores, tanques, tubulações e prateleiras por toda parte.

De repente, Carlotta teve a impressão de que o ambiente crescia desmesuradamente. Sentiu-se minúscula em meio ao brilho dos vidros e metais polidos, dos velhos doentes no corredor.

— Agora, não se preocupe — disse o médico. •— Sei que não é um lugar acolhedor. Parece mais uma garagem subterrânea.

Mas ouça: já fez exame de sangue anteriormente, não fez? É o que vai doer mais. Não quero mentir, o resto é apenas maçante.

Leva cerca de duas horas. Procure não adormecer de tédio.

Carlotta sorriu nervosamente.

— Quando você terminar, estarei lá em cima — prosseguiu Sneidermann. — Se quiser falar comigo, peça que a levem ao INP.

— INP?

— Instituto Neuropsiquiátrico. Eles sabem onde fica.

— Está bem.

Ele se voltou para afastar-se, mas parou e tomou a encarar Carlotta, que continuava nervosa, detestando vê-lo ir embora.

— Estarei lá e poderemos conversar, se você quiser, Fica à sua escolha. Como se sente agora? Bem?

— Sim.

No consultório, ele parecera autoritário, a despeito de toda a juventude. Fora

a enfermeira quem ressaltara seu aspecto juvenil. Vê-lo flertar deixara Carlotta nervosa.

— Sra. Moran — chamou a enfermeira. — Quer entrar, por favor?

Carlotta resignou-se. Entrou numa sala cheia de tubos, cilindros, vidros contendo líquidos densos e feios. Máquinas contidas em invólucros de aço produziam zumbidos. Técnicos manipulavam bandejas com frascos de sangue sobre os balcões.

Carlotta estremeceu, sentindo-se desumanizada — uma simples peça da imensa máquina hospitalar. Até mesmo a luz ali era esverdeada e fria. Todos pareciam esquisitos. A enfermeira abriu uma cortina. Carlotta entrou no cubículo e tirou as roupas.

6

17:30 horas — 2 de novembro de 1976

Uma chuva fina caía lá fora, na rua Kentner. Carlotta não regressara da clínica. Pássaros escuros repetiam interminavelmente as mesmas notas, ocultos nas folhagens das árvores. A casa estava fria, causando uma sensação de vazio.

Billy, de pé junto à pia, percebia vagamente sua imagem refletida na vidraça dos fundos. Desde que Carlotta adoecera — ou lá o que fosse — ele se encarregava de lavar a louça, arrumar as meninas e preparar o próprio almoço. Sabia que mais cedo ou mais tarde talvez fosse obrigado a arcar com uma parcela ainda maior das tarefas domésticas. No momento, porém, fazia apenas o pouco que podia, pequenas coisas que aliviassem os encargos da mãe.

Refletiu que nada havia de vergonhoso em ficar mentalmente enfermo. Era como gripe ou uma dúzia de outras doenças que atacavam de repente. Só que não havia uma medicação específica. Era impossível tomar amostras, colocá-las sob o microscópio e identificar as células doentes.

Tornou-se carrancudo. Pensar em células e microscópio lembrava-lhe a escola, biologia e todas as coisas que detestava.

As salas de aula malcheirosas, como celas de prisão. Os professores esquisitos, que se divertiam embaraçando os alunos diante dos colegas — gente mesquinha, insignificante e bitolada, sem esperanças de melhorar de vida. Billy os detestava.

Havia mais de uma semana que não comparecia à escola, mas não se importava com o fato. Pouco lhe importava o que dissessem dele ou as providências que tomassem a respeito. De todo modo, que poderiam fazer? Ele já ia completar dezesseis anos e logo poderia largar os estudos — legalmente.

Não obstante, Billy sentia uma pontada de preocupação. A ocasião era pouco propícia, especialmente agora que sua mãe estava doente. Não lhe agradava aumentar as preocupações dela.

Mas, afinal, o que sabia ela realmente a respeito dele? O que ele pensava? Com que sonhava na vida? O que sabem realmente os pais? Tudo o que Carlotta sabia era que Billy tinha mania de carros. Até mesmo pilheriava a respeito disso com Cindy. Bem, Billy se interessava por algo mais que ferramentas e graxa. Não terminaria numa oficina. Tinha uma meta — um grande objetivo.

E os carros eram apenas um pequeno degrau para chegar até lá.

O olhar de Billy tornou-se distante. As mãos se imobilizaram na água ensaboada enquanto ele contemplava o futuro — um futuro ainda maior e melhor que o de Stu, tio de Jed. Ali estava um sujeito bem sucedido: com menos de quarenta anos, era o único proprietário da maior agência de automóveis usados de Carson. Um terreno de dois hectares e meio, com uma rotatividade fantástica de mercadoria. Por vezes, negociava mais de cem carros num único fim de semana. Tio Stu ganhava uma fortuna sentado à sua mesa, comprando e vendendo automóveis.

Sim, era aquele o caminho de Billy: possuir algum dia a sua própria agência. E não num local afastado como Carson, mas em Brentwood. Westwood, ou talvez mesmo em Beverly Hills.

Billy espiou pela janela. Através do chuveiro que riscava a vidraça, viu o ônibus azul dobrar a esquina. Ninguém desembarcou no ponto. Billy olhou o relógio. Quase seis horas.

Por que ela estaria demorando tanto? Ele esperava que nada lhe tivesse acontecido no ônibus — algo como uma daquelas crises de ver coisas imaginárias. Era horrível adoecer daquela maneira.

Billy sabia, por intermédio de histórias que escutara, que a moléstia alterava a personalidade da pessoa. Gente delicada e carinhosa se transformava em figuras sombrias, taciturnas e pensativas, perdidas nas sombras da casa, jamais saindo para o ar livre, até mesmo passando a cheirar mal. Isso era o mais horrível: não a doença, mas as alterações na pessoa. O indivíduo se tornava diferente, até mesmo detestável; a gente podia até querer afastar-se da pessoa que amava antes.

Billy afastou da mente tal ideia. Jamais deixaria a mãe, por pior que acontecesse.

Franziu a testa quando seus pensamentos gravitaram na direção de Jerry. Maldito pilantra. Tentava agir como se fosse importante. Percorrendo o país como um figurão de Las Vegas e voltando para passar uma noite, usando Carlotta como uma...

sim, como uma prostituta. Por que ela permitia? Que diabo via ela naquele sujeito? Qual seria a grande atração? Maldito cafajeste...

Um prato caiu no chão de linóleo.

— Merda!

Billy se abaixou para catar os cacos aguçados e frios.

Colocou-os num saco de papel e jogou o saco na lata de lixo junto ao fogão. Olhou o chão para ver se restava mais algum caco.

Um segundo prato se quebrou no linóleo.

— Cristo!

Que diabo estava acontecendo? Billy juntou apressadamente os cacos num jornal. Os pedaços de louça estavam frios como gelo. Pareciam leves, prestes a flutuarem. Jogou-os no lixo. Eles se partiram ruidosamente, saltando dentro da lata por alguns instantes. Billy firmou a tampa da lata.

— Billy!

Ele se voltou. Julie o espiava das sombras da sala.

— Que é?

— Olhe para mim!

Julie atravessou a porta entre a sala e a cozinha. Tinha os olhos arregalados como um duende. Os cabelos estavam eriçados.

— Por que diabo fez isso? — perguntou Billy. — Vá pentear-se.

— Não fui eu. Eles se eriçaram sozinhos.

Billy a encarou, aborrecido.

— Foi você, sim — declarou. — Agora, tá pentear-se. Não estou disposto a brincar e mamãe certamente também não estará quando chegar.

— Eu não...

— Julie!

Julie o fitou com expressão ofendida. Então, seus olhos faiscaram. Apontando para Billy, exclamou: — Está acontecendo com você, também!

Deu uma risadinha.

Billy levou as mãos à cabeça. Seus cabelos estavam eriçados, esticados.

— Parece um palhaço! — riu Julie.

— Maldita chuva — resmungou Billy. penteando-se.

— Continua engraçado.

Billy agarrou Julie pelo braço, arrastou-a até à pia da cozinha e molhou o pente, passando-o vigorosamente nos cabelos dela.

— Ai! Billy!

A porta da frente se abriu e Carlotta entrou. Parecia fatigada, os ombros caídos, a água da chuva escorrendo pelo rosto e o casaco. Os olhos pareciam perdidos nas sombras das olheiras profundas. Tentou sorrir, mas não conseguiu.

— Sinto muito chegar tão tarde, meninos. O doutor...

— Tudo bem, mamãe — disse Billy. — Comprei ravióli congelado. E leite, também.

Carlotta meneou a cabeça, num agradecimento cansado.

Tirou o casaco e sentou-se pesadamente à mesa da cozinha.

— Como está você, boneca? — perguntou a Julie.

— Muito bem — replicou Julie, percebendo o olhar de advertência de Billy.

— Kim e eu estávamos brincando.

— Muito bem, muito bem — disse Carlotta, sem prestar atenção.

Revia mentalmente uma interminável procissão de enfermeiras, médicos e técnicos de laboratório que a cercavam enquanto ela jazia sobre uma fria mesa forrada de couro, esperando sem saber por quê. Sentia-se satisfeita por estar em casa. As crianças davam-lhe forças. Contudo, estava cansada até os ossos, mal conseguindo concentrar-se na comida à sua frente.

Mastigou vagarosamente, quase sem perceber a comida. A escuridão da janela parecia aumentar. As meninas comiam avidamente o aipo, presente da horta da Sra. Greenspan. Carlotta debruçou-se para falar com elas quando, repentinamente, imobilizou-se.

— Escutaram isso? — sussurrou.

O garfo de Billy parou a meio caminho da boca. Aguçou os ouvidos.

— Não. O que foi?

— Embaixo da casa. Sob o chão.

Julie e Kim observavam Carlotta, imaginando que fosse uma brincadeira. Logo perceberam que não era.

— Não ouvi nada — declarou Billy.

Produziu-se um rangido nos alicerces.

— Ora, tenho certeza de que não foi imaginação — disse Carlotta, em voz um tanto aguda.

Saíram da casa. A água pingava do beiral do telhado, escorrendo pelas paredes e vidraças. No escuro, a chuva parecia faiscar estranhamente. A água se empoçava sob a casa, onde os alicerces se elevavam do solo lamacento.

Sob o chão pré-fabricado, papelão apodrecido e pedaços de corda molhada pendiam das vigas úmidas. Billy esgueirou-se pela estreita abertura; o facho da lanterna iluminou o encanamento e os blocos de cimento, pedaços de fiação e insetos.

— Não há nada aqui, mamãe!

Enfiou os pedaços de papelão apodrecido nos locais onde os canos se tocavam. Serragem caiu-lhe na testa. O suor lhe escorria pelos antebraços. Billy fez uma careta. Insetos andavam-lhe nos braços.

— Acho que foi embaixo do quarto! — disse Carlotta lá de fora.

Billy penetrou ainda mais no exíguo espaço escuro, afastando tijolos, molas metálicas e pedaços enferrujados de cano. Apoiou-se num suporte. Um raivoso gemido metálico percorreu a casa.

— Billy! Você está bem?

— Claro, mamãe! São os suportes do quarto!

Curvou-se, tentando ver onde os encanamentos e suportes se tocavam. Enfiou jornais velhos e pedaços de papelão nos espaços entre as juntas. Depois, apoiou-se outra vez no suporte.

Nada. Nenhum ruído. Um silêncio mortal na escuridão.

Depois de meia hora, a camisa de Billy estava ensopada, o rosto riscado de poeira e teias de aranha. Sujeira pegajosa aderira-lhe às calças, exalando um odor estranho, como o de limalha. Esgueirou-se com dificuldade pela abertura e abrigou-se sob o guarda-chuva que Carlotta segurava. A chuva caía em volta deles, produzindo um ruído constante, insistente.

— O que era? — quis saber Carlotta.

— Os canos de encontro ao suporte. Encostei-me no suporte e ele fez aquele barulho — explicou Billy.

— Então, o que encostou nele antes?

— Billy sacudiu os ombros, limpando as teias de aranha dos cabelos. O rosto bonito de Carlotta era suavizado pela luz distante da rua, que lhe iluminava obliquamente a testa. Ela tirou um pedaço de papelão do ombro do filho. Billy estudou detidamente o rosto da mãe, seus olhos, a expressão que parecia brotar do fundo deles. Começou a compreender a profundidade do que ela estava passando.

— É uma casa velha, mamãe — disse ele. — Provavelmente cedeu um pouco.

— Parecia que alguém estava entrando — replicou ela, nervosamente.

Billy riu.

— Como fede lá embaixo — comentou. — Um rato morto. Algo podre.

Entraram em casa. Billy tomou banho e trocou as roupas.

Tudo estava diferente. A casa mudara. Já não estavam sozinhos nela.

Carlotta beijou as meninas na cama. Viu Billy ir para o quarto. Não conseguia libertar-se da inequívoca impressão de que agora as coisas

estavam diferentes. A atmosfera parecia mais densa, alterada de algum modo.

Apagou todas as luzes, menos uma. Tirou a saia e a blusa. O médico lhe aconselhara dormir o máximo possível. Agora, isso não era problema. Sentia-se pesada como chumbo. Enfiou-se por entre os lençóis e fechou os olhos.

Relaxou-se vagarosamente. A fadiga, como um entorpecente, tornava-lhe os membros ainda mais pesados, os pensamentos ainda mais lentos. As impressões da casa se afastaram cada vez mais. Só o aparelho de aquecimento fazia barulho a intervalos.

Sombras passavam-lhe rapidamente pelas ideias. Sombras peculiares, distorcidas e raivosas.

Carlotta aprofundou-se em seu próprio íntimo. Pessoas que ela conhecera, coisas que fizera, erguiam-se a seu redor — em silhuetas retorcidas, procurando por ela. Foi dominada por imensa lassidão. Sabia, que a procuravam. Nos corredores, nos quintais desertos, alguém a procurava. Ela viu o rosto dele, delineado por luzes estranhas. Ele a avistou e avançou para ela, sorrindo... chamando-a pelo nome...

— Carlotta! — disse Franklin Moran. — Bem, o que acha? Não é muita coisa, mas é nosso!

Agora, estavam legalmente casados. Carlotta olhou o minúsculo quarto, uma enorme cama encostada sob as janelas, uma pequena cozinha que dava a impressão de querer tomar o lugar da cama.

— Venha cá, boneca! — chamou ele. — Vamos comemorar!

— Meu Deus, Franklin! São duas e meia da tarde...

— Ha ha ha ha ha ha!

Ele a jogou brincalhonamente sobre a cama. Carlotta tinha apenas dezesseis anos. Às vezes, as mãos dele se tomavam rudes com ela. O rosto rude, já vincado por rugas, quadrado e duro, ficava estranho aos olhos dela, quase a amedrontando.

— Oh, boneca — suspirou ele mais tarde. — Você é mesmo uma boa...

— Shhhh! Não diga isso.

Ele sorriu. O peito musculoso subia e descia regularmente à luz dourada do sol. Em ocasiões assim, ela o amava loucamente.

Amava-lhe a vitalidade, a auto-suficiência, a coordenação muscular e rapidez de movimentos.

— Está bem — sorriu ele, dando-lhe leves palmadas. — Mas é verdade. Você é mesmo.

Havia duas janelas, ambas com vidraças rachadas. Era verão e as persianas estavam fechadas. Apesar do escuro, fazia um calor impiedoso. Franklin gostava de usar apenas cuecas. Lá de fora vinha o barulho de martelos, maçaricos de soldar e um rádio que nunca parava de tocar.

— Gosta daqui, hem, boneca? — perguntou ele. — Mil vezes melhor que Pasadena, não é mesmo?

— Sim. Eu já lhe disse.

— Então, por que parece tão triste?

— Não estou triste. Só...

— O quê?

— Nada. Dinheiro. Como vamos arranjar dinheiro?

— Não se preocupe — disse ele, rindo. — Alguma vez deixei você na mão?

— Não, mas...

— É melhor acreditar em mim — declarou ele, os olhos faiscando.

Carlotta percebeu que seria melhor ficar calada. Quando estava satisfeito, Franklin perdia prontamente a calma se alguém o contrariasse.

O banheiro ficava por detrás de um depósito de bujões de gás acetileno, no andar térreo. Para chegar lá, Carlotta era obrigada a passar entre as prateleiras e montes de estopa, tendo que aturar os olhares dos dois mecânicos. Precisava bater na parede antes de dobrar a esquina, porque às vezes eles usavam o banheiro sem fecharem a porta.

Então, ficou grávida e a barriga cresceu.

— Ei, filha do pastor — chamou Lloyd, o mecânico que usava um gorro de lã. — Tem certeza de que nunca foi beijada?

— Ela tem apenas dezesseis anos? — perguntou o mecânico mais baixote.

— Franklin arranhou mesmo uma vagina nova — Carlotta escutou Lloyd comentar.

Subiu depressa a escada. Fazia três meses que deixara Pasadena em companhia de Franklin. Na época, parecera-lhe uma aventura. Mas os dois mecânicos lá embaixo a amedrontavam e pareciam arrastar até mesmo Franklin para a lama que ameaçava tragá-la.

O trabalho de Franklin era arranjar peças usadas de qualquer maneira possível. Então, eles reconstituíam as peças dos automóveis e vendiam-nas como novas. Precisavam avaliar rapidamente o freguês em perspectiva e calcular quanta encrenca este poderia lhes causar.

À medida que o ventre de Carlotta se dilatava, ela permanecia cada vez mais dentro do quarto. A doença confinava-a à cama por períodos cada vez mais prolongados. Franklin começou a mostrar-se inquieto. Queria sua pequena de volta. Ela não o satisfazia; recusava-se a ter relações de qualquer outro modo que não fosse o que agora estava impedida de praticar.

— Ei, — dizia Franklin, procurando persuadi-la. — Venha cá, boneca.

— Não. Eu não posso.

— Por que não?

— O médico disse.

— Foda-se o médico. Você não está tão grávida a esse ponto.

— Estou. Posso não parecer, mas estou.

— O que há com você, afinal? Não era assim.

— As coisas mudaram, Franklin...

— Mudaram com o diabo.

De algum modo, era um alívio ficar separada dele por aquele motivo. Todavia, quando ele tirava a roupa à luz dourada que se filtrava através das persianas, Carlotta não conseguia deixar de apreciar-lhe o corpo. Os ombros

musculosos, o pescoço forte, a cabeça quadrada. As pernas eram compridas em relação ao torso, as mãos grandes e fortes, os órgãos genitais volumosos e pesados. Ela gostava de acariciar-lhe o peito, apreciando a mudança que isto causava nele.

Contudo, a gravidez era penosa para ela. O médico disse que ela deveria ter esperado ao menos mais dois anos. Sentia-se invadida, inchada por dentro. Tinha a impressão de estar-se transformando em algo diferente. Às vezes, não suportava ser tocada.

Paulatinamente, Franklin tomou-se cada vez mais irritadiço.

Carlotta passou a quase ter medo dele. Ocorreu-lhe que ele conhecia outras moças. Não obstante, que podia ela fazer?

Certa noite, ele entrou cambaleando.

— Filha do Pastor Dilworth — disse ele. — Gostaria de mostrar-lhe uma coisa.

Carlotta percebeu imediatamente que Franklin estava bêbado. Ou pior que isto.

— Você está embriagado — replicou, enjoada.

Franklin despiu-se, orgulhoso da ereção que exhibia.

— Que tal isso, hem? — perguntou, cambaleando. — Hem?

— Veja em que estado se encontra. Nem consegue falar direito.

— Venha, boneca. Quero que você e eu...

— Deixe-me em paz. Acha que vou tomar essa coisa quando estou com oito meses de gravidez? É isso que você pensa?

— Oh, meu Deus — disse ele, tropeçando pelo quarto e derrubando um abajur. — Casei-me com uma mulher frígida.

Carlotta recostou-se na parede. Pela primeira vez, sentiu repulsa ao ver o marido sentado na cama, nu, pronto para fazer amor. Era algo grotesco e repulsivo. De repente, teve vontade de voltar para casa. Mas já não existia lar para ela.

— Venha cá, Carlotta — choramingou ele.

— Não, não posso. Deixe-me em paz...

— Jesus — disse Franklin, deitando-se repentinamente no chão.

Puxou o cobertor da cama, cobrindo os ombros.

— Frígida — balbuciou. — Ela é frígida, Franklin. Pobre Franklin.

Gradativamente, caiu num sono profundo. Carlotta sentiu a vida se mexer em seu ventre. De súbito, também aquilo lhe pareceu grotesco. Estava presa numa arapuca. Sua vida inteira fora espremida, até não haver mais futuro.

Em frente à oficina passava uma estrada empoeirada, e, do lado oposto, o leito seco de um rio canalizado: uma vala de concreto com cerca de vinte metros de largura. As margens também eram forradas de concreto. A única água que ali escorria era um filete cor de limo ao longo do centro. Era ali que Franklin ganhava dinheiro. Aos sábados, apostavam corridas de motocicletas por um prêmio de cinquenta dólares e Franklin geralmente vencia. A única preocupação era com a polícia.

Um dia, dois guardas vieram procurar Lloyd, que era suspeito de traficar anfetaminas. Trouxeram um mandado de busca e apreensão. Lloyd permaneceu junto ao torno, girando a alavanca, enquanto a polícia dava busca nas gavetas. Havia uma infinidade de gavetas, armários e arquivos, sem mencionar porcas, parafusos, peças e estopa em latas à prova de fogo.

Carlotta, deitada na cama, escutava as vozes.

— Vamos ver o que há lá em cima — disse um dos patrulheiros.

— Acho melhor não — replicou Franklin. — Só têm mandado de busca para a loja.

— Temos mandado de busca para este endereço, garoto.

Franklin se postou diante deles.

— Afastem-se de minha casa, seus bastardos!

Carlotta ouviu um guarda dizer ao outro: — Não gostei do que ele disse. E você?

— Nem um pouco. Escute, vagabundo: vai abrir a porta ou serei obrigado a usar sua cabeça como marreta?

Lá dentro estava úmido, escuro, com cheiro de cerveja azeda. Roupas, garrafas, cinzeiros tombados, restos de comida cobriam o chão. Da cama,

Carlotta podia avistar os guardas, que procuravam adaptar os olhos à escuridão.

— Quem é ela?

— Minha esposa.

O policial empurrou a porta com o cassetete. Sobre a cama, banhada de suor, trêmula, Carlotta sentou-se, recostando-se na cabeceira.

— É apenas uma criança.

— Que posso eu fazer a respeito?

— Você também a viciou em mesalina?

— Ela está grávida.

O segundo policial entrou no quarto, ajustando os olhos ao escuro. Sorriu para Carlotta que, embora se esforçasse, não conseguiu corresponder ao sorriso.

— Franklin? — perguntou ela. — O que há de errado? Por que a polícia está aqui?

— Nada, madame — disse um dos guardas. — Temos um mandado de busca, Não a incomodaremos.

— Acho que devemos levá-la a um hospital, Roy — disse o outro patrulheiro.

O segundo policial se aproximou da cama, examinando o rosto de Carlotta, os olhos dilatados, as feições contraídas num espasmo de dor.

— Chame uma ambulância — disse ele.

— Ela é *minha* esposa! Vai ter o filho aqui!

— Cale a boca, garoto.

— Está tudo bem, Franklin — interpôs Carlotta, com voz fraca. — Não brigue com eles.

Viu Franklin furioso entre os dois policiais. Percebeu que estava sendo carregada para algum lugar. Teve a impressão de vê-lo numa ambulância, mas não tinha certeza de coisa alguma.

Ouviu o gemido de sirenes ao seu redor.

Franklin segurava a criança acima da cabeça. O quarto cheirava a fraldas sujas e vômito.

— Meu Deus — disse ele. — Fui eu quem fez isto?

— Não o fez sozinho, é claro — replicou Carlotta.

— Fiz a parte mais importante.

Esfregou o nariz na nuca de Carlotta.

— Estou apenas brincando — disse.

— Ei! O que está fazendo? Estou amamentando o bebê!

— Ora, ele só pode usar um seio de cada vez, não é mesmo?

— Franklin... será que você nunca vai crescer?

De repente, o sorriso de Franklin se congelou no rosto.

Compreendeu naquele momento que os três quilos de carne buliçosa e indefesa no colo da esposa se haviam interposto entre os dois. Para sempre. Carlotta fora tão animada, tão cheia de vivacidade, alguém que ele selecionara um ano antes como uma pessoa especial. Agora, estava coberta de cheiro de bebê. O quarto todo fedia a bebê. O pesadelo de ficar preso àquele quarto o apavorou.

— Aonde você vai? — quis saber Carlotta.

— Aonde não haja cocô de criança — disse Franklin da porta.

— Nem filhas de pastor, nem policiais, nem... nem nada!

Bateu a porta atrás de si. Carlotta sabia aonde ele ia: tomar bolinhas — anfetaminas. Era aquilo que o fazia ficar animado. Ela detestava vê-lo com os olhos faiscantes, os movimentos rápidos e espasmódicos, o senso de humor distorcido.

Tornava-se rude com Carlotta quando esta não conseguia entregar-se a ele. Depois, mostrava-se gentil. Queria que ela se entregasse, queria de volta aquela mesma garota que costumava dormir com ele nas praias, que andava na garupa de sua moto pelas ruas de Pasadena, escandalizando todos os caretas, fazendo os velhos carecas esbugalharem os olhos de cobiça. Mas ela lhe escapara por entre os dedos. Algo se tornara definitivamente diferente. Por mais que ele se esforçasse, tudo acabara. E Carlotta só conseguia permanecer sentada, observando silenciosamente a destruição de

seu relacionamento.

Franklin tornou-se dependente de tóxicos. Seu sistema nervoso estava sendo destruído. Perdeu dez quilos em apenas alguns meses. De alguma forma, Carlotta pusera-lhe diante dos olhos um espelho no qual ele vira a superficialidade de sua própria alma e se enojara dela.

O dinheiro ficou curto. Franklin ganhava cada vez menos corridas, arriscando-se cada vez mais; passou a traficar tóxicos.

Afastou-se mais e mais de Carlotta, permanecendo até tarde nos bares, bebendo cerveja e pilheriando com as garotas, enquanto suas olheiras se tornavam mais fundas. Quando o outono chegou e o clima frio e poeirento ficou seco e abrasivo, Carlotta começou a desejar desesperadamente poder fugir dali.

— Você vai em cana! — gritou ela. — Que faremos, então?

— Não vou em cana.

— Cresça, Franklin! Você não é a única pessoa nesta casa!

Franklin foi à geladeira e pegou uma lata de cerveja.

— Misture cerveja com bolinhas e acabará num...

— Maldito buraco escuro e fedorento! — berrou ele de repente, com os olhos marejados de lágrimas. — Eis aí o que você é! Nunca passou disso!

Carlotta o encarou com os olhos cheios de ódio, trêmula da cabeça aos pés, desejando que ele morresse. Franklin retribuiu-lhe o olhar, irremediavelmente entregue ao próprio desespero.

— Que aconteceu a você, afinal? — gritou ele ainda mais alto. — Era realmente uma boa garota e...

— Tudo terminou, Franklin! Será que não consegue enfiar isso na cabeça? O período de diversão acabou! Billy...

— Que se foda o bebê... Quem me dera ele nunca ter nascido...

— Quem me dera *você* nunca ter nascido! Eu gostaria que...

De súbito, fez-se silêncio no quarto. Carlotta, com Billy no colo, fitou Franklin. O sol delineava os braços finos e a cabeça quadrada numa aura

dourada. Assim, em silhueta, ele era adolescente aos vinte e cinco anos de idade. Consumira-se tentando permanecer jovem e nada viera dar-lhe substância por dentro. Pelo que Carlotta sabia, ele já estava morto.

— Maldita vagina fedorenta! — berrou Franklin.

Explodiu num acesso de fúria. Jogou a lata de cerveja na parede, derramando a bebida sobre ambos. Arrancou as persianas. Com um pontapé, atirou uma cadeira para a outra extremidade do quarto e tornou a chutá-la, repetidamente, até quebrá-la de encontro à porta.

— Merda... merda de vida! — gritou, chorando.

Mais uma vez, o quarto ficou repentinamente em silêncio.

Carlotta continuava a segurar Billy no colo. Franklin voltou-se lentamente, apontando-lhe o dedo, fitando-a nos olhos amedrontados e escuros.

— Você me pagará por isto — disse em voz baixa. — Vai saber o que fez comigo.

Encaminhou-se à porta. Parou, encarando Carlotta outra vez.

Parecia prestes a chorar novamente.

— Vou lhe mostrar, Carlotta — declarou. — Vou lhe mostrar.

Saiu desajeitadamente, batendo a porta.

Carlotta sentou-se na beira da cama, chorando. Naquela idade, não sabia o que uma mulher dava a um homem, enchendo-o internamente de confiança, de amor pela vida. Muito mais tarde, veio a descobrir. No momento, porém, com Billy no colo, só conseguia odiar Franklin, desejar vê-lo longe, muito longe de si. Rezava apenas para poder começar tudo de novo.

Franklin não voltou naquela noite. Nem na seguinte. No terceiro dia, Carlotta perguntou por ele aos mecânicos. Os olhos de Lloyd brilharam para ela, examinando-lhe os contornos sob a blusa. Franklin fora correr de motocicleta, algo que desejava mostrar a todos eles. Não, Franklin não estava sóbrio. Carlotta subiu de volta ao quarto e trancou a porta.

Na quarta noite, Franklin também não apareceu. À meia-noite, Carlotta foi à janela chamar Richard, que ergueu os olhos de seu trabalho no torno. Não;

Franklin não telefonara.

Carlotta passou a noite sozinha, trêmula. Tinha a inequívoca premonição de que algo terrível acontecera. Não conseguia afastar tal ideia da cabeça. Acordou, alagada de suor, sem que alguém a chamasse. Não veio notícia de parte alguma.

No quinto dia, ao cair da tarde, ela teve certeza de que havia algo errado. Richard e Lloyd estavam parados na estrada poeirenta, muito pálidos, quase cinzentos. A intervalos, lançavam olhares à janela do apartamento. Finalmente, Richard galgou os degraus de madeira. Bateu devagar. Carlotta hesitou por longo tempo. Então, abrindo caminho por entre a desordem, abriu a porta.

— Franklin morreu — anunciou Richard, embaraçado.

— O quê?

— Ele está morto.

— Você está passando mal, Richard. Que tipo de brincadeira é essa?

— Não. É verdade. Ele quebrou a espinha...

A dormência se espalhou pelos membros de Carlotta. Por pior que fosse, sua vida mergulhou num abismo ainda mais profundo. Viu Richard através de um túnel escuro, mal compreendendo o que ele dizia.

— Franklin se arriscou demais... Não costumava agir assim. Ele estava... ficando maluco...

— Richard...

Ele a amparou. Carlotta deu-se conta de que desmaiara.

Richard carregou-a até uma cadeira. Ela sacudiu a cabeça, tentando livrar-se do pesadelo. Todavia, quando abriu os olhos, viu Richard ajoelhado diante dela, com os cabelos desganhados.

— Ele saiu rolando! — chorava Richard. — Não parava nunca de rolar!

Carlotta teve a impressão de que seu corpo estava recheado com pedras. Jovem demais para saber como proceder, sentia-se atirada em águas profundas e escuras. O quarto lhe parecia obscuro, suspenso no vácuo.

— Oh, meu Deus! Não chore, Richard. O que vou fazer?

Pôs-se de pé, hesitante, correndo os olhos pelo quarto, vendo a desordem em que se transformara sua vida. Não suportava a ideia de Franklin ser sepultado. Seria o sepultamento de tudo em que ela um dia acreditara. Enfiou algumas roupas numa mala. Tomando Billy nos braços, passou um último olhar pelo minúsculo e úmido apartamento, que agora tinha o cheiro peculiar do outono, com mofo por toda parte. Recuou, saindo para o patamar de madeira, e fechou a porta. Fechou-a sobre Franklin. No quarto imperavam os maus cheiros de anfetaminas, mescalina e haxixe. Rachaduras nas paredes e por baixe do tapete manchado. Por detrás daquela porta ficavam a partir de agora as discussões, gritos, ódios e acusações ciumentas. Tudo ficava lá dentro, trancado, abandonado para trás. Surgira uma repentina oportunidade de ser livre.

— Richard — disse Carlotta. — Leve-me a Pasadena.

Richard ergueu os olhos.

— Tem certeza?

— Absoluta. Entre no carro.

Assim, Carlotta voltou às propriedades ondulantes ao longo do Bulevar Orange Grove. Desta vez, tinha um bebê. A família sentava-se à mesa de jantar, como outrora. E as manhãs de domingo eram como antes. Mas Carlotta não falava com os pais.

E eles detestavam o bebê. Queriam que ela o entregasse em adoção. Depressa. Em seus sonhos, porém, Carlotta ainda se lembrava de Franklin. Ele subia o bulevar para bater à porta da casa, tão jovem e, não obstante, tão rude. Desejava falar com Carlotta. Mas estava morto. Em algum lugar, ela via a motocicleta capotando sobre os tambores de óleo que marcavam a orla da pista. Franklin rolava interminavelmente, preso à máquina que o arrastava pelo chão, sempre rolando. Então, ela passou a sonhar apenas com o apartamento malcheiroso, uma espécie de violência que ocorria num longínquo quarto escuro. Depois, Franklin lhe desapareceu por completo da memória, deixando um estranho vácuo, até que cessou totalmente de existir.

O chão estremeceu.

Carlotta, profundamente adormecida, sentiu mais que ouviu um esquisito rumor metálico. Percebeu que não se tratava de terremoto. Abriu cautelosamente os olhos.

A parede dava a impressão de brilhar. Um solitário apito de trem ecoou na escuridão. Carlotta ergueu-se vagarosamente do sofá. Um brilho pairou de encontro à parede, moveu-se e, depois, escorregou ao longo da superfície, em direção à janela. O trem urrou ferozmente, como um enorme animal ferido.

— Billy! — sussurrou ela.

Não houve resposta.

Carlotta espiou o corredor. Estava escuro. Billy devia estar dormindo, ou ainda se encontrava na garagem. Carlotta recuou para a parede oposta, afastando-se da luz.

— Billy!

A zona de luz estremeceu, distendendo-se. Chegara à janela.

O abajur em cima da mesa estava aceso. Por detrás dele, o retângulo de luz se imobilizou, um metro acima do chão.

— Meu Deus! — murmurou Carlotta.

A lâmpada explodiu, mergulhando a sala em escuridão. Um brilho azul começou a formar-se, até pairar sobre a armação de arame do abajur quebrado. Mudava constantemente de formato, como uma bola de geléia luminosa na sala negra.

Carlotta gritou.

As duas luzes se fundiram, formando uma espécie de fluxo verde entre a parede e a mesa, enchendo a sala com um brilho fantasmagórico. Carlotta viu as próprias mãos refletirem a luz fria.

Então, juntas, as duas luzes se dissiparam lentamente.

Tornaram-se fracas, transparentes. Afinal, sumiram. Fez-se total escuridão.

A porta de Billy se abriu, batendo na parede.

— O que é, mamãe?

Carlotta viu-se colada à parede oposta, incapaz de falar, a testa úmida de suor frio.

— Onde está você, mamãe? Não consigo vê-la!

Carlotta virou-se, trêmula, e olhou para o corredor. Divisou o vulto indefinido do filho.

A luz do teto se acendeu e ela avistou Billy, que piscava contra a repentina claridade.

— O que foi, mamãe? Aconteceu novamente?

— Nada aconteceu.

— Escutei um baque.

— Foi o abajur.

Carlotta recuperou-se do choque a tempo de ver Billy estender a mão para o abajur quebrado no chão.

— Não toque nisso!

Ele catou os pedaços.

— Está *frio* — comentou.

Carlotta sentiu um súbito arrepio de frio. Estremeceu.

— Passe-me o cobertor, por favor, Billy.

Ele ajeitou o cobertor sobre os ombros da mãe.

— Quer que eu telefone para a clínica?

— Não. Estou bem, agora.

Billy pareceu hesitar, repentinamente embaraçado.

— Tem certeza?

— Sim. Estou bem. Agora, vá dormir.

— Tem certeza?

Billy foi para seu quarto e deixou a porta aberta. Carlotta tentou dormir sentada numa poltrona, embrulhada no cobertor, olhando para o abajur quebrado no chão.

Sneidermann acendeu o cigarro de Carlotta e recolocou o isqueiro no bolso. Parecia mais calma agora do que ao entrar. Era inteligente. Sneidermann agora sabia que o QI dela era 125. Os olhos negros de Carlotta acompanhavam cada movimento do médico, sem saberem no que acreditar. Sneidermann falava num tom muito tranquilo e objetivo — uma técnica para reduzir a ansiedade da paciente.

— Todos chegam, mais cedo ou mais tarde, a uma situação que chamamos de pânico — disse ele. — Quando seu carro bateu, por exemplo. Você me contou que tudo pareceu pairar no espaço antes do impacto. É um modo típico de experimentar pânico.

— Sim. Lembro-me.

— Ora, quando você acordou no meio da noite, estava em pânico. Bem, é a mesma coisa. Sua mente funcionava com incrível rapidez. E muita percepção. Assim, tudo parece acontecer devagar.

Carlotta inalou fundo. Seus olhos tinham o brilho de quem não acredita no que lhe estão dizendo. Não obstante, Sneidermann percebeu que por detrás daquela fachada ela estava ávida por qualquer espécie de encorajamento.

— Lembra-se do que me contou? — perguntou ele, — Disse que houve um barulho.

— Não. Creio que gritei.

— Antes disso.

— Não me lembro.

— Pense bem. Contou-me logo que chegou hoje: um barulho quando as luzes se apagaram.

— Foi um animal. Muito longe.

— Não. Você o descreveu como algo diferente.

— Disse que parecia triste, solitário, como o apito de um trem.

— Exatamente.

— Ora, vamos, Dr. Sneidermann! Nem mesmo o senhor acredita nisso.

— Consideremos como uma possibilidade. Não se esqueça de seu estado de espírito.

Carlotta sacudiu os ombros.

— Está certo — concordou ela.

— Você foi acordada por esse barulho estranho: um rumor subterrâneo. Sua mente disparou, os pensamentos passando por ela com a velocidade da luz.

— E daí?

— Foi assim que você descreveu. Foram essas as palavras que usou ao chegar aqui hoje.

— Muito bem. Prossiga. Estou escutando.

— Os trens são comuns em West Los Angeles?

— Não. São raros; muito raros.

— Está vendo? Uma vez na vida, outra na morte. Saem das fábricas, presumo.

Sneidermann observava Carlotta. A fé e a descrença lutavam pelo domínio da mente dela.

— Então, surge o brilho — concluiu o médico. — Um bizarro retângulo luminoso de encontro à parede. Claro que é um retângulo, pois entra pela janela.

— Mas mudou de formato.

— Uma curva nos trilhos.

— E a luz azul?

— O abajur estava na beira da mesa. O trem sacudiu o chão.

O abajur caiu, quebrando-se; produziu um clarão azulado e se apagou. Ora, em seu estado de percepção, tudo se passou bem devagar, estendendo-se no tempo. *Você teve a impressão* de que o brilho azul pairou no ar por muito tempo. Na realidade, foi apenas uma fração de segundo, é claro.

— O senhor é muito convincente.

— Lembra-se de como o vidro pareceu partir-se muito devagar quando seu carro bateu no poste telefônico? Na verdade, tudo aconteceu num centésimo de segundo. Sua mente lhe fez parecer o contrário.

Sneidermann sorriu, acrescentando:

— Acha que estou criando ficção científica?

— Não.

— Eu não estava lá com você. Todavia, o que acabo de sugerir não é uma explicação plausível?

— Suponho que sim.

— Ora, ser invadida por entes do espaço é uma segunda explicação. Qual delas lhe parece mais razoável?

Carlotta suspirou, convencida. Não havia necessidade de responder.

— Naturalmente, agora tudo faz sentido — disse ela. — Agora, consigo raciocinar com clareza. Aqui, com o senhor. Mas quando alguma coisa acontece lá, é como se fosse um mundo diferente.

— Compreendo, Carlotta. Mas você não deseja viver num mundo irreal.

— Não; claro que não. Todavia, o que acontece se eu não *agir* racionalmente? Entende o que quero dizer? E se eu atirar alguma coisa nas crianças, por exemplo? Pensando que elas sejam algo diferente...

Sneidermann meneou afirmativamente a cabeça.

— Sei aonde você quer chegar — disse ele. — É claro. Contudo, posso dizer-lhe que acredito que isso não acontecerá.

— Por que não?

— Existe uma explicação médica. Eu poderia defini-la assim: seu caso não é do tipo em que você tomaria por algo diferente uma coisa tão importante como seus filhos.

Carlotta endireitou-se na cadeira, alisando a saia. Era um gesto que costumava fazer quando raciocinava com muito afinco. Já se habituava a absorver-se nos próprios pensamentos enquanto o Dr. Sneidermann esperava; estava acostumando-se às regras básicas das consultas. Afinal, disse: — Se minha mente tem esse poder de fazer-me ver e sentir coisas que não existem, ou existem apenas pela metade... isso me causa arrepios. Tenho a sensação de que algum demônio está com Carlotta na palma da mão, zombando dela.

A psicose era o pior caminho a enfrentar, refletiu Sneidermann — um

trabalho longo, árduo; um inferno constante.

Aquelas alucinações indicavam diretamente episódios nitidamente psicóticos. Agora, porém, recostado na poltrona em seu apartamento, ele via muitas indicações que lhe davam melhores esperanças.

Em primeiro lugar, agora dispunha do histórico médico de Carlotta Moran. Não houvera tratamentos anteriores por qualquer tipo de perturbação psicológica. Não é impossível que a esquizofrenia brote repentinamente aos trinta e dois anos de idade, mas as probabilidades são contrárias. Normalmente, sempre surgem vestígios por volta dos vinte e poucos anos.

O estudo da última entrevista também dava esperanças a Sneidermann. A distorção perceptiva do farol do trem resultava de uma situação emocional altamente carregada. Isto era mais característico da histeria e não da psicose.

Era verdade que Carlotta tinha uma sensação de irrealidade a respeito de si mesma. O alheamento da realidade é uma indicação crucial de psicose. Não obstante, após acalmar-se ela parecia reagir às perguntas dele com total sentido do ego. Não se mostrara genuinamente preocupada com os filhos no final da sessão? Isto significava que as tais sensações de irrealidade eram atributos dos ataques e não uma dissociação permanente.

Quanto mais Sneidermann consultava os livros empilhados em sua mesa de trabalho, mais verificava suas próprias anotações das entrevistas com Carlotta, mais procurava indícios de um panorama geral preliminar, melhor lhe parecia a situação.

Não tinha Carlotta até mesmo reclamado de peculiares sensações *interiores* durante os ataques? Isto também constituía um sintoma de histeria e não de psicose.

A porta se abriu e Jim entrou. O companheiro de quarto de Sneidermann exibiu um sorriso amistoso e começou a amontoar coisas numa valise.

Sneidermann o observava. Sendo o único judeu num alojamento de homens altamente competitivos, a maioria dos quais se especializava em cirurgia, clínica geral ou odontologia, Sneidermann mantinha-se cortês e amistoso, mas reservado.

Dentre todos os residentes do primeiro ano, só alguns poucos eram convidados a participarem da equipe permanente — um objetivo visado por

ele. Portanto, Sneidermann abstinha-se da vida social da Califórnia Meridional e concentrava seus esforços em chegar ao topo da classe. As horas de lazer e diversão ao sol não passavam para ele de uma visão agradável através da janela.

— Jim... você não está escalado para o turno de final da tarde no próximo semestre?

— Dentro de três semanas. Por quê?

— Quer trocar comigo?

— Ficou maluco? Claro que troco. Qual é o motivo?

— Nada demais. Gosto dos pacientes daquele turno.

— O problema é seu. Negócio fechado.

— Muito obrigado.

Jim fez um aceno, com um largo sorriso, e saiu. No corredor havia moças empunhando raquetes de tênis, rindo com seus namorados. Sneidermann fechou mansamente a porta.

Quanto mais pensava em Carlotta Moran, mais se sentia intrigado por ela. Não conseguia afastá-la do pensamento.

Sentou-se. Então, inquieto, tornou a levantar-se e começou a andar de um lado para outro.

Temores, sim; mas não fobias. Os temores de Carlotta concentravam-se em torno de algo bem específico. Obsessão?

Compulsão? Absolutamente nenhuma. Sneidermann folheou os livros de consulta, fazendo anotações. Carlotta também não apresentava depressão. Talvez posteriormente, mas no momento não havia depressão. Ansiedades? Certamente. Usando de leve o lápis, escreveu no pé da página de anotações as palavras “neurose histérica”. Parou, refletindo cuidadosamente.

Neurose porque era controlada inconscientemente e Carlotta detestava o fato. Histérica porque os indícios e sintomas começavam e terminavam em períodos de emoções intensas, com matizes sexuais. Então, a paciente se acalmava. Uma vez acalmada, seus processos mentais pareciam normais.

Sneidermann esfregou os olhos. Seus pensamentos prosseguiram quase por si mesmos.

De algum modo, Carlotta era como um daqueles prédios existentes nas zonas pobres de Los Angeles: apesar de alguma falha na construção, permanecem de pé dez, vinte anos, sem apresentarem problemas. Então, ocorre um leve tremor de terra.

Todas as demais construções continuam firmes, mas aquela desaba numa nuvem de poeira e escombros, deixando à mostra as vigas nuas do que antes fora uma construção estável.

Qual era o problema? E por que surgira agora?

Sneidermann tentou concentrar-se em seus outros casos.

Experimentou escrever uma carta para casa. Não conseguiu.

Afinal, enfiou numa sacola um par de tênis e um agasalho de exercício, foi para o ginásio e passou uma hora batendo bola contra a parede.

20:16 horas — 11 de novembro de 1976

Uma sombra inexprimível baixou sobre a modesta casa da rua Kentner, envolvendo-os todos como uma névoa negra, dia e noite. Parecia que nada seria capaz de romper aquele nevoeiro que os isolava da realidade. Tudo lá fora — um carteiro, uma criança andando de *skate* — era distante, afastado da caverna em que se achavam, irremediavelmente longínquo e ilusório.

A televisão estar ou não ligada, a presença ou não de Billy na casa, o que Carlotta fizesse — nada fazia diferença. Já não estavam sozinhos na casa.

Na noite de 11 de novembro, Carlotta sentou-se no sofá, remendando calças e camisas das crianças. As meninas estavam deitadas no chão, colorindo cadernos. Billy remexia numa cesta de meias limpas, à procura de um par.

— Diabo — disse Carlotta.

Billy olhou para ela.

— Veja aquilo lá em cima — sussurrou ela.

Billy virou-se. Uma fenda se formara no teto. A massa esfarinhada caía sobre o tapete.

Todos observaram, transfixados — pois a fenda crescia, cada vez mais comprida, num desenho semelhante a uma cobra.

Então, parou. O teto ficara riscado por um desenho escuro, incompleto, e a massa escorria da fenda como farinha de trigo.

— Jesus — murmurou Billy por entre os dentes trincados.

Afinal, Carlotta baixou os olhos do teto. A casa parecia tão frágil e a noite todo-poderosa.

— Aquilo significa alguma coisa, Billy? — sussurrou Carlotta.

— Não. É só uma fenda. Rachaduras.

— Meu Deus — disse Carlotta. — Parece tão...

O pensamento permaneceu incompleto em seu cérebro. As meninas estavam perdidas no labirinto de medo.

— Mamãe — segredou Julie. — Tem alguém na janela.

Carlotta se voltou depressa.

— Onde?

A mais negra das noites refletia sua imagem na vidraça, a mão na garganta, pronta para fugir dali.

— Não sei — respondeu Julie, hesitante.

— O que quer dizer com não sei? — sibilou Carlotta, mantendo o olhar fixo nas duas janelas da parede oposta.

— Eu...

Billy foi à janela. Debruçou-se para a vidraça, com as mãos em copa para eliminar o reflexo nos olhos. De repente, gritou e abriu as vidraças, gesticulando com os braços. Silêncio mortal.

Billy debruçou-se para fora. Só o barulho dos grilos.

— Ela estava apenas assustada — disse ele, virando-se para Julie. — Ouça, Julie — acrescentou severamente. — Não estamos brincando. Entende? Mamãe não quer escutar nada, a menos que seja real. Está certo? Isso é muito importante.

— Eu não estava brincando — disse Julie.

Carlotta estremeceu. Foi até o termostato.

— Ora, Julie — disse Billy em voz baixa. — Você viu mesmo alguma coisa, ou não? Estava brincando, não é? Não foi invenção sua?

— Eu... não sei...

— Billy — chamou Carlotta.

O termostato se movimentava loucamente. O mostrador se revolia visivelmente no invólucro metálico, de um lado para outro, dobrando-se lá dentro. Billy parou atrás de Carlotta, espiando por cima do ombro dela. Estendeu a mão para o aparelho.

— Não! — advertiu Carlotta.

Billy se deteve, recuando a mão.

— Não sei — declarou. — Não conheço bem mostradores de temperatura. Não é o aquecedor, que está firme. Talvez a braçadeira metálica interna tenha derretido, ou apodrecido...

— Metal não apodrece.

— Corrói-se. Você sabe o que quero dizer. Aquela pecinha lá dentro pode ter feito isso.

— Que quer dizer com *pode ter feito*?

— Fica maluca quando se quebra. É só o que eu quis dizer.

— Bem, agora parece firme — disse Carlotta. — Está vendo?

O ponteiro do mostrador estabilizou-se em vinte e dois graus, baixou um pouco e logo voltou à posição.

— Acho que agora está funcionando. É o normal, não? Vinte e dois graus?

— Feche as janelas, Billy — disse Carlotta, virando-se para outro lado.

— Certo. Está vendo? Uma corrente de ar frio.

Billy fechou as janelas.

Carlotta sentou-se na espreguiçadeira, mordendo os lábios.

— E baixe as persianas, por favor. Até o final.

Billy obedeceu. Reinava silêncio total, que fazia os ouvidos zumbirem.

— Consertarei o teto amanhã — disse Billy. — Arranjarei um pouco de gesso.

— Ótimo.

Mas Carlotta estava distante de todos, com o rosto tenso e o coração aos pulos.

— Ei, Julie — disse Billy. — Vamos jogar cartas.

Pegaram um baralho e distribuíram as cartas.

— Você sabe jogar — lembrou Billy. — Tem que se livrar das copas.

Carlotta os observava, ouvindo-lhes as vozes a quilômetros de distância.

— A dama de copas é a bruxa — disse Billy. — Livre-se dela.

— Oh, Jesus Cristo — suspirou Carlotta.

— Certo. Você tem o dois de paus. Jogue-o.

— *Jesus Cristo.*

Carlotta enfiou-se na espreguiçadeira, o rosto mergulhado nas sombras. Mal escutava os filhos jogarem. Aguardava.

7

Um peixe comprido, vermelho e iridescente, deslizou como uma enguia por entre as algas veraes. O oceano era vasto, translúcido, cálido. Repentinamente, o peixe fez uma volta, enveredando por uma ravina de corais azuis que brilhavam no fundo arenoso. Procurava alguma coisa... Nas entradas das tocas havia pedras brilhantes, como pérolas cintilando na água azulada...

O telefone tocou. Carlotta sentou-se num pulo, levando as mãos à cabeça. A luz do sol entrava pelas janelas. Billy, sentado na espreguiçadeira, comia flocos de milho e assistia às corridas de automóvel na televisão.

— Que foi...?

O telefone tornou a tocar.

— Eu estava sonhando — murmurou Carlotta, sacudindo a cabeça.

Levantou-se do sofá, tentando lembrar-se do sonho. Para onde ia o peixe? Por que tudo era tão lindo? O telefone tocou pela terceira vez. O sonho desapareceu.

— Jerry!

Carlotta colou o mais possível o fone ao ouvido.

— Onde está você?... Em Saint Louis? Devia estar em Seattle!

O quê?... Auditoria de final de ano? Bem, não meta ninguém na cadeia...

Torceu o fio do telefone entre os dedos. Para Billy, ela parecia uma escolar excitada ao marcar encontro com um namorado. A cena o revoltava de maneira vaga indefinível. Virou-se para o outro lado.

— Oh, Jerry! — exclamou Carlotta sorrindo, mas com a voz tensa. — Isso será na *próxima semana*! Dia dezenove!... O quê?...

Oh, compreendo... Naturalmente... Irei encontrá-lo no aeroporto.

Agora, estava totalmente acordada. Embora excitada, sentia-se ansiosa. Tinha a impressão de que suas reservas durariam no máximo mais alguns dias. Afobada, gesticulou para a televisão, indicando a Billy que baixasse o volume. Todavia, os gritos da multidão e o rugido dos motores continuaram altos.

— Oh. É tão bom escutar sua voz!... O quê? Oh, sim. Eu também!... Não posso falar... Não estou sozinha...

Carlotta riu. Billy desligou a televisão e saiu da sala.

— Julie quer dizer alô — disse Carlotta.

Julie, os olhos brilhando de excitação, pegou o fone com ambas as mãos.

— O quê? — sussurrou. — Não consigo escutar!... Brincando de pular corda... Pular corda!... com Kim... Isso mesmo... Tenho saudades de você!... Lá vai um beijo. Está pronta?

Soprou um beijo no fone. Escutou com atenção.

— Ele quer falar com Kim — anunciou.

Carlotta segurou o fone no ouvido de Kim.

— Diga “alô, Jerry” — segredou.

— Lô, Jerry.

O riso de Jerry soou no telefone.

— Diga “como vai você?” — ensinou Carlotta.

— *Como vai você?* — repetiu Kim com voz trêmula.

Carlotta tirou o fone da menina.

— Tem certeza? — perguntou. — Sim, ele está em casa. Espere um minuto.

Virou-se. Billy não estava na sala. Cobrindo o fone com a mão, ela chamou:

— Billy!

— Ele foi para a garagem — informou Julie.

O rosto de Carlotta se anuviou. Destapando o fone, tornou a sorrir.

— Acho que ele saiu, Jerry... O quê? Não. Enganei-me. Ele nem estava em casa... Oh, sim... Sinto tanta falta de você... Oh, sim, sim... Oh, Jerry... Tenha cuidado, por favor. Estarei à sua espera... Oh, não... Detesto dizer adeus...

Até a próxima semana.

Baixou a voz para murmurar:

— Eu te amo... Adeus!

Ficou segurando o fone. Afinal, baixou-o lentamente, suspirando.

— Gamada — comentou Julie com um risinho.

— Isso mesmo — replicou Carlotta, dando uma gargalhada.

Sua cabeça girava, cheia de detalhes. Comprar uma blusa nova. E uma saia. Algo com um bordado. De onde viria o dinheiro? Uma blusa, então. Algo bem alegre. Imaginou Jerry saindo do avião, acenando para ela com aquele seu jeito juvenil, descendo a escada para abraçá-la. Iriam de carro para algum lugar. Outras imagens de Jerry lhe vieram à cabeça... Carlotta sorriu.

Carlotta cruzou as pernas. Estava especialmente bonita naquele dia. Tinha a pele bronzeada de sol — a testa, o rosto, os braços e as pernas — e seus olhos pareciam mais escuros que nunca. Encarou abertamente o Dr. Sneidermann.

— Muito bem, doutor — disse ela. — Já recebeu os resultados dos testes. O que está acontecendo?

Sneidermann girou a poltrona. Era um gesto que seu supervisor costumava fazer. Em vez de deixar Sneidermann à vontade, porém, só serviu para fazê-lo sentir-se desajeitado.

Indicou várias pastas que estavam sobre a mesa e abriu a primeira.

— Não tenho todas as respostas, Carlotta, mas sabemos que nada existe de clinicamente errado com você — sob o aspecto fisiológico. Até onde posso dizer, seu intelecto parecia funcionar tão bem ou talvez ainda melhor que o normal.

— E daí?

— Isto nos deixa apenas uma área.

— Qual é?

— Desenvolvimento psicológico. Desenvolvimento emocional. Nesse ponto, os testes e o que você me contou começam a fazer sentido.

Carlotta sorriu. Sneidermann percebeu que algo ocorrera.

Havia uma vitalidade interior; sua atitude irradiava uma sensação de segurança. Pela primeira vez, ela mostrava senso de humor a respeito de si mesma. Sneidermann tentou imaginar qual seria a causa daquela nova determinação e otimismo.

— Dr. Sneidermann — disse ela. — Incomoda-se se eu lhe disser que isso me soa excessivamente remoto?

Ele soltou uma risadinha involuntária.

— Claro que não. A ideia geral é que certas fases de nossas vidas nunca morrem por completo. Continuam a existir dentro de nós. Por determinados motivos específicos, voltam à tona. Ao voltarem à tona, causam ilusões, ansiedades e até mesmo alucinações.

— Tão simples.

— Em absoluto. É como se nós mesmos — a nossa parte que vive durante o dia — fôssemos cheios de buracos. Atravessados por buracos, como uma peneira. A mente consciente não tem problemas. Pede comida, lê os jornais, zanga com as crianças.

Todavia, alguma experiência mais profunda, algum tipo de estrutura, se esgueira como um mágico através de um alçapão e assume o controle em ocasiões muito específicas. Por motivos muito específicos. Motivos que ainda não conhecemos.

Carlotta sorriu, mas suas mãos se deixaram cair nervosamente no colo.

— Que pretende fazer? — indagou. — Submeter-me a um tratamento de choque?

Sneidermann sentiu uma repentina pontada de piedade.

— Não, não, Carlotta — respondeu. — Nada disso. Ouça...considere o caso da seguinte maneira: vamos remendar uma câmara de ar, mas é a sua mente consciente que precisa descobrir onde está o furo a ser remendado.

Os olhos de Carlotta se umedeceram. A ideia de doença penetrou-lhe o íntimo, enchendo-a de vergonha. Sneidermann compreendeu que nada poderia dizer para expulsar-lhe tal noção da cabeça. Carlotta levantou-se. O médico acompanhou-a até a porta.

— Adeus, Carlotta. Conversaremos amanhã. Amanhã iniciaremos nosso trabalho.

— Adeus, Dr. Sneidermann.

Ela sorriu vagamente, mas saiu a passos vigorosos, desaparecendo antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa.

Sneidermann passou a hora seguinte no consultório, colocando em dia suas anotações. Era quase hora do jantar, mas ele não sentia fome. Uma conferência de grupo sobre cinco casos de pacientes internados — um deles, o de um menino autista com sete anos de idade — realizava-se naquele momento no auditório.

Sneidermann resolveu assistir a pelo menos uma parte dela.

Saindo do consultório, foi ao saguão principal a fim de pegar café e balas na máquina ali colocada à disposição do público.

Abrindo a porta do vestíbulo externo, viu Carlotta em pé junto às portas de vidro escurecidas pela noite. O reflexo de Carlotta era quase de tamanho natural, pois ela estava muito perto do vidro.

Parecia ter medo de sair do vestíbulo.

— Carlotta! — exclamou Sneidermann, surpreso. — Tudo bem com você?

Carlotta virou-se, espantada.

— Oh, sim... naturalmente... Minha carona... não sei onde está minha amiga. Ela sempre chega na hora... a menos que o carro tenha enguiçado...

Sneidermann refletiu por um instante. Devia ficar de plantão a noite inteira, do contrário poderia levá-la em casa.

— Gostaria de telefonar para ela?

— Sim, obrigada.

Carlotta voltou com Sneidermann ao balcão da recepção.

Ligou para a casa de Cindy e aguardou. Ninguém atendeu. Então, ela desligou, olhando desconsoladamente para Sneidermann.

O médico considerou a situação. Poderia sugerir um táxi, mas sabia que nenhum dos dois tinha condições de arcar com a despesa. Consultou o

relógio.

— Você mora em Los Angeles?

— Na orla, bem perto da auto-estrada.

Sneidermann debruçou-se sobre o balcão.

— Diga a Boltin que me demorarei meia hora — disse ele à enfermeira. — Ficarei devendo um favor a ele.

Em seguida, atravessou rapidamente o saguão com Carlotta, abrindo a porta para ela.

— Sinto muitíssimo — disse Carlotta.

Sneidermann fez um gesto, cortando o pedido de desculpas.

Carlotta sentou-se no banco surrado do pequeno MG.

Sneidermann entrou, batendo a porta, e acionou a ignição. O MG partiu roncando do estacionamento, contornando vários carros parados.

— Agora, vou descobrir até que ponto os pacientes confiam em mim — disse ele com um sorriso. — Dirijo depressa.

Carlotta permaneceu calada. Sneidermann sentiu-se ligeiramente embaraçado por tentar pilheriar com ela. Dirigiram-se a West Los Angeles em silêncio, o MG serpenteando no tráfego como uma dançarina de balé. O trânsito ficou engarrafado perto do Bulevar Wolshire, onde brotavam arranha-céus a cada mês, como se a cidade não conseguisse crescer o bastante para contentar o povo.

— Você é angelina nativa? — Indagou o médico.

— Como?

— Perguntei se nasceu em Los Angeles.

— Perto. Em Pasadena,

— Sabe de uma coisa? — perguntou Sneidermann, tateando os bolsos em busca de cigarros e não os encontrando. — Você é a primeira pessoa que conheci capaz de dizer isso. A cidade tem milhões de habitantes e todos eles vieram de outras regiões.

Carlotta tirou um maço de cigarros da bolsa e o ofereceu a Sneidermann. Ambos acenderam cigarros e começaram a fumar.

Com a capota de lona baixada, a brisa desfazia os cabelos de ambos. Sneidermann lançou um olhar de esguelha a Carlotta, que parecia bem bonita no banco dianteiro do carro dele.

— Bem — disse ela. — Morei algum tempo em Nevada.

— Em Las Vegas?

— Não. No deserto.

— No duro? O que fazia lá?

— Vivia.

Carlotta tirou uma longa tragada do cigarro, acomodando-se no banco e apoiando a cabeça no encosto de vinil.

Los Angeles passava velozmente por eles. Sneidermann fez uma curva errada, tentando contornar a zona industrial.

Praguejou baixinho e foi obrigado a voltar até a Avenida Colorado.

— Pasadena, hem? — comentou. — Tem fama de ser uma comunidade rica.

— Em parte. Uma parcela da população é muito rica, mesmo.

— De que parcela você vem?

— Da muito rica.

Carlotta falava tranquilamente. Sentia-se mais calma fora do consultório. Sneidermann percebeu de repente que ela apresentava um ritmo totalmente novo, algo que nunca aflorara no ambiente artificial do consultório. Ele recebia no consultório a Carlotta real? Ou apenas uma versão formalizada — uma Carlotta temerosa dos odores e aspectos do hospital?

— Gostaria de perguntar-lhe uma coisa — disse o médico. — Por simples curiosidade.

— Está bem.

— Você recebe auxílio-pobreza — disse ele em tom delicado.

— Foi isso que declarou no formulário.

— Exato.

— Qual a necessidade?

Carlotta fitou-o de modo estranho.

— Fiquei sem dinheiro.

Sneidermann soltou uma risadinha, um tanto embaraçada por fazer papel de tolo.

— Eu... quero dizer... seus pais — você não poderia pedir ajuda a eles?

Carlotta pensou um momento; depois, sacudiu os ombros e olhou para o lado, observando o tráfego que vinha em sentido contrário.

— Não quis.

— Uma questão de princípios?

— Não. Eu simplesmente não quis a ajuda deles.

Seguiu-se um longo silêncio. Sneidermann pressentiu que Carlotta já dissera tudo o que estava disposta a dizer sobre o assunto. Era estranho como ela se mostrava diferente fora do consultório.

Nada de nervosismo; talvez no fundo.

Superficialmente, porém, nenhum gesto traía ansiedade. Por um instante, ele se sentiu fora de seu elemento. Quase preferia encontrar as pessoas — mulheres, em especial — no confinamento formal do consultório. Então, Carlotta suspirou.

— Quando morei em Nevada — disse ela — tive oportunidade de estar com uma pessoa muito maravilhosa: o pai de Julie e de Kim. E aprendi que é melhor ser independente da maioria das pessoas.

Olhou para ele, acrescentando:

— O auxílio-pobreza é temporário, Dr. Sneidermann. Em breve terminarei o curso e arranjaré um bom emprego.

Sneidermann sorriu:

— Estou impressionado.

— Por quê?

— Por tudo. Sua independência; saber quem é e o que deseja — disse o médico, lançando um rápido olhar ao rosto de Carlotta. — Manter sua família unida. E pelo caminho mais difícil.

Carlotta baixou os olhos — quase pudicamente, refletiu Sneidermann. Em seguida, ela sorriu.

— Fico satisfeita por saber que me aprova — declarou suavemente.

Sneidermann ficou calado, mas algo lhe fervia no íntimo. Sua percepção passava por uma transformação radical. Compreendeu que tinha necessidade de conhecer mais a respeito de Carlotta.

Não como médico, mas como ser humano. Naqueles poucos momentos, durante o breve trajeto pelas ruas escuras de West Los Angeles, descobrira nela outras dimensões, apenas delineadas anteriormente. Quando se faz mil e uma perguntas numa situação formal, consegue-se apenas uma fração do que se percebe ao apenas passar o tempo com a pessoa. Altera-se o modo de falar. Muda-se o relacionamento. Deixam-se de lado os artifícios.

— Dr. Sneidermann.

— Sim?

— Será um tratamento demorado, não é mesmo?

Sneidermann pensou um pouco. No consultório, teria dado uma resposta imediata e incisiva. Lá, acreditava que a melhor política era a franqueza, deixando logo o paciente a par do pior.

Naquele momento, porém, desejou poder divisar um brilho de esperança, um modo de definir a situação sem atemorizar Carlotta.

— Talvez — respondeu finalmente.

— Meses?

— Talvez mais que isso, Carlotta.

Ela mordeu o dedo, desviando os olhos.

— Não disponho de meses — murmurou.

— Por que não?

— Jerry vai voltar.

— Quem?

— Jerry. Meu noivo. Voltará na semana que vem, por apenas uma noite. Mas logo será algo permanente.

— Não acha que ele compreenderá?

Carlotta sacudiu a cabeça.

— É muito melindroso com relação a doentes mentais.

Sua mãe se suicidou.

Subiram em silêncio a rua Kentner. Carlotta apontou a casa no final da rua. Uma casa vulgar, pensou Sneidermann. A cena de todos os terrores de Carlotta. Agora, estava às escuras. Ele tentou adivinhar onde estariam os filhos dela. Para sua surpresa, Carlotta continuou sentada no carro, imóvel. Sneidermann desligou o motor.

— Dr. Sneidermann...

— Sim, Carlotta?

— Não entendo o que está me acontecendo.

Algo tão simples de dizer, mas que revelava profundezas tão horríveis. Sneidermann apiedou-se dela.

— Eu devo estar totalmente louca — disse ela baixinho — para ver e sentir essas coisas...

Ergueu os olhos para ele, quase tímida, vulnerável, esperando uma resposta, experimentando-o.

— Carlotta, existem muitos pacientes que viram coisas; que as sentiram. Coisas impossíveis de acontecer.

— É difícil acreditar.

— Você descobrirá que eu jamais digo mentiras. Ouça, Carlotta: naquela clínica onde nos conhecemos existe uma mulher com cinquenta e três anos de idade que fala com um bebê que não existe, cuida dele... estou falando sério... troca-lhe as fraldas. E a criança não existe. Também há um rapaz de dezessete anos que sobe degraus inexistentes, bate em portas imaginárias, arranha janelas que jamais existiram. E um homem de setenta anos que tem medo de um príncipe da Renascença que o segue por toda parte, até mesmo na enfermaria. Compreende o que quero dizer, Carlotta? Isso acontece — com frequência muito maior do que você imagina. E cada paciente jura que tudo aquilo que ele vê, cheira e sente não é alucinação.

Carlotta ficou calada.

— Então, não sou diferente deles — disse, afinal.

— Há uma diferença.

— Qual é?

— Eles precisam viver num hospital. Você, não.

Carlotta virou-se para ele.

— Acha que não precisarei? Algum dia? Como eles?

— Não necessariamente. Por que precisaria? Já deu o primeiro passo para melhorar, enquanto está fundamentalmente sã.

Carlotta estremeceu ligeiramente. Depois, sorriu agradecida.

— Muito obrigada, Dr. Sneidermann. De algum modo, o senhor faz tudo parecer melhor.

— Fico satisfeito, Carlotta.

Fez menção de abrir a porta para ela, mas Carlotta já se adiantara e desembarcava do carro. Uma mulher independente, refletiu Sneidermann.

— Boa-noite, Carlotta.

— Boa-noite, Dr. Sneidermann. Muito obrigada.

Ele acenou, ligou o motor e partiu. Por um breve instante, viu a minúscula imagem de Carlotta no retrovisor. Então, dobrou a esquina e ela sumiu. Sneidermann sentia-se melhor do que conseguia sentir-se há muito tempo.

A lua parecia um círculo de papelão alaranjado colado acima do horizonte de West Los Angeles. Longas faixas de nuvens pardacentas rasgavam o céu.

Entre o firmamento cor de púrpura e as ruas escuras, Carlotta caminhava com Julie e Kim. As luzes esverdeadas dos postes estavam acesas — lâmpadas químicas, que embranqueciam a pele das pessoas, dando-lhe uma coloração negra aos lábios.

Não obstante, o céu tinha uma profunda cor púrpura, iridescente. Pairava a sensação de que tudo era normal. As compridas sombras das palmeiras, os interiores sombrios das casas modestas, tudo se tornava cada vez mais escuro. As folhagens brilhantes pareciam doentes. Nas calçadas, as flores vermelhas balançavam silenciosamente com a brisa e as cercas brilhavam, frias e úmidas.

— Onde estará Billy? — murmurou Carlotta.

Enquanto andavam, seus passos ecoavam na noite. Estavam próximas à esquina da rua Kentner. Carlotta sentiu medo de ir para a casa escura.

Depois que o Dr. Sneidermann se fora, Carlotta subira os degraus do alpendre e encontrara Julie e Kim abraçadas, encolhidas no velho balanço, esperando no escuro. Estavam com medo de entrar em casa sem Billy. Disseram a Carlotta que Billy saíra pouco depois de voltar da escola, à tarde. Não sabiam aonde ele fora.

— Ele disse que voltaria — informou Julie, segurando a mão de Carlotta.

— Estou com medo, mamãe — disse Kim.

Carlotta deu meia volta e caminhou alguns passos na direção oposta.

— Claro que ele voltará — declarou. — Mas sabe que devia estar em casa a esta hora.

— Por quê? — quis saber Kim.

— Porque mamãe não deve ser deixada sozinha. Eis aí por quê.

Carlotta avistou sua casa no final do quarteirão. Muito embora o Dr. Sneidermann a tivesse convencido de que seu demônio não estava na casa, mas dentro dela própria, o medo que a casa — apagada, um retângulo escuro silhuettato contra a terra do barranco no final da rua, uma pequena estrutura de madeira que parecia projetar-se do beco — lhe inspirava era indescritível. Compreendeu que se Billy, por algum motivo, não voltasse, ela passaria a noite inteira vagando pelas ruas. Jamais entraria de volta naquela casa sem a presença do filho.

— Sr. Greenspan — chamou ela baixinho, batendo de leve na porta com a pesada aldrava de estilo europeu. — Sr. Greenspan!

Ninguém respondeu.

— Devem ter saído — comentou.

Voltou, preocupada, à calçada.

— Lá está ele! — exclamou Julie, apontando.

— Onde?

— Na rua.

Billy avançava sob os olmos escuros, agora enegrecidos pela noite, o andar displicente mal servindo para identificá-lo nas sombras. Diminuiu o passo, olhando com evidente preocupação o grupo que o aguardava em silêncio. Tinha o rosto embranquecido pela luz intensa do poste. Os lábios escuros se franziram num sorriso nervoso.

— Onde esteve, Billy? — quis saber Carlotta.

— No ferro-velho. Procurando peças para o seu Buick.

— Sabe muito bem que não devo ser deixada sozinha! Eu já lhe disse! São ordens do médico!

— Sinto muito...

— *Sente muito?* O que esperava que as meninas fizessem se acontecesse alguma coisa?

— Nada.

— Exatamente, Billy: nada, Agora, escute-me bem: você é o homem da casa. É melhor começar a portar-se como tal. Já não é mais criança.

— Que diabo, mamãe. Eu estava trabalhando no seu carro! Não fui eu quem o espatifou contra um poste!

Carlotta pegou as mãos das meninas.

— Vamos entrar — disse ela. — Está frio aqui fora.

Entraram em casa. As luzes não conseguiram dispersar a sensação de escuridão. As meninas perceberam que Carlotta continuava zangada e nervosa,

— Precisamos de mais luz aqui dentro — declarou ela.

A sala, na qual todos se encontravam, hesitantes, estava desarrumada pelas roupas de Carlotta. Sobre a mesa havia algumas revistas e vários vidros de cosméticos. Ela nunca entrava no quarto. Se precisasse de alguma coisa, Billy iria buscar. Ou Julie.

A desordem era um sinal de que sua vida cotidiana, por causa dos pesadelos, estava começando a esfarrapar-se.

— Não fique olhando para mim, Julie — disse ela. — Não tem outro lugar aonde ir?

Julie arregalou os olhos, perplexa. Ambas as meninas aguardaram alguma coisa. Talvez um sinal de que tudo estivesse bem, agora que Billy voltara para casa. Mas o sinal não veio.

— Então? — perguntou Carlotta.

Julie se encaminhou ao quarto, julgando ter feito algo terrivelmente errado. Sabia que a culpa não cabia à mãe. Nem a Kim. Então, a quem poderia caber?

Carlotta sentou-se na poltrona, colocou os pés sobre o banquinho e acendeu um cigarro. Billy ficou parado no centro da sala, sem ter o que fazer. Kim foi para o corredor e acabou entrando no quarto. Com Julie, estaria segura.

— Jesus! — murmurou Carlotta. — Tornei-me uma pessoa realmente desagradável, não é?

— Não — respondeu Billy.

Sentou-se na beirada do sofá na sala mal iluminada, cruzando uma perna sobre a outra.

— Eu não lhe pedi resposta — disse Carlotta, tirando uma tragada do cigarro.

A casa ficou silenciosa. Billy permaneceu imóvel, preparado para um eventual golpe, reforçando suas defesas.

— Isso tudo lhe faz mal, não é? — perguntou Carlotta. — Foi por isso que ficou fora até tarde?

Billy não replicou, brincando com um cinzeiro.

— Confesse — insistiu Carlotta. — Sua mãe está maluca e você se sente envergonhado.

— Não me envergonho.

— O quê? Não escutei bem.

— Eu disse que só sinto pena de você.

Calou-se, pensativo. Carlotta não conseguiu adivinhar o que lhe ia na cabeça. Os músculos do antebraço de Billy se contraíam e relaxavam enquanto ele rodava o cinzeiro. Seus olhos estavam mergulhados nas sombras e Carlotta tinha a impressão de ver apenas as órbitas vazias.

— Você saiu ontem à noite, também — disse ela.

— Estava na garagem.

— Não, não estava. Cindy teve que ficar aqui até às seis horas.

— Eu estava na garagem de Jed.

Carlotta desviou o olhar, tirando uma tragada e depois esmagando a ponta do cigarro. Involuntariamente, Billy fixou o olhar no brilho vermelho da brasa que se extinguiu.

— Ouça, Billy — disse Carlotta suavemente. — Preciso de você. Não me importo se lhe causo repulsa. Como acha que eu me sinto? Mas não faço isto por prazer. Entende?

— Eu sei.

— Você precisa ser forte, Billy. Não fuja de mim. Porque... você sabe... esta é a primeira vez, a primeiríssima vez, que sou obrigada a lhe pedir seriamente que tome conta de mim. Porque quase não tenho outra pessoa para quem me voltar.

— Eu sei, mamãe. Já lhe disse que sinto muito.

— Jerry, Cindy, você e, talvez, o Dr. Sneidermann. Mais ninguém. Não posso contar com os Greenspan.

— Falei sério quando disse que sentia muito.

— Está certo. Não estou zangada. É preciso apenas que você me forneça seu horário e não deixe de cumpri-lo. Não significa, necessariamente, que precise ficar preso em casa. Juntos, daremos um jeito nisso tudo.

Carlotta sorriu para o filho. De certa maneira, ele passara por um teste; aceitara sua responsabilidade como homem. Billy continuou sentado, de pernas cruzadas, pensativo e sincero.

— Está zangado comigo? — indagou Carlotta.

— Não. Apenas, eu estava trabalhando no seu automóvel. Foi por isso que me atrasei.

— Eu precisava de você aqui, Billy. Fiquei um pouco nervosa. Desculpe-me.

Billy permaneceu sentado por algum tempo, assistindo à televisão. Depois,

desligou o aparelho e se levantou pesadamente. Observou com olhar vago a desordem na sala e, então, encarou Carlotta.

— Boa-noite, mamãe — despediu-se, beijando-a.

— Boa-noite.

Depois que Billy se deitou, Carlotta foi à porta do quarto das meninas. Julie despira Kim. Agora, as duas dormiam apenas de calcinhas, em suas respectivas camas. Carlotta observou-as com tristeza. O que estariam passando? As crianças sempre se sentem responsáveis por tudo. A situação se transformara num túnel que terminara tragando todos eles. Carlotta ajeitou os cobertores das filhas, beijando-lhes as testas com ternura. Julie sorriu dormindo.

— Deixe a porta de seu quarto aberta — disse Carlota na direção do quarto apagado de Billy. — Você dorme como um morto.

— Está bem, mamãe — replicou a voz dele.

Carlotta apagou todas as luzes, menos o abajur que se quebrara. Agora, a cúpula estava remendada com fita adesiva, a armação de arame consertada e uma lâmpada nova no lugar. A suave luz amarela fazia a sala parecer menos esquelética. A casa estava em silêncio. Carlotta tirou a saia e a blusa, vestiu uma camisola e enrolou-se num roupão. Esperou que o torpor a invadisse.

A casa era sua prisão, pensou ela. Incapacitada de ir sozinha a qualquer lugar. Impossibilitada de dormir à noite. Sombras negras. Isolamento. Uma viagem de ônibus até o curso, depois a clínica e, afinal, a volta para casa. Então, mais isolamento.

Ocorreu-lhe que, sem Jerry não haveria alívio. Seus pensamentos se tornaram menos amargos, mais difusos e, finalmente, ela sentiu os membros pesarem.

Tirou o roupão e se enfiou entre os lençóis. Estava usando a camisola de *nylon* azul, da qual Jerry tanto gostava e que ela sempre usava quando ele vinha para casa. De encontro à pele, a camisola dava a impressão de ser uma lembrança cálida e protetora de Jerry. Carlotta sentiu-se vagar à procura do canal que conduzia às profundezas do sono.

Ideias vagas flutuavam-lhe na mente. Viu Sneidermann num exíguo

consultório branco. Viu o ônibus seguindo, como uma lesma, o trajeto que levava ao curso de secretariado. Outras formas surgiram e sumiram. Imagens lustrosas subiam e desciam por detrás de suas pálpebras. Carlotta adormeceu.

O cheiro chegou primeiro, vindo do corredor como uma lava fria, fedorenta e invisível, rolando na escuridão da sala e cobrindo

Carlotta, grudando-se nela e solidificando-se, paralisando-lhe os nervos de frio. Luzes brilhantes faiscavam por detrás de seus olhos fechados.

Ele riu baixinho, movendo-se para cima dela, levantando-lhe a camisola. Os membros de Carlotta pareciam pesados como chumbo, incapazes de qualquer movimento. Então, *ele* lhe cobriu o rosto com a camisola, fazendo pressão, prendendo-lhe os braços contra o rosto. Um peso diferente, esquisito, fixou a camisola naquela posição. *Ele* se moveu para baixo, como uma nuvem que absorvesse todo o calor, chegando-lhe aos seios.

— *Louca* — sibilava uma brisa estranha. — *Louca, louca...*

Carlotta esperneou, mas tinha as pernas pesadas, sem forças, como se imersas no oceano. *Ele* ria baixinho. Algo com o formato de uma mão, invisível para Carlotta, pressionou com os dedos seu ventre macio.

Carlotta arquejava espasmodicamente. Tentou, gritar. O peso sobre seu rosto empurrou a camisola, enchendo-lhe a boca de *nylon*. O muco lhe escorreu das narinas. Debateu-se, incapaz de enxergar alguma coisa.

— *Calma* — sussurrava a voz distante. — *Calma e suave...*

Algo em Carlotta provocou uma perturbadora sensação de dor que lhe partiu do ventre para os seios, chegando aos bicos machucados.

— Seja boazinha... seja boazinha... Muita calma, agora...

A lambida de uma língua. Carlotta jogou-se violentamente para cima e foi brutalmente empurrada de volta. O *nylon* da camisola pressionava-lhe o rosto. Ela teve a impressão de ver luzes coloridas que se formavam no outro lado do tecido.

Alteravam-se, tornando a formar-se. Luzes loucas que lhe giravam no cérebro. O vômito lhe subiu à garganta, quente, sufocante, com um gosto de

ácido amargo.

— *Vamos, puta... colabore!* — vociferou a voz senil.

De repente, *ele* a penetrou, forçando a entrada do membro volumoso e duro como um poste, e Carlotta começou a desmaiar.

Todos os sons se tornaram indistintos, cada vez mais distantes, deixando-lhe uma sensação de dor — uma dor interminável, lacerante e profunda.

— *Ahhhhhh!*

Ele estremeceu numa convulsão e parou. Carlotta sentiu algo frio, pegajoso e fedorento. Uma onda de náusea acompanhou-a ao abismo. Ela escutou um sussurro áspero e sibilante ao pescoço:

— Bom... muito bom... Diga ao doutor que você é uma ótima vagina...

Ele se foi. O peso saiu de cima dela. A camisola caiu-lhe do rosto. Carlotta abaixou lentamente os braços. Tinha o rosto alagado de suor, a pele coberta de calombos frios e úmidos.

Trêmula, cobriu o corpo magoado com a camisola. Não sabia se perdera ou não os sentidos — ou, se perdera, por quanto tempo.

Tentou chorar, mas não lhe restavam forças. Sentia-se morta.

— Billy! — murmurou com voz rouca.

Mas não teve resposta. A escuridão na sala era total. Deu-se conta de que sua voz era inaudível. Espantou-se pelo fato de o abajur estar apagado. Fora *ela* que o desligara? Billy saberia responder. Carlotta deu um passo em direção ao corredor.

Caiu, pensando em Billy. Foi assim que o filho a encontrou de manhã.

Sneidermann viu com assombro as equimoses em torno dos olhos de Carlotta. Pior ainda: percebeu-lhe o pânico no olhar. Ela não se acalmava. Era uma emergência.

Não restavam vestígios da inteligência que costumava captar tão depressa as ideias. Agora, parecia estar totalmente distorcida, buscando às cegas uma resposta qualquer.

Sneidermann compreendera de imediato que havia algo errado quando viu

Cindy acompanhar Carlotta até o saguão. Agora, tudo o que podia fazer era tentar acalmá-la, fazê-la falar, formar uma ideia do que ocorrera.

Carlotta vacilava, procurando em vão as palavras.

— Foi como uma onda — disse ela. — É tudo que consigo lembrar.

— Por que acha que não foi um sonho?

— Eu... Não! Subiu *em mim* e acordei! Portanto, não podia ser um sonho!

— Muito bem, Carlotta. Então, o que aconteceu?

— Ele me abraçou.

— *Ele?* Antes você disse “aquilo”, Carlotta.

— De que está falando?

Sneidermann curvou-se para diante, falando suavemente: — Você disse: “Aquilo parecia uma onda”. Agora, diz: “*Ele me abraçou*”.

Carlotta fitou o médico com uma expressão de pavor, agarrando a beira do assento.

— Ele, aquilo... que diferença faz? — replicou. — Eu não conseguia respirar! Tinha o rosto tapado!

Sneidermann deu-lhe um copo plástico com água. A mão de Carlotta tremia tão visivelmente que ele a ajudou a beber. O toque da mão do médico na sua pareceu restaurar momentaneamente o raciocínio de Carlotta.

— Obrigada.

— Ele, falou com você, desta vez?

— Chamou-me de um nome.

— Que nome?

— Uma... vagina.

— Você disse que também havia algo sobre seu rosto. Lembra-se do que era?

— Um anão.

— Um anão? Por que diz isso? Você o viu?

— Não. Eu... apenas tive a impressão de que fosse um anão.

Sneidermann lamentava a regressão no estado da paciente, que se encontrava em pior estado de ansiedade do que na primeira vez que o procurara.

Carlotta observou o médico a estudá-la. Por vezes, porém, seu olhar parecia atravessá-lo de lado a lado. Perdera toda a confiança em si mesma, no médico, no trabalho que desenvolviam juntos.

— Ele me mandou colaborar — declarou vagamente.

— Que significava isso?

— O senhor sabe muito bem.

— Sexualmente?

— Sim.

A voz dela era amarga. Sentia-se dominada pela repugnância.

Não obstante, Sneidermann julgava que conseguira trazê-la de volta à situação da entrevista. Não estava seguro, mas teve a impressão de que, agora, ela conseguiria manter um diálogo com ele.

— E você? — perguntou.

— E *eu*? O que o senhor julga que sou? Tive vontade de matá-lo!

— Bateu nele?

— Já lhe disse que não podia. Estava presa.

— Mas resistiu...?

— Esperneeï.

— E não adiantou?

— Ele me dominou.

— Compreendo.

— Desisti.

Uma pontada de ansiedade percorreu instantaneamente as veias de Sneidermann. Foram as palavras mais sinistras que já escutara.

— Que quer dizer com “desisti”? — indagou suavemente.

— Não adiantava mais resistir. Era inútil, totalmente inútil. *Ninguém* me ajudaria.

— Mas você não se sentiu assim nas outras vezes?

— Não. Desta vez, compreendi que não adiantaria. Eu apenas... eu... nada podia fazer! Ele era forte demais para mim.

Carlotta entregara-se a uma espécie de fadiga. Obviamente, estava muito necessitada de dormir. Sneidermann tentou imaginar por que motivo ela aguardara a hora normal da consulta para vir à clínica. Sua voz perdera a expressão. Vez por outra seus olhos tornavam a faiscar, mas o corpo estava machucado, derrotado.

— Você está muito machucada? — indagou ele.

Carlotta não respondeu. Num gesto mecânico, desabotoou a blusa e baixou a cabeça, expondo a nuca. Fortes arranhões vermelhos riscavam-lhe o pescoço até os ombros. Vários lugares estavam beliscados, apresentando minúsculos furos.

Sem que o médico pedisse, Carlotta tirou o sutiã, deixando à mostra os seios alvos como leite, linhas azuis de pequenas veias convergindo nos bicos. Em volta destes, feias equimoses vermelhas e roxas, bem como pequenas marcas de dentes.

Sneidermann ficou momentaneamente confuso. Compreendeu que deveria ter levado Carlotta a uma sala de exames, vestindo-a com uma bata hospitalar e examinando-a na presença de uma enfermeira. Mas Carlotta agira depressa demais para isso.

— Mais abaixo, também — disse ela, despindo a saia e as calcinhas.

Quando o médico terminou o exame, ela tornou a vestir-se.

Depois, encarou-o fixamente. Sneidermann sentou-se à mesa, procurando não demonstrar o quanto estava preocupado.

— É real, não é? — murmurou Carlotta.

— Os machucados? Sim; muito reais.

— E não ficam num local que eu mesma poderia morder, não é?

— Exato.

— Então, são *reais*.

— Eu já lhe disse, Carlotta: as equimoses, arranhões e dentadas são reais. Seus sentimentos e sensações são reais. Quanto ao resto, preciso de maiores

informações antes de poder explicar-lhe. Até eu conseguir tais informações, existem algumas coisas que você precisa fazer.

Carlotta o encarou com ar de dúvida. Sneidermann teve a impressão de ver-lhe nos lábios a sombra de um sorriso zombeteiro.

— Em primeiro lugar, não quero que você durma sozinha — declarou ele. — Isto é, quero que durma com pelo menos mais uma pessoa no quarto — ou na sala — porque esses ataques *não* ocorrerão se houver alguém perto de você.

— Foi o que o senhor disse a respeito de dormir no sofá da sala.

— Eu disse que achava uma boa ideia, mas não afirmei que os ataques *não poderiam* acontecer na sala.

— Confesse, Dr. Sneidermann: *o senhor julgava que os ataques não ocorreriam na sala!*

— Muito bem, confesso. Achei que seria melhor para você.

— Isso significa que o senhor não é muito esperto, hem?

— Ouça-me, Carlotta. Que tal Billy? Será que ele pode dormir na sala com você? Talvez levando a cama dele para a sala, ou arranjando uma cama de lona?

— Suponho que sim.

— Tome isto — disse o médico, entregando a Carlotta um vidro de comprimidos. — Quero que você tome este tranquilizante. Não perderá os sentidos, mas ficará menos ansiosa. A ansiedade pode ser tão ruim quanto a própria ilusão.

Tome dois comprimidos antes de deitar-se.

— Se o senhor acha que adiantará, Dr. Sneidermann.

O médico não pôde deixar de perceber o tom de sarcasmo na voz dela.

— Todavia, o mais importante é o seguinte Carlotta — acrescentou o médico. — Na próxima quinta-feira haverá uma conferência. Quero que você compareça.

— Uma conferência?

— Com vários psiquiatras da equipe. Eles lhe farão algumas perguntas. É uma maneira de chegarmos a um consenso sobre o diagnóstico de seu caso.

— O senhor está mesmo assustado, não está?

— Absolutamente não. Trata-se de simples rotina.

— Negativo. O senhor tem medo de perder a paciente.

— Posso mostrar-lhe os regulamentos da clínica, Carlotta. Está escrito, preto no branco, que deve realizar-se uma conferência de diagnóstico para cada paciente. São as normas vigentes.

Carlotta empertigou-se na cadeira. Sneidermann, apesar de sentir-se confuso, percebeu que a raiva dela contra ele canalizara-lhe as energias mentais. Em resumo, Carlotta reassumira o controle do raciocínio e da palavra.

— Bem — disse ela, afinal. — Talvez eles possam chegar a uma conclusão!

— Certamente. É o que ocorre em todos os setores do hospital: consultamos a opinião de outros médicos.

Carlotta permaneceu calada por um momento. Então, por mútuo acordo tácito, puseram-se de pé. Sneidermann viu o quanto ela ainda continuava assustada. Seus olhos buscavam os dele, temendo ver a confirmação de algo que ela considerava inevitável: um julgamento negativo por parte do médico.

— Tome, Carlotta. Aqui está meu cartão.

— O quê? Já tenho um cartão seu.

— Não. Este é meu telefone particular, para você poder me procurar a qualquer hora.

Carlotta fitou o cartão. Depois, olhou para Sneidermann, sorriu e guardou o cartão na bolsa, parecendo relaxar-se visivelmente diante dele.

— Muito obrigada, Dr. Sneidermann. É muita bondade sua.

— Tudo bem — replicou ele. — Peça a Cindy para levá-la de volta. Tome um banho quente e prolongado. Relaxe. Mandê as crianças para a cama bem cedo. E não se esqueça: mantenha Billy perto de você. Quero que você durma bastante. Está entendido?

— Sim. Adeus, Dr. Sneidermann.

— Adeus.

Sneidermann sentia-se exausto. Por que dera a Carlotta seu telefone

particular? Sabia que era errado. Por que a deixara apanhá-lo com a guarda baixa? Por que precisara violar as regras para recuperar a confiança dela? Aquele pequeno gesto significaria que lidara com Carlotta como mulher e não como paciente?

Censurou-se por aquela leve violação da... quê?... da ética?

Claro que não. Da disciplina. Ele entrara em leve pânico, deixando-se levar pelo instinto. Tal fato o incomodava.

Sneidermann estava confuso. Precisava reestruturar mentalmente o que fizera, bem como os motivos, e certificar-se de que não se repetiria.

8

Moran, Carlotta Alicia Dilworth. Nascida a 12 de abril de 1944, em Pasadena, Califórnia. Presbiteriana, não-praticante.

Doenças da infância: sarampo, catapora, caxumba. Problemas com autoridades escolares: nenhum. Problemas com autoridades jurídicas: nenhum. Endereço atual: Rua Kentner, 212, West Los Angeles, Califórnia.

Ocupação atual: sustentada pela Previdência Social do Município de Los Angeles. Sustento dos filhos: Auxílio à Criança Desamparada, através da Secretaria de Previdência Social do Município de Los Angeles. Frequenta o Curso de Secretariado mantido pela Previdência Social do Município de Los Angeles.

Casamento: em 1960, com Franklin Moran, vendedor de peças usadas de automóveis e corredor profissional de motocicletas. Personalidade instável. Bebida alcoólica e tóxicos.

Temperamento explosivo. Violento. Morto em dezembro de 1962, por ferimentos sofridos num acidente de corrida. Um filho: William Franklin.

Amasiou-se em 1964 a Robert C. Garrett, de Two Rivers, Nevada. Criador de gado. Morto em 6 de abril de 1974, por parada cardíaca. Duas filhas: Julia Alice (nascida em 1969) e Kimberly Anne (nascida em 1971).

Doenças psiquiátricas anteriores: nenhuma.

Drogas alucinógenas: nenhuma. Alcoolismo: negativo.

Eletroencefalograma: nenhuma perturbação.

Histórico de epilepsia, etc.: negativo.

Processo mental: sem bloqueios. Teste de realidade: normal.

Memória: excelente. Perda de associações: negativa. Leve diminuição de afeto ao discutir os sintomas. Teste de QI 125. (WAIS).

Aparecimento dos sintomas: outubro de 1976.

Sintomas: alucinações auditivas e olfativas; ilusões somáticas (violação sexual, penetração); possíveis impulsos suicidas; múltiplas equimoses, arranhões, pequenas lesões nos seios, coxas, parte inferior do dorso; ansiedade, reações de pânico; hostilidade generalizada; excetuando os ataques individuais, nenhum afastamento significativo da realidade.

Diagnóstico preliminar: reação psiconeurótica, tipo histérico.

Gary Sneidermann estava sentado, nervoso, no exíguo gabinete de seu supervisor. O Dr. Henry Weber correu novamente os olhos pela folha de papel e não fez comentários, largando-a em cima da mesa. Acendeu o cachimbo com a chama monstruosa de um isqueiro transparente, tirando baforadas vigorosas.

— Muito bem, Gary — disse ele, afinal. — Por que isto não podia esperar até quinta-feira?

— Eu queria ter uma boa orientação a respeito do caso antes de apresentá-lo na reunião. Alguns pontos não estão esclarecidos.

— Muito justo.

Sneidermann pigarreou. O rosto vincado do Dr. Weber o observava com simpatia. Sneidermann dava grande valor aos momentos que passava com o chefe da psiquiatria, mas sentia-se colocado num cadafalso. O Dr. Weber exigia precisão. Era estafante, mas para isso Sneidermann escolhera a universidade.

— As equimoses e lesões — disse o jovem médico. — são bastante graves e tenho dúvidas de que sejam resultantes de autoflagelação psicótica.

— Pode ser histeria. A histeria é capaz de causar o aparecimento de marcas no corpo, provocar cegueira e queda de cabelos. Já vi casos de ferimentos abertos e perda de sensação nos dedos e artelhos. Tudo induzido por auto-sugestão.

— Mas equimoses diretas? Marcas de dentadas? Ferimentos penetrantes?

— Certamente.

— Eu ficaria aliviado se isso fosse verdade, senhor. A ideia de que ela esteja usando uma faca contra si mesma...

— Ela exprime através do corpo aquilo que não consegue exprimir de qualquer outra maneira. Está fervendo por dentro.

Sneidermann sentiu-se incomensuravelmente aliviado. Pegou o caderno de anotações e começou a folheá-lo. Encontrou o que procurava.

— Além disso, existe algo estranho — declarou — na história pessoal da paciente. Gostaria que o senhor pudesse esclarecer para mim. descobrir alguma espécie de padrão.

— Prossiga.

— Aconteceu após a morte de Franklin Moran. Ela voltou a Pasadena com o bebê. Tornou a fugir em menos de um ano. Desta vez, para uma pequena cidade em Nevada.

O Dr. Weber escutava atentamente, observando a fumaça subir e espalhar-se perto do teto. Sneidermann tentava examinar os fatos sob o ponto de vista do supervisor.

— Ela trabalha como garçonzete num café. Conhece um fazendeiro aposentado, chamado Robert Garrett. Muito mais velho que ela: tem sessenta e quatro anos. Vai viver com ele.

— Que idade tem ela na época?

— Dezenove.

— O que faz, então? Vai servir de enfermeira dele?

— Não. Dormem juntos. Têm duas filhas.

— Que aconteceu então?

— Ele morreu — replicou Sneidermann. — De morte natural. Foi durante as

cheias da primavera. Foi o segundo homem dela a morrer. Desta vez, porém, ela ficou presa na pequena cabana. Frio lá fora. Não podia sair; as estradas inundadas. Ficou isolada com três filhos. Duas eram bebês. E o homem lá dentro, morto.

Weber franziu a testa.

— Não vejo aonde você quer chegar.

— Compreenda: os ataques foram precedidos de cheiro de carne apodrecida.

O Dr. Weber fixou os olhos em Sneidermann e sacudiu a cabeça. Não se deixou convencer.

Sneidermann persistiu:

— É uma conexão tão direta.

— Precisamente. Contudo, no inconsciente é muito raro existirem conexões diretas. Talvez algo se transforme, ocasionalmente, num simbolismo onírico. Todavia, tal tipo de pesquisa quase nunca surte resultados.

— Mas veja o senhor, era um relacionamento idealizado. Ela reprimiu os aspectos negativos, que certamente existiam. E agora...

— Deixe de lado, Gary. Talvez exista alguma conexão. No momento, você deseja sentir o panorama geral.

— Sim, senhor.

Sneidermann suspirou.

— Ouça, Gary — disse o Dr. Weber. — Na maior parte das vezes, a coisa vem de longe. De muito longe, até onde se possa ir. Da neurose infantil. Algo muito básico. Pode manifestar-se de maneiras diversas, mas aparece em todos os relacionamentos que ela teve.

— Que quer dizer... aparece em todos os relacionamentos?

— Bem... examine com atenção o que acaba de me descrever. O adolescente com o qual ela fugiu de casa: um caso típico de criança grande. Brincam com sexo. Depois, o velho. Sexo com segurança, Gary. Ela evitou consistentemente a coisa real.

— Os dois homens lhe deram três filhos.

O Dr. Weber afastou a objeção:

— Não é preciso sexo para gerar bebês. Não sexo de verdade. Você quer uma conjectura? Pois lhe darei uma: ela está se masturbando. Isso é tudo. Inventou todo esse circo para ocultar algo que qualquer garotinha faz.

— Por que precisaria chegar a tais extremos para...

— É isso que cabe a você descobrir.

O Dr. Weber sorriu. Sneidermann começou a ver Carlotta sob uma luz diferente. O que via agora diante de si era uma personalidade completa, atormentada, uma menina num corpo de mulher.

— Naturalmente, é apenas uma conjectura — acrescentou o Dr. Weber. — Pode estar cem por cento errada. Eis o que evita que a psiquiatria seja maçante.

Sneidermann sempre se espantava ao ver como o Dr. Weber descobria humor em tais situações. Tentou adivinhar se chegaria a época em que ele próprio também se tornaria tão calejado, ou forçado a apresentar uma fachada tão rude.

— Talvez, senhor — disse Sneidermann. — De todo modo, ela voltou a Los Angeles com os filhos.

— A Pasadena?

— Não. Não se comunicava com a mãe. O pai já morrera, de infarto. Ela foi morar em West Los Angeles.

— Isto nos traz à época atual — disse o Dr. Weber.

— Sim, senhor. Ela trabalhou em diversos clubes noturnos. Alguns namorados; nada sério.

— Prostituição?

— Não, senhor.

— Tem certeza? Já conheceu alguma prostituta?

— Eu?

— Não estou falando de outra pessoa.

— Creio que não.

— Por que fica tão encabulado? Ou conheceu, ou não.

— Nunca conheci uma prostituta, senhor.

— Então, não tem certeza de que Carlotta não praticava sexo por dinheiro.

— Ela ainda tem em si muito de Pasadena. Sob muitos aspectos, é uma jovem dama. Apesar de si mesma. Não acredito que dormisse com um homem por dinheiro.

— Muito bem. Talvez você tenha razão.

— No ano passado, ela conheceu Jerry Rodriguez. Um tipo muito estável, ambicioso. Educou-se à própria custa e trabalha com uma firma que progride depressa. Negócios bancários e imobiliários.

— É um relacionamento sério?

Sneidermann tossiu levemente, vendo-se sob o olhar direto do supervisor.

— Parece haver algumas complicações — replicou.

— A pior é entre Jerry Rodriguez e o filho de Carlotta, que tem atualmente quinze anos. Tiveram algumas discussões ásperas e chegaram mesmo às vias de fato uma ou duas vezes.

— Um triângulo — comentou o Dr. Weber.

— Exatamente. O problema é que Jerry, quando vem à cidade, fica com Carlotta na casa dela.

— Dorme com ela?

— Sim.

— Situação agradável.

— Ele e o filho de Carlotta trocaram murros na última vez. Isto quase rompeu o relacionamento.

O Dr. Weber girou lentamente a poltrona, parecendo aguardar que Sneidermann percebesse alguma coisa, mas o jovem médico só conseguiu permanecer sentado, sentindo-se deslocado.

— Isso ocorreu antes do aparecimento dos sintomas?

— quis saber o Dr. Weber.

— Sim, senhor. Então Rodriguez saiu da cidade. Prometeu pensar bem na

situação.

— Está vendo? Eis o momento crucial para Carlotta. É precisamente a situação capaz de provocar um colapso, Sneidermann observa o Dr. Weber, que parecia apreciar o que descobriria.

— O tal Rodriguez — disse o Dr. Weber. — Um homem maduro. Deseja a coisa real. Acabaram-se as brincadeiras para Carlotta. Terminaram os fingimentos com rapazes e velhos. Forçada a encarar a realidade, ela recua. Volta, regride à realidade de sua infância.

O caso se tornava mais claro para Sneidermann. O Dr. Weber o conduzia à luz.

— Meu único conselho é ser flexível — declarou o supervisor. — Não force coisa alguma a Carlotta. Por motivo nenhum.

— Sim, senhor.

Sneidermann deu-se conta, de repente, de que a sala estava insuportavelmente aquecida. Tinha a camisa ensopada. Sentia-se exausto. Ademais, a fumaça de cachimbo enchia o ambiente e ele sentiu vontade de sair dali, correr pela praia, arejar os pulmões e esquecer a tensão daquelas duas últimas semanas.

Levantou-se, reunindo suas anotações. Tinha a impressão de que o Dr. Weber queria dizer algo, mas preferia calar-se.

— Isto é tudo no momento, Dr. Weber?

— Não exija demais de si mesmo, Gary.

— Que quer dizer com isso?

— Ouvi dizer que você estava tentando transferir um de seus casos para outro residente. Naturalmente, isso é possível dentro do seu programa, mas não é uma boa ideia. Você precisa da fertilização cruzada proporcionada por casos diferentes, que apresentem tipos diferentes de problemas.

— Sim, senhor. Levarei em consideração suas palavras.

15 de novembro — 20:40 horas

Carlotta estava sentada nos frios degraus de cimento na frente da casa. A noite era calma, opressiva, ainda cheirando à névoa de poluição que infectara o dia. Folhas escuras farfalhavam perto da lâmpada do alpendre, lançando sombras negras sobre seus pés. De longe, veio o barulho de crianças correndo. Depois, silêncio.

Sua própria infância parecia um sonho, tão remota que dava a impressão de nunca ter existido. Uma menina pálida, com medo das sombras que o sol lançava sobre os espessos tapetes verdes. Correndo através do roseiral colorido e brilhante, cheio de espinhos aguçados. Nem o homem alto dentro da casa, nem a mulher nervosa no jardim falavam com ela. Ambos não passavam de sombras deformadas, desprovidas de substância. Mesmo após tantos anos, Carlotta sentia o medo renascer em seu íntimo.

Fora a pobreza que a reformara, transformando-a em algo mais básico e mais forte. Coisas irreais deixaram de amedrontá-la. A vida era uma proposição muito básica: homens, trabalho, solidão. Então, por que o velho medo renascia agora?

Porque agora sua vida tinha novamente algo deformado, desprovido de substância e, não obstante, mais forte que ela.

Carlotta correu o dedo ao longo das lascas e rachaduras no cimento dos degraus. Ali estava a semelhança, refletiu ela.

— Mamãe!

Julie saiu correndo pela porta da frente e estacou junto de Carlotta.

— Ele está machucando Kim!

Entraram correndo. Kim se arrastava pelo corredor, os lábios sangrando.

— Eu caí! — choramingou ela.

— Não caiu! — berrou Julie. — Ele a empurrou! Ela estava no banheiro e ele...

Carlotta pegou Kim, acomodando-a no colo, embalando-a.

— Rachou o dente — comentou.

Kim tossiu, engasgando-se, e Carlotta limpou-lhe o sangue do queixo. Continuou a embalar a menininha nos braços.

— Tudo bem. Julie — disse ela. — Onde está Billy?

— Não foi ele!

— Então, quem foi?

— Foi *ele*!

Carlotta olhou para Julie, reconhecendo o mesmo olhar aterrorizado que o espelho mostrara em seu próprio rosto. Julie também estaria adoecendo? Estaria Carlotta infectando os próprios filhos com sua estranha moléstia?

— Venha cá e sente-se perto de Kim e de mamãe — disse ela.

Carlotta terminou de limpar os últimos vestígios de sangue nos lábios de Kim, que parecia mortalmente fatigada. Trêmula e exausta, a menina adormeceu.

— Por que você disse...?

Mas sentiu inequivocamente uma presença estranha na sala.

Uma pressão no ar. Uma vaga sensação de odor. Agora, estava completamente acordada.

— Está sentindo o cheiro, Julie?

— Ele voltou, mamãe!

— Oh, Jesus!

Escutou um estalido e voltou-se. A janela estava trancada.

Acabava de trancar-se sozinha?

— Onde está Billy? — sibilou Carlotta, segurando o braço de Julie.

— Você me machuca, mamãe!

Carlotta sentiu um arrepio subir pela espinha e chegar ao cérebro. Ouviu o barulho de tábuas arrastadas e um ranger metálico. Levantou-se, segurando Kim de encontro ao peito.

— Billy!

Sentiu uma forte sucção de ar. Sua pele se arrepiou. Os cabelos do braço se eriçaram. Ela recuou lentamente para a porta da cozinha.

— Billy!

A porta que dava para a garagem foi violentamente sacudida.

— Ei, mamãe! Abra a porta! Sou eu!

Carlotta agarrou Julie. Não se recordava de haver trancado a porta da garagem. Aquela porta nunca ficava trancada. De repente, as sombras começaram a ondular ao seu redor.

— *Ha ha ha ha ha ha!*

— Mamãe!

No sofá, o cobertor e o lençol foram puxados com violência.

Para recebê-la. Carlotta estendeu a mão para a maçaneta da porta da cozinha. Todavia, como num pesadelo, aquela porta também estava trancada. Carlotta bateu em busca do trinco.

De repente, o barulho de vidro se quebrando. Os cacos choveram pelo chão, chegando até onde ela se encontrava de pé — como uma onda viva de estilhaços de vidro. Havia a presença de um corpo, que a agarrou pelo braço.

— Mamãe! — gritou Julie.

Carlotta viu-se arrastada à força em direção ao sofá. Virou-se, mas seu braço foi torcido até tocar as costas. Ela se debateu.

Foi jogada sobre o sofá.

— Billy! Oh, Deus... ele me pegou!

Billy chegou correndo pelo corredor. Tinha o antebraço cortado em muitos lugares. Avistou a mãe, debatendo-se no sofá, esperneando contra um agressor invisível. Avançou de um salto, agarrando-a pelos ombros, tentando puxá-la. De repente, Carlotta mostrou uma força incrível. Billy foi incapaz de reconhecer a careta que lhe retorcia as feições.

Em pânico, firmou os pés no chão.

— Oh, Deus! Ele me pegou... Billy... vou *morrer*...

Billy tentou envolvê-la com os braços, mas ela se contorceu, escapando, lutando violentamente. As meninas gritavam. Um frio súbito invadiu a sala. Mas Billy não viu nada.

— Salve-me... Billy! Salve-me...

Billy pulou para a frente, com as lágrimas saltando dos olhos. Esmurrou o ar diante da mãe. Nada! Berrou a plenos pulmões. Mas Carlotta não parava, o rosto contorcido de dor.

— Veja, mamãe! Ele está fugindo de mim! Está vendo? Eu o afugentei!

Billy esmurrava o ar e fazia um barulho terrível. Carlotta deixou-se cair de encontro à parede, o corpo trêmulo mesclando-se às sombras.

— Oh, Billy... nunca foi tão ruim! Ele é tão forte...

— Grite! — berrou Billy para Julie. — Nós o afugentaremos! Você também, Kim!

As meninas começaram a gritar, mexendo os braços, sem saberem o que mais poderiam fazer.

— Mais alto!

As duas pularam, criando uma barulheira infernal, dominadas pelo medo e a histeria, lançando sombras incríveis sobre Carlotta, que se apoiava à parede com os olhos negros esgazeados.

— Oh, Billy — murmurou ela. — Estou com medo! Ele vai matar você! É forte demais para você!

Então, Billy foi puxado para o centro da sala, rodopiou e rolou como um pedaço de papelão ao vento.

— Billy!

— Mamãe

Algo parecia espancá-lo. Billy protegeu os olhos com as mãos. Abaixou-se e, depois, ajoelhou-se no chão, tentando defender-se.

— Billy!

Os murros o atingiam com violência, abalando-o, obrigando-o a abaixar-se ainda mais.

— O castiçal!

Billy ergueu os olhos. Por um breve instante, todos se imobilizaram em silêncio, inclusive as meninas. O castiçal pairava no ar, a um metro e meio do chão. Não subia ou descia, limitando-se a pairar no espaço. Então, com velocidade assassina, abateu-se sobre Billy. Este colocou a mão na frente do

rosto, protegendo-se. O castiçal atingiu o pulso esquerdo, com um baque seco.

— Billy!

O rapaz se ergueu, os olhos faiscando em delírio, os cabelos desgrenhados. Movimentava-se de modo estranho, raivosamente, aos arrancos. A mão esquerda pendia, inútil, ao longo do corpo.

O rosto contorcia-se de dor.

Billy pegou o abajur em cima da mesa e o balançou de um lado para outro à sua frente. As sombras dançavam loucamente nas paredes, como longas figuras deformadas que, do alto, ameaçavam a todos. Carlotta viu as feições atormentadas do filho iluminadas por baixo, lançando sombras que pareciam serpentes saindo de suas narinas.

— Não tenho medo de você! — berrava Billy para um ponto indefinido da sala. — Vá embora! Brutamontes! Deixe-nos em paz!

— Billy... não! Ele nos matará a todos...

— Vá embora! — rugia Billy. — Não queremos você aqui!

— Não faça isso, Billy!

— Está vendo? — bradou Billy, voltando-se para Carlotta. — Foi embora! Tem medo!

Carlotta aproximou-se dele, hesitante. Billy tremia como uma folha verde. A mãe teve que ajudá-lo a sentar-se.

— Mãe, precisamos enfrentá-lo! Aqui e agora!

Falou com voz rouca, quase gemendo. Carlotta teve medo de que ele já não fosse o mesmo.

— Shhhhhh...

— Não tenho medo, mãe! Ele não pode me matar!

— Shhhhhh...

— Brutamontes!

— Shhhhhhh...

— Bastardo!

— Billy...

— Bastardo! — gritou Billy para a escuridão. — Filho de uma puta!

Pouco a pouco, percebeu que as meninas o fitavam da mesma forma como antes olhavam para Carlotta.

— Tudo bem, Billy — disse Julie, chorando. — Ele foi embora.

Billy gemeu, levou a mão ao rosto, tomou a baixá-la, mexeu-se na cadeira, tombou a cabeça para trás e gemeu novamente.

— Oh, mamãe! — exclamou, em prantos. — Precisamos ficar unidos!

Carlotta limpou as lágrimas de ambos. Colocou o dedo nos lábios do filho. Alisou-lhe os cabelos. Billy pareceu acalmar-se lentamente. Encararam-se, sem ter certeza do que acontecera.

— Sua mão — disse Carlotta baixinho.

— Está bem.

— Não. Está quebrada.

— O que se quebrou foi o castiçal. Está vendo? Posso mexer os dedos.

Movimentou dolorosamente os dedos diante da mãe.

— O que aconteceu, Billy?

— Não sei, mamãe — respondeu ele em voz baixa.

A casa dava a impressão de vibrar com o silêncio infinito.

Nenhum dos quatro sabia o que lhes estava acontecendo.

Carlotta via sua moléstia se espalhar, como algo terrivelmente contagioso, a todos os membros da família. Sentia-se culpada por todos eles. Conduzira-os ao mesmo abismo. Respiravam juntos o mesmo ar infectado.

Banhou a mão de Billy em água gelada e depois enfaixou-lhe firmemente o pulso. Iriam a um médico na manhã seguinte. Ela não ousava falar no ocorrido. Não se atrevia a interrogar Billy. E se ele já não soubesse distinguir entre o que era real ou não?

Dormiram na sala. Billy enrolou-se num cobertor verde. As meninas se encolheram de encontro a Carlotta no sofá. Ninguém dormiu direito. Não havia maneira de diferenciar a percepção da alucinação. As paredes

pareciam encerrar o temor da loucura. O que estariam pensando, cada um deles por demais amedrontado para falar em voz alta?

— O filho dela também passou a sentir a mesma coisa — disse Sneidermann.

O Dr. Weber meneou a cabeça, aproximou-se mais do mictório e refletiu sobre o assunto. Sua imagem aparecia na porcelana branca e os canos metálicos brilhavam.

— *Folie à deux* — comentou ele, afinal. — Loucura a dois.

Sneidermann estava encabulado por violar a privacidade do Dr. Weber, mas conversas como aquela eram normais. De um modo grosseiro, masculino, condiziam com o senso de humor do Dr. Weber, que se divertia ante a timidez dos residentes.

— O senhor acha que devo chamar o menino? — indagou Sneidermann. — Para descobrir o que lhe vai na cabeça?

O Dr. Weber fez um meneio negativo.

— Ele lhe dirá exatamente a mesma coisa que a mãe. Que espera você que ele diga? “Tranque minha mãe porque ela está maluca”?

— Não, mas...

— Para ela, seria a confirmação da realidade dessas ilusões que vem sofrendo. Logo perceberia que pode contar com uma testemunha a seu favor. Isto dificultaria muito as coisas para você.

— Sim, mas... os indícios de que tal coisa existe independentemente de Carlotta estão aumentando. Na noite passada, ocorreu um pandemônio, com o filho no papel principal. Até mesmo as meninas participaram da ilusão.

— *Folie à trois, folie à quatre* — disse o Dr. Weber, com um sorriso peculiar nos cantos dos lábios. — As crianças estão protegendo a mãe. Apóiam-na. Absolutamente. Os laços familiares são mais fortes que tudo neste mundo. É deveras tocante o que as crianças são capazes de sofrer para protegerem os pais.

Sneidermann pensou um momento.

— Não existe perigo nisso? Quero dizer, para as crianças? Passarem por

algo assim? O filho machucou o pulso durante o episódio da noite passada.

Weber sacudiu a cabeça.

— Se estou compreendendo corretamente o caso, a resposta é negativa. Isso porque se existirem causas reais para ilusões entre as crianças, elas remontam a um ponto muito anterior à histeria da mãe. Neste caso, devem ser tratadas adequadamente. Todavia, parece constituir uma reação direta a Carlotta. Como você sabe, ela está realmente exigindo o apoio dos filhos; precisa que estes lhe suportem o ego. Sente-se terrivelmente amedrontada pelo isolamento que a insanidade representaria para ela. Portanto, de certo modo o apoio dos filhos, por mais bizarro que possa parecer, é realmente muito melhor do que se eles a ignorassem por completo.

Sneidermann suspirou.

— Muito bem — disse ele. — Sinto-me aliviado.

— Durante algum tempo, a casa da rua Kentner será um verdadeiro manicômio. Contudo, creio que à medida que a mãe melhorar as crianças logo retornarão a um relacionamento normal com ela. Você entende como é: “Mamãe está doente”. As crianças estão realmente assustadas. É algo terrível quando ainda somos muito jovens.

Após breve pausa, o Dr. Weber prosseguiu: — O importante, porém, é o seguinte — disse ele, olhando-se no espelho para ajeitar o cabelo. — Você precisa ter certeza de que não existe outro motivo para a alteração no relacionamento.

— Temo não ter captado o que o senhor quer dizer com isso, Dr. Weber.

— Não é nada específico. Suponhamos, porém, que Billy tivesse algum interesse em sustentar a ilusão da mãe. Será possível que o relacionamento não seja tão inocente quanto você acredita?

— É uma ideia interessante.

O Dr. Weber se voltou.

— Billy é o único homem na casa e provavelmente já é sexualmente ativo. Uma situação que não existia dois anos atrás.

— Exato. Ele tem quinze anos.

— Talvez, para o menino, seja uma oportunidade de dar vazão aos próprios

sentimentos. O tal Rodriguez é um rival sexualmente mais forte, ameaçando invadir a casa. Talvez seja um modo de o rapaz dizer: “Está vendo, mamãe? Posso cuidar de mim. E de você, também. Estou do seu lado. Aquele sujeito — ele não entende disso”. Não se trata de algo que retardaria seriamente o seu caso, mas é uma complicação que deve ser levada em consideração.

— Sim, senhor. Não esquecerei. É uma ótima ideia.

— Por outro lado — acrescentou o Dr. Weber num tom cauteloso —, é possível que Carlotta não seja quem você julga que ela é.

16 de novembro — 23:05 horas

As lâmpadas dos postes da rua Kentner brilhavam fracamente. Em meio ao nevoeiro, irradiavam uma cruel luminosidade azulada. A umidade pairava no ar sob a forma de gotículas visíveis. As correntes de ar faziam a garoa revoltar e traziam o cheiro frio do oceano distante.

— Não faz sentido dormir aqui — disse Carlotta, apontando para o sofá. — Não adianta mais.

— Não — concordou Billy. — Creio que não.

— Quero dizer, se ele desejar voltar, voltará. Não é mesmo?

— Creio que sim.

Carlotta necessitava desesperadamente perguntar a Billy o que este vira e sentira na noite anterior. Contudo, horrorizava-se ante a perspectiva de até mesmo tentar.

— O médico mandou-me dormir no sofá. Com alguém perto de mim.

— Mas você passou mal aqui também.

“Passou mal”, refletiu Carlotta. Billy considerava doença.

Olhou para o filho, que lhe evitou o olhar. Disfarçava alguma coisa; ou, então, também não sabia o que pensar.

— Quero dizer, não faria diferença eu dormir na cama, que é mais confortável, já que passarei mal de qualquer maneira.

— Claro — murmurou Billy.

— Qual é o problema, Billy?

— Não sei o que está acontecendo, mamãe.

A simples verdade foi direto ao coração de Carlotta.

Encontravam-se na mesma ambiguidade fatal. Nenhum dos dois sabia o que era ou não real.

— E o médico? — perguntou Billy. — Ele não tem alguma ideia?

Carlotta sacudiu a cabeça.

— Tem ideias de todos os tipos — respondeu. — Nenhuma delas adequada.

— Então, não fará diferença você dormir na cama, mamãe. Não vejo motivo para dormir no sofá.

Carlotta sentiu um aperto no coração. Sneidermann enganara-se quanto à segurança no sofá; agora, parecia não restar escolha senão suportar da melhor maneira possível o que o futuro reservava. E tentar sobreviver.

— Neste caso, estou de volta ao ponto de partida — murmurou ela, quase consigo mesma.

— Está frio aqui dentro.

— Billy, promete dizer a verdade se eu lhe perguntar uma coisa?

— Claro.

Carlotta colocou os cobertores sobre a cama desfeita, simulando a maior naturalidade possível. Acendeu um abajur que lhe iluminou suavemente o rosto. Fitou Billy com os olhos ocultos pela escuridão, sentindo-se triste, confusa, dependente de uma resposta dele.

— Você sentiu algum cheiro ontem à noite?

— Na sala? Não, mamãe. Não me lembro disso.

— Será franco comigo? A despeito de qualquer coisa?

— Sim.

— Muito bem. Preciso colocar as coisas em ordem na minha cabeça.

Confusa, Carlotta sentou-se na beirada da cama. Billy passou-lhe um cinzeiro. Ela bateu o cigarro no pulso, mas não o acendeu.

— Mas está sentindo um pouco de cheiro agora, não está? — perguntou.

— Eu... não sei, mamãe.

— Como pode não saber?

— Estou confuso, mamãe. Sei que você sente o cheiro. Às vezes, tenho a impressão de senti-lo também, mas talvez seja apenas porque você me diz isso.

— Então, não sabe? No momento?

— Creio que sinto. Eu...

— Cheiro de quê?

— Você sabe?

— O quê?

— Um cheiro humano. Cheiro de carne. Desagradável.

Carlotta, com os dedos trêmulos, recolocou o cigarro no maço. Billy achava que era um cheiro *humano*. Isso nunca ocorrera a ela.

As janelas, estavam totalmente negras. Pequenos filetes de nevoeiro condensado escorriam pela parte externa das vidraças.

Carlotta observou o movimento da luz na água. Depois, virou-se vagarosamente para Billy.

— Talvez devamos voltar para a casa de Cindy — comentou.

— Eles não nos querem lá, mamãe. George detestaria.

— Talvez. Pode ser que você tenha razão. Já não sei mais o que fazer.

Billy ergueu-se desajeitadamente, o corpo silhuetaado pela estranha luminosidade da vidraça. Carlotta nunca se sentira tão solitária.

— Quer que eu fique aqui com você? — perguntou Billy em voz baixa.

Carlotta sorriu. Era um sorriso desprovido de satisfação; apenas um sorriso triste, completamente desesperançado, que partiu o coração de Billy.

— Na *última* vez, conseguimos afugentá-lo.

— Você é a coisa que mais amo no mundo, Billy. Não quero que se machuque.

Billy não teve certeza de como devia interpretar aquelas palavras. Tudo lhe parecia muito confuso. Tinha medo até mesmo de beijar Carlotta para lhe dar boa-noite. Saiu, dirigindo-se a seu quarto.

O nevoeiro condensou-se numa chuva fina, depois clareou e cessou. Carlotta despiu-se, o corpo lançando sombras compridas e oblongas contra a parede. Billy abriu a porta de seu quarto e viu que Carlotta deixara a dela aberta. Avistou as sombras da mãe, ondulando na parede.

Não havia resposta, refletiu Carlotta. Nem do médico, nem de Billy. Não existia um apoio racional de qualquer lado.

Suspensa entre duas alternativas igualmente desalentadoras, sua mente começou a funcionar a esmo, com pensamentos desconexos. Seria real, ou não?

Dormiu com o abajur aceso sobre a mesinha de cabeceira.

Picou espantada ao acordar durante a noite e verificar que a luz estava apagada.

— Billy?

— Shhhhhhhhhhh!

Antes que ela pudesse emitir outro som, uma mão fria tapou-lhe a boca. Carlotta desferiu um pontapé, mas sua perna foi agarrada. Tinha os braços torcidos para trás, presos de encontro às costas.

— Shhhhhhhhhhh!

Estava segura, dominada. Um peso pressionava a beirada da cama. Carlotta esbugalhou os olhos, aterrorizada. Não viu coisa alguma. Sentiu algo frio na coxa. Unia carícia gelada. Lutou violentamente para libertar-se.

— Shhhhhhhhhhh!

A ponta de um dedo traçou-lhe de leve o contorno dos seios.

Virou a cabeça com força, engasgando-se. Sentiu alguém agarrar-lhe com firmeza os cabelos na testa. Compreendeu que se tratava de uma advertência para não fazer barulho. Por um momento, nada aconteceu. Estava escuro como breu e ela não conseguia ver nada, nem mesmo a parede mais próxima.

— Quem é você? — sibilou ela.

Sentiu os dedos sobre a barriga, descendo.

— De onde veio? — arquejou em voz baixa.

— Shhhhhhhhhhh!

Sentiu as pernas serem afastadas, delicadamente. Algo lhe segurou os pés. Algo diferente da carícia ao longo da coxa.

Percebeu uma espécie de relaxamento da tensão dentro da noite, como se o ar esquentasse um pouco. Os cabelos dos braços começaram a eriçar-se e a pele se arrepiou, como se fosse picada por milhões de pontas de alfinete.

— Quem é você?

Respirava com dificuldade, ofegando profundamente.

No quarto negro, teve a impressão de ver-se no espelho.

Então, deu-se conta que o ar diante dela assumia uma espécie de transparência levemente brilhante; vapor começou a brotar do assoalho.

— Oh, meu Deus! — balbuciou.

Uma substância semelhante a fumaça, porém mais densa, parecia congelar-se, emitindo uma luminosidade verde, fria, pegajosa, mortífera.

— Shhhhhhhhhhh!

Músculos... um antebraço... expandindo-se como um silvo rouco e distorcido de ar, começando a brilhar... O corpo de Carlotta foi banhado pela luz verde, as coxas ocultas nas sombras que o próprio corpo criava.

— Shhhhhhhhhhh!

Um pescoço... ombros fortes... as veias saltadas... orelhas...

Carlotta comprimiu-se de encontro à cabeceira da cama, tentando esconder-se nas sombras.

— Shhhhhhhhhhh!

O rosto que a fitava — de tão alto — sorriu libidinosamente.

As paredes emitiam um brilho, dando a impressão de se expandirem, até que Carlotta perdeu a noção de espaço, o senso de profundidade, vendo diante de si apenas o brilho que subia, rolava — que era algo mais que uma simples luz. Carlotta delirava. Quente. Exausta. Vazia. Sufocada.

As sombras das narinas... dilatavam-se de prazer... os lábios cruéis... os olhos... os olhos... oblíquos... amendoados...penetravam-na... conheciam-na carnalmente... sabiam tudo a respeito de Carlotta...

O homem levou o dedo comprido aos lábios. Agora, estava completo.

— Shhhhhhhhhhh!

Carlotta rastejou, trêmula e muda, através da cama, sem saber onde estava ou para onde ia. Então os membros cederam, como se feitos de borracha mole, e ela tentou gritar — mas não tinha voz. Sentia o corpo quente, febril.

Uma mão pegou-lhe a cintura, virando-a suavemente como uma flor. Galáxias pareciam girar-lhe no cérebro. Por toda parte um calor esverdeado. Carlotta fez força para cima, dissolvendo-se de forma inimaginável, até não existir mais.

— Oooooohhhhhhh!

— Shhhhhhhhhhh!

Um negro espasmo de repulsa subiu-lhe pela espinha. A consciência se esvaiu.

De manhã, ela estava nua, atravessada na cama. A porta continuava aberta. Carlotta não tinha forças para mover-se.

Gradativamente, os sons do dia lá fora encheram o quarto.

Ela escutou Billy movendo-se no quarto ao lado. Abriu os olhos; sentou-se lentamente na beirada da cama. As vidraças estavam secas, riscadas por vestígios de poeira onde a água escorrera na noite anterior.

Carlotta foi ao banheiro, trancou a porta e abriu o chuveiro.

Permaneceu sob o jato de água por quase uma hora.

Na quarta-feira, 17 de novembro, Sneidermann sentia-se algo inquieto. Transferira um de seus casos para outro residente.

Utilizando o tempo extra para explorar o caso de Carlotta Moran, descobrira algum material histórico interessante. Soldados que haviam alucinado regimentos inteiros. Velhos que falavam com cavalos a caminho de funerais.

Todos os tipos de pessoas haviam experimentado todas as espécies de ilusões em períodos de tensão emocional. A violação do senso de percepção não afetara de modo permanente o funcionamento do ego. Portanto, quando Carlotta deixou de aparecer naquela tarde, Sneidermann, telefonando para o curso de secretariado, descobriu que ela não comparecia às aulas há uma semana; sentiu-se invadido por um vago presságio.

Telefonou para a casa de Carlotta.

— Oh, Dr. Sneidermann — disse ela. — Acho que faltei ao nosso encontro. Não sei o que está acontecendo...

Sua voz tinha o tom vago e desagradável de alguém que está distante do que diz. Fez-se uma pausa.

— Dormi em minha cama, na noite passada. Pareceu-me não fazer sentido... dormir no sofá... depois do que aconteceu com Billy... Então, acordei... e ele estava em cima de mim...

— Você está passando bem?

— Sim... Eu... só não sei o que fazer...

— Onde está Billy?

— Oh, ele está aqui. Não foi à escola hoje...

— Tudo bem. Não quer vir à clínica?

— Não. Isto é, que sentido faria? De que adianta?

Sneidermann tentou imaginá-la, segurando o fio do telefone, procurando lembrar-se de quem ele era, observada por Billy de algum ponto distante da sala.

— Carlotta... Pode contar-me o que aconteceu?

— Sim... quero dizer, contei a Billy, de modo que acho... mas é tão...

— Não há motivo para envergonhar-se. É como contar-me um sonho.

— Sim... mas eu... Ele... eu o vi.

— Você o viu?

— Meu Deus! Sim...

— Visivelmente? Isto é, você... o que... Pode descrever o que viu?

— Eu realmente o vi, Dr. Sneidermann. Foi... incrível...

Sneidermann tentou conter a impaciência. Agora, Carlotta dera uma forma visível à ilusão, fortalecendo-a, tornando muito mais difícil não acreditar nela. Sneidermann não pôde deixar de perceber a tenacidade com a qual ela construía e se agarrava àquela coisa.

— Como era ele, Carlotta?

— Alto... um metro e oitenta...

— Como sabe?

— Sua cabeça chegava à altura da porta... quer dizer que tinha mais que um metro e oitenta... dois metros... e...

Fez uma pausa.

— Sim?

— Era chinês...

— Chinês?

— Sim. Tinha olhos rasgados... maçãs do rosto proeminentes... aquele tipo de rosto. Passou-me pela cabeça... que ele deve ser chinês.

— Por que não coreano? Ou japonês?

— Não sei o que ele era, Dr. Sneidermann. Estou apenas lhe contando o que vi.

— Claro. Naturalmente. O que mais?

— Tinha olhos azul-esverdeados. Muito musculoso... com veias salientes no pescoço... como um atleta...

— Que roupas usava?

— Nenhuma.

— Nu?

— Absolutamente...

— Estava sexualmente excitado?

— Estava... não exatamente... parecia pela metade...

— Sim. Compreendo.

— Ele... o senhor sabe... era muito grande. Foi o que mais me amedrontou.

— Sim, é claro.

— Ele dizia: “Shhhhhhhh!” Bem assim. Murmurando. Com um dedo nos lábios, como se me mostrasse um segredo.

— O segredo era ele mesmo?

— Sim, exatamente. Ele se mostrava a mim.

— Por que acha que ele fez isso?

— Porque eu lhe pedi.

Sneidermann fez uma pausa, concentrando-se ferozmente, tentando captar o que ela estava dizendo por detrás das palavras. Por vezes, conseguia senti-la como uma personalidade dinâmica, destruindo disfarces e lutando para assumir o controle; por vezes, afastava-se, distanciando-se dele, deixando apenas as palavras que pronunciava.

— Bem — disse Carlotta. — Eu não *pedi*, exatamente. Apenas gritei: “Quem é você? O que deseja?” Algo assim..

— Naturalmente. É o que qualquer pessoa também faria.

Uma pausa prolongada. Sneidermann umedeceu os lábios.

Era evidente que havia mais a relatar, mas Carlotta queria que ele extraísse a verdade.

— E então, o que aconteceu? — perguntou ele.

— Então, ele se deitou na cama comigo... e...

— E mantiveram relações sexuais?

— Sim. Completamente. Então eu... acho que desmaiei. Foi demais. Eu estava me dissolvendo naquela luz... naquela luz que era ele... uma luz verde, fria. Creio que perdi os sentidos...

— Como se sente agora?

— Consumida. Suja... de corpo e alma... Imunda...

— Sim, Carlotta. É compreensível. Naturalmente. Uma experiência muito difícil. Quer vir à clínica?

— Não. Não quero ver ninguém. Preciso limpar a cabeça...

— Posso enviar um carro. Ou ir pessoalmente.

— Não. Não quero falar com o senhor... ainda não...

— Mas virá amanhã?

— Amanhã?

— Sim. Amanhã será o dia da conferência.

— Do quê?

— Já lhe expliquei que haverá uma conferência sobre o caso, na quinta-feira. É importante para mim consultar as opiniões dos colegas. Para você também.

— Sim... está certo.

— Posso mandar um carro buscá-la. Basta você telefonar para a clínica. Fazemos isso periodicamente.

— Não é preciso. Estarei bem.

— Certo, Carlotta. Agora, escute. É importante. Expliquei-lhe que os ataques não ocorreriam se houvesse alguém com você. Lembra-se de como ele foi embora na noite em que Billy a socorreu, na sala?

— Mas...

— Sugiro *enfaticamente* que você faça Billy dormir no quarto. Num colchão, ou algo semelhante. Sei que perturbará sua rotina, mas não quero que você torne a enfrentar sozinha essa coisa.

— Farei o que o senhor está sugerindo, Doutor.

— Ótimo. E ouça: o curso de secretariado telefonou para cá.

Pediram-me que confirmasse seu tratamento aqui. O professor me disse que você perdeu quase uma semana de aulas.

— E daí?

— Não estou vigiando você, Carlotta. Apenas imaginei se haveria algum motivo especial.

— O motivo é que não adianta eu ir às aulas.

— Que quer dizer com isso?

— Não estou em condições de concentrar-me. E o que pode fazer a Previdência Social? Mandar-me para a cadeia?

— Não, claro que não. Mas...

— Tudo está tão distante de mim.

— Eu gostaria que você comparecesse às aulas.

— Estou muito atrasada em relação aos outros.

— Levarão o fato em consideração. Você compensará da melhor maneira possível.

— Para mim, não faz sentido.

O tom indiferente, desanimado e desleixado da voz de Carlotta parecia sair dos livros de consulta. *La belle inãifférence*, era o termo psiquiátrico. Carlotta estava dissociada de si mesma; já não se dava importância; cessara de resistir. Sneidermann tentou alcançá-la através daquela névoa de indiferença.

— O motivo é o seguinte: o que você está aprendendo no curso ajuda a sua disciplina. Além disso, dá-lhe confiança na sua capacidade. Você ficará numa posição muito melhor quando terminar o curso e tiver o diploma.

Carlotta passou algum tempo calada. Quando falou, foi em voz submissa:

— Se isso o satisfaz.

— Ótimo, Carlotta. Muito em breve, agradecerá a si mesma.

Então... encontramos-nos amanhã. Venha ao meu consultório e eu a levarei à sala de conferências.

— Está bem. Amanhã.

Ela desligou o telefone. Sneidermann ficou sentado à mesa, fez algumas anotações finais, guardou-as na pasta referente ao caso Moran e olhou para o relógio na parede. Dispunha da sala por mais uma hora. Resolveu concentrar-se na alucinação que Carlotta acabara de relatar. Em seguida, decidiu ir buscar café na máquina do saguão.

A mente de Carlotta estava produzindo imagens fortes e explícitas. Por quê? O que significava aquela epígrafe para ela? De que modo o inconsciente viera a confeccionar para ela tal criatura elaborada e exótica? E quanto tempo mais ele levaria para conhecer Carlotta o suficiente para começar a perceber a verdade?

A personalidade de Carlotta — como qualquer personalidade humana — fora construída numa série de camadas, cada uma delas apoiada na imediatamente inferior.

Todavia, à semelhança das camadas geológicas da Terra, no fundo de tudo estava o núcleo. E o núcleo da personalidade de Carlotta era Pasadena, no cadinho fervente do drama psicológico de seus pais. Sneidermann refletiu que existiam as camadas superiores, o relacionamento dela com Jerry, com Billy, com Bob Garrett e com Franklin — mas todas se apoiavam na organização fundamental de sua psique. E esta se formara muitos anos antes, em Pasadena. *Lá* estava a chave de tudo — no momento, oculta até mesmo do próprio consciente de Carlotta.

Sneidermann filou um cigarro da enfermeira no balcão da recepção e voltou ao consultório. Buracos, buracos e mais buracos na estrutura, pensou ele, folheando as anotações sobre o caso. Quando seriam preenchidas as lacunas?

Passou uma hora sentado à mesa. Para cada pensamento que lhe chegava nitidamente, surgia uma centena de ideias que obs-cureciam e embaralhavam sua compreensão. Seus pensamentos se dirigiram a áreas ainda desconhecidas, inexploradas. Ele tentou estabelecer um mapa do caso e descobrir aonde era mais necessário dirigir-se.

Aguardava com impaciência o dia seguinte. Talvez os psiquiatras do quadro permanente do hospital conseguissem preencher algumas das lacunas.

9

Sneidermann e Carlotta ocupavam cadeiras forradas de vinil vermelho numa sala pequena. Fazia frio lá dentro. Um grupo de enfermeiras e pacientes do sexo masculino saiu dos elevadores lá fora.

— Na verdade, um dos médicos é famoso — disse Sneidermann. — Veio da John Hopkins. É como o Einstein da psiquiatria.

Carlotta sorriu maquinalmente, acendeu um cigarro, apagou o fósforo e cruzou as pernas. Olhou o relógio na parede. As salas de reunião ficavam ao lado dos escritórios da administração. Ali não havia cheiro de remédios ou produtos químicos, barulho de alto-falantes ou movimento de público nos corredores. Tudo muito calmo. As paredes brancas absorviam todos os ruídos.

— Nunca imaginei que tantas coisas pudessem estar erradas num ser humano — comentou ela.

— A mente é incrivelmente complexa. Todavia, vou dizer-lhe uma coisa, Carlotta: você não sabia ao vir procurar-nos, mas esta clínica é a melhor de sua espécie em toda a Costa Oeste. Portanto, não se preocupe.

Carlotta tornou a sorrir. Sneidermann percebeu que os sorrisos dela vinham-se tornando consistentemente vagos, mecânicos. Estava mais afastada de seus próprios sentimentos que no primeiro dia em que viera à clínica.

Uma porta escura diante deles se abriu, dando passagem a uma enfermeira idosa, com óculos de aros de tartaruga.

— Dr. Sneidermann? — perguntou ela com um sorriso. — O senhor está pronto?

— Certamente.

A enfermeira segurou a porta enquanto ele se debruçava para Carlotta e dizia baixinho:

— Escute: preciso entrar e fazer um relatório. Demora cerca de vinte a vinte e cinco minutos. Então, ela virá chamar você. Certo?

— Está bem.

Sneidermann ergueu-se, alisou os cabelos, certificou-se de que a caneta estava na posição vertical e não vazava tinta no bolso do paletó do terno. Em seguida, ajeitou a gravata.

— Dr. Sneidermann.

Ele se voltou.

— Sim?

— Boa sorte.

Sneidermann exibiu um largo sorriso.

— Ora, muito obrigado, Carlotta. No duro.

Entrou na sala de conferências. Carlotta esticou o pescoço para espiar. Lá dentro estavam uma mulher e diversos homens, um deles bastante idoso, com longos cabelos brancos. Ouvia-se um murmúrio de saudações e a porta se fechou vagarosamente.

Carlotta estava sem cigarros. As máquinas automáticas ficavam no corredor, fora da pequena sala de espera. Ela catou algumas moedas na bolsa e comprou um maço. A enfermeira no balcão da extremidade do corredor a observava e Carlotta percebeu. Acendeu um cigarro e voltou lentamente à sala de espera.

Alguns sons abafados vinham do corredor. Carlotta virou a cabeça, olhando para a porta aberta, mas não conseguiu ver coisa alguma. Teve a impressão de que se tratava de uma luta física.

Pensou com seus botões: ora, existem lugares em Nevada onde as pessoas passam dificuldades, ficam doentes e até mesmo morrem, mas fazem-no do mesmo modo como as moscas voam sobre os *canyons* — inevitavelmente. Sem tubo nas narinas, sem seringas hipodérmicas, sem monitores de televisão focalizados em suas cabeças.

Olhou desdenhosamente para o corredor.

Vários administradores enérgicos e elegantes saíam de uma sala de reuniões. Atrás deles, vinham três enfermeiras idosas e uma secretária. Nenhum vestígio de espontaneidade, pensou Carlotta, nem uma só grama de humor

genuíno. Ninguém ali parecia em real contato consigo mesmo; muito elegantes, é claro, e espertos também — mas afastados da realidade. Como Sneidermann. E agora, *eles* tratavam dela.

Um lugar como o planalto deserto, por exemplo, onde o mato seco é arrancado do solo e rola de encontro às cercas de arame farpado, onde o nascer do sol enche os *canyons* como compridos dedos vermelhos esgueirando-se sobre as rochas, onde o gado atravessa ruidosamente os riachos no início da primavera, levantando um chuveiro prateado de água fria e frágeis cristais de gelo.

Sim, num lugar como aquele a gente pode sofrer, pode ser obrigado a lutar contra a terra; tudo pode dar errado — mas a gente luta como uma pessoa completa, porque faz parte da natureza. Um lugar amplo, que faz parte da gente. Não existem especialistas, nem corredores, nem falsas expectativas, nem total desesperança.

Carlotta largou o cigarro na areia de um cinzeiro de pé.

Talvez chegasse o dia em que ela voltaria para lá. Algum dia.

Podia acontecer. Não; Jerry não iria. Era um indivíduo da cidade.

Talvez conseguissem chegar a uma solução. Jerry era uma pessoa razoável. Até então... Até então — o quê? Desalentou-se.

O que estava fazendo ali? Por que não saía correndo? Fugia para longe?

O cigarro incendiou um papel de balas. Assustada, Carlotta cobriu a pequena chama com areia. Pegou várias revistas que estavam na mesa. Revistas femininas. Velhas estórias de amor, para mulheres velhas. Largou as revistas no lugar.

Sabia muito bem por que motivo não podia fugir. Ou, se fugisse, por que jamais poderia voltar a Nevada.

Com o último dinheiro que lhe restava, Carlotta comprara uma passagem de ônibus para Carson City. Era o próximo ônibus a partir. Ela e o bebê, Billy, observaram o panorama transformar-se numa árida série de vales e platôs. Antes de chegarem a Carson City, viu uma cidadezinha chamada Two Rivers. Parecia tão tranquila que, quando o ônibus parou lá para o almoço, ela resolveu ficar.

Two Rivers ficava numa estrada alta, que dominava um longo vale inclinado. De tempos em tempos, os criadores de gado vinham para uma sessão no único cinema, para jantar no café, para jogar bilhar e beber cerveja nas tavernas. Carlotta trabalhava no Café Two Rivers. Morava num quarto nos fundos do café, com outra garçonete que não gostava de Billy. O quarto virou uma bagunça. Os vaqueiros lhe faziam constantemente propostas licenciosas. No final do outono, o céu ficou nublado, o vento soprava a poeira através da cidade e o vale se tornou cada vez mais seco e árido.

Um vaqueiro mais idoso entrou no café. Tinha cabelos brancos, usava uma jaqueta de brim forrada de pele, seu rosto profundamente vincado e curtido pela vida ao ar livre. Era esguio e movimentava-se com a graça de quem está em contato com o mais íntimo de seu ser. Carlotta calculou que ele devia ter cerca de sessenta anos.

— Sim — respondeu ele, quando Carlotta indagou. — Conheço alguns locais. Existem cabanas lá perto de Rudhing Springs.

— Posso me mudar para lá?

— Pagando aluguel. Conheço o dono. Diga-lhe que foi mandada por Bob Garrett.

A cabana era pequena e totalmente isolada. O proprietário estudou Carlotta com ar de dúvida. O que sabia aquela moça da cidade a respeito da vida no deserto? Mas a palavra de Bob Garrett valia para ele. Carlotta mudou-se para a cabana, comprou um Chevrolet 54 sem calotas e pára-lamas, passou a ir de carro para o trabalho — dezesseis quilômetros de distância — todos os dias. A cabana não era bem calafetada. Durante as tempestades, a eletricidade falhava. Carlotta desejava que a terra árida, as pessoas taciturnas e pouco comunicativas, a transformassem numa nova pessoa. Suprimia todas as lembranças de Franklin Moran e de Pasadena.

— Como vai sua nova casa?

— Oh, Sr. Garrett — replicou Carlotta. — Muito bem, obrigada. Um pouco fria. O vento a atravessa de lado a lado.

Garrett riu baixinho. Uma turquesa lapidada pelos navajos brilhava numa pulseira de prata em seu braço. Tinha as mãos aduncas de um velho, mas os antebraços eram musculosos e as veias sobressaíam como rios num panorama marrom.

— Pregue uns tapetes na parede — sugeriu ele. — Não é bonito, mas aquece.

— Farei isso. Muito obrigada, mais uma vez.

— O dono tem pedaços de tapetes no barracão. Peça a ele.

Carlotta observou-o levantar-se e dirigir-se à caixa registradora. Garrett dava sempre a impressão de estar pensando em algo distante, os olhos azuis brilhando estranhamente, como se vissem alguma coisa vagamente humorística nas pessoas que o rodeavam.

— Diga-me, Sr. Garrett — disse Carlotta, hesitante. — Será que o senhor conhece alguma coisa a respeito de automóveis?

— Já montei um ou dois motores. Por quê? Qual é o problema?

— Bem, é o meu Chevrolet. Desde que o tempo esfriou, o motor morre. Em plena estrada.

Garrett olhou para a bonita garçonete, cujos olhos eram tão francos e confiantes. Não obstante, ele percebia por detrás deles uma profunda suspeita quanto a pessoas e lugares. A jovem era vulnerável e atenta, ao mesmo tempo. Mostrava-se tão decidida a ser independente, porém nada conhecia a respeito de automóveis, do deserto, ou dos homens e mulheres que ali viviam.

— Não é coisa grave — disse ele. — Leve-o ao John, o mecânico que fica no cruzamento das estradas.

Carlotta hesitou, percebendo que Garrett estava prestes a sair. Debruçou-se sobre o balcão, dizendo baixinho: — Não gosto dele, Sr. Garrett.

— De John? Ora, ele é...

— Lança-me olhares esquisitos.

— Não é de espantar. Gosta de moças bonitas.

— Aquela oficina é tão escura. Fico arrepiada de medo.

Garrett ficou perplexo. Percebeu o medo por detrás dos olhos dela. Não teve certeza do que dizer, por algum tempo. Não era seu costume falar muito. Todavia, a moça era indefesa e confiava nele.

— Não precisa ter medo do pessoal daqui, sabe? — declarou. — Ninguém deseja lhe fazer mal.

— Tenho minha própria opinião a respeito.

Garrett ficou calado. Colocou o chapéu na cabeça e ajeitou os cabelos brancos. Por um instante, pareceu preocupado.

Aquele tipo de dúvida nas pessoas o perturbava, pois não havia necessidade de ser assim.

— Vou lhe dizer uma coisa — falou, afinal. — Existe um modo pelo qual ninguém será capaz de magoá-la.

Calou-se. Parecia procurar a frase certa. Estudou a melhor maneira de dizê-la. Posteriormente, Carlotta ficou sabendo que ele era capaz de passar o dia inteiro calado se não encontrasse as palavras certas para expressar uma ideia.

— Uma pessoa que sabe quem ela mesma é não tem medo das outras pessoas.

— Talvez. Nesse sentido. Mesmo assim, não irei procurar John.

Garrett suspirou, achando a teimosia dela divertida e, ao mesmo tempo, perturbadora.

— Seu Chevrolet está aqui? Traga-o para a frente. Eu darei uma espiada nele.

— Por Deus, Sr. Garrett... eu não queria que o senhor...

— Não é problema. Voltarei dentro de alguns minutos.

— Eu... lhe agradeço muito... Sim, vou buscar o carro.

O outono congelou-se num período de sucessivas nevascas.

Carlotta e Billy, confinados na cabana à noite, viram-se incapazes de suportar o isolamento das longas horas de desolada escuridão. Carlotta passou a imaginar com maior frequência se haveria outros lugares para onde fugir.

Então, o vale se tornou um campo alvo. O horizonte desapareceu em nuvens de branca tempestade. De repente, Carlotta deu-se conta da loucura de sua fuga de Two Rivers.

Jamais experimentara um inverno como aquele. Suas roupas não eram

suficientemente quentes; o vento frio as atravessava.

Quando comprou capotes novos, ficou quase sem dinheiro.

Então, o café fechou. Era Ano-Novo. A tempestade continuou. E a estrada ficou bloqueada. O Chevrolet ficou soterrado sob um metro de neve.

A perspectiva de morrer de fome numa cabana isolada nos confins do mundo era absurda. Sua vida inteira estava prestes a transformar-se numa aventura ridícula e desperdiçada. A neve continuava a cair, macia, empilhando-se no lado de fora das janelas. O suprimento de lenha escasseou. O proprietário da cabana permanecia em Two Rivers. A comida começou a acabar, O bebê já não conseguia sugar leite dos seios de Carlotta, que ficou com medo do clima gelado. Primeiro, a bomba d'água emperrou e foi difícil descongelá-la com água fervente. Depois, a água se congelou no encanamento da pia e Carlotta não conseguiu encontrar os canos sob o assoalho da cabana. Gemidos metálicos mesclavam-se ao uivo do vento cortante. Dia e noite, ela e Billy esperaram que o tempo melhorasse.

Certa manhã, Carlotta sentiu a dor da fome na boca do estômago. Teve medo de que Billy, com a resistência abalada pelo frio e pela má alimentação, adocesse. Pior que tudo, porém, era saber que estava isolada, perigosamente prestes a morrer de fome, a apenas dezesseis quilômetros da cidade. A neve cobria a estrada até ser impossível identificá-la.

Tudo parecia atestar a inutilidade de sua tentativa de independência, a sua incapacidade de sobrevivência. Franklin Moran tinha razão; sabia para o que Carlotta servia. Para aquilo e nada mais. Seus pais tinham razão; ela era uma criança pernicioso, sem direito a reclamar qualquer coisa neste mundo.

Agora, as vozes deles zumbiam no pensamento de Carlotta durante a noite. Todas as manhãs as nuvens passavam sobre os campos brancos, empilhando cada vez mais neve.

Escutou o barulho de um motor. Após algum tempo, o som se aproximou. Carlotta espiou pela janela e avistou o dono da cabana num trenó motorizado. Ele acenou da entrada do quintal.

Carlotta correspondeu ao aceno num gesto débil.

— Encontrei Bob Garrett no cruzamento — informou o homem. — Ele

adivinhou que a senhora devia ter sido apanhada de surpresa, sendo tão nova nesta região.

— Oh, Deus o abençoe... Fiquei isolada... Fui tão estúpida...

— Tudo bem, agora, Sra, Moran. Acontece de vez em quando.

O homem trouxe vários caixotes de alimentos para o interior da cabana. De algum modo, a presença de um homem na exígua cabana deixava Carlotta nervosa. Ficou ansiosa para que ele se fosse logo. Mas o proprietário trouxe mais lenha do depósito que costumava manter trancado, verificou o funcionamento da bomba e do encanamento antes de ir-se. Aliviada, Carlotta viu-o afastar-se. Para ela, todos os homens — exceto o velho vaqueiro, Garrett — eram bestiais. Tinha medo de ficar sozinha com algum deles.

Durante a primavera, a lama escorria como água pelas ruas desoladas de Two Rivers.

Garrett entrou no café recém-aberto. Usava uma jaqueta xadrez de caçador e botas de bico fino. Carlotta sorriu para ele.

— Muito obrigada, Sr. Garrett. O senhor me salvou a vida.

— Eu sabia que você não era do tipo prático — replicou ele.

— Eu apenas... oh, foi tão terrível...

— Precisa cuidar-se bem, Carlotta.

Lá fora, a neve derretida se tornava lama — lama que sujava os carros, as calçadas, agarrando-se aos pés de todos que saíam à rua. Não obstante, quando Garrett a chamou pelo nome, Carlotta sentiu-se melhor. De algum modo, ali estava um contato com a terra dele, com a parte que não era hostil — um contato estabelecido através daquele vaqueiro de cabelos brancos, sentado perto das cortinas quadriculadas.

— Nunca fui capaz de cuidar-me sozinha — confessou Carlotta. — Este lugar é tão hostil. Tanto quanto Los Angeles.

Garrett encarou-a com ar ofendido. Passou algum tempo calado e Carlotta julgou que ele nem a escutara. Então, após terminar o café, ele se voltou na cadeira. Estavam sozinhos no salão.

— Vou mostrar meu rancho a um comprador em perspectiva. Você quer

conhecê-lo?

Carlotta o encarou de modo estranho. De repente, teve dúvidas a respeito dele. Sua voz não continha insinuações; não obstante, Carlotta protegeu-se sob um véu de indiferença.

— Saindo da cidade, você terá uma vista do vale inteiro — disse ele.

— Oh, Sr. Garrett. Eu...

— Basta subir a estrada da montanha. Você mudará de opinião sobre esta região.

— Bem, o bebê está lá nos fundos...

— Levaremos apenas vinte minutos.

Depois que o café fechou, Carlotta acomodou-se com um casal de meia-idade na cabine do potente caminhãozinho de Garrett, segurando Billy no colo. À medida que subiam a montanha, começou a sentir-se maravilhada. Nunca estivera a tamanha altitude, jamais descortinara um panorama de tão alto.

Vales após vales surgiam à vista, os tufos de nuvens primaveris parecendo pequenas bolas de fumaça branca à distância, e Carlotta pôde ver os dois braços de um rio serpenteando preguiçosamente por entre os cactus lá embaixo.

— Aqui em cima é tão lindo! — exclamou.

— Não é como Los Angeles, hem? — replicou Garrett.

Carlotta riu, aproximando Billy da janela.

— Veja, Bill! Uma águia! Você nunca tinha visto uma águia!

— E ainda não viu — disse Garrett, achando graça. — Aquilo era um gavião.

Quando saltaram do veículo, Garrett apontou alguns detalhes para o casal. Bem ao longe, mais parecendo uma miragem distante, aninhada sob platôs vermelhos, havia uma pequena casa de rancho, quase amarelo à luz jaspeada do sol.

Um riacho corria ao lado e, mais além, a estrada galgava as montanhas

secas.

O ar puro desfazia os cabelos de Carlotta. O coração lhe batia com força, não por causa da altitude, mas devido a uma sensação estranha — algo que ela jamais sentira antes.

— Oh, eu gostaria de construir uma cabana aqui em cima! — exclamou. — Viveria aqui para sempre!

Garrett sorriu.

— Eu já disse que você é pouco prática. Não existe água aqui em cima e você morreria congelada no inverno.

Carlotta riu.

Ao desembarcar de volta em frente ao café, agradeceu a Garrett, entrou no Chevrolet e regressou à cabana derrapando num mar de lama. Trazia gravada na mente a imagem do rancho amarelo à distância.

No início do verão, o pólen e a poeira pairavam no ar. Billy começou a espirrar e a tossir. Carlotta cobria-lhe o rosto com um lenço úmido, mas o problema era mais grave, pois ele começou a ter febre, ficando com o rosto alternadamente muito pálido e muito vermelho, uma expressão de delírio no olhar. Nem o proprietário da cabana nem ninguém no café sabia dizer o que havia de errado. O único médico da região estava fora da cidade, percorrendo de jipe a zona ao norte da bifurcação do rio.

Billy estava com uma infecção. Tinha problemas respiratórios, produzindo um som semelhante a uma lima raspando madeira. Os olhos e nariz escorriam muco. Ele lutava contra a falta de ar, debatendo-se na cama, chorando. Carlotta voltou ao consultório do médico. Um aviso anunciava que ele só voltaria a Two Rivers depois de duas semanas.

A poeira revolteava entre as árvores. Folhas mortas no outono se amontoavam, sopradas pelo vento, contra as paredes da cabana.

Carlotta pegou o Chevrolet e seguiu para o norte, a zona da bifurcação do rio, dirigindo da melhor maneira possível nas estradas esburacadas. A seu lado, Billy espirrava e tossia, envolto em três cobertores, apoiado ao encosto do banco.

Carlotta reconheceu, à distância, o rancho que avistara do alto da montanha.

Passou pelo portão do quintal, parou o carro e saltou com Billy no colo. Um casal idoso informou que o médico fora para a área ao sul da bifurcação, rodeando o canyon. Lá não havia telefones.

Sentaram Carlotta num sofá estofado. O velho foi a um telefone de tipo antiquado e acionou a manivela.

— Bob? Aqui é Jamison. Escute, tenho aqui uma mulher com um bebê doente... Não, eu não. Alguém da cidade. Você pode dar um pulo até aqui?... O quê?... Ótimo, ótimo. Estarei esperando.

Carlotta tremia no sofá. Era evidente que não vinha comendo bem; parecia pálida, abatida. O casal achou que ela também precisava de um médico.

— Agora, não se preocupe — disse o velho. — Chamei alguém que conhece bastante sobre medicina. Aprendeu com os índios. Espere até ele chegar.

Uma hora depois, escutaram um caminhão descendo ruidosamente a montanha. Carlotta se pôs de pé, percebendo que estava com febre: sentia as pernas pesadas como chumbo.

Garrett desembarcou do caminhão, carregando uma valise.

— Sr. Garrett! — disse Carlotta com voz sumida, estendendo a mão com um sorriso. — Há quanto tempo não o vejo?

— Carlotta! Eu não sabia... Então, é Billy?

Sem outra palavra, entrou no quarto, cujas cortinas estavam fechadas. Ferveram água, colocaram várias ervas em infusão, e Garrett passou a noite numa cadeira, velando o menino. Carlotta sentou-se no quarto. Depois, obrigou-se a comer um pouco e voltou ao quarto. Billy dormia agitado, gemendo de febre, o rosto úmido de suor, os olhos vidrados. Então, paulatinamente, adormeceu — um sono profundo. Carlotta debruçou-se para espia-lo. Garrett sobressaltou-se, acordando.

— Está dormindo — disse ele.

— Parece queimar de febre.

— O pior é agora. De manhã, a febre cederá.

Quase ao amanhecer, Carlotta adormeceu. Garrett abrigou-a com um cobertor índio que estava ali perto. O casal, que dormira no sofá da sala,

acordou e preparou o café da manhã. Billy continuava a dormir, sem se perturbar com qualquer ruído.

— Está vendo? — disse Garrett a Carlotta. — A temperatura baixou.

Garrett preparou várias ervas, deu banho na criança e auscultou-lhe a respiração. Após mais algumas horas, percebeu que Carlotta sofria de uma terrível fadiga.

No decorrer da manhã, a melhora de Billy tornou-se evidente. O rosto perdera o rubor da febre e, na hora do jantar, abriu os olhos. Garrett levou Carlotta e Billy para a cabana em seu caminhão. O casal dividiu a tarefa de levar o Chevrolet e regressar ao rancho em seu próprio carro. Garrett correu os olhos pela pequena cabana suja e sacudiu a cabeça.

— Nada bem — murmurou.

Debruçou-se sobre o fogão e examinou o interior. Depois, inspecionou a chaminé.

— Estão sem ventilação aqui dentro. Não é de espantar que adoeçam — comentou. — E o telhado está ruim. Haverá goteiras na estação das chuvas. E que vai fazer quando chegar a neve?

Carlotta permanecia num canto, observando Garrett inspecionar a cabana.

— Está tudo muito ruim — disse ele, como se falasse sozinho. — Nunca pensei que se estragasse desta maneira.

— Tive medo de pedir ao dono para consertar — informou Carlotta.

— Você tem outro lugar para onde ir?

Carlotta hesitou um pouco.

— Não.

— Dentro de cinco meses, vai ficar congelada como um picolé.

— Eu... não sei bem o que fazer.

Garrett deu um pontapé na pequena pilha de lenha. A madeira apodrecida partiu-se em pedaços moles. Compreendeu que a mulher dependia dele.

— Bem — declarou, olhando para o teto. — Posso colocar vigas novas.

— Oh, não, Sr. Garrett. Não deve...

— Você deveria ter falado comigo há muito tempo — disse ele, quase raivoso.

Não tinha raiva dela, mas de si próprio. Sabia que Carlotta era vulnerável, não tinha um homem.

— Eu não sabia...

— Precisa confiar nas pessoas, Carlotta — disse Garrett. — Nesta região, dependemos uns dos outros.

Passaram manteiga no pão, cobrindo-a com grossas fatias de presunto. Carlotta parecia aguardar que Garrett decidisse o que fariam. A fadiga e o isolamento tinham-lhe minado a confiança em si mesma. Agora, só lhe restava voltar-se para aquele homem de cabelos brancos, imerso em reflexões.

— Não há mal em fugir — disse ele tranquilamente.

— Desde que se saiba o que terá pela frente.

Carlotta não replicou. Não havia artifícios no que ele dissera; não procurava fazer-se passar por algo que não era. Ela sentia, também, pela primeira vez na vida, necessidade de ser sincera, direta.

— Eu tinha medo de ficar onde estava — declarou simplesmente. — Qualquer outro lugar seria melhor.

Garrett ferveu água e preparou chá. A torneira não se fechou direito e ele sacudiu a cabeça.

— A vida corre para a frente — comentou. — Não para trás.

— O senhor é religioso? — indagou Carlotta.

Ele deu uma risada agradável, mostrando os dentes brancos, regulares e brilhantes.

— Não, absolutamente. Não no sentido convencional. Gosto da terra por ela mesma, Ela é o meu Deus.

— Meu pai era pastor — disse Carlotta, desgostosa. — Não acredito que ele soubesse realmente quem era o seu Deus.

O sol se pôs. Garrett virou um caixote de madeira e sentou-se nele. Tomaram

chá adoçado com mel e limão. O tempo passava devagar. Carlotta falou a respeito do pai, um homem que lutava interiormente, tão amargamente desapontado com a vida.

— Viver afastado de si mesmo é duro, Carlotta — disse Garrett. — Você precisa de alguém que lhe ensine a ser dona de si, a viver sozinha.

Carlotta sentiu-se aliviada por escutá-lo falar. Era como extirpar um câncer da alma. Viu-se relatando a Garrett detalhes íntimos de sua vida privada. Descobriu que um ser humano em quem pudesse confiar era o maior tesouro que seria possível encontrar no mundo. Via em Garrett um padrão diferente de valores, algo mais próximo da humanidade: modesto e auto-suficiente, controlado, introspectivo. Daquele privilegiado ponto de vista, Carlotta passou em exame sua vida esfrangalhada, condenando-a totalmente — desta vez, tendo certeza de que conseguiria vencer. Podia encontrar uma nova vida. Ali, onde a luta natural pela sobrevivência moldava as pessoas numa imagem diferente.

— Acho que está amanhecendo — murmurou Garrett.

— Está mesmo. Que lindo! O ar parece tão puro...

— No meio do verão, o sol nascerá sobre os Picos Gêmeos. Percebe como ele muda durante o ano? Tudo se move num longo ciclo. Tudo se renova.

Carlotta fitou Garrett, dando-se conta de que arregalara os olhos. Já não era uma menina. Não precisava continuar sendo.

Era possível existir um relacionamento natural entre duas pessoas.

Garrett também a encarava — francamente, penetrando o olhar dela com o seu. Pensamentos não expressos em palavras pairavam no ar. Carlotta foi à cama e pegou Billy.

— Está respirando normalmente — comentou.

Sentia o coração bater mais depressa. Algo semelhante a desejo, porém mais refinado — tão sutil que ela temia que se dissipasse, deixando-a novamente a mesma Carlotta que fugira, procurando escapar de si mesma. Virou-se, viu Garrett de pé junto a ela e não sentiu medo. Garrett estendeu a mão, passando os dedos suavemente nos cachos que emolduravam o rosto dela.

Sorriu — um sorriso tristonho, inteligente, ocultando as tristezas da solidão. Um rosto estranho, refletiu Carlotta. Profundamente vincado, rude; não

obstante, os olhos pareciam encontrar sempre algo alegre. Carlotta sentiu que, pela primeira vez em sua vida, um homem a encarava como ser humano e a desejava da mesma forma que ela o desejava.

— Você precisa aprender a cuidar-se, Carlotta — disse Garrett, baixinho. — Do contrário, não viverá do modo que merece.

Carlota sorriu, hesitante a princípio. Não sabia o que fazer, não estava certa do que ele queria dizer com aquilo. Tão longe da cidade, tão afastada de outras pessoas, só podia contar consigo mesma. Não havia regras de comportamento, códigos de ética, pensamentos falsos. Só existiam as duas pessoas na cabana. O sol penetrava pela janela, iluminando as paredes de madeira.

— São só trinta quilômetros *canyon* acima — disse Garrett, acompanhando o olhar dela. — Perto do rio.

Carlotta teve mil e um pensamentos.

— Sim — disse baixinho, afinal. — Está bem. Vou arrumar minhas coisas.

Da cabine do caminhão, lançou um último olhar à cabana mal construída e ao Chevrolet atolado na lama, que brilhava ao sol. Mais além, ao longo da estrada, fora do campo de visão exceto por alguns postes telefônicos, ficava Two Rivers. Carlotta virou-se no banco, segurando Billy no colo. Diante dela, abria-se um novo panorama: uma série mais desolada e acidentada de vales e ravinas. Jamais vira antes uma região tão selvagem. Não olhou mais para trás.

O rancho de Garrett ficava num pequeno platô. Abaixo, corriam dois riachos alimentados pelas nascentes nos *canyons*.

Além do pequeno pasto, erguiam-se as enormes mesas rochosas e avermelhadas, que lançavam sombras protetoras sobre o rancho durante o dia e barravam o vento no inverno.

Carlotta decorou o interior da casa com tecidos comprados em Two Rivers. Aprendeu a preparar refeições frugais com milho, pimenta e frutas. Alimentava as galinhas, os poucos porcos e ordenhava as vacas. Sua pele se tornou bronzeada de sol, seus movimentos naturais e decididos. Esqueceu-se do que era medo.

Garrett tinha fé na natureza. Se um homem se isolasse da natureza, estava perdido; acabava perdendo o espírito, a alegria, a sensação de estar vivo. Em cada coisa que Garret mostrava a Carlotta havia uma lição. Os peixes entre as algas dos remansos, as flores silvestres e as samambaias, os lagartos deslizando pelas fendas — pois o homem era tão selvagem e transitório quanto tudo aquilo, mas possuía o dom da percepção consciente.

Garrett escrevia poesias que descreviam o final do inverno: o gelo que escorregava pela face das paredes de rocha, as trilhas que surgiam na lama mole, as flores amarelas que brotavam por entre o gelo derretido. Trabalhava com afinco, refazendo e polindo cada poema até torná-lo real e perfeito, simples e preciso, como os seixos no leito de um regato nas montanhas.

Um dia, cavalgaram até a beirada do *canyon*. Lá embaixo, a fumaça subia dos povoados indígenas situados nos vales.

— Mas você precisa saber, Carlotta, que existia algo que só você me poderia ter dado — disse Garrett. — Algo que não consigo explicar. Como se um rio tivesse, de repente, uma segunda nascente.

— Oh, Bob — replicou ela sorrindo. — Você me deu a própria vida.

— Você sempre possuiu esse dom. Vivia com pessoas que não o tinham; que o negavam a você.

— Mas essas pessoas deixaram de existir, pelo menos para mim.

Garrett observou a fumaça subir, mesclar-se à brisa e desaparecer. Andaram pela areia avermelhada, os rostos aquecidos pelo sol poente.

— Aquelas pessoas jamais existiram realmente, nem mesmo para si próprias — disse Carlotta. — Agora, entendo isso.

— Procure perdoá-las. Estavam presas numa arapuca. Não tinham controle sobre suas vidas.

— Eu as perdôo. Ainda assim, nunca mais desejo vê-las.

Garrett olhou para Carlotta. Não lhe agradava ver raiva. Não obstante, sabia que as cicatrizes eram profundas. Portanto, permaneceu calado, presumindo que o tempo e o deserto fariam desaparecer as marcas.

Carlotta engravidou. Garrett descobriu uma nova vitalidade em tudo o que fazia. Trouxe espigas de milho coloridas e flores silvestres, pendurando-as nos portões e portas. Fez pessoalmente o parto. Carlotta passou três dias na cama, amamentando a criança. Então, levantou-se e foi trabalhar, levando Julie numa espécie de tipóia às costas, ao estilo índio.

A intervalos, visitava as mulheres índias que moravam no outro lado das mesas. Aprendeu a tingir seus próprios tecidos, a curar as assaduras da filha com ervas medicinais, a enfeitar as roupas — embora seus dedos parecessem desajeitados em comparação com os das índias. Jamais pensava na vida que levara antes de conhecer Garrett; aquilo não fora viver. Agora, havia apenas o sol, as mesas, as crianças e o rancho. Garrett observava a transformação de Carlotta.

— Vejo isso dentro de você — disse ele certa vez. — Algo semelhante aos rios e ao vento lá fora. Talvez seja a alma. Não tenho palavras para definir. Mas é algo que se movimenta dentro de você e não existe medo... da vida.

Carlotta sorriu com ar misterioso.

— De que acha graça? — quis saber ele.

— Algo está se mexendo dentro de mim.

— O que...

— Vá buscar milho índio, Bob.

— Tem certeza?

— Sim. Claro que tenho.

— Oh, Carlotta! É a coisa mais maravilhosa...

— Será um menino — disse ela. — Um segundo Bob Garrett. É o que mais desejo.

Era tarde da noite. Lá fora, um coioote uivou. Garrett sorriu, o rosto iluminado, excitado pela notícia.

— Está ouvindo o coioote? — perguntou. — É tão solitário. Não tem ninguém.

Carlotta o encarou, acariciando-lhe o rosto.

— Mas nós temos — disse ela. — Sempre teremos.

Garrett beijou-lhe de leve os dedos.

— Sempre — murmurou, falando com dificuldade.

Assim, nasceu a segunda criança — uma menina — e Bob fez o parto. As estações se sucediam. Não havia outra vida. Carlotta não conhecia outra coisa. Não existia outra Carlotta senão a que Bob fizera dela. Entregara-se totalmente a Garrett e este a moldara em algo precioso e delicado.

No início da primavera de 1974, Garrett apoiou-se num mourão de cerca. Ainda havia algumas áreas de neve no solo e suas mãos enluvadas carregavam um rolo de arame farpado. As gotículas de gelo derretido dançaram-lhe diante dos olhos.

Entrou em casa. Carlotta nunca o vira aparentar cansaço.

— Oh, Bob! — chorou ela quando ele se deitou na cama, muito pálido.

— Estou bem...

— Vou buscar um médico!

— Shhhhhh. Deixe-me apenas descansar um pouco.

Dormiu o dia inteiro. Ao anoitecer, começou a chover.

A respiração de Garrett tornou-se cada vez mais profunda e lenta.

— Eu a amo, Carlotta — disse ele com voz sumida. — Nunca se esqueça disso.

— Oh, Bob... não fale assim. Vou sair agora... o médico em Two Rivers...

— Não, não. Fique aqui, junto de mim. Só mais um pouco.

Então, mergulhou num sono delirante. Chamava o nome dela, como se a procurasse. De vez em quando, abria os olhos mas não parecia enxergá-la a seu lado. De manhã cedo, as crianças sentaram-se em cadeiras ao redor da cama. Esperando.

— Carlotta — sussurrou ele.

Ela se debruçou sobre a cama.

Garrett tentou dizer alguma coisa. As palavras zumbiram como abelhas enfurecidas nos ouvidos de Carlotta. Não faziam sentido; pareciam raivosas, loucas e desconexas — um engasgo mortal, como se Bob estivesse sufocado pela própria saliva.

— Carlota... não... consigo... respirar... Não... me... deixe... Não... me... abandone...

O peito parou de arfar. Garrett mergulhara na escuridão. Só restava o corpo — repentinamente, muito pálido, pesado, parecendo a Carlotta estranhamente desconhecido. Agora, que a alma se fora dele, assumira um aspecto anormal, até mesmo atemorizador.

— Oh, Bob! — chorou Carlotta.

Contudo, o peito do morto permanecia pesado, vazio, parecendo-lhe um tanto repugnante, traiçoeiro. Carlotta teve remorso de tais pensamentos, mas era verdade. O ambiente adquirira um aspecto sinistro, vagamente familiar.

Carlotta foi à cozinha lavar o rosto. As crianças limitavam-se a observá-la, não sabendo o que fazer; percebiam apenas que uma enorme mudança se operara em suas vidas. Vagarosamente, enquanto Carlotta olhava a chuva cair com força no quintal, transformando-o num atoleiro, Garrett começou a afastar-se dela; tudo o que ele lhe ensinara começou a evaporar. Pela primeira vez em quase dez anos, Carlotta não sabia como agir.

A noite, ocorreu-lhe lavar e vestir o cadáver. Tirou-lhe a camisa e, em seguida, fechou a porta atrás de si. A luz brilhava fantasmagoricamente através das vidraças molhadas de chuva. O rosto do velho parecia encarquilhado, abatido, os olhos muito fundos. Carlotta pegou uma esponja e água com sabão. Lavou o cadáver do velho, os quadris estreitos, as pernas compridas, os braços musculosos. Era como lavar madeira morta. Onde estava a alma que animara a vida da própria Carlotta?

Vestiu o corpo com as melhores roupas de Garrett: um terno preto que usara apenas uma vez, no dia em que ele próprio casara ambos à margem do riacho. Agora, não passava de uma cruel reminiscência do início daquela vida em comum. Carlotta ouvia a água pingando nos alicerces da casa. Fechou a porta ao sair do quarto. Passou a noite em claro.

Ao amanhecer, deu-se conta de que era uma grande tempestade. A chuva não amainara e deveria perdurar por uma semana, ou ainda mais. O caminhão se afundava cada vez mais na lama. Carlotta tinha provisões suficientes para permanecer em casa por longo tempo, mas não se atrevia a fazê-lo — não com o cadáver lá dentro.

A princípio, foi apenas falta de disposição; depois, tornou-se uma sensação de ansiedade. Carlotta foi ao quarto e abriu a porta a fim de provar a si mesma que era uma Carlotta, que não temia coisa alguma. Lá dentro, a luz — doentia e prateada — incidia vivamente nos cabelos brancos do cadáver, cujos olhos pareciam ligeiramente estrábicos, quase rasgados. Carlotta debruçou-se sobre a cama e fechou as pálpebras do morto.

De repente, ocorreu-lhe que se permanecesse na cabana durante uma semana o corpo começaria a apodrecer. Sentiu um arrepio terrível subir-lhe pela espinha, como uma onda de náusea. E se a chuva não amainasse? Compreendeu que começa a desintegrar-se interiormente.

Naquela noite, conseguiu apenas cochilar intermitentemente. As crianças, embrulhadas em cobertores índios, dormiram no chão da sala. Onde poderia ela ir? Tinha ímpetos de correr até o quarto, sacudir Garrett até despertá-lo, implorar-lhe que tomasse a retirá-la do poço escuro no qual ela caíra. Desta feita, porém, não havia quem a auxiliasse. A Carlotta formada, moldada por Garrett, começou a soltar-se, como a pele de uma cobra. Em seu lugar, aparecia a velha Carlotta, a Carlotta que tinha necessidade de fugir. E que fracassara tão redondamente no passado. Já não sabia quem era, ou por que motivo estava ali.

Na manhã do terceiro dia, vendo o quintal coberto por quase um palmo de água, compreendeu que estava presa na casa. A natureza parecia disposta a vingar-se pelos anos de felicidade que lhe proporcionara: ia matá-la. Antes, porém, exigiria o pagamento. Carlotta jamais experimentara tal indiferença — monstruosa, estranha — por parte das forças da natureza.

Agora, compreendia que se encontrava em perigo. Não pela comida, lenha para o fogo ou água para beber. Não era a chuva ou a lama. Era sua própria mente: desintegrava-se. Era preciso agir — e depressa. Mas como? Já sentia medo de entrar no quarto; não conseguia fazê-lo, mesmo sob um tremendo

esforço de vontade. As crianças percebiam a alteração de seu comportamento. Carlotta começou a ter medo do barulho do vento e da chuva.

Tarde da noite, sentiu o cheiro que vinha, como uma onda, do quarto. Sentou-se repentinamente, segurando a cabeça. Ou estaria sonhando? A noite nunca parecera tão negra — uma escuridão estranha, impenetrável. Ou seria um truque de sua mente? Um leve mas inequívoco cheiro de carne deteriorada.

Apenas três dias, refletiu Carlotta. Mas os aposentos estavam aquecidos. Juntou as crianças e alguns pertences, colocando tudo no caminhão.

Queria abrir a porta do quarto, dar um beijo de despedida em Garrett. Todavia, não era Garrett quem estava lá dentro, mas um substituto hediondo, que se alterava e quase se movimentava na imaginação de Carlotta. Esta começava a perder a confiança em sua própria percepção. Deixou que Billy lhe indicasse a direção da estrada na noite tempestuosa. O menino ficou entusiasmado por ser tratado com um homem, mas também sentia medo. Juntos, conseguiram subir com o caminhão até a estrada. Era monstruoso, obsceno, que toda a pureza daqueles dez anos se transformassem tão cruel e horrivelmente numa reminiscência dos terrores da vida.

As crianças observavam a cena macabra. Carlotta olhou para o *canyon*. Por toda a parte, até onde a vista alcançava, o solo estava oculto pela água. O único ponto de travessia era coberto por uma torrente cheia de redemoinhos violentos. Carlotta recuou o caminhão. Os faróis iluminaram um animal morto, arrastado pelas águas. Pisando no acelerador, ela soltou a embreagem.

As rodas dianteiras procuravam aderir ao asfalto sob a torrente ruidosa. Um galho trazido pela água bateu com força de encontro à porta da cabine. O motor gemia e tossia, as rodas derrapando sob a força lateral da correnteza. Os faróis só mostravam águas revoltas e escuras, que lançavam respingos espumantes sobre o capô do motor.

Carlotta teve medo de parar, de recuar. O motor rugia. Tarde demais, pensou ela. Não via nada na escuridão. Então, o caminhão começou a subir, emergindo da torrente. Carlotta e os filhos ficaram parados, trêmulos, no topo da elevação no lado oposto da correnteza. Lá embaixo, estava o rancho.

Só um brilho no local da cozinha, uma luminosidade avermelhada onde o fogão continuava a fornecer calor a uma sala deserta. O quarto estava às escuras e Carlotta não conseguia enxergar através das vidraças. Garrett estava lá dentro. Carlotta tentou imaginá-lo como ele fora: a jaqueta de caça, as botas, o peito bronzeado de sol. Mas só conseguiu ver a escuridão.

— Sra. Moran?

— O quê?

— Sra. Moran, os médicos gostariam de vê-la agora.

A enfermeira idosa segurava a porta, exibindo um sorriso artificial. De súbito, Carlotta lembrou-se de onde se encontrava — entre gente insípida, num mundo branco e insípido.

— Sim — murmurou. — Naturalmente.

Entrou na sala de reuniões. Viu primeiro Sneidermann, sentado longe, de encontro à parede. Depois, avistou quatro outros médicos em pé diante dela. Um deles era uma mulher.

— Sente-se, por favor — disse o Dr. Weber.

Tomou a palavra para apresentar-se e aos outros. A mulher era a Dra. Chevalier. Um velho de cabelos brancos, ao qual todos prestavam deferência, era o Dr. Wilkes. O quarto era o Dr. Walcott, um homem corpulento e nervoso. Carlotta sentou-se numa cadeira dura. Cruzou as pernas.

— Talvez possamos juntar mais as cadeiras — sugeriu o Dr. Weber. — Não desejo dar à Sra. Moran a impressão de que está sendo submetida a um interrogatório.

Barulho de cadeiras arrastadas. Carlotta refletiu que todos eles pareciam pálidos, até mesmo anêmicos. Pelos rostos tensos, aparentavam ser interiormente infelizes, obcecados e solitários.

— Já tomou café da manhã? — indagou a Dra. Chevalier. — Aceita um cafezinho?

— Não, muito obrigada.

Era como estar no consultório de Sneidermann. O paciente falava e eles

escutavam. Mas não se tratava de uma conversa normal; era o estranho tipo de comunicação que funcionava segundo regras que só eles compreendiam.

— Diga-me, Carlotta — quis saber o Dr. Weber —, como se sente a respeito de estar aqui?

— Sou forçada a admitir que é estranho.

— Quer dizer que não é como um churrasco no quintal, onde todos se conhecem?

— Exatamente — respondeu Carlotta. — Todos parecem um pouco estranhos.

— Desconhecidos, você quer dizer?

— Não. É algo diferente...

— Prossiga.

Carlotta fez uma pausa, sentindo-se observada por eles e encarando-os. Era uma sensação desconfortável, que a colocava na defensiva.

— O modo como estão vestidos, para começar — disse ela. — Gravatas borboleta estão fora de moda há anos.

Risadas gerais.

Carlotta não tencionara mostrar-se engraçada, mas alegrou-se por ver que a tensão se quebrara.

— Bem, você sabe como é, Carlotta — disse o Dr. Wilkes, passando os dedos na gravata borboleta. — Nós, especialistas, ficamos imersos em nosso trabalho e perdemos contato com a moda.

Tirou a gravata, guardando-a no bolso.

— Deveria desabotoar o colarinho — sugeriu Carlotta.

Os homens riram baixinho quando o Dr. Wilkes abriu o colarinho da camisa e sorriu com ar bondoso para Carlotta, que começava a vê-los como seres humanos em vez de médicos.

Pouco a pouco, perdia o medo. Gradativamente, o silêncio voltou à sala.

— Ainda nos acha estranhos? — indagou o Dr. Weber.

Então, fez-se perfeito silêncio. Voltavam a tratar de assunto sério.

— Carlotta — disse suavemente a Dra. Chevalier, erguendo a cabeça. — Talvez você ache isto tudo irreal?

— Irreal? Sim, eis uma boa definição. Tudo isto é irreal.

— Quer dizer que estamos apenas fingindo estarmos aqui?

— Exato. Tenho a sensação de poder atravessá-la com a mão, neste momento.

— Como se eu não fosse sólida?

— Naturalmente, sei que é sólida. Estou apenas relatando minha impressão.

— E os outros médicos?

— A mesma coisa.

— E o Dr. Sneidermann?

— Não. Tenho a impressão de que ele é sólido.

— E você?

— Eu?... Eu...

Carlotta pensou por um minuto, ignorando os médicos que a fitavam. Então, ergueu os olhos e meneou afirmativamente a cabeça.

— Sim — declarou. — Ainda mais que vocês, não estou realmente aqui.

— Onde está você? — indagou o Dr. Waleott, em voz bem modulada.

— Em lugar nenhum.

— Então, você não existe.

— Minha mente existe. Meu corpo também. Mas *eu* não existo.

— Então, o você real — onde está?

Carlotta mexeu-se na cadeira. Não esperara perguntas tão difíceis. Era como uma prova oral. Os médicos se mostravam polidos, aguardando atentamente, mas era difícil explicar-lhes a verdadeira sensação.

— É como se eu me lembrasse de meu eu real — disse Carlotta, finalmente.

— Da verdadeira Carlotta. Eu gostava dela; mas ela não existe mais. Só resta a lembrança dela — de alguém que eu conheci há muito tempo.

— A verdadeira Carlotta Moran — disse a Dra. Chevalier, pronunciando as

palavras com clareza. — Ela morreu?

— Não. Apenas se foi.

— Quando?

— Não sei.

— Quando você ficou doente?

— Talvez antes disso.

O Dr. Weber estudou a jovem mulher diante dele. Tentou adivinhar se ela captara de Sneidermann algumas sugestões sobre seu caso. Os residentes, até mesmo os melhores, costumam sugerir diagnósticos aos pacientes. O Dr. Weber passou a esperar que Carlotta jamais construísse erroneamente uma ideia a partir de algo que Sneidermann por acaso lhe dissesse. Ela demonstrava grande receptividade para com todos os médicos e seu cérebro funcionava velozmente, tentando adivinhar o que eles estavam pensando e por que motivos.

— A verdadeira Carlotta voltará algum dia? — quis saber o Dr. Weber.

— Às vezes, penso que não.

— O que a traria de volta?

— Estar curada.

— Isso traria a verdadeira Carlotta de volta a você?

— Sim. Então, ela tornaria a ser uma pessoa completa. Então, os ataques cessariam. Então, ela e eu voltaríamos a ser uma só pessoa.

— É muito perceptiva, Carlotta — comentou a Dra. Chevalier.

A essa altura, o Dr. Weber tinha razoável certeza de que Carlotta repetia algo que Sneidermann, embora não tivesse consciência disso, lhe sugerira. Era preciso observar atentamente o fato.

Mais uma vez, o silêncio reinou na sala. As janelas estavam fechadas e o ambiente começava a ficar abafado. Os médicos pareciam aguardar que ela dissesse alguma coisa, mas Carlotta nada tinha a dizer. Afinal, o Dr. Walcott retomou a palavra, falando num tom tão cuidadosamente controlado, tão agradavelmente modulado, que Carlotta julgou ser fingido e ficou desconfiada.

— Quem é a tal criatura oriental, Carlotta? — indagou ele. — Por que vem incomodá-la?

— Não sei, Dr. Walcott.

— Foi sempre a mesma criatura, todas as vezes?

— Não é uma criatura; é um homem. E tem auxiliares.

— Agora, Carlotta: mesmo que ele tenha aparecido a você, é real? É real da maneira como eu sou real? Ou é real de um modo diferente?

Carlotta corou, sentindo-se confusa. Obviamente, o Dr. Walcott perguntava se ela era ou não insana. Era humilhante, mas ela resolveu dizer a verdade.

— Quando ele me atacou pela primeira vez, julguei que fosse real. Depois, convenci-me de que era uma espécie de sonho. Quando ele me atacou no carro, pensei que fosse irreal até que ele se apossou do volante. E quando cheguei a vê-lo, tive certeza de que era real.

— O que pensa agora? Aqui nesta sala — conosco?

Carlotta hesitou um momento.

— O Dr. Sneidermann explicou que era como um sonho poderoso.

— Você acredita nisso?

— Tento acreditar, mas não consigo.

— Por que não?

Carlotta sentiu-se dissecada sobre uma mesa de operações.

Não imaginara um interrogatório tão estafante.

— Por causa das marcas em meu corpo — respondeu, com a voz perdendo um pouco do rígido controle. — Elas aparecem em locais onde eu mesma não poderia causá-las — nem mesmo durante um sonho. Eu não me mordo.

— Mais alguma coisa?

— Minha casa: pode-se ver as cortinas rasgadas, as rachaduras no teto. Eu não fiz aquilo. Nem Billy. Ninguém fez. As crianças sabem que ele aparece lá. Sentem-lhe o cheiro. E Billy...

— Sim?

— Ele machucou Billy.

O Dr. Walcott meneou a cabeça, concordando.

— Sim, nós sabemos. Mas você não disse que acordava desses ataques?

— Bem, claro... contei ao Dr. Sneidermann... as coisas parecem vir pairando no ar, tornam-se irreais e, então, acontece aquilo. Depois, se afastam pairando e tenho a impressão de que foi apenas uma fantasia ou algo semelhante. Todavia, existem as marcas em meu pescoço e ombros, as cortinas rasgadas e coisas quebradas, e as crianças vêem ou escutam. Aí, mesmo depois de acabar, acho que só pode ser real.

— Compreendo.

Carlotta recuperou a compostura. Todo aquele problema de ser ou não realidade a confundia, estonteando-a porque ela não sabia ao certo. O simples fato de pensar no assunto lhe provocava arrepios.

— Acha esquisito que ele lhe fale em inglês, Carlotta? — perguntou a Dra. Chevalier. — Quero dizer: sendo oriental...

— Para falar com toda a franqueza, Dra. Chevalier, acho tudo isso muito esquisito — replicou Carlotta.

O Dr. Weber reprimiu um sorriso.

— Ele lhe diz palavrões — persistiu a Dra. Chevalier. — Por quê?

— Eu... eu poderia lhe dizer. Talvez uma médica como a senhora — uma dama — não saiba, mas...

— Prossiga.

— Muito bem. Alguns homens... quando... a senhora entende... quando estão com uma mulher...

— Sim?

— Empregam esses termos. Palavras muito feias. Mas não para ofender. Para eles, é uma maneira de... a senhora sabe...

— Excitarem-se?

— Sim. É isso aí.

— Então, por que ele tentou machucá-la no carro? Por que machucou Billy?

— Estava me prevenindo.

— Prevenindo-a de quê?

— Para colaborar com ele.

Usando a desculpa de tomar uns goles de café, a Dra. Chevalier estudou Carlotta atentamente.

— Por que ele ataca você, Carlotta? Por que não outra pessoa?

— Suponho que ele me escolheu.

— Não acha que ele tenha outras mulheres?

— Eu... nunca pensei nisso.

— Nunca?

— Não.

— Mas, por que *você*, Carlotta? Por que ele a escolheu?

— Não sei — respondeu Carlotta. — Suponho que me ache atraente.

Carlotta estava ruborizada.

A Dra. Chevalier aguardou um pouco e, depois, perguntou: — Você sofreria algum reflexo se ele a abandonasse? Se você se curasse?

Carlotta sentiu que, de algum modo, caíra numa cilada armada pela médica que usava saia de *tweed*. Raciocinou com rapidez.

— Claro que não — replicou. — Detesto toda esta situação. É como um pesadelo do qual não consigo despertar. Pouco me importo se *ele* pensa isto ou aquilo... Só desejo ficar livre dele...

Sentindo que Carlotta se irritara com eles, o Dr. Weber tomou a palavra:

— É claro que você tem razão, Carlotta. Estamos fazendo o que nos é possível. Contudo, não se trata de algo que possa ser curado por um aparelho de gesso ou uma atadura. Leva algum tempo descobrir qual é exatamente o problema.

Carlotta limpou um fiapo imaginário da saia.

— Não estou zangada — declarou. — Todavia, não consigo perceber o quanto esta conversa está adiantando.

— Sim, é claro. Compreendo...

— Parece-me que falar não adianta. Como não adiantou com o Dr.

Sneidermann.

— Acredite, por favor, Carlotta: estamos fazendo tudo e que é possível neste estágio.

Ela assentiu com a cabeça, mas parecia distraída, distante.

Era evidente que perdia a confiança na capacidade deles. Após mais alguns comentários, os médicos se levantaram, apertaram a mão de Carlotta e a enfermeira a escoltou para fora da sala. Os médicos permaneceram lá dentro, um tanto desconcertados pela repentina demonstração de hostilidade e dúvida.

O Dr. Wilkes se ergueu, alisou os cabelos brancos, e os demais médicos o fitaram. Ele não aparentava sentir qualquer constrangimento ao assumir a presidência da reunião.

— Dr. Sneidermann — chamou. — Quer juntar-se a nós, por favor?

Sneidermann aproximou-se, sentando-se resabiadamente ao lado da Dra. Chevalier. O Dr. Wilkes examinou a pasta do caso, sobre uma mesinha junto à porta, lendo página por página.

Depois, encarou Sneidermann.

— O que acha do diagnóstico original? — perguntou o Dr. Wilkes.

— Neurose histérica? Ainda fico com ele, embora com reservas.

O Dr. Wilkes sacudiu a cabeça.

— As coisas mudaram, Dr. Sneidermann.

Fez-se um silêncio carregado. Sneidermann engoliu nervosamente em seco e permaneceu calado.

— Quando ela veio procurá-lo, no início, só existia uma dissociação quando ela narrava os ataques. Lembra-se? Agora, ela está afastada da realidade. Considera-nos figuras irreais, fantasmas. Eis a primeira alteração.

— Sim, senhor.

— A princípio, limitava-se a escutar os palavrões quando era atacada. Agora, tem uma interpretação para eles. O homem deseja fazer-lhe amor. É um relacionamento incipiente. Isso não me agrada. Eis a segunda alteração.

— Sim, senhor. Compreendo o que quer dizer. Ainda assim..

— Na verdade, ela tem um certo orgulho da tal criatura — interpôs a Dra. Chevalier. — É uma prova de sua atração sexual. Aqui, trata-se de algo diferente, Gary.

— Essas alterações são muito importantes — aduziu o Dr. Wilkes. — Não estamos diante de uma adolescente com uma crise de identidade, mas de uma situação altamente instável, que não encontrou o mínimo equilíbrio.

Sneidermann refletiu que talvez tivesse subestimado totalmente o perigo em que Carlotta se encontrava. Se assim fosse, por que o Dr. Weber não lhe avisara? Por que também ele não percebera? Ou seria a maneira de deixar que um residente aprendesse à custa do paciente? Nenhuma das duas hipóteses parecia plausível. Sneidermann começou a sentir-se quase amedrontado. Então, deu-se conta de que os outros médicos estavam tateando às cegas, como ele. Até o momento, presumira que a equipe permanente de médicos mais experientes possuía respostas prontas e definidas, como nas salas de aula. Todavia, agora mostravam-se todos perdidos em suas conjecturas particulares e a eventual cura de Carlotta parecia tornar-se nitidamente uma possibilidade cada vez mais remota.

— Existe também uma outra alteração — declarou o Dr. Weber.

— Qual é ela? — quis saber Sneidermann.

— No princípio, os ataques eram repentinos, como estupros. Na verdade, inicialmente ela julgava ter sido estuprada, não é mesmo?

— Correto.

— Agora, descreve os ataques como vindo *pairando* e partindo *pairando*, antes e depois do ataque propriamente dito. Foram as palavras que ela empregou. Compreendem? A zona de ilusão expandiu-se em ambos os sentidos.

— Percebi isso — concordou a Dra. Chevalier. — Não tive certeza se era uma novidade.

— É — admitiu Sneidermann.

— E não se altera numa direção neutra — acrescentou o Dr. Wilkes.

A Dra. Chevalier suspirou, olhando um momento pela janela, como se a luz do sol no pátio pudesse alegrar a desolada sala de reuniões em que se

encontravam.

— Mocinha bonitinha — comentou vagamente o Dr. Walcott.

— Entristece-me vê-la nesse estado.

— Sim — disse o Dr. Weber.

Sneidermann tentou adivinhar que pensamento se ocultava em suas mentes, do qual ele estava excluído.

— Dr. Sneidermann, tem nas mãos um caso de reação psicótica. Um colapso psicótico — disse a Dra. Chevalier, olhando pela janela.

— Decididamente — concordou o Dr. Weber.

— Também concordo — declarou o Dr. Wilkes. — Qual a sua opinião, Dr. Walcott?

— Indefinida.

Sneidermann observava-os. Um ideia lhe correu pelo cérebro como uma torrente gelada: e se o caso estivesse além de sua capacidade? Forçou-se a concentrar sua atenção em todos os comentários dos outros médicos.

— Falemos de tratamento — disse Walcott. — É óbvio que ocorreu uma transferência positiva.

— Sim — anuiu Wilkes. — É evidente.

— Exato — concordou a Dra. Chevalier com um leve sorriso.

— Ela está se apaixonando por você, Gary.

— Portanto, tenha cuidado — advertiu o Dr. Walcott.

— É verdade — disse o Dr. Wilkes. — A transferência irrealista não deixa de acarretar um certo perigo para o psiquiatra. Um colega meu, o Dr. Northshield, da Universidade de Nova York, levou um tiro de uma paciente. Essas emoções reprimidas são extraordinariamente fortes.

Mais uma vez, uma cortina de silêncio desceu na sala.

Sneidermann voltou a experimentar a desagradável sensação de que as respostas definidas, a confiança inexpugnável dos profissionais, não passavam de uma fachada, que agora cedia lugar a conjecturas, incertezas, estimativas e frustração.

— Então, para onde vamos deste ponto? — indagou o Dr. Walcott, sem se dirigir especialmente a alguém.

— Medicação antipsicótica, para começar — replicou o Dr. Weber. — Vocês conhecem minha posição com referência a drogas, mas esses ataques não me agradam. Dificultam o retorno da paciente ao contato com a realidade, depois de cada acesso. Quero que ela consiga dormir todas as noites e fique livre desses episódios horripilantes.

— E o suicídio? — quis saber Sneidermann.

— Ela não cometerá suicídio — interrompeu Wilkes.

— Por que não?

— Não está tentando destruir-se. Poderia tê-lo feito há muito tempo.

— E o acidente com o carro?

— Apenas provou que ela estava bastante doente para procurar um hospital. Ela não tentou matar-se.

— Todavia, se vier a piorar? Se decidir tomar uma dose exagerada de remédio?

— Se ela quiser se suicidar, não há nada que você possa fazer para impedir. Parece-me surpreso. Pareço-lhe brutal? Mas é verdade. Ninguém poderá evitar que a jovem senhora dê cabo da vida, se estiver realmente decidida a fazê-lo.

Sneidermann parecia terrivelmente deprimido. Afundou-se na cadeira. De algum modo, a reunião assumira uma atmosfera de desastre. Ele não só errara o diagnóstico, como sua paciente se encontrava em estado muito pior do que vinha julgando há mais de um mês.

— Essa espécie de colapso psicótico não é a pior coisa do mundo — declarou o Dr. Weber, procurando confortá-lo. — A esquizofrenia é muito pior.

— Talvez, em última análise, aquelas marcas no corpo da paciente sejam sintomas de histeria — sugeriu esperançoso o Dr. Walcott.

— Talvez — disse o Dr. Wilkes. — Já vi espetaculares erupções de pele em pacientes histéricos, mas acredito que ela se golpeie fisicamente com cacos de vidro ou outros objetos cortantes existentes na casa.

— Isso constituiria, abertamente, um comportamento psicótico — ponderou Sneidermann.

— É claro.

Os médicos pareciam ter chegado a um consenso. De repente, Sneidermann sentiu-se muito só. Até mesmo duvidava de possuir capacidade suficiente para tirar Carlotta da selva escura na qual ela vinha vagando havia meses. Imaginou se alguém seria capaz de salvá-la.

O Dr. Wilkes tornou a passar a mão nos cabelos, a pele sardenta parecendo estranhamente deslocada no rosto rude e vincado. Apontou para a pasta sobre a mesa.

— Dr. Sneidermann, seus comentários referentes ao background da paciente, suas especulações relativas à sexualidade infantil, são classicamente corretos. Não tenho outros comentários.

O Dr. Walcott endireitou a gravata e se ergueu. Os demais o imitaram.

— Então, temos aqui um consenso sobre um diagnóstico preliminar?

— Creio que sim — disse o Dr. Wilkes.

— Naturalmente, precisamos torná-lo mais específico.

— Quanto antes, melhor — acrescentou o Dr. Weber. — A paciente está flutuando. Nós também estamos um pouco no ar.

O Dr. Wilkes estendeu a mão para Sneidermann: — Boa sorte, Dr. Sneidermann. Acredito que o senhor captou melhor o caso do que imagina.

— O quê?... Oh, muito obrigado, Dr. Wilkes.

— Não tenha medo de cometer enganos. Os meus erros dariam para encher um livro. Confie em si mesmo.

— Certamente, senhor — replicou Sneidermann, sem saber se estava falando com sinceridade.

Apertaram-se as mãos e o grupo se dispersou da sala.

Sneidermann estava confuso. Ficara sabendo que o caso era muito mais grave do que ele imaginara. Aplicariam em Carlotta poderosos tranquilizantes. E tudo o que lhe disseram foi para pesquisar mais profundamente o passado dela.

— Dra. Chevalier — disse o Dr. Weber —, aceitaria um convite para almoçar comigo? Gostaria de conversar com a senhora a respeito de determinados aspectos desse caso.

— É claro.

Sneidermann tentou adivinhar o que se passava. Chevalier era a diretora do setor de internações. Pretenderiam hospitalizar Carlotta? E depois? O hospital só internava pacientes para períodos de observação; posteriormente, se fosse recomendável, mandava-os para instituições estatais.

— Adeus, Dr. Sneidermann — disse o Dr. Walcott. — Anime-se.

— O quê?... Oh, adeus, Dr. Walcott.

Sneidermann percorreu os corredores movimentados e barulhentos sentindo-se podre por dentro.

Para ele, as instituições estatais para doentes mentais eram “covas de serpentes”. Pacientes demais, médicos de menos.

Desconfiava de que, na maior parte do tempo, empregavam drogas para manter os pacientes sob controle. Uma onda de ansiedade invadiu Sneidermann. Mesmo que, por um milagre, Carlotta sobrevivesse, o que seria feito dela? Poucos pacientes apresentavam melhoras naquelas verdadeiras prisões entulhadas de infelizes. Frequentemente, ficavam vegetando no mesmo nível de psicose com que eram internados — sem melhorar ou piorar, ano após ano. A imagem de Carlotta Moran surgiu na mente de Sneidermann. O que seria dela, agora?

10

O dia estava frio e cinzento, o ar limpo.

O coração de Carlotta batia furiosamente. A princípio, era ínfimo: um pontinho negro de encontro ao céu indiferente.

Então, fez uma curva, as asas brilhando momentaneamente, e foi crescendo até, afinal, pousar na pista. Os motores foram desligados. O vento embaraçava os cabelos de Carlotta quando Jerry surgiu à porta do avião, o primeiro passageiro a desembarcar.

— Jerry!

Ele usava paletó quadriculado e calças escuras. Acenou com a mão e sorriu — um sorriso juvenil que ocultava a timidez, a menos que a pessoa o conhecesse bem. Por detrás da timidez, Carlotta sabia existir a firme determinação de quem cresceu sem ter alguém que ajudasse na vida.

— Jerry!

Ele permaneceu parado, quase como num sonho, até que a aeromoça liberou a escada. Então, Jerry desceu.

— Carlotta!

Apertou-a contra o peito. Carlotta entregou-se totalmente ao abraço, sentindo-se flutuar no primeiro momento de tranquilidade que experimentava há mais de um mês. Seus lábios se encontraram, trêmulos, desajeitados pela emoção do reencontro. Jerry parecia inseguro, como se temesse perdê-la.

— Com licença, senhor — pediu a aeromoça. — Pode afastar-se para o lado, por favor?

Atrás da aeromoça parada, formara-se uma fila de passageiros impacientes.

— Claro, claro — disse Jerry, corando.

Carlotta riu.

Caminharam alguns passos na pista de concreto e tornaram a beijar-se.

— Como senti falta de você — declarou Jerry, em tom rouco.

— Sim, eu sei. Olhe só para mim. Estou toda trêmula.

Carlotta recostou-se no peito dele, fechando os olhos, escutando-lhe o bater do coração.

— Deixe-me olhar para você — disse ela. — Oh, está tão elegante! Parece um executivo de verdade, com esse paletó.

— Bem, agora eu sou. Fui promovido.

Estreitou-a contra si. O leve perfume da colônia de Carlotta, o calor de seu pescoço, engolfaram-lhe os sentidos num êxtase delirante.

— Vamos para algum lugar — sussurrou ele.

De braços dados, encaminharam-se para a rampa onde as bagagens eram despejadas pelas máquinas do aeroporto. Jerry pegou sua mala e saíram juntos do terminal.

— Você está linda como um sonho — disse ele. — Onde arranjou isso?

— A blusa? É mexicana. Comprei-a na cidade.

Jerry fez sinal para um táxi. De longe, avistavam o Holliday Inn e, além dele, o clube noturno onde se haviam conhecido.

Tudo parecia há tanto tempo. Depois de embarcarem no táxi, Jerry deu-se conta subitamente de que não sabia para onde ir.

— Vamos a algum lugar gostoso — disse Carlotta baixinho.

— Onde fomos na primeira vez.

Havia em sua voz uma estranha urgência, que fez Jerry fitá-la por um breve instante.

— Está bem — concordou ele. — É gostoso mesmo.

O táxi se afastou do aeroporto, seguindo para a Auto-estrada Litorânea do Pacífico e, depois, tomando a subir as colinas, onde a estrada se ramificava numa área que dava vista para o oceano.

O sol baixava como uma bola pálida sobre o horizonte cinzento.

Um letreiro luminoso piscava: “Sea View Motel”. Logo abaixo: “Temos

vagas”.

Jerry abriu a porta do quarto de motel.

— Um pouco cafona, não acha? — comentou. — Não é assim que eu me lembrava daqui.

— Está ótimo.

— Tem certeza?

Carlotta riu:

— Claro que tenho.

O cordão que fechava a blusa mexicana repuxava de leve o tecido alvo.

— Quer alguma coisa? — indagou Jerry. — Para beber?

— Não agora.

A saia escura, com a bainha bordada como uma serpente verde, foi colocada sobre a cadeira. Jerry observou o corpo macio de Carlotta, notando como as sombras e carne ondulavam juntas à luz difusa. Ficou embaraçado por um momento. Depois, despiu-se depressa.

— Você é tão linda — comentou.

— Você perdeu peso — replicou ela.

— Sim, viajando — disse ele. — Esqueço-me de comer.

Abraçou-a pela cintura, sentindo-a respirar profundamente em seus braços. O corpo dele se alterava na presença de Carlotta.

— Talvez as coisas se tornem mais permanentes — disse Jerry com voz embargada.

Carlotta murmurou algo inaudível de encontro ao seu ombro.

— Acho que posso arranjar transferência para o Sudoeste.

Permanentemente.

— É mesmo?

— San Diego. Creio que está nas cartas...

— Então você poderia ficar aqui... praticamente...

—Para sempre. Nada mais de viajar.

Carlotta escutava o coração dele bater. Sorriu. Naquele momento, seus lábios pareciam especialmente vermelhos à luz do poente, que incendiava o céu sobre o Pacífico. Bem mais abaixo, a estrada parecia um sonho distante, serpenteando por entre os penhascos.

— Tudo seria tão diferente.

— Sim. Muito diferente.

Sentaram-se na beira da cama. A mão de Jerry acariciava-lhe o quadril macio.

— Não quer tomar alguma coisa? — indagou ele. — Está tremendo.

— Porque estou perto de você.

O dedo de Jerry traçou-lhe o contorno do corpo, o ventre largo e macio, os flancos lisos.

Na luz suave do quarto, as paredes assumiam uma coloração de creme. O sol já baixara do horizonte, mas as nuvens distantes estavam mais alaranjadas, formando uma espécie de violentas línguas de fogo sobre o oceano. Através das cortinas, o brilho do poente aquecia-lhes os rostos, os corpos, os membros.

— Oh, Jerry!

Jerry era tão controlado, confiante, cheio de consideração.

Carlotta relaxou-se nele, sem saber mais quem era ele ou onde ela estava; sabia apenas que era uma mulher diferente, mais intensa do que jamais fora antes. Deixou-se levar por onda após onda de calor.

— Jerry!

Jerry estreitou-a com tanta força nos braços que Carlota sentiu-se esmagada. Desejava ser esmagada. Queria que todos os seus ossos se desintegrassem, que ela fosse totalmente quebrada por aqueles braços ternos e, depois, remodelada numa nova pessoa — alguém com aparência tão fresca quanto a sua, mas possuindo uma alma nova, limpa.

— Jerry!

Perdeu a consciência de si mesma, sendo engolfada por sensação após sensação, que se espalhavam por seu corpo inteiro, deixando-a numa remota praia de areias escuras. Quando acordou, com o rosto banhado de suor, viu

que Jerry a observava. Seus seios arfavam na obscuridade do crepúsculo. Beijou de leve o braço de Jerry.

— Acho que fiz um bocado de barulho — comentou ela, ruborizada.

— Não me importa.

— Aposto que o motel inteiro escutou.

Jerry riu.

— Não se preocupe com isso — replicou.

— Foi maravilhoso.

Jerry soltou uma risadinha silenciosa, acariciando-lhe o rosto. Agora, os olhos dele pareciam escurecidos pela maturidade. O ar juvenil não passava de uma lembrança. Na verdade, o rosto estava mais quadrado, autoritário. Talvez fosse a nova responsabilidade da promoção. Talvez ele estivesse cansado de tanto viajar. Talvez agora, após o amor, na luminosidade azulada mas tranquila, que também suavizava os contornos dela, ele parecesse mais o que realmente era: alguém muito sólido e sério. Deram-se as mãos; os dedos entrelaçados brincavam ao longo dos seios de Carlotta.

— Você parece diferente — comentou Jerry.

— Como assim?

— Seu rosto. Está mais sério.

— O seu também. Estamos envelhecendo. Começo a ter rugas.

— Não vejo ruga alguma. É impressão de seus olhos.

— Senti saudades de você.

— Passei o diabo sem você, Carlotta. No duro.

— Então, não devemos separar-nos.

Fez-se silêncio. Nenhum dos dois queria tocar novamente no assunto. Entretanto, por que não? Não seriam obrigados a enfrentá-lo, agora?

Então, Jerry indagou com naturalidade: — Como está a rua Kentner?

— Oh, esburacaram o asfalto. Estão derrubando as árvores.

— Para quê?

— É o progresso.

Despido, Jerry debruçou-se sobre a mesinha de cabeceira, derramando um pouco de uísque sobre cubos de gelo em dois copos. Carlotta o observava, sorrindo.

— À sua — disse ele.

— À nossa.

O líquido ardente provocou uma sensação dourada no corpo de Carlotta. Agora, o quarto estava escuro. Mantiveram as luzes apagadas. O corpo nu de Jerry brilhava alternadamente em tom vermelho e púrpura — as luzes externas do motel. Era quadrado, compacto, muito mais musculoso que quando vestido. Jerry também observava Carlotta, os olhos escuros parecendo sempre sorridentes, a despeito do que ele estivesse pensando no momento.

— Você mudou — disse ele baixinho. — O que foi?

— Muito tempo. Demais.

— Alguma coisa errada? É Billy? E eu?

— Não. Nada. Apenas tenho medo. Quando você não está aqui, tenho medo de perdê-lo.

— Não me perderá.

— Fico louca pensando nisso.

— Também não fique louca — disse Jerry, rindo baixinho.

— E se eu ficasse? E se eu enlouquecesse?

— Não seria muito bom, não é mesmo?

— Você me abandonaria?

— Você continuaria a ser Carlotta — respondeu ele, acrescentando em seguida: — Não continuaria?

Fez-se um estranho silêncio. Jerry estudou o rosto de Carlotta, aquele semblante que parecia ter-se alterado devido a alguma espécie de experiência da qual ele nada sabia. Talvez fosse a separação. Ele próprio sofrerá o diabo.

O uísque subiu ao cérebro de Carlotta, que bebia pouco, mas gostava de

beber com Jerry. Agora, o álcool lhe zumbia na cabeça como um enxame de abelhas douradas.

— Quer mais um pouco? — indagou Jerry.

Ela meneou afirmativamente a cabeça.

Barulho de cubos de gelo, ruído de bebida saindo pelo gargalo e caindo nos copos. Carlotta viu a forte figura masculina movimentar-se no escuro com a característica graça natural.

Agora, Jerry era apenas uma silhueta.

— Oh... sua mão — murmurou ela. — Está tão fria...

— Esqueci — disse ele, rindo. — Os cubos de gelo.

— Não. Deixe-a onde está.

Jerry debruçou-se sobre Carlotta, fitando-lhe as profundezas dos olhos. O hálito dele era um gostoso aroma de bom uísque e fumo de primeira qualidade. Um cheiro masculino, quase tão estonteante para Carlotta quanto a própria bebida.

A mão dele se aquecera. Agora, ambas estavam cálidas.

Carlotta ajeitou-se mais para cima nos travesseiros, a fim de facilitar os movimentos dele. Os bicos dos seios ficaram eretos sob o lençol e ela mexeu as pernas. Jerry roçou de leve o nariz ao longo de seu pescoço.

— Você cheira bem — sussurrou ele.

Carlotta riu baixinho.

Ficou calada. Escutavam-se mutuamente as respirações. Um distante oceano de tranquilidade, um som insistente, regular e profundo, esquentando cada vez mais. O quarto estava mais aquecido, totalmente escuro. Apenas o barulho distante da estrada e das ondas se quebrando trezentos metros abaixo do motel. O ventre de Carlotta moveu-se na direção de Jerry.

— Sim — murmurou ela.

Num quarto remoto, o rádio tocava — uma canção popular, rude, mas sentimental. Então, foi desligado. Uma porta bateu e um carro partiu.

— Mmmmmmm... sim...

Estreitaram-se com força, O mundo e tudo mais desapareceu ao redor deles.

Só restaram os dois.

— Sim — arfava ela, — Sim, sim, sim...

Inconsciente dos sons que produzia, Carlotta agarrou-se a Jerry, desejando-o, deixando que ele a desejasse, possuísse. E possuiu-o. Era como se estivessem numa espécie de mundo submarino, onde ela lutava com ele, agarrava-se a ele — e o calor fluido se espalhou dentro dela, como uma onda ardente que lhe tornava a pele lisa e brilhante, os olhos úmidos, a respiração arfando em suaves gemidos.

— Jerry! — balbuciou Carlotta.

Sentiu uma imensa tranquilidade. Jerry se deixava engolfar com ela. Sonolentos, exaustos, os dois corpos quentes, incapazes de mover-se. Carlotta sorriu para Jerry. Estava escuro demais para ver-lhe o rosto, mas ela percebeu que ele tinha sono. E sentiu uma paz completa, fatigada.

Jerry despertou um pouco, aconchegando-se a Carlotta, colando-se a todo o seu corpo. Fitaram o teto por algum tempo, calados, sem necessidade de falar. Muito depois, ele a escutou tatear no escuro, procurando um cigarro. Usou o isqueiro para acender o dela e depois o seu. O brilho da chama fez o corpo de Carlotta brilhar.

— Ei, Carlotta — disse ele, vendo os seios dela. — Que aconteceu? Você se feriu?

— O quê?

— Ali. E ali. Mais embaixo, também.

Ela soprou a chama, apagando o isqueiro. Jerry tornou a acendê-lo. Carlotta se encolheu sob o brilho amarelado. As sombras e protuberâncias de seu corpo nu ondulavam à luz trêmula.

— Não se esconda de mim — disse Jerry de mansinho.

— Não gosto de luz acesa.

— Eu apago.

Mas passou os dedos sobre os pequenos arranhões e cortes nos seios, costas e coxas de Carlotta.

— Não fiz isso agora — comentou. — São marcas antigas.

— Houve um acidente.

— Que fez você? Nadou em vidro quebrado?

— Bati com o Buick num poste telefônico.

— Cristo! Por que não me contou?

— Não queria preocupá-lo. Não foi coisa grave.

— Nem mesmo aqui? Veja, Deve ter doído.

— Passei alguns dias dolorida. Nada mais.

Jerry acreditou. Recostou-se nos travesseiros e na cabeceira da cama. Sorriu.

— Sabe o que parece? — perguntou, tornando a acender o isqueiro. — Parece que alguém a espancou. É a impressão que causam essas marcas.

— Apague essa luz.

Jerry apagou o isqueiro.

— Você sabe, lá onde fui criado as cicatrizes provam que a pessoa é dura na queda, capaz de aguentar o tranco. É isso que elas significam onde cresci.

— Não quero falar no assunto, Jerry.

Jerry pousou a mão na coxa dela. Carlotta pareceu repentinamente distante, a muitos quilômetros dali. Jerry sentiu-a sobressaltar-se com o toque de sua mão.

— Gostaria de caminhar pela praia? — indagou ele suavemente.

Carlotta não respondeu.

— Que tal, querida? — insistiu Jerry. — Há uma escada no penhasco.

Carlotta permaneceu calada. Levantou-se da cama e foi ao minúsculo banheiro. Jerry imaginou o que estaria errado. Ficou sentado na cama um momento e depois vestiu-se.

A lua, parecendo gorda e pesada, iluminava a praia. Quase lua cheia. As ondas rolavam sob a noite azul-esverdeada, dando a impressão de surgirem do nada, quebrando-se ruidosamente em espuma branca. Ao longo de todo o litoral brilhavam fogueiras. Jerry e Carlotta, de mãos dadas, caminhavam ao

longo da areia molhada e compacta perto do mar. De longe, vinha a música dos rádios dos carros de adolescentes estacionados no topo dos rochedos.

— Acho que precisamos conversar a respeito de alguma coisa, Carlotta — disse Jerry.

Ela não respondeu, mas apoiou-se no braço dele.

— Você sabe a que me refiro.

— Sim — disse Carlotta, bem baixinho.

— Não pude deixar de pensar em nós, Carlotta. A respeito de Billy. Durante todo o tempo que passei longe daqui.

— Ele lamenta o que aconteceu. É apenas jovem. Não consegue controlar os sentimentos. Quando você vem...

— Eu sei, Carlotta. Eu sei.

Jerry passou-lhe o braço pela cintura. Um farol nos penhascos lançava seu feixe em círculos, uma barra de luz na escuridão. Pararam, imóveis, enquanto a água fria e espumante vinha banhar-lhes os tornozelos e retrocedia a intervalos regulares.

— De certo modo, eu não o culpo — disse Jerry, afinal, um tanto embaraçado. — Eu gostaria de acertar as coisas entre nós... Entende o que quero dizer, Carlotta?

Ela ficou calada. Afinal, chegara o momento. Tão de l pressa, em tão poucas palavras. Jerry aguardava uma resposta. Carlotta ergueu a mão dele e beijou-lhe os dedos. Jerry não conseguia falar. Tentou, mas não pôde dizer mais nada, sem saber se deveria fazê-lo. Jamais se sentira tão desajeitado, incapaz de expressar-se. Nada estava acontecendo como ele esperava, como havia ensaiado.

— Carlotta... eu juro... dentro de poucos meses estarei em San Diego. É uma cidade linda. Seremos felizes lá. Todos nós.

E mais não conseguiu dizer, limitando-se a apertar Carlotta contra o peito.

— Seremos felizes, Jerry — disse ela.

Algumas luzes se moviam no oceano escuro: um rebocador ou pequeno cargueiro a caminho do porto escondido atrás das montanhas.

— Detesto ter que deixá-la, antes mesmo de poder... estar realmente com

você.

— Mas voltará em breve. Definitivamente. E eu estarei melhor.

Jerry sorriu para ela, tomando-lhe o rosto entre as mãos e erguendo-o para si.

— Que quer dizer “estarei melhor”?

— Aquelas marcas. Desaparecerão.

Jerry beijou-lhe o pescoço.

— Quando você voltar, estarei completamente curada — murmurou Carlotta.

— Agora, tenho certeza disso.

Fortes espasmos sacudiam-lhe o corpo, percorrendo-o como ondas, numa agonia ou êxtase incessante. As ondas vinham, uma após outra, um calor que subia dos pés à cabeça, fazendo-a delirar. Ela gritou. Os seios arfaram espasmodicamente. Ela se debateu. Era tudo como um calor, um choque em câmera lenta, cujo centro estava em suas partes privadas. Ela se contorceu, lutando para respirar. Aquilo não cessava. Suas coxas avançaram inconscientemente. Vagarosamente, os choques diminuíram, voltaram mais lentos, tomaram a diminuir, voltaram ainda mais lentos, terminando por afastar-se definitivamente. Um oceano de prazer a envolvia. Um ar tranquilo a abraçou. Ela se dissolveu na calidez daquele ar. Teve dificuldade para abrir os olhos. No interior do quarto, seus seios, os bicos eretos, arfavam na escuridão. O suor lhe umedecia os cabelos nas têmporas. O rosto estava coberto por grossas bagas de suor. Ela respirou fundo, prolongadamente. Estava exausta. Jamais se sentira tão completamente exausta.

— *Ha ha ha ha ha ha...*

Um riso baixo, sedoso, confiante.

Ele se fora!

Ela virou vagarosamente a cabeça. No ambiente perfumado, avistou nos pés da cama *dois anões*. Os olhos afundados em órbitas impenetráveis, os braços compridos e disformes caídos ao longo dos corpos, ambos permaneciam ali, de pé, encarando-a sem uma só palavra. Carlotta sentia-se zozna e quente por dentro, o ventre dolorido, os membros amolecidos de fadiga.

Seus olhos vidrados viram os anões largarem pétalas de rosa, uma por uma, sobre suas pernas devastadas. Pétalas que exalavam um aroma agradável. E, lentamente, uma por uma, tornavam-se mais leves, ficavam transparentes, cessavam de existir.

Na manhã de 18 de dezembro, Carlotta teve uma sensação de peso nos seios. Sentia-se toda pesada, inclinando-se a permanecer na cama.

Estava tonta. Andou até a sala, mas foi obrigada a sentar-se na beira do sofá. Quando fechava os olhos, piorava. Tudo dentro dela ondulava devagar. Começou a ter arrepios de frio.

Vestiu um suéter. Os seios estavam sensíveis. Trazia consigo alguma moléstia, que se manifestava no corpo dolorido. Saiu para regar o jardim.

Deu-se conta de que estava sentada na beirada do balanço pendurado num galho do carvalho próximo ao beco. Pingos de suor lhe escorriam pelo rosto e pescoço. A cerca branca ao longo do jardim dos Greenspan subia e descia num sinistro movimento semelhante ao de uma cobra.

Conforme o combinado, a Sra. Greenspan tentava vigiar Carlotta. Detestava interferir, mas Carlotta lhe pareceu muito pálida. A mulher idosa largou o tricô e atravessou o portão de madeira, fechando-o silenciosamente atrás de si.

— Bom-dia, Carlotta — disse ela delicadamente. — Como está passando?

— Muito bem. Aproveitando o sol matinal.

— Parece pálida.

— Desde que fiquei doente, tenho passado muito tempo dentro de casa.

— Bem, trate de apanhar um pouco de sol. É um remédio enviado por Deus.

A Sra. Greenspan voltou ao seu próprio jardim, indo até a extremidade, onde começou a catar folhas amareladas, arrancando-as dos talos. O rosto de Carlotta contorceu-se de dor.

— Meus Deus! — gemeu ela. — Estou sendo dilacerada...

A Sra. Greenspan, não escutando, continuava a limpar seu jardim. Pequenas borboletas douradas esvoaçavam ao redor.

Então, ela se voltou, sorrindo, mas os olhos idosos observavam Carlotta com

evidente preocupação. Carlotta acenou, tentou sorrir e ergueu-se, vacilante, do balanço.

Os insetos zumbiam alto, num coro barulhento; pareciam encher o jardim, o quintal, todas as sombras das vizinhanças. O zumbido ecoava no cérebro de Carlotta, que tinha a impressão de ouvir também vozes humanas.

— Acredita em fantasmas, Sra. Greenspan?

— Claro que não — riu-se a velha.

— Nem em coisas transparentes flutuando no ar? Quero dizer: coisas do passado?

— Bem, você sabe que os mortos vivem dentro de nós — em nossos corações.

— Mas não nos fazem mal, fazem?

— Não sei, Carlotta. Na minha idade, só o que vale é a experiência. Na minha opinião, o melhor para você é confiar no médico.

— Entretanto, ele me diz coisas quando eu vejo exatamente o contrário, com meus próprios olhos.

— O melhor é confiar no médico — insistiu a Sra. Greenspan.

— Ele sabe o que é bom para você.

Carlotta andou até a porta da frente, cercada pelo zumbido dos insetos. Não era como o barulho solitário dos grilos em Two Rivers; era um som irado, demoníaco. Mais como Santa Ana. A lembrança do apartamento quente e abafado, com Franklin lá dentro, acompanhou Carlotta até o interior da casa. Não conseguiu afastá-la da mente.

Em meados de janeiro, ficou evidente que o corpo de Carlotta se arredondara. Sneidermann julgou que fosse retenção de líquido, diagnosticando o fato como um sintoma histérico secundário e, como tal, sem maior importância. Não obstante, poderia ser uma reação ao medicamento. Sneidermann pediu um exame de sangue e não encontrou sinais de patologia física.

Mesmo assim, Carlotta viu-se presa de bruscas alterações de disposição. Até no consultório mostrava-se ríspida para com Sneidermann, desculpando-

se mais tarde. Tomava dois ou três banhos por dia. A água aliviava a terrível sensação de peso que a fatigava.

— O que há de errado, mamãe?

— Nada, Julie. Nada.

— Você parece tão branca.

— Mamãe está apenas cansada. Vai deitar-se agora. Você deve sair para brincar com Billy lá fora.

Julie observou a mãe deitar-se no sofá, agasalhando os ombros com um suéter. Ver Carlotta tão fraca fisicamente amedrontava a menina.

— Vá, boneca — murmurou Carlotta com voz sumida. — Mamãe está apenas cansada.

Carlotta sentia uma incrível lassidão. Todas as suas forças se exauriam. Algo dentro dela roubava-lhe a força dos ossos, dando a impressão de esfarinhá-los. Tentou levantar-se para preparar o jantar, procurando resistir ao processo, mas o corpo permaneceu inerte, exaurindo-se.

— Oh, Deus! — suspirou ela.

Tentou mais uma vez levantar-se, apoiando-se à parede, mas a sala começou a girar, cada vez mais depressa. Julie, de pé junto à porta, viu a mãe cair, emitindo sons esquisitos.

A menina saiu correndo. Avistou Billy empurrando um cortador de grama, suando ao sol de meio-dia.

— Billy! — chamou Julie. — Mamãe está doente!

Billy largou o cortador de grama. De repente, o sol que banhava a pequena casa assumiu um aspecto doentio.

— Que quer dizer? — indagou ele. — Mamãe mandou você me chamar?

— Ela está vomitando.

Billy entrou em casa, onde foi encontrar Carlotta no banheiro, vomitando na pia de louça branca.

— Você está bem, mamãe? — perguntou.

Mas Carlotta não pôde responder, curvando-se ainda mais sobre a pia.

— Devo chamar o médico?

Carlotta sacudiu a cabeça. Um violento espasmo percorreu-lhe o corpo e ela tornou a debruçar-se sobre a pia. Billy desviou o olhar, não sabendo o que fazer.

— Bem... estou bem — balbuciou Carlotta.

Lavou o rosto, passou água na pia, gargarejou com desinfetante bucal. Tinha o rosto pálido, frio, pegajoso, as narinas dilatadas.

— Acho melhor deitar-se — disse Billy.

Mas Carlotta permaneceu imóvel, horrorizada, fitando a própria imagem no espelho.

— O que há de errado, mamãe? — quis saber Billy, ansioso.

— Não quer deitar-se?

Billy e Julie viram Carlotta levar a mão ao rosto, fitando-se no espelho e repetindo a intervalos: — Não... não... não...

Então, a casa mergulhou num silêncio ensurdecedor.

Sneidermann recostou-se na cadeira, surpreso.

— Tem certeza? — perguntou.

— Absoluta. Conheço os sintomas.

— Contou a Jerry?

— Não. Por que haveria de contar?

— Ora, obviamente ele saberá, mais cedo ou mais tarde.

— O filho não é de Jerry.

Sneidermann estudou cuidadosamente os olhos dela, lendo as indicações não verbais, os sinais faciais, a expressão corporal.

— Por que tem tanta certeza disso?

— Ele não pode ter filhos. É estéril. Teve malária quando estava no exército. Nem gosta de tocar no assunto.

— Talvez esteja enganado.

— Dr. Sneidermann, se Jerry não fosse estéril eu já estaria grávida há muito tempo.

— Existe alguém mais...

— Não ando dormindo por aí com todo mundo, Dr. Sneidermann. Nunca fiz isso.

— Então, o que está querendo dizer, Carlotta?

— Não é óbvio?

— Não. Diga-me.

— Estou esperando um filho *dele*.

— De quem?

— Não seja tão estúpido!

Sneidermann viu toda a sua construção, que lhe tomara três meses de trabalho intenso, desmoronar como um castelo de cartas. Sob o aparente verniz de colaboração, Carlotta vinha ocultando as mais graves dúvidas a respeito da realidade de tudo aquilo. Agora, sob o disfarce de uma gravidez histérica, tentava reforçar seus sintomas. Sneidermann escondeu instintivamente o desalento, certo de que Carlotta jamais percebera o que lhe passara pela cabeça.

— Por que acha que seja filho *dele*, Carlotta?

— Talvez não passe de folclore, mas...

— O que não passa de folclore?

— Bob Garrett me contou, em Nevada. Diz a lenda que uma mulher não chega realmente a conceber uma criança a menos que... que tenha um orgasmo. É o sinal seguro.

Sneidermann ficou ainda mais deprimido por aquela bomba.

— Então, você teve um orgasmo?

— Sim — disse ela em voz baixa.

— Com...?

— Sim.

— Quando?

— Logo depois que Jerry partiu. Foi a primeira vez.

— *A primeira vez?*

Carlotta assentiu, ruborizando-se.

— Agora, acontece sempre. Tive medo de lhe contar.

— Por que teve medo?

— Porque é... repulsivo... essas sensações que *ele* me causa. Eu... tento não permitir que aconteçam... mas... não consigo...

Sneidermann esforçou-se por enterrar a própria angústia, obrigando-se a focar aspectos mais mundanos. Calculou o período de tempo. Quase dois meses. Certamente, tempo suficiente para construir os sintomas. Era como regredir ao ponto inicial. Quase teve vontade de chorar. Carlotta parecia tão bonita, tão segura de si, tão normal sob todos os pontos de vista — até compreender-se o que ela estava dizendo.

— Preciso fazer um aborto, Dr. Sneidermann — declarou ela.

Sneidermann ficou absolutamente perplexo. Tudo aquilo lhe explodira em cima sem aviso prévio, uma bomba após outra.

Então, dominou-se. É claro que ela desejava fazer um aborto, que eliminaria o “feto”. Então, não existiria mais bebê e ela poderia continuar acreditando naquela criatura de fantasia.

Repentinamente, o médico percebeu a clarividência, a esperteza com que funcionava uma psicose. Ficou atônito. Agora, passaria a interrogar Carlotta com a máxima sutileza, a fim de verificar o quanto aquela ilusão significava para ela.

— Você fez um exame clínico? — indagou.

— Não. Não é preciso.

— Por que não?

— Já fui mãe três vezes. Conheço bem os sintomas — Não acredito que esteja grávida, Carlotta.

— Acredite no que quiser.

— Pode provar isso para mim? Está disposta a fazer um exame?

Carlotta mexeu-se na cadeira.

— É perda de tempo.

— Leva apenas alguns minutos. Não dói. Teríamos o resultado amanhã.

— Estou toda inchada, Dr. Sneidermann. Sinto vômitos de manhã cedo. Tenho retenção de líquido. Que mais o senhor deseja?

— Suponhamos que o exame prove que você não está realmente grávida?

— Não fiquei menstruada pelo segundo período consecutivo, Dr. Sneidermann.

— Mas se os exames forem negativos?

— Então, eu realmente sentirei medo.

— Por quê? — indagou ele suavemente.

Carlotta não respondeu logo, procurando as palavras adequadas. Uma leve expressão de desafio, uma espécie de bico com os lábios, lhe surgiu no rosto.

— Por que, então, o que estará acontecendo com meu corpo?

— Pode ser uma gravidez histérica, Carlotta. Você sabe...

— Ha-ha! Claro... Está tudo em minha mente, não é? Tudo!

Carlotta mordeu o lábio, parecendo profundamente perturbada.

— Quer descer comigo? — indagou Sneidermann do modo mais delicado possível. — O pessoal do laboratório me conhece. Voltaríamos para cá dentro de meia hora.

— E se o teste for negativo? — murmurou Carlotta.

— Então, você desistiria dessa ideia, na qual nem mesmo acredita agora.

Carlotta, encurralada, tateou à procura da bolsa que estava no chão. Não encontrando cigarros, ajeitou os cabelos.

Sneidermann não sabia ao certo se deveria pressioná-la daquela forma. Não obstante, desejava cortar o mal pela raiz e voltar ao caminho correto.

— Meu Deus... — sussurrou ela.

— O que foi?

— Tive o pensamento mais horrível.

— O quê?

— E se o exame for positivo?

— Não será.

— Mas se fosse? Cristo! Tudo iria pelos ares! Significaria que é verdade, não é mesmo?

Sneidermann percebeu, espantado, que Carlotta já não sabia se desejava que o resultado do exame fosse positivo ou negativo; seria obrigada a abrir mão do sintoma ou da realidade que tanto a apavorava.

— Muito bem, Carlotta — disse ele. — Estou disposto a descer agora. Você quer vir comigo?

— Sim — respondeu ela, afinal, hesitante, num murmúrio quase inaudível.

Ele chegou através da parede. Raivosamente. Onde estava ela? Carlotta sentiu o ataque e recuou, como um caranguejo, sobre os lençóis.

— Deixe-me em paz — implorou, num sussurro.

Afastou-se ainda mais, esquivado-se da presença que pairava no ar. Encostou-se à parede oposta, com o braço estendido diante do corpo.

— Não! Não! Você vai me machucar!

Ele se aproximou.

Carlotta viu-se no chão, espremida entre a cama e a parede.

Tentou segurar o abajur à frente do corpo, mas ele o agarrou e atirou através do quarto.

— Não! Não! Por favor...

Ele a segurou. Carlotta sentiu a dor quente, dilacerante, subir-lhe pelo corpo. Tinha as pernas presas com firmeza. *Ele* se movimentava com força. A dor inflamava o abdome de Carlotta.

— Oh, Deus! Não!

Ela queimava por dentro. Gritava sem emitir sons, os dedos em garra golpeando o ar. O enorme peso *dele* a pressionava, esmagando-a de encontro à parede, enquanto *ele* a penetrava com golpes profundos e violentos do

membro.

— Oh, Deus, vou morrer... — pensou Carlotta, estonteada.

Um fluido quente e pegajoso lhe escorreu pelas coxas e ela sentiu a camisola molhar-se. Sentia cheiro de sangue espalhado no chão. Onde estava ele agora? Carlotta ficou em estado de choque, incapaz de erguer-se do canto. Tentou enfiar um travesseiro entre as pernas. Logo o travesseiro também se ensopou em fluxos quentes e pegajosos.

Zonza na escuridão, ela puxou para si o fio do telefone.

— Telefonista... oh, meu Deus... telefonista... — balbuciou com voz rouca.

Sacudiu o telefone, sentindo a tontura dominar-lhe o cérebro. Estava perdendo os sentidos.

— Que número, por favor?

— Telefonista! — Carlotta tentou gritar, sentindo-se cair. — Estou morrendo de hemorragia!

Então, desmaiou enquanto tentava controlar-se. A ambulância chegou em quinze minutos. Billy, muito pálido e trêmulo, conduziu os enfermeiros através da casa, acompanhado por um policial. Encontraram Carlotta, a camisola ensopada de sangue, a poça vermelha no chão, o pulso extremamente fraco.

Sneidermann entrou no escritório do Dr. Weber, viu o letreiro luminoso que dizia “Entre” e passou para a sala interna sem mesmo lançar um olhar à secretária.

O Dr. Weber ergueu os olhos e, vendo a expressão no rosto de Sneidermann, colocou vagarosamente sobre a mesa a pasta que tinha nas mãos.

— Sim, Gary?

— Dr. Weber, o senhor esteve conversando com a Dra. Chevalier?

— Sim, a respeito de hospitalização. Eu queria arranjar algo para a Sra. Moran.

— É melhor agirmos depressa.

— Que aconteceu de errado?

— Acabo de ser avisado por Jenkins, do quarto andar. Ela tentou perfurar o próprio útero com um instrumento penetrante.

O Dr. Weber se ergueu por detrás da mesa, pousou a mão no ombro de Sneidermann e certificou-se de que a porta estava trancada. Falou depressa, mas em voz baixa: — Ela está agora na Sala de Emergência, recebendo uma transfusão? — perguntou.

— Sim. Perdeu muito sangue.

— Muito bem. Isso acontece. Controle-se, Gary. Vamos vê-la.

O Dr. Weber voltou à mesa, pegou o telefone e disse à secretária que estaria durante meia hora na Sala de Emergências Médicas. Então, desligou o aparelho e atravessou a sala.

— Meu Deus, estou arrasado — disse Sneidermann. — Nunca imaginei que ela...

— Talvez não tenha atingido o útero. Você ainda não sabe ao certo.

— Sim, senhor. Todavia, nunca pensei que ela necessitasse tanto daquele, sintoma, a ponto de...

— Agora, você sabe, Gary. É a lição número um da vida real.

O Dr. Weber olhou para Sneidermann, que compôs o rosto numa expressão indiferente para enfrentar os outros lá fora.

Então, saíram para o corredor. A secretária não deixou de notar a extrema palidez de Sneidermann.

Caminharam rapidamente ao longo dos corredores, cruzando com muitos médicos.

— Suponhamos que ela não concorde, senhor?

— Com quê?

— Com a hospitalização.

Fizeram uma pausa junto ao grupo de pessoas que aguardava os elevadores. O Dr. Weber olhou para Sneidermann, que esperava insistentemente uma resposta, e depois desviou o olhar.

— Se ela voltar à realidade, só poderemos mantê-la internada por um ou dois dias, Gary.

Entraram no amplo elevador. Ao seu lado, um homem respirando através de tubos enfiados nas narinas, jazia numa maca forrada com lençóis brancos. Duas enfermeiras o ladeavam, tensas e ansiosas. Mais além, dois membros da equipe administrativa, bronzeados de sol, pilheriavam em voz baixa.

— Mas ela está fazendo mal a si mesma! — insistiu Sneidermann, esforçando-se para controlar o volume da voz. — Precisamos protegê-la! De si mesma!

— Os aspectos legais são complicados, Gary.

— Quer dizer que ela pode retalhar-se em tiras e nós estamos legalmente impossibilitados de forçá-la a permanecer num meio-ambiente devidamente estruturado?

— A lei favorece os pacientes. Em especial, após as mais recentes decisões do Supremo Tribunal, Ela conta com o apoio da lei.

A porta do elevador se abriu e eles seguiram a maca até o hall. Depois, subiram rapidamente uma longa rampa que levava ao quarto pavimento.

As ideias zumbiam na cabeça de Sneidermann. Parecia-lhe incrível que uma paciente tivesse o direito legal de mutilar-se.

Sabia que era diferente no caso de suicídio: se uma paciente tentasse suicidar-se, o médico tinha poderes para interná-la por um período específico de tempo.

— E se ela tentar ferir as crianças, Dr. Weber? Lembra-se de que o menino quase teve o braço fraturado pelo castiçal? Isso não constitui motivo legal para interná-la?

O Dr. Weber sacudiu negativamente a cabeça.

— Constitui motivo legal para afastar as crianças da mãe.

Olhou para Sneidermann, que rebuscava rapidamente seus parcos conhecimentos sobre legislação.

— E isso é quase impossível de conseguir — disse o Dr. Weber. — *Experimente* convencer um tribunal a separar a mãe dos filhos. Não existe maneira.

Desde que não existiam meios para obrigar Carlotta a internar-se num hospital para doentes mentais, Sneidermann aceitou sua responsabilidade. Seria obrigado a fazê-la ver seu caso como este realmente era. Precisaria explicar-lhe o perigo que ela corria. De algum modo, teria que induzir Carlotta a lutar contra a enfermidade e convencê-la a internar-se voluntariamente. Tinha uma vaga esperança de que ela recuperasse um bom nível de controle racional, mas sentia-se pessimista.

— Deixe-me falar com a Dra. Chevalier — disse o Dr. Weber.

Entrou numa pequena ante-sala e passou direto para a sala interna, abrindo a porta sem bater. Sneidermann permaneceu no corredor. Um residente passou, dizendo-lhe alô, e ele ergueu a cabeça, sorrindo sem prestar atenção. Subitamente, ocorreu-lhe que Billy ou Cindy estariam em algum lugar do hospital, numa sala de espera ou saguão. Conversaria primeiro com eles, para verificar se estavam dispostos a ajudar a convencer Carlotta.

“Carlotta. Carlotta”, pensou ele, tristonho. “Por que fez isso contra você mesma?”

Era tão petulante, tão bonita, tão cheia de vida — e, agora, isto. Como se a vida tentasse destruir-se. O que ocorrera de errado que a levava a mergulhar em si mesma, criando fantasias mais reais que a própria vida real? Como iria ele endireitá-la agora? Ele descobrira que a ilusão é algo mais que um erro de julgamento. É um poder, uma força, como uma árvore que racha lentamente um rochedo. Erradicá-la era uma luta que podia durar uma vida inteira.

— Peguei os papéis — disse o Dr. Weber ao sair do escritório segurando vários formulários administrativos. — Ficaré satisfeito por saber que ela está fisicamente bem. Nenhuma perfuração; apenas fraqueza geral por perda de sangue, mas em estado satisfatório para ter alta no final da tarde.

Atravessaram rapidamente algumas enfermarias e, depois, diminuíram instintivamente o passo, evitando demonstrar qualquer urgência. Pacientes envoltos em roupões estavam sentados em poltronas e cadeiras de rodas, sem terem o que fazer.

Sneidermann passou por cima de uma criança que brincava no chão com lápis coloridos.

— O senhor não disse se existia outra alternativa — disse ele.

O Dr. Weber parou junto à porta. Através dela avistaram Billy, pálido mas tentando sorrir, aos pés da paciente cuja cabeça permanecia oculta deles pela porta. Havia quatro outras pacientes nas camas, duas delas inconscientes e tomando transfusões de sangue. As outras duas também tomavam transfusões, mas olhavam com ar indiferente as telas azuladas de TV que pendiam do teto.

— É claro que existe uma alternativa — disse baixinho o Dr. Weber. — Se ela não quiser assinar os papéis, você continuará o tratamento como antes. É provável que ela venha, como se nada tivesse acontecido.

Sneidermann meneou fadadamente a cabeça.

— Creio que fomos localizados — anunciou. — Aquele é o filho dela.

— Muito bem. Deixarei você cuidar da situação.

— Eu...

— Terá que fazer muito disso em sua carreira. Agora, ouça: seja amistoso, mas persuasivo. Não a leve a entrar em pânico e bloquear-se contra você.

— Está bem.

— Ficarei em minha sala. Venha falar comigo quando terminar.

— Certo.

O Dr. Weber pousou a mão forte no ombro de Sneidermann para encorajá-lo; então, deu meia volta e se afastou pelo corredor movimentado. Os alto-falantes chamavam mecanicamente vários médicos. Sneidermann engoliu em seco, passou a mão no cabelo e entrou na enfermaria de emergência.

Billy sentara-se numa cadeira junto à cabeceira da cama de Carlotta. Sneidermann só viu semelhança com a mãe nos olhos escuros, pois a constituição corpulenta do jovem não combinava com o corpo miúdo e delicado de Carlotta. O médico olhou bem para Billy, que parecia estar bem no centro da luta que a mãe travava em casa. Depois, olhou para Carlotta, cujos cabelos negros se esparramavam sobre o travesseiro. Afinal, tornou a encarar Billy.

— Olá, Billy — disse, estendendo a mão. — Sou o Dr. Sneidermann.

O aperto de mão de Billy era surpreendentemente firme e forte.

— Como vai, Dr. Sneidermann? — murmurou ele.

— Importa-se se eu conversar a sós com sua mãe?

— Não. Creio que não.

Billy saiu da enfermaria. Sneidermann virou-se e viu Billy a observá-lo, sentado no banco do corredor. Sneidermann sentou-se junto à cabeceira de Carlotta, fora do ângulo de visão de Billy.

Carlotta o fitou com olhos ligeiramente estrábicos. Então, conseguiu focalizá-los. Nunca estivera tão linda, refletiu Sneidermann. Tinha o rosto pálido, quase cor de marfim. O cansaço atenuara-lhe todas as feições, dando aos olhos escuros uma expressão sonhadora. A pele delicada e as feições miúdas pareciam iluminadas por um leve brilho, como uma criança quando desperta de um sono profundo.

— Oh, Dr. Sneidermann — disse Carlotta. — Julguei que estivesse sonhando.

Sua voz tinha um tom letárgico, distante, extremamente tranquilo.

— Como se sente? — indagou o médico, numa voz que traía alguma emoção.

— Sinto-me tão cansada — disse ela, sorrindo vagamente. — Tão profundamente cansada.

— Fiquei muito triste por saber que você foi ferida.

Os lábios de Carlotta se moveram como se ela buscasse palavras e ideias que só se formulavam de modo incompleto em sua mente. Desviou o olhar, tentando encontrar a resposta em algum dos frascos que lhe pingavam fluidos nas veias.

— Não sei — disse afinal. — Não sei o que aconteceu.

— Os exames foram negativos.

Carlotta tornou a encarar Sneidermann e sorriu. Por um instante, sua mente ficou em branco.

— Que exame?

— O exame de gravidez.

— Parece que foi há tanto tempo... Há mais de cem anos...

— Os resultados foram negativos.

— Agora é tarde demais, Dr. Sneidermann. O bebê se foi.

— Não existia bebê algum, Carlotta.

— Agora não existe mais. Claro que não.

O ataque ainda lhe persistia na lembrança. Sneidermann viu o rosto branco ficar ainda mais pálido. Ela tentou dizer alguma coisa, mas não o fez. Tinha uma expressão de horror no olhar.

— Você disse que acreditaria no resultado do exame, Carlotta. Vai faltar com sua palavra?

— Entenda: *ele* não queria que eu tivesse o *seu* filho. Como um homem qualquer. Primeiro, *ele* me possuiu, depois, *ele* não quis que eu tivesse o filho *dele*.

— Foi isso que aconteceu, Carlotta? — indagou suavemente Sneidermann.

— Oh, sim. *Ele* veio levar a criança de volta. Meu Deus... e se *ele* não agisse assim? O que seria?

— Seria o final de uma gravidez histórica. Você sabe disso.

Os olhos de Carlotta se encheram de lágrimas e ela virou a cabeça para o lado oposto. Sneidermann aguardou um pouco e depois debruçou-se ligeiramente, baixando a voz: — Carlotta, se eu fosse à sua casa com você e desse uma busca, talvez no quarto, encontraria algo sujo de sangue. Algum objeto comprido e pontudo. Estou certo? Eu encontraria algo assim, não é mesmo, Carlotta?

— Não sei do que o senhor está falando — disse ela, prestes a perder o controle da voz.

— Sabe, sim — declarou Sneidermann.

— Tive uma hemorragia. Não a provoquei.

— Você está se esquivando de mim, Carlotta. Está brincando.

— Não estou, não. E não estou inventando nada.

Sneidermann suspirou. Puxou a cadeira para mais perto da cama. Sorriu da melhor maneira que lhe foi possível e esperou.

Por longo tempo ficaram ambos calados. Sneidermann pressentiu que, se não

a pressionasse, Carlotta se acalmaria, voltaria à realidade. Era importante que ela se relaxasse antes que ele pudesse prosseguir.

— Carlotta — chamou ele, baixinho.

Ela se voltou lentamente.

— Carlotta, já nos conhecemos há três meses. Você sabe que o único motivo pelo qual estou aqui é para fazê-la melhorar.

— Sei disso — respondeu ela com voz fraca.

— Se eu não souber a resposta para alguma coisa, direi a você. Se eu julgar que sei como proceder, também lhe direi.

— De que está falando?

— Quero que você se recorde de todas as coisas que descobrimos juntos, todos os fatos ocultos — a respeito de seus pais e de Franklin —, coisas que você reprimia, enterrava no canto mais escuro de sua mente, por serem terríveis demais para serem recordadas ou para você ter que pensar nelas. Quero que você se lembre do quanto se sentiu melhor quando descobrimos juntos essas coisas.

— E daí?

— Receitei-lhe tranquilizantes e estes ajudaram você a dormir sem ter medo. Aconselhei-a a ter sempre algum adulto por perto e, quando você seguiu meu conselho, não ocorreram ataques. Agora, tenho outra receita e quero que você a aceite.

— Está me causando medo.

— Não precisa ter medo, Carlotta. É algo que não causa dor ou sofrimentos. Quero que você se interne no hospital, por um período de observação. Duas, talvez três semanas. Quero que os outros médicos a examinem. Quero que você esteja a salvo de outro ataque como este último.

Carlotta afastou-se visivelmente dele, recuando sobre a cama.

— Não quero ser trancada.

— Você não será trancada. E o período de tempo é curto: só para cuidar melhor de você.

O coração de Carlotta batia com força. Assustada, correu os olhos pela enfermaria.

— Não poderia viver assim — declarou. — Como um animal numa jaula.

— Não ficaria numa enfermaria como esta, mas num local muito mais confortável, semelhante a um alojamento.

— E meus filhos? Quem cuidaria deles?

— Se eles não puderem ficar com sua amiga ou com os vizinhos, poderemos arranjar-lhes uma família adotiva por três semanas. Isso acontece todos os dias.

Carlotta suspirou.

— Então, chegamos a este ponto, não é mesmo?

Seus olhos se umedeceram outra vez. De repente, Carlotta imaginou-se dissolvendo-se, desaparecendo em cacos num corredor branco. Todos os ensinamentos de Bob Garrett a abandonaram e ela ficou sozinha, lutando para conservar intacto um décimo de sua personalidade anterior.

— Eu não poderia visitar o senhor por períodos mais prolongados?

— Creio que a gravidade da situação exige mais que isso. E acho que você também sabe.

— E se eu me recusar?

— Eu lhe perguntaria o motivo.

— Porque eu desapareceria. Nunca mais seria vista. Enlouqueceria para sempre.

— Você não vai enlouquecer para sempre, Carlotta.

Carlotta estendeu a mão para uma caixa de lenços de papel. Assoou o nariz, evitando o olhar de Sneidermann.

Este não se afastava dali. Como uma dor quente e latejante no peito, Carlotta tinha conhecimento de que seria obrigada a tomar uma decisão. Não queria abrir mão da própria vida mediante uma simples assinatura num documento.

— Posso dar a resposta amanhã?

— Não há em que pensar.

— Preciso conversar com meus filhos.

— Está bem. Eles a levarão para casa hoje?

— Cindy virá buscar-me. Mais tarde.

— Certo. Conversarei com Cindy. Se ela não puder trazer você à clínica amanhã, irei buscá-la em meu carro.

— Obrigada.

— Sei o quanto é difícil, Carlotta, mas será por um período muito curto e é a melhor coisa que você pode fazer.

Foi um momento deveras delicado. Carlotta queria chorar.

Sneidermann achava melhor ir-se. Provavelmente, ela desejava ficar sozinha.

Sneidermann saiu para o corredor. Billy ergueu os olhos. Era notavelmente bem proporcionado para um menino de quinze anos, refletiu Sneidermann. Forte como um touro. Não obstante, no momento seus olhos exprimiam medo, como os de uma criança.

— Ela vai ficar boa, Dr. Sneidermann? — perguntou Billy — Sim. Creio que sim.

— Mas o senhor vai interná-la, não vai?

Sneidermann aproximou-se de Billy e sentou-se no mesmo banco. Os dois ficaram calados por alguns instantes.

Sneidermann respirou fundo, fatigado, exaurido de energia emocional. Podia sentir a tensão do rapaz a seu lado.

— Não desejo interná-la, Billy — disse ele em voz baixa.

— Mas era a esse respeito que estavam conversando, não é mesmo?

— Não. Falávamos a respeito de um período de observação. É muito diferente.

Billy cruzou os braços, não tendo certeza se devia confiar em Sneidermann. O médico lançou um olhar ao rapaz. Não se parecia com Carlotta; provavelmente, puxara a Franklin. Um ar ríspido, um traço de decisão e teimosia num rapaz basicamente sensível. Billy era do tipo que se concentra em uma coisa de cada vez, obsessivamente. Um introspectivo. Ocupava uma posição crucial no substrato da personalidade de Carlotta. Sneidermann umedeceu os lábios.

Preciso fazer-lhe uma pergunta muito séria — declarou.

Billy o encarou, atento e desconfiado.

— Que pensa você de tudo isto, Billy?

Billy sacudiu os ombros e baixou o olhar. A ponta do sapato traçava o contorno dos ladrilhos no chão.

— Gostaria que terminasse logo — murmurou.

Sneidermann o observava. Billy era muito sério para sua idade.

— Sua mãe me contou que você viu *ele*.

— Não... Eu senti *ele*.

Billy corou, desviando a cabeça.

— O senhor sabe. Gente doente. Mamãe estava gritando. As meninas também gritavam. Estávamos todos excitados.

— Seria possível que você estivesse tentando ajudar sua mãe? Através de simulação?

— Não sei. Talvez.

Sneidermann meneou a cabeça. Era como dissera o Dr.

Weber: *folie à deux*. Só que Billy, agora, tinha consciência da realidade.

— O que pensa você agora?

— Agora? Não sei. Não sei se foi verdade... ou se imaginei tudo. Aquela noite inteira foi esquisita.

Sneidermann pigarreou. Curvou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e esfregando os olhos com os punhos cerrados. Depois, soprou as mãos, concentrando-se.

— Quer me ajudar, Billy?

Billy encarou Sneidermann. Até onde podia perceber, o médico era sincero. Mas mesmo que Sneidermann tencionasse manipulá-lo, era para o bem de sua mãe.

— De que se trata?

Sneidermann, fitando Billy nos olhos, sorriu de leve.

— Não simule. Na próxima vez.

Billy recostou-se no banco.

— Não é tão fácil — disse ele. — As coisas mudam. Elas...

— Naturalmente. Sei disso, Billy. Mas você e suas irmãs têm que trazer sua mãe de volta à sanidade. Compreende?

— Sim. Creio que sim.

— Quando ela pensa que está vendo ou ouvindo alguma coisa, deseja que vocês corroborem. E quando vocês o fazem, torna-se muito mais difícil convencê-la de que tudo está na cabeça dela, não passando de uma ilusão.

Billy permaneceu calado.

— O amor de vocês a trará de volta — asseverou Sneidermann tranquilamente. — Desde que vocês não cedam. Está compreendendo?

Billy assentiu com a cabeça.

— Promete?

— Prometo.

Sneidermann lançou um olhar a Carlotta, visível através da porta aberta. Embora ela tivesse os olhos fechados, Sneidermann sabia que não estava dormindo. Virou-se para Billy: — Por que não vai até lá dentro? Ela quer conversar com você.

Billy ergueu-se devagar e atravessou o corredor em direção à enfermaria. Sneidermann escutou os murmúrios de ambos e, depois, o choro baixo de Carlotta. Desviou o olhar, lutando contra a própria emoção.

11

O sol de final de tarde mesclava-se às folhas que balançavam sobre a casa da rua Kentner. De longe vinha o burburinho das crianças. Também de longe vinha o som do rádio de Billy, filtrando-se da garagem. Agora, Cindy voltara ao seu apartamento. Carlotta olhou pela janela para as compridas e douradas faixas de sol que penetravam por entre as folhagens. O gramado parecia muito verde e fresco. Ela divisava os Greenspan, tomando café na sua minúscula sala de visitas. Julie e Kim escreviam com giz na calçada. A normalidade era uma visão de beleza, uma linda tarde a sós com os filhos. E agora ela se encontrava no lado oposto da cerca, uma estranha, afastada de tudo aquilo, talvez para sempre.

Carlotta sentou-se no sofá. Durante três meses sua vida tinha sido um inferno. Já não lhe importavam as razões; já não adiantava especular sobre os motivos. Sneidermann tinha razão: naturalmente, ela precisava ser afastada, isolada. A casa lhe parecia tão confortável, como uma velha amiga. Aquela casinha pobre e insignificante, igual a tantas outras, fora toda a sua vida.

Era como abandonar alguma coisa boa e permanente.

Como seria no hospital? Carlotta não tinha dúvidas de que, após duas ou três semanas, eles lhe pediriam para ficar mais uma semana. Depois outra. Não nutria ilusões a respeito. E as crianças? Quando uma pessoa fica louca, não lhe tiram os filhos? Foi assaltada por um pensamento arrepiante: enviariam seus filhos para a casa de sua mãe? Não; era impossível. Ela certamente continuaria com alguns direitos sobre eles.

Sneidermann não mencionara algo relativo a famílias adotivas?

Era preciso indagar melhor quando tomasse a vê-lo. E a Previdência Social? Também cuidaria das crianças. Pelo menos, ainda havia isso — até quando completassem dezoito anos.

Era como preparar-se para morrer. Carlotta só via diante de si os infundáveis corredores de uma enfermaria esquecida — esquecida até mesmo por ela

própria. Portanto, a vida triunfara sobre ela. A despeito de tudo o que Bob Garrett lhe ensinara. A pessoa podia ser derrotada, antes mesmo de morrer.

Carlotta sentia um desânimo peculiar. Entregara-se a seu destino. Depositara sua fé em Sneidermann, pois já não tinha fé alguma em si mesma. Via-se como o último elo de uma longa corrente de pessoas derrotadas pela vida. Franklin Moran, uma carcaça oca aos vinte e cinco anos de idade. O ministro de Deus, Pastor Dilworth, um homem prematuramente envelhecido, autoconsumido, que jamais encontrara a vida. Que permanecesse morto, pensou Carlotta. Deixemos os mortos permanecerem mortos. Até mesmo, a seu próprio modo delicado, Jerry — batalhando tão arduamente para tornar-se alguma coisa na vida.

Agora, se ele soubesse, ou mesmo suspeitasse, que o principal esteio de sua vida se desintegrara?

A tarde que morria lançava um brilho alaranjado contra a parede oposta. Carlotta sentiu-se rodeada por uma imensa sensação de paz. Quando a pessoa desiste de tudo, deixa de resistir e lutar, a dor também morre. Como um deus estranho e implacável, o futuro faria dela o que bem entendesse — sem precisar de motivos.

Deitou-se no sofá, enxugando os olhos. Sentia pena dos filhos. Se algum dia lhe tivesse passado pela cabeça que isto aconteceria, que eles ficariam sem ela por um só momento que fosse, jamais teria... Mas tentou não pensar. Dormiria. Dormiria ainda uma vez naquela casinha barata, tão sua conhecida, onde tudo lhe explodira no rosto. Então, levantaria de manhã cedo e...

Tudo estaria terminado. A morte em vida teria início. Seria assim. Teria que ser assim. Nada havia que ela pudesse fazer em contrário agora. Jerry? Jerry jamais tornaria a vê-la. Ele nunca entraria num asilo de loucos para procurar Carlotta. Aquilo não estava praticamente terminado? E ela não o culpava. Ele tinha uma vida inteira pela frente. De súbito, uma onda de repulsa e nojo a engolfou. Terminar assim! Uma derrota tão vil e repugnante!

Escureceu aos poucos. As crianças entraram, encontraram Carlotta adormecida e não fizeram barulho. Jantaram silenciosamente, servindo-se de sopa enlatada e pão, e tornaram a sair. Estavam tristes. De algum modo, sua mãe estava morrendo. Continuaría viva, mas também estaria morta.

Nenhuma delas queria tocar no assunto. Foram para fora, onde o crepúsculo se tornava cada vez mais escuro. Billy voltou para a garagem. As sombras compridas pareciam-lhe desoladas, vazias, e ele se esforçou por não chorar.

Carlotta mergulhou num sono extraordinariamente profundo. Seus pensamentos eram escuridão mesclada a correntes de escuridão ainda mais profunda. Não sabia de nada.

Nem sabia que existia. Até começar a subir, preguiçosamente a princípio, como um peixe do fundo do oceano — tornando-se cada vez mais consciente de que algo estava errado.

A cabeça latejava, cheia de dor. Os vasos sanguíneos pulsavam e a dor aumentava a cada pulsação. Tentou levantar-se mas só conseguiu rolar de um lado para outro, segurando a cabeça com ambas as mãos. Teve náusea — uma náusea peculiar, que subia e descia como uma onda negra na boca do estômago, tentando violentamente enfraquecê-la, arrastá-la novamente para as profundezas do sono.

Onde estavam as meninas? Já era tarde. Tentou escutar, localizar suas vozes, mas os sons que entravam pela janela eram fragmentados, distorcidos, não formavam sentido. Percebeu vagamente as folhas farfalhando além da vidraça. Viu que a janela estava fechada e trancada. Por quê?

Virou a cabeça. A outra janela também estava fechada e trancada. Nada mais fazia sentido. Dentro de casa estava escuro.

Pequenos pontos dançavam em seu campo de visão. Um torno furioso lhe apertava a cabeça, fazendo-a latejar com violência.

Rolou até conseguir ficar meio sentada. Segurou a cabeça.

Compreendeu que ia vomitar. Então, avistou a porta que dava para a cozinha — também fechada. Mais uma coisa que não fazia sentido. Procurou levantar-se, mas não pôde. Sentia o corpo pesado, incredivelmente pesado. A distância que a separava da porta do corredor parecia um quilômetro. A porta do corredor também estava fechada. Aparentemente trancada. Uma manta de lã fora enfiada entre a porta e o chão.

O que está acontecendo? — pensou Carlotta. Onde estou?

Olhou mais uma vez para a outra porta. Sob esta também havia uma manta. Carlotta estava selada no interior da sala.

Onde estariam todos? Que seria aquele barulho? Será que estou ficando surda?

Um silvo lhe soava incomodamente nos ouvidos. Ela os tapou com as mãos, mas não adiantou. Também escutava os ruídos do aquecedor em meio ao silvo. Portanto, não estava surda. A pequena luz azul na base do aquecedor não estava lá.

Apenas um buraco negro. E o silvo do gás que se espalhava pela sala.

Carlotta sentiu um choque: *alguém tentava matá-la!*

Engatinhou pelo chão na direção do aquecedor. Tinha a visão turva e a náusea ameaçava dominá-la. Tentou não respirar, até que seus pulmões quase estouraram. Teve a impressão de ver o aquecedor evaporar-se à sua frente, mas logo se deu conta de que era seu próprio campo de visão, ondulando descontrolado.

Pitou o buraco escuro no aquecedor, sentindo transfixada por ele ao cair no chão. Todo o seu desespero parecia escapar silvando por aquele orifício que, como uma boca do inferno, condenava-a a morrer naquele momento.

— Adeus, Carlotta... adeus...

Portanto, *ele* estava zangado com ela, por entregar-se ao médico, e não a *ele*. Com uma repentina percepção da mente doentia dele, Carlotta viu a profundidade ilimitada da verdadeira depravação.

— Não — balbuciou ele. — Não, não... nunca...

— *Shhhhhhhh... Agora, durma... Carlotta...*

Carlotta reanimou-se, lutando contra si mesma, sentindo-se lutar como Jacó contra o Anjo do Senhor, pois jamais sentira algo tão poderoso quanto sua própria lassidão. Seu corpo inteiro desejava entregar-se, render-se à fadiga que lhe dissolvia os ossos, baixava uma cortina sobre seus olhos e sussurrava-lhe cruelmente no cérebro.

— Nunca — murmurou ela, rouca. — Nunca...

Virou-se, arrastando-se na direção da janela que parecia milhões de quilômetros acima dela, no final de um longo túnel.

— *Carlotta... Carlotta...*

Era um som tão sibilante, tão mesclado ao silvo do gás, que ela não sabia

dizer se era real ou imaginário.

Com um grito que foi mais um gemido, jogou um abajur de encontro à vidraça. O fio acompanhou a base e a cúpula; a vidraça se rachou, caindo em estilhaços sobre a grama lá fora.

Carlotta perdeu os sentidos. Nem mesmo viu a vidraça partir-se. Não viu os braços que se estenderam para segurá-la, nem os rostos horrorizados das crianças, fitando-a estendida no chão.

Dormiu no sofá para onde Billy a carregara. Agasalharam-na com um cobertor. Ela falou com voz sumida e tornou a dormir mais um pouco. O cheiro de gás desapareceu paulatinamente. As meninas sentaram-se na espreguiçadeira, observando-a. Billy sentou-se à mesa. Sozinhos, sem confiar em ninguém, mantiveram vigília sobre a mãe, como silhuetas que a cercassem.

A noite foi silenciosa. De manhã, ela iria para o hospital. Talvez por um longo período. Até lá, foi como um velório.

Quando Carlotta entrou no corredor, ladeada por Billy e as meninas, não trazia uma maleta.

— O que é, Carlotta — indagou Sneidermann. — O que há de errado?

— Podemos entrar e conversar?

— Sim, claro.

Entraram no consultório pintado de branco. Billy e as meninas esticaram os pescoços. Então, aquela era a sala aonde sua mãe vinha todos os dias. Estava muito longe de ser tão amedrontadora quanto eles haviam imaginado.

— Carlotta, você já conhece meu supervisor, o Dr. Weber.

— Como vai, Carlotta?

Carlotta não aparentava o mínimo embaraço pela presença das crianças ou do Dr. Weber. Uma peculiar decisão transparecia-lhe no rosto e em todos os seus movimentos.

Já decidi — declarou ela. — Não posso permitir que me internem.

— Carlotta — disse depressa o Dr. Weber, num tom suave, percebendo que Sneidermann fora apanhado de surpresa. — Creio que o Dr. Sneidermann já lhe explicou que você não será internada. Trata-se apenas de um período de duas semanas de observação.

— Isto é apenas um detalhe técnico, Dr. Weber — replicou ela. — No final, é a mesma coisa.

O Dr. Weber lançou um olhar às crianças amedrontadas, que tentavam entender o que se passava. A presença delas o perturbava; não obstante, sentia-se satisfeito com a oportunidade de vê-las interagir com a mãe. Tinha certeza de que apoiavam, de algum modo que até elas mesmas desconheciam, as ilusões da mãe.

— Por que não deseja colocar-se sob observação, Carlotta? — quis saber o Dr. Weber.

— Por um motivo muito simples — disse ela; — Sim?

— Temo por minha vida.

— Mas, Carlotta, aqui não existem perigos...

— Não. Não se trata disso. É ainda mais simples.

— Muito bem. Quer nos contar?

Carlotta encarou diretamente os dois médicos. Por alguma razão, sentia-se mais forte que ambos. Sentia o poder que possuía perante eles. Talvez fosse a presença das crianças, sentadas atrás dela.

— Houve uma tentativa contra minha vida na noite passada — declarou.

— É mesmo? — disse Sneidermann, horrorizado.

O Dr. Weber ergueu uma das mãos para acalmar Sneidermann.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Ligaram o gás em minha sala, enquanto eu dormia. As janelas e portas foram trancadas e seladas com panos.

O Dr. Weber examinou as fisionomias das crianças e não encontrou indicações em contrário. Tornou a encarar Carlotta.

— Carlotta — disse ele. — Podemos insistir para que permaneça aqui por haver tentado suicidar-se.

— Não foi tentativa de suicídio, Dr. Weber — apressou-se ela em afirmar.
— Nunca desejei tanto viver.

— Ora, Carlotta. Sabe muito bem que sua mente lhe tem provocado ilusões. É evidente que se tratou de uma tentativa de suicídio.

— Absolutamente não — insistiu Carlotta. — Foi uma tentativa de homicídio. Diga o senhor o que quiser, mas *ele* me matará antes de permitir que eu me entregue aos senhores.

— *Foi* tentativa de suicídio, Carlotta, e posso mandar interná-la ainda hoje.

— Não houve testemunhas e não farei declarações.

— Você é muito esperta, Carlotta.

— Foi uma decisão que tive que tomar sozinha, Dr. Weber.

— Continuar doente?

— Continuar viva. Pouco importam suas teorias. *Ele* é mais poderoso que vocês. E *ele* me matará, se julgar necessário.

— Para evitar que você se cure?

— Se é assim que o senhor prefere definir o problema, sim.

O Dr. Weber se curvou para o lado e segredou algo a Sneidermann. Este se pôs de pé e pediu que as crianças o acompanhassem até lá fora. O Dr. Weber se voltou para Carlotta.

— Quero-a no hospital, Carlotta — declarou ele.

— Será a minha morte.

— Temos enfermeiras em todos os pavimentos. Se você quiser, destacaremos uma especialmente para acompanhá-la.

— Nunca é suficiente. O senhor não entende o quanto ele é poderoso! O quanto *ele* é insidioso! *Ele* virá atrás de mim. *Ele* é assim.

— Não acha que poderei interná-la imediatamente? Após tudo o que me contou?

— Não. Desde que eu não faça mal a ninguém.

— Quem lhe disse tal coisa?

— Minha amiga.

— Ouça-me, Carlotta. Podemos ajudá-la, se você continuar a encontrar-se com o Dr. Sneidermann. Mas o tratamento será muito prolongado e, nesse ínterim, você estará correndo o risco de fazer mal a seus filhos.

— Eles não sofrerão mal algum.

— Billy não teve uma luxação no pulso? E isso ocorreu há dois meses. Desde então, você já passou por muita coisa.

— Aquilo foi porque Billy tentou separar-nos. Agora, ele não fará mais isso.

— Neste caso, você estará prejudicando psicologicamente seus filhos.

Aquilo penetrou. Carlotta virou-se um pouco, encarando o Dr. Weber.

— Que quer dizer?

— Crianças são muito sugestionáveis em questão de doenças. Em especial quando a própria mãe está envolvida.

— Não há nada errado com meus filhos.

— Aquele não é o meio-ambiente de que eles precisam. Você sabe disso.

Carlotta mergulhou num estranho silêncio.

Fitava desafiadoramente o Dr. Weber, mas não tinha respostas para os argumentos dele.

— Quero sua promessa, Carlotta — prosseguiu ele. — Por você e por seus filhos. Tudo o que desejamos é fazer sua vida voltar ao normal o mais depressa possível. É exatamente o que você também quer.

Carlotta sentia-se encurralada. Não gostava do Dr. Weber, que era duro, insistente e muito mais esperto que ela.

Sneidermann ela conseguia dobrar um pouco.

— Não creio que o senhor compreenda o risco, Dr. Weber — disse ela. — Estou perfeitamente disposta a hospitalizar-me, mas não estou disposta a ser assassinada.

Encarou-o vivamente, com um brilho selvagem no olhar.

— O senhor julga que sou psicopata, não é mesmo? — acrescentou. — Pois não faz diferença se o senhor está certo ou errado, porque morrerei se me internar. Está bem claro, agora? Pouco importa que me suicide ou que alguém me mate; dá no mesmo.

O Dr. Weber fitava diretamente os olhos de Carlotta, desejando confrontá-la com o plano que ela mesma arquitetara.

— Então, o que você deseja fazer, Carlotta? Permanecer em casa e continuar sendo atacada? É isso que está querendo dizer?

Carlotta encolheu-se na cadeira. Decididamente, não gostava daquele sujeito agressivo.

— Sim — respondeu. — Ficarei em casa. Virei conversar com o Dr. Sneidermann. Frequentarei o curso de secretariado. Quando terminar, procurarei emprego. Todavia, uma coisa eu não farei: hospitalizar-me.

— Será espancada, brutalizada, amedrontada e...

— Não. Não serei.

— Por que não?

— Porque cooperarei.

O Dr. Weber fez uma pausa, com o olhar menos penetrante, talvez até mais suave.

— Você verá o Dr. Sneidermann hoje à tarde?

— Eu... sim... suponho que sim. Está certo.

O Dr. Weber fitou aquela mulher bonita. Era o típico muro fechado com que topara em trinta anos de carreira. Existem pacientes que fazem tudo o que o médico pedir — exceto melhorar. Esta era uma das mais teimosas.

Agora, o Dr. Weber duvidava que pudessem forçá-la a internar-se. Até que ela fizesse mal aos filhos, é claro. Talvez a Dra. Chevalier pudesse arquitetar algum meio.

— Podem fazer lanche na cantina — disse ele. — Minha secretária arranjará fichas para você e as crianças.

— Bem.. está certo. Obrigada, Dr. Weber.

O Dr. Weber abriu a porta e deparou com Sneidermann e as crianças. Carlotta levou os filhos pelo corredor, na direção da cantina. O Dr. Weber fez sinal a Sneidermann para aproximar-se.

— Que tal um pouco de café, Gary?

— Boa ideia.

— Não aquela merda — disse o Dr. Weber, apontando para a máquina de café solúvel. — Venha à minha sala.

Sneidermann fechou a porta atrás de si. Na sala tranquila, o Dr. Weber preparou o café, serviu duas xícaras e ambos tomaram em silêncio. Sneidermann observava atentamente seu supervisor.

— O que acha, Dr. Weber?

— O caso me perturba profundamente, Gary.

— Sim. Por que diabo ela trouxe as crianças?

— Para demonstrar seu papel de mãe. E para ter o apoio dos filhos.

O Dr. Weber olhou pela janela, franzindo a testa para enxergar um avião distante. O céu estava enevoado, sem nuvens ou poluição, mas uma espécie de mistura de ambas as coisas. Os remotos arranha-céus do centro da cidade eram visíveis apenas como esmaecidas silhuetas cinzentas.

— O que achou das crianças? — indagou Sneidermann.

— Julie é esperta. A outra menina me parece normal. Billy é o mais estranho.

— Em que sentido?

— Muito tenso. Pensativo. Não me surpreenderia vê-lo entrar aqui algum dia — disse o Dr. Weber, tomando um gole de café.

Mas a principal pergunta ficara sem resposta: o que fariam agora a respeito de Carlotta? O que podiam fazer legalmente?

O Dr. Weber e Sneidermann, cada qual imerso em seus debates interiores, ficaram calados.

— Um caso interessante — comentou o Dr. Weber, afinal.

Sneidermann ergueu vivamente a cabeça. Detestava quando o Dr. Weber se referia a seres humanos como se estes fossem jogos onde se pode ganhar ou perder. Seria alguma grosseira insensibilidade? Ou algo que se adquire após trinta anos tratando de personalidades históricas ou violentamente doentias?

— Acredita que ela tentará novamente, senhor?

O Dr. Weber franziu o rosto, pensativo.

— Você sabe, o único perigo real de suicídio ocorrerá se ela for privada do sintoma cedo demais. Quando um paciente é privado do sintoma mas ainda não construiu novas defesas ou enfrentou o problema básico — é então que a ira, o ódio, se volta contra o próprio ego e ele é capaz de suicidar-se. Se você perceber sinais disso, tome cuidado.

— Sim, senhor. Eu gostaria que o problema fosse esse. Na situação atual, nada conseguirá arrancar-lhe aquela ilusão.

— Carlotta se agarra mesmo a ela, não é? — replicou o Dr. Weber.

Calaram-se durante algum tempo. De algum modo, os sons produzidos pela secretária na sala ao lado irritavam Sneidermann. Este compreendeu que a falta de sono começava a lhe fazer mal. Aquele caso o deixava nervoso, tenso. Procurou controlar a impaciência e imaginou se o Dr. Weber conseguiria encontrar, algum dia, uma solução concreta e definitiva.

— Onde ficamos, então? — indagou finalmente.

— Num impasse. Ela verá você — todos os dias, se você quiser. Nada mais que isso, porém.

Sneidermann deixou-se cair, fatigado, numa cadeira. Mexeu o café sem prestar atenção.

— Sem melhorar, sem piorar — comentou.

— Você viu o que ocorreu quando tentou forçar a situação: suicídio. Antes disso: aborto. Meu Deus! As grandes tragédias...

— Por que ela necessita tão desesperadamente da tal ilusão? — quis saber Sneidermann. — Não entendo tenacidade tão feroz.

O Dr. Weber se voltou, percebendo que a fisionomia de Sneidermann expressava o mesmo desalento que ele próprio sentia ocasionalmente.

— Carlotta corre perigo de uma regressão completa — disse o Dr. Weber.
— Utiliza aquela fantasia oriental como um recurso extremo para tapar o furo no dique.

— Sim... — disse Sneidermann, começando a formular um pensamento que o levava a falar devagar enquanto se cristalizava. — O desejo pode ser uma sensação muito forte e amedrontadora.

— Não o acompanho.

— Oh, não sei... Imagino quem esteja oculto por detrás daquela máscara oriental.

O Dr. Weber curvou-se para diante:

— Calma, rapaz. Proceda com cautela. Não sugira motivos a Carlotta. Não se deixe cair em tal armadilha, Gary.

Sneidermann meneou vagamente a cabeça, a mente em ebulição, e retirou-se.

Subiu para as salas onde ficavam as máquinas automáticas, a fim de tomar um lanche rápido. Queria evitar os residentes que frequentavam a cantina principal. Desejava ficar sozinho. Tinha muito em que pensar e dispunha de pouco tempo.

Aqueles jogos, aquelas ambiguidades evasivas, pensou Sneidermann, quase com amargura. O Dr. Weber era capaz de acreditar simultaneamente em vinte teorias diferentes, como se tudo não passasse de um gigantesco jogo de xadrez. Alguns anos atrás, a psiquiatria parecia uma disciplina concreta, como a cirurgia. O médico localizava a moléstia, entrava em ação, extirpava-a. Agora, porém, parecia um labirinto, composto dos fiapos retorcidos de mil e uma lembranças incertas e dezenas de milhares de variáveis desconhecidas. Explorar a mente de Carlotta Moran era como entrar num banco de computadores onde havia um milhão de fios desprovidos de identificação e apenas um dentre eles, uma falha microscópica, podia ser a causa de toda a moléstia.

Sneidermann via apenas duas alternativas diante de Carlotta.

Ou ela seria eventualmente hospitalizada em caráter permanente, contra sua vontade, tão logo fizesse algo grotescamente espetacular — caso em que vegetaria nos corredores esquecidos de alguma instituição estatal repleta de loucos incuráveis e desprovida de atendimento médico adequado —, ou encontraria uma maneira de prosseguir aquelas sessões de psicoterapia — com ele, depois com outro residente, e mais outro, até desistir ou algo pior acontecer. Sneidermann temia os longos e arrastados anos de entrevistas. Fazia pouca fé naquelas sessões. Ocorria que o paciente e o médico formavam um compacto intercâmbio de trivialidades, desprovido de qualquer significado prático, e o paciente se fechava para sempre contra qualquer pesquisa realmente válida. Sneidermann sabia de um caso no qual

um homem frequentou o consultório de um psiquiatra durante quinze anos a fio, permanecendo absolutamente calado: necessitava apenas da segurança que lhe proporcionava ver o médico. E Sneidermann previa o futuro de Carlotta: uma personalidade mutilada, incapaz de funcionar no mundo real, alimentando a ilusão de que o médico, de algum modo, através de alguma espécie de mágica, melhorava sua situação pelo simples fato de escutá-la falar.

Haveria algum modo de chegar até ela agora? Antes que se fechasse contra o mundo exterior? Antes que as sessões se solidificassem em total ausência de comunicação? No momento, Carlotta encontrava-se num estado volátil: escutava, alterava-se de acordo com o que lhe diziam. Agora era a ocasião — se é que existia ocasião — de penetrar a fundo nela. Dentro de quatro meses o período de residência de Sneidermann terminaria e ele iria embora, regressaria à Costa Leste. Então, seria tarde demais para fazer algo por Carlotta.

Sneidermann tomou o café como se fosse remédio e jogou fora a xícara de plástico, entrando resolutamente em sua sala.

E se *fosse* contra os regulamentos? — pensou com seus botões.

Vendo Carlotta entrar no consultório, com medo de si mesma, dominada pelo peculiar pesadelo que lhe aprisionara a vida de forma tão violenta, Sneidermann teve certeza de que não lhe restava outra escolha.

— Boa-tarde, Carlotta.

— Boa-tarde — replicou ela, um tanto friamente.

— Sente-se bem agora? — indagou Sneidermann. — Deve ter sido uma experiência horrível, na noite passada.

— Estou bem, obrigada.

— Carlotta, quero que saiba que não pretendemos hospitalizá-la contra sua vontade. Talvez pudéssemos fazê-lo, mas seria inútil para ambas as partes. Não tentaremos controlar sua vida.

Carlotta pareceu relaxar-se visivelmente. Não obstante, continuou a fitá-lo com ar desconfiado.

— Portanto, você pode continuar a vir aqui como paciente do ambulatório

— prosseguiu Sneidermann. — Talvez consigamos ajudá-la de algum modo. É o nosso único interesse.

— Muito bem. Acredito no senhor.

— Você é uma mulher muito inteligente, Carlotta. E sei que sempre dá ouvidos à razão.

— Só posso fazer o que faz sentido para mim, Dr. Sneidermann.

— Portanto, desejo agora conversar racionalmente com você. Chega de perguntas e respostas.

— Como o senhor preferir, Doutor.

— Você me disse que perguntou à Sra. Greenspan se ela acreditava em fantasmas. Então ela riu porque, naturalmente, ninguém acredita. Houve tempo, porém, em que as pessoas acreditavam nos espíritos. Em bruxas, demônios, duendes...

— O que está tentando dizer?

— Aqueles espíritos, demônios e bruxas eram apenas ideias, Carlotta. Não obstante, as pessoas os *viam*. Gostaria de ver figuras deles?

Virou-se, estendeu a mão para a estante e pegou um pesado volume, abrindo diante de Carlota, que observava com repulsa e, não obstante, fascinada.

Gravuras de demônios com asas de morcego, velhas com orelhas pontudas, cães com rosto de crianças desfilavam aos olhos de Carlotta. Esta desviava o olhar, mas logo voltava a atenção para o livro. Homens pendurados em forcas enquanto corvos lhes devoravam os olhos, cobras aladas, uma mulher dançando com um touro na floresta.

— Estes demônios eram muito poderosos — disse Sneidermann. — Abusavam sexualmente das pessoas. Às vezes, dizia-se que engravidavam as mulheres. Vê como eram fortes tais fantasias?

— Não sou estúpida, Doutor.

— Então, por que as pessoas viam essas coisas? Porque constituíam um meio de expressar algo que as amedrontava.

Carlotta encarou Sneidermann com uma expressão perplexa e zombeteira, esperando que ele prosseguisse. Quando o médico continuou calado, ela ficou embaraçada.

— Isso nada significa para mim, Dr. Sneidermann.

— Bem, digamos que um homem — um homem que desejava ser bom e correto — sentisse desejo pela esposa do vizinho. Um desejo que aumentasse cada vez mais. Finalmente, ele inventava esta criatura — com nariz adunco, verrugas no rosto e um temperamento horrível. Naturalmente, tratava-se de uma imagem de seu próprio desejo, que era hediondo para ele. Compreende o que estou dizendo?

— Não.

— Muito bem. Voltemos ao presente. Meu supervisor teve oportunidade de tratar de um caso no qual uma mulher desenvolveu repugnância pelo cheiro de tintas. Sentia-se tão mal que era obrigada a permanecer na cama, imobilizada. Por que motivo? Porque descobrira um caso de incesto em seu próprio lar. O marido mantivera relações sexuais com a filha deles. Compreende, Carlotta? Isso ocorreu quando a casa estava sofrendo reformas. Então, a mente da mulher bloqueou tudo, exceto a lembrança do cheiro de tinta, que se transformou num símbolo do que ela havia bloqueado.

Carlotta riu nervosamente.

— Está vendo como o subconsciente funciona de maneira tão engenhosa e, ao mesmo tempo, tão direta?

Carlotta cruzava e descruzava as mãos sobre o colo. Fora isso, continuava a mesma pessoa fria e controlada que estivera no hospital aquela manhã.

— Agora, estou falando à sua razão, Carlotta. Percebe como essas ilusões encobrem as coisas, mas sempre remontam às raízes profundas, aos segredos de nossas vidas que desejamos ocultar?

— Sim, mas... eu não tenho necessidade de inventar monstros, Dr. Sneidermann! Não existe em minha vida nada tão terrível para que precise inventar algo como isso!

Sua voz aumentara de intensidade, o rosto parecendo ruborizar-se.

— Muito bem, Carlotta. Acalme-se. Desejo apenas que você...

— Um oriental! Onde inventaria eu algo semelhante? O senhor sabe que isso nada significa para mim! Já discutimos o assunto centenas de vezes!

Sneidermann pigarreou ligeiramente, mexeu-se na cadeira, fez outros movimentos para deixar o tempo passar. Carlotta estava deveras perturbada.

Indubitavelmente, ele fizera contato.

Ela estava prestes a perceber o quanto seu estado era grave. Se percebesse, talvez concordasse em hospitalizar-se.

— Muito bem — disse Sneidermann. — Tomemos essa fantasia oriental.

— Eu...

— Vamos olhar bem para *ele*. Que sabemos a respeito *dele*?

— Ora, Dr. Sneidermann...

— *Ele* é grande. Muito grande. Musculoso. Chega a causar medo, o quanto ele é musculoso. *Ele* lhe mostra coisas que você nem conhecia antes. É completamente poderoso. E quem ajuda a *ele*? Diga-me, Carlotta: quem *ele* tem ao lado *dele*? Dois anões. Não é isso? Dois pequenos e um grande.

Carlotta olhou para o relógio. Parecia prestes a fugir correndo da sala. Sneidermann percebeu que, de algum modo, fizera contato. Carlotta hesitava; queria ficar e, ao mesmo tempo, ir embora dali. Sneidermann compreendeu que precisava atingir o ponto crucial naquele momento, antes que Carlotta tornasse a fechar-se.

— Voltemos a Pasadena. Foi lá que você aprendeu a criar fantasias.

— Não estou disposta, Dr. Sneidermann. Estou muito cansada, hoje.

— Ature-me um pouco, Carlotta. Estou apenas lhe mostrando uma coisa. Nada mais.

— Está bem. Mas não posso demorar.

— Você bem sabe como as coisas eram naquela época, na Califórnia, quando você estava na idade mais impressionável. A guerra com os japoneses tinha terminado e a guerra com os coreanos estava começando.

— Claro... Sei disso.

— Muitos japoneses tinham sido enviados para campos de confinamento. Jogaram-lhes bombas atômicas. Os chineses atravessavam o rio Yalu. Baixas terríveis. Como você sabe, os orientais eram o inimigo.

— Eu era criança...

— Exatamente. O que sabe uma criança a respeito de guerras? Apenas que são uma coisa horrível. Algo ruim, que deve ser temido. Você aprendeu isso

vagamente, com seus pais.

— Acho que me recordo.

— O que mais é ruim?

Carlotta riu, mas foi um riso muito nervoso, soando como um ruído estranho. Parou bruscamente. Então, voltou-se e tornou a olhar para o relógio na parede.

— O que mais é ruim, Carlotta?

— Há todos os tipos de coisas ruins.

— Conhecemos sua família bastante bem para sabermos o que era ruim para eles. Por que motivos você era obrigada a viver fugindo. Por que tinha que enterrar as calcinhas com os vestígios de seus primeiros períodos menstruais, a fim de evitar que eles encarassem seus próprios temores, seus desajustes, seus desejos frustrados. Mesmo como criança, você já sabia o que era ruim na opinião deles, Carlotta.

— Sexo. Tinham medo de sexo.

— Assim.. Carlotta... você não compreende agora? É como um sonho. As coisas se confundem. É uma espécie de símbolo.

Carlotta o encarou com uma força repentina e estranha, que o apanhou de surpresa.

— De que, Dr. Sneidermann? Um símbolo de quê?

Agora, foi ele quem ficou nervoso. Teria avançado demais?

Não tinha certeza de que ela estava sob controle. Falou em voz baixa, escolhendo cuidadosamente as palavras: — Pode ser uma porção de coisas, Carlotta. Símbolo de uma pessoa específica. Medo de uma pessoa específica. Tudo o que estou tentando é fazê-la compreender que...

— Não existe ninguém por detrás daquela máscara! Ninguém! Não estou me escondendo de nada ou de ninguém!

— Mas você sabe, Carlotta, por experiência própria, que sua mente é capaz de iludi-la. É capaz de colocar essas máscaras, como você mesmo disse...

— Não acredito no senhor.

— Mas, veja.. . está ficando zangada. Portanto, *acredita* em mim.

— O que o senhor está sugerindo, Dr. Sneidermann, é... obsceno!

— Eu não sugeri coisa alguma, Carlotta. Limitei-me a dizer...

Carlotta ergueu-se bruscamente. Sua mente girava velozmente em torno de um eixo que Sneidermann minara.

Sentia-se confusa; detestava-o, tinha nojo dele. Necessitava dele para trazê-la de volta à normalidade, mas, agora, o simples fato de vê-lo lhe provocava repugnância.

— Obsceno, Dr. Sneidermann!

— Carlotta! Acalme-se!

Ela recuou quando ele se levantou por detrás da mesa.

— Vou acalmar-me! Mas não aqui! Não admito ser degradada por sua mente doentia!

— Está certo. Talvez eu tenha me expressado mal. Quer fazer o favor de sentar-se?

Carlotta o encarou hesitante. Temia estar fazendo papel de tola. Repentinamente, Sneidermann lhe pareceu novamente tão razoável. De onde ela tirara a ideia de sugestões obscenas?

Sentia-se terrivelmente amedrontada, perigosamente à beira de sair girando pelo espaço. Precisava agarrar-se a alguma coisa.

— Eu... preciso ir agora, Dr. Sneidermann — disse ela.

— Está bem. Naturalmente, se quiser, pode ir agora.

— Sim... eu vou...

Parecia cambalear, embora permanecesse no mesmo lugar.

As sombras esvoaçavam cada vez mais perto, como morcegos em seu cérebro, gritando palavrões.

— Quer tomar alguma coisa antes de sair?

— Não... não...

Sneidermann tomou-lhe o braço, acompanhando-a até a porta.

— Ver-nos-emos amanhã, Carlotta.

Ela não respondeu, mas afastou-se depressa — quase correndo — pelos corredores, até o saguão onde as crianças a aguardavam.

Sneidermann sentiu uma espécie de euforia. Contactara o demônio. Agora, Carlotta lhe fugira, recusando-se a levantar o véu, mas passara a depender dele. Disso ele tinha certeza.

Carlotta não iria longe. E ele conseguira cravar um arpão na fantasia. Trazendo Carlotta de volta ao nível consciente, Sneidermann o difundiria; conseguiriam conversar sobre os verdadeiros problemas. Por mais doloroso que fosse, ela não mais se ocultaria por detrás de uma ilusão.

— Você parece pálido, Gary — disse uma enfermeira no balcão. — Que aconteceu?

— O quê?... Oh, nada. Apenas um aperto. A dama está muito nervosa.

— Ela saiu mesmo depressa.

— Sim. Talvez eu tenha forçado um pouco demais.

Sneidermann sentia-se muito fatigado. A despeito do bem-sucedido contato com Carlotta, estava um pouco ansioso.

Presumia que ela fosse bastante forte para ajustar-se aos fatos.

Não obstante, a dúvida insidiosa persistia: teria forçado demais?

12

Um rosto distorcido, os olhos repuxados obliquamente, refletido no aro cromado do farol. Billy estava debruçado sobre o Buick, trabalhando no motor, suas feições monstruosamente deformadas curvando-se na superfície curva cromada.

— O que há de errado, mamãe?

— Nada — respondeu Carlotta, em voz quase inaudível.

Observou Billy trabalhar, os antebraços musculosos contraindo-se quando ele fazia força para ajustar a ferramenta no lugar.

A única lâmpada pendente do teto balançava acima de seu ombro e uma outra, protegida por uma armação de arame, iluminava o compartimento do motor. Lá fora, a noite caía.

Fazia frio. As sombras se confundiam com os reflexos, numa sugestão ainda mais hedionda que a imagem deformada do rapaz.

— Não pode ser verdade — murmurou ela.

Correu nervosamente os olhos pela garagem.

Repentinamente, a família, que sempre fora seu único apoio no atual período de doença, também se afastava dela. Agora, Carlotta estava completamente só. O isolamento a aterrorizava.

Sentia-se totalmente indefesa. Parecia estar funcionando num sonho, onde não conhecia as regras nem sabia para que direção se deixava ir.

— Onde estão as meninas, Billy?

— Lá dentro. Brincando.

Carlotta olhou o reflexo retorcido e louco deslizar pelo cromado do Buick, até não poder mais suportar. Precisava fugir do alcance dos olhos de Billy. O pior pensamento do mundo lhe circulava na cabeça, provocando nela um frio negro, um arrepio gelado que lhe trazia à boca um gosto amargoso de bile pior que a morte. Seria por aquilo ser verdade? Carlotta estremeceu

visivelmente.

Entrou em casa, fechou a porta atrás de si e viu as meninas na sala. Pareciam muito tranquilas, brincando com bonecos, imitando vozes estranhas e dementes, assustando-se mutuamente.

— Não faça isso, Julie...

— Estamos só brincando — protestou a menina.

— Agora, não.

— Mamãe!

— Acho melhor você ir para o quarto, Julie. Você também Kim... agora!

Perplexas, confusas, as meninas levaram os bonecos para o quarto.

Fez-se silêncio — mas um silêncio que zumbia com mil e uma possibilidades, cada qual pior que a outra. Não haveria um final para tudo aquilo? Carlotta afundava-se rapidamente num poço de lama movediça. Desta vez, sabia que não existiria escapatória.

Levantou-se depressa. Pressentia que precisava fazer alguma coisa — qualquer coisa — ou se desintegraria. Jerry estava a milhões de quilômetros. Sua família se afastara dela, tornando-se tão perigosa quanto um ninho de répteis peçonhentos.

Carlotta foi ao telefone.

— Cindy? — sussurrou. — Eu... Sim, é... Oh, Deus, sim. Você poderia? Por favor, poderia vir aqui?... Sim, eu gostaria. Oh, Deus a abençoe, Cindy.

Desligou.

— Billy! — chamou ela.

Ele enfiou a cabeça pela porta que dava para a garagem.

— Billy, vou passar a noite com Cindy — disse Carlotta, sem encará-lo. — Não há nada errado. Pensei que já é tempo de conversarmos um pouco, depois de tudo o que aconteceu.

— Claro, mamãe.

— Agora, quando os Greenspan voltarem para casa, quero que você leve as

meninas para lá. Eles compreenderão — disseram que podíamos fazer isso, a qualquer momento.

— Está bem, mamãe. Fique tranquila. Tenho tudo sob controle.

A voz dele, que ainda estava mudando, tinha um Leve tom de falsete. Naquele momento, soava hedionda, como uma porta velha girando sobre gonzos enferrujados. Carlotta precisava sair dali — depressa!

Lá fora, Carlotta viu as meninas entrarem na garagem, enquanto Billy, ladeado por elas, debruçava-se sobre o capô do carro. Duas pequenas — e um grande. Foi demais para Carlotta.

Afastou-se da casa, indo esperar Cindy junto ao meio-fio.

Após um período infinito de escuridão, no qual as vozes das crianças se misturavam aos sons dos grilos e das folhas, elas se calaram. O carro de Cindy chegou à rua Kentner. Carlotta embarcou.

— Oh, Cindy! O que sou eu? Um monstro?

— Claro que não. É apenas...

— Se você ao menos tivesse escutado o que ele disse! Foi obsceno!

Cindy girou o volante. Entraram na Avenida Colorado, dirigindo-se ao centro da cidade.

— Bem — disse Cindy. — Ele precisa pesquisar...

— Pesquisar! Não voltarei lá! Nunca mais!

Cindy jamais vira Carlotta tão atormentada interiormente.

— Agora, acalme-se, Carlotta. Não quero que George veja você nesse estado. Já será bastante difícil sem isso.

Cindy estacionou na garagem subterrânea. Subiram a escada de ferro e saíram em frente à porta do apartamento.

— Tudo bem? — quis saber Cindy. — Está controlada?

— Sim... Acho que sim...

Cindy abriu a porta. De algum modo, a luz lá dentro parecia amarelada, doentia. Um cheiro de legumes cozidos além do ponto pairava no ar. George

ergueu os olhos da seção de esportes do jornal.

— Ora, Jesus... — começou ele. Então, avistou Carlotta. — Vejam quem está aqui.

— Olá, George — disse Carlotta, encabulada.

— Veio fazer uma visita, não é mesmo? — perguntou ele, em tom ambíguo.

Carlotta seguiu Cindy para o interior da sala, fechando a porta atrás de si. Sentia-se desajeitada ali de pé, sem ter o que fazer.

— Sabe — prosseguiu George. — Vamos sair para fazer compras esta noite. Cindy e eu.

— Ótimo, ótimo — disse Carlotta, aliviada.

A ideia de passar horas a fio num ambiente tão tenso era insuportável.

Carlotta foi para a cozinha. Aparentemente, Cindy temia uma cena desagradável. Era evidente que ainda não dissera a George que Carlotta viera passar a noite ali.

— Posso telefonar para as crianças? — sussurrou Carlotta.

— Claro. Mas use o telefone do quarto.

Carlotta foi ao quarto, sentou-se na beira da enorme cama de casal e pegou o telefone azul-claro. Ninguém atendeu. Ela tentou outra vez. Nada. Experimentou outro número.

— Alô, Sr. Greenspan — disse no tom mais animado que conseguiu. — Sim, estou bem. Precisava apenas descansar uma noite em casa de minha amiga... Não, não, absolutamente nada... Fico mesmo muito grata... Não. Estou mesmo... Eu poderia? Sim, muito obrigada.

Mordeu o lábio. Afastou por um momento o fone do ouvido.

Então, tornou a encostá-lo.

— Alô, Billy? — disse num tom esquisito. — Como vai você? Está cuidando bem de tudo?... Agora, providencie para que as meninas estejam na cama às oito horas. E não façam barulho. Os Greenspan... O quê? O Dr. Sneidermann? Você lhe disse onde eu estava?... ótimo... Não. Não quero falar com ele no momento... Sim, tenho o telefone dele. Mais alguma coisa?... Está bem. Ouça: voltarei para casa amanhã.

Desligou, sentindo-se vazia. De algum modo, não lhe agradava a ideia de Sneidermann telefonar para sua casa.

Tornava tudo inescapável. Ele possuía tentáculos longos, que agora procuravam alcançá-la desde a clínica. Já não havia lugar seguro.

Carlotta saiu do quarto. Atravessou timidamente a sala, sentou-se em frente ao aparelho de TV e tentou ler uma revista.

Cindy entrou, evitando os olhares de George, e também sentou-se. Por algum tempo tudo ficou silencioso, exceto pelo som da televisão.

— As vezes é preciso confiar no médico — disse Cindy, quando ficaram sozinhas um momento.

— Sim, eu sei.

— Não importa que seja doloroso. Você precisa voltar.

— Cristo! É como uma cirurgia — sem anestesia.

— Bem, durma aqui hoje. Nada lhe acontecerá aqui.

George voltou à sala. Enquanto Carlotta permanecia desolada na poltrona, ele procurou os sapatos.

— Voltaremos dentro de uma hora — segredou Cindy. — Arranjarei uma dor de cabeça.

— O quê?... Oh, não se preocupe, Cindy. Estou bem.

— Tem o telefone da clínica?

— Está aqui mesmo.

— Tudo bem, então. Boa-noite.

— Boa-noite, Cindy.

George recostou-se na balaustrada, o brilho do poente rodeando-lhe a cabeça como uma auréola azulada. Acenou para Carlotta no que esta julgou ser um gesto amistoso e, em seguida, tornou a afivelar a costumeira máscara carrancuda. Ele e Cindy desapareceram na escada.

Carlotta fechou a porta, indecisa se deveria ou não trancá-la.

Decidiu não arriscar-se a ficar presa lá dentro. O relógio sobre o aparador

bateu as horas, produzindo um som pesado, metálico.

Carlotta virou-se. Oito horas.

Então, viu a cortina voar para o interior da sala, afastando-se da parede, como se empurrada por eletricidade estática. Estremeceu. Estava começando a fazer frio. Verificou o termóstato. O mostrador indicava temperatura normal, mas Carlotta aumentou a graduação.

Ocorreu-lhe deixar o apartamento. Então, imaginou-se na rua, na calçada, numa vizinhança desconhecida, correndo para escuro. Sentou-se numa poltrona, de costas para a parede. Sua visão dominava a sala inteira.

Era o fim da linha. Não havia mais lugar para erros. Não tinha mais para onde fugir. Sneidermann a imprensara contra a parede. Ia virá-la pelo avesso, se necessário. Os olhos de Carlotta se movimentaram, assaltados por formas obscenas que se erguiam de um panorama desconhecido, de um outro mundo banhado pelo luar.

— Oh, meu Deus — pensou ela. — Tenho medo de mim mesma!

Enxugou o suor do rosto. Queria estar no consultório de Sneidermann. Precisava da companhia do médico, naquele consultório branco e seguro, onde ele saberia todas as respostas.

Bastava telefonar. O telefone, no outro lado da sala, parecia acenar para ela, mas só quando o relógio bateu nove horas seus nervos em frangalhos impulsionaram-na na direção do aparelho.

— O Dr. Sneidermann?... Não está? Compreendo. Obrigada.

Carlotta desligou e procurou na bolsa o telefone particular de Sneidermann. Quando começou a discar o número, o fone lhe voou da mão. Caiu, rolando pelo chão na extremidade do fio esticado. Ao longe, no outro lado da sala, ela ouviu a porta da frente se trancar.

— Não... meu Deus... não... por favor...

As luzes se apagaram. No mesmo instante, uma prateleira de bibelôs caiu da parede. Animais de cerâmica se quebraram no chão.

— Oh, meu Deus! Não...

Carlotta foi empurrada contra a parede. Uma pancada repentina e violenta lançou-a nas sombras mais escuras. Sentiu algo agarrar-lhe a blusa.

— Não...

Agarraram-na pelos cabelos, toldando-lhe a visão com uma sacudidela dolorosa. Luzes dançavam furiosamente diante de seus olhos. Bateram-lhe com a cabeça contra a parede.

— Cale a boca, puta!

Carlotta sentiu mãos explorarem-lhe o corpo, erguendo-lhe os seios, comprimindo-a contra a parede. Trincou os dentes.

Tentou gritar quando lhe puxaram os cabelos.

Berrou por entre os dentes trincados. *Ele* a forçou em direção à porta do quarto. Ele lhe arrancou a saia da cintura. Ela esperneou, as lágrimas correndo pelo rosto. Outra pancada tornou a atirá-la de encontro à parede, tirando-lhe o fôlego.

— Vagina estúpida!

Centelhas azuladas brotavam da parede, fazendo a imagem de Carlotta refletir-se, intermitente, nas distantes vidraças da sala. Parecia lutar contra as sombras. Objetos caíram no corredor com um rugido metálico. Roupas, um espelho, uma mesinha de revistas — partindo-se em pedaços que voavam pelos aposentos intermitentemente iluminados como em meio a uma violenta tempestade.

— Afaste-se daquele médico!

Carlotta jogou-se para a sala, mas *ele* a agarrou pelo pé, arrastando-a de volta.

— Não... por favor... não...

Através da chuva de botões, cabides e outros objetos, Carlotta ouviu os armários estalarem. Batiam à porta. O trinco acima da maçaneta estava sendo forçado.

— Cindy.

— *Deixe seus amigos entrarem!* — sibilou *ele*. — *Abra a porta para eles!*

Carlotta tornou a gritar, libertando-se num arranco por tempo suficiente para jogar-se na parte aberta do hall. Pôde ver o trinco ser forçado, quebrando-se, cedendo.

— Afastem-se! — berrou ela.

Mas viu a mão de George enfiar-se pela fresta da porta arrombada, tateando à procura do trinco. Então, sentiu o rosto ser enfiado entre os joelhos e mergulhou na escuridão.

— Cristo! — berrou George.

Olhou para o final da chuva de artigos domésticos e viu as ruínas de sua vida antiga — seus móveis, os quadros das paredes, as louças e roupas — movendo-se como uma nuvem viva, empilhando-se no chão. Atordoado de espanto, viu as rachaduras nas paredes, o tapete destroçado em tiras de material rasgado. Cacos de vidro e cerâmica espalhavam-se pelo chão como flocos de uma neve sinistra.

— Cristo! — tornou a berrar. — Ela destruiu tudo!

Não conseguia acreditar no que estava vendo. Pisando no escuro, verificou que a luz do teto não funcionava. Acendeu a luz da cozinha. A sala estava totalmente destruída. Objetos rolavam até seus lugares finais e se desfaziam em pedaços. Em algum lugar do corredor, Carlotta chorava lastimosamente.

— Cindy! — chamava ela.

Cindy tateou, apavorada, através do que antes fora sua sala de visitas. Encontrou Carlotta sentada no chão, tendo ao lado as roupas esvaçadas.

— Oh, querida! — exclamou, chorando também.

George permaneceu de pé entre a sala e o corredor, mudo de espanto. Então, como num transe, foi buscar uma toalha molhada e voltou, oferecendo-a a Cindy. Esta limpou cuidadosamente o rosto de Carlotta, tocando de leve as equimoses e cortes, enxugando as lágrimas.

— Oh, Cindy! — exclamou Carlotta. — *Ele* queria me matar! *Ele* matará vocês, também! Na próxima vez!

— Calma! Calma!

— *Ele* matará! Oh, tenho que sair daqui! *Ele* matará vocês também!

— Não, não. Acalme-se!

— *Ele* matará todo mundo!

Carlotta chorava no ombro de Cindy. Por um instante, George engoliu em seco, desconfortavelmente. Depois, enxugou os olhos.

— Talvez ela devesse estar num hospital — sussurrou ele. — Cindy? O que você acha? Ela não deveria estar num hospital?

Mas Cindy não respondeu. Carlotta percebeu vagarosamente o quanto era esquisito Cindy não responder. Virou-se lentamente para a amiga.

— Você também viu — murmurou Carlotta. — Não viu?

Cindy desviou a cabeça para o outro lado.

— Responda-me, Cindy.

— Foi uma visão tão terrível, Carly. Eu... não sei o que pensar.

George debruçou-se. Tinha o rosto vermelho, apoplético.

— Vamos levá-la a um hospital! — sussurrou roucamente.

— Vá embora, George — replicou rispidamente Cindy. — Não está vendo que ela está despida?

George fitou a esposa, com os olhos esbugalhados. Então, deu meia volta, olhando para a parede oposta.

Carlotta estremeceu violentamente. De repente, seus lábios começaram a tremer, como se ela quisesse chorar. Mas as lágrimas não vieram. Tinha no rosto uma expressão peculiar, atordoada; não obstante, seus olhos estavam bem abertos e cheios de... esperança?

— Eu nunca a deveria ter enviado a um médico — disse Cindy. — Que lhe fiz eu? Quase matei minha melhor amiga!

Carlotta olhou para Cindy com uma expressão que parecia implorar — a expressão ferida de uma corça amedrontada.

— De que está falando? — grunhiu George, voltando-se num gesto violento.

— Isto não é assunto para você. É um caso para médicos e enfermeiras...

— É caso para um *espiritualista*! — berrou Cindy.

— O diabo que é!

— É! É. sim! Você viu! Sei que você viu!

— Não vi!

— Mentiroso! Mande-a para um hospital e será o mesmo que matá-la!

George foi apanhado de surpresa. Seus lábios tremeram e o rosto se contorceu nas sombras.

Carlotta entregou-se a um choro baixo, indefeso, cujos espasmos lhe sacudiam os ombros.

— Eles viram! — soluçava ela. — Eles *viram!*

Cindy levantou-se, com os dedos nos lábios, tentando lutar contra o pânico.

— Deixem-me pensar — disse ela. — Preciso pensar.

— Graças a Deus, Cindy...

— Não chore, Carly.

— Você viu...

— Sim, eu vi! E vamos ajudar você. Bem... — voltou-se para George, decidida. — George, agora vamos tentar descansar um pouco, Carly e eu. Você dorme na sala. Cale a boca e fique quieto. Amanhã enfrentaremos para valer este problema. Da maneira que ele devia ter sido enfrentado há três meses.

George ficou imóvel, com os braços caídos ao longo do corpo, como um espantalho, observando Cindy levar Carlotta para o quarto. Viu a esposa puxar o cobertor para agasalhar a amiga.

— O que vai acontecer amanhã? — indagou ele.

— Vamos buscar auxílio, é o que vai acontecer. Auxílio de *verdade* — replicou Cindy, estendendo a mão para tocar de leve o rosto de Carlotta. — *Auxílio espiritual!*

TERCEIRA PARTE

Eugene Kratt & Joseph Mehan

*Enquanto ainda menino, eu procurava fantasmas
E percorri muitas câmaras, grutas e ruínas,
E matas iluminadas de estrelas, perseguindo temeroso,
A esperança de elevadas palestras com os mortos.*

SHELLEY

13

À medida que a noite progredia, as imagens e lembranças das duas últimas semanas fluíam como um rio de gelo no cérebro de Carlotta. Ela caíra tão fundo no abismo de horror, que só agora conseguia estruturar alguns pensamentos. O pânico era a atmosfera que ela respirava. Carlotta deu-se conta de que o universo girara nos alicerces e a irrealidade assumira o lugar da vida. Existiam forças e temores que ela jamais conhecera. A existência era infinita, fria, perigosa e, de algum modo, ela irrompera num nível diferente de experiência.

Nas duas semanas que haviam decorrido desde que Cindy e George tinham testemunhado a destruição do apartamento, Carlotta visitara curandeiros e médiuns. George as levava de automóvel a uma espírita do Sunset Boulevard, uma mulher da Europa Oriental, de postura imponente, estabelecida num luxuoso consultório em frente ao *Wiskey-A-Go-Go*. A mulher achou Carlotta interessante. Por trinta dólares, deu conselhos a Carlotta com referência às congruências das constelações e sua relação com uma vida amorosa saudável. Carlotta saiu de lá repugnada. Os três amigos pararam na calçada, na tarde quente e poeirenta, sem saberem ao certo o que fazer em seguida.

Carlotta começou a chorar.

Cindy sugeriu um diagnóstico mental. No dia seguinte, foram a Topanga Canyon, numa viagem quente e seca através das áridas montanhas ao norte de Los Angeles. No centro astrológico local, Carlotta obteve o nome e endereço de um encanador aposentado que vivia num trailer de alumínio. Quando bateram à porta da residência móvel, o homem os convidou a entrar. Era um sujeito muito magro e frágil, com espessas sobrancelhas brancas. Escutou-os atentamente, os dedos movendo-se nervosamente sobre o tampo ladrilhado da mesa. Afinal, sorriu e devolveu o dinheiro de Carlotta, sugerindo que esta se mudasse, preferivelmente para longe da zona sudoeste, uma vez que necessitava de um meio-ambiente mais estável. Exceto isso, recusou-se a abordar o assunto das aparições externas.

Naquela noite, Carlotta levantou-se da cama num salto.

Escutara o som de riso. Olhou em volta, na escuridão. Sentia a presença *dele* no ambiente. As mãos frias *dele* tocaram-lhe o rosto de leve, advertindo-a para não fazer barulho. Carlotta foi suavemente empurrada de volta ao colchão. *Ele* fez pressão com suas mãos no ventre dela, separando-lhe as pernas. Carlotta não resistiu. *Ele* não a maltratou. Controlou-se durante muito tempo, brincando com Carlotta antes de consumir o ato final de luxúria. Mais de metade da noite se escoou antes que ele se afastasse de Carlotta, ficasse transparente, se estendesse pela parede e desaparecesse. Os dentes de Carlotta chocalhavam e ela estremeceu num miasma de auto-repulsão.

Cindy descobriu um grupo espírita em Santa Monica.

Reuniam-se numa igreja abandonada, à beira da praia. Pinturas sagradas, em tons vivos de vermelho e azul, cobriam as janelas, símbolos e sinais de uma religião que Carlotta nunca vira antes.

A congregação cantava em coro. Homens barbudos com marcas vermelhas redondas na testa e mulheres ainda jovens, muito magras, usando camisas imundas. Carlotta nunca mais voltou lá.

Naquela noite, *ele* a acordou. Foi muito sutil, delicado como uma borboleta rosada. *Ele* atormentou Carlotta com sonhos exóticos e radiantes, que fluíam por detrás de suas pálpebras como um filme distante, por demais belo e terrível para ser compreendido. Contra todas as inclinações de seu respeito próprio, de seu apego à realidade, Carlotta sentiu o corpo esquentar-se e a respiração tornar-se ofegante, espasmódica.

Sentia as estranhas imagens se desfazerem num arco-íris que irradiava calor. Gemeu baixinho, contra a vontade. Então, ele descansou. Tudo ficou em silêncio. Carlotta sentia-se flutuar à brisa de uma longa noite de verão, iridescente e etérea, recobrando gradativamente o fôlego. Então, suavemente, controlado e dominador, *ele* recomeçou.

Durante o dia, *ele* fazia brincadeiras diferentes — jogos travessos, maliciosos, mortíferos. Sem o menor aviso, um copo voava repentinamente

da prateleira, espatifando-se contra a parede, errando por pouco uma das crianças. A torradeira elétrica levantava-se da mesa do café, permanecendo suspensa no ar, desafiando a lei da gravidade antes de baixar suavemente, com a leveza de uma pena, até a toalha. Julie e Kim soltavam gritos agudos de pavor, enquanto Billy berrava obscenidades contra *ele*. A descarga do vaso sanitário entrava sempre em funcionamento sem intervenção humana, às vezes durante horas.

Em certa ocasião — no final da tarde, quando as meninas assistiam à televisão —, o tubo de imagem começou a brilhar e, depois, a pulsar. Finalmente, pulverizou-se em minúsculos cristais. Felizmente, porém, Julie e Kim fugiram da sala, gritando apavoradas, antes da explosão.

Tornou-se evidente que a situação era perigosa para as crianças. As meninas foram enviadas para a casa dos Greenspan, onde passavam a maior parte do dia e a totalidade da noite. Billy permanecia cada vez mais tempo na casa de Jed. Para Carlotta, contudo, não havia escapatória. Não fazia diferença ela dormir em casa ou no apartamento de Cindy: à noite, ele vinha procurá-la.

George e Cindy, despertados pelos gritos patéticos de Carlotta, simulavam dormir, pois certa noite George chegara à porta da sala para investigar e fora violentamente atirado de volta ao corredor por uma força espantosa e sobrenatural. Agora, ouvindo os gemidos de angústia, os movimentos ritmados do colchão e o roçar dos lençóis, George e Cindy ficavam calados e trêmulos em sua própria cama, temendo que *ele* atravessasse a parede para atacá-los.

George, incapaz de dormir, já parecia um espectro. As feições e mãos de Cindy tremiam em consequência da terrível tensão. Após uma semana e meia, os dois agarravam-se um ao outro como náufragos em desespero.

Então, Cindy, incapaz de suportar aquilo tudo por mais tempo, tentou convencer-se de que não vira coisa alguma.

George, já confuso, imaginou se deveria fazer o mesmo.

— O que quer dizer... não viu nada? — sibilou Carlotta, arregalando os olhos.

— Bem... — gaguejou Cindy. — Estava escuro... tudo parecia voar...

— Acha que fui eu quem fez aquilo?

— Não, mas...

— Cindy — implorou Carlotta. — Diga-me o que você viu...

— Estava escuro. Não sei. Você gritava. Talvez por isso eu tenha pensado que vi...

Carlotta fitou a amiga nos olhos. Sabia que Cindy tinha medo: o medo de lidar com o desconhecido. Tentava encobri-lo a fim de preservar seu próprio equilíbrio mental.

— Talvez eu devesse voltar ao médico — sugeriu Carlotta em voz baixa.

Cindy permaneceu calada, com ar de culpa, mas George virou-se vivamente para Carlotta.

— Bem, talvez você tenha razão — disse ele. — Talvez o médico consiga ajudá-la a ultrapassar esta fase.

Carlotta ficou em silêncio. A ideia de voltar ao pequeno consultório branco e enfrentar a ansiedade, a interminável torrente de perguntas, era-lhe intolerável. Não obstante, Sneidermann era um perito e, a seu modo, sabia muito a respeito dela e do quanto ela necessitava de estabilidade.

A manhã seguinte estava quente, com uma desagradável poluição, uma névoa amarelada que enchia os pulmões das pessoas e obscurecia as colinas situadas apenas a um quilômetro e meio do *campus* da universidade. Carlotta desembarcou do ônibus em frente à clínica da universidade. O conhecido conjunto de prédios de pedra rosada erguia-se ameaçadoramente ao seu redor, trazendo de volta toda a monstruosa ansiedade que o médico lhe injetara na vida, chegando-lhe à medula de cada osso do corpo.

Por várias vezes Carlotta andou até a porta principal e depois voltou para sentar-se num banco em frente ao chafariz.

Residentes, pacientes e médicos entravam no prédio. Carlotta começou a suar. Os prédios, como torres maciças cheias de laboratórios, clínicas, consultórios e corredores, pareciam inclinar-se sobre ela, ameaçando esmagá-la. De repente, ela avistou uma figura masculina, de jaleco branco,

subir as escadas.

Julgando tratar-se de Sneidermann, Carlotta virou-se rapidamente, erguendo-se do banco e descendo pela escada oposta.

Só após rodear todo o conjunto, chegando em frente a uma cantina e uma livraria especializada em publicações médicas, teve coragem de voltar-se. Não era Sneidermann. Trêmula, Carlotta entrou na cantina.

Tomou uma xícara de café. A ansiedade passara, deixando em seu lugar uma peculiar espécie de náusea. Carlotta teve a impressão de que iria vomitar. Tentou estruturar os pensamentos. De que maneira contaria a Sneidermann o que acontecera quando ela se encontrava com pessoas não pertencentes à família e que estas também tinham visto?

Obrigou-se a comer um pedaço de torta de cerejas, mas a sensação esquisita no estômago persistiu.

Saiu para a quente e ofuscante realidade do dia. Parou.

Ainda não podia subir ao consultório de Sneidermann. Procurou um parque, um banco onde pudesse sentar-se à sombra. Não havia. Virando-se, avistou a livraria da universidade, com seu confortável saguão, os professores calados, com ar estudioso, examinando os livros. Carlotta entrou na loja, hesitante.

O ar-condicionado refrescava o ambiente. Carlotta estava um tanto sem jeito. Os homens e mulheres que se encontravam de pé junto às estantes ou tomavam chá sentados às mesas cobertas de publicações científicas tinham todos aparência muito intelectual e vestiam-se com elegância. Carlotta lançou um olhar disfarçado a seu traje simples, saia e blusa. Temendo que um funcionário viesse perguntar-lhe o que desejava, passou rapidamente para a parte interior da loja. Pouco a pouco, os tapetes agradáveis, as conversas calmas e amistosas ao seu redor começaram a surtir um efeito tranquilizante e ela se relaxou gradativamente.

Numa prateleira alta havia volumes profusamente ilustrados, nos quais esqueletos humanos destacavam-se em contraste com fundos exóticos, cada osso ou músculo nitidamente delineado.

Em outra, o cérebro humano era mostrado em fotografias, em cortes

diferentes e diversos ângulos. Carlotta estremeceu e passou para outra sala. Era a seção de psiquiatria. Hesitante, ela estendeu a mão para os livros. Estes eram cheios de gráficos e diagramas. Havia também fotografias de crianças estrábicas e com as línguas de fora. Então, reconheceu um dos volumes: era o mesmo que Sneidermann lhe mostrara no consultório. As páginas exibiam gravuras de morcegos voando, velhos mastins com presas gotejantes, nevascas de névoa sobre pântanos sombrios.

Subitamente, ocorreu-lhe que em algum lugar daquela biblioteca deveria existir um livro, ou mesmo uma seção inteira, que tivesse ilustrações do que ela via durante os ataques; ou talvez parágrafos, até capítulos, que explicassem tudo.

Entretanto, os poucos livros que ela examinou não diferiam muito do que Sneidermann lhe mostrara. Desapontada, Carlotta recolocou-os em seus lugares. Já se imaginava subindo as escadas, percorrendo o corredor, encarando desajeitadamente Sneidermann após tantos dias de ausência.

Estava prestes a sair quando ouviu uma conversa atrás das prateleiras, numa alcova onde várias revistas médicas estavam espalhadas sobre uma mesinha redonda. Espiou cautelosamente pelo espaço entre os livros e avistou dois jovens, ambos bem vestidos, discutindo em voz baixa a respeito de uma experiência.

— Não foi estabelecida a relação entre o estado emocional da paciente e a frequência dos eventos — declarou o mais baixo dos dois. — Pelo menos, não de modo satisfatório para mim.

— Por outro lado, as análises das probabilidades são perfeitamente corretas — argumentou o mais alto. — Também foram mencionadas áreas frias.

— Duvido que haja conexão.

— E quanto ao cheiro? O cheiro de carne apodrecida? Está muito bem documentado aqui.

— Continuo a não aceitar o caso até esse ponto — objetou o mais baixo. — Raramente ocorrem ao mesmo tempo em que objetos se movem a esmo.

Carlotta os observou, acalorados pelo debate, folheando uma revista impressa em papel brilhante, correndo os dedos ao longo dos gráficos de probabilidade ali reproduzidos. Então, rodeou cautelosamente a estante e defrontou-se com os dois homens.

— Com licença — disse, quase num murmúrio.

Ambos se voltaram, percebendo de imediato que não a conheciam.

— Com licença — repetiu Carlotta, trêmula. — Eu... o que os senhores conversam... Está acontecendo comigo.

“A paciente, objeto de nossa investigação, Sra. Carlotta Moran, encontrou-nos pela primeira vez, por mero acaso, na Livraria Universitária, na esquina da alameda La Grange. Meu colega Joe Mehan e eu estávamos examinando algumas críticas recentes à experiência Rogers-MacGibbon, quando a Sra. Moran aparentemente escutou o que dizíamos. Parecia um tanto nervosa, até mesmo amedrontada, e começou a fazer-nos perguntas. De um modo geral, relacionavam-se com elementos bastante básicos da atividade poltergeist⁽¹⁾.

Ela confessou que seu próprio lar era o local de tais eventos. Uma vez que recebemos centenas de tais alegações a cada mês, a maioria das quais espúrias, permanecemos céticos.

Entretanto, como ela aparentava estar genuinamente amedrontada, concordamos em visitá-la naquela tarde.

A casa, em si, é uma unidade habitacional pré-fabricada, perfeitamente comum, nada tendo que a diferencie de tantas outras construídas segundo o mesmo modelo, excetuando o fato de internamente as paredes, o teto e as portas apresentarem uma variedade de marcas causadas por objetos violentamente atirados contra eles. Para cada marca, a Sra. Moran foi capaz de lembrar a data, o objeto e a maneira pela qual foi causada. De um modo geral, os objetos domésticos pesavam de um a cinco quilos, tais como uma torradeira elétrica, um castiçal, um rádio, etc. As trajetórias aparentavam ser erráticas e imprevisíveis e nenhum local da casa deixava de apresentar marcas de colisões.

A Sra. Moran pareceu especialmente nervosa quanto a admitir nossa entrada em seu quarto de dormir. Não obstante, permitiu que entrássemos e verificamos que as paredes estavam totalmente isentas

de marcas de colisões ou impactos. Os móveis e cortinas estavam marcados, mas de modo diferente. A atmosfera aparentava estar carregada, pois nossos cabelos mostraram tendência para separar-se e eriçar-se.

Conversamos com a Sra. Moran durante vários minutos. Vale registrar que ela consultou um psiquiatra, por medo de tais eventos. Procuramos tranquilizá-la da melhor forma possível e ela pareceu bastante ansiosa para que investigássemos a casa.

Pegamos em nosso carro vários sensores térmicos remotos de alta sensibilidade e tomamos medições das áreas adjacentes à porta do armário embutido e à parede direita do quarto dos fundos. Eu detectara várias áreas frias ao atravessar o quarto e desejei verificá-las com maior precisão. Segundo nossas medições, existiam quatro áreas semicirculares, a maior das quais tinha o raio de um metro e cinco centímetros, e a menor quarenta centímetros de raio. A variação de temperatura, que era proporcional ao comprimento dos raios, era de 4,57 a 6,86 graus centígrados abaixo da temperatura do quarto.

A Sra. Moran acreditava que as áreas frias aumentavam de força e definição na mesma proporção em que a atividade psicocinética se tornava mais frequente e que ambas as ocorrências tendiam a surgir em noites secas e de vento mais forte. Discutimos com a Sra. Moran a possibilidade de levar a efeito uma investigação da casa. Ela se mostrou bastante desejosa de que isto acontecesse e assinou prontamente um documento de autorização.

Classificamos preliminarmente o ambiente como sítio poltergeist ativo. As áreas frias e zonas carregadas, variáveis que raramente acompanham atividade psicocinética espontânea recidiva, parecem recomendar uma investigação profunda e prolongada. Na dependência de aprovação departamental, apresentamos o presente documento como projeto independente de estudos para o semestre da primavera de 1977. Os detalhes de requisição de equipamentos e o orçamento estão incluídos nos Anexos I a IV.

Eugene Kraft
Joseph Mehan.”

A Divisão de Parapsicologia da Universidade da Costa Oeste era um anexo provisório do Departamento de Psicologia. Contava com um membro do corpo docente, a Dra. Elizabeth Cooley, e trinta alunos. Os dois assistentes de pesquisas da Dra. Cooley, Gene Kraft e Joseph Mehan, estavam completando o último semestre para receberem os primeiros diplomas de mestrado em parapsicologia conferidos pelo Departamento de Psicologia.

Após a distribuição e leitura de seu relatório, Kraft e Mehan ficaram em pé diante da turma, prontos para responderem às perguntas dos colegas. Kraft era preciso, volúvel, de ações rápidas. Mehan, quinze centímetros mais alto, era taciturno, com os olhos escuros parecendo muito fundos no rosto magro e ossudo. O sol quente da tarde penetrava pelas janelas, envolvendo a sala inteira num brilho abrasador. A Dra. Cooley atravessou a sala e fechou as persianas. Imediatamente, o ambiente se tornou mais fresco e escuro.

— Perguntas? — disse a Dra. Cooley.

Um candidato a Ph.D. em Religiões Orientais, interessado na relação existente entre os estados de alteração do consciente e os escritos dos sacerdotes hindus no Vedas, ergueu o braço.

— Parece-me uma locação viável — disse ele. — Como, porém, iniciarão o projeto?

Kraft respondeu:

— Cada evento tem que ser traduzido em dados quantificáveis precisos. Isto se refere a temperatura, deslocamentos de massa, velocidades, concentrações de íons e radiação ou campos eletromagnéticos secundários, tudo isso correlacionado a uma referência de tempo.

Mehan acrescentou:

— A estrutura de nosso objetivo experimental é conseguir dados físicos reais através da gravação de todos os fenômenos de encontro, por meios eletrônicos.

O Ph.D. indagou;

— Vocês não possuem teorias a respeito da relação entre a atividade psicocinética e as áreas frias?

— Não no momento declarou — Kraft.

— Trata-se da fase de coleta de dados para o projeto — disse Mehan. — Indagações específicas poderiam influenciar o processo de coleta e, neste ponto, é melhor não formular questões que possam exercer tal influência.

Uma candidata a Ph.D. em psicologia clínica, que estudava os efeitos da meditação sobre a memória a curto e longo prazos, ergueu o braço.

— Que considerações técnicas estão envolvidas no controle das influências ambientais? — indagou ela.

Kraft replicou:

— Tal controle é o problema mais difícil em qualquer ambiente de campo experimental. Talvez tenhamos dificuldades para avaliar as influências do ruído de 60 ciclos e da interferência das frequências de rádio, *etc.* Excetuando isso, o equipamento à nossa disposição é suficiente para medir quase todas as variáveis físicas levadas em consideração no caso em questão.

— Estamos pensando, preliminarmente, — aduziu Mehan — em tentar desenvolver um sistema fotográfico capaz de servir na coleta de dados.

Um estudante que recebera naquele semestre uma bolsa por seu trabalho de computadorizar estudos de probabilidade de percepção extra-sensorial, levantou a mão.

— Vocês não mencionaram entrevistar a paciente — objetou ele.

— Seria uma boa ideia — admitiu Kraft. — Na verdade, deveríamos entrevistar a família inteira.

A Dra. Cooley recostou-se no peitoril da janela, cruzou os braços e dirigiu-se à turma:

— A atividade *poltergeist* correlaciona-se geralmente com certos estados emocionais: tensão, histeria, hostilidades dissimuladas, rivalidade entre irmãos, por exemplo. Acho melhor vocês verificarem por que motivo ela estava consultando um psiquiatra.

— Por causa dos fenômenos — disse Kraft.

— Ainda assim, deve existir um diagnóstico do caso — insistiu a Dra. Cooley.

— Isso não é problema — replicou Mehan. — Ela era paciente daqui.

A Dra. Cooley fez uma pausa. Um súbito silêncio pairou na sala.

— Refere-se à clínica da universidade?

— Exato — disse Mehan.

— Neste caso, é melhor agirmos com muita cautela — disse a Dra. Cooley.

Caminhou vagarosamente pela parte lateral da sala, pensando. Kraft e Mehan a observavam quando ela se voltou para eles.

— Ela ainda é paciente da clínica? — perguntou a professora.

— Não — respondeu Kraft. — Interrompeu o tratamento.

— Foi oficialmente desligada como paciente?

— Não sei ao certo.

A Dra. Cooley ficou calada, tentando decidir o que dizer a Kraft e Mehan.

— Verifiquem qual a situação oficial da paciente perante a clínica — disse ela, afinal.

A turma estava cautelosa, mas intrigada pelo projeto. A maioria dos estudantes estava restrita aos estudos de laboratório, pois os problemas de controle eram por demais complicados. Kraft, todavia, era engenheiro eletricitista e estava capacitado a medir dados extrínsecos e outras variáveis desse tipo em qualquer ambiente. Existia um consenso tácito de que ele, Mehan e a Dra. Cooley operavam num nível superior de perícia.

— Mais alguma pergunta? — indagou a Dra. Cooley.

Ninguém se apresentou.

— Muito bem — declarou ela. — Creio que o projeto pode prosseguir. Enviem-me ainda hoje o orçamento e a estrutura experimental. Eu também gostaria que vocês selecionassem uma bateria de entrevistas. O teste Solvene-Dacurso seria bom.

— Certo — disse Kraft.

A turma foi liberada. Os estudantes fizeram fila para sair, alguns tomando os corredores que levavam a outras aulas, outros entrando nos pequenos laboratórios adjacentes à única sala de aula da divisão.

A Dra. Cooley enfiou a mão por detrás das persianas para trancar as janelas. Lá embaixo ficava o pátio do conjunto hospitalar, com a branca escultura moderna que parecia contorcer-se por entre os repuxos. Residentes, médicos e pacientes andavam apressadamente sobre as calçadas de cerâmica. Fazia trinta anos que a Dra. Cooley enveredara pelo campo da parapsicologia. Desde então, fora progressivamente isolada, como uma bactéria indesejável, em laboratórios cada vez menores e mais afastados dos corredores principais do prédio das ciências médicas. Só os professores que a tinham conhecido antes que ela se tornasse parapsicóloga ainda falavam com ela. Em consequência, seus alunos eram unidos, assumindo uma atitude protetora entre si e, também, para com ela. Sua existência como uma divisão subordinada ao Departamento de Psicologia era precária e todos estavam conscientes disso.

14

A brisa noturna arrancava os gravetos mortos das sebes.

Carlotta sentiu a mudança na atmosfera, o ar seco e pegajoso.

Então, escutou um barulho no alpendre.

Através do olho-mágico, viu duas figuras que ela temia jamais tornassem a aparecer.

— Olá — disse ela. — Entrem.

Destrancou a porta. Kraft e Mehan entraram na cozinha.

Mehan carregava consigo outros sensores térmicos. No momento em que entraram, ele e Kraft estacaram, pregados ao chão.

O ar estava carregado. Uma espécie de sensação acre e seca penetrou-lhes as narinas. Entreolharam-se.

— Devíamos ter trazido um detector de íons — disse Kraft.

— Na próxima vez — replicou Mehan.

Carlotta ficou na sala, sem saber o que eles desejavam fazer em seguida. Os dois estudantes corriam os olhos pela cozinha; bem vestidos e educados, conversavam em voz baixa.

— Podemos entrar no quarto? — indagou Kraft.

— Naturalmente.

Carlotta acendeu a luz do corredor. A lâmpada pendia do teto, balançando. As sombras dos três ondulavam lentamente sobre as paredes. Carlotta abriu a porta do quarto.

— Jesus Cristo! — exclamou Mehan.

— Meu Deus! — disse Kraft.

Carlotta os observava. O cheiro fétido invadiu o corredor, chegando até ela. Dava a impressão de pairar quase palpavelmente em torno deles, enchendo-

lhes as narinas e pulmões. Possuía a característica enjoativa e adocicada do cheiro de um gato morto. Kraft recuou para o corredor.

— Se ao menos houvesse um farejador eletrônico, saberíamos que cheiro é este — comentou ele.

— Piora à noite — informou Carlotta, num sussurro.

— Não é de espantar que você estivesse ansiosa por ver-nos — refletiu Kraft em voz alta.

Mehan examinou o quarto, respirando pela boca.

— Frio generalizado — declarou. — Bem constante.

— Há quanto tempo isto vem acontecendo? — perguntou Kraft a Carlotta.

— Três meses.

— O mesmo que todo o resto?

— Sim.

Numa conversa que ela tivera com Cindy naquele mesmo dia, as duas amigas haviam decidido que Carlotta só deveria confessar suas experiências mais rudimentares aos dois cientistas — os cheiros, as áreas frias, os objetos voando —, mas não faria menção do visitante noturno ou dos ataques sexuais.

— Topamos com muitos charlatães ultimamente — argumentou Cindy. — Se esses dois forem mesmo gente séria, logo descobrirão tudo sozinhos. Caso contrário, você estará de volta ao ponto de partida e é melhor que o mundo inteiro não tome conhecimento dos fatos.

Agora, Carlotta tentava adivinhar se estava agindo corretamente. Não havia dúvida de que Kraft e Mehan pareciam peritos no assunto. Tinham sentido o cheiro. Em companhia deles, Carlotta sentia-se novamente em contato com a realidade e acreditava que, juntos, poderiam encontrar um meio de combater aquele pesadelo.

Kraft voltou ao quarto, tapando o nariz com um lenço.

Carlotta escutou os dois conversarem rapidamente, em voz baixa. Ouviu termos de jargão científico que não conseguiu entender. Mehan ajeitou os mostradores sobre a mesinha de cabeceira, acionou interruptores e aguardou uma leitura da medição. Depois, ele e Kraft voltaram mais uma vez ao

corredor.

Kraft fechou a porta do quarto atrás de si.

— O que acham? — perguntou Carlotta com voz trêmula.

— Podemos voltar à sala? — sugeriu Kraft. — Gostaríamos de discutir o assunto com você.

Carlotta sentou-se no sofá, preparando-se para o pior. Kraft escolhia as palavras, procurando não alarmá-la. Mehan sentou-se atrás do colega, observando Carlotta.

— Essas marcas na parede — disse ele vagarosamente. — Chama-se atividade *poltergeist*.

— *Poltergeist*...? — repetiu Carlotta, perplexa.

— É uma palavra alemã, cuja tradução literal é “espírito brincalhão”, empregada para descrever atos de travessura e traquinagem, como brincadeiras de criança.

— Tais como objetos voando pela sala, luzes que se acendem e apagam — acrescentou Mehan. — E outras coisas dessa espécie.

— Compreendo — disse Carlotta, meio atordoada.

— Todavia — retomou Kraft —, quanto ao cheiro e as áreas frias, é muito raro encontrar tudo isso ao mesmo tempo.

— O que está dizendo? — indagou Carlotta.

— Talvez ocorra aqui uma outra espécie de fenômeno — disse Kraft.

Mehan observava Carlotta com grande atenção.

— Permita-me uma pergunta, Sra. Moran: alguma vez foi tocada, empurrada ou agarrada por algo que não conseguiu explicar? Alguma vez viu algo fora do normal?

— Eu... eu... as coisas estavam confusas...

— Claro — concordou delicadamente Kraft. — Nós compreendemos.

— É um pouco mais complicado do que imaginávamos — disse Mehan.

O coração de Carlotta disparou. Cada nervo, cada fibra de seu corpo ansiava por gritar, por explodir com a verdade para eles. Todavia, ela se

conteve, aguardando que eles descobrissem sozinhos.

— É mais complexo — aduziu Kraft.

Ficaram calados por algum tempo. O ar picava-lhes a pele, o couro cabeludo. Deram-se conta de que deveria ser um martírio viver naquela casa. Pareciam aguardar que Carlotta lhes dissesse alguma coisa mais; seus rostos jovens e inteligentes fitavam-na com seriedade e atenção. O resto da casa estava escuro e silencioso.

— Vão investigar? indagou ela, temerosa.

— Se você concordar — disse Mehan.

— Sim. Por favor.

Kraft sorriu.

— Vou lá fora um momento.

Carlotta meneou afirmativamente a cabeça. Kraft pegou uma lanterna no caixão e dirigiu o fecho aos alicerces da casa. Mehan voltou ao quarto, fez uma segunda leitura dos mostradores e anotou os números numa caderneta de capa preta. Carlotta o observava da porta aberta.

— O que é, na realidade? — quis saber ela.

— Não existem teorias a respeito. Apenas recebemos vários relatos de casos deste tipo.

Carlotta viu-o aproximar o medidor do armário embutido.

Evidentemente, os números começaram a mudar nas proximidades da área fria, pois Mehan passou o medidor por ali várias vezes e anotou diversas leituras.

— Às vezes, existem coisas associadas ao cheiro — comentou ele.

— Que tipo de coisas?

— A literatura existente é contraditória. A maior parte não é confiável.

— Que tipo de coisas?

Mehan ergueu os olhos ao perceber que o tom de Carlotta se alterara. Ela estava com medo.

— Existe o registro do caso de uma senhora idosa em Londres — disse ele.

— É o registro melhor documentado do cheiro.

— O que aconteceu?

— Ela viveu dezesseis anos com aquele cheiro.

— Dezesseis anos... — murmurou Carlotta.

Mehan dirigiu-se ao armário, onde o odor era mais intenso.

Correu as mãos ao longo da parede, procurando parafusos, levantando e baixando o medidor.

— Na verdade, ela começou a ficar louca por causa dele — acrescentou Mehan. — Naturalmente, era uma senhora muito idosa.

— Louca?

— Alegava que o cheiro tinha uma personalidade. Algo que a perseguia.

Mehan se afastou do armário e viu que Carlotta estava muito pálida.

— Está passando bem, Sra. Moran?

— Sim... eu... estou bem.

— Não a assustei, não é? Seu caso é totalmente diferente.

— Sim — disse Carlotta, sem entender. — Diferente...

Lá fora, Kraft enfiou-se sob as vigas dos alicerces. Viu que as fundações da casa eram mal construídas, as tábuas e gesso que formavam o chão pregadas às pressas. A parte superior da casa fora reconstituída. Notou, também, que lá embaixo havia uma quantidade extraordinária de canos e fios elétricos. Espiou para fora através da abertura de entrada, vendo o quintal e, além deste, a travessa que passava pelos fundos do lote. Enormes transformadores apoiavam-se em suportes metálicos e havia muitos fios emaranhados. Qualquer fuga de corrente, refletiu Kraft, bastaria para tornar a casa um transmissor de eletricidade.

Bateu nos canos e um grotesco grunhido metálico encheu o ambiente.

Carlotta teve um sobressalto.

— É Gene — tranquilizou-a Mehan.

Teve pena de Carlotta. A pobre mulher estava apavorada.

Mehan sabia que o melhor era tentar continuar trabalhando calma e metodicamente; era o que costumava trazer os pacientes de volta à realidade.

Kraft tornou a entrar na casa.

— Posso tomar um copo de água? — perguntou.

— Claro — respondeu Carlotta.

Kraft foi à pia da cozinha e encheu um copo com água.

Recostou-se na beira da bancada da pia, pensando na construção da casa.

De repente, percebeu um movimento pelo canto do olho.

A gaveta do armário abriu-se com violência; uma chaleira girou em pleno ar, volteando através da cozinha antes de chocar-se contra a parede oposta. Estilhaços de reboco voaram no escuro.

— Gene! — chamou Mehan. — Você está bem?

Kraft pousou suavemente o copo sobre a pia.

— Sim, tudo bem — respondeu.

Kraft caminhou até a parede, onde a chaleira ainda rodava no chão, cada vez mais devagar. Tocou-a com a ponta do sapato.

O movimento giratório diminuiu e, afinal, cessou por completo.

— Voou do armário — comentou Kraft, num tom espantado.

Mehan entrou na cozinha, olhou para a chaleira e abaixou-se para apanhá-la.

— Toque-a — disse ele.

Kraft encostou a mão no objeto.

— Gelada.

Carlotta também entrara na cozinha. Os dois a fitaram: tinha o rosto branco como alabastro, suavemente delineado pela luz da sala.

— Estão vendo? — murmurou ela. — Eu não estava mentindo.

— Sei que não estava mentindo — replicou Kraft, voltando em seguida para Mehan: — Vá buscar as câmaras.

Mehan dirigiu-se apressadamente ao carro. Kraft encarou Carlotta outra vez. Ela parecia etérea, a luz refletindo-se em seu cabelos como aura.

— Isto acontece com frequência? — perguntou ele de mansinho.

— O tempo todo.

Kraft ficou calado. Correu os olhos pela cozinha. Os utensílios, aparelhos domésticos e o relógio na parede lançavam leves reflexos no escuro. Mehan chegou, trazendo uma enorme câmara num tripé e uma presilha de metal. Kraft ajeitou a câmara, apontando-a para a cozinha. Inseriu uma chapa fotográfica e removeu a capa do filme.

— Vamos deixar o obturador aberto, de modo que ninguém deve entrar na cozinha.

Mehan debruçou-se sobre a máquina e acionou uma pequena mola prateada. Carlotta escutou um leve estalido. Dava-lhe uma sensação estranha saber que a câmara absorvia a luz, como um olho extraterreno, silencioso e mecânico. Kraft e Mehan vieram juntar-se a ela na sala.

— O que podem fotografar? — indagou Carlotta.

— Tudo está imóvel. — explicou Mehan. — Se alguma coisa se movimentar ligeiramente, aparecerá no filme como um borrão.

Às vezes, o olho humano não consegue captar movimentos muito pequenos.

Sentaram-se no sofá e conversaram até meia-noite. Carlotta contou-lhes a respeito do psiquiatra. Ficaram satisfeitos e convencidos de que ela interrompera o tratamento. Mostraram-se curiosos quanto a Billy e às meninas. Kraft desejava entrevistar as crianças ao mesmo tempo em que entrevistava a mãe, mas Carlotta explicou que as enviara para a casa de uma amiga.

Naquela noite, Carlotta sentiu-se desusadamente segura, embora a atmosfera estivesse seca, ventasse lá fora e o ar parecesse carregado de violência. Estendida de través na cama, completamente vestida, ouvia os murmúrios de Kraft e Mehan na sala. Eles haviam trazido do carro uma câmara menor, provida de um motor, e testavam a intervalos o funcionamento do mecanismo. Kraft disparava séries automáticas de seis a dez fotos, em velocidades diferentes. Os estalidos surtiram sobre Carlotta um suave efeito metronômico, embora nada ocorresse de anormal.

Por volta de duas e meia, Carlotta deu-se conta de que mergulhara num sono leve. Percebeu o fato porque agora estava despertando. Por que acordara? Porque os dois homens murmuravam perto dela. Tinham trazido as câmaras para o quarto.

— Acima da porta — sussurrou Mehan.

Vários estalidos soaram quando a câmara de 35mm disparou uma série de vezes.

— Está acordada, Sra. Moran? — murmurou Kraft.

Carlotta divisou os dois vultos perto da porta.

— Viu aquilo? — segredou Mehan.

Carlotta ergueu-se vagarosamente da cama. Eles haviam fechado as cortinas. A escuridão nada revelava. Carlotta teve a premonição de que *ele* estava vindo de algum poço distante e fétido. Mehan empregou força para encaixar a câmara grande e seu tripé num suporte mecânico perto da janela. A lente focalizava a parte superior da parede, a porta e um canto do armário.

Está sentindo algum cheiro, Sra. Moran? — sussurrou Kraft.

— Está mais forte — respondeu ela, amedrontada.

Reinava na casa um silêncio absoluto. Carlotta aproximou-se de Kraft. Um suave rumor metálico se fez ouvir quando as aberturas de ventilação se expandiram. O termostato entrara em funcionamento apesar de a noite estar quente.

Então, acima da porta, em meio à escuridão opaca, começou a formar-se uma zona azulada. Pairou no ar, lançou luminosidade sobre a porta do armário, ficou transparente e desapareceu. Aconteceu depressa, em silêncio, sumindo quase antes que eles pudessem perceber.

— Alguma vez viu isso antes, Sra. Moran? — sussurrou Kraft.

— Eu... não tenho certeza... Eu...

Mehan substituiu a chapa do filme. Carlotta afastou-se cada vez mais para um canto, observando, esperando. Sentia que *ele* se movia, hesitante, no outro lado da parede.

— O filme está quase acabando — murmurou Kraft.

Mehan enfiou a mão no bolso e logo atirou um rolo de filme para Kraft, que se agachou à beira da cama, recarregando a máquina.

— Alguma vez já tinha visto aquilo? — segredou Mehan a Carlotta.

— Talvez... Não tenho certeza...

Kraft fitou-a. O rosto pálido de Carlotta tremia na escuridão; seus olhos negros pulavam alternadamente de Kraft para Mehan e vice-versa. Estava aterrorizada.

— Gene! — sibilou Mehan.

Kraft virou-se. Na parede oposta, acima da porta do armário, um brilho azul descreveu um arco e sumiu na escuridão.

Silêncio.

— Pegou aquilo?

— Não. Foi rápido demais.

Carlotta observou Mehan substituir a chapa fotográfica. Viu Kraft disparar uma série de fotos da parede.

Sentia que ele estava do outro lado, indo para lá e para cá, espiando o interior do quarto.

— Gene!

De repente, uma nuvem se formou e explodiu, lançando rastros de um azul gasoso que entrava pela porta do quarto.

Sentiram uma baforada de frio fétido.

— Conseguiu pegar?

— Acho que sim.

Fez-se um momento de silêncio. Carlotta sentiu a pele tornar-se pegajosa de suor frio. Ele estava agitado, andando cada vez mais depressa de um lado para outro, querendo que os dois estudantes se retirassem da casa.

Um estalo de eletricidade estática saltou da parede oposta e atingiu a parede pouco acima da cabeça de Kraft.

— Gene! Você está bem?

— Não me acertou.

Um rosar metálico soou abaixo do chão.

Kraft apoiou a câmara contra o joelho e aumentou a exposição. Mehan sentiu Carlotta roçar-lhe o braço ao espremer-se contra a parede. Mantiveram-se preparados durante vários minutos e nada aconteceu. Seus olhos se acostumaram melhor à escuridão. O quarto parecia cheio de sombras pálidas prestes a se movimentarem.

Uma espécie de centelha brotou da parede, como grãos brilhantes de areia iridescente que emitiam luz e se tomavam invisíveis ao se aproximarem deles. De repente, foram engolfados por um bafo gelado.

— Meu Deus, como fede! — murmurou Mehan.

— Está sentindo algo na pele? — perguntou Kraft.

— Parece queimar.

— Deve estar carregada.

Várias torrentes de brasas azuis entraram pelo quarto, chiando e crepitando, passando pelo abajur, pela mesinha de cabeceira e chegando ao chão antes de se extinguirem. A câmara de Kraft disparou uma série contínua de fotos. Mehan jogou-lhe o último rolo de filme e Kraft recarregou a máquina.

— O motor emperrou — sussurrou ele.

Retirou o motor da máquina e começou a disparar fotos uma a uma.

Carlotta sentia que *ele* rondava o vácuo no outro lado da parede. *Ele* começava a irritar-se.

Durante longo tempo, nêgas de nuvem azul revoltaram, contorcendo-se e avançando ao longo da parte superior da parede, perto do teto, deixando cair brilhantes bolas azuis que giravam, queimando, e se extinguíam ao tocarem o chão. Kraft estendeu a mão. Pontos de frio intenso atravessaram-na de lado a lado.

— Fotografei tudo — disse ele, baixando a câmara, Mehan colocou a última chapa de filme na câmara maior.

Então, nada aconteceu durante uma hora. Uma luminosidade cinza-azulada começou a surgir acima das árvores lá fora. Kraft abriu a cortina. Por toda parte reinava silêncio e frio que precede o raiar do dia. A fadiga dominou

Mehan até que ele precisou sacudir a cabeça para manter-se acordado.

Carlotta olhou para a casa vizinha, onde seus filhos e os Greenspan dormiam profundamente. Teve a impressão de que agora, pela primeira vez, a vida normal estava ao seu alcance.

Kraft dirigiu-lhe um sorriso amarelo.

— Foi mesmo um espetáculo — comentou ele em voz baixa.

— Jesus! — acrescentou Mehan. — Nunca vi algo semelhante.

Carlotta olhou-os como se fossem salvadores enviados de alguma planeta longínquo.

— Nunca viram aquilo? — indagou ela.

Mehan sacudiu a cabeça.

Carlotta refletiu que talvez devesse contar-lhes toda a verdade. Mas a verdade era que ele tivera medo de entrar. De algum modo, os dois estudantes constituíam um perigo para *ele*.

— Agora, realmente posso compreender porque você tinha tanto medo — murmurou Mehan, muito cansado.

Kraft sentia-se estranhamente eufórico, por falta de dormir, por tudo o que vira e ouvira. Seu cérebro trabalhava febrilmente, pensando no equipamento que ele desejava trazer para a casa.

Carlotta deixou-se cair sentada na beira da cama.

— Não acredito que *ele* volte — declarou, olhando para ambos.

— É possível — disse Kraft. — Essas coisas são imprevisíveis. Talvez nunca voltemos a vê-las.

— O que quer dizer “*ele*”? — quis saber Mehan, repentinamente alertado.

Carlotta ergueu vivamente a cabeça. Afloraram-lhe aos lábios palavras que ela não ousava pronunciar. Formavam-se-lhe no cérebro imagens que ela não se atrevia a expressar.

— Essas coisas — replicou simplesmente.

Mehan sabia que muitos pacientes davam um nome ou mesmo atribuíam uma personalidade a eventos que eles não conseguiam entender. Era uma reação normal. Não obstante, refletiu que Carlotta talvez estivesse ocultando algo.

A claridade aumentava acima das árvores e telhados.

— Preciso revelar os filmes — declarou Kraft, em tom de desculpas.

— Não se incomoda se formos embora? — indagou Mehan.

— Absolutamente. Ele... aquilo... não voltará. Tenho certeza.

— Está certo — disse Mehan, desatarrachando o suporte do tripé. — Voltaremos esta noite, se não se incomodar.

— Naturalmente — replicou Carlotta, — E muito obrigada.

— Na verdade, nós é que devemos agradecer — disse Mehan, carregando o tripé o suporte e a câmara para a sala. — É uma grande oportunidade para nós.

O sol brilhante penetrava na sala, dando aos cabelos de Kraft um brilho dourado. Ele sorriu para Carlotta quando esta veio do corredor em companhia de Mehan.

— A manhã está linda — murmurou ela.

Olhou para os reflexos dourados do sol que incidia sobre o tapete, respirou o ar fresco e límpido como se aquela fosse a primeira manhã do mundo. Os três se sentiam muito bem. Por motivos diferentes. Havia atravessado juntos uma noite extraordinária. Agora, era momento de partir e, de repente, sentiam-se muito unidos.

O Volkswagen vermelho fosco se afastou do meio-fio.

Carlotta observou o carro até que este deixou a rua Kentner.

Mehan fez um aceno e ela correspondeu. Virando-se viu a casa delineada pelo forte brilho do sol nascente. Sentia-se alegre, mais leve que o próprio ar, decidida a viver e reencontrar a felicidade. Era como renascer. Na casa dos Greenspan, uma cortina se abriu. As crianças logo viriam para o café da manhã.

Carlotta resolveu recebê-las com uma grande pilha de panquecas de amoras.

15

O laboratório estava escuro. Grades eletrônicas, chapas fotográficas e complexos equipamentos brilhavam na área de trabalho. As prateleiras estavam repletas de livros em russo e pastas cheias de fotografias. A Dra. Cooley encontrava-se entre Kraft e Mehan, examinando um grupo de fotos recém-reveladas.

Sobre um retângulo negro, ela via uma nuvem verde-azulada, como uma cortina de névoa, arqueando-se em direção ao vácuo.

A fotografia seguinte mostrava uma nuvem compacta, da qual se irradiavam traços luminosos que sumiam pouco a pouco, deixando um rastro de cores brilhantes. Outras fotos exibiam auras luminosas nas proximidades de uma superfície áspera que, segundo explicaram os dois estudantes, era a parede do quarto.

Havia também uma série de fotos menores, em preto e branco, mostrando Carlotta Moran sentada no quarto, às vezes escura e às vezes mais clara e suave, quase como se envolta num véu de gaze, em algo ainda menos substancial que gaze, que lhe suavizava as feições, tornando-lhe as pupilas dos olhos grandes e escuras, como poças negras.

— São fotografias em infravermelho — explicou Kraft. — Obtidas na terceira noite. Sempre que a Sra. Moran entrava e saía das áreas frias, Joe a fotografava metodicamente. Quando ela está fora da área fria, a foto é normal, muito difícil de obter qualquer tipo de exposição. Quando ela entra na área, a atmosfera contém bastante infravermelho para obtermos uma exposição.

A Dra. Cooley pegou a fotografia apontada por ele. Parecia fantasmagórica, como se duas pessoas diferentes fossem fotografadas ao mesmo tempo. Ou melhor, duas personalidades diferentes. Uma parecia nervosa, amedrontada, quase tragada pela escuridão ambiente; a outra era luminosa, a pele lisa e brilhante, sensual — até mesmo as formas do corpo pareciam diferentes.

— Ela parece tão diferente — murmurou a Dra. Cooley.

— Não consigo entender — disse Kraft.

Seus olhos se acostumaram ao escuro. A lâmpada vermelha iluminava as bandejas de produtos químicos e água, lançando ondas de reflexos sobre as paredes, torneiras e pias metálicas.

— Bem, certamente se trata de energia eletrostática — disse a Dra. Cooley.

— Aglomerou-se — protestou Kraft, na defensiva. — Condensou-se.

— Mas lançou rastros — insistiu ela.

— Mais pareciam centelhas.

— Não sei — acautelou a Dra. Cooley. — Leva-se muito tempo para conseguir algo confiável. Vocês precisam eliminar mil e uma alternativas antes de chegarem a resultados válidos.

Os dois pesquisadores observaram a professora lavar as fotos em água destilada.

— Por exemplo — prosseguiu ela. — Eu investigaria a casa.

Talvez haja uma fuga de corrente elétrica em algum lugar.

— Julga que isso seja tudo? — indagou Kraft.

— Estou apenas dizendo que precisam certificar-se.

— E o cheiro? — interpôs Mehan. — Todos nós sentimos.

— Como um fedor terrível de gato morto — explicou Kraft.

— É provável que seja exatamente isso.

— Impossível — declarou Mehan. — Aumenta à noite e diminuiu durante o dia.

— Provavelmente está perto da casa. A brisa muda de direção à noite — ponderou a Dra. Cooley. — Passa a soprar do oceano, de oeste para leste.

A Dra. Cooley era cética em relação a tudo que não fosse medido ou fotografado. O método científico baseava-se em precisão, números e repetitividade. Embora, no íntimo ela desejasse acreditar em coisas que jamais tinham sido provadas, eliminava-as escrupulosamente de seu trabalho. Exigia de si mesma e de seus alunos uma análise rigorosa dos dados em qualquer experiência ou projeto.

— Seria muito melhor vocês começarem do mundo tradicional e, depois, partirem para o exterior — declarou. — Do contrário, cientificamente falando, estarão pendurados pelos polegares.

Kraft ficou intrigado.

— Não creio que tenhamos pulado para qualquer conclusão precipitada — disse ele, hesitante.

— Não. Todavia, antes de mais nada, deixaram de levar em consideração e eliminar as causas naturais.

— Na verdade, tudo depende dos tipos de leitura que obtivermos nas medições dos eventos nos próximos dias — disse Mehan.

— Está certo — replicou a Dra. Cooley. — Mas tenham em mente o que eu lhes disse.

Kraft continuava intrigado. Tinha a impressão de que seu plano experimental estava correto. Deu-se conta de que a Dra. Cooley tinha um ponto fraco, um calcanhar-de-aquiles: para ela, a respeitabilidade era extremamente importante — disso dependia sua carreira. Tivera oportunidade de ver muitos de seus colegas recusados ou dispensados por universidades, impedidos de receber bolsas de estudos ou verbas para pesquisas. Por esse motivo, prendia-se aos estudos de laboratório, mais exatos e detalhados, mas, sobretudo, inofensivos à comunidade científica. Por isso promovia estudos de probabilidades de percepção extra-sensorial, através dos quais seus alunos estavam ganhando renome. No fundo, era provável que alimentasse a esperança de algum dia ser readmitida no círculo principal dos intelectuais e cientistas. Para Kraft, porém, pouco importava ser aceito pelas correntes tradicionais. Trabalhara vários anos entre engenheiros e auxiliares de laboratório, considerando-os escravos do trabalho e desprovidos de imaginação. Algum dia, refletiu Kraft, a Dra. Cooley seria obrigada a encarar de frente esta realidade e escolher entre a parapsicologia e o futuro, ou a mentalidade de laboratório que ela havia abandonado trinta anos atrás.

Não obstante, suas palavras de advertência continuaram a ecoar nos ouvidos de Kraft: *“Comecem do mundo tradicional e, depois, partam para o exterior.”*

Kraft entrou energicamente no gabinete do secretário de planejamento da

prefeitura, apresentou-se à secretária e foi mandado aguardar. A secretária era inusitadamente atraente, mas, como muitas mulheres, divertia-se com o comportamento acelerado de Kraft. Este resolveu representar o papel de jovem estudante.

— Sou Eugene Kraft — respondeu quando indagado. — Da Universidade da Costa Oeste.

Ela notificou o assistente de urbanização através do interfone.

— Ele o atenderá em breve — anunciou. — Sente-se, por favor.

Kraft sentou-se numa poltrona aparentemente projetada para negar qualquer conforto. Observou durante algum tempo a secretária, cujas pernas longas e esguias afinavam-se nos tornozelos delgados. Depois, fechou os olhos.

Pensamentos esparsos vinham-lhe ao cérebro, recordações que só recentemente tinham deixado de ser dolorosas. Lembrou-se de que, quando criança, a vida fora cheia de atividade, de curiosidade e da percepção de ser diferente dos irmãos e irmãs.

Tinha a sensação íntima de ser diferente de todas as pessoas que conhecia. Nem estudioso nem atlético, preferia a solidão de seu quarto acanhado e as delirantes viagens até os confins mais remotos da imaginação, onde vivia num mundo construído por ele mesmo, por vezes horas e horas a fio. Os amigos e colegas de colégio achavam-no esquisito, espicaçavam-no e chamavam-no de fenômeno, o que preocupava seus pais. Contudo, Harry e Sadie Kraft tinham certeza de uma coisa: ao contrário de seus outros filhos, Eugene tinha cérebro! — um instrumento altamente afinado que, se dirigido no sentido prático, garantir-lhe-ia uma vida segura, livre de pressões e preocupações.

Ingressando na universidade com as mais fervorosas bênçãos dos pais, Kraft preparara-se para a carreira de engenheiro eletricista, cuja natureza programada e pré-dirigida logo insatisfez seu cérebro exigente.

Após dois anos, Kraft deu-se conta de que cometera um terrível engano ao abraçar a carreira de engenheiro. Seu interesse não era o prático, mas o teórico. Reingressou na universidade para estudar filosofia. Era algo abstrato demais. Ele ansiava por alguma coisa que envolvesse também o mundo real.

Certa noite, foi convidado para auxiliar na instalação de circuitos destinados a uma importante experiência no departamento de psicologia. Após trabalhar a noite quase inteira na preparação dos complicados sistemas de interruptores planejados pela Dra.

Cooley, permaneceu para presenciar a experiência. Ficou intrigado. A Dra. Cooley imaginara um sistema de sensores capazes de captar a influência de calor animal e dos ritmos de sistemas nervosos. Kraft conversou até tarde com a Dra. Cooley e esta o convidou para trabalhar com ela como auxiliar de pesquisas. A partir daquela noite, Kraft compreendeu onde estava seu futuro. Sua carreira progrediu rapidamente.

— Sr. Kraft.

A voz interrompeu-lhe os pensamentos. Erguendo os olhos, ele viu um homem gordo, meio calvo, sorridente, que lhe estendia a mão.

Sentando-se diante da mesa, Kraft tentou avaliar o homem que tinha diante de si. Obviamente, uma pessoa nos escalões inferiores da máquina burocrática. Suscetível de ser intimidado — mas com sutileza. Provavelmente, uma personalidade na defensiva. Alguns indícios — cinzeiros cheios de pontas de cigarro, manchas no tapete, livros em desordem — sugeriam a falta de uma organização perfeita. Kraft resolveu deixar de lado o papel de humilde estudante e assumir a atitude de uma máquina comercial bem lubrificada.

— Pertencço ao Departamento de Psicologia da Universidade da Costa Oeste — declarou depressa, num tom decidido. — Estamos efetuando uma pesquisa sobre a relação existente entre as alterações emocionais e as mudanças na atmosfera. Sob esse aspecto, incluímos concentrações iônicas, interferências eletrônicas, padrões de microondas, e assim por diante.

— Isso me parece mais física que psicologia.

— Sou engenheiro eletricista.

O homem da secretaria de planejamento ergueu as sobrancelhas. Evidentemente, impressionou-se com o inteligente estudante à sua frente. Esperava receber um universitário acanhado, com trajes desleixados.

— E o que deseja de mim, Sr. Kraft?

— Podemos obter duplicatas de seus mapas de determinado setor da cidade?

Precisamos conhecer as fontes de tais alterações — torres de controle dos aeroportos, transmissores de rádio, *etc.* — a fim de podermos estudar um caso particular situado em meio a tal atividade.

O homem meneou a cabeça:

— Compreendo.

— Nossa informação deve ser exata em cada detalhe e seus mapas e plantas são os mais precisos e atualizados.

O burocrata meneou novamente a cabeça, sentindo-se dominar pela magia de Kraft. Gostava do rapaz, de sua energia, rapidez e concisão. Era um interlúdio agradável num dia maçante.

— Agrada-me auxiliar a universidade — declarou.

— Muito obrigado — disse Kraft.

O homem telefonou para a seção de arquivos e registros.

Uma hora mais tarde, Kraft saiu do prédio com doze mapas enrolados sob o braço e um convite para voltar sempre que quisesse.

Ao mesmo tempo em que Kraft se encontrava na divisão de arquitetura e urbanismo da prefeitura, Mehan estava no porão da biblioteca do fórum, folheando enormes livros de registro de propriedade imobiliária sobre uma mesa comprida e empoeirada.

Um bibliotecário — um homem idoso, com bastas sobranceiras brancas e ar desconfiado — vigiava-lhe os menores movimentos.

Mehan lá permaneceu durante horas. Quando saiu, tinha informações sobre todas as pessoas que haviam possuído ou alugado imóveis na rua Kentner.

Dirigiu lentamente seu velho Volkswagen de volta ao apartamento de Kraft. O motor precisava urgentemente de uma reforma completa, mas Mehan não dispunha de dinheiro.

Dinheiro era algo com que ele nunca se importava, com que achava incômodo preocupar-se. Tudo o que desejava era o bastante para sobreviver. Seus pensamentos se concentravam nas psiques que haviam sofrido, dormido e morrido na rua Kentner. Mehan nem reparava no fluxo de motoristas que o cercavam por todos os lados, preocupados em voltarem depressa a seus

lares, à vida normal, aos problemas pessoais.

Mehan pegou a caderneta de anotações, tornou a reler um registro, guardou a caderneta de volta no bolso da camisa e trocou a marcha do Volkswagen. O carro continuou a avançar lentamente.

Mehan fora criado no cristiano-cientismo, uma religião que ensinava que os poderes do espírito se sobrepõem aos do corpo.

Quando criança, costumava experimentar-se. Privava-se de alimentação e água, submetia-se a intensa dor física. Era verdade.

Através da concentração, conseguia eliminar as sensações de seu consciente. Ao completar treze anos, possuía um notável controle sobre as sensações que decidia admitir e as que resolvia rejeitar. Desenvolveu o hábito de estudar as pessoas a fim de verificar se o seu próprio poder de concentração era capaz de controlar a ansiedade que ele sentia ao encontrar-se com estranhos ou ao lidar com a própria família. Descobriu que, dentro de poucos meses, podia controlar qualquer tipo de intercâmbio com total e completo conhecimento dos mecanismos psicológicos da outra pessoa. Em consequência, tornou-se conhecido por seus estranhos maneirismos, suas reações monumentalmente lentas às pessoas, seu costume de fitá-las bem nos olhos e observar-lhes as mãos e o rosto. Logo aprendeu a saber o que as pessoas estavam pensando apenas através dos gestos que faziam. E quando estava com pessoas que conhecia bem, era quase capaz de responder a pensamentos não expressados em voz alta. Deu-se conta de que a comunicação era uma manobra infinitamente mais complicada que a simples articulação entre a boca, dentes e língua.

Tornou-se temeroso. Era capaz de distinguir entre o que as pessoas realmente pensavam e o que expressavam, de perceber a hipocrisia que os desconhecidos procuravam disfarçar. Portanto, Mehan passava muito tempo na privacidade de seu quarto, a fim de evitar a angústia de comunicar-se com as pessoas.

Então, conheceu Eugene Kraft. Este ministrava um curso de filosofia da ciência e Mehan era seu melhor aluno. Kraft logo percebeu a existência de um motivo para a determinação de Mehan, além de preparar-se para Ph. D. no campo da filosofia.

Após o exame final, Kraft convidou-o a seu apartamento. Mehan compreendeu que Kraft o sondava, mas suprimiu o que lhe passava pela cabeça. Vivera muito tempo com um segredo sepultado fundo demais em seu íntimo.

— Você não está fazendo o curso apenas para acumular pontos — comentou Kraft.

— Creio que não.

— Seria intromissão de minha parte indagar qual é seu verdadeiro interesse?

— Não... Apenas... É difícil dizer...

Kraft estudou Mehan, percebendo que este tinha medo — medo do mundo. E de si mesmo.

— Parece-me insatisfeito com a ciência.

— Não. Mas observar ratos correrem sobre uma grade eletrificada não é o tipo de ciência que eu tinha em mente.

Kraft deu-se conta de que Mehan desejava sair da concha.

Necessitava, porém, de um estímulo. Kraft resolveu arriscar.

— Conhece a Dra. Elizabeth Cooley? — perguntou.

— Ouvi falar nela.

— No próximo semestre, serei seu assistente. Você gostaria de conhecê-la?

Mehan fitou cautelosamente os olhos de Kraft.

— Sim — respondeu finalmente, em voz muito baixa. — Gostaria muito.

Após mais dois semestres, Mehan trocou seu mestrado por parapsicologia. Interessava-se pelos projetos relativos às transmissões de pensamentos.

Com mais um semestre, tornou-se auxiliar de pesquisas.

Seus pais achavam que ele jogara fora uma carreira e apresentaram-lhe um ultimato: ou ele continuava a estudar para obter um diploma que o qualificasse como professor, ou juntava-se ao pai na fábrica de tintas, ou saía definitivamente de casa.

Mehan passou duas semanas morando na ACM antes que Kraft descobrisse o

que ocorrera e o convidasse a compartilhar do apartamento.

Foi ao conhecer a Dra. Cooley e Kraft que Mehan finalmente se vira pisando terreno firme. Ali estavam pessoas que tinham uma experiência diferente de vida, que — como ele próprio — eram anormalmente sensíveis ao pensamento. Naquele ambiente positivo, Mehan teve possibilidade de expandir sua capacidade a tal ponto que, no final do ano, já era conhecido como o mais confiável transmissor e receptor de imagens mentais da Costa Oeste. Contudo, a Dra. Cooley aconselhou-o a manter o fato em segredo, a não ser estritamente para atividades profissionais.

Os pais de Mehan descobriram que ele se especializava em parapsicologia. Quando souberam que ele pretendia juntar-se a Kraft no curso de pós-graduação daquele departamento, riscaram seu nome do testamento. Mehan procurou encarar o fato de modo filosófico. Compreendia os temores dos pais a seu respeito, o desejo intenso que alimentavam de que ele trabalhasse no mundo tradicional. Todavia, ele dedicara a vida a algo diferente. Não sabia aonde isto o levaria. Só tinha certeza de que, sem Kraft, há muito estaria afogado no malévolo mar do isolamento e do ridículo social.

— Muito bem — disse Kraft. — Conte-me o que conseguiu.

— Três proprietários e cinco moradores antes da família Moran — informou Mehan. — A casa foi construída pela Companhia Imobiliária e Incorporadora Ownes. Primeiro proprietário, um operário da estrada de ferro. Italiano. Trabalhava na linha Hollywood—Santa Mônica. Morreu em 1930. O proprietário seguinte era dono de uma loja de tintas e ferragens. Vendeu a casa em 1935, para um fazendeiro inválido de Oklahoma. Família muito grande. Mudou-se em 1944. A casa ficou desocupada durante um ano.

Kraft ergueu uma sobrancelha.

— Qualquer pessoa poderia instalar-se nela — murmurou.

— Vagabundos, indigentes... pensei nisso. Não sei o que poderia significar para nós.

— Prossiga.

— Em seguida, veio uma viúva japonesa. Morou lá até 1957. Morreu na casa. O próximo morador foi um quitandeiro aposentado, de Ohio. Mudou-se

em 1973.

— Isso quer dizer que a casa passou vários anos desocupada antes da mudança da Sra. Moran para lá.

Mehan meneou a cabeça e guardou a caderneta no bolso.

Kraft esfregou os olhos, fatigado.

— Muita gente idosa — murmurou. — Diferentes padrões psíquicos. Várias mortes. Qual a soma de tudo isso, Joe?

Mehan sacudiu os ombros.

— Não faço ideia. *Alguma coisa* nos forneceu aquelas fotos.

Fez-se um prolongado silêncio enquanto Kraft retirou um disco de Vivaldi da capa e o colocou no aparelho estereofônico.

Logo a música doce e espiritual da Renascença, encheu o apartamento.

— Muito bem — disse Kraft. — O que sabemos através da literatura existente?

— A resposta mais razoável parece ser alguma espécie de atividade eletrostática — respondeu Mehan. — Talvez devamos verificar junto ao Departamento de Meteorologia. As camadas de ionização mudam de lugar durante as estações do ano. Isto surte efeito sobre as pessoas.

— Muito bem. E eu estudarei de modo mais completo os padrões de ondas eletromagnéticas na casa.

Mehan anuiu com a cabeça. De repente, ficou desanimado.

— Cristo! Isso vai custar muito dinheiro.

Kraft sentou-se e suspirou:

— Talvez devamos começar a pensar em requisitar verbas especiais de pesquisa — disse ele.

— Baseados em quê? Só temos...

— Temos algumas fotografias. O bastante para provar que topamos com alguma coisa.

Mehan sacudiu os ombros.

— Está certo. Talvez consigamos. Vamos fazer algumas sondagens.

Ficaram escutando Vivaldi. Kraft parecia mais otimista, pensando nas verbas especiais. As fotografias não eram perfeitas, mas constituíam um chamariz. Ele resolveu rascunhar um orçamento detalhado do equipamento adicional necessário.

— Bem, sejamos otimistas — sugeriu. — Que tal o aspecto paranormal?

— Pode escolher à vontade. Talvez seja psicocinese, causada por qualquer das pessoas na casa.

— Até mesmo os eventos visíveis?

— Creio que sim.

— Muito bem. O que mais?

— Poderia ser uma projeção — continuou Mehan.

— Sim — concordou Kraft.

— Caso que poderia provir de uma pessoa viva na casa. Ou...

Kraft ergueu a cabeça.

— Ou morta.

Kraft recostou-se na poltrona. Os acordes agradáveis e refinados dos celos de Vivaldi sempre o tranquilizavam, facilitando-lhe o raciocínio.

— Existe uma terceira possibilidade — murmurou ele. — Trata-se de uma espécie de informação armazenada no ambiente, que se reconstituiu mediante a presença de determinados indivíduos fora do comum.

— Refere-se a nós? Nós agimos como a cabeça de reprodução de um gravador de *vídeo-tape*, ou como a agulha de um toca-discos, permitindo que a informação se repita?

— No caso, porém, é o nosso consciente que causa a animação dos objetos.

— Ora, que tipo de energia poderia explicar tal exibição audiovisual?

— Isso, meu amigo, é o que temos que descobrir.

Ficaram calados por alguns momentos.

— Ora, que diabo, cara — disse Mehan, animando-se. — Só podemos continuar martelando. Mais cedo ou mais tarde, eliminaremos o supérfluo e chegaremos ao que realmente está acontecendo.

Kraft continuou recostado, pensando.

— Seja lá o que for, rezemos para que volte — disse ele.

Os pensamentos de ambos flutuaram com a música — pousando suavemente na casinha da rua Kentner.

Kraft e Mehan voltaram naquela noite. A primeira providência de Kraft foi testar embaixo da casa uma possível fuga de corrente. Havia uma leve indicação eletromagnética.

Kraft pegou vários rolos de fio no carro e fez ligações para dar terra em pontos-chave. Em seguida, entrevistou Billy e as meninas, enquanto Mehan interrogava Carlotta na cozinha. Kraft estava convencido de que Julie possuía inteligência acima da média. Mas algo a respeito de Billy lhe pareceu enigmático. O rapaz olhava para o rosto de Kraft com evidente hostilidade.

— O que você sentiu foi como uma espécie de rajada de vento? — indagou Kraft.

— Não — disse Billy. — Quero dizer, sim. Como um vento.

— Sentiu-se agarrado?

— *Ele* bateu em Billy — disse Julie.

Billy lançou um olhar de advertência à irmã, que Kraft percebeu. Agora, teve certeza de que Billy estava ocultando alguma coisa, pois falava de modo por demais deliberado, medindo cada palavra.

— Bem, você sabe — disse Billy. — Foi exatamente assim que pareceu.

— Você alguma vez viu alguma coisa? Além dos objetos voando?

— Não.

— Mamãe vê — disse Kim.

— Cale a boca, Kim — ordenou Billy.

— Sua mãe vê alguma coisa? — perguntou Kraft. — Refere-se às centelhas?

— Sim — confirmou Billy. — Isso *é tudo*.

— Quantas vezes ela viu essas coisas?

Billy sacudiu os ombros, replicando:

- Pergunte a ela.
- Estou perguntando a você.
- Cinco ou seis vezes. Talvez mais.
- Sempre a mesma coisa?
- Mais ou menos.
- Todavia, quando você sentiu, não viu nada?
- Exato. Não vi nada.
- Sua mãe viu alguma coisa naquela ocasião?
- Nunca perguntei a ela.

Kraft perguntou às meninas se tinham visto alguma coisa em qualquer ocasião. Julie e Kim menearam negativamente as cabeças. Kraft tentou adivinhar o motivo da hostilidade de Billy.

Provavelmente, uma reação protetora normal, pensou ele.

- Você escutou barulhos? — perguntou ele a Julie.
- Às vezes.
- Que som tinham?
- Parecido com o de um avião quebrado.
- São apenas os encanamentos debaixo da casa — declarou Billy.
- *Ele* chamou mamãe de...
- Cale a boca, Julie — advertiu Billy. — O moço está procurando ajudar mamãe e você fica inventando estórias.

Kraft coçou a cabeça. Esperava que Mehan tivesse melhor sorte com Carlotta. Sua impressão era de que os fenômenos se apresentavam de forma muito mais variada, mas Billy, como a maioria dos leigos, tinha medo de falar muito sobre o assunto.

- Está certo — disse Kraft sorrindo. — Talvez possamos conversar mais tarde.
- Claro — replicou Billy. — Quando quiser.

Na cozinha, Carlotta respondia as perguntas que Mehan lia metodicamente numa longa série de folhas impressas. Kraft foi à cozinha. A presença das crianças mudara a atmosfera da casa, que passara a ser calma, quase pesada, muito diferente do ar carregado que haviam encontrado na noite anterior.

Às dez horas, Billy e as meninas saíram para dormir na casa dos Greenspan. Carlotta envergonhou-se de Kraft e Mehan presenciarem a desintegração de sua vida normal, mas não quis fazer alterações no plano já estabelecido.

Mehan instalou uma série de medidores no corredor e no quarto. Verificou que a concentração de íons era elevada, mas não chegava a níveis anormais. Quando abriu a porta do quarto, sentiu apenas um leve cheiro ruim. Passava um pouco das dez.

Seria uma longa noite.

Kraft e Mehan sentaram-se nas duas cadeiras da cozinha, a fim de afugentarem qualquer sensação de conforto. Ambas as câmaras estavam instaladas em tripés, prontas para funcionar.

As janelas, luzes elétricas e espelhos tinham sido selados com papelão negro e fita isolante preta, a fim de permitirem longos tempos de exposição dos filmes.

Por volta de três da manhã, Kraft acordou sobressaltado.

Mehan se escorregara na cadeira, batendo-lhe no ombro. Kraft sacudiu o colega, despertando-o.

— Está esfriando — sussurrou Kraft.

— É apenas a brisa da madrugada.

Carlotta estava dormindo no quarto. Kraft e Mehan esperaram mais duas horas. Então, ergueram-se pesadamente quando a primeira luminosidade do dia surgiu lá fora.

Carlotta despertou o suficiente para vê-los sair. Enquanto eles arrumavam o equipamento e o levavam para fora, Carlotta vestiu o roupão e os acompanhou, descalça.

— Sinto muito não ter acontecido nada — disse ela.

— Não faz mal — respondeu Kraft.

Eles arrumaram o equipamento no carro e Kraft compreendeu que precisava imaginar um meio de automatizar os medidores, pois não poderiam proceder daquela maneira noite após noite.

— Minha saúde não resistirá — murmurou ele, em tom meio sério.

Carlotta acenou para eles quando o carro partiu. Era a quarta noite. Quatro noites de um sono abençoado. Quatro noites de sono profundo, sem pesadelos. Quando ela acordara para ver Kraft levando a câmara menor em direção à porta, fora como se emergisse de um vácuo agradável e acolhedor. Agora, sentia-se calma e descansada. Cindy concordara em manter-se afastada da casa enquanto Kraft e Mehan estivessem trabalhando na investigação. Todavia, Carlotta estava ansiosa por telefonar para a amiga e dar-lhe as boas novas. Olhou o relógio: seis e meia.

Logo Billy e as meninas chegariam para o café da manhã. Carlotta apertou o roupão na cintura e sentiu o orvalho frio nas solas dos pés ao caminhar pelo gramado, observando as gotas nos talos e folhas das rosas e lilases. Decidiu repetir naquela manhã as panquecas de amoras, que as crianças haviam adorado.

Entrou em casa.

Pegou no armário da cozinha o pó para fazer a massa de panquecas, o xarope de amoras, o açúcar, mas não encontrou amoras. Resolveu substituir as amoras por morangos, para experimentar. Billy adorava morangos com creme de leite batido.

Carlotta cheirou o creme de leite. Fresco como uma manhã no campo.

Houve um baque. Vinha do quarto.

Carlotta partiu um quarto de barra de manteiga e colocou na tijela. Adicionou farinha de trigo.

Um segundo baque, mais forte que o primeiro. Algo atirado contra a parede.

Colocou a tijela em cima da mesa. Tudo estava silencioso, fresco, agradável no ar limpo da manhã. Ela sentiu cheiro de lilases. Um forte aroma de lilases. Percebeu que vinha do quarto. Foi até a sala. A casa inteira se enchia com o perfume de lilases.

Vidro tilintava alegremente no quarto, com o som de uma caixinha de música.

Carlotta entrou cautelosamente no corredor e espiou pela porta entreaberta do quarto.

A tampa de vidro da água de colônia pulava delicadamente no chão, junto à base da parede, perto da mesinha de cabeceira.

Carlotta escancarou a porta.

Um vidro de cosmético se ergueu da penteadeira, girando preguiçosamente, e se desfez em pleno ar. A esponja e o pó cor-de-rosa explodiram, espalhando pelo ambiente uma chuva rósea e perfumada.

— Isso acabará com o fedor! — exclamou Carlotta, rindo.

Deu um passo para dentro do quarto. O sol formava uma barra luminosa em meio à nuvem de pó cosmético. Parecia quase iridescente, pairando no ar, baixando lentamente para o chão.

Uma borboleta de vidro que estava sobre a penteadeira se ergueu, desintegrou-se e lançando um chuveiro de cacos de vidro com as cores do arco-íris, que encheu suavemente o ar.

— Mais! — gritou Carlotta alegremente, batendo palmas e rindo.

O despertador se levantou da mesinha, pairando acima da cama. O alarme emitia um suave som musical. O relógio explodiu e as peças metálicas voaram, leve como penas, flutuando pelo quarto.

Carlotta bateu com os pés no chão, emitindo repentinamente uma gargalhada aguda. Sofrerá tanto que, agora, aquele espetáculo ridículo era uma confissão da impotência *dele* — da iminente derrota que *ele* sofreria. Carlotta não conseguia conter o riso.

— Peça algo mais que isso! — gritou ela, batendo palmas e sapateando.

A cortina ondulou, separou-se e foi arrancada dos trilhos. O tecido de cores vivas pairou sobre Carlotta como enormes borboletas.

— Isso é tudo que você consegue fazer? — berrou ela, enxugando as lágrimas de riso. — Minhas filhas podem fazer muito mais!

Tudo o que se espalhou pelo chão, o metal e o vidro, o líquido e o pó, ondulou numa poça vagarosa, erguendo-se e depois tornando a baixar.

Carlotta pisou num vidro de perfume, espatifando-o em cacos.

Riu.

Pisou nas cortinas, enredando os pés. O tecido caiu ao chão e se imobilizou.

— Você está morto! — gritou ela. — Você morreu!

Cacos de vidro e louça jorraram em volta dela como um rio.

Carlotta pisoteou-os, rindo, dançando, chorando.

— Morreu! — berrava ela. — Está *morto! Morto!*

16

Carlotta sentia-se na crista de uma prolongada onda de euforia. Às vezes, parecia um sonho, mas as meninas mostravam que era realidade na expressão dos rostos e Billy no comportamento e na maneira como assoviava alegremente e pilheriava com a mãe. Carlotta mal podia crer, mas era verdade: uma semana inteira sem qualquer ataque.

Por vezes, a casa ficava fria. O cheiro ruim flutuava, desaparecia, tornava a aumentar. Ocasionalmente, as formações visíveis assustavam Carlotta, a parede a aterrorizava, mas a presença das câmaras, dos obturadores automáticos, do equipamento de gravação no corredor, bem como dos próprios Kraft e Mehan, repeliam-no, amedrontavam-no — e ele nunca chegava a menos que alguns passos de distância sem dissolver-se em centelhas, névoas e ondas de frio. *Ele* parecia irritado, furioso, mas frustrado. O que Kraft e Mehan estavam fazendo — fosse lá o que fosse — o diminuía. Pela primeira vez, desde outubro, Carlotta começou a ter prazer em acordar de manhã e ver o sol penetrar pela janela do quarto.

O melhor de tudo era ela não mais sentir remorso por não haver relatado a Kraft e Mehan toda a verdade. De que adiantaria contar-lhes algo além do que já tinham visto e fotografado? Tudo terminara, perdendo-se no pesadelo do passado. Expor-se significaria publicidade, ridículo — e coisas ainda piores. A Previdência Social tomaria conhecimento; submete-la-iam a uma bateria de testes para verificar se ela ainda estava em condições de cuidar dos filhos. Ela perderia as crianças. Assim, Carlotta racionalizava seu silêncio. Ela, as crianças, Cindy e George formaram uma coalisão unida e tácita para ocultar o segredo à curiosidade fria e perigosa de um mundo cheio de cinismo.

Só uma coisa a perturbava: e se Jerry voltasse antes que Kraft e Mehan terminassem a investigação? Como poderia ela explicar todo aquele equipamento na casa — câmaras, mostradores, fios que passavam pelas portas e janelas? Nem mesmo pudera dizer a Jerry que consultara um psiquiatra.

Portanto, como poderia explicar aquilo?

Entretanto, existia um lado positivo e Carlotta apegava-se a este. Os ataques tinham cessado. O poder *dele* fora minado e em breve — por favor, meu Deus, antes do retorno de Jerry! — a vida voltaria ao normal. Uma vida normal! — pensava Carlotta. Como um raio de sol, aquela esperança iluminava seus pensamentos e sensações. San Diego! Jerry! Imaginava-se junto a Jerry, correndo pelas dunas de areia à beira do oceano; passeando a cavalo. Ao norte da cidade de San Diego existiam fazendas e longas praias arenosas onde o progresso ainda não começara a fazer loteamentos. O ar fresco e salgado do litoral... Carlotta podia até mesmo sentir-lhe o sabor. Desejava tudo aquilo mais do que qualquer outra coisa no mundo. E estava tão próximo, mas, ao mesmo tempo, tão distante!

Nem Kraft nem Mehan precisaram examinar os dados coletados para descobrir o óbvio: os eventos tinham diminuído tanto de frequência quanto de intensidade a partir do dia em que haviam conhecido Carlotta. Tudo o que conseguiam captar agora eram leves movimentos de pratos e panelas na cozinha, bem como correntes de ar frio acima da porta que se abria do corredor para o quarto de Carlotta.

Deprimidos, tabularam os dados e Kraft os apresentou à turma. Havia tão pouco a dizer que a conferência durou menos que cinco minutos.

Kraft sentou-se enquanto outro grupo de estudos apresentava o relatório de um outro projeto. Estava insatisfeito.

Sabia que a turma continuava interessada, mas não mais galvanizada como antes. Para Kraft e Mehan, ainda era a descoberta mais excitante em três anos de laboriosos estudos. O que havia de errado? Seria apenas o fato de os eventos estarem decrescendo? Com um sobressalto, Kraft deu-se conta de que, se a situação persistisse, não disporiam de dados suficientes para uma estatística fidedigna. Virando-se para o lado, viu que Mehan o fitava. Aparentemente, Mehan estava sentindo a mesma coisa.

Pela primeira vez, ambos estavam sob pressão para produzir e apresentar resultados — e o projeto a que se haviam dedicado ia por água abaixo.

Lá fora, três andares abaixo, Gary Sneidermann caminhava pela fresca alameda asfaltada que conduzia ao jardim botânico.

A pequena colina estava coberta de vegetação onde existiam grossas palmeiras australianas, flores vermelhas que cresciam em cipós havaianos, bem como espinhentas plantas azuis originárias da Nova Zelândia. Sentou-se num banco, escutando a água fria pingar ao seu redor, no interior do parque tranquilo.

Na alameda distante, uma universitária caminhava com os livros sob o braço, os cabelos louros bem aparados à altura dos ombros. Uma pitoresca ponte de madeira transpunha em arco um pequeno lago, no qual as flores dos lírios brancos se destacavam entre a coloração das folhagens. Sneidermann começou a compreender que existiam coisas que ele não podia analisar. A distância do lar, a solidão e competição dentro da universidade enchiam-no de tristeza.

Carlotta entrara em sua vida quase tanto quanto lhe entrara na profissão. Tudo que ele fazia centralizara-se tão rápida e intensamente em torno dela que ele se vira arrastado à confusão e quase ao desespero, quando ela não voltara à clínica.

Sneidermann tinha consciência de que se atirara longe demais e agora tentava encontrar um meio de retroceder, de recuperar o equilíbrio perdido.

Qual era a natureza de seu envolvimento? Em sua mente, Carlotta — tudo o que ela fazia e dizia — adquirira uma espécie de aura, de modo que ele se via gravitando inevitavelmente de volta a imagens dela. Seria natural? Era o que Sneidermann se perguntava. Todo psiquiatra envolvia-se de tal forma com um paciente intenso? Ou seria resultado da inexperiência? Por que seus sentimentos sempre se envolviam cada vez que ele tentava analisar o que deveria fazer a seguir? Seria orgulho ferido? Ou seu ego masculino? De repente, suas próprias motivações se haviam tornado suspeitas e ele não conseguia desenredar-se da confusão.

Talvez o problema tivesse raízes mais profundas, refletiu Sneidermann. O problema referia-se à natureza da própria psiquiatria. Era uma disciplina tão frágil e abstrata. Jogam-se cordas — feitas de palavras bonitas — para salvar a vida de seres humanos que se estão afogando em horror e remorso. Carlotta necessitava de um ser humano no qual pudesse acreditar, ao qual pudesse amar, no qual conseguisse restaurar-se. Não era uma peça de

complexa maquinaria que necessitasse de reparos.

Era muito mais complicada — constituída de coisas efêmeras, desprovidas de substância, e mortíferas.

A psiquiatria parecia tão distante da vida. Pacientes passavam a vida inteira em ambientes controlados. Psiques danificadas e personalidades deformadas nunca são realmente curadas. Tudo não passava de uma fachada: a fala macia dos especialistas, suas brilhantes teorias, suas formidáveis estruturas teóricas. Na realidade, eles flutuavam acima da vida real como borboletas descoradas. Pacientes como Carlotta viviam num inferno.

Através da folhagem de plantas chinesas, Sneidermann viu um vulto conhecido sair do complexo hospitalar, parar perto dos lírios e, finalmente, avistá-lo. O vulto se aproximou vagarosamente.

— Gary — disse o Dr. Weber em voz baixa, num tom que pareceu a Sneidermann quase tristonho. — Importa-se se eu lhe fizer companhia?

— Claro que não.

O Dr. Weber sentou-se ao lado de Sneidermann. O parque estava quase deserto, a sombra escura e fria atrás deles, onde os salgueiros roçavam as folhas compridas na superfície dos pequenos lagos.

— Brisa agradável — comentou o Dr. Weber.

— Muito agradável — concordou Sneidermann.

Fez-se um longo silêncio, durante o qual os dois médicos pareceram absortos da profunda frescura do local. Acima deles, os pássaros voavam entre as folhagens.

— Você costuma vir sempre aqui? — perguntou o Dr. Weber.

— Às vezes.

— Venho aqui sempre que desejo ficar sozinho. Existe algo especial nas flores daqui.

— Sim. São lindas.

Outro longo silêncio. Duas crianças correram pelo gramado, rindo. Logo sumiram de vista,

— Você deixou de comparecer a alguns seminários — disse suavemente o Dr. Weber.

— Não tenho passado bem.

— Recebeu as minutas?

— Sim.

— Talvez deva tirar umas férias.

Sneidermann enfiou as mãos nos bolsos e recostou-se no banco. Era confortável sentar-se ao lado do Dr. Weber, sem falar.

— Suponho que o senhor tenha alguns conselhos para mim — disse Sneidermann, afinal.

— Absolutamente não, Gary. Você tem que resolver sozinho.

— Entretanto, se tivesse algum, qual seria ele?

O Dr. Weber sorriu, afrouxou a gravata e abriu o botão do colarinho para pegar a brisa primaveril. As sombras manchavam seus antebraços.

— Seria você tirar umas férias.

— Não entendo por que motivo ela não voltou, Dr. Weber.

Simplesmente não consigo entender.

— Você topou com uma paciente altamente ansiosa. Tentou entrar em contato com ela?

— Três vezes. Na primeira, não estava em casa. Nas outras duas, recusou-se a vir ao telefone. O filho disse que ela estava bem. Que nunca estivera tão bem e não voltaria à clínica.

— Então, nós a perdemos.

Sneidermann mergulhou num silêncio pensativo. Nas últimas semanas, tornara-se cada vez menos comunicativo, como se pensasse em coisas que não desejava revelar até mesmo ao Dr. Weber.

— Estive pensando muito, Dr. Weber. Por que me especializei em psiquiatria? Para ficar rico? Ser famoso?

— Não é vergonha ser ambicioso.

— Todavia, isso não é tudo. Relações humanas... Eu... eu simplesmente não

as compreendo. Isto é, quando estou envolvido.

O Dr. Weber meneou vagarosamente a cabeça.

— Quando você pára de ser médico, funciona segundo as mesmas regras que todas as outras pessoas.

— O senhor acha que foi isso que aconteceu? — perguntou Sneidermann, falando baixo mas muito sério.

— Você perdeu o senso de perspectiva, Gary. É coisa que acontece.

Sneidermann sentiu as emoções lhe crescerem no peito — emoções que ele sabia que o Dr. Weber seria capaz de analisar.

No momento, porém, não queria uma análise; necessitava compartilhar seus sentimentos com alguém.

— Nunca me apaixonei — declarou ele. — Quero dizer, meus sentimentos para com as mulheres foram... Eu... Terá sido isso que aconteceu? Eu simplesmente não sei.

O Dr. Weber refletiu prolongadamente antes de falar.

— Para mim, você é mais que um discípulo, Gary — disse ele baixinho, afinal. — Sempre o considere um colega. E, se me permite dizer, um amigo.

Sneidermann ficou profundamente comovido, incapaz de responder.

— E falaria com você como amigo, não como supervisor.

Sugiro que arranje tempo para si mesmo; tempo para reconsiderar tudo o que está atravessando; tempo para desembaraçar-se de suas emoções.

Sneidermann mexeu-se no banco, ruborizado.

— Existem áreas de sua personalidade que você ainda não conhece — prosseguiu o Dr. Weber. — Já é tempo de descobri-las e conhecê-las.

— Muito bem.

— Quanto a Carlotta, minha previsão é de que ela se tornará para você um caso tempestuoso, mas esquecido.

Sneidermann apertou os lábios, ainda confuso.

— Sente-se ofendido? — indagou o Dr. Weber.

— Não, claro que não. Só que é difícil abandoná-la. Quero dizer, no estado

em que se encontra.

— Existem muitos pacientes que não completam o tratamento.

— Eu sei. Mas, para mim, ela é especial.

O Dr. Weber fitou Sneidermann.

— Deixe-a ir-se — aconselhou, suave e sincero. — Você não tem escolha. Nem profissionalmente nem, se me permite dizer, pessoalmente.

Sneidermann permaneceu calado. O Dr. Weber tinha esperança de que suas palavras surtissessem efeito.

Sneidermann dirigiu-se a West Los Angeles em seu velho MG branco. Encontrou a rua Kentner sem maiores dificuldades e estacionou no final. À luz do dia, a casa de Carlotta parecia menor do que ele se lembrava, mas muito mais limpa, alegre, com um canteiro de rosas em flor na parte lateral. Sneidermann ficou parado um instante, indeciso quanto a ir até lá. Então, percebeu que vários outros carros estavam parados em frente à casa.

Aproximou-se da porta e bateu de leve. Escutou vozes lá dentro. Billy abriu a porta. Sneidermann, embora nervoso, exibiu um sorriso amável. Viu o rosto de Billy expressar espanto, abrir-se num sorriso e anuviar-se de preocupação. Tudo numa fração de segundo.

— Olá, Billy — disse Sneidermann. — Importa-se se eu conversar com sua mãe?

— Não creio que ela...

No interior da casa, o vulto de Carlotta apareceu por entre a mobília.

— Quem é, Billy?

Billy virou-se, sem saber o que fazer.

— Posso entrar? — insistiu Sneidermann.

— Sim, claro — respondeu Billy.

Sneidermann entrou na sala. Carlotta avistou-o do outro lado. Por trás dela havia dois jovens manipulando aparelhos eletrônicos com minúsculos alicates e chaves de fenda. Carlotta deu a impressão de empertigar-se ao avistar Sneidermann; seu rosto se anuiu indistintamente, como se movido

por uma lembrança remota e, depois, por algo desagradável. Então, ela assumiu uma expressão ambígua e avançou para ele, movimentando graciosamente o corpo leve. A fisionomia recuperara quase todo o frescor e vitalidade.

— Olá, Dr. Sneidermann — disse ela simplesmente, em tom delicado.

Estendeu a mão. Sneidermann, aliviado, sorriu da melhor maneira possível. Carlotta parecia desacostumada a vê-lo fora do consultório, como se ele não fosse realmente um ser humano, mas apenas um espírito vestido de jaleco branco que vagava pelos corredores do hospital.

— Como vai, Carlotta? — replicou ele, cortês. — Você parece ótima.

Ela não sabia o que dizer. Sentia-se embaraçada.

Sneidermann percebeu-lhe no olhar uma espécie de excitação, uma animação que ela jamais exibira no consultório. De algum modo, parecia mais feminina, controlada e segura de si dentro de casa.

— Eu estava preocupado com você — declarou ele simplesmente.

— É muita bondade sua. Como vê, estou bem.

— Sim. Mas parou de ir ao consultório. Pensei que...

— Nunca me senti tão bem, Dr. Sneidermann.

Ele se sentiu definitivamente indesejável. Via no olhar de Carlotta o quanto ela se afastara dele. Billy observava-os, tentando adivinhar o que se passava por detrás da enganadora simplicidade das palavras que trocavam.

— Importa-se por eu ter vindo? — indagou Sneidermann.

— Não — respondeu Carlotta, hesitante. — Por que me importaria? Entre.

Conduziu-o ao interior da casa. Tudo estava muito limpo, as janelas abertas, o sol batendo no tapete. Uma brisa fresca soprava do jardim, trazendo cheiro de grama e folhagens.

Carlotta continuava aparentando embaraço por tê-lo em casa, confusa por vê-lo em trajes comuns em vez do jaleco branco.

— Gostaria de apresentá-lo a alguns colegas seus — anunciou ela. — O Sr. Kraft e o Sr. Mehan. Pertencem à sua universidade.

Sneidermann apertou a mão firme e quente de Kraft. Depois, a mão flácida

de Mehan. Sentiu uma pontada de ciúme, mas dominou-a. Pensou, aliviado, que ao menos ela não estava sozinha.

— Creio que não os conheço — comentou ele.

— Somos do Departamento de Psicologia — informou Kraft.

— Psicologia Clínica, do Dr. Morris?

— Não. Outra divisão do departamento.

Sneidermann achou esquisito eles não dizerem com quem estudavam. De repente, teve uma vaga apreensão quanto a algo que não lhe agradava. Ocorreu-lhe que, da mesma forma que ele não devia estar ali, eles também se encontravam em situação semelhante. De todo modo, havia algo estranho ali. E o que estavam fazendo todos aqueles tripés e medidores espalhados pela casa?

— Estão tirando fotografias? — quis saber Sneidermann.

— Sim — replicou animadamente Kraft. — Estivemos fotografando o quarto e o corredor durante a noite.

— Para quê?

— Para captarmos uma imagem, naturalmente.

— Com filme infravermelho — acrescentou Mehan, confundindo ainda mais Sneidermann.

Carlotta riu. Evidentemente, mantinha excelentes relações com os psicólogos.

— Estão fazendo todos os tipos de testes — declarou ela, cheia de entusiasmo. — O senhor gostaria de ver?

— Gostaria, sim — disse Sneidermann. — Gostaria muito.

Sneidermann condicionou-se para não sentir qualquer ciúme profissional. Se eles trabalhavam para ajudar a paciente, ele sabia que seu dever era não interferir.

Acompanhou Kraft ao quarto, passando cuidadosamente por cima da teia de fios. O quarto era um verdadeiro labirinto de caixas e válvulas.

— Gene construiu o console inteiro — disse Mehan.

— Na verdade, foi improvisado com o equipamento disponível — explicou

modestamente Kraft.

— Parece deveras impressionante — comentou Sneidermann, reconhecendo o grau de arte necessário para montar um conjunto tão complicado de aparelhos eletrônicos. — Para que serve?

— Bem — disse Kraft. — Basicamente, trata-se de uma tentativa para integrar uma série de leituras de várias medições eletromagnéticas ou luminosas, com certas alterações na atmosfera. Temos um gravador de fita FM que armazena dados para o nosso computador, ali, atrás daquela fila de interruptores.

Desse modo, esperamos encontrar algumas alterações físicas que sejam combinadas simultaneamente para coincidir com a ocorrência de eventos paranormais.

Sneidermann sentiu um arrepio. De repente, os alicerces da realidade tinham recuado uma grande distância. Ele fitou com atenção o jovem tão bem vestido, cujos olhos brilhavam com o entusiasmo de um escoteiro em seu primeiro acampamento.

— Paranormais?... Quer dizer... espíritas?... — indagou Sneidermann com grande lentidão.

— Sim, naturalmente. O que você pensou que fosse isto tudo...?

— Este é o Dr. Sneidermann — interpôs Carlotta. — Eu deveria ter dito antes. Tratava-me em seu consultório.

Kraft olhou hesitante para Sneidermann.

— Não compreendo...

— Sou residente no Departamento de Psiquiatria — explicou Sneidermann.

Sentiu imediatamente a hostilidade irradiar-se de Kraft e Mehan contra ele. Os dois se fecharam em copas.

— E vocês? — quis saber Sneidermann.

— Já lhe disse: somos do Departamento de Psicologia — replicou deliberadamente Kraft.

— Estudando o quê?

— Qual é a diferença?

— Fiz uma pergunta amistosa.

— Estudamos com a Dra. Cooley. Você a conhece?

— Não. Mas prometo-lhes que a conhecerei assim que voltar para lá.

Seguiu-se um silêncio carregado. Carlotta sentiu a súbita frieza que passara a reinar entre os homens. De algum modo, Sneidermann sempre provocava hostilidade por parte das pessoas.

— Gostaria de tomar café, Dr. Sneidermann?

Ele se voltou para encará-la. Evidentemente, Carlotta estava do lado deles. Sneidermann sabia que era preciso manter-se o mais cortês possível. No íntimo, porém, fervia de raiva.

— Sim — respondeu. — Obrigado.

Carlotta o levou à cozinha, serviu duas xícaras de café e depois se encaminhou à frente dele para a varanda. Mehan e Kraft voltaram silenciosamente ao trabalho.

Sneidermann provou o café. Carlotta sentou-se na balaustrada de madeira, ao lado dele. Nunca ela estivera tão perto dele quanto naquele momento. E ele nunca se sentira tão distante dela. Jamais imaginara que o contato com aquela paciente esquiva e estonteante fosse tão horripelantemente frágil.

— Por que não voltou à clínica, Carlotta? — perguntou delicadamente. — Por que não quis falar comigo ao telefone?

Carlotta continuava a não encará-lo, preferindo observar as abelhas que sobrevoavam o jardim. O sol lhe iluminava a testa, emprestando-lhe aos olhos um brilho de tom quase prateado.

Sneidermann refletiu que era estranho como a cor dos olhos dela mudava tanto. Às vezes, ficavam negros como carvão.

— O senhor precisa compreender uma coisa, Dr. Sneidermann — disse Carlotta após algum tempo. — Sinto-me muito bem atualmente. Não tenho mais ataques. Portanto, também não tenho motivo para visitar o senhor.

Era óbvio que conversar com Sneidermann lhe desagradava.

Só se mostrava cortês por necessidade e desejava que ele se fosse logo.

— E só por causa daqueles dois cientistas consegui encontrar um pouco de paz, Dr. Sneidermann. Eles conseguiram provar...

— Provar?

— Sim. Possuem fotografias. Viram tudo — disse ela, voltando-se finalmente para encará-lo, os olhos brilhantes, quase sorridentes, zombeteiros. — O senhor não acredita em mim? Eles provaram! Eles o viram! Viram a última parte *dele!*

Olhou de modo estranho para Sneidermann, como se gostasse de vê-lo tão desconcertado. Talvez fosse a vingança por tudo o que sofrerá no consultório dele.

— Carlotta — disse Sneidermann. — Faz ideia de quem sejam eles? Das qualificações que possuem?

— São cientistas — declarou ela, teimosa.

Sneidermann fez uma careta.

— O senhor me faz sentir como se estivesse novamente em seu consultório — disse Carlotta. — Aqui estamos, tentando tomar uma xícara de café, e o senhor me coloca outra vez na linha de fogo!

— Lembra-se daquele livro que lhe mostrei? Morcegos e dragões? É isso que eles estão procurando: fantasias. Você acha que isso vai ajudá-la a curar-se?

Carlotta dominou a irritação, tomando um gole de café.

Desviou o rosto e a brisa lhe levantou de leve os cabelos nas têmporas. Sneidermann jamais a vira tão suave, tão linda.

— O problema é meu, Dr. Sneidermann — declarou ela, afinal.

— E Jerry?

— Ele não descobrirá.

— Tem certeza?

— Absoluta. Estou quase totalmente livre daquela coisa. Eles dois me libertaram.

Sneidermann sentiu raiva. Pela janela da sala, podia ver Kraft e Mehan manipulando os aparelhos. Teve um repentino impulso de entrar correndo e

reduzir a tiras todos os gráficos e mapas.

— E Billy?

Carlotta o encarou, desconfiada.

— Que tem ele?

— O que pensa a respeito de tudo isso?

— Está totalmente favorável a eles. É testemunha do que fizeram por mim.

Ao menos aquilo era coerente, refletiu Sneidermann. Todo mundo alimentava uma só ilusão. Subitamente, deu-se conta de que as coisas estavam ainda piores do que ele imaginara.

Virou-se para encarar Carlotta, mas esta fitava Kraft, que lhe fazia sinais.

— Carlotta — disse Sneidermann. — Vamos fazer um trato, Carlotta. Você pode ir ao consultório, enquanto aqueles dois ajudam você em casa.

Ela se voltou, distraída.

— Qual é a vantagem?

— Às vezes, dois tipos de médicos diferentes — você sabe como é: um especialista em fraturas e outro em circulação sanguínea — trabalham juntos.

— Não... Prefiro não fazer isso.

— Você nada tem a perder, Carlotta.

Kraft fazia sinais insistentes. Era óbvio que Carlotta queria atendê-lo. Voltou-se ainda uma vez para Sneidermann.

— Eu confiei no senhor — declarou ela. — Sabe que é verdade: eu realmente queria acreditar no senhor. Mas as coisas só se tornaram cada vez piores. Sempre que o senhor descobria algo novo a meu respeito, acontecia uma coisa ainda pior que antes. Durante quanto tempo aquilo ia continuar?

— Carlotta...

— Cansei-me de ouvir o senhor dizer que tudo passaria quando descobrissem o problema básico. Como se o problema estivesse em mim!

Sneidermann ergueu-se. Teve ímpetos de agarrá-la, sacudi-la, obrigá-la a escutar. Sentia-se muito inseguro de si. Seu contato com Carlotta era frágil como um fio de teia de aranha.

Dentro da casa, Kraft aproximou-se da porta de tela. Parou ao ver que Sneidermann ainda não se fora.

— Sra. Moran, precisamos de sua ajuda — disse ele.

Carlotta pousou a mão na porta, virou-se e sorriu friamente.

Então, estendeu a outra mão para Sneidermann.

— Acho melhor o senhor ir agora.

Sneidermann deu um sorriso inseguro, balançou a cabeça e observou Carlotta entrar na casa. Kraft e Mehan debruçavam-se sobre plantas da casa e alguns gráficos, alguns dos quais Billy estudava apoiado nos cotovelos. Sneidermann atravessou o jardim, entrou no MG e partiu. O pequeno carro roncou pela rua Kentner, voltando à clínica médica da universidade.

O Dr. Weber foi apanhado entre a porta do escritório e a mesa da secretária, antes de poder pronunciar uma só palavra.

— Sabe por que ela não voltou? — perguntou Sneidermann furioso, falando depressa. — Caiu nas mãos de dois charlatães que lhe alimentam as ilusões! Fazem vigílias à espera de visitas do além! Espalharam equipamentos pela casa inteira, querendo fotografar *poltergeist*, corpos reencarnados e... meu Deus!... ela foi na conversa deles, Dr. Weber! Recusa-se a falar comigo!

O Dr. Weber ficou perplexo por um momento.

— Que charlatães, Gary? Você não está fazendo sentido!

— Alegam pertencer à universidade! Esta universidade!

Cientistas! Que diabo — aquilo não é ciência! Nem mesmo cheira a ciência. Não para mim..

— Estão vendendo curas milagrosas à Sra. Moran?

— Presumo que sim. Têm câmaras e fios instalados por toda parte. A casa parece um laboratório!

O Dr. Weber manobrou Sneidermann até seu gabinete de trabalho. Fechou a porta, meneando tristemente a cabeça.

Pacientes vulneráveis atraem vigaristas como o mel atrai moscas.

— Da *nossa* universidade? — perguntou o Dr. Weber.

— Do Departamento de Psicologia, disseram. Uma tal Dra. Coolev.

O Dr. Weber exibiu um largo sorriso.

— Elizabeth Cooley — disse ele, sorrindo cada vez mais. — Que Deus a abençoe. Então, ela está por detrás disso tudo. Não se trata de psicologia, Gary. É *para* psicologia.

— Bem, o caso é que eles conseguiram iludir a Sra. Moran.

O Dr. Weber sentou-se, com a mente em algo distante mas familiar.

— Eu conheço Elizabeth há... vejamos... cerca de trinta anos. Era muito importante no Departamento de Psicologia.

Sneidermann estava pouco interessado, com o pensamento fixo na imagem de sua paciente rodeada por fios e gráficos e *poltergeist*.

— É mesmo? — replicou. — O que aconteceu, então?

O Dr. Weber bateu com o dedo na cabeça, um gesto lento e tristonho:

— Então, ela começou a ver fantasmas.

Sneidermann recostou-se no peitoril de uma janela, cruzando os braços.

— Portanto, como nos livramos daqueles bundas-sujas? — indagou.

O devaneio do Dr. Weber interrompeu-se bruscamente.

Voltando à realidade, fez girar a poltrona estofada de couro para encarar Sneidermann, que continuava sisudo e irritado.

— Não se trata de vendedores de óleo de cobras, Gary. São nossos irmãos universitários.

— Estão confirmando as ilusões de Carlotta. Temos que mandá-los embora.

— Irão embora. Perderão o interesse e desaparecerão dentro de algumas poucas semanas. Aparentemente, jamais conseguem o que desejam. Sempre há um motivo. Então, procuram outra pessoa.

Sneidermann olhou pela janela, os dentes trincados.

— Como se não bastasse Billy afirmar que viu a tal coisa — resmungou ele —, agora, aquele Buck Rogers de araque e seu puxa-saco também vêm se meter no caso.

O Dr. Weber acendeu um charuto. A abordagem de Sneidermann fizera-o

perder a pose e só agora ele voltava a sentir-se no controle da situação.

— Você falou com Carlotta?

— Ela parece ótima, cheia de energia, os olhos brilhando. Nada de ataques.

— Histeria total.

— Absoluta.

— Depois que eles se forem, ela voltará a procurar você.

— O senhor acha?

— Acho. Ela precisa readaptar-se. Até então, agarrar-se-á aos sintomas. Não creio que isso lhe seja tão prejudicial.

Sneidermann meneou negativamente a cabeça.

— Não; é algo mais que isso. Ela agora está realmente fixada naquela conversa. Temos que mandar os charlatães embora.

Foi a vez do Dr. Weber menear a cabeça.

— Você nada pode fazer, sob o ponto de vista legal. Nem como médico. A vida é dela, a casa lhe pertence, é ela quem sofre a ilusão. Até que ela ultrapasse os limites legais da sanidade mental, ninguém poderá encostar-lhe um dedo. E eu não tentaria, a menos que fosse obrigado. Lembra-se do que aconteceu na última vez?

Sneidermann assentiu, mas enfiou teimosamente a ponta do sapato no tapete.

— Ouça: essa tal Dra. Cooley... é legítima?

— Segundo a universidade, sim. Eu não me meteria com ela.

Sneidermann desviou o olhar, desgostoso. O Dr. Weber começou a temer a necessidade de, pela primeira vez, fazer algo que não julgava correto. Sneidermann mostrava-se por demais obstinado e seus instintos nem sempre se mostravam tão sólidos quanto antes.

— Não quero que você provoque cenas, Gary.

Sneidermann ficou calado. Sentia-se dilacerado por dentro, furioso consigo mesmo e com os dois imbecis que conhecera naquela manhã. Com o Dr. Weber, também. Percebeu que, pela primeira vez desde que haviam estabelecido relacionamento, achava-se em situação de forte antagonismo para com seu supervisor.

— Você está indo além da conta — disse o Dr. Weber.

— Tenho uma responsabilidade.

— Sua responsabilidade é tratar a paciente dentro das regras da universidade. Isso está bem claro?

— Muito claro.

Evitando o olhar do Dr. Weber, Sneidermann saiu da sala. O

Dr. Weber teve o mau presságio de estar perdendo seu melhor residente.

17

Carlotta ofereceu uma festa: um churrasco. Cindy e George foram convidados. Carlotta nem precisou explicar o motivo da comemoração. Eles sabiam. Passara-se quase um mês e ela não sofrerá mais ataque. Tudo estava praticamente terminado. A nuvem negra sumira. Carlotta gastou o que restava do cheque da Previdência Social em comida e refrescos. Convidou também Gene Kraft e Joe Mehan, que declinaram momentaneamente, preferindo trabalhar na fixação de chapas de cortiça pintadas de preto nas paredes e teto do quarto de Carlotta.

Tinham chegado cedo naquela manhã, trazendo pilhas de chapas de cortiça e enormes rolos de fita adesiva.

— Para que é isso? — indagou Carlotta.

— Lembra-se das fotos que conseguimos? — explicou Kraft.

— Bem, captamos imagens, mas não houve jeito de conhecermos sua exata localização no espaço, ou a que velocidade elas se movimentavam. Na escuridão total, não existem pontos de referência. Portanto, colocando estas cruces de referência no fundo do campo visual, conseguiremos medir a velocidade e forma de qualquer coisa que se mova numa foto de exposição prolongada.

Carlotta suspirou, meneando vagorosamente a cabeça. Sentia pena deles, de todo aquele trabalho que, agora, parecia inútil.

— Importa-se se pregarmos as chapas nas paredes e no teto?

— Absolutamente.

— Será difícil arrancá-las depois — disse Kraft. — Mas precisam ficar firmes e estáveis como rochas.

Carlotta tentou puxar uma das chapas. Riu, despreocupada.

— Espero que consigam retirá-las depois.

Ao passar pelos convidados a travessa com pedaços de frango assado na

brasa, Carlotta lançava olhares à janela do quarto. As paredes estavam parcialmente cobertas por um estranho desenho de cruces de fita branca fluorescente contra a cortiça macia e escura. Kraft e Mehan, trepados em escadas, trabalhavam com afinco para terminar os preparativos.

Cindy escolheu uma asa bem passada.

— Então, você nunca contou a eles? — indagou.

— Não havia motivo.

— E eles nunca o viram?

— Viram apenas o rastro — respondeu Carlotta. — Quando ele já estava indo embora.

— Você pretende contar-lhes algum dia?

— Talvez — disse Carlotta, sorrindo. — Algum dia.

George estendeu a mão para pegar uma terceira espiga de milho assado.

— Só posso dizer que foi uma experiência infernal — comentou ele, passando manteiga no milho.

Do quarto, Mehan via-os sentados no banco do jardim e ouvia as risadas alegres. A intervalos, percebia os olhares disfarçados que Carlotta lançava ao quarto.

— Acha que chegamos tarde demais? — murmurou Kraft.

— Não sei — replicou Mehan.

Perto da janela, um cãozinho da vizinhança perseguia Kim.

Mehan sorriu.

— Pelo menos, devolvemos a felicidade deles — comentou, assumindo uma expressão séria. — Acha que estão sendo francos conosco?

— Não. Provavelmente, as coisas eram mais variadas do que vimos.

— O que estarão ocultando?

— Não sei — disse Kraft.

— George é o elo mais fraco da corrente. Pegue-o sozinho e ele falará.

Kraft se virou. Lá fora, George estendia o braço para apanhar uma ameixa numa tijela de cerâmica.

— Falaremos com ele esta noite — disse Kraft.

Billy começara a jogar *croquet* com as meninas, usando tacos velhos e bolas de madeira cobertas de marcas de pancada.

Pareciam curiosamente artificiais, como se jogar fosse algo que passara muito tempo ausente de suas vidas.

Quando Kraft e Mehan descobriram que Cindy e George haviam assistido à destruição de seu próprio apartamento, ficaram totalmente desorientados.

Tarde da noite, no apartamento de Kraft, Mehan sentou-se isolado e silencioso, incapaz de entender a situação. Por um momento, tudo o que haviam feito — cada projeto, cada fio, cada ligação — parecia-lhe irrelevante; a teoria que haviam elaborado tão cuidadosamente fora reduzida a uma massa de trivialidades técnicas desprovida de significado.

— Poderia ser RSPK em ambos os locais — sugeriu Kraft.

— George disse algo a respeito de relâmpagos intermitentes.

Kraft ficou calado. Simplesmente não existia modo de ligar dois ambientes totalmente separados, nem esperança de encontrar uma explicação baseada na onda de padrões de interferência.

— Antes de jogarmos nosso material no lixo, haverá algum modo de salvá-lo? — perguntou ele, afinal.

Não existia modo. Tinham que encontrar alguma outra explicação para a espantosa congruência entre fenômenos visíveis ocorridos a mais de quinze quilômetros de distância e manifestados perante dois tipos muito diferentes de personalidades.

Mehan observou o amigo. Conhecia Kraft profundamente. A mente de Eugene Kraft se focalizava com extrema nitidez; concentrava-se numa coisa de cada vez, solucionava o problema e partia para a etapa seguinte. A mente de Mehan assemelhava-se mais a uma série de pensamentos, cada um deles flutuando à luz brilhante do consciente, desenvolvendo-se, depois afastando-se para ceder lugar ao pensamento seguinte. Desse modo, Mehan era capaz de sintetizar muitos detalhes que uma pessoa como Kraft precisaria delinear com lápis e papel. Na realidade, porém, as mentes de ambos se complementavam, numa espécie de simbiose. Conheciam-se tão bem que

eram capazes de conversar por meio de sentenças inacabadas, fragmentos de frases. Mehan conseguia sentir as mudanças mais sutis nos pensamentos e disposição de ânimo de Kraft; frequentemente, sabia o que este ia dizer antes mesmo que ele começasse a falar.

Finalmente, Kraft disse:

— A menos que a Sra. Moran pudesse ser o agente *poltergeist* em ambos os casos.

Mehan tentou clarear as ideias. Pela primeira vez desde muito tempo, sentia-se necessitado de um drinque. Kraft manteve-se calmo na extremidade do sofá, olhando pela janela o movimentado panorama noturno lá embaixo.

— Vamos encerrar por hoje, Joe.

Kraft foi ao banheiro, onde preparou um banho de imersão.

Deitou-se na banheira de água quente, observando o vapor quase invisível subir de seu corpo e da superfície da água. Lembrou-se de um recente estudo efetuado na Colômbia, uma comparação cruzada dos rituais e experiências com a morte em várias culturas. Em quarenta e duas culturas conhecidas, inclusive nas Ilhas Britânicas e nos Estados Unidos, testemunhas da morte afirmavam ter percebido visualmente uma substância imaterial abandonar o corpo no momento da morte. Kraft deu-se conta de que algumas culturas estruturavam sua religião em torno de tal experiência e outras culturas a suprimiam em favor de religiões organizadas já estabelecidas.

Entretanto, o universo era composto de experiências para as quais não existiam nomes ou conceitos, exceto as explicações rudimentares apresentadas pela ciência. E quando tais explicações são torpedeadas por alguma realidade supranormal, o indivíduo sofre terrivelmente em seu isolamento e temor.

Enquanto relaxava preguiçosamente na água quente, Kraft pensou na Sra. Moran e na aterrorizante realidade que a assaltara.

Afinal, enxugou-se com uma enorme toalha já gasta pelo uso, usou um secador nos cabelos e foi deitar-se.

Quando acordou de manhã, tinha a impressão de não haver dormido. Só sentira uma mão suave que lhe afugentara a fadiga e o deixara deitado na

cama com uma sensação agradável.

Chegando à sala de estar, verificou que Mehan já saira e que o telefone estava tocando. Era Mehan.

— Ouça, Gene — disse este. — Encontro-me na casa de Cindy e George. Billy também está aqui. Conversávamos a respeito de automóveis.

Baixando a voz, acrescentou:

— Gene, a tal coisa aconteceu também no automóvel dela.

Kraft sentou-se.

— RSPK? — indagou.

— Não. Vozes. Ela escutou vozes.

— Que espécie de vozes? — Kraft escutou sua própria voz perguntar.

— Billy não sabe. Acho melhor conversarmos com a Sra. Moran.

— Muito bem. Deixe-me pensar direito. Cristo!... Está certo.

Tenho um seminário hoje à tarde. Deixe-me conversar com a Dra. Cooley antes de me encontrar com você.

— Combinado. — disse Mehan. — Ficarei aqui a maior parte da tarde.

Kraft desligou. Agora, eram três ambientes diversos.

Incluindo manifestações auditivas. Kraft não conseguia entender por que motivo os membros da família Moran faziam tanto segredo dos fatos. Tinha que dar a mão à palmatória de Mehan: ele conseguira arrancar a informação de Billy. Agora, eram três classes de eventos: RSPK, formas visíveis e som. Kraft não conseguia encontrar uma maneira de reuni-las numa estrutura única. Desceu ao estacionamento, entrou no carro e partiu depressa para a universidade.

A Dra. Cooley ergueu uma sobrancelha, parecendo quase tentada a despeito de seu arraigado ceticismo.

— Dois ambientes separados — murmurou ela. — Amigos íntimos. Uma rara coincidência. Muito rara.

— E o mesmo tipo de marcas no teto. Nós as vimos. A Dra. Cooley sentou-

se, tamborilando levemente os lábios com um dedo.

— Mais uma coisa — continuou Kraft, os olhos faiscando.

— O quê?

— Aconteceu no carro dela.

A Dra. Cooley ergueu os olhos, perturbada e, não obstante, estranhamente intrigada.

— RSPK? — indagou.

— Não apenas isso. Ela escutou vozes.

Kraft fez uma pausa. Depois, disse com evidente hesitação: — Dra. Cooley...

— O quê?

— Joe e eu discutimos a possibilidade... de lhe pedir que fosse até lá... conversar com a Sra. Moran.

A Dra. Cooley franziu a testa.

— Não gosto de interferir nos projetos dos estudantes, Gene.

Você sabe disso.

— Mas nós não temos qualquer experiência como psicólogos, Dra. Cooley. Se a senhora pudesse falar com ela, sondá-la, fazer uma avaliação...

— Não tenho certeza se...

— Além disso, teria oportunidade de conhecer o equipamento que armamos. Seria sua chance de ver se tudo está correto.

A Dra. Cooley sorriu. Não obstante, Kraft a conhecia o bastante para saber que estava terrivelmente preocupada.

— Está bem — suspirou ela. — Esta noite.

— Magnífico! — exclamou Kraft. — Depois, poderemos falar a respeito da Sra. Moran.

Jerry Rodriguez mexeu-se desconfortavelmente na poltrona do avião. Seu rosto, outrora tisonado pelo sol da Califórnia meridional, estava pálido. O inverno no Meio-Oeste fora um dos piores já registrados. Os carros deslizavam no gelo, os hotéis pareciam tumbas geladas. Jerry esfregou os

olhos. A falta de sono dos últimos dois meses finalmente começava a fazer efeito.

Viajando de volta a Carlotta, deixou que a fadiga lhe invadisse o corpo.

A vida sem Carlotta era uma série de quartos solitários, uma procissão de ruas vazias, de bares e restaurantes onde ele ficava cercado por um desalentador isolamento. Carlotta parecia extrair de algum lugar a energia e vitalidade que faziam dele um homem — um homem completo, que amava a vida. Onde quer que fosse, o que quer que fizesse, ele sentia constantemente a personalidade de Carlotta.

Até conhecê-la — cerca de um ano atrás, numa segunda-feira — sua vida fora uma série de encontros casuais, colegas de trabalho com risos forçados, uma cruel luminosidade diurna que brilhava com total indiferença sobre tudo o que ele fazia e dizia.

Lembrava-se daquela noite — jamais a esqueceria.

Jerry atravessara a larga avenida que passava pelo Holiday Inn e entrara num clube noturno. Viajantes como ele entravam e saíam, cruzando o saguão. Do outro lado da boate, além do estacionamento, erguia-se o terminal do aeroporto internacional — uma série de formas fantásticas dentro da noite. Deprimido, ele entrou no salão.

Plantas exóticas em enormes vasos decorativos. Música de jazz enchendo o ambiente. Naquele conforto artificial, Jerry sentou-se a uma mesa, observando as garçonetes em trajes sumários. A iluminação tornava-lhes os corpos lisos e os sorrisos quase reais. Pareciam aveludadas, esbeltas, mas não desejáveis.

Jerry sentia na boca um gosto de cinzas que só uísque seria capaz de dissolver. As viagens, outrora excitantes, pareciam-lhe agora uma rotina maçante. Via pela frente uma longa vida de mudanças de uma cidade para outra, vazio por dentro, perseguindo algo que não desejava. Tinha trinta e oito anos de idade e queria algo diferente. Pediu um uísque duplo. Em breve o jazz lhe soou melhor aos ouvidos. As garotas pareciam mais bonitas. Imaginou-se com uma delas, depois com outra — mas apenas como um devaneio agradável. Conhecia bem o gosto ruim da manhã seguinte, quando o sol nasce para dois estranhos num feio quarto de hotel.

Pediu cigarros. Observou a moça aproximar-se, os seios trepidando sob a

blusa transparente ao ritmo de seus passos. A-fisionomia vitrificada não ocultava a vulnerabilidade que ela sentia. Jerry calculou que logo ela perderia o emprego, pois as garotas precisam apresentar aos fregueses uma expressão feliz.

Os homens não gostam de se sentirem exploradores.

Jerry fez uma pequena ceia e depois tomou outro uísque.

Reparou na garota dos cigarros, parada junto ao balcão do bar.

Parecia destituída de malícia. Não obstante, Jerry podia perceber que, no fundo, ela não temia os homens. Intrigado, acompanhou-a com o olhar quando ela caminhou ao longo da comprida fileira de mesas. De repente, irritou-se com os olhares e comentários dos fregueses na mesa ao lado da sua.

Como sempre, dormiu no Holiday Inn, no outro lado da larga avenida. O rugido dos aviões soava no lado de fora das vidraças.

Luzes vermelhas piscavam, descrevendo círculos, sentinelas de uma civilização incrível, da qual ele já não se sentia parte.

Repentinamente, teve medo de que sua vida inteira se resumisse numa série interminável de noites como aquela, sem significado — de ficar velho, apodrecer e desaparecer daquela mesma forma: sem significado.

No dia seguinte, precisou telefonar para Vancouver. Esperou no clube noturno que a telefonista completasse o chamado.

Passara o dia inteiro acertando as coisas com Vancouver, até que, apenas duas horas antes do vôo, fora informado de que talvez precisasse ir a Sacramento. Praguejando, recostou-se no balcão do bar, sem coisa alguma para fazer exceto aguardar a ligação.

Virou-se. As recepcionistas passavam em direção ao saguão.

Atrás delas, sozinha, vinha a moça dos cigarros. Passou por Jerry sem olhá-lo.

Duas semanas depois, num pernoite, Jerry e dois vendedores entraram na boate. Não era preciso arte para matar o tempo. O difícil era manter a sanidade mental enquanto fazia o tempo passar. Como todos os locais de

diversão noturna situados nas proximidades de aeroportos, aquele estava cheio do mesmo tipo de fisionomias: rostos transparentes, transitórios. Jerry deu-se conta do fazer parte da visão que outras pessoas tinham da vida deprimente dos viajantes.

A distante música de *jazz* parecia-lhe familiar, lembrando-lhe a moça dos cigarros. Então, escutou uma discussão atrás do bar. O *barman* falava num sussurro estridente com uma das pequenas. Jerry percebeu que era a garota a quem procurava. Ela se afastou, sem olhar para trás quando o *barman* chamou-a de volta.

— O que houve? — indagou Jerry.

— Ora, nada de mais. As garotas ficam nervosas, às vezes.

— Deve ser duro para elas, andar por aí seminuas.

— Não... elas gostam.

— Como se chama aquela?

— Carlotta. Mas esqueça-a.

Jerry riu, indagando:

— Por quê?

— Para ela, os homens não existem.

Jerry tornou a rir, divertindo-se com o desapontamento do *barman*. Evidentemente, a garota dera-lhe um fora.

Jerry pediu cigarros. Uma pequena diferente veio atendê-lo.

Jerry perguntou pela morena miúda. Carlotta veio. Jerry pagou os cigarros, lançando-lhe olhares de esguelha. Ela era jovem; tinha, talvez, trinta anos. Ossatura delicada, olhos negros e afastados no rosto pequeno e arredondado. Fitava um ponto vago acima do ombro de Jerry, evitando-lhe o olhar. Então, sorriu e se afastou.

— Viu? — disse o *barman*. — É uma freira disfarçada.

Jerry pagou a bebida. Perdera em algum lugar os dois vendedores. De súbito, sentiu-se muito deprimido. Sorriu contrafeito, acenou desanimadamente para o homem do bar e saiu para a luz cinzenta e fria do crepúsculo.

Mais tarde naquela mesma semana, ao voltar de Vancouver, escolheu um vôo que fazia escala no aeroporto internacional de Los Angeles, em vez do terminal doméstico de Burbank. Sabia que, no fundo de sua mente, pairava a moça dos cigarros. Sentiu-se um idiota, mas era verdade. Ainda não tinha certeza do que pretendia fazer.

Chegando a Los Angeles, foi procurá-la.

— Carlotta — chamou suavemente.

Ela se voltou, espantada. Estava parada no saguão, a pele lisa e bronzeada sob a luz suave. Ela o fitou com atenção, verificando se o conhecia.

— Adivinhei seu nome — disse Jerry.

A fisionomia da moça tornou a vitrificar-se sob um véu de indiferença. Percebendo que ele não desejava comprar cigarros, deu meia-volta e entrou no salão principal. Jerry a observou, imaginando quantos outros homens tinham feito o mesmo. Não era de espantar que ela precisasse proteger-se.

Jerry sentou-se a uma mesa. O grupo de jazz fazia um intervalo. Ele consultou o relógio. Deixara recado no Holiday Inn para transferirem qualquer telefonema para o clube noturno. As conversas sem sentido dos fregueses e pequenas eram mais agradáveis que o silêncio solitário do quarto do hotel.

— Sr. Rodriguez — chamou Carlotta, estudando as fisionomias dos fregueses ao longo do bar.

Avançou com um bilhete na mão e pareceu ligeiramente espantada ao verificar que Jerry era o Sr. Rodriguez. Entregou-lhe o bilhete.

— Telefonema interurbano de Seattle — informou ela.

— Obrigado.

Jerry levantou-se e foi ao telefone situado num pequeno vestíbulo. Falou durante meia hora, fazendo anotações, sem discutir mas furioso por dentro. Então, bateu o telefone e voltou à mesa. Carlotta estava em pé ali perto, contando troco.

— Jesus Cristo! — murmurou Jerry. — Chutam a gente do Seattle para Vancouver, para Portland, para Sacramento, para San Francisco... como uma

bola de futebol! Deixem-me descansar!

Terminou o drinque, pondo-se de pé. Carlotta não teve certeza se ele falava com ela. Sorriu vagamente, em caso de resposta positiva.

— Está vendo, Carlotta? — perguntou Jerry. — Acontece o mesmo com você. Vê o que nos obrigam a fazer?

Espantada, ela não soube o que responder.

— Tornarei a vê-la dentro de duas semanas — disse ele, resignado, sorrindo.

— Sim. Adeus, Sr. Rodriguez.

Jerry deu um risinho triste, deixou uma gorjeta e saiu. Na porta de vidro que dava para a rua, olhou para trás. Ela o chamara pelo nome, o que o deixara vagamente eletrizado.

Tentou divisar-lhe a silhueta entre a multidão. Estaria ela olhando para ele? Carlotta, repetiu com seus botões, sorrindo.

Um lindo nome. Quem seria ela?

Trabalhou rápido em Seattle, terminando a operação antes do prazo, e veio trazer pessoalmente as boas novas ao escritório central da firma, em Los Angeles. Todavia, a lembrança de Carlotta espicaçava-lhe a mente. No fundo, esperava que algo pudesse acontecer quando ele voltasse e tornasse a encontrá-la.

O que havia nela, afinal? Algo especial. Algo sério. E Jerry pretendia descobrir o que era.

— Carlotta, você não tem charutos fortes — disse Jerry.

— Vendo apenas o que eles colocam na bandeja, senhor.

Depois de fitá-lo com desconfiança, recordou-se vagamente de suas feições e acrescentou:

— Sr. Gonzalez.

— Rodriguez — corrigiu ele, rindo. — Não faz mal. Já fui chamado de coisas muito piores.

— Sr. Rodriguez — repetiu ela. — Perdoe-me. O senhor deseja um charuto mais forte? Posso ir buscá-lo na charutaria.

— O quê?... Oh, sim... Por favor. E muito obrigado.

De repente, a visão dos seios de Carlotta sobressaindo por baixo da blusa transparente o enfureceu. Deviam estar ocultos. O corpo de uma mulher é algo privado, íntimo, suave, que não foi feito para ser exibido naquele circo de... Jerry olhou em volta. Os homens de negócios riam, bebiam, carregavam maletas, entravam e saíam.

Em que pensava? O que lhe passava pela cabeça?

— Sr. Rodriguez.

— Sim?... Oh, os charutos. Eu... Tome aqui... Não, fique com o troco.

Carlotta sorriu. Jerry teve a impressão de que ela zombava dele. Na verdade, sentia-se um idiota, repentinamente embaraçado. Quando ela ficava em pé tão perto dele, os seios pontudos que ele tentava não olhar, limitando-se a fitar-lhe o rosto e os olhos... Jerry sentira uma espécie de calor, uma presença especial junto a si — algo quase inebriante.

— Está certo — balbuciou. — Eu... Não, pode ficar com o troco.

Desajeitado, saiu do saguão para a rua. Os táxis buzinavam.

Os porteiros pediram a Jerry que se afastasse do caminho. Casais idosos discutiam por causa de bagagens em frente às portas automáticas. Lá do alto vinha o barulho dos jatos. De repente, Jerry deu meia-volta e tornou a entrar no clube noturno. Esperou durante horas, até que o movimento começou a diminuir com o raiar do dia. O bar fechou e Carlotta saiu do vestiário. Foi a última a deixar o local.

— Bem, Sr. Rodriguez — disse ela, — Já fechamos.

— Sim... eu sei. Carlotta... está chovendo lá fora. Uma tempestade terrível. Você vai precisar de um guarda-chuva. Eu tenho um.

— Não está chovendo — replicou ela, rindo.

Fitava-o com alegre zombaria. Jerry teve a impressão de que todo o mundo no saguão observava-o fazer papel de tolo.

Teimosamente, permaneceu junto à porta. Seu sorriso falso desapareceu, sendo substituído por um genuíno. Uma boa educação, muito delicada — refletiu ele. Onde ela aprendera tão boas maneiras? Repentinamente, sentiu-se elevado, retirado da feia fachada que mutilava sua verdadeira

personalidade. Exibiu as mãos vazias.

— Você tem razão — admitiu. — Não está chovendo e eu também não tenho guarda-chuva.

Carlotta emitiu uma gargalhada bonita. Cobriu os dentes miúdos e regulares com a mão. Trajava agora uma curta saia preta e uma blusa vermelha, parecendo muito mais atraente que no local de trabalho. Havia encanto em cada um de seus movimentos. Jerry já não tinha medo de fazer papel de tolo.

— Entretanto, seria possível — disse ele. — Pode chover a qualquer momento. O clima é imprevisível.

— Não nesta parte do mundo.

O *barman* trancava a porta do estabelecimento. Lá fora, uma claridade cinzenta. Ainda era cedo demais para saber se o sol raiaria num céu limpo ou por detrás de uma massa de nuvens.

Carlotta também constituía uma dúvida; Jerry não sabia como proceder. Por um instante foi como se formassem um par. A ideia deixou-o quase delirante. Sentiu-se na obrigação de dizer alguma coisa, de mostrar a ela que sabia o que estava fazendo.

Não obstante, ela também parecia controlar a situação.

Lá fora, pararam desajeitadamente, cada um não sabendo exatamente quem era o outro. Jerry não sabia como avaliá-la, Carlotta parecendo temerosa de entregar-se e, ao mesmo tempo, necessitando das pessoas. Como ele também necessitava. De algum modo, a vida também a transformara numa substância mais forte e flexível, amaciando-a por dentro e criando um escudo protetor por fora. Da mesma forma que ele.

O táxi se aproximou. O motorista abriu a porta direita.

Esperou, sem saber qual dos dois era o primeiro.

— Não — disse Jerry. — Vá você primeiro. Pegarei o próximo.

— Só chegam de dez em dez minutos.

— Não faz mal. Este é seu.

— Está bem. Obrigada.

Carlotta entrou no carro e o motorista ligou o motor. Antes que a porta se fechasse, Jerry embarcou, sentando-se ao lado de Carlotta. O táxi arrancou.

O coração de Jerry batia com força. O jogo estava aberto. Ele sabia que cada segundo que se passava sem que Carlotta falasse, ela se comprometia cada vez mais. Gradativamente, ela se relaxou. Jerry lançava-lhe um olhar a intervalos. Carlotta fitava o chão, ou olhava pela janela, levemente ruborizada.

— Suba por ali, por favor — instruiu Jerry.

O motorista desembarcou-os num prédio ao estilo de uma hacienda mexicana — um motel nas colinas, cercado por um bosque de palmeiras. Antes que Jerry fechasse a porta do táxi, Carlotta pousou-lhe a mão no braço, fitando-o diretamente nos olhos. Disse em voz baixa, que parecia trêmula: — Nunca fiz isto... nunca.

— Eu sei — respondeu Jerry, acreditando nela e tendo certeza de que esta vez não terminaria como as outras.

Esta vez, não.

No avião, Jerry sorriu. E Carlotta fora tão aberta, tão franca, refletiu ele. Não houvera arestas. Pela primeira vez na vida, ele também deixara de lado a carapaça protetora, Temia que fosse uma ilusão: aquela garota que ele não conhecia, que parecia tão distante e, ao mesmo tempo, tão franca. Mas não — ela era real. E fazia com que ele também se sentisse real.

Jerry pigarreou e pegou uma revista. Não queria pensar em Carlotta na cama. Aquele tipo de lembrança vinha-o enlouquecendo em hotéis solitários no decorrer das oito últimas semanas. Privado dela, tinha a impressão de estar privado da própria vida.

Uma vez ela o levara à sua casa e haviam dormido juntos naquela louca cama européia, deixada como herança há muitos anos por algum inquilino ignorado. Quando o sol surgiu e as vozes das crianças se fizeram ouvir, Jerry teve a momentânea sensação de que estava em sua própria casa, com a esposa e os filhos — uma fantasia que quase lhe causava tonteira.

Carlotta sentia a mesma coisa. Depois de seis meses, ambos sabiam. Era algo estranho. Nenhum dos dois podia viver sem o outro. Ambos tinham desejado ser independentes, mas agora isso parecia estar fora de cogitações.

A tensão de Jerry continuava a aumentar. O casamento era uma proposição

completamente diferente — em especial, com Jerry como parte da transação. Dois anjinhos e Billy. Jerry recostou-se na poltrona, tentando não pensar em Billy, o rapaz corpulento — forte e obstinado como poucos. Durante quatro meses — desde a primeira noite que Jerry passara na casa de Carlotta — Billy o espicaxara, zombara dele, provocara-o.

Jerry tinha vontade de mudar-se para algum outro lugar, montar seu próprio apartamento ou talvez morar num bom hotel.

Todavia, acordar com Carlotta — o sol incidindo sobre os ombros macios dela, as meninas rindo baixinho no outro quarto, os pássaros cantando perto da janela — era algo que lhe proporcionava uma sensação de paz que ele jamais imaginara existir. Tudo o que ele desejava, que sempre quisera em segredo, estava ali. Seria bom pai, excelente marido — seria capaz de tudo o que Carlotta quisesse dele. Mas havia Billy.

Billy entrava no quarto se eles dormissem até mais tarde, fazia bastante barulho, emitia comentários sarcásticos à mesa do café, até que mesmo as meninas ficavam encabuladas. Jerry nada conseguia fazer sem que Billy o importunasse. Afinal, ele apontou o dedo para Billy por cima da mesa, dizendo: — Agora, trate de calar a boca, rapaz. Não fiz nada para merecer este tipo de tratamento e você sabe disso.

Bill, embaraçado, olhou para a mãe. Pela primeira vez na vida, Carlotta não o apoiou, desviando o rosto. Com os olhos úmidos. Billy ergueu-se bruscamente, derrubando uma tijela.

— Aponte o dedo para você mesmo, seu nojento!

Então, sentindo-se tolo e infantil, incapaz de suportar a raiva reprimida de Carlotta, Billy correu para fora de casa.

— Sinto muito, querido, ele...

— Eu sei — disse Jerry pela centésima vez. — Ele é apenas um menino.

Certa noite, Jerry saiu do banheiro, apertando o cinto do roupão. Billy postou-se no corredor, barrando o caminho do quarto da mãe.

— Sabe que você é muito abusado, vindo aqui como se fosse o dono da casa?

— Sua mãe me convidou.

— Você a forçou a convidá-lo.

— A ideia partiu dela, garoto.

— Não me chame de garoto.

— Billy.

— Sabe de uma coisa? Você nunca *nos* perguntou. Nunca perguntou se *nós* queremos você por aqui!

— Não cabe a você resolver isso.

— A casa é *nossa* e você é indesejável aqui.

— Está bem — disse Jerry. — Sinto muito que você pense assim. Agora, se fizer o favor de sair do caminho, irei para onde *sou* desejável.

— Ela também não deseja você aqui.

A voz sonolenta de Carlotta veio de trás da porta fechada: — O que é, Jerry? O que está acontecendo?

— Nada, querida. Eu...

— E ela não é sua querida! — bradou Billy, empurrando repentinamente Jerry contra a parede.

Desequilibrado de encontro à parede, Jerry sentiu-se humilhado. Ficou rubro de raiva.

— Ora, seu moleque!

Num movimento rápido, Jerry debruçou-se, agarrou Billy pelo colarinho da camisa e deu-lhe uma bofetada. O tapa ecoou pela casa. Carlotta gritou. Jerry virou-se e, perplexo, deu-se conta de que ela assistira a tudo: Carlotta, de camisola, estava de pé junto à porta aberta.

— Bastardo! — berrou Billy. — Filho de uma puta!

Atirou-se sobre Jerry, golpeando-o a esmo com os punhos, à moda das crianças. Jerry, envergonhado por ter perdido a calma, protegeu o rosto e permitiu que Billy o esmurrasse. Carlotta, em vão, tentou conter Billy.

— Billy! — gritava ela. — Que diabo! Billy!

Afinal, chorando, Billy afastou-se, olhando para ambos com expressão descontrolada. Gritou:

— Vão para o inferno! Vocês dois! Pouco me importo!

Correu pelo corredor, tropeçou nas cadeiras da sala e bateu com força a porta ao sair de casa.

— Meu Deus, querida! — disse Jerry. — Sinto muito! Muito, mesmo! Não sei o que aconteceu! Perdi a...

— Está bem, Jerry. Está tudo bem.

— Eu seria capaz de cortar minha mão direita...

— Está tudo bem.

Naquela noite, Carlotta e Jerry dormiram na enorme cama.

Os sonhos de Jerry foram perturbadores e violentos. Carlotta procurou acalmá-lo. Todavia, ambos sabiam que a pressão aumentava e que chegara o momento de tomarem uma decisão.

Agora, afinal, a decisão estava tomada. Na verdade, fora bastante simples. A vida sem Carlotta seria uma espécie de morte interior, transformando-o num meio-homem, numa concha vazia.

O piloto acendeu o aviso para não fumar e a aeromoça recomendou aos passageiros que apertassem os cintos de segurança.

Jerry olhou do alto para Los Angeles, cujo panorama se aproximava muito depressa: as infindáveis estradas retilíneas, o milhão de casas com telhados chatos que se espalhavam como uma vasta e indiferente colcha de retalhos; as mansões dos ricos nas colinas; os bairros velhos do centro da cidade, cinzentos, regulares, insossos; e, à distância, o oceano, estendendo-se como um tapete azul, com minúsculas sentinelas humanas de pé na orla arenosa...

... E Carlotta. A sua Carlotta, que em breve seria sua esposa.

18

A Dra. Cooley estava apreensiva ao bater à porta. Vendo os carros parados em frente à casa da rua Kentner, tivera uma sensação de insegurança, lembrando-se das reuniões a que comparecera, supostas “conferências” às quais comparecia todo tipo de gente vinda de locais distantes para presenciar ou examinar alguma coisa. A Dra. Cooley conhecera dezenas de excêntricos e de crédulos, de medrosos e de sugestionáveis.

Sabia que o projeto necessitava de controle científico se Kraft e Mehan estavam levando seriamente em consideração os ramos exóticos e míticos da parapsicologia. Tinha certeza de que, se necessário, interromperia definitivamente o projeto.

Billy abriu a porta e ficou parado, piscando.

— Olá — disse a Dra. Cooley em tom agradável. — Meu nome é Dra. Cooley, da universidade...

— Quem é, Billy? — perguntou Carlotta do interior da casa.

— É uma senhora — replicou Billy.

Carlotta veio à porta. Era mais jovem do que a Dra. Cooley presumira; muito mais bonita, miúda, de cabelos negros. Carlotta sorriu graciosamente, estendendo a mão.

— Entre, por favor, Dra. Cooley — disse ela.

— Obrigada — disse a Dra. Cooley, aceitando o convite.

Vários alunos da divisão de parapsicologia ergueram os olhos, espantados, e sorriram. Diante deles, sobre a mesa da cozinha, estavam ampliações das plantas da casa, nas quais tinham sido traçadas as trajetórias dos eventos psicocinéticos.

— Boa-noite, Dra. Cooley — disse um dos alunos.

— Não vim inspecionar — declarou a Dra. Cooley. — Desejo apenas falar com Gene e Joe.

— Estão no quarto — informou Carlotta.

A Dra. Cooley acompanhou Carlotta através da sala. Notou que Carlotta se movimentava com a graça de uma pessoa de boa família, que não combinava com a modesta casinha.

No quarto, Kraft e Mehan ergueram os olhos. Manipulavam fios, cortando os isolamentos nas extremidades.

— Boa-noite, Dra. Cooley — disse Kraft. — Já conhece a Sra. Moran.

— Apenas ligeiramente — replicou a Dra. Cooley. — Gostaria de conversar com vocês dois antes de conhecê-la melhor.

Carlotta compreendeu que eles tinham assuntos científicos a tratar. Sorriu, permaneceu desajeitadamente perto da porta por um instante, então pediu licença para ir responder algumas perguntas que os outros alunos desejavam fazer-lhe, na cozinha.

— Estive pensando no caso — disse a Dra. Cooley em voz baixa. — Toda essa coisa de aparições e não sei mais o que. Tenho a impressão de que há algo errado.

— Não inventamos nada — disse Kraft.

— Acho que a palavra de ordem deve ser cautela. A longo prazo, ninguém aqui pode dar-se o luxo de se envolver com procedimentos bizarros.

— A senhora tem algo mais em mente, Dra. Cooley — disse Mehan.

— Trata-se do seguinte, Joe — respondeu ela. — Caso necessário, cancelarei o projeto. Quero que vocês compreendam bem isso.

Kraft e Mehan se entreolharam.

— Será para o bem do departamento e de vocês também — acrescentou ela.

— Mas...

— Não disse que vou cancelá-lo, mas apenas que isso poderia ocorrer. Desejo ser muito franca com vocês. Depende do que acontece com a Sra. Moran.

— Quer dizer, se ela for histérica...

— Exatamente. Não quero que esta casa comece a parecer um daqueles locais que eu costumava frequentar quando me iniciei na parapsicologia:

uma porção de gente rondando por aqui e...

— Tudo está sendo controlado — objetou Kraft.

— Já percebi... mas... vou conversar com a Sra. Moran. Depois, falarei com vocês.

A Dra. Cooley voltou à sala, onde Carlotta corrigia datas em vários gráficos que os estudantes lhe apresentavam. A Dra. Cooley indicou, por meio de um gesto quase imperceptível, que desejava falar a sós com Carlotta. Depois que os estudantes se retiraram para a cozinha, a Dra. Cooley sentou-se na espreguiçadeira, encarando Carlotta que se sentara no sofá. A Dra. Cooley estudava os olhos, mãos e modo de falar de Carlotta com a fisionomia impassível de uma psicóloga experiente.

— O Sr. Kraft ou o Sr. Mehan a informaram de que sou psicóloga formada?

— indagou ela.

— Não.

— Existem várias, ou mesmo muitas ocasiões em que as duas disciplinas estão interligadas.

— Compreendo — disse Carlotta, sem saber aonde desejava chegar aquela senhora de aspecto tão distinto.

— O que preciso lhe perguntar, Sra. Moran, é se os eventos que a senhora experimentou são o tipo de coisas que sentiu e viu, ou se pertencem ao tipo de coisas que parecem mais um sonho.

Carlotta riu.

— Foi exatamente o que o psiquiatra me perguntou.

— Bem, é muito importante.

O rosto de Carlotta se anuviou.

— Posso afirmar que os objetos voando, o cheiro, o frio — tudo isso era real — declarou ela. — Seu pessoal também os viu e sentiu.

— Sei disso. Todavia, seu filho disse ao Sr. Mehan que aconteceram outras coisas.

— O que quer dizer com isso? — replicou Carlotta em tom evasivo.

— No seu carro, por exemplo.

Carlotta riu e a Dra. Cooley percebeu a mudança em seus olhos escuros, que se toldaram com algo misterioso.

— Bati com ele num poste telefônico.

— Billy contou ao Sr. Mehan o motivo.

Carlotta ficou calada. Pegou um cigarro, sentindo as primeiras pontadas de nervosismo desde que estivera pela última vez no consultório de Sneidermann. Imaginou se psiquiatra e psicólogo seriam a mesma coisa. Estudou a bela mulher que usava um costume de *tweed*.

— Está certo — disse Carlotta. — Escutei vozes.

— Alguma vez escutou-as dentro de casa?

— Às vezes. Não tive certeza.

— Alguém mais as escutou?

— Billy.

— E as meninas?

— Não. Creio que não.

A Dra. Cooley percebeu que Carlotta fumava com gestos muito nervosos. Compreendeu que a brusca mudança de comportamento era muito significativa.

— Permita-me perguntar, Sra. Moran: por que seus filhos dormem na casa de um vizinho?

— É perigoso demais dormirem aqui.

— Por causa da atividade *poltergeist*?

— Exatamente.

— Não existe outro motivo?

— Não.

Carlotta exibiu um sorriso tenso, nervoso. A Dra. Cooley identificou os maneirismos da ansiedade.

— E seus amigos?

— Que têm eles?

— O Sr. Mehan conversou com eles no apartamento onde residem.

Carlotta não respondeu, simulando procurar um cinzeiro.

— O que aconteceu ao apartamento deles, Sra. Moran?

Carlotta sacudiu os ombros.

— Não sei — replicou. — Não consigo explicar o que ocorreu.

— Mas todos vocês viram alguma coisa.

— Foi terrível. O local ficou devastado. Quase morremos de pavor.

A Dra. Cooley estava segura de que Carlotta procurava ocultar alguma coisa, embora não pudesse imaginar o que fosse.

Insistiu, empregando um tom mais severo: — O que a senhora viu, Sra. Moran?

— O que vi?

— Sim. A senhora e seus amigos.

Carlotta vacilou, à procura das palavras.

— Estava... tão escuro...

— Sim?

— Então, *ele* chegou... de repente...

— Quem chegou?

Carlotta ergueu a cabeça, assustada. Billy a chamava.

— Quem chegou? — repetiu a Dra. Cooley.

— Mamãe! — gritou Billy. — Tem alguém aqui!

— Mande entrar.

— Não. Venha cá!

Mistificada, Carlotta levantou-se do sofá. Olhou pela janela e avistou uma figura conhecida, que saltava de um táxi.

Jerry ficou imóvel diante da casa, estudando atentamente a atitude de Billy.

O adolescente não sabia ao certo como proceder.

Umedeceu os lábios e espiou por cima do ombro para um grupo ligeiramente visível no interior da casa. Jerry passou por ele e entrou.

Carlotta estava de pé nas proximidades da porta. Ergueu involuntariamente a mão aos lábios. Vários homens e mulheres estavam espalhados pela casa, conversando em voz baixa, estudando fotografias e gráficos estendidos no chão.

— Jerry! — tentou dizer Carlotta, mas a palavra não saiu; só conseguiu mover os lábios.

Jerry sorriu, estendendo as mãos para ela, mas percebendo que havia algo terrivelmente errado.

— Querida!

Sentiu Carlotta inerte em seus braços. Riu nervosamente e levantou-lhe delicadamente o rosto pelo queixo, fitando-a nos olhos.

— Por que não telefonou? — perguntou ela com voz sumida.

— Telefonei. Cada vez uma voz diferente atendia. O que está havendo por aqui?

Ela o fitou com a expressão de um animal encurralado.

— Oh, Jerry!

— O que há? Não gostou de me ver aqui de volta?

— Sim, mas... eu...

Um jovem baixo enfiou a cabeça pela porta.

— Sra. Moran — disse em tom animado. — Oh, desculpem-me!

Jerry tentou adivinhar quem era o rapaz. O som da conversa se tornava cada vez mais distinto. Jerry fitou Carlotta, perplexo.

— São médicos — murmurou ela.

— Médicos?

Kraft avançou, trajando um suéter folgado, e estendeu a mão.

— Boa-tarde — disse ele. — Sou Gene Kraft, do Departamento de Parapsicologia. Você é da Universidade Estadual de Sonoma?

— Não. Não sou.

— Sinto muito. Fique à vontade.

Jerry segredou ao ouvido de Carlotta: — Quem, diabo, é esse cara?

Carlotta começou a empalidecer, como se fosse desmaiar.

Sentia-se despertar da longa e inebriante euforia que a sustentara durante quase um mês e cair em depressão. Tentou deter-se, pairar sobre o abismo que se abria a seus pés. Mas Jerry vira tudo: os médicos, os estudantes, os aparelhos, as grades fotográficas. Não havia dúvida de que agora ela perderia o último apoio que ainda lhe restava; agora, só lhe restava assistir ao desmoronamento de seu mundo.

— Sou a Dra. Cooley — disse uma mulher alta, trajando roupas formais. — Diretora da Divisão de Parapsicologia da Universidade da Costa Oeste. Espero que isto não seja uma intrusão para o senhor. Só estamos aqui a convite da Sra. Moran.

Jerry apertou a mão que ela lhe estendia.

— Absolutamente, Dra. Cooley. Pode prosseguir e ficar à vontade.

Mantendo uma sombra de sorriso, virou-se para Carlotta e acrescentou num sussurro:

— Pegue um suéter, Carlotta. Vamos sair desta jaula de macacos.

— Jerry, eu não posso...

— Imediatamente!

Carlotta foi ao armário embutido, conversou vários minutos com Kraft, que protestou a respeito de alguma coisa, parecendo muito perturbado. Mas Carlotta avistou Jerry, furioso perto da porta, e dobrou o agasalho sobre o braço. Saíram juntos para o carro.

O ronco do Buick recém-consertado de Carlotta abafou o barulho da conversa no interior da casa.

O Buick tomou o rumo do oceano. Jerry permanecia calado, nada encontrando para dizer, sem descobrir um meio de expressar o que pensava. Não sabia ao certo se estava zangado ou assustado. Ocasionalmente, lançava um olhar de esguelha a Carlotta, que às vezes parecia bem e outras vezes

tinha uma aparência pálida e doentia que o preocupava.

Ela tentava evitar o olhar de Jerry, com a cabeça voltada para o lado oposto, fitando as casas que passavam velozmente.

Jerry manobrou o Buick nos penedos acima do cais e desligou o motor, saltando do carro. Entraram juntos no restaurante especializado em frutos do mar. Continuaram sem trocar uma só palavra.

Lá dentro, havia redes de pesca penduradas nas paredes, velas lançavam um suave brilho amarelo sobre as mesas e, perto do balcão, as estrelas-do-mar estavam expostas em caixas de vidro. Jerry fez o pedido pelos dois, acendeu um cigarro e olhou em volta, como se temeroso de que aquela gente horrível que encontrara na casa os tivesse seguido até ali. Então, debruçou-se suavemente sobre a mesa.

— O que era tudo aquilo? — indagou delicadamente.

As lágrimas marejaram os olhos de Carlotta.

— Ora, vamos — disse Jerry.

— Estavam tentando ajudar — disse ela em voz rouca.

— Ajudar? Ajudar a quem?

— A mim.

Jerry tornou a olhar em volta, mal acreditando no que acabava de ouvir.

— Não entendo — declarou.

Carlotta olhou para ele. Teve a impressão de vê-lo afastar-se dela. De algum modo, sempre tivera a certeza de que acabaria assim. Não imaginara que acontecesse num restaurante de frutos do mar, mas tinha que terminar daquela forma. Ela contaria a verdade, Jerry explodiria e seria o fim de tudo.

— Estive doente, Jerry

— Doente? Que espécie de doença?

— Não consigo dormir. Fui procurar um médico.

— Prossiga.

— Coisas me perseguiram, à noite.

Jerry empalideceu. Aquela conversa o deixava doente.

— Pesadelos, você quer dizer.

— Como pesadelos.

— E você foi procurar um médico de loucos.

Carlotta percebeu que não adiantava empregar evasivas.

— Sim. Um psiquiatra.

— E daí?

— E daí, não o tenho consultado mais.

Jerry ergueu uma sobrancelha. Parecia aliviado.

— Ótimo. De todo modo, que tem isso a ver com aquela gente que estava em sua casa?

O garçom trouxe a lagosta e as saladas, colocou-as sobre a mesa e se afastou. O crepúsculo fazia jorrar uma luminosidade azul-turquesa através do enorme janelão panorâmico de vidro que dava para o Pacífico.

— Responda-me, Carlotta.

— O psiquiatra não conseguiu curar-me. Portanto, aquelas pessoas estão procurando ajudar-me.

Jerry deu a impressão de matutar sobre o assunto; parecia lutar com todos os tipos de ideias. De repente, como se estivesse morto de fome, enfiou o garfo na salada e começou a comer.

— Hmmmm — murmurou, mastigando. — Lembro-me daquela mulher dizer que era psicóloga, ou coisa semelhante.

— Não está zangado?

Jerry demorou a responder:

— Por que diabo eu ficaria zangado? Se você não consegue dormir à noite, precisa tratar-se.

Carlotta ficou perplexa. Esperava que ele a abandonasse ali mesmo. Não obstante, tentou adivinhar o que ele realmente estava pensando.

— Foi coisa recente. Desde que você se foi.

Jerry riu.

— Agora, sei por que você não consegue dormir — declarou, piscando um

olho para ela.

Carlotta não tinha apetite, mas tomou, hesitante, alguns goles de vinho. Perto de Jerry, começou a retomar ao velho relacionamento, sentindo-se à vontade, até mesmo encantadora.

Desejava ir com ele para algum outro lugar.

— A propósito — disse Jerry. — Que faziam lá todos aqueles aparelhos? Tinham bastante fiação para construir um computador.

— Estavam fazendo medições.

Jerry ergueu a cabeça, os olhos faiscando — Carlotta não distinguiu se era divertimento ou raiva.

— Estavam medindo o quê?

— A casa.

— Ora, Carlotta: faça-lhe uma pergunta e você não me diz nada. Desde que voltei. Afinal, você me quer de volta ou não?

— Claro que o quero de volta — disse ela, debruçando-se e pousando a mão no braço dele.

O toque tornou-os repentinamente sóbrios.

— Então, diga-me o que eles estavam medindo — disse Jerry simplesmente.

— Têm uma teoria — respondeu Carlotta. — Existe na casa algo que não me deixa dormir.

Jerry tomou outro copo de vinho e serviu mais para ambos.

— Creio que parece razoável.

Jerry mastigava e engolia. Durante longo tempo nenhum dos dois falou. Carlotta recuperou o apetite. Sentia-se novamente parte do mundo ao qual pertenciam os outros fregueses do restaurante. Era uma mulher jantando com o amante. Escutaram a música suave e observaram o sol descer sobre o horizonte distante. Ela já não era um fenômeno. O circo terminara. Tentou não pensar nem mesmo na casa.

— Um reencontro meio maluco, não acha? — comentou Jerry, sorrindo.

Terminou o jantar e fez sinal para que Carlotta também terminasse de comer. O apetite dela voltava com mais intensidade. Carlotta sentia-se como se

tivesse recuperado o próprio apetite pela vida. Jerry acariciava-lhe a pele macia do antebraço e a pulseira balançava levemente acima da toalha branca.

— Sempre achei que só existe uma cura quando a gente não se sente bem — disse ele. — Quero dizer, não se sente bem aqui — no coração. É quando a gente gosta de uma pessoa e essa pessoa gosta da gente. Então, a gente é capaz de enfrentar tudo o que surge pela frente. Sem outra pessoa, a gente pode ser milionário e continuar infeliz.

Corou ligeiramente, acrescentando:

— Entende o que quero dizer, não é? Não acredito naquele tipo de médicos. Não me interprete mal. Se você não consegue dormir à noite e deseja consultá-los, tudo bem. Mas acredito que o mais importante seja o que acontece entre duas pessoas.

Carlotta sorriu, colocando a palma da mão no rosto dele.

— Vamos para casa — disse Jerry, baixinho.

Carlotta gelou.

— O que há?

— Tem tanta gente...

— Bem, a esta altura já devem ter ido embora.

— Às vezes, deixam o equipamento na casa.

— Que diferença faz?

— Não é muito romântico. Por que não voltamos ao motel à beira do oceano?

— Porque desejo acordar em nossa cama, com você.

Carlotta sorriu, hesitando.

— *Há* algo errado — murmurou Jerry.

— Não. Vou telefonar para casa e ver se todos já foram embora.

Ergueram-se da mesa. Carlotta telefonou para casa. Jerry começou a irritar-se novamente, mas não sabia a quem culpar.

Pensou nos jovens espalhados pela casa inteira. Por que lhe causavam

alarme? Por que ele sentia, até mesmo agora, que Carlotta lhe ocultava alguma coisa? Qual o motivo daquele telefonema? De repente, o relacionamento entre eles se enchia de tensões e mistérios. Que bela acolhida, refletiu ele, amargurado.

Terminou o vinho num só gole.

19

Carlotta segurou o braço de Jerry. Tinha medo da casa, estranhamente vazia agora que o pessoal se fora. Onde estava o seu exército? A noite era escura, sem lua. Billy estava na garagem; Carlotta ouviu o rádio dele. As meninas estavam na casa do vizinho, preparando-se para dormir. Tudo lhe pareceu muito familiar e hediondo.

— Seria muito melhor longe daqui — murmurou ela. Jerry esfregou o nariz em seu pescoço e beijou-a nos lábios.

— Trouxe uma coisa para você do Leste — sussurrou ele.

— O que é? — quis saber Carlotta.

— Você verá — replicou Jerry com um sorriso.

Dentro de casa, Jerry acendeu as luzes. Observou a desordem: pedaços de papel e folhas de anotações, pontas de fio, até mesmo alguns parafusos. Jerry abriu a janela e saboreou a brisa noturna que afastava as cortinas, soprando-lhe no rosto.

A vizinhança lá fora parecia muito tranquila, alguns retângulos de luz amarela dispersos aqui e acolá, visíveis através do véu escuro formado pelas folhagens dos arbustos. Tentou imaginar vagamente por que motivo as meninas passariam a noite com os vizinhos. Sua atenção foi atraída pelo distante ladrar de um cão.

Então, as luzes da rua aumentaram estranhamente, diminuíram e, afinal, voltaram ao normal. Que diabo estaria acontecendo?

— Oh, Jerry! — murmurou Carlotta. — É linda!

Segurava diante de si uma camisola de seda, com fitas negras entrelaçadas na frente e fina renda branca ao longo dos lados.

— Bem, espero que seja o tamanho certo — disse Jerry.

Carlotta sorriu para ele, beijando-lhe os lábios. Entretanto, tinha uma expressão vaga no olhar — ou melhor, parecia procurar alguma coisa, e não

ele. O ciúme começou a invadir Jerry como uma onda negra. Observou Carlotta quando esta comprimiu a seda contra o rosto, sentindo a maciez do tecido.

Repentinamente, ela dava a impressão de uma boneca, vazia e desprovida de sentimentos. Quem estaria manipulando os cordões?

— Talvez seja sofisticada demais — comentou Jerry.

— Não — replicou ela, rindo. — Vou me sentir muito bem nela.

— Pode trocá-la, se for o tamanho errado. Eles têm filiais...

— É perfeita, querido — interpôs Carlotta.

Jerry sentou-se no sofá, fitando-a nos olhos. O que vira neles tantos meses antes, como uma distante nuvem de tempestade, crescera muito. Passara a dominá-la. Jerry teve certeza disso.

Dominava-a por completo. Jerry refletiu que a estranha sensação que invade dois amantes que ficam separados por algum tempo jamais se dissiparia. Começou a sentir-se irritado, humilhado — e a solidão o envolveu, tão densa e infinita quanto a noite que baixara sobre a terra.

— Carlotta — murmurou ele, debruçando-se para ela.

Seus lábios se encontraram; os dela, macios mas ainda não aquecidos, comprimiram os dele. Só quando Jerry lhe correu a mão pela nuca, a princípio de leve e depois com progressiva firmeza, Carlotta prendeu a respiração e o abraçou com mais força.

— É tão bom ter você de volta — segredou ela.

Jerry sentiu-a estremecer em seus braços.

— É a última vez — declarou ele. — Recebi uma oferta concreta.

Carlotta não respondeu. Jerry não podia ver seu rosto, mas tentou adivinhar o que ela estaria pensando. Sentia-se desajeitado. Não imaginara que se sentiria inseguro dela quando voltasse para casa.

— Eu queria encontrar um lugar para morarmos em San Diego — disse. — Mas não tive tempo.

Carlotta murmurou algo inaudível, beijando-o repetidamente no pescoço. Jerry sentiu lágrimas nos olhos. Ele também estivera solitário demais. Agora, mal podia acreditar que ela estivesse de novo em seus braços.

— Poderemos escolher juntos — declarou com voz embargada. — Será melhor assim.

Carlotta apenas segredou com voz trêmula: — É isso que desejo, Jerry. Sim. Tão logo pudermos.

Agora, com o súbito calor que se estabelecera entre eles, a estranheza se dissipou por completo. Jerry sentiu-se invadido pelo calor do corpo de Carlotta. Por um instante, ficou quase tonto.

— Jerry, Jerry — disse ela, muito baixinho.

De longe, um homem chamava seu cão. O tráfego distante ecoava até a rua Kentner. Jerry fechou os olhos. Apenas Carlotta existia para ele. Sentiu-lhe o aroma delicado da pele, a mão macia na sua, desejando-a ali e naquele momento.

— Tenho um pouco de vinho — ofereceu ela com um sorriso.

Jerry segurou-lhe o rosto diante de si. O temor a abandonara e ela voltara a ser Carlotta — os olhos grandes e profundos no ambiente escuro, o rosto levemente corado, os cabelos caindo delicadamente na testa e pelas têmporas, as narinas dilatando-se ligeiramente quando ela respirava, sorrindo para ele.

— Não preciso de vinho.

— Não. Vamos tomar um pouco — contestou ela em tom brincalhão. — É para você. Para comemorarmos seu regresso ao lar.

Levantou-se e foi à geladeira. Jerry, da porta da cozinha, observava-lhe os movimentos ágeis e graciosos. Nenhum dos dois acendeu as luzes. Carlotta lutou com a rolha do vinho.

Foi uma acolhida e tanto — comentou ele despreocupadamente.

O rosto de Carlotta se anuviou por um instante, mas logo ela riu. Um riso forçado. Entregou a Jerry um copo que brilhava com o líquido transparente. Ergueram um brinde mútuo e beberam.

Jerry jamais a vira tão linda. Era algo novo. Ela parecia necessitar de alguém que a protegesse. Contra que, Jerry não sabia. Mas o fato o levava a encará-la sob uma luz diferente: Carlotta lhe parecia mais suave, menor, mais morena. Talvez fossem as sombras, ou o vinho, mas Jerry a desejava de imediato e viu o mesmo no olhar dela.

— Mais um copo — murmurou Carlotta.

Uma pequena pulseira pendia-lhe do pulso quando ela serviu mais bebida. Jerry ergueu o copo. Seus lábios tornaram a encontrar os dela, frios e molhados pelo vinho. Jerry arrepiou-se.

A escuridão se tomara loucamente sedutora, como uma suave presença que os envolvesse em seus infinitos mistérios.

Carlotta pegou-o pelo braço. Atravessando a sala, passaram pelos medidores de temperatura que se projetavam do armário de roupa de cama e mesa. Carlotta parou, levou os dedos aos lábios e depois voltou-se para encarar Jerry.

— Deixe-me experimentar isto — disse ela, segurando a camisola de encontro ao peito. — Depois, você pode entrar.

— Está bem.

Ela abriu a porta do quarto. Um momento depois, sua mão surgiu, segurando o roupão de banho de Jerry.

— Imagina de quem seja isto? — disse ele, sorrindo.

Carlotta piscou alegremente um olho para ele e desapareceu no interior do quarto.

Jerry estava no banheiro quando escutou uma voz que se mesclava ao som do rádio. Era Billy, recostado na bancada de trabalho, repetindo as palavras de uma canção. Jerry avistou a sombra de Billy debruçada sobre o torno. Franzindo a testa, fechou silenciosamente a janela. Não desejava que algo interferisse naquela noite. A voz de Billy sumiu no ar.

Carlotta gemeu baixinho. Soava como uma brincadeira de criança, uma espécie de gemido prolongado. Jerry vestiu o roupão e riu de leve.

Ela gemeu novamente.

— Carlotta, Carlotta — admoestou ele delicadamente.

Ajeitou o cabelo, fitou-se no espelho e lavou a boca.

Saiu para o corredor e apagou a luz do banheiro. Estava frio e ele ajeitou melhor o roupão nos ombros.

Carlotta tornou a gemer.

Jerry imitou o rugido de um tigre. Riu, tropeçando, tentando abrir caminho pelo corredor. Explodiu numa gargalhada ao enfiar acidentalmente a mão no armário de roupa de cama e mesa, encontrando um emaranhado de fios.

Quando chegou à porta do quarto, escutou Carlotta gemer mais uma vez. Não soava como brincadeira.

— Carlotta? — sussurrou ele.

A porta estava emperrada. Ele empurrou, ajudando com o peso do corpo, mas ela não se moveu. Jerry empurrou com mais força. Carlotta emitiu um gemido, baixo, prolongado, desesperado.

— Carlotta!

Jerry atirou-se contra a porta. Esta se escancarou, batendo na parede e voltando, atingindo-lhe o braço. No escuro, ele viu Carlotta nas sombras. Tinha o corpo arqueado. Jerry viu o brilho pálido dos lençóis separando-se das costas dela quando a pele macia se ergueu da cama e ela tornou a gemer.

— O que é, querida? — perguntou Jerry. — Está passando mal?

De repente, ela se debateu e ficou rígida. Então, seus quadris ondularam, revolvendo-se lentamente, as coxas nuas separadas.

— Oooooohhhhhh!

No escuro, Jerry divisava-lhe os contornos do corpo macio, os seios achatados como se alguém os apertasse, espremidos de encontro à parede torácica.

— Carlotta!

— Oh, Deus!

Ela gemeu, com um forte impulso do pélvis. E, contudo, não havia ninguém ali. O cérebro de Jerry explodiu em mil centelhas loucas, cada uma delas um pensamento que não conduzia a coisa alguma. Então, ele teve a impressão de ver nuvens que se formavam acima do armário. Julgou que fosse algum reflexo da vidraça. A mente pregava-lhe peças, refletiu. Compreendeu, com uma sensação horrível, que precisava tirá-la dali. Carlotta estava doente. Antes de mais nada, ele teria que levá-la para fora do quarto. Tropeçando no escuro, avançou até a cama e segurou o braço de Carlotta. Ela o afastou com um safanão violento.

— Oh! Oh! Oh! — gritou de repente.

Jerry recuou, esfregando os olhos: Carlotta estava sofrendo um ataque! Era isso! Ele já presenciara cenas semelhantes. Os movimentos que ela fazia com o abdome enjoavam Jerry. As coxas prendiam alguma coisa, puxando-a contra si, abrindo-se.

Será que ela o via? Carlotta arquejava, lutava, empurrava algo, debatia-se. Então a cama afundou-se sob seu peso — sob um peso muito maior que o dela. E as molas rangiam em ritmo acelerado.

— Oh, Jesus! — gemia Carlotta. — Jesus! Oh!

O cérebro de Jerry estava em fogo. Compreendeu que estava entrando em pânico. A luz da janela dava a impressão de pairar sobre o abdome e os flancos de Carlotta, transformando-se numa chama verde-azulada.

— Pare com isso! — berrou Jerry, tolamente. Absurdamente.

Com grande esforço, tentou aproximar-se de Carlotta, prender-lhes as pernas e os braços. Então, viu um forte relâmpago vermelho e amarelo. Caiu, atirado para trás por uma terrível pancada. O sangue lhe escorria pelo rosto, o olho direito dormente pelo impacto das unhas de Carlotta.

— *Pare com isso!* — gritou ele outra vez.

Agora, o brilho azul-esverdeado começou a formar uma bola que rolou de leve sobre Carlotta, assumindo uma coloração cada vez mais profunda, até que Jerry viu a mulher inteira iluminada por aquela luz hedionda. Através do único olho que ainda enxergava, teve a impressão de ver as nádegas contraindo-se e golpeando para frente, contraindo-se e golpeando, contraindo-se e golpeando...

Jerry tateou às cegas na escuridão, encontrou uma velha cadeira de madeira e a ergueu sobre a cabeça. Abateu-a com toda força sobre a nuvem que empurrava a cabeça de Carlotta para trás, contra o travesseiro — a mesma nuvem que obrigara Carlotta a abrir as pernas e lhe penetrara as entranhas.

Os pés da cadeira voaram em pedaços. Carlotta gritou.

Jerry viu sangue. Escorria em profusão, brotando da testa delicada de Carlotta, que estava encolhida sobre a cama. Os lençóis estavam tingidos de um vermelho brilhante. Jerry sentiu-se cego. O que o cegara? Nada mais fazia sentido. Ele ainda segurava os restos da cadeira, Percebeu que a luz

estava acesa.

— Filho da puta!

Voltando-se, Jerry viu Billy em pé na entrada do quarto. Os olhos do rapaz estavam apertados de ódio. Transfixado a princípio ao ver a mãe gemendo sobre os lençóis que se ensopavam de sangue, Billy olhou depois para Jerry, que usava um roupão manchado de sangue e ainda segurava a cadeira quebrada.

Seu imundo filho da puta! — berrou ele com voz esganiçada, atirando-se contra Jerry.

— Espere — disse Jerry, piscando, ainda confuso. — Eu não...

Mas o peso de Billy lhe bateu em pleno peito. Jerry perdeu o fôlego. Teve a vaga sensação de lençóis quentes cobrindo-lhe o rosto. Percebeu que os sons distantes que escutava eram os punhos de Billy acertando-lhe o peito, o rosto, a virilha, e que Carlotta, rolando desajeitadamente, caíra pela beira oposta da cama. Ela parara de gemer. Estava sentada no chão, segurando a cabeça, escorregando-se vagarosamente para o assoalho, cada vez mais calada.

— Por Deus... Billy!

O rosto de Jerry estava ferido e o sangue lhe corria do nariz, molhando o roupão. Golpeou cegamente com o punho forte e ouviu algo estalar no rosto de Billy. O rapaz foi atirado para trás, esbarrando na mesinha de cabeceira. O cinzeiro e o despertador voaram, espatifando-se na parede.

Jerry avançou, engatinhando, chorando. Carlotta jazia numa poça de sangue.

— Assassino! — berrou Billy, empregando todas as suas forças para golpear com o abajur.

Errou a cabeça de Jerry acertando-lhe o ombro. Jerry protegeu a cabeça com os braços. Queria levantar-se, fugir dali, trazer Carlotta de volta à vida. Teve vontade de morrer. Só desejava despertar daquele pesadelo. Mas tinha os pés embaraçados nos lençóis e o abajur acertou-lhe novamente o ombro. A base do abajur quebrou e cacos de esmalte choveram sobre a cama.

De repente, o forte estalo de uma bofetada.

— Jesus Cristo! — murmurou Jerry, o sangue e as lágrimas correndo, misturados, pelo rosto abaixo.

De algum modo, a cadeira quebrada caíra atrás da mesinha.

Billy tentava proteger o rosto contra uma pancada. Um policial surgira à porta. O que gritava ele? Quem estaria gritando? Jerry esforçou-se para não perder totalmente os sentidos. As meninas... as filhas... de pijama... e uma velha senhora...

— Carlotta! — gritou Jerry.

Um guarda tomava o pulso de Carlotta. Alguém agarrou o braço de Jerry, torcendo-o para trás. Ele ficou imobilizado pela dor.

— Não... não... — gaguejou. — Larguem-me!... Vocês não compreendem...

Sentiu algemas se fecharem em seus pulsos. Foi obrigado a 387

sentar-se na beirada da cama. Viu Billy sair do quarto com um guarda. Escutou as palavras “assassinato” e “matar”. Tentou erguer-se da cama, mas um guarda lhe bateu com o cassetete nas costelas e ele caiu, mais que sentou-se, no mesmo lugar.

— Só vai levantar-se quando eu mandar.

A voz ríspida e a luz forte trouxeram Jerry de volta à realidade. Onde estava Carlotta? Desaparecera, Só restava o sangue.

— Onde?

— Ela está no hospital. Bela tentativa, cara.

— Eu não...

— Alguém fez aquilo. Agora, cale a boca. Para seu próprio bem.

O segundo policial leu em voz alta os direitos constitucionais de Jerry. Indagou se este entendera.

— Onde está Carlotta? — replicou Jerry — Ela está bem?

Afinal, levantaram-no com um puxão. Empurraram-no, escoltando-o através da sala. Jerry viu a porta da frente arrombada. Lá fora, luzes vermelhas girando, uma multidão de curiosos...

Um velho encarquilhado, de cuecas e roupão, apontou para Jerry:

— É ele! O namorado dela!

Um guarda afastou o velho, com o braço esticado.

— Está bem, está bem. Telefonaremos para o senhor. Agora, volte para casa e trate de dormir.

Jerry, tropeçando às cegas, embarcou no carro da polícia, sacudindo a cabeça para livrar-se da confusão que lhe toldava o cérebro como um nevoeiro. Divisou vagamente os olhos que o fitavam através do vidro, como se ele fosse uma cobra peçonhenta. Então, perdeu os sentidos. Teve a impressão de escutar alguém dizer que Carlotta estava morta.

O Dr. Weber despertou de seus pensamentos. De chinelos, atravessou a sala e espiou pelo olho mágico da porta principal, vendo na escuridão um rosto delineado pela estranha luz da noite. O barulho dos grilos, lúgubre e esquisito, tornava ainda mais ominosa a noite. Sem uma palavra, o Dr. Weber abriu a porta.

— Sinto muito, mas... — disse Gary Sneidermann.

O Dr. Weber levou o dedo aos lábios, num sinal de que havia gente dormindo na casa. Foram rapidamente para o escritório e o Dr. Weber fechou as pesadas portas de madeira. Sneidermann parecia confuso, raivoso, tenso. Tinha os cabelos despenteados, o suor lhe brotava na testa e os olhos apresentavam uma expressão direta, violenta. Agora, tudo era silêncio, excetuando o leve silvo da lareira, cujo fogo lançava alternadamente reflexos vermelhos e amarelos sobre a fisionomia de Sneidermann.

— De que se trata, Gary?

— Da Sra. Moran.

O Dr. Weber gesticulou, indicando uma ampla poltrona de couro. Sneidermann sentou-se desajeitadamente. O Dr. Weber sentou-se em frente a ele, sentindo-se terrivelmente deprimido.

Perdera seu melhor residente, refletiu com seus botões.

Simplesmente isso.

— O que há com a Sra. Moran?

— Está na enfermaria de emergência. Inconsciente.

O Dr. Weber ergueu uma sobrancelha.

— Que aconteceu?

Sneidermann ergueu os olhos com uma expressão terrível, angustiada. Tinha os olhos vermelhos, cansados e úmidos.

— O namorado dela voltou. Bateu-lhe com uma cadeira na cabeça. Está preso, acusado de tentativa de homicídio.

O Dr. Weber fortificou-se com uma dose de conhaque.

— Isso não parece característica do Jerry de quem ouvimos falar.

Sneidermann engoliu em seco.

— Ele prestou depoimento à polícia. Alega que viu.

— Viu o quê?

Sneidermann desviou a cabeça. As chamas da lareira se refletiram em seus olhos amedrontados.

— Não sei... Viu a mesma coisa que Carlotta sempre vê.

Tentou acertar o agressor e, em vez disso, atingiu Carlotta.

Depois de falar, voltou a encarar o Dr. Weber, acrescentando: — Como foi possível acontecer isso, Dr. Weber? Jerry é uma pessoa estável.

O Dr. Weber sacudiu tristemente a cabeça.

— Ele é sugestionável, Gary. Como Billy e as meninas. Pegou a ideia de Carlotta.

Sneidermann afundou-se na poltrona, pensativo, repousando a cabeça no encosto.

— Não sei se ela está viva ou morta — declarou, fatigado.

O Dr. Weber pegou o telefone e discou um número.

— Emergência? Aqui é o Dr. Weber... Exato... Fred, aqui é Henry. Quando tiver o diagnóstico de Carlotta Moran... M-O-R-A-N... ligue para mim, por favor. É uma amiga pessoal. Fico-lhe muito grato.

Desligou. Sneidermann agradeceu com um meneio de cabeça e murmurou algo inaudível. Agora, não sabia o que dizer.

— Jerry era o único contato que ela mantinha com a realidade — comentou finalmente, desanimado.

O Dr. Weber procurou um charuto, não encontrou, e serviu-se de outra dose

de conhaque. Sneidermann travava uma luta interior contra algo — e estava perdendo.

— Jerry era o único futuro dela — aduziu Sneidermann, sem se dar conta da presença do Dr. Weber.

Endireitou-se abruptamente, fitando a lareira. Por um instante, o único som na sala veio das achas de lenha crepitando.

— A primeira coisa que precisamos fazer, Dr. Weber é castrar aqueles dois sujeitos.

— Eu lhe disse para não se envolver.

— Agora, é uma questão de vida ou morte, se já não for tarde demais.

— Mantenha-se fora disso.

Sneidermann voltou lentamente. De súbito, a mente fria e objetiva de seu supervisor parecia-lhe abominável e desumana.

Como era possível ser médico e não ter sentimentos?

— Não me mantereis fora do caso, Dr. Weber. Quero que aqueles dois caras sumam da vida dela.

O Dr. Weber fez uma pausa com o copo a caminho dos lábios. Fitou Sneidermann por um segundo e depois esvaziou o copo num só gole.

— Não vejo o que podemos fazer.

— Vamos procurar o reitor — declarou Sneidermann, decidido.

O Dr. Weber recolocou lentamente o copo sobre a mesa de carvalho a seu lado.

— Meu Deus, Gary... o que você sugere implica um mês inteiro de debates. Não faz ideia de como as coisas podem complicar-se.

Sneidermann debruçou-se, marcando cada palavra com a ponta do dedo batendo na mesa, fazendo balançar o conhaque na garrafa de cristal:

— O senhor tem que falar com o Departamento de Psicologia e obrigá-los a deter aqueles dois répteis asquerosos!

O Dr. Weber irritou-se com Sneidermann. Não gostava de ser pressionado — muito menos por um residente.

— Tudo por causa da Sra. Moran?

— Alguém tem que zelar por ela.

— Não precisa ser você, obrigatoriamente.

— Mas sou.

O Dr. Weber finalmente encontrou um charuto, acendendo-o com dedos trêmulos. Depois, fechou o isqueiro, tornando a guardá-lo no bolso. Sneidermann o encarava com firmeza.

— Está bem — disse o Dr. Weber. — Levarei o caso ao reitor.

Ele me deve um favor.

Sneidermann tornou a recostar-se na poltrona, sentindo uma onda de calor provocada pela vitória. Entretanto, naquela sala confortável e aquecida, começou a dar-se conta do quanto seu relacionamento com o supervisor se deteriorara. Olhou para o Dr. Weber. Estavam num impasse, ambos cheios de emoção, cada um estranhamente incapaz de dizer o que sentia.

— Sinto que as coisas tenham chegado a este ponto, Dr. Weber.

O Dr. Weber fez um gesto vago.

— Vamos tomar um conhaque, Gary. Não sejamos inimigos.

O Dr. Weber serviu a bebida da garrafa de cristal. O conhaque parecia brilhar ao cair nos copos, arder ao descer-lhes pelo esôfago, suavizando a situação. Nenhum dos dois falava. O silêncio era total, quebrado apenas pelo grande relógio de parede que marcava o passar dos segundos.

Então, Sneidermann fora apanhado, refletiu o Dr. Weber. Tão humano; tão profundamente humano. Não era uma máquina. O supervisor estudou o rosto bonito do residente. A vida estava apenas começando para ele e, no entanto, já o pegara de mau jeito.

Imagens do passado vieram à mente do Dr. Weber. Uma lareira — mas não como aquela — e uma sala cheia de desconhecidos. O saguão de um hotel de classe internacional em Chicago. Distintos congressistas e psiquiatras atravessavam os luxuosos tapetes, atendendo chamados dos mensageiros, e convidados vindos da Áustria entravam pela porta principal, sacudindo a neve dos ombros. E ele, ainda não formado, um mero acadêmico de

medicina, sentado, pensativo, em companhia de seu orientador, o Dr. Bascom.

O Dr. Bascom era um homem idoso, diretor do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Chicago. Weber fora o único estudante a ter permissão para assistir à conferência, mas não recebera convite para discutir as últimas notícias e relatórios do mundo psiquiátrico. Bascom tinha outras coisas a lhe dizer.

O Dr. Weber fitou um ponto além de Sneidermann, relembando aquele dia doloroso, já meio esquecido. O Dr. Bascom falara durante vários minutos antes que Weber captasse o objetivo visado. Ao compreender, ficou confuso. Depois, ofendido. Finalmente, envergonhado. O Dr. Bascom o aconselhava a deixar a faculdade. A tirar umas férias. Na Europa, se necessário fosse. E Weber, pensativo, fitara acabrunhadamente o fogo na lareira, quase da mesma maneira como Sneidermann o fazia agora, preocupado, o brilho das chamas refletindo-se em seu rosto.

Recordando-se. o Dr. Weber sentiu os olhos úmidos.

Blumberg. Bloomfeld. Não. Simplesmente Bloom. Uma garota judia. Malares altos, como alabastro, como uma escultura delicada. A longa tarde com a moça de pele transparente e olhos negros tão profundos, uma mente brilhante tão próxima à esquizofrenia. O Dr. Weber engoliu em seco e levou o copo de conhaque aos lábios.

O Dr. Bascom tinha razão. Henry Weber se envolvera. Algo mais estranho que ficção. Não amor, nem as tolices sentimentais que a gente lê nos romances. Era uma fixação, uma consciência de existência na qual ela ardia como uma estrela e ele, indefeso, tornara-se um planeta giratório, em órbita permanente em torno dela. Não obstante, ele jamais a tocara. Por quase um ano sua carreira no interior do brilhante círculo de ansiedade e terror, com os profundos olhos negros implorando-lhe ajuda, aproximando-se cada vez mais, como uma mariposa atraída pela chama, até que o velho descobrira o que estava ocorrendo.

O Dr. Weber assoou de leve o nariz num lenço. Jamais vira uma moça tão linda, antes ou depois dela. Gostaria de ter passado com ela o resto de sua vida. Uma paciente psiquiátrica é um ser humano — mas de categoria diferente. O Dr. Bascom esboçara uma escolha muito nítida: ou uma carreira na psiquiatria, ou o resto da vida com a paciente. Naturalmente, não havia

alternativa. Duas semanas depois, o Dr. Weber partira para a Europa, Demorou-se seis meses. Quando regressou, descobriu que ela fora internada no asilo de Wingdale, em Nova York.

Muitos anos depois, sentiu-se tentado a ir visitá-la, mas...

— Rachel — murmurou o Dr. Weber. — Era o seu nome...

— Perdão, senhor? — disse Sneidermann.

— Perdão?... Oh... nada... Apenas um caso que me lembrou Carlotta.

O telefone tocou.

— Sim?... Exato. Compreendo... Não; confio em você. Estou certo de que tem razão... Naturalmente... Obrigado, Fred. Foi muita bondade sua.

Desligou, informando:

— Fratura, uma fissura. Algumas farpas da cadeira fincadas no couro cabeludo. Concussão cerebral. Nenhum dano ao cérebro, nenhum coágulo. Condição estável.

Sneidermann não conseguiu falar. Tinha os olhos inesperadamente marejados. Talvez fosse a hora avançada, a fadiga de esperar por alguma boa notícia, ou apenas a turbulência daquela noite.

— Bem — disse, afinal, com voz pastosa. — Ela teve sorte.

O Dr. Weber terminou seu conhaque e ofereceu mais a Sneidermann, que recusou com um meneio de cabeça.

— Muito obrigado, Dr. Weber. Sinceramente.

— Mas você não seguirá meu conselho?

— Não.

O Dr. Weber viu o fogo sombrio no olhar de Sneidermann.

Tão humano, refletiu tristemente. Apanhado pelo coração e não pela cabeça. Seus sentimentos por Sneidermann foram dominados por uma onda de simpatia e compreensão.

— Bem, quem sabe? — disse o Dr. Weber, pondo-se de pé. — Talvez seja interessante. Há trinta anos atrás, eu costumava ser um radical. Vai ser como nos velhos tempos, criar casos com os reitores.

20

No hospital, Carlotta abriu os olhos. O teto branco ondulava acima dela. Vozes fluíam no ar. Luzes estranhas se acendiam e apagavam. Ela teve a impressão de ver Joe Mehan debruçar-se sobre a cama.

— Sra. Moran?

Carlotta moveu os lábios, mas não emitiu som. Mehan aproximou-se da cama e, após breve hesitação, puxou uma cadeira e sentou-se.

— Só me permitiram ficar cinco minutos — murmurou.

Carlotta fitou-o cautelosamente. Mehan parou de balançar diante de seus olhos. Estava bem vestido, parecendo muito compacto, elegante. Carlotta tentou falar mas tinha a língua inchada, como se a boca estivesse cheia de lã.

— Jerry — sussurrou ela.

Mehan engoliu em seco.

— Está preso — informou.

— Jerry — repetiu ela.

Vagas imagens, lembranças esparsas tornaram-se mais claras. Jerry, envolto numa névoa verde, levantando a cadeira.

— Onde está Jerry?

— Foi preso — respondeu Mehan. — Tentativa de homicídio.

Carlotta afundou-se outra vez no travesseiro. Mehan fitava-lhe os olhos. Nunca antes os vira tão negros, arregalados por um pavor cuja causa ele nem podia imaginar.

— Sra. Moran — murmurou. — O que aconteceu?

Carlotta virou-se, encarando-o com olhos enevoados.

— Preciso saber o que aconteceu — insistiu suavemente Mehan. — Se foi algo relacionado com...

Carlotta virou o rosto para o outro lado, afastando-se, mergulhando lentamente no sono.

— Sra. Moran?

Mehan debruçou-se sobre a cama. O rosto de Carlotta parecia mais branco que o lençol e as luzes distantes que brilhavam sobre o console de aparelhos médicos.

— Jerry — balbuciou ela, acrescentando algo ininteligível.

— O quê? — respondeu Mehan.

— Tire *ele* daqui! Socorro, Jerry! Acuda-me!

Carlotta mergulhava cada vez mais no sono, por entre *flashes* e imagens desconexas, gritos imaginários de terror.

— Tire *ele* daqui, Jerry — soluçou, engasgada. — *Ele* vai me matar...

Mehan debruçou-se ainda mais, até sentir o calor do rosto de Carlotta e ver as gotículas de suor em seu lábio superior. Os olhos negros da mulher tinham a expressão vaga e distante que indicava o paulatino afastamento da consciência e realidade.

— Quem? — perguntou Mehan, hesitante e amedrontado. — Tirar quem?

— *Ele* vai me matar. *Ele...* vai... me...

Carlotta ficou inconsciente. Os olhos permaneceram abertos, fixando inconscientemente uma imagem de horror. Sua expressão parecia refletir essa imagem. Mehan observou as pálpebras tremerem, as pupilas rolarem juntas, até que ela adormeceu. Ficou imóvel, olhando para Carlotta, temeroso de tocá-la e, ao mesmo tempo, desejoso de acordá-la.

Afinal, voltou-se. Uma enfermeira estava de pé junto à porta.

— Ela está dormindo, Sr. Mehan — declarou. — Acho melhor retirar-se.

— O quê?... Oh, sim. É claro.

Mehan parou na entrada da enfermaria de emergência.

Carlotta dormia profundamente, imóvel, o rosto parecendo de cera — uma delicada escultura branca, — Há telefone neste andar? — perguntou ele à enfermeira.

— No final do corredor.

Olhando para o corredor, Mehan reconheceu uma figura alta, trajando jaleco branco de médico, que se aproximava rapidamente: Sneidermann.

— Lá está ele — disse Sneidermann, falando sozinho.

Mehan não gostou da maneira como Sneidermann se aproximava — andando muito depressa, uma expressão estranha no rosto. Mehan catou algumas moedas no bolso e entrou apressadamente num nicho próximo aos elevadores.

— Um momento, amigo — disse Sneidermann.

Mehan, sentindo-se agarrado pelo braço, virou-se e deparou com um par de olhos malévolos.

— Que diabo está fazendo aqui? — quis saber Sneidermann.

— Vim aqui visitar minha amiga.

Sneidermann torceu o colarinho de Mehan até apertar-lhe o pescoço. Estavam sozinhos no nicho da cabine telefônica.

— Veio aqui terminar o serviço? — sibilou Sneidermann. — Não é isso?

— Você está louco — balbuciou Mehan, o melhor que conseguiu. — Quer que eu grite por socorro?

Sneidermann relaxou lentamente o aperto no pescoço de Mehan, fitando-o bem nos olhos.

— Sabe que vocês quase a mataram? — perguntou em voz rouca. — Vocês e suas caixinhas mágicas, fios, interruptores e não sei o que mais. Vocês confirmaram uma ilusão psicótica!

— Não fizemos tal coisa! — protestou Mehan, tentando libertar-se.

— Ouça, idiota! — rosnou Sneidermann, furioso. — Quando um paciente é sugestível, não se deve alimentar ideias tolas! Ele acredita em tudo! E fará com que todos os que a cercam também acreditem! Carlotta fez com que o namorado acreditasse. Você e suas malditas aparições, espectros estupradores...

— Espectros o quê? — perguntou Mehan boquiaberto.

— A vida é real, seu imbecil! — berrou Sneidermann, aproximando-se tanto

que Mehan lhe sentiu o calor do hálito. — Não permitirei que...

— Espectro *o quê?* — sussurrou outra vez Mehan, li-berdando-se de Sneidermann e recuando.

Percebeu que seria inútil tentar conversar com o residente — o homem estava histérico. Mehan precisava chegar ao telefone.

Vários médicos saltaram do elevador. Mehan aproveitou a oportunidade para misturar-se a eles no corredor principal.

Sneidermann, frustrado, acompanhou-lhe os passos.

— Vou processá-lo por isso — declarou o psiquiatra.

— Como quiser.

— E seu colega também.

— Estamos às ordens.

— E aquela bruxa que orienta vocês.

Duas enfermeiras passaram entre eles. Sneidermann teve que apressar o passo para emparelhar-se de novo com Mehan.

— Farei tudo que precisar para manter vocês longe dela! — berrou Sneidermann.

Desacostumado a confrontos violentos, Mehan estremeceu ligeiramente e apressou-se na direção da cabine telefônica na outra extremidade do corredor. Sentia uma estranha euforia, como se estivesse à beira de uma nova e espantosa descoberta.

Sneidermann parou quando Mehan entrou na cabine e fechou a porta.

Mehan debruçou-se para o aparelho, a fim de ocultar o rosto da visão de Sneidermann, que permanecia desajeitadamente parado no corredor a observá-lo com olhos fuzilantes.

— Gene — segredou Mehan. — Estou no hospital. Ela está passando bem. Entretanto, ouça...

Mehan virou-se e avistou Sneidermann que se afastava amuadamente pelo corredor. Então, arfante de excitação, perguntou a Kraft:

— Você acreditaria em espectro estuprador?

Kraft caminhou energicamente pelos corredores do Forum Criminal. Quanto mais ele penetrava no enorme edifício, mais os sons ecoavam de forma estranha. Então, chegando a uma enorme escada de madeira, subiu correndo os degraus. Chegou a um pavimento no qual vários homens atarracados, vestindo ternos, observaram desconfiadamente sua aproximação. O local era silencioso e escuro; uma lúgubre sensação de perigo e tensão pairava palpavelmente na atmosfera limitada por paredes rachadas e o teto sujo.

O sargento de plantão na recepção encaminhou Kraft à sala 135 e ele bateu, hesitante.

— Entre — disse uma voz ríspida, cansada.

Kraft deu-se conta de que seria obrigado a tomar coragem para fazer aquele contato. Sentia-se surpreendentemente fatigado e nervoso. Libertando-se a custo das dúvidas e ansiedades, leu o nome na porta — Matthew Hampton, Defensor Público — e entrou, analisando com o olhar o homem que estava sentado à mesa.

Hampton estava acendendo um charuto amassado. Era prematuramente calvo, um pouco barrigudo, com um rosto chato e esquisitamente agradável, uma fisionomia disciplinada e cínica. Olhava friamente para Kraft.

— Sim? — disse em voz baixa, quase irônica.

Kraft deu-se conta de que permanecera absurdamente parado à porta, com a mão na maçaneta. Fechou-a atrás de si.

— Meu nome é Eugene Kraft e eu...

— Sente-se, Sr. Kraft. Que posso fazer para ajudá-lo?

Hampton falava no tom neutro e compreensivo de alguém que passara a maior parte da vida profissional vendo miséria e violência. Kraft resolveu confiar nele, abordá-lo enérgica e precisamente, da maneira como deve funcionar uma mente especializada em assuntos legais.

— O senhor está encarregado de defender um determinado réu — declarou Kraft. — Eu gostaria de ter uma entrevista com ele.

— É possível providenciar — disse Hampton: — Quem é o réu?

— Rodriguez.

— O caso de agressão?

— Sim, senhor.

— Ele foi fichado por tentativa de homicídio, Sr. Kraft. Ninguém pode visitá-lo, exceto membros da família. O senhor é parente dele?

Kraft cruzou as pernas, sentindo-se enérgico, decidido a levar de vencida a oposição que encontrasse pela frente, — Não, mas é muito importante que eu converse com ele — declarou.

Hampton limitou-se a erguer de leve uma sobrancelha, numa expressão irônica.

— Tenho informações de que ele necessita — tentou Kraft, mais uma vez. — E ele possui informações das quais eu preciso.

Hampton estendeu pela segunda vez a mão para o isqueiro.

Ao brilho da chama, seu rosto parecia velho e pesado, embora ele não devesse ter mais que cinquenta anos de idade. Kraft imaginou se algum dia aquele homem sonhara em ter um escritório com várias salas no centro da cidade, com poltronas estofadas de couro e secretárias especializadas em Direito.

— Tudo terá que passar por mim — disse Hampton, soprando uma densa nuvem de fumaça para o ar escuro acima do abajur. — Se o senhor tem um recado, eu o transmitirei.

Desconcertado, Kraft encontrou dificuldades em abordar seu objetivo com relação a Rodriguez.

— Permita-me apresentar-me de modo mais formal — disse ele, abrindo a carteira. — Sou assistente de pesquisas na Universidade da Costa Oeste.

Hampton lançou um rápido olhar ao cartão de identificação pessoal exibido por Kraft.

— Psicologia — comentou.

— Estou investigando a casa na qual ocorreu a agressão — começou nervosamente Kraft.

— Investigando? — repetiu Hampton, carrancudo.

— Não no sentido policial — explicou Kraft depressa. — Outros eventos lá ocorreram.

— Tais como?

— O senhor já ouviu falar em *poltergeist*?

— Não. De que se trata — algum tipo de doença?

Kraft mexeu-se na cadeira, compreendendo que Hampton esperava que ele fosse rapidamente ao que interessava; que o advogado tinha muitos casos para defender; que era um homem que trabalhava muito e ganhava uma ninharia.

— Objetos movimentavam-se no interior da casa — disse Kraft. — Sem interferência humana. Também havia odores. E foram descobertas algumas nuvens, especialmente à noite, que se dissolvem e lançam rastros luminosos frios.

— Não diga... — disse Hampton, observando Kraft com mais atenção.

— Certas indicações levaram-nos à tese de que devia existir algo mais que isso. Com base nas declarações de várias testemunhas oculares, fomos levados a crer que a Sra. Moran estava aterrorizada por alguma outra coisa.

Hampton recostou-se na poltrona. A escuridão cobriu-lhe a metade superior do rosto, de modo que seus olhos brilhavam como dois pontos luminosos. Observava Kraft cautelosamente, como se aquilatasse sua estabilidade mental.

— Aterrorizada por quê?

— É sobre isso que preciso conversar com o Sr. Rodriguez.

Hampton sacudiu vagarosamente a cabeça, ainda observando Kraft.

— Impossível.

— Preciso verificar...

— Suas necessidades nada importam, Sr. Kraft. Não aqui.

Kraft imobilizou-se na cadeira, tentando arquitetar uma estratégia, mas viu-se num beco sem saída.

— Estou tentando *ajudar* o Sr. Rodriguez — implorou ele.

Hampton apontou para uma pasta sobre um canto da mesa.

Na lombada da pasta o nome de Rodriguez fora escrito com grossas letras de tinta preta.

— Não se preocupe com Rodriguez. Nenhum júri do mundo mandaria aquele homem para a cadeia — declarou Hampton. — Não depois que seu depoimento for lido no tribunal.

Kraft sentiu repentinamente a boca seca e o rosto quente.

— É isso aí? — perguntou, olhando para a pasta sobre a mesa.

Hampton pegou a pasta, abriu-a e colocou-a sob a luz. Kraft viu uma série de páginas datilografadas, cópias feitas com carbono ordinário. Hampton correu os olhos por uma das laudas.

— Um caso nítido de insanidade mental, Sr. Kraft — murmurou ele, jogando a pilha de laudas por cima da mesa.

Kraft começou a ler o depoimento e, por um momento, ficou angustiado. As declarações de Rodriguez pareciam as alegações confusas de qualquer sujeito preso às três horas da manhã com as mãos e a camisa sujas de sangue.

Então, Kraft localizou trechos que lhe trouxeram um largo sorriso aos lábios, fazendo-o recobrar a confiança.

“... vi que... seus seios estavam sendo espremidos, apertados, por dedos... Só não conseguia ver os dedos...”

... Então, vi as pernas dela se afastarem, forçadas a abrir-se... e ela começou a gritar... mantendo-se o tempo todo agarrada... segurando... alguém ou... alguma coisa...

... de repente... vi-me junto da cama... Aí... fui até lá com a cadeira e golpeei... Eu tinha que tirar aquela coisa em cima de Carlotta... tinha que salvá-la...

... Não quis machucar Carlotta, mas aquela coisa que estava em cima dela, esmagando, apertando... trepando... fodendo Carlotta...

... Eu vi alguma coisa. Pelo menos, vi alguma coisa que Carlotta estava sentindo. Alguma coisa em cima dela. Não consegui ver com os olhos, mas havia alguma coisa ali.”

Kraft sentia a cabeça girar.

— Posso conseguir uma cópia deste depoimento?

Hampton pegou as laudas de volta e sacudiu lentamente a cabeça.

— São documentos sigilosos até o julgamento.

— E depois disso?

— Públicos.

— Muito obrigado, Sr. Hampton — disse Kraft, erguendo-se.

— Alegro-me por saber que o caso de meu amigo está em suas mãos.

— Farei o melhor possível, Sr. Kraft — disse Hampton, apertando a mão de Kraft com naturalidade.

Kraft, com a testa úmida de suor, dirigiu-se à porta. Fez um último cumprimento com a cabeça e saiu. Hampton olhou a porta que se fechava.

Algo naquele jovem o perturbava.

Provavelmente, era tão louco quanto Rodriguez.

Andando pelo comprido corredor, Kraft enxugou a testa. O advogado confirmara o que Mehan sussurrara, amedrontado, ao telefone. Repentinamente, as dimensões do projeto se haviam expandido — como paredes desmoronando — numa infinidade de conceitos perigosos. Pior que isso: vidas humanas estavam em jogo.

— Estupro espectral — murmurou Kraft.

O azul cinzento do céu se transformava em longas faixas de cor magenta. A Dra. Cooley serviu café a Kraft e Mehan em canecas de cerâmica. Kraft olhou pela janela do apartamento da Dra. Cooley como se pudesse adivinhar na mudança atmosférica algum tipo de indicio da direção a ser tomada.

— Cinco pessoas diferentes relataram o fato, Dra. Cooley — disse Mehan, esticando o braço para pegar um pastel na travessa.

— Seria o mesmo que fecharmos os olhos, ignorarmos a realidade e ficarmos sentados à espera de que os instrumentos registrem sinais de atividades RSPK.

Kraft e Mehan aguardaram a decisão da Dra. Cooley. Mesmo para esta, foi um silêncio prolongado. Parecia irritada, talvez por ver-se colocada na berlinda. Os dois jovens imaginaram se ela estaria matutando sobre considerações externas. A doutora adicionou creme ao café e, mexendo-o, olhava também pela janela.

— Já tive casos em que mulheres foram beliscadas e apalpadas de modo brincalhão — disse ela. — Mas nada como isto. Oh, existem na literatura casos de mulheres e também de homens que foram estuprados por espíritos. Os termos *incubus* e *succubus* vem de longa data. Infelizmente, porém, nada disso foi documentado.

O olhos de Kraft brilhavam novamente, mas ele controlou a voz. A Dra. Cooley preferia dignidade, cálculo e ceticismo à excitação desabrida. Não obstante, o tom de Kraft não ocultava uma extrema exuberância:

— Estupro espectral — repetiu ele.

A sala aquietou-se, silenciosa como um túmulo. A Dra. Cooley suspirou. Até que ponto deveria restringir a imaginação de seus alunos? Até que ponto eles necessitavam de liberdade para descobrir os fatos? Era um dilema ao qual nenhum professor escapava, especialmente numa ciência nova, onde os parâmetros são demolidos por todos os lados e as fronteiras se expandem como um panorama infinito em todas as direções.

— Algum de vocês tem realmente ideia daquilo em que estão se metendo? — indagou ela.

Kraft e Mehan se entreolharam. Era uma questão que ainda não tinham levado em consideração.

— Vocês não necessitam de fantasmas — prosseguiu a Dra. Cooley, quase como se estivesse falando distraidamente. — Suas carreiras funcionarão perfeitamente sem eles.

— Não se trata de nossas carreiras — protestou Mehan.

Outro longo silêncio reinou na sala. Kraft examinou a pequena mas bem arrumada sala de visitas da Dra. Cooley. Era a primeira vez que fora convidado ao apartamento. Surpreso, reparou que havia muitos livros sobre teatro e belas-artes.

— Será, antes que tudo isto termine — declarou a Dra. Cooley.

Mehan sacudiu os ombros.

— Não creio que seja a questão mais importante no momento. Estamos diante de algo espantoso... algo que poderá abalar o mundo...

— Não seja romântico — aconselhou a professora. — Vocês não são invulneráveis. Ninguém o foi, até hoje.

— Estamos bastante decididos a respeito do caso, Dra. Cooley — disse Kraft. — Portanto, penso que o melhor procedimento será delinear o modo de partirmos para a etapa seguinte.

Mas a Dra. Cooley já estava pensando em outra coisa. Se o projeto se expandisse para áreas consideradas escandalosas pelas autoridades políticas e financeiras da universidade, a divisão de parapsicologia atrairia insultos e acusações como um pára-raios atrai as faíscas elétricas da atmosfera.

— Poderíamos prosseguir fora do nosso departamento — disse Mehan suavemente, antecipando-se aos argumentos dela.

— Talvez — replicou a Dra. Cooley. — É provável que possamos dar um jeito. Um estudo independente de pós-graduação. Algum detalhe técnico para manter o projeto fora do controle da universidade, se necessário.

Kraft observava o céu matinal tornar-se alaranjado. Havia no espetáculo algo fresco, espantoso, até mesmo perigoso — como se ele estivesse presenciando a primeira aurora num planeta desconhecido e ainda nem batizado.

— Uma inteligência extraterrena — disse calculadamente a Dra. Cooley, afastando decididamente o ceticismo e encarando de frente o problema. — Uma entidade desencarnada.

Durante as quatro horas seguintes, a conversa girou em torno do fenômeno que abusava de Carlotta e apresentava uma personalidade rudimentar. Parecia existir, assim como existem uma cadeira ou uma mesa, mas de um modo diferente, incorpóreo — o modo abstrato pelo qual existe um pensamento.

O que tornava ímpar aquele ente psíquico, além de sua vivacidade, era a extraordinária energia que o acompanhava.

Segundo as declarações no depoimento de Jerry Rodriguez, a realidade do

estranho ser difundida-se com a força de um furacão raivoso.

Sua fonte poderia estar em duas regiões. Talvez residisse nas zonas intensas e incrivelmente reprimidas do inconsciente humano. O inconsciente, distorcido e obscurecido pelas pressões emocionais da vida, era capaz de tornar-se um violento gerador de sonhos, alucinações e ilusões, bem como de projetar entidades psíquicas. A Dra. Cooley analisava a ideia de que, por algum modo, possível mente em coalisão psíquica com alguém, projetava inconsciente e inadvertidamente a entidade violenta e autodestruidora que a humilhava — contra sua vontade consciente.

Todavia, nas derradeiras etapas da discussão, após inúmeras canecas de café, depois de rever cartas e boletins dos centros parapsicológicos dos Estados Unidos, Canadá e Europa Ocidental, a Dra. Cooley tendia a afastar-se cada vez mais de tal teoria.

Horas antes do alvorecer, disse a Kraft e Mehan: — Sempre foi minha crença que há um plano de existência, ou talvez vários planos distintos e separados, mas apenas num deles nós, como seres humanos, existimos.

— Então, a entidade é independente da Sra. Moran — disse Kraft.

— É possível.

— Nesse caso, de onde vem ela?

— De onde vêm as estrelas? De onde vem a vida? Mais cedo ou mais tarde, o problema da origem termina em mistério.

Mehan esfregou os olhos avermelhados, sorriu fadigadamente e suspirou.

— Já foram chamados por muitos nomes: demônios, fantasmas, espíritos, aparições...

A Dra. Cooley sorriu.

— Vamos concordar num termo correto? — sugeriu.

— Entidade desencarnada. Creio que a sua definição é a mais adequada. Um ente que existe — sem corpo físico...

O sol começou a iluminar o céu no leste.

— Entidade desencarnada — repetiu Kraft baixinho.

Era quase como se estivesse falando com a entidade, implorando-lhe que se apresentasse, envolvendo-se uma única vez crucial na luz impiedosa da

realidade científica.

— Como chegaremos a ela? — quis saber a Dra. Cooley.

Pairou na sala um silêncio carregado e persistente. A Dra.

Cooley esquentou mais café. Kraft esfregou os olhos, confuso.

— Atraindo-a. de algum modo — especulou ele. — Encontrando um meio de trazê-la a uma situação cientificamente controlada e, depois, examinando-a.

— Vocês precisarão de mais meios de controle que os disponíveis na casa da família Moran. — objetou a Dra. Cooley.

— Terão que controlar o meio-ambiente — todas as variáveis físicas conhecidas.

Kraft tamborilou na mesa com os dedos.

— Existe uma dificuldade — aduziu a Dra. Cooley. — Não há nada na literatura que sirva para prepará-los. Ninguém tentou isso antes.

Mehan fechou os olhos, parecendo adormecer. Então, disse: — Gene, o que temos a fazer é arquitetar uma maneira de controlar o meio-ambiente da residência dos Moran, em torno da Sra. Moran, de forma a podermos atrair a entidade.

— Fazem ideia da soma necessária? — indagou suavemente a Dra. Cooley.

Pensar em como reunir os equipamentos adequados e nas despesas que isso implicaria levou-os a um beco sem saída.

— Bem — disse a Dra. Cooley, hesitante. — Existe a Fundação Roger Banham. Solicitaremos uma verba especial de pesquisa.

Kraft e Mehan olharam para a professora, que se mostrava disposta a colocar o pescoço na guilhotina por eles. O respeito brilhava nos olhares de ambos.

Kraft, Mehan e a Dra. Cooley reuniram-se pela segunda vez naquela mesma manhã. Permaneceram no gabinete da professora durante duas horas antes de se apresentarem ao Reitor Osborne.

O memorando do reitor dizia apenas

que fora convocada uma reunião da faculdade de medicina para solucionar

um problema administrativo. Entretanto, a Dra. Cooley sabia muito bem que não se marcavam reuniões para o mesmo dia da emissão do memorando de convocação, a menos que se tratasse de um problema crucial.

— Vão cair sobre nós como feras — comentou ela.

— É aquele maldito residente — resmungou Mehan. — Ele está por detrás disso.

— Que vamos fazer? — indagou Kraft.

— Aceitaremos o mínimo necessário. Depende deles, porém.

— Que quer dizer com isso?

— Eles farão uma investigação para verificar se fizemos alguma coisa fora da ética profissional. Pelo menos, é o que deveriam fazer se pretendem ser justos. Na pior das hipóteses, simplesmente cancelarão o projeto.

— Não podem cancelar um projeto — protestou Kraft. — A jurisdição pertence à senhora.

— Haveria uma ameaça insinuada — replicou a Dra. Cooley.

— Ou nós cancelamos o projeto, ou eles cancelam todo e qualquer apoio à nossa divisão.

— Uma campainha soou à distância. Olharam para o relógio: dez e meia. Tinham quinze minutos até o início da reunião com o reitor.

Kraft e Mehan, ambos nervosos, traziam consigo todas as suas fotografias, gráficos e minutas de artigos que pretendiam publicar em revistas científicas. Tentaram afiar seus argumentos, a fim de poderem explicar ao reitor e à Faculdade de Medicina a natureza do projeto e, em particular, o significado de uma entidade desencarnada. Em vez de se colocarem na defensiva, tinham chegando à conclusão de que o melhor seria atacar.

À mesa redonda sentavam-se o Dr. Morris Halpern, diretor da Faculdade de Medicina, o Dr. Henry Weber e Gary Sneidermann, que tamborilava nervosamente os dedos sobre uma pilha de pastas à sua frente. Kraft percebeu que Sneidermann também se preparara para defender seu ponto de vista. Mehan também notou o fato. Ambos se deram conta de que não seria uma mera apresentação de suas teorias. A Dra. Cooley aconselhara-os a permanecerem calmos e controlados, não se mostrando agressivos. Ela não confiava na posição da Faculdade de Medicina que, normalmente, tomaria seu partido.

O Reitor Osborne era um homem ligeiramente obeso, que detestava conflitos. Na verdade, desejava poder estar bem longe dali. Ademais, conhecia o Dr. Halpern muito bem. O diretor da Faculdade de Medicina era um competidor ferrenho, sem a delicadeza dos que lidavam com as ciências humanas. Em comparação com Osborne, Halpern era um corretor de autoridade. A carreira de Osborne baseava-se em sua capacidade de agradar a todos. Agora, as palmas de suas mãos suavam frio.

— Sinto que o diretor do Departamento de Psicologia estivesse impedido de comparecer a esta reunião — começou Osborne. — O Dr. Gordon comunicou que já estava comprometido para uma conferência e nos enviou suas escusas.

O Dr. Weber calculou que o verdadeiro motivo da ausência de Gordon era evitar envolver-se numa guerra mutuamente destrutiva como aquela — o que deixava a Dra. Cooley sozinha, sem um bote salva-vidas. Todavia, Weber sabia que o Reitor Osborne era um pacifista profissional, um acomodador

que precisava ser vigiado com grande atenção.

— Reunimo-nos hoje para solucionar um pequeno problema — continuou Osborne. — Trata-se de uma superposição entre dois departamentos, representados aqui, de um lado, pelo Dr. Weber e, de outro, pela Dra. Cooley. Suponho que devamos ir direto ao assunto.

Virou-se para o Dr. Weber, que falou num tom controlado: — Temos sob nossa jurisdição o caso de uma mulher que vem sofrendo alucinações e grave ansiedade. Foi diagnosticada por nós como neurótica histérica até que constatamos uma rápida deterioração de suas defesas e, agora, chegamos à conclusão de que o diagnóstico indicado é esquizofrenia. Ela sofre não só de ilusões visuais e auditivas, mas seu corpo apresenta cortes e equimoses resultantes de grave comportamento psicótico. Recomendamos enfaticamente internação hospitalar e ela interrompeu bruscamente a terapia.

O Dr. Weber fez uma pausa. Percebeu que os dois estudantes sentados à sua frente, para os quais não havia olhado até o momento, mexiam-se inquietos em suas poltronas.

— O residente encarregado do caso visitou a paciente na residência desta e verificou que os dois estudantes indicados em sua pasta, Reitor Osborne, haviam-se instalado na casa da paciente com uma grande variedade de aparelhos e gráficos cujo objetivo era conseguir medidas físicas das alucinações.

O Dr. Halpern desviou o rosto para o lado, tentando disfarçar um sorriso.

— Bem, Reitor Osborne, compreenda exatamente o que estamos dizendo — prosseguiu o Dr. Weber em tom persistente.

— Não estamos questionando a validade da experiência dos referidos estudantes ou o seu direito de efetuar estudos sob a supervisão do departamento a que pertencem. Entretanto, o que ocorreu — e é sobre essa questão que a universidade deve tomar uma decisão com a maior rapidez possível — é que, alimentando desse modo a ilusão da paciente, eles lhe reforçaram a convicção de uma maneira que lhe é profundamente prejudicial.

— Pior que isso — murmurou Sneidermann.

— Um momento, Gary — interrompeu o Dr. Weber.

Em seguida, o Dr. Weber curvou-se sobre a mesa, falando com a autoridade

de sua experiência médica, fitando diretamente os olhos de Osborne, que vacilava.

— Por causa desses dois experimentadores, a ilusão fixou-se de tal modo na mente da Sra. Moran que se estendeu ao namorado dela. Na última sexta-feira, ele a agrediu na cabeça, julgando que golpeava a alucinação no quarto escuro.

Osborne engoliu em seco.

— A universidade não é responsável por isso — declarou.

— A questão não é essa, Reitor Osborne — replicou o Dr. Weber. — A paciente quase morreu. Não quero que meus pacientes sejam brutalizados!

O Dr. Weber continuou debruçado, falando diretamente a Osborne.

— Fantasias *foram* alimentadas por dois estudantes que não possuem o mais ínfimo conhecimento de psiquiatria ou mesmo de psicologia clínica — declarou ele enérgicamente. — Eu simplesmente sou obrigado a exigir que sejam tomadas medidas restritivas contra eles.

Osborne percebeu que o Dr. Weber terminara. Mexeu-se desconfortavelmente na poltrona.

— Dr. Halpern, mais alguma coisa? — indagou.

— Frank, quando um médico tem responsabilidade médica por um paciente, é seu dever agir da mesma forma que outros médicos de formação e especialização semelhantes agiriam para com aquele paciente. Do contrário, está sujeito a ser acusado de imperícia ou negligência no exercício da medicina. Ora, se um paciente é objeto de pesquisas, devem existir normas rígidas. O paciente tem que ser informado, deve assinar um documento de autorização, é necessário que exista uma hipótese muito específica, é preciso constituir uma comissão de supervisão... Em outras palavras, esses dois jovens não são cientistas médicos conduzindo uma experiência devidamente aprovada.

— Compreendo — disse Osborne.

— Sem intenções prejudiciais, tenho certeza — acrescentou Halpern, em deferência à Dra. Cooley, embora houvesse um traço de sarcasmo em sua voz.

— Bem — disse Osborne, voltando-se para a Dra. Cooley. — é uma

situação bastante grave, Elizabeth. Não vejo outra alternativa. E você?

A Dra. Cooley sentia-se completamente encurralada. O anonimato fora seu escudo protetor durante trinta anos de pesquisas. Por outro lado, era óbvio que seus alunos seriam crucificados se ela não os defendesse. Ficara subentendido durante toda a reunião que sua pequena divisão era antiterapêutica e nociva; agora, ela seria obrigada a defendê-la.

Aceitaria restrições às pesquisas de Kraft e Mehan, mas precisava certificar-se de que nada mais seria feito contra a embriônica divisão de parapsicologia.

— Não há dúvida de que se trata de uma situação delicada, Frank — declarou em tom moderado. — Entretanto, temos que entender um pouco melhor as coisas. Em primeiro lugar, *temos* um documento de autorização. *Sempre* obtemos a permissão por escrito das pessoas a quem pesquisamos. Em segundo lugar, a paciente interrompeu a terapia antes de seu contato conosco. De forma alguma nos intrometemos numa relação existente entre paciente e médico.

— Ela assinou a autorização porque estava doente — protestou Sneidermann. — E o simples fato de não haver comparecido à clínica durante poucos dias não significa que...

— Com licença — interrompeu a Dra. Cooley. — Fomos informados pela própria Sra. Moran de que ela interrompera todo e qualquer contato com o médico e até mesmo recusava-se a atender quando o senhor tentava telefonar. Correto?

Sneidermann corou.

— Sob o ponto de vista tanto legal como médico, ela tem o direito de conversar com quem quiser, de convidar à sua casa quem desejar. Nossa posição foi apenas essa. Não oferecemos conselhos ou tratamento médicos. A autorização por ela assinada define detalhadamente o que estávamos investigando. No que nos concerne, não deveria causar qualquer impacto em algum tratamento psiquiátrico a que ela se submetesse.

— Entretanto, Elizabeth — disse Osborne —, a presença do seu pessoal parece ter confirmado as alucinações que ela sofre.

A Dra. Cooley hesitou. Desejava evitar ver-se obrigada a defender a parapsicologia: aquela sempre fora a cova em que vinham tentando sepultá-

la. Falou com extrema cautela, tencionando contornar o assunto:

— A presença de nossos estudantes reconfortou a paciente. Ela ficou agradecida por nos interessarmos em seu problema. Eu poderia salientar que os piores ataques, que agora sabemos tratar-se de terríveis pesadelos sexuais, cessaram por completo durante o período em que começamos a instalar alguns de nossos equipamentos de investigação científica. Portanto, não creio que seja correto alegar que agravamos o caso. Certamente ela se mostrou mais auto-suficiente, alegre e até mesmo confiante em sua eventual cura.

Osborne virou-se para o Dr. Halpern e para o Dr. Weber, os quais fitavam a Dra. Cooley com respeito, mas, também, dissimulado desgosto.

— O senhor poderia responder a isso, Dr. Weber? — indagou Osborne.

— Certamente — replicou o Dr. Weber. — A fase mais crucial para qualquer paciente é quando se vê diante da perda dos sintomas. Trata-se de uma fase muito perigosa, muito vulnerável, em que não existem defesas. No período exato em que conduzimos a paciente a esse ponto, esses dois apareceram, alegando provar que todas as ilusões dela eram reais. Naturalmente, ela ficou feliz, histérica, sem precisar enfrentar os problemas básicos. A continuarmos assim, jamais os enfrentará.

Osborne virou-se outra vez para a Dra. Cooley. A irritação geral começava a aumentar. Os ânimos esquentavam. Osborne detestava a perspectiva de um confronto violento; era inadequado, de mau gosto. Detestava o jogo das emoções.

Abominava controvérsias. Tentava manter-se fora daquela.

— Não nos estamos desviando do verdadeiro problema? — interpôs subitamente Kraft. — Não se trata, realmente, de sabermos se existe ou não mais que um ponto de vista válido?

— O que, exatamente, quer dizer? — indagou Osborne, piscando depressa.

A Dra. Cooley interpôs rapidamente: — Ele quer dizer que se a paciente está se desintegrando sob o ponto de vista psiquiátrico, então está caminhando para uma possível tentativa de suicídio ou um colapso psicótico permanente. Partindo desta estrutura de referência, é melhor para ela ver os sintomas confirmados, até conseguir recuperar as forças. Portanto, nós a estamos auxiliando num sentido psiquiátrico.

Muito perspicaz, refletiu Sneidermann. A Dra. Cooley não era ignorante em matéria de psiquiatria. Quem seria ela? Por que uma mulher tão inteligente apoiava tais idiotas?

— Frank — atalhou o Dr. Halpern. — Os regulamentos da universidade são muito explícitos. Se você não for médico ou residente sob supervisão, não pode imiscuir-se com os pacientes. Sou a favor da experimentação, mas esta precisa ser confinada. E a responsabilidade da universidade está muito bem definida.

— Compreendi — disse Osborne.

— Diante do bem-estar do paciente, todas as demais questões são secundárias — acrescentou o Dr. Weber.

Osborne convenceu-se. Era tempo de exhibir alguma liderança. Pigarreou.

— Creio que poderemos estabelecer um compromisso de acordo com as seguintes linhas gerais, Elizabeth — declarou ele em tom definitivo. — Continuem suas experiências, mas não com a paciente em questão. Não há dúvida de que a terapia médica e psiquiátrica têm prioridade sobre todas as outras considerações.

A Dra. Cooley refletiu que, nas circunstâncias, saíra-se da melhor maneira possível. Meneou afirmativamente a cabeça.

— Aceito sua diretriz, Reitor Osborne.

— Com licença — interrompeu Kraft.

O Reitor Osborne virou-se para os dois estudantes sentados no lado oposto da mesa. Aquilo contrariava as normas, pois a reunião já fora encerrada.

— O que é? — quis saber ele, impaciente.

— Continuamos a ignorar o problema em pauta — replicou Kraft.

— Vamos aceitar a recomendação — declarou a Dra. Cooley, reunindo seus papéis. — O Reitor Osborne foi muito justo conosco.

— Um minuto — insistiu Kraft. — Querem torpedear-nos.

Osborne encarou Kraft com visível irritação.

— Acha que foi tratado com injustiça? — perguntou rispidamente. — Não

está satisfeito com a decisão da Reitoria?

Kraft se pôs de pé, separando várias pastas diante de si.

Abriu-as vagarosamente, uma por uma. Fotografias maravilhosas, cores brilhantes explodindo no vácuo, apareceram em cima da mesa. Diante do grupo calado, Kraft exibiu uma foto após outra, até que os registros visíveis de fenômenos indecifráveis intrigaram Osborne a contragosto.

— Veja! São fenômenos *médicos*? — perguntou Kraft, exibindo a ampliação de uma fotografia de um chuveiro de centelhas amarelas iridescentes.

— É um fenômeno *psiquiátrico*? — quis saber ele.

— O que é isto? Uma brincadeira de adivinhação? — resmungou o Dr. Weber.

Kraft exibiu fotos gêmeas de Carlotta. Numa, ela parecia normal, nervosa, meio perdida entre as sombras que envolviam a cama. Na outra, um vago brilho luminoso lhe emanava do corpo, suavizando os contornos da parede, e dissolvia o canto da cama em exóticos padrões de luz.

— Ilusões não podem ser fotografadas, Reitor Osborne! — berrou Kraft.

Osborne sentiu nítido desconforto. Era tarde demais para expulsá-los da sala de reuniões. Ele já sofrerá considerável perda de prestígio. Agora, queriam que desse uma resposta ao garoto baixote que exibia as fotografias. E ele não conseguia falar.

— Que diabo é essa merda? — explodiu Sneidermann.

Kraft brandia as fotos diante de Osborne.

— Está vendo o tipo de oposição que eles fazem, Reitor Osborne? — perguntou o rapaz. — Podemos mostrar-lhes fotografias, medidas exatas, gravações feitas com instrumentos de precisão — nada faz diferença! O senhor é nossa única esperança.

Osborne, afobado, olhou o relógio. Sentia-se quente da cabeça aos pés.

— Na verdade, não vejo...

— Gostaria de ver nossos estudos de confiabilidade?

— insistiu Kraft.

Abriu uma pasta e dela extraiu cuidadosamente uma volumosa compilação

de documentos. Visíveis entre estes, estavam gráficos excelentemente desenhados, mapas marcados com caligrafia meticulosa e um sistema preciso de legendas.

— Gostaria de ver nossa documentação? — pressionou Kraft.

Mehan empurrou por cima da mesa outra grossa pasta. Kraft abriu-a e estendeu cuidadosamente sobre a mesa uma espessa pilha de gráficos e depoimentos datilografados com perfeição, cada um deles assinado embaixo por uma pessoa diferente.

Empurrou-os para Osborne que, perplexo, fitou os dois estudantes.

A Dra. Cooley estava atônita. Era evidente que Kraft tinha Osborne na palma da mão, pelo menos por enquanto. As cartas todas estavam na mesa; a gordura frigia no fogo. Não era mais possível recuar. Ou eles esmagariam a carreira da Dra. Cooley e a divisão por ela chefiada, ou nunca mais a incomodariam outra vez. Nesta última hipótese, ela poderia funcionar livremente pela primeira vez em quinze anos.

Kraft empertigou-se, a camisa bem passada, a gravata e o paletó perfeitamente ajustados a seu corpo pequeno mas bem proporcionado, e falou diretamente com Osborne, sentindo que ali estava o fulcro da questão:

— Acontece que o caso Moran é o mais excitante estado de fenômenos psíquicos espiritualistas jamais registrado. Não é de espantar que a psiquiatria convencional nada pudesse fazer pela paciente. Repito: absolutamente nada. No mínimo, eles atrapalharam nossas tentativas, ao tentarem convencê-la de que tais fenômenos — que o senhor pode ver por si mesmo, Reitor Osborne — não passavam de produtos de sua imaginação.

Voltando-se para o Dr. Weber, Kraft acrescentou: — São *vocês* que estão criando uma psicose na paciente, levando-a a crer que se afastou da realidade! Dizendo-lhe que ela é louca quando, na verdade, talvez esteja apenas experimentando aspectos de uma realidade sobre a qual muito pouco sabemos!

— Obrigado, Einstein — zombou o Dr. Weber.

— De que estão com medo? — indagou Kraft raivosamente.

— Eu? Estou com medo de que você sofra um colapso nervoso.

— Nada disso. Tem medo de estar obsoleto, ultrapassado. Confesse. A

psiquiatria está num beco sem saída. Categorias de ideias enroladas herdadas do século passado; disputas internas; grandes verbas e lindas revistas especializadas — mas nada de substancial. Não atualmente. O período de glória da psiquiatria terminou. Por que as pessoas não mais confiam em vocês? Por que existem mil e um ramos confusos da psiquiatria, todos lutando desesperadamente para encontrar algum meio de enfrentar as mudanças que se operam no universo?

Osborne bateu na mesa, mas Kraft, de todo modo, já terminara. Estava convencido de ter feito o melhor possível.

Mehan deu-lhe uma palmada no ombro. Sneidermann tentou adivinhar até que ponto eles haviam infectado Carlotta, pois sabia que ela era suscetível ao jargão científico e, ignorante em termos de ciência, não possuía armas críticas para combater a sofisticação daqueles maníacos.

Osborne empurrou a poltrona para trás, pronto para levantar-se.

— A recomendação continua de pé, Dra. Cooley. A senhora receberá ainda hoje um memorando a respeito. Lembro-lhe que o acatamento é obrigatório.

— Muito obrigada, Reitor Osborne — disse a Dra. Cooley. — O senhor foi muito imparcial. Aceitamos a recomendação.

Kraft estava furioso. Era impossível influenciar uma mentalidade como a de Osborne. Este era um escravo da universidade, manipulado por Halpern e pelo Dr. Weber.

Ao saírem da sala, o Dr. Weber afrouxou o nó da gravata.

— Meu Deus, que penca de malucos! — murmurou.

Jerry Rodriguez segurava a cabeça com ambas as mãos. Nas confusas sombras que escureciam a cela antes do amanhecer, ele não sabia ao certo se estava são ou louco. Tinha os braços machucados, o peito dolorido e o cérebro zumbia. Cada vez que chamava silenciosamente por Carlotta, via algo monstruoso e brilhante. Gemendo, Jerry virou o rosto para a parede.

Amava Carlotta. Mas o que era ela? O que era aquele poder que ela possuía de fazê-lo ver coisas? O poder que a convulsionava como se...

Jerry estremeceu. O ciúme apunhalou-lhe o flanco como um ferro em brasa. Que poder era aquele que fazia Carlotta gemer?

De uma forma que ele, Jerry, nunca conseguira que ela gemesse?

— Oh, Cristo... Oh, meu Jesus Cristo! — murmurou ele.

Ruídos nas celas lhe causaram um sobressalto. Onde estava ele? Que espécie de animal se tornara, para ser trancado numa jaula? Correu para as grades, sacudiu-as e berrou. Viu um sargento espiar pela esquina do corredor. Amedrontado, Jerry recuou de volta à tarimba.

Tinha a impressão de que sua mente fora violentada e ardia em chamas. Fora assaltado por um pesadelo espectral que zombava de sua sanidade mental. Não conseguia libertar-se dele.

Tinha certeza de que, mentalmente, jamais voltaria a ser o mesmo. Como pudera Carlotta fazer-lhe aquilo?

Tentou fechar os olhos. Mil gemidos furiosos escoaram na cela. Jerry viu Carlotta debatendo-se no êxtase do desconhecido — do invisível! Abriu os olhos. O suor lhe ertipapava os cabelos.

Passou as mãos pelo rosto, tentando despertar-se por meio do aperto dos dedos. Não adiantou. O que vira ele? O que vira?

Devia ter pegado aquilo de Carlotta. Isso acontecia. A pessoa se tornava sugestionável, vulnerável, indefesa. O amor fazia-lhes isso. E a insanidade mental também contagiava. Jerry sabia que não podia existir coisa pior.

Muitos anos atrás, sentira a insanidade passar para ele. Ali, em Los Angeles, atrás da padaria onde seu pai trabalhava.

A memória de Jerry viu-o caminhar pelas ruas violentas de sua juventude, atravessando os terrenos baldios com automóveis abandonados, pisando na bebida que escorria de garrafas quebradas nos becos, entrando na escuridão que sempre enchia a pequena casa de madeira onde moravam. O cheiro de azeite de oliva, de jornais velhos, de feijão e *tortillas*, dos pratos sujos e rachados abandonados na pia. Suas irmãs brincavam nos degraus com bonecas de trapos. Mas no interior da casa reinava a verdadeira escuridão.

Já naquela época, Jerry sabia existirem duas maneiras de ser doente. Uma delas era ser doente como seu avô: tossindo, tremendo, vomitando e, afinal, morrendo. Algo muito horrível.

Todavia, existia uma outra maneira ainda pior de ser doente. E era uma maneira vergonhosa. Da porta do quarto úmido e fedendo a urina e poeira,

Jerry observava a mãe deitada na cama, coberta por um surrado roupão de chenile, a cabeça envolta em ataduras que cobriam ferimentos imaginários.

A mãe de Jerry orava para Jesus, pedindo-lhe que os livrasse dos guardas da fronteira. Entretanto, os guardas da fronteira estavam quase duzentos quilômetros ao sul e todos na família tinham os documentos em ordem. Ela falava com a tia.

Entretanto, a tia estava morta, sepultada em Ensenada. Jerry observava a mãe falar, tão animada e amistosa, parecendo tão natural e normal. Só que estava sozinha.

Então, Jerry descobriu que ele próprio era vulnerável à insanidade mental. Embora soubesse que não existiam guardas de fronteira nas vizinhanças, olhava cautelosamente pela janela todos os dias, antes de sair para a escola. Não obstante conhecesse a verdade, sentia a necessidade, a obrigação de agir assim, como se a loucura da mãe lhe tivesse contagiado a mente, forçando-o a proceder daquela forma.

E quando a mãe conversava com a tia, Jerry quase podia sentir a presença da morta — embora esta tivesse falecido antes de ele nascer. Jerry fechou a porta do quarto da mãe e ficou lá fora. Mesmo quando ela o chamava, ele não entrava no quarto.

Ela emitiu um grito repentino. Jerry tapou os ouvidos e permaneceu no quintal. Mesmo quando o pai veio correndo da padaria, os braços cobertos de farinha de trigo, Jerry ficou perto do beco, temeroso de entrar na casa. Sabia que a mãe estava vendo alguma coisa: cobras, insetos, escorpiões. Não queria vê-los também.

Todavia, ela não parou de gritar. O pai saiu correndo de casa para buscar socorro, os olhos esbugalhados, sem saber direito o que fazia. Pulou para a cabine do caminhão da padaria e, em pânico, partiu para a casa do amigo. A mãe continuava a gritar.

Jerry caminhou para dentro da casa, como se atraído por um ímã. Em cima da mesa da cozinha, uma garrafa meio vazia de lixívia. Jerry compreendeu que era tarde demais. A mãe respirava espasmodicamente, o interior do estômago corroído pela lixívia.

Começou a tremer como um cão após ingerir acidentalmente veneno para ratos. Rígido, Jerry observou os tremores da mãe.

Enxugou-lhe a testa, pediu-lhe perdão — mas continuava a ter medo dela. Embora ela fosse o centro da existência de Jerry, praguejava em seus derradeiros estertores. Pragas contra o filho?

Contra monstros inomináveis, produtos de sua imaginação doente?

— Oh, Carlotta — suspirou ele.

Vira Carlotta debater-se sozinha na cama. Sentia-se aterrado pela coincidência. Duas mulheres, ambas centro de sua existência. Ambas loucas. Teria ele alguma compulsão interior para deixar-se arrastar àquele estado de alucinação?

Jerry derreou-se no banco. A lua se escondera por detrás do prédio da prefeitura. A cela estava escura. Ele sabia que sua existência estava em jogo. Tentou imaginar onde encontraria forças para se separar de Carlotta, embora soubesse que seria obrigado a fazê-lo a fim de preservar sua própria sanidade mental.

Carlotta teve alta do hospital oito dias após ser internada.

Billy guiou o carro de volta à casa na rua Kentner. Foi uma viagem lenta, silenciosa, fúnebre, interrompida por paradas periódicas para completar a água do radiador que ainda vazava.

Para ambos, uma viagem de volta à desesperança.

Ao entrar na sala, Carlotta ficou chocada ao perceber que Kraft e Mehan não estavam lá. Nenhum estudante. Nem sinal do equipamento. Tudo fora desmontado e removido.

Carlotta olhou para Billy, que fitava o chão, encabulado. Não conseguira preparar o espírito da mãe. Agora, disse simplesmente:

— Eles se foram, mamãe.

Carlotta sacudiu vagamente a cabeça. Não podia entender.

Teve medo. Eles tinham prometido ajudar. Por que a abandona-vam? Se o dinheiro tinha acabado, deviam participar-lhe; ela entenderia.

Os cabelos de Carlotta, raspados em alguns lugares, estavam cobertos por um lenço. Uma dor incômoda latejava-lhe nas têmporas.

— Você parece pálida — comentou Billy.

— Estou zozna.

Carlotta sentou-se no sofá.

— Acho melhor deitar-se — disse Billy.

— Vou para a cama — replicou Carlotta com voz sumida.

Despiu-se e enfiou-se por entre os lençóis. Os acessos de tonteira voltavam periodicamente desde que ela fora atingida no lado direito da cabeça. A náusea crescia como uma onda e logo desaparecia.

— Não vá embora, Billy.

— Não irei, mamãe. Nunca irei embora.

Gradativamente, o quarto parou de girar e as coisas deram a impressão de voltar a seus respectivos lugares.

Carlotta dormia e acordava a intervalos. Abria ocasionalmente os olhos. Uma vez, viu as meninas, que a observavam. Depois, foram embora. Começou a escurecer. Em pânico, Carlotta estendeu a mão. Sentiu uma mão cálida segurar a sua.

— Estou aqui, mamãe — disse Billy.

Carlotta meneou a cabeça, o rosto alagado de suor. Billy enxugou-o delicadamente com um pano macio. Carlotta segurou a mão do filho contra o rosto durante algum tempo e tornou a adormecer.

A casa ficou escura. O som melodioso dos grilos vinha lá de fora. Uma dor latejante dominava o mundo. Jerry se fora. A escuridão reinava em toda parte, fria e infinita. Carlotta sentia-se cortada ao meio, no fundo de um vasto oceano gelado. Nada mais era normal. E nunca mais seria.: Carlotta gemeu baixinho no sono. Visões de Jerry surgiam e sumiam. Ela o viu a seu lado, segurando uma taça de champanha.

Então, ele se debruçou e beijou-a com lábios frios e úmidos.

Carlotta lembrou-se de tirar do armário o roupão dele. Abriu os olhos e enxugou as lágrimas do rosto. No escuro, percebeu que o teto e as paredes pareciam esquisitos, recobertos com estranhas chapas de cortiça, que os pesquisadores haviam deixado intactas.

Então, com um horrível arrepio, Carlotta lembrou-se do motivo pelo qual as

chapas de cortiça estavam marcadas com cruzeiras brancas: eram pontos de referência para fotografar o monstro que...

Um estalo.

Carlotta olhou. Nada. Fazia frio. A noite se transformara num vácuo — um vácuo escuro, como o espaço exterior, que lhe causava um nó na garganta e lhe arrepiava a pele como picadas ardentes de agulhas e alfinetes. Carlotta ouviu Billy assoviando baixinho na cozinha.

Outro estalo.

Carlotta sentou-se na cama. Parecia que as paredes se moviam.

Então, um pedaço de chapa de cortiça foi arrancado da parede. Um prego, repentinamente solto, caiu e rolou pelo chão.

O som morreu lentamente na escuridão. A chapa de cortiça bateu vagarosamente na beirada da cama e escorregou para o chão, onde bateu uma ou duas vezes antes de imobilizar-se.

Dois estalos.

Carlotta virou-se depressa. Um rasgo se abriu na chapa de cortiça pregada na parede oposta. Os pregos voaram pelo ar e 425

fragmentos de cortiça choveram sobre Carlotta. Um pedaço de parede ficou visível onde a cortiça foi arrancada, rasgando-se até sair batendo pelo chão e cair contra a porta.

— Ha ha ha ha ha ha ha!

Carlotta foi envolvida pelo riso baixo e maldoso.

Surgiram rachaduras em todas as paredes. A cortiça se desintegrava. Pedacos de chapa voavam pelo quarto, girando como constelações em movimento. Pregos choviam sobre o chão.

Pedacos de reboco caíam como neve em meio ao turbilhão. Tudo fluuava, dançando loucamente, girando pelo quarto, até descer muito devagar, emanando um estranho brilho. Então, a cortiça adquiriu uma luminosidade de tons azuis e verdes.

— Ha ha ha ha ha ha ha!

As coisas tornaram a voar, cada vez mais depressa e mais frias. O ar estava tão cheio de silenciosos pedacos de cortiça, pregos, fita adesiva branca e

objetos da penteadeira que Carlotta nem conseguia enxergar o reboco das paredes nuas. Tudo aumentava de brilho, até que Carlotta viu um enxame de pedaços brilhantes e transparentes como pedras preciosas formando um rodadoiro acima da cama.

— Bem-vinda ao lar, vagina!

22

No dia 4 de abril, o Dr. Shelby Gordon, diretor do Departamento de Psicologia, seguindo as instruções de um memorando do Reitor Osborne, transferiu duas salas da divisão de parapsicologia para a divisão de psicologia behaviorista.

— Eles precisavam do espaço — explicou ele à Dra. Cooley.

— É o mesmo equipamento: as pias, torneiras, os...

A Dra. Cooley estava lívida.

— Então, meu laboratório passa ao domínio dos psicólogos de ratos — interrompeu ela, furiosa. — E como fico eu?

— Pode colocar todo o equipamento em seu gabinete — replicou o diretor.

— E utilizar as salas de aulas num esquema rotativo com os outros cursos.

— Preciso de um laboratório — declarou ela, raivosa.

O Dr. Gordon mostrou-se desusadamente evasivo.

Amigo de longa data da Dra. Cooley, parecia embaraçado, evitando-lhe o olhar.

— Isso é coisa do Reitor Osborne, não é? — quis saber ela.

O Dr. Gordon não respondeu.

— Depois de todos estes anos, Shel, você pode me dizer alguma coisa — argumentou ela. — Foi ideia dele tirar-nos o laboratório, não foi?

— Suponho que ele a considere de baixa prioridade, é claro.

— Mas eu *tinha* apenas três salas e um gabinete.

— Bem, o que posso dizer, Elizabeth? A decisão não foi minha. Quem manda é o reitor; tenho que comer o que ele serve.

A Dra. Cooley acendeu nervosamente um cigarro.

— Espera que eu role pelo chão e me finja de morta? — perguntou.

— Não sei o que você pode fazer, Elizabeth.

— Posso passar por cima dele.

— Aconselho-a a não fazer isso.

— Por que não? Estou impedida de conduzir minhas pesquisas de modo adequado. Tenho direito de ser ouvida.

O diretor virou-se na poltrona giratória e percebeu que ela falava sério.

— Elizabeth, não se dirija ao conselho acadêmico. Por que vai querer envolver-se naquele circo?

Ela começou a andar de um lado para outro, fumando depressa.

— Porque se trata exatamente disso: uma questão de liberdade acadêmica — replicou. — Diabo! Podíamos estar cem por cento errados quanto àquela casa em West Los Angeles, mas eles não se limitaram a cancelar o projeto: foram além disso e roubaram nosso espaço. Você sabe tão bem quanto eu o que farão a seguir.

— Não seja tão presunçosa. É uma transferência legítima de espaço.

— Merda! Compreende que faço parte de uma das últimas divisões de parapsicologia que ainda restam nas principais universidades? Sabe por quê? Porque tenho sido muito cautelosa. Evito fraudes como a peste. Não me meto no caminho dos outros, não faço estardalhaço. Meus padrões de confiabilidade fariam Freud corar de vergonha. Bem, recuso-me a ser varrida para o esgoto como um pedaço de cocô — porque é isso que estão fazendo. Odeiam a parapsicologia e tudo o que esta representa.

— Elizabeth...

— Quando será a próxima reunião do conselho?

— Você pretende ignorar o reitor. É um erro fatal.

— Não me resta escolha.

O diretor jogou sobre a mesa uma pasta de arquivo. Papéis cuidadosamente empilhados esvoaçaram, espalhando-se pelo chão.

— Bem — disse finalmente o Dr. Gordon. — Felicidades. Mas não acredito que consiga vencer.

A Dra. Cooley sorriu.

— Vencerei. A liberdade acadêmica é a arma mais forte.

Numa sala ampla, iluminada pelo sol que se filtrava por entre as palmas plantadas em caixotes de madeira perto das janelas, o conselho acadêmico estava reunido. Mais de trezentos homens e mulheres de variadas idades e antecedentes raciais, usando uma grande variedade de roupas e penteados. As mulheres, em especial, vestiam-se com apuro e apresentavam penteados conservadores. Alguns dos homens usavam barbas aparadas, outros exibiam grandes barbas desgrenhadas ou cavanhaques, alguns tinham os cabelos crescidos até os ombros e outros os aparavam tanto que o couro cabeludo aparecia sob o corte militar. Todavia, suas maneiras eram idênticas: corteses, reservados, formais. A aparência controlada ocultava uma grande sensação de tensão e frustração, mas a agitação interior revelava-se nas pernas que balançavam, nas sobrelanceiras que se erguiam nervosamente, nas mãos que amarinhavam os boletins contendo a agenda da reunião. Tais encontros não eram eventos bem recebidos na afanosa vida universitária de todos eles.

Um homem magro, prematuramente calvo, ocupava a tribuna.

— A próxima oradora na pauta, Dra. Elizabeth Cooley, Departamento de Psicologia.

Afastou-se. Vários membros do corpo docente, chegando atrasados, tentaram esgueirar-se ao longo da última fileira, mas um deles prendeu o pé numa cadeira e fez barulho ao desembaraçar-se dela.

A Dra. Cooley, usando um corpete sobre a blusa, subiu decididamente à plataforma. Diante dela estavam representantes eleitos do Departamento de Inglês, do Departamento de Belas-Artes, do Departamento de História — enfim, de todos os departamentos da universidade. Aqui, todos eram iguais.

Qualquer um tinha o direito de externar suas opiniões. Aquele grupo representava a derradeira oportunidade da divisão chefiada pela Dra. Cooley. Os membros da Reitoria não perderiam um só minuto com o caso. Perplexa, viu Kraft e Mehan entrarem no salão e rezou para que fossem suficientemente astutos e não se envolvessem na questão.

— Senhor presidente, colegas membros do conselho. A questão que desejo submeter hoje à apreciação deste conselho não precisaria ser apresentada se

não envolvesse o princípio mais fundamental de nossa instituição: o direito à liberdade e independência de efetuar pesquisas.

Os membros do corpo docente se calaram. Tratava-se de uma questão que inflamava a maioria deles. Alguns por motivos ideológicos, outros porque sabiam que a ameaça contra um deles equivalia a uma ameaça contra todos. Tinham aprendido, havia anos, a se unirem para resistir contra quaisquer tentativas de dividi-los, separá-los e usar indevidamente a universidade por mil e uma razões políticas ou econômicas.

— Sou diretora de uma divisão relativamente pequena e experimental do Departamento de Psicologia — prosseguiu a Dra. Cooley. — Há mais de dez anos deram-nos o direito de autonomia para pesquisar e publicar os resultados de nossas pesquisas, privilégio pelo qual nos sentimos extremamente gratos.

Falava bem, de um modo digno e moderado. Era obrigada a fazê-lo, pois sua sobrevivência estava em jogo.

— Entretanto, estão sendo implementadas alterações que terminarão efetivamente nossa existência como uma unidade independente. Tal decisão não foi tomada pelo diretor do departamento, segundo estipulam os regulamentos da universidade. Também não foi tomada por uma comissão de currículos funcionando segundo suas atribuições, delegadas pela reitoria das faculdades. Em vez disso, foi tomada de forma unilateral e imposta a nós pelo Reitor Osborne num memorando datado do dia 4 de abril.

Muitos dos professores não gostavam do Reitor Osborne, que não tinha um Ph.D., mas apenas um Ed.D. — diploma de educador — que muitos consideravam aquém da dignidade de um administrador de universidade. A Dra. Cooley já podia sentir a simpatia e o apoio virando a seu favor.

— Se houvesse um consenso do departamento, ou até mesmo se a medida nos fosse explicada, talvez pudéssemos aceitá-la. Mas tal não ocorreu. Sem aviso prévio, dois de nossos três laboratórios nos foram tomados em pleno semestre letivo. Perdemos em caráter permanente nossas salas de aula. E não há dúvida de que, em última análise, seremos eliminados como uma divisão funcional.

A Dra. Cooley fez uma pausa, ergueu os olhos de suas anotações e avistou o Dr. Weber na terceira fila. Os membros do corpo docente a escutavam com total atenção.

— O que solicito do conselho é um voto para requerer que o reitor das faculdades rescinda os termos de seu memorando de 4 de abril e nos devolva nossas instalações, até que o problema seja examinado imparcialmente por uma junta revisora ou até que ele revogue a medida.

Um murmúrio de aprovação percorreu a platéia.

A Dra. Cooley correu os olhos pelo mar de rostos à sua frente.

— Estou às ordens para discutir a questão — declarou.

Um professor magro, do programa de estudos latino-americanos, pôs-se de pé. Sua mão direita parecia tremer.

— Talvez devamos tomar conhecimento da natureza da disputa, antes de aprovarmos unilateralmente a proposta da Dra. Cooley — disse ele. — Parece-me que a senhora precisa provar que a medida decorre de uma disputa ideológica. Do contrário, é simplesmente uma questão de redistribuição de espaço e salas de aula, coisa que todos nós somos obrigados a enfrentar e aceitar ocasionalmente.

A Dra. Cooley praguejou silenciosamente contra o homem.

Certamente, porém, o ponto seria trazido à baila. Ela respirou fundo e esperou dar à platéia intelectual uma impressão de coerência e simpatia.

— Nossa área de estudos é única entre as ciências psicológicas sob apenas um ponto de vista. Como todos aqui provavelmente sabem, todos os ramos da psicologia têm raízes nas ciências sociais ou de comportamento humano, que se baseiam em dados físicos ou estatísticos. A exata natureza de nossas pesquisas envolve a investigação espiritual — declarou ela diretamente. — Trata-se de uma área de estudos sistematicamente excluída das áreas tradicionais da psicologia. Não é encontrada em livros de consulta, em seminários, em projetos financiados pelo Governo ou em qualquer programa experimental à exceção do nosso.

O homem magro sentou-se, mas o mal estava feito.

Murmúrios de conversas percorreram as fileiras de cadeiras de restaurante arrumadas na sala para a reunião.

Uma mulher alta, com os cabelos ruivos penteados para cima e presos no alto da cabeça, levantou-se. Tinha na mão o que parecia um relatório datilografado. A Dra. Cooley percebeu que se tratava de uma transcrição de

uma conferência realizada por Kraft e Mehan. Como a mulher conseguira o documento? Alguém arquitetara aquela reunião contra sua divisão. A Dra. Cooley olhou para o Dr. Weber, que simulava acender o cachimbo já aceso.

— Tenho aqui um trabalho da divisão de parapsicologia — disse a mulher ruiva. — Creio que dará a todos melhor conhecimento do raciocínio que orientou a decisão do Reitor Osborne.

A mulher pegou os óculos que pendiam de uma corrente passada por seu pescoço. Afinal, a Dra. Cooley reconheceu-a.

Chamava-se Henderson e era diretora da divisão de psicologia behaviorista — psicóloga de ratos. Naturalmente... Ela queria os dois laboratórios. Ademais, a psicologia dos ratos era a disciplina mais absurdamente limitada que surgira desde o nascimento da ciência. Tudo o que faziam era medido, dissecado, pesado, analisado, mapeado, transformado em gráficos, até que os estudantes pareciam robôs treinados para pesar ratos mortos.

Em voz grave e controlada, a mulher começou a ler o documento, fazendo apenas breves pausas para permitir que seu sarcasmo fosse percebido, mas sem demonstrá-lo abertamente.

Lendo a primeira página, comentou:

— O primeiro dos autores, descrito como o estudante mais adiantado da divisão de parapsicologia, é ex-engenheiro eletricitista. O segundo autor é diplomado em filosofia e tido como sensível.

— Sensível a quê? — perguntou alguém.

— Um sensível. De acordo com o artigo, ele recebe transmissão de pensamentos de seres humanos.

— Quer dizer que lê pensamentos?

— Sim.

A platéia parecia impaciente, ansiosa por prosseguir. De uma questão sobre liberdade acadêmica, que lhes acenara com a perspectiva de uma luta digna e até mesmo heróica contra as forças do mundo materialista, o caso se degenerara em uma briga sobre mais um dos questionáveis programas estabelecidos como uma espécie de lambujem para a mania estudantil pelas coisas exóticas e o ocultismo.

— Nenhum dos dois autores é diplomado em psicologia clínica ou qualquer

outra disciplina científica relacionada com psicologia ou psiquiatria. Na verdade, foram admitidos no curso de graduação com base no simples fato de se interessarem pelo assunto da parapsicologia.

— Hipnotizaram o reitor — murmurou alguém.

A mulher na tribuna baixou a revista.

— Ora, a questão não é a que a Dra. Cooley nos levou a crer. A controvérsia não gira em torno de uma batalha ideológica, mas de uma experiência na qual uma mulher sofreu, como consequência direta, uma grave concussão cerebral, além de ferimentos e equimoses generalizados, e foi tratada de uma possível fratura de crânio, aqui mesmo na clínica da universidade. Ora, a referida mulher era uma paciente registrada na clínica psiquiátrica, estando sob a jurisdição desta, e o Reitor Osborne limitou-se a exercer suas atribuições e cancelar o programa. A Dra. Cooley está procurando levantar uma cortina de fumaça sobre a verdadeira natureza do caso, que nada tem a ver com a liberdade acadêmica.

A Dra. Cooley subiu à tribuna. Desta feita, encarou uma platéia hostil.

— O problema não é tão simples quanto sugere a Dra. Henderson, que, por sinal, passará a ocupar nossos laboratórios quando nos mudarmos de lá.

A Dra. Cooley pigarreou de leve. Viu Kraft e Mehan na última fila, humilhados, dependendo dela como nunca antes.

— Se fosse apenas uma questão de cancelar o programa, por que o reitor cortou não só as verbas e disponibilidade de equipamentos utilizados naquela experiência, em particular, como também removeu, na verdade, toda a experimentação que se efetuava em nossa divisão, reduzindo-nos a uma série de aulas teóricas?

Fez uma pausa para permitir que a ideia penetrasse na mente dos ouvintes e sentiu que o interesse anterior renascia.

— Se o departamento de educação física ensinar ioga — o que realmente ocorre — e alguém fraturar um artelho durante uma aula, a divisão inteira terá sua capacidade reduzida a apenas dez por cento da original? Se o departamento de ciências políticas arrepiar o pêlo de algum político local por causa de uma aula experimental no bairro dos cortiços, o reitor determinará a extinção do departamento inteiro? Claro que não. A parte experimental de qualquer disciplina é o seu sangue, a sua juventude, o seu

futuro. O que ocorre durante os programas experimentais pode ser catastrófico, neutro ou até mesmo resultar num sucesso espetacular. Entretanto, o direito de experimentar, de efetuar pesquisas livres e abertas, não importa o quanto possam parecer bizarras às autoridades que controlam a disciplina — e permitiam-se lembrar aqui que o Reitor Osborne é especialista em educação e não em psicologia — é o único direito mais fundamental de que todos nós compartilhamos. Sem ele, estaremos perdidos numa selva de interferências, política e pressões de grupos econômicos. Não é necessário lhes dizer o que isso implica para a universidade como um todo. É o princípio que todos nós devemos defender. Precisamos defender. Amanhã, algum reitor decidirá unilateralmente que este ou aquele curso é inadequado e, sem explicação ou revisão regulamentar, o cancelará. É simplesmente isso.

A Dra. Cooley fez uma pausa. Conseguiu reconquistar os professores. Agora, precisava arrancar-lhes um voto antes que algo mais acontecesse.

Entretanto, o Dr. Halpern se pôs de pé, segurando várias fotocópias e exibindo-as para a platéia.

— Antes de efetuarmos uma votação — disse ele —, o conselho deveria ter exato conhecimento do que acontecerá se o prosseguimento do programa em questão for aprovado.

O tom autoritário de sua voz surtiu efeito imediato sobre o grupo. A princípio, a maior parte do corpo docente não reconheceu o diretor da Faculdade de Medicina, mas seu nome foi rapidamente propagado em murmúrios. Ele prosseguiu: — Devem julgar por si mesmos se a questão de competência é tão importante quanto a Dra. Cooley está tentando persuadi-los. Estes são os planos de projeto propostos para o restante do semestre, intitulados: “Caso 142 — Entidade Desencarnada”, vindo a seguir: “Subsidiado pela Fundação Roger Banham, 1977”.

A Dra. Cooley aproximou-se raivosamente da tribuna.

— Permita-me perguntar como o senhor conseguiu uma cópia dessa proposta? Trata-se de material privado de pesquisa, não publicado e não divulgado.

— Não interessa como o consegui — replicou Halpern.

— Que a assembléia decida se é uma forma justa de tratar um

subdepartamento — replicou rispidamente a Dra. Cooley. — Que a assembléia reflita sobre o direito sagrado da pesquisa sigilosa e privada.

Kraft e Mehan abandonaram o recinto em sinal de protesto, batendo a porta com força.

Halpern continuou a ler o documento: — O projeto, subsidiado por uma fundação particular associada ao Departamento de Parapsicologia da Universidade de Wake, levará à casa em questão câmaras de holograma de laser, destinadas a captar e transmitir uma imagem tridimensional da entidade desencarnada que ataca a Sra. Moran...

O homem magro e prematuramente calvo, em resposta à conversa particular que manteve com a Dra. Cooley, avançou na plataforma.

— Na verdade, Dr. Halpern, com todo o respeito, parece haver aqui um problema de ética. Aparentemente, trata-se de material sigiloso.

Halpern virou-se para encarar a platéia.

— Por que escondermos o que o projeto se propõe a fazer? — indagou retoricamente — Não é possível que haja neste caso o envolvimento de algo menos elevado que os fundamentos da ciência ocidental? Posso assegurar-lhes que o conteúdo deste documento é simplesmente estarrecedor.

— O conselho não está qualificado para julgar a competência de um determinado projeto experimental — retrucou a Dra. Cooley. — Seriam necessárias muitas horas de paciente explicação, em especial aos professores de Humanidades e Belas-Artes, só para que soubessem do que se trata. Solicitamos apenas uma votação no sentido de que o Reitor Osborne seja impedido de tomar qualquer medida referente à nossa divisão antes que uma junta revisora competente se reúna no início do próximo semestre.

O Dr. Weber levantou-se vagarosamente, tirou o cachimbo da boca e dirigiu-se à assembléia:

— Sou o encarregado do caso em pauta, Dr. Henry Weber, diretor do programa de residência médica na clínica psiquiátrica. Na minha opinião, a paciente está diretamente ameaçada pela existência, por um único dia que seja, desse projeto experimental. Nunca em minha vida tive ocasião de ver um projeto tão mal concebido, tão potencialmente desastroso. Como se pode medir entidades espíritas numa casa onde existe uma pessoa psicótica? Esta poderá ter sua neurose fixada em caráter permanente. Francamente, eu

moveria uma ação judicial, se fosse ela. E não me surpreenderia se alguém movesse tal ação em benefício dela.

Um silêncio pesado reinou no salão. Fora declarada uma guerra sem quartel.

O Dr. Weber prosseguiu:

— Existem ocasiões em que o segredo oculta uma multidão de males. Esta é uma delas. Eu gostaria de que vocês todos escutassem a proposta. Gostaria de que a ouvissem com a máxima atenção e cautela, a fim de decidirem se esse é o tipo de pesquisa que merece um mínimo de proteção por parte da universidade. A menos, é claro, que minha querida amiga Elizabeth Cooley tenha alguma objeção.

Virou-se para fitar a Dra. Cooley. Esta, naturalmente, estava encurralada.

— Ouçamos de mente aberta — disse ela. — Lembremo-nos de que os progressos da ciência, se fossem mencionados há cem anos, causariam a expulsão do professor que neles falasse. Não façamos o mesmo erro. As viagens espaciais, as ondas eletromagnéticas, a energia nuclear — não passavam, há alguns anos, do produto de imaginações doentias. Os professores de ciências humanas não fazem ideia da rapidez com que as coisas ocorrem nas ciências experimentais, nem das pressões contrárias exercidas pelas autoridades que administram as universidades. Lutamos não só contra o acúmulo das mentalidades burocráticas das juntas governamentais, dos políticos universitários e dos meios de comunicação de massa; lutamos também contra conceitos antediluvianos das disciplinas que ensinamos, contando unicamente com o apoio ativo de vocês! Só desejamos uma oportunidade justa. Contentamo-nos com nossos 1,4 por cento da verba do departamento de psicologia e nossos 2,3 por cento do espaço alocado ao departamento inteiro. Isso é pedir muito? Deixem-nos o direito de inquirir, de cometer enganos, de falhar lamentavelmente. Mas dêem-nos o direito de existir.

Sentou-se. Alguém começou a aplaudi-la e poucos outros imitaram.

Halpern, muito vermelho, ergueu o documento.

— Muito obrigado, Dra. Cooley. Vejamos de que direitos estamos realmente falando.

Achou o ponto em que se interrompera, mantendo-se em contato visual com todos os professores, particularmente os de ciências humanas, que ele sabia

constituírem a maioria e, não obstante, temerem os de ciências exatas.

— Além do projeto de laser para hologramas — continuou Halpern a leitura —, que terá o custo estimativo de duzentos e cinquenta mil dólares do subsídio particular — a propósito, o doador do subsídio é um plantador de fumo, aposentado, que vem mantendo contatos regulares com a esposa desde 1962. Talvez o fato não fosse tão estranho se ela não tivesse morrido antes da mencionada data.

Halpern tornou a procurar o ponto onde se interrompera para fazer o comentário e prosseguiu: — Oh, sim... Além do projeto de laser para holograma, a proposta pede um equipamento de super-refrigeração a hélio, que custará cinquenta mil dólares. O aparelho de refrigeração, que emprega bombas de sucção e hélio liquefeito, destina-se a congelar a entidade espiritual sob uma forma gelatinosa, de modo que possa ser preservada e estudada. Não explica como será transportada; provavelmente, numa geladeira.

O Dr. Weber soltou uma gargalhada.

— Além disso — continuou Halpern —, a casa inteira será totalmente protegida por uma cobertura de nióbio supercondutor e metal Mu... juro desconhecer o que seja isso... com a finalidade de afastar todos os campos eletromagnéticos e radiações que possam interferir na experiência... Permitam-me lembrar-lhes mais uma vez, meus senhores membros do conselho, que a paciente é psicótica... Além de tudo isso, a proposta exige a presença de pessoas sensíveis, para ajudarem a atrair a entidade através dos vários cômodos da casa, na direção do equipamento congelador contendo hélio liquefeito.

Ninguém riu. Alguns professores empalideceram. Muitos se mostravam horrorizados. Murmúrios corriam de um lado para outro e as pilhérias eram mais nervosas que antes.

Halpern os tinha na palma da mão.

— O que fariam os senhores se alguém os procurasse com uma proposta desta espécie? — indagou ele, raivoso. — Fariam a mesma coisa que o Reitor Osborne fez. *Cortariam-na...*

Estalou os dedos:

—... assim!

Sentou-se.

Os professores estavam inquietos. Desejavam livrar-se da divisão de parapsicologia. Tudo aquilo exalava bizzarria, exotismo. A votação em favor do memorando do Reitor Osborne seria unânime e a Dra. Cooley sabia disso.

Uma jovem bonita levantou-se. Muito mais moça que os demais membros da assembléia, era a representante do corpo discente — dos estudantes.

— Entretanto, ainda resta a questão do motivo pelo qual o reitor adotou medidas restritivas contra a divisão inteira — declarou. — Pode-se esclarecer o assunto?

Halpern, permanecendo sentado, respondeu:

— Porque a experiência é típica da divisão. Quem sabe o que mais estarão fazendo por detrás daquele muro de sigilo?

Todavia, a representante dos estudantes não se satisfez.

— Creio que é possível chegar a um acordo acomodatório — declarou.

A Dra. Cooley fitou a jovem. A platéia voltara a fazer silêncio. Acordo de acomodação era a fórmula mágica. Tudo para evitar ferir suscetibilidades. Ademais, alguns professores temiam a desagradável ideia de que a Dra. Cooley procurasse apoio fora da universidade. Era imperioso impedir tal atitude.

A representante do corpo discente continuou: — Parece haver um consenso no sentido de que, teoricamente, a experimentação deve subsistir. Ao mesmo tempo, todos parecem julgar que a experiência em questão, nos termos em que se acha constituída no momento, é tão mal definida, tão potencialmente perigosa para a paciente, que exige seu cancelamento. Por que a experiência não pode prosseguir sob os auspícios da própria universidade?

Halpern empalideceu. O Dr. Weber foi apanhado de surpresa com o cachimbo a meio caminho da boca, não acreditando no que acabava de escutar.

— Não compreendo — gaguejou Halpern.

— Realizem a experiência no âmbito do instituto de medicina ou no departamento de psicologia. Desse modo, a paciente poderá ser testada para constatar-se seus poderes espirituais, ou lá o que seja, e ao mesmo tempo

será possível supervisionar sua segurança, física e mental por meio de pessoas capazes e autorizadas.

A Dra. Cooley aproximou-se depressa da plataforma, com um olhar de agradecimento à moça. Frequentemente, a juventude é a única aliada de si mesma.

A Dra. Cooley declarou:

— Seria uma forma razoável de efetuar a pesquisa e, ao mesmo tempo satisfazer os interesses legítimos do programa de residência médica chefiado pelo Dr. Weber.

— Não admitirei tais experiências — protestou o Dr. Weber, erguendo-se.

Várias vozes tentaram dissuadi-lo.

Um homem de vasto bigode negro se levantou. A gravata amarela contrastava fortemente com a camisa branca.

— Não cabe ao Dr. Weber, *per se*, aprovar a ideia — disse ele. — Só tem jurisdição sobre a paciente no que esta se relaciona com o programa de residência médica. Talvez haja outro membro do Departamento de Psiquiatria que esteja disposto a falar em favor da segurança da paciente e, possivelmente, também da validade da experiência, ou dos testes.

— Não, se desejar continuar registrado no Conselho Nacional de Medicina — resmungou o Dr. Weber.

Um homem baixo, de orelhas pontiagudas, se pôs de pé. Era relativamente jovem, nervoso e desacostumado a falar perante grandes grupos.

— Eu talvez estivesse disposto a estudar a proposta — disse ele. — Sou o Dr. Balczynski, da psiquiatria clínica. Sinto-me um tanto intrigado por isso tudo.

— Balczynski — segredou o Dr. Weber ao ouvido do Halpern.

— É incompetente até para amarrar os sapatos.

— Então, estaria disposto a assumir a responsabilidade médica?

— Creio que sim. Antes, gostaria de examinar a proposta, naturalmente.

A Dra. Cooley adiantou-se.

— Evidentemente — declarou —, poderemos modificar a experiência para

satisfazer quaisquer limitações impostas pelo Dr. Balczynski.

Uma sensação de alívio percorreu o salão. Afinal, estavam livres da controvérsia.

— Proponho uma votação — disse uma voz.

— Apoiado.

O homem magro e calvo na plataforma falou num tom nítido e meticuloso.

— A solicitação feita ao conselho é de uma recomendação ao Reitor Osborne para rescindir o memorando por ele enviado no dia 4 de abril ao Departamento de Psicologia, através do qual o citado departamento recebeu instrução para reduzir a divisão experimental chefiada pela Dra. Cooley a um laboratório e retirou da referida divisão, em caráter permanente, o direito a sala de aulas exclusiva. A recomendação do conselho deverá permanecer em vigor até a realização de uma revisão departamental de acordo com as normas e regulamentos ora em vigor.

A proposta foi aprovada por 254 votos contra 46, sem abstenções.

A Dra. Cooley subiu uma última vez à tribuna, com a fisionomia radiante, parecendo iluminada por uma força interior.

— MUITÍSSIMO obrigada a todos — disse ela. — Seria impossível pô-los a par das pressões sob as quais trabalhamos. Não sei dizer no momento se nossas pesquisas serão ou não frutíferas. Talvez não sejam. Todavia, o direito de continuá-las — que vocês aqui reafirmaram hoje — é uma vitória não apenas de divisão que chefiou, mas de todos os que aqui se encontram. Agradeço-lhes mais uma vez.

Tornou a sentar-se aquecida pela paz que lhe dominava a mente e o coração. Finalmente uma vitória, após tantos anos!

Agora, existia um precedente. Jamais ela possuíra uma rocha onde firmar-se. Era quase um sonho.

Os papéis fizeram barulho quando os professores viraram as páginas para o assunto seguinte na pauta: a proposta de uma greve nas cantinas.

O Dr. Weber levantou-se e retirou-se ostensivamente.

— Carneiros! — resmungou em voz alta. — Um rebanho de carneiros! Eis aí

o que vocês são! Não compreendem que existe uma realidade lá fora?

Saiu às pressas pela porta, derrubando uma pilha de boletins mimeografados de cima da mesinha junto à entrada.

A Dra. Cooley não conseguiu concentrar-se no restante da reunião. Desejava que Kraft e Mehan ali estivessem para discutirem qual era, exatamente, o significado da resolução do conselho. O que significaria precisamente “no âmbito da universidade”? A única maneira de trazer a experiência para o âmbito da universidade seria relocar fisicamente a mulher, o que não seria muito difícil, pois ela certamente estaria disposta a aceitar a mudança. Contudo, existiam muitas variáveis relacionadas com a casa — variáveis que influenciavam sua disposição espiritual, que alteravam a atmosfera, a rotação da terra, a presença de outras pessoas, especialmente dos filhos. A Dra. Cooley tentou equacionar mentalmente o problema. Tinham o dinheiro do subsídio, tinham autorização para agir. Como, exatamente, implementariam o estudo?

QUARTA PARTE

A Entidade

“... uma masmorra horrível ardia por todos os lados como enorme fornalha; não obstante, daquelas chamas não vinha luz, mas escuridão visível que só servia para descobrir visões de desgraça, regiões de pranto, sombras lúgubres. onde não podem morar a paz e o descanso,

onde nunca chega a esperança que chega para todos.”

MILTON

Nos termos do subsídio concedido pela Fundação Roger Banham, Kraft e Mehan estavam autorizados a empregar quaisquer meios tecnológicos, desde que atendessem aos padrões científicos de confiabilidade. Nos termos da resolução do conselho acadêmico, porém, nenhuma experiência seria permitida no interior da residência da família Moran. Portanto, a casa — ou melhor, todos os seus elementos removíveis e transportáveis — foi transferida para o laboratório.

O quarto pavimento do prédio de ciências psicológicas foi alocado para a experiência. Com a aprovação do Reitor Osborne e a relutante permissão do controlador financeiro da universidade, as paredes do que tinham sido quatro laboratórios separados, bem como as divisões entre as outras salas, foram removidas, deixando à disposição da equipe da Dra. Cooley um enorme vão equipado com um abundante suprimento de tomadas de corrente elétrica, condutos de ventilação e tubulação para gás, água e oxigênio. Os estudantes removeram antigas mesas, torneiras, prateleiras e armários para equipamentos, até que só restou um amplo espaço vazio de dimensões suficientes para abrigar várias quadras de tênis. Operários usando escadas e equilibrando-se sob o teto de pé direito desusadamente elevado, isolaram acusticamente a imensa câmara. As paredes foram forradas com telas Farady duplas em conjunção com escudos de nióbio supercondutor e metal Mu, a fim de evitar que eventuais radiações eletromagnéticas penetrassem no enorme espaço vazio.

Então, foi construída uma larga passarela suspensa, que cercava por todos os lados a área central, de modo que Kraft, Mehan, a Dra. Cooley ou qualquer outra pessoa pudessem dar a volta completa e observar o interior, seis metros abaixo da passarela.

No dia 6 de maio, erigiu-se uma réplica exata da casa da rua Kentner, sem forro e telhado. Cozinha, sala, quartos, corredor e banheiro foram reconstituídos na mesma disposição e dimensões que antes. Então, trouxeram

a mobília de Carlotta. Os tapetes foram estendidos sobre o velho assoalho, os móveis gastos colocados na mesma posição de costume. Sapatos e algumas revistas espalhados pelo chão, como se os ocupantes morassem ali há anos. Parecia um cenário teatral, só que as paredes eram mais sólidas.

Quando o trabalho inicial foi completado, na manhã de 10 de maio, tudo ficou pronto para abrir-se o pano de “Caso 142 — Entidade Desencarnada”, quase um quarto do subsídio de um milhão de dólares concedido pela Fundação Roger Banham já fora gasto.

O item final da casa da rua Kentner a ser instalado no laboratório era Carlotta Moran.

Na noite da véspera da partida de Carlotta para a estadia de duas semanas no meio-ambiente preparado — expressão escolhida de comum acordo pelo Reitor Osborne e a Dra. Cooley —, recebeu uma última visita. *Ele* veio visitá-la no pequeno quarto de motel que a universidade reservara para ela.

Carlotta deitara-se cedo, pensativa e com um peso no coração. A ausência de Jerry pairava sobre ela como uma nuvem que se recusava a desaparecer. Ainda na cadeia, Jerry negava-se a receber Carlotta ou a aceitar qualquer recado dela. Carlotta escrevera ao advogado, explicando que tropeçara e batera acidentalmente com a cabeça na cadeira. Desde então, não recebera qualquer notícia do advogado ou de Jerry e estava quase acreditando que nada mais significava para Jerry. Estava justamente pensando nisso quando *ele* chegou.

Não houve barulho, só o frio. Num momento o quarto estava vazio e, de repente, *ele* chegou. Tentou ativar Carlotta, estimulá-la, excitá-la carnalmente, a contragosto, procurando levá-la a uma reação sexual intensa. *Seu* cheiro envolveu Carlotta como uma capa protetora, um invólucro maléfico e gelado. O colchão movia-se ao ritmo do peso combinado de ambos. *Ele* se tornou mais rude, mais duro, tentando assumir o controle total de Carlotta.

— Dê-me mais.

Ele obrigou Carlotta a rebolar, a movimentar-se para frente e para trás, pouco se importando com a náusea que a invadia, inundando-lhe os tecidos como uma onda de escuridão mental.

Obrigou-a a dobrar-se numa posição esquisita e saciou sua luxúria em Carlotta.

— Dê isto a seus amigos.

Carlotta chegou à universidade às dez e meia, acompanhada por Kraft, Mehan e a Dra. Cooley. Às onze e quinze, estava acomodada em sua “casa” e a vigília formal teve início.

A primeira reação de Carlotta foi uma sensação estonteante de *déjà vu*. Era a sua casa. Só que não era. Algo que parecia ser luz do sol filtrava-se através do que parecia ser janelas normais.

A poeira flutuava no ar, com um cheiro normal de tapete usado, dando a impressão de haver mofo em algum lugar. As portas se abriam para todos os aposentos corretos. O rádio quebrado de Billy estava jogado a um canto, perto da cama dele. Até mesmo o brinquedo de borracha de Kim estava na banheira manchada.

Como nos pesadelos de Carlotta, o ambiente era real e, ao mesmo tempo, não era.

Contudo, em vez de luzes na passarela suspensa que circundava a casa os monitores de vídeo vigiavam silenciosamente no escuro. Carlotta não conseguia vê-los.

Ninguém conseguiria, mesmo que conhecesse sua localização.

Bem no alto, na escuridão de um cubículo, a Dra. Cooley e sua equipe observavam tudo através de uma sofisticada bateria de monitores de televisão.

Tanto quanto possível, o equipamento de observação fora automatizado para exercer uma vigilância contínua e permanente. Detectores de campos eletromagnéticos registravam incessantemente a presença de campos elétricos, magnéticos e eletrostáticos, tanto AC como DC, que surgissem na estrutura armada lá embaixo. Monitores de ionização, de natureza mais sofisticada que os utilizados na rua Kentner tinham sido instalados no

laboratório. Sensores eletrônicos registravam as alterações na taxa de resistência atmosférica à passagem de energia elétrica e analisavam tais alterações com relação a várias faixas de frequência.

O Dr. Balczynski, como lhe cabia explicitamente fazer, supervisionava o processo num delírio de espanto e confusão.

Kraft lhe explicava:

— Nos últimos meses, fizemos observações extraordinariamente detalhadas da Sra. Moran, de seus filhos e da casa. Agora, que duplicamos o local em seus mínimos detalhes, esperamos atrair o fenômeno por intermédio da Sra. Moran.

— O que esperam exatamente dela? — indagou Balczynski, desconfiado.

— Apenas que resida aqui — replicou simplesmente Kraft.

— Quer dizer, dormir aqui e tudo o mais?

— Sim.

A fisionomia de Balczynski expressou desânimo: — Isso significa que serei obrigado a passar minhas noites aqui, também.

Kraft sorriu:

— Espero que o senhor observe todas as noites. Na verdade, desejamos que o senhor assine um atestado de que ela goza de perfeita saúde mental. É para o nosso relatório final.

O Dr. Balczynski, suspirou, o que parecia indicar que não tinha objeções a apresentar.

— Duvido que vocês consigam provar isso a alguém — murmurou ele, fitando os monitores de televisão.

— Por que não?

— É tudo tão... tão... se me permite falar com franqueza... tão juvenil.

O sorriso de Kraft não se alterou, mas seus olhos deram a impressão de escurecer, de modo que o Dr. Balczynski sentiu-se diante de uma careta quase ameaçadora.

— Juvenil, Dr. Balczynski, seria não acreditar no que for provado.

O Dr. Balczynski exibiu um sorriso ambíguo. Seu olhar indicava que a

esperança travava uma luta interior com a formação médica.

— Ela precisa saber que está sendo observada? — indagou ele.

— Claro. Nós lhe explicamos tudo, mas ela logo se acalmará e, na familiaridade do ambiente, nos esquecerá. O que é exatamente o nosso objetivo.

— Mas todas essas câmaras... o fato de saber que está sob constante observação... causa nervosismo em qualquer pessoa — comentou Balczynski. — Nesse caso, é bem possível que ela sinta uma paranóia perfeitamente justificável.

— Mas ela não consegue ver as câmaras — disse Kraft.

— Venha, eu lhe mostrarei.

Subiram, no escuro, uma íngreme escada metálica. O Dr. Balczynski viu-se num parapeito seis metros acima de Carlotta, que estava sentada numa poltrona estofada, lendo.

— Está vendo? — sussurrou Kraft. — nem percebe nossa presença.

O Dr. Balczynski acenou violentamente os braços. Carlotta não ergueu os olhos. Era uma sensação esquisita observar outro ser humano daquela maneira.

Em frente à fileira de câmaras, Kraft encarou o Dr. Balczynski e sorriu.

— Este é um sistema de vídeo termovisão. Funciona por meio de radiação infravermelho, mostrando os graus e a distribuição de calor em qualquer objeto que esteja naqueles aposentos.

Kraft manipulou vários botões e um retângulo verde se tornou visível na tela.

— O que é isso? — quis saber o Dr. Balczynski, desconfiado.

— É o refrigerador. Como está frio e irradia muito pouco calor, aparece em cor verde.

— O que é aquele brilho alaranjado embaixo?

— A localização do motor. É mais quente que o resto do refrigerador. Portanto, a reação colorida é diferente.

O Dr. Balczynski virou-se a fim de olhar para baixo. Carlotta comia uma maçã. Parecia totalmente composta e controlada, ignorando por completo os

dois homens que conversavam a seu respeito seis metros acima dela.

Kraft focalizou a câmara em Carlotta. Uma variação de luz multicolor cobrindo todo o espectro brilhou na tela. Uma imagem fantasmagórica, irradiada, manchada e difusa, que produzia uma luminosidade própria no escuro.

— Vê aquele objeto azul? — indagou Kraft. — É a maçã.

— Meu Deus! — exclamou Balczynski — Pode-se vê-la engolir!

Fascinado, observou um objeto azul misturar-se à massa multicolor de forma vagamente humana. O objeto azul diminuiu lentamente, perdendo o brilho até confundir-se com o resto da imagem.

— Espantoso, não é mesmo? — comentou Kraft. — Vou mostrar-lhe as outras duas câmaras.

Indo mais à frente, abaixando as cabeças para passar sob vigas de sustentação, Kraft e Balczynski chegaram ao local onde fora instalada uma segunda bateia de câmaras.

— Isto é uma transmissão em cores a baixo nível de luz — explicou Kraft. — Bem semelhante à dos mais caros sistemas comuns de televisão a cores, mas equipado com sistemas eletrônicos de amplificação de luz. É capaz de captar e transmitir imagens numa escuridão quase total.

— Deve custar muito caro — comentou o Dr. Balczynski.

— Setenta e oito mil dólares.

Muito satisfeito, Kraft apontou para outro conjunto de controles, do qual sobressaía uma lente de câmara surpreendentemente pequena.

— É uma câmara comum de televisão a cores — disse Kraft.

— A única diferença reside no fato de ser totalmente automatizada. Na verdade, é computadorizada e nos fornecerá quilômetros de fitas gravadas quando a experiência terminar.

Kraft exibia um sorriso amável que, de algum modo, perturbava Balczynski. Este imaginou que talvez estivesse passando por otário. Já permitira que eles avançassem muito além do que ele originalmente julgara necessário — antes de compreender a enorme soma de dinheiro que seria dispendida.

Embora nada houvesse de genuinamente perigoso no que haviam arquitetado,

Balczynski sentia que fora manipulado por eles.

— Compreenda que serei obrigado a controlá-los bem de perto — advertiu o médico. — E interromperei a experiência, se necessário.

— Creio que não terá motivos para preocupação — replicou suavemente Kraft.

O Dr. Balczynski olhou para baixo. Carlotta estendera-se na espreguiçadeira para conchilar. Usava saia de *tweed* e blusa branca de tecido leve. O Dr. Balczynski não pôde deixar de notar que era uma mulher atraente, de uma forma estranha, terna e suave. Da mesma maneira que todo o seu corpo parecia um convite ao maléfico — vulnerável, exausto, indefeso. De repente, o Dr. Balczynski deu-se conta de que Carlotta fora transformada numa espécie de isca para a tal entidade; todavia, como ele não acreditava que a entidade existisse, não podia protestar. Se o fizesse, passaria por tolo na escola de psiquiatria.

— Algo errado? — indagou Kraft.

— Não, nada. Só gostaria de ver tudo isto terminado.

Naquela noite, Carlotta despiu-se em “seu quarto” e enfiou-se sob as cobertas. A luz difusa do abajur banhava-lhe a pele com um brilho leitoso. Reinava um silêncio sepulcral. O Dr. Balczynski deixara para ela um tranquilizante e um copo d’água.

Carlotta não precisou tomar o remédio. Adormeceu sem sentir e acordou de manhã. O sol simulado brilhava e gravações do canto de pássaros enchiam o ambiente. A Dra. Cooley bateu de leve à porta.

— Entre — disse Carlotta em tom alegre.

— Dormiu bem?

— Perfeitamente.

— Nenhum problema?

— Sonhei que era criança, num campo cheio de margaridas.

O céu estava muito azul e os rios brilhavam ao sol.

— Que belo sonho — comentou a Dra. Cooley com ar sonhador.

Uma hora mais tarde, Kraft e Mehan chegaram.

— Gostaríamos que você mantivesse um registro de todos os seus pensamentos e impressões enquanto permanecer aqui — disse Kraft. — Instalamos um relógio digital em seu quarto, de modo que você poderá anotar as horas. É muito importante para nós conhecer todas as suas experiências subjetivas.

— E seus sonhos — aduziu Mehan. — Têm uma importância especial.

— Tudo será estritamente confidencial — acrescentou Kraft.

— O registro lhe será devolvido após a experiência. Se publicarmos alguns trechos, seu nome não será mencionado.

Mehan entregou a Carlotta um grosso e pesado caderno com capa de vinil. Deu-lhe também uma caixa de canetas esferográficas.

— Por mais loucos que possam parecer seus pensamentos, até mesmo desconexos ou incoerentes, são de grande importância para nós — declarou Kraft.

— Se isso ajudar vocês... — replicou Carlotta, muito séria.

Três dias se passaram sem incidentes.

Tudo fora providenciado para que Billy e as irmãs ficassem com Cindy. Podiam visitar Carlotta durante o dia, após as aulas, mas Kraft preferia mantê-la o mais isolada possível. Desejava que ela se relaxasse, esquecesse onde estava e retornasse ao estado psíquico mais normal possível — para ela. Não obstante, ver as crianças era o único alívio de Carlotta no que logo se transformaria num longo período de tédio e ela aguardava ansiosamente as visitas dos filhos.

Começou a adaptar-se. O local já passara a ser como sua velha casa — mas não por completo. Era novo e limpo demais, com sons e cheiros diferentes. Carlotta estendeu-se na cama, sonolenta, mergulhando num torpor tranquilo e relaxado.

Começou a divagar. Imagens de flores coloridas e brilhantes inundaram o quarto.

Abriu os olhos, pegou o caderno e anotou a hora: 02:34.

Muito silêncio. Tudo tranquilo. É gostoso. Quase como estar em casa antes de tudo isto acontecer. Afinal, verdadeira tranquilidade. Sonhei com flores. Mais uma vez, flores amarelas num prado. Dormir será ótimo.

Releu o que escrevera. Garrett saberia como traduzir em palavras pensamentos tão leves: palavras melífluas, a sensação de caminhar para um futuro suave e maravilhoso, a atmosfera sensual de calor e prazer, a tranquilidade de estar sozinha e ser protegida. Mas ela não era poetisa e os fragmentos de frases que escrevia pareciam-lhe míseros representantes da melosa calidez que se espalhava por seu corpo inteiro.

Quando Cind chegou com Billy e as meninas, Carlotta estava dormindo.

24

No oitavo dia, Carlotta tornou-se extremamente sensível aos sons, como se temesse que *ele* voltasse. Exceto isso, não havia a menor indicação de algo anormal.

No final daquela manhã, Joe Mehan entrou no meio-ambiente simulado com um grande caderno no qual reunira muitas ilustrações copiadas de estudos sobre fenômenos espíritas. Alguns dos desenhos eram esboçados por artistas baseados em descrições verbais, outros pelas próprias vítimas. O objetivo de Mehan era identificar o tamanho, forma e aparência geral do visitante espectral de Carlotta.

Mehan abriu o caderno e exibiu as ilustrações coloridas, uma a uma.

— Alguma destas figuras lhe parece conhecida? — indagou delicadamente.

— Não — replicou Carlotta.

— Que tal esta? Foi uma visita registrada na França, de caráter brutal.

— Não... ele é mais... ele é maior, mais alto.

— Talvez esta? Foi registrada na Patagônia.

— Sim... um pouco. Mas não com o rosto tão redondo.

Mehan refletiu um pouco. Apresentou vários outros desenhos. Aparições demoníacas desfilaram ante os olhos de Carlotta, aterrorizantes, loucas, todas elas violentamente dementes.

— Não — disse Carlotta, hesitante. — Talvez esta... não... mais rude. E tem olhos rasgados, oblíquos.

Mehan fechou o caderno.

— Nenhuma delas parece com o que você vê?

— Não, nenhuma.

— Então, importa-se se eu fizer um esboço, baseado na sua descrição?

— Claro que não.

Mehan pegou vários lápis de carvão e pedaços de giz colorido, além de um grande bloco de papel de desenho.

Trabalhou durante várias horas, o pulso e o braço movimentando-se com agilidade sobre o papel.

— Assim? — perguntou, afinal.

Carlotta, quase a contragosto, olhou para o desenho. Pôde ver a imagem adquirindo forma. Prendeu a respiração.

— É ele — sussurrou. — Mas os olhos... são mais cruéis.

— Assim? — perguntou Mehan, após fazer alguns traços fortes, violentos, no papel.

— Sim. E o rosto é... mais sólido... mais...

— Musculoso?

Mehan levantou os malares com alguns hábeis traços de giz azul-claro e branco.

— Sim — disse Carlotta, recuando da fisionomia hedionda. — É assim que ele parece.

Mehan guardou o desenho final na coleção de gravuras. Além disso, transcreveu a descrição verbal de Carlotta. Mandou tirar fotocópias, entregando-as à Dra. Cooley, a Kraft e um ao Dr. Balczynski.

O Dr. Balczynski enviou seu exemplar ao Dr. Weber, acompanhado de um memorando no qual informava que se haviam completado nove dias da pesquisa e que se ele, Dr.

Weber, visse algo semelhante ao desenho anexo, tivesse a bondade de telefonar para a divisão de parapsicologia.

O Dr. Weber explodiu numa gargalhada.

— Coloque isto na caixa de correspondência de Sneidermann — ordenou à secretária.

Sneidermann pegou o papel naquela tarde. Desdobrou a cópia do esboço, que trazia à margem vários epítetos acrescentados à mão pelo Dr. Weber. Sneidermann não achou graça no desenho nem nos comentários rabiscados pelo supervisor. Era um rosto terrível. O jovem residente sentia-se quase fisicamente doente com a ideia daquela “pesquisa”.

Bateu à porta do Dr. Weber.

O supervisor estava examinando a correspondência que recebera naquela tarde. Recebera uma oferta para organizar um programa de residência médica na Guatemala e procurava colocar em ordem as coisas na clínica da universidade antes do início do verão.

— Entre, Gary — disse ele. — Recebeu meu memorando?

— Sim — replicou Sneidermann, brandindo sombriamente o esboço. — Parece-me coisa de Balczynski.

O Dr. Weber riu baixinho, assinou um memorando e estendeu a mão para pegar a faca de papéis.

— Acha que toda... essa estória de “experiência”... está fazendo mal a Carlotta? — indagou Sneidermann.

— Deseja realmente minha opinião?

Sneidermann sentou-se nervosamente numa ampla poltrona de couro preto.

— Nosso melhor trunfo é que eles fracassarão — disse o Dr. Weber. — Quando fracassarem — e pode crer que isso sempre acontece com eles — a paciente terá esgotado seu último refúgio contra a realidade. Será obrigada a procurar-nos novamente e encarar a ansiedade. É tudo muito simples, na verdade.

Sneidermann amassou o envelope e o atirou na cesta de papéis usados. Passou algum tempo observando pela janela as enfermeiras que se movimentavam no pátio lá fora. O Dr. Weber terminou de datilografar um memorando ao chefe do programa de viciados em tóxicos.

— Quando acontecerá isso? — quis saber Sneidermann.

O Dr. Weber sacudiu os ombros.

— Ainda restam cinco dias até o término da experiência. Adicionemos alguns dias até Carlotta compreender que não tem para onde se voltar.

— Cinco dias — suspirou Sneidermann. — Fico nervoso só em pensar nisso.

— Acalme-se.

— Suponhamos que eu fosse até lá e desse uma espiada?

— O que dizia a resolução da assembléia?

— Não proibia ninguém de visitar o local.

O Dr. Weber olhou severamente para Sneidermann.

— Então, vá espiar. Mas não quero ouvir falar de encrencas provocadas por você.

Sneidermann saiu da sala do Dr. Weber, atravessou rapidamente o pátio e entrou na ala de psicologia do hospital universitário. Tomou o elevador até o quinto andar.

Debruçou-se sobre o bebedouro de água gelada existente no corredor. Deu-se conta de que estava com ciúmes. Já fazia dois meses que tinha ciúmes. Eles tinham Carlotta; ele não. Tais emoções juvenis eram uma praga que o perseguia. Não se orgulhava do que sentia, mas era verdade e ele não podia negar os sentimentos que o dominavam.

Bateu de leve à porta da Dra. Cooley. Um estudante informou que a professora estava no quarto pavimento. Sneidermann vagou, com as mãos enfiadas nos bolsos, pelos minúsculos laboratórios. Observou as cobaias com os flancos e dorsos presos a eletrodos. Tentou imaginar que tipos de experiências eram feitas com os pobres animais sob o embuste de alguma “teoria”. Ouviu um esquisito som de borbulhas. Virou-se. Um peixe o fitava do interior de um aquário verde. Era um peixe exótico e feio, cujas guelras lançavam jatos de água sobre as pedrinhas do fundo do aquário.

Na sala seguinte, viu vários estudantes aplicando campos magnéticos nas próprias mãos. Pigarreou ligeiramente. Eles se voltaram, surpresos, assumindo uma atitude cautelosa na presença de um estranho.

— Onde está Kraft?

— No quarto pavimento.

Sneidermann voltou através da primeira sala, encaminhando-se aos corredores. Parou para examinar um gráfico superposto a um mapa da cidade.

As legendas diziam: “áreas ativas”, “áreas semi-ativas”, “áreas amortecidas”. Sobre a rua Kentner estava marcada uma “área ativa”, com os nomes de Kraft e Mehan anotados ao lado.

Sneidermann reparou que as áreas ativas marcadas no mapa eram muito

raras. Portanto, não era de espantar que eles se mostrassem tão agitados com relação à rua Kentner. Sacudiu tristemente a cabeça, calculando que para cada área ativa deveria existir um esquizofrênico em potencial ao qual era negado um tratamento psiquiátrico adequado.

O quarto pavimento estava peculiarmente escuro. As luzes normais do saguão tinham sido substituídas por fracas lâmpadas amarelas. Um estudante ergueu cortesmente os olhos da mesa que bloqueava o acesso ao corredor.

— Em que posso servi-lo?

— O que é você? Um guarda?

— Gostamos de selecionar os visitantes.

— Bem, vá dizer a eles que Gary Sneidermann está aqui.

Após algum tempo, o estudante regressou do interior escuro da câmara de experiência.

— A Dra. Cooley gostaria de saber a natureza exata de sua visita.

— Uma observação amistosa — declarou Sneidermann, tentando manter-se calmo.

— Muito bem. Neste caso, faça o favor de me acompanhar.

Sneidermann seguiu o estudante ao longo do corredor. A iluminação se tornava cada vez mais escassa. Logo, o ambiente ficou positivamente escuro. Só naquele instante Sneidermann percebeu o profundo silêncio. Dobraram uma esquina e continuaram a avançar. O ar era abafado, como se o recinto estivesse hermeticamente selado.

— Isto aqui parece as malditas pirâmides — resmungou Sneidermann.

O estudante, ignorando o comentário, abriu a porta da sala de observação. Lá dentro, uma ampla variedade de telas, em algumas das quais havia a imagem de Carlotta num ambiente que parecia ser sua casa.

— Boa-tarde, Dr. Sneidermann — disse a Dra. Cooley, cautelosa, estendendo a mão.

Cumprimentaram-se.

— Estou aqui por minha própria conta — explicou Sneidermann. — Nada de

oficial.

— Compreendo. Se tem perguntas a fazer, procure-me, por favor. Os outros estão ocupados.

Sneidermann cruzou os braços e olhou em torno de si. Os monitores de vídeo estavam instalados na parede, em plano relativamente elevado, de modo que ele foi obrigado a levantar a cabeça para vê-los todos. Eram a cores e, provavelmente, muito dispendiosos. Então, Sneidermann viu Carlotta nas telas, entrando em seu quarto. Sentou-se na beirada da enorme cama de madeira entalhada e começou a fazer anotações num grosso caderno com capa de vinil. Em seguida, Mehan apareceu em cena.

O coração de Sneidermann falhou uma batida. Desviou o olhar para outro monitor, focalizado numa área essencialmente vazia, contendo apenas caixas de equipamentos eletrônicos. Kraft surgiu na tela e coçou a cabeça, sem saber que estava sendo observado. A seguir, retirou da caixa vários instrumentos pequenos. Na tela à esquerda, Carlotta riu levemente de algum comentário feito por Mehan.

— Ela parece muito calma — disse Sneidermann:

— E está. Dorme muito bem. Não toma tranquilizantes.

Sneidermann teve a impressão de que havia um toque de desapontamento na voz da Dra. Cooley. Lançou-lhe um olhar de esguelha, mas não conseguiu ler-lhe os pensamentos. Então, avistou, pela porta aberta, a porta que dava para a câmara experimental, com seu trinco novo e brilhante. Embora aquilo o enfurecesse, ele não tinha motivos reais para protestar.

— Um aparelhamento inventado pelo Sr. Kraft. Vamos instalá-lo na passarela acima da casa experimental. Assegura um nível de ionização idêntico ao que foi medido na verdadeira casa da Sra. Moran.

— Pretendem bombardeá-la com radiação?

— Isto é ciência, Dr. Sneidermann, e não ficção científica. Cada célula orgânica neste planeta é constantemente bombardeada por raios ultravioleta, raios cósmicos e muitas outras formas de energia. O que tentamos fazer aqui é reproduzir o meio-ambiente de modo a duplicar com a máxima exatidão possível a casa da rua Kentner.

Sneidermann refletiu que aquilo não fazia mais sentido que todas as outras

coisas que eles faziam. Não obstante, teve a vaga impressão de que a Dra. Cooley ocultava algo.

— Por quê? — quis saber ele.

— Para induzir a entidade a aparecer.

Sneidermann fitou a Dra. Cooley, imaginando se esta não sofrerá, também, algum tipo de colapso mental.

— Pretendem aprisioná-la? — indagou, incrédulo.

— A fim de observá-la. Se conseguirmos.

— Suponhamos — levando em conta uma possibilidade extrema — que ela não apareça?

— Então, ela não aparecerá — replicou a Dra. Cooley, ignorando o tom sarcástico do psiquiatra. — Já lhe expliquei, Dr. Sneidermann, que aqui nada inventamos.

— Eu gostaria de falar com Carlotta — declarou ele.

A Dra. Cooley fez uma pausa, estudando a fisionomia do residente.

— Não. Preferimos mantê-la em isolamento.

— Só por um instante.

— Temos que ser intransigentes nesse aspecto, Dr. Sneidermann.

Sneidermann olhou da Dra. Cooley para as telas dos monitores. Carlotta explicava algo a Mehan, gesticulando expansivamente e, depois, sorrindo.

— Como vê, ela está com excelente disposição — disse a Dra. Cooley.

Sneidermann tropeçou no corredor escuro. Por um instante, seu senso de orientação se confundiu. Então, ele viu a porta que dava para o ambiente experimental e se encaminhou para lá.

Precisava confrontar-se com Carlotta, permanecer em contato com suas próprias emoções na presença dela, descobrir por que motivo ela começava a obcecá-lo.

Apoiou-se repentinamente à porta. Para sua surpresa, ela cedeu. Indubitavelmente, ninguém esperava que ele tentasse entrar. Não... A porta fora aberta por dentro pela própria Carlotta, que agora passava para o corredor. Sneidermann foi totalmente apanhado de surpresa.

— Carlotta — murmurou ele, hesitante.

Ela ficou espantada por um momento, pois não esperava topar com alguém no escuro. Então, quando seus olhos se acostumaram à escuridão, reconheceu o vulto à sua frente e disse timidamente:

— Olá, Dr. Sneidermann.

Sneidermann avistou de relance, por sobre o ombro de Carlotta, a duplicata perfeita da casa onde a visitara antes.

Carlotta explicou, num tom quase orgulhoso: — Construíram um meio-ambiente natural, para pegar ele numa armadilha.

— Foi isso que lhe disseram?

— É isso que estão fazendo.

— É o que você acredita?

— Quero acreditar.

Os olhos de Carlotta faiscavam nas sombras profundas do corredor. Sneidermann teve ímpetos de agarrá-la, obrigá-la a escutar, derrubar as paredes que ela permitira que eles erguessem ao seu redor.

— Volte para... a terapia — disse ele, quase deixando escapar as palavras “para mim”.

Carlotta exibiu um sorriso penalizado.

— O senhor é como uma criança, Dr. Sneidermann: sempre desejando o que não pode ter.

— Carlotta — interpôs ele com voz rouca. — No fundo do coração, você conhece a diferença entre realidade e fantasia.

— Não sei a que se refere.

— Eles são farsantes.

Carlotta virou-se furiosamente para o outro lado.

— O senhor está sempre repetindo a mesma coisa — declarou. — Nem sei por que faz isso.

— Você não sabe?

— Não.

— Porque me importo com você. Gosto de você.

Ela riu rudemente, espantada mas sem malícia.

— Gosto muito de você, Carlotta.

Ela pareceu enervar-se. Recuou, ajustou melhor a blusa para dentro da saia e depois tornou a encará-lo, confusa.

— Bem, o senhor é um homem muito estranho, Dr. Sneidermann — comentou.

— Apenas não quero que você se feche numa concha — disse ele. — Às vezes é necessário fazer contato, mesmo que seja com uma única pessoa, para não perder a noção da realidade.

— Foi o que tentei — replicou ela, amargurada. — O que aconteceu? Jerry não me responde. Agora, está praticamente morto para mim.

— Mas nem todo mundo é igual a Jerry. Às vezes, você precisa estender a mão através da dor, da miséria...

— O que está tentando dizer, Dr. Sneidermann?

— Estou tentando dizer que você e eu podemos estabelecer aquele contato — replicou ele, reunindo os vestígios de dignidade que ainda lhe restavam.

Carlotta permaneceu calada, os olhos negros brilhando como os de um animal na escuridão do corredor.

— Não quero fazer contato — disse ela.

— Entende o que estou dizendo?

Houve um impasse. Sneidermann já não conseguia ler a expressão no rosto dela. Perdera o afastamento em que mantinha seus próprios sentimentos. Agora, só sabia que estes se haviam sobreposto a ele na presença de Carlotta. Jamais se sentira tão sozinho. Num relance, entendeu por que motivo o Dr. Henry Weber aprendera a calejar-se contra sentimentos humanos ao lidar com os pacientes. A dor e o isolamento eram insuportáveis.

— Agradeço-lhe o interesse — disse Carlotta, com um tom peculiar de decisão.

— Não há de que — respondeu ele, confuso. — Creio que este foi o verdadeiro motivo de minha visita: certificar-me de que você conhecesse minha posição.

Sem outra palavra, Carlotta abriu a porta e voltou à câmara experimental. A pesada porta se fechou sozinha, trancando-se automaticamente. Contudo, antes que a porta se fechasse totalmente, Sneidermann avistou-a de relance — uma visão que lhe perturbava o sono: o contorno do corpo delicado, trajando uma bonita combinação de saia e blusa, sozinho em seu mundo de fantasia. Os olhos penetrantes, tão indefesos quanto demoníacos, destruindo todo e qualquer vestígio da independência de Sneidermann. Ele compreendia agora que, acontecesse o que viesse a acontecer, seus destinos estavam mesclados. Recuou estupidamente, desajeitado, tentando encontrar o caminho da saída.

Uma hora mais tarde, Sneidermann escutava pacientemente um homem obeso explicar que não conseguia deixar de pedir a maior sobremesa num restaurante. Interiormente, porém, o jovem psiquiatra via a imagem de Carlotta, o corpo quase visível através da blusa, os olhos negros e ardentes.

Enquanto escutava o monótono monólogo do paciente obeso, Sneidermann descobriu uma verdade da psiquiatria que só vem à luz com a experiência: a despeito de todos os esforços do médico para disciplinar-se, alguns pacientes o entediam, irritam ou parecem absolutamente detestáveis. Perturbado por tal revelação, Sneidermann redobrou os esforços para auxiliar o homem que viera consultá-lo.

Em seu quarto, tarde da noite, fumando e refletindo, Sneidermann lembrou-se de que, havia apenas alguns meses, ele jamais tivera quaisquer sentimentos. A psiquiatria era uma disciplina fria e precisa, uma cirurgia da mente. Agora, porém, entendia que homem algum está imunizado contra seus sentimentos e emoções. Deu-se conta de que precisava enfrentar o caso Moran e tudo que isso significava para ele, ou perderia para sempre sua independência psicológica.

Afastando do cérebro todos os pensamentos, exceto Carlotta Moran, tentou considerá-la clinicamente e sob a luz mais objetiva possível: uma mulher relativamente bonita e não tão jovem, com três filhos, um quase adulto; uma vítima doente e iludida de suas transgressões e remorsos profundamente reprimidos, lutando para sobreviver em meio a um hediondo pesadelo que ela mesma criara. Pelo menos isto era nitidamente perceptível. Pelo menos

isto Sneidermann conseguia ver e entender. Contudo, o elemento que o intrigava constantemente, resistindo a qualquer análise e compreensão, era ele próprio.

Que diabo estaria ele fazendo no centro do panorama distorcido de Carlotta? Que fraquezas em sua estrutura faziam-no sucumbir ante aquela tentadora esquizóide? Nos círculos psiquiátricos, era considerado clichê. Se não estivesse tão cheio de todos os elementos de uma tragédia cada vez mais iminente, seria verdadeiramente engraçado — uma comédia de humor negro com ele, Sneidermann, no papel principal.

Um sorriso lhe surgiu nos lábios quando ele repentinamente se imaginou dando a boa notícia à mãe e vendo a expressão no rosto dela: “Ei, mamãe, estou apaixonado por uma mulher louca.

Não; ela não é judia”. O sorriso aumentou cada vez mais, até que ele começou a rir e — à beira das lágrimas — não conseguia controlar-se.

Naquela mesma tarde, Carlotta recebeu um telefonema do advogado de Jerry, informando que — desde que nem ela nem Billy tinham dado queixa formal da agressão — a promotoria aceitara as declarações contidas na carta de Carlotta e considerara o caso como acidente.

— Então, ele está livre? — sussurrou ela, mordendo o lábio.

— Bem, sim. Creio que se pode dizer isso.

— O que quer dizer o senhor?

— Ele foi posto em liberdade. Está legalmente livre. Mas não sei onde se encontra.

Carlotta agarrou o fone com força, sentindo-se à beira do maior de todos os desastres.

— Quando o soltaram?

— Há cerca de cinco dias.

Carlotta desligou. Telefonou para a firma onde Jerry trabalhava, em San Diego. Não lhe deram qualquer informação a respeito dele, nem mesmo informaram se ele ainda trabalhava na companhia. Recusaram-se a aceitar um recado para ele. Carlotta, porém, compreendeu o que aquilo significava:

Jerry estava com medo. Entrara em pânico, fugira e desaparecera. Ela não podia culpá-lo, mas sua ausência, agora permanente, fez com que algo se partisse dentro dela.

Não mais acreditava que melhoraria ou que conseguiriam livrá-la de seu brutal perseguidor.

Estuprada por entidade espírita

MULHER ASSOMBRADA SOB OBSERVAÇÃO

Exclusivo — Foi registrado o caso de uma mulher violentada sexualmente pelo que se descreveu como uma "nuvem verde" com músculo e voz de homem.

A Sra. Carlotta Moran, uma recepcionista de clubes noturnos atualmente desempregada, alega ter sido visitada frequentemente em sua casa por estranhas ocorrências. Segundo se relata, numa ocasião seu quarto foi devastado por uma força ou forças desconhecida que a procurava. A Sra. Moran procurou refúgio no apartamento de uma amiga, mas também lá foi atacada pela mesma "nuvem verde" que dizem ter marcante semelhança com o Dr. Fu Manchu. Mais tarde, ao voltar para o apartamento, a amiga encontrou a Sra. Moran seminua, gritando, e o apartamento totalmente destruído.

A Clínica Médica da Universidade da Costa Oeste confirma que a Sra. Moran foi tratada de equimoses, ferimentos e outras lesões típicas nos casos de estupro.

Investigações mais detalhadas revelaram que o problema teve início em outubro, quando a Sra. Moran voltou para casa tarde da noite. Ao despir-se no quarto, sentiu um cheiro estranho e em seguida, foi agarrada por trás e estuprada à força. Não viu qualquer agressor e não havia ninguém no quarto quando ela se desvencilhou do atacante. As janelas estavam trancadas por dentro.

O ocorrido se repetiu durante os meses de novembro, dezembro e janeiro, enquanto a Sra. Moran era submetida a tratamento psiquiátrico.

No momento, a Sra. Moran está sendo investigada pelo Departamento de Parapsicologia da Universidade da Costa Oeste, que espera utilizá-la como isca para atrair o agressor spectral ao interior do laboratório. O Departamento de Parapsicologia da Universidade, chefiado pela Dra. Elizabeth Cooley, reconhecidamente uma autoridade nacional no assunto, está ultimando os detalhes da perigosa caçada. Espera-se que o projeto dure várias semanas.

*Não se esqueçam: esta é uma reportagem EXCLUSIVA do AMERICAN
INQUIRER!!*

Continuaremos...



Em Busca de Conhecimento Mais Elevado

25

A Dra. Cooley largou o jornal no lixo.

— Oh, Deus do céu... — murmurou.

Durante o resto do dia, Kraft e Mehan pareceram dois cães escorraçados. Sua ira crescia paulatinamente, embora nenhum dos dois soubesse com exatidão quem deixara escapar a informação. O Dr. Balczynski negava terminantemente.

— Foi Weber — disse Mehan.

O Dr. Weber encontrou-se com o Reitor Osborne no bufê do almoço no clube dos professores. Aguardavam tranquilamente, pratos na mão, enquanto a fila avançava com lentidão, servida por garçons usando aventais. Todos os ruídos pareciam abafados. As palmas se arqueavam sobre as mesas cobertas com toalhas brancas e as contínuas conversas em voz baixa eram amortecidas pelos tapetes espessos e macios.

O Dr. Weber inclinou-se para diante, sorrindo ironicamente.

— Você hoje apareceu na primeira página — comentou.

— O quê?... Oh, o *American Inquirer*...

— Qual tem sido a reação?

— Agitada — confessou Osborne, com a fisionomia demonstrando cansaço.

— Muito agitada.

O Dr. Weber riu baixinho e escolheu vários pedaços de salmão marinado. A salada era robusta, nutritiva.

— Bela figura — murmurou ele.

— O quê?... Oh... a... bem...

— Entidade, Frank. Chamam-na de entidade.

Osborne, sem responder, encaminhou-se para uma mesa perto da janela. O

Dr. Weber sentou-se em frente a ele, pousando a bandeja num aparador próximo. Começaram a tomar a sopa em silêncio. Osborne parecia descontente, sabendo que o Dr. Weber o espicaçava.

— Que me diz a respeito, Frank? Essa estória toda não lhe começa a cheirar mal?

— Oh, que diabo, Henry. Muitas coisas me cheiram mal. Não posso eliminá-las todas.

— Mas isto é...

— Sabe o que estão fazendo no prédio da Faculdade de Belas-Artes? Moldando sobre um hectare de pão! Isto é arte, Henry? Que posso fazer? Fechar o Departamento de Arte?

O Dr. Weber riu baixinho.

— Sabe o que o Departamento de Artes Teatrais tentou no semestre passado? — insistiu Osborne, passando vigorosamente manteiga no pão. — Estão trepando no palco. É isso aí: fodendo! Ora, se eu soubesse que poderia acumular créditos acadêmicos dessa maneira...

Osborne tomou um gole de mate. Seu pomo-de-adão subiu e desceu. Ainda parecia agitado.

— Frank — disse suavemente o Dr. Weber. — Trata-se de uma farsa — e de uma farsa perigosa. Você precisa demonstrar alguma liderança. Obrigue-os a parar.

— Sou obrigado a obedecer a resolução do conselho.

— Simplesmente não consigo entender sua obstinação, Frank.

Osborne ergueu vivamente a cabeça, mas logo baixou o olhar, começando a partir o salmão.

— Não gosto de ser pressionado, Henry.

— Ora, vamos.

— Há três semanas você não larga meu pé e já estou farto disso. Os rapazes têm o direito de efetuar uma experiência. Não é maior maluquice que metade do que acontece por aqui.

— Mas a publicidade, Frank...

— É a isso que me refiro quando afirmo que não gosto de ser pressionado, Henry. Sei quem liberou aquela informação para a imprensa. Bem, desta vez o tiro vai-lhe sair pela culatra, porque esse tipo de golpe baixo não me agrada.

Osborne limpou as migalhas de pão que lhe haviam caído no colo.

— Não sei como aquilo aconteceu — declarou o Dr. Weber com sinceridade. — De todo modo, vejo que perdi a parada.

— Não falemos no assunto.

O Dr. Weber comeu sem sentir gosto. Tentou imaginar aonde iria em seguida. Não tinha lugar aonde ir.

Dois dias se passaram. Kraft e Mehan verificavam regularmente o equipamento na passarela, de onde podiam ver Carlotta na duplicata de sua casa, seis metros abaixo deles.

A paciente dava a impressão de não os ouvir trabalhar lá em cima, embora soubesse que monitores e medidores de vários tipos a observavam da escuridão acima das paredes.

O interesse supremo de Kraft era a holografia de impulsos duplos, um sistema de laser capaz de produzir uma imagem tridimensional e transmiti-la à sala de controle. Isto significava que qualquer evento ou aparição poderia ser captado e gravado em forma e cor, mas miniaturizado numa área de um metro quadrado. Mais importante ainda: o sistema de impulsos duplos era extremamente sensível ao objeto focalizado e incluía não apenas o espectro luminoso visível ao olho humano, mas atingia também as zonas infravermelho e ultravioleta.

Entretanto, nas gravações feitas continuamente, 24 horas por dia, não existia qualquer indício de anormalidade no meio-ambiente, exceto a presença de uma mulher cuja paciência começava a esgotar-se e cujos pensamentos — de acordo com o registro por ela mantido — davam mostra de desviar-se erráticamente, carregados de apreensão.

Carlotta acordou durante a noite e reparou que estava escuro. Resmungou, meio adormecida, sem perceber que estava na universidade.

O quarto lhe parecia muito estranho. Era dela e, ao mesmo tempo, não era. Tratava-se de uma realidade deslocada. Quando acordada, Carlotta tinha a impressão de viver num sonho; quando sonhava, tinha a impressão de estar acordada. Era uma sensação estonteante, como ficar permanentemente no topo de uma montanha-russa — e não lhe agradava.

O silêncio era quase total. O condicionador central zumbia em algum ponto das entranhas do prédio. As estranhas formas e sombras no quarto faziam esculturas bizarras na escuridão.

Carlotta ficou deitada na cama larga e macia, não conseguindo dormir.

Levantou-se, calçou os chinelos e telefonou para o Dr. Balczynski.

— Estou passando bem, mas não consigo dormir — disse ela.

— O senhor pode me dar um sonífero?

— Prefiro não fazê-lo — replicou o Dr. Balczynski. — Mas posso enviar-lhe um tranquilizante.

— Muito obrigada. Desculpe-me incomodar o senhor.

— Absolutamente. Estou aqui para isto.

Meia hora mais tarde, a Dra. Cooley entrou com o copo d'água e uma pílula de tranquilizante. Observou Carlotta engolir a cápsula.

— Gostaria de alguma coisa para ler? — perguntou a Dra.

Cooley.

— Não ria, por favor, mas só gosto de ler histórias do Oeste.

Dos grandes espaços ao ar livre.

— Então, vamos lhe arranjar livros do Oeste — prometeu a Dra. Cooley.

Observando Carlotta com atenção, a Dra. Cooley debatia-se entre um sentimento de pena da mulher e a compreensão de que o plano estava surtindo efeito: Carlotta voltava paulatinamente a seu prévio estado emocional e, assim, incrementando amplamente a possibilidade de atividade espiritualista.

No escuro compartimento de controle, Kraft e Mehan observavam tudo pelos monitores de TV.

Estavam deitados em camas de campanha armadas sob as baterias de monitores. Por todos os lados, em prateleiras, ganchos e pequenas bandejas metálicas, havia fios, válvulas, transistores, esquemas e desenhos.

Depois que a Dra. Cooley saiu da “casa”, viram Carlotta deitar-se outra vez na cama. Enquanto seus olhos voltavam a acostumar-se ao escuro, o tranquilizante começou a fazer efeito.

Carlotta relaxou o corpo, sentiu a mente fatigada. Estava entediada, mas confortável.

Luz oriunda de algum ponto exterior penetrou no quarto, produzindo sombras vagas na parede oposta.

Carlotta imaginava ver formas estranhas nas sombras.

Coelhos. Gansos. Um lagarto. Um lagarto de olhos rasgados e oblíquos. Grossos lábios sensuais... avançando...

Carlotta gritou.

— Você está bem? — indagou a Dra. Cooley.

Atrás dela vinham Mehan e um estudante que Carlotta nunca vira antes.

— Não... Não, eu... eu... Onde estou?

— Na minha universidade. Sou a Dra. Cooley.

— Oh, meu Deus!

A Dra. Cooley sentou-se na beirada da cama e colocou a mão na testa de Carlota. Estava levemente febril.

Kraft observava tudo de sua mesa de trabalho no compartimento de controle, onde as unidades de amplificação de luz produziam uma imagem surpreendentemente nítida de Carlotta sobre a cama.

Pela milésima vez, ele refletiu sobre o significado da experiência. Na realidade, procuravam apresentar provas físicas, em primeira mão, da existência de um “espírito” — isto é, que um espírito desencarnado podia ter uma existência física objetiva no mundo real, embora por um curto momento. Todo o equipamento, os dispendiosos aparelhos, tinham uma tarefa a desempenhar se e quando... Kraft desviou os pensamentos do objetivo principal do trabalho. Eles deviam tudo à Dra. Cooley, à sua fé e dedicação,

a todas as concessões que ela fora obrigada a fazer, às centenas de pesquisadores espalhados pelo mundo inteiro que, enfrentando o ridículo, haviam contribuído com suas migalhas de dados que agora tornavam possível a experiência em curso. Sem amargura, lembrou-se de seus pais, que nunca haviam acreditado — por dez segundos que fossem — na validade do trabalho que ele desenvolvia.

Olhou o relógio. Duas e trinta e cinco da manhã. A Sra. Moran dormia. Kraft sentia uma intensa curiosidade por enxergar o mundo através de um outro consciente: o da Sra. Moran — apenas por um segundo. Devia ser tão diferente que era impossível imaginar. Kraft sentiu uma pontada de estranha emoção pessoal: ciúme. Desejava tanto ver a aterrorizante realidade captada pela Sra. Moran... Era aniquiladora, obscena, talvez até mesmo avassaladora, mas...

Para Kraft, tratava-se de algo exótico, proibido; a última fronteira conhecida pelo homem. Ele já tivera oportunidade de ver luzes, centelhas, de sentir ondas de frio. Centenas de vezes.

Mas, nunca antes, um ser... totalmente formado... uma... entidade!

Segundo os registros subsequentes da experiência, a transição importante posterior ocorreu quase no final da tarde do dia seguinte.

Pela duodécima vez, Carlotta terminara de comer a refeição trazida da cantina. Alguém bateu à porta.

Cindy enfiou timidamente a cabeça na sala. Atrás dela, vinham Billy e as meninas.

— Alguém em casa? — perguntou Cindy, rindo.

— Entrem no meu humilde lar — respondeu Carlotta, pegando Kim no colo, abraçando-a e carregando-a para o interior da casa.

Kim parecia confusa, sem saber se era ou não a casa onde morava. Entretanto, para ela nada mais fazia sentido no mundo dos adultos.

— Eles a alimentam direito, mamãe? — quis saber Billy.

Carlotta sorriu, sabendo que aquele era o modo de Billy indagar se ela estava passando bem.

— Tudo bem, Bill. Quem quer um pouco de doce em calda?

Meia hora mais tarde, estavam todos sentados em volta da velha mesa da sala. Billy relatava o caso de um de seus amigos que roubara cinco telhas da casa de materiais de construção e fora obrigado a devolvê-las pela polícia. Então, bateram à porta.

A Dra. Cooley entrou.

— Sinto muito interromper — disse ela, quase sussurrando.

— À vontade — replicou Carlotta.

— Tem uma visita...

— Quem?

— Sua mãe.

Carlotta ficou perplexa e, de repente, muito amedrontada.

— Sra. Moran? Posso mandá-la embora...

— Oh, Cristo!

Carlotta olhou para as crianças que, a essa altura, tentavam adivinhar o que havia de errado. Cindy observava impassível, mas com os lábios comprimidos.

Era tarde demais. Sem esperar convite, passos se aproximavam pelo corredor. A Dra. Cooley jamais presenciara alteração tão estranha como a que se operava na fisionomia de Carlotta. Mil e uma sensações, variando do medo ao espanto, floresciam e sumiam em rápida sucessão.

A mãe de Carlotta chegou à porta aberta, escoltada por uma mulher de meia-idade que lhe amparava o braço. A Sra. Dilworth usava um amplo chapéu branco, sob cuja aba larga o rosto se mostrava rosado, os olhos espantosamente negros, as feições esculpidas numa expressão suave como se moldadas em cera macia. Carlotta parecia transfixada, atingida por um raio.

Evidentemente, a jornada fora difícil e árdua sob o ponto de vista emocional, pois a velha deu a impressão de hesitar, temerosa de erguer os olhos para encarar Carlotta, vacilando em avançar mais um passo.

Carlotta fitou o rosto encarquilhado, as feições familiares lentamente

amarrotadas pela mão implacável do tempo, até que só remotamente lembravam a fisionomia vibrante que Carlotta tão bem conhecera.

Igualmente perplexa, a Sra. Dilworth fitava Carlotta, espantada por ver-se diante de uma mulher adulta, as feições miúdas mas perfeitamente formadas, a fisionomia castigada pelo sofrimento.

Por mais de meio minuto nenhuma das duas abriu a boca.

Cindy e as crianças perceberam, subliminarmente, o que se passava. A Dra. Cooley fez um gesto discreto para Cindy e ambas recuaram disfarçadamente. A Dra. Cooley travava uma luta de consciência quanto a ligar os monitores. Afinal, decidiu que o momento não era adequado. Julie e Kim ficaram temerosas, assustadas pelo silêncio.

— Carly...

A voz era trêmula, chocada e, não obstante, íntima. A velha avançou com dificuldade em direção a Carlotta entrando na sala.

— Sim... Mamãe... — foi difícil pronunciar aquela palavra. — Faz tanto...

A Sra. Dilworth estendeu instintivamente as mãos a fim de puxar para si o rosto da filha e beijá-lo, mas viu Carlotta enrijecer-se. Então, recobrando-se, Carlotta ofereceu o rosto.

Sentiu um leve beijo ao lado da boca. Quando tornou a olhar, percebeu que os olhos da mãe estavam úmidos.

— Sente-se, mamãe. Faz calor aqui dentro.

A Sra. Dilworth sentou-se cautelosamente na beira do sofá.

Seus olhos cansados percorreram a câmara experimental, vendo a imitação de uma casa e, lá em cima, quase invisível, o leve brilho de uma multidão de instrumentos de observação, todos eles imiscuindo-se na vida de sua filha — que parecia estar no centro de uma bizarra lâmina de microscópio.

— Então, é verdade — murmurou a velha. — O jornal...

— Claro que é verdade.

— Oh, meu Deus... Carly... como aconteceu?

Carlotta fitou a mãe, sentindo-se momentaneamente raivosa, mas logo percebeu que a velha falava sem malícia.

— Não fui eu quem provocou — disse Carlotta simplesmente.

— Aconteceu por si mesmo.

Billy, Julie e Kim estavam em pé ou sentados perto da parede, como se o instinto lhes ensinasse a se apresentarem de maneira formal diante daquela senhora distinta, elegante e remota. Ainda não sabiam ao certo quem era ela.

— Billy, Julie, Kim... esta é sua avó...

— Olá — disse Júlie, rígida.

— Lá — ecoou Kim, insegura.

Billy permaneceu calado.

— Perdoem-me — disse a Sra. Dilworth, enxugando os olhos com um lenço de linho branco. — Eu não queria chorar. Prometi a mim mesma, mas...

Embaraçada, com o coração transbordando de pena, Carlotta observou a mãe tentando recuperar o controle.

— Julie — murmurou a Sra. Dilworth. — Kim... Sim... Vocês têm os olhos de Carlotta... tão negros e ternos...

A idosa senhora tornou a guardar o lenço na bolsa. Olhou para as meninas de modo quase objetivo, com os olhos límpidos.

— Olhos negros, tão escuros... Ninguém jamais sabe o que se passa por detrás deles...

— Mamãe, eu...

— Pelo menos, eu nunca consegui saber.

De repente, Carlotta percebeu que tudo o que a velha fizera na vida fora motivado por timidez e medo. Medo do marido, de Deus, de pessoas desconhecidas. No fundo, a mulher ainda não se sentia com direito a existir. Fora daquele torvelinho de incertezas que Carlotta fugira havia dezesseis anos — fugira mais da incerteza que da crueldade.

Há quanto tempo sofria aquela mulher? Primeiro, sob a tirania do marido e, depois, sob a tirania da lembrança dele. Por quanto tempo deixara-se sacrificar no altar de egoísmo daquele homem? Até mesmo agora, era óbvio para Carlotta que a velha não estava livre e que não se libertaria no pouco tempo que ainda lhe restava de vida.

Julie sentia-se intrigada pela conversa esquisita e fragmentada entre sua mãe e aquela mulher, uma desconhecida que, de certo modo, os conhecia. Seria mesmo uma avó? Então, onde estariam os risos, a alegria de que falavam as estórias de avós? Nas estórias, as avós eram sempre pessoas bondosas e amigas.

A Sra. Dilworth disse:

— Quando li o jornal, tive que... eu só queria ver... se podia ajudar.

— Compreendo, mamãe — disse Carlotta, num tom desprovido de frieza.

— Fiz um exame de consciência, Carly. Examinei cada canto de mim mesma depois que você partiu...

— Por favor, mamãe...

— Mas Deus não nos fornece placas de sinalização. Nenhuma. Sabemos qual é o destino, mas não conhecemos o caminho para chegar até ele. Seu pai não o conhecia melhor que eu.

Carlotta sentia-se decididamente desconfortável. Temia que a velha começasse a falar sobre o Pastor Dilworth, uma perspectiva que ameaçava engolfá-las ambas em lembranças horrivelmente desagradáveis.

— Naturalmente, mamãe, eu...

— Orei, Carly, pedindo orientação. E não tive resposta.

Carlotta suavizou-se ante a enormidade daquela confissão.

Deus fora a pedra fundamental de toda a vida adulta da velha.

— Fui a diferentes igrejas, Carly. Mas não tive resposta.

Apenas um silêncio terrível, assustador.

Na fraqueza da velha, na sua total simplicidade atual, Carlotta não encontrava motivo para temor ou ódio, mas apenas piedade, compreensão. Os monstros que a tinham aprisionado e perseguido na enorme casa de Pasadena haviam desaparecido — sobreviviam apenas na infância sepultada de Carlotta. Esta sentia necessidade de comunicar-se com a velha, de transpor o abismo que as separava, aparentemente para sempre.

— Deus perdoa tudo, mamãe — disse Carlotta. — Já nos perdoou há muitos anos.

A Sra. Dilworth não pareceu escutar. Corria os olhos pelo ambiente desconhecido, vendo nele algum tipo de prova de seu próprio fracasso e do castigo divino.

— Lamento que Deus não tenha enchido nossas vidas com um objetivo. Carlotta. A sua vida e a minha. Isto faria uma enorme diferença.

Carlotta sorriu, levantou-se e beijou o rosto da velha, sentindo o perfume de lilases — o mesmo cheiro de que tanto gostava quando criança. Refletiu espantada o quanto continuara semelhante à mãe, a despeito de tudo.

— A senhora devia ter acreditado mais em si mesma, mamãe — declarou suavemente. — Então, seria mais fácil encontrar Deus.

A enfermeira, esquecida a um canto, tossiu de leve, lembrando que o tempo passava depressa. Que esquisito! — refletiu Carlotta. Nada realmente pára neste mundo; nenhum relacionamento humano se imobiliza. Até mesmo agora, nuns poucos minutos, mudei diante dela, como ela mudou diante de mim.

A Sra. Dilworth olhou afetuosamente para as crianças e depois tornou a encarar Carlotta.

— Você permitiria que eles visitassem a avó, Carly?

Carlotta hesitou a contragosto. A ideia de seus filhos naquela casa onde ela tanto sofrerá...

— Uma casa tão grande... agora quase vazia...

— Sim, eu sei...

Carlotta olhou para os filhos. Teve a impressão de aproximar-se da beira de um profundo abismo — o abismo do qual fugira havia dezesseis anos. Agora, estava decidida a saltar.

— Sim — declarou simplesmente, sem tirar os olhos das crianças. — É uma bela casa...

— O que dizem vocês, meninos? — perguntou a Sra. Dilworth. — Tem uma quadra de tênis, e um gramado para jogar croquet...

— Billy também? — indagou repentinamente a voz esganiçada de Kim.

O rosto encarquilhado da Sra. Dilworth franziu-se ainda mais num sorriso.

— Claro. Billy também.

Estava resolvido. Carlotta não sabia se atravessara o abismo ou caíra nele. Quanto mais refletia, menos lhe agradava a ideia de seus filhos naquela propriedade. Não obstante, parecia ser a única solução. Agora, era impossível recuar.

Carlotta pegou Kim no colo e segurou-a perto da velha.

— Kim é uma monstrinha curiosa — disse Carlotta com um sorriso. — É preciso tomar cuidado quando ela pega um pedaço de giz.

Kim sentiu um súbito beijo leve no rosto e perfume de lilases. Ergueu os olhos, assustada.

— Crianças tão lindas — comentou a Sra. Dilworth.

Julie retribuiu delicadamente o beijo da avó e foi abraçada com fervor.

— Bem — disse a Sra. Dilworth, piscando um olho. Agora, falta você, Billy.

Billy manteve-se rígido, sem saber se avançava ou recuava.

Viu-se envolvido por dois braços magros e cálidos.

— Meu carro está lá fora — segredou a Sra. Dilworth. — Um carro velho, como eu, mas tem bastante espaço.

— Que tipo de carro é? — gaguejou Billy.

A Sra. Dilworth voltou-se para a acompanhante.

— Oh, Hattie, diga a ele.

— É um Packard *sedan touring*: 1932 — informou Hattie em tom um tanto autoritário.

— Puxa! — exclamou Billy, reverentemente.

Carlotta estava tão preocupada com a ideia de que seus filhos habitassem os mesmos cômodos onde ela fora tão atormentada que só deu por si quando estava à porta e as crianças já saíam pelo corredor. Beijou de leve o canto dos lábios da mãe, sentindo os ossos delicados, o ligeiro tremor dos braços da velha. A mortalidade parecia fazer-se presente no próprio hálito da Sra. Dilworth.

De repente, a casa em Pasadena tornou-se uma realidade. Era apenas uma bela propriedade, com roseirais e cercas vivas. O terror não estava lá, num local físico, mas dentro de Carlotta, em seus sentimentos e emoções,

pertencendo a uma menina que talvez já não existisse.

Carlotta despediu-se dos filhos, beijando-os com ternura.

— Mamãe não vem? — quis saber Kim, enquanto caminhavam lentamente pelo corredor, a Sra. Dilworth apoiada no braço de Carlotta.

— Em breve, Kim... — replicou Carlotta. — Dentro de pouco tempo estarei com vocês.

— Deus será bom para você, Carlotta — disse a Sra. Dilworth. — Não abra mão de sua fé na cura.

Carlotta voltou-se, as lágrimas correndo pelo rosto, quando toda a sua família entrou no elevador e as portas começaram a fechar-se. Nem mesmo viu o último aceno de Julie.

Naquela noite, Carlotta não conseguiu dormir. Andou nervosamente pelo quarto — aquele quarto híbrido, tão estranhamente semelhante ao seu, tão diferente em cheiro, tão esquisito à luz das distantes lâmpadas fluorescentes que se espalhava através do vidro. Não obstante, ali estavam sua cama, seu armário embutido, seu tapete, sua mesinha de cabeceira, como se tudo — menos o pesadelo — tivesse sido transplantado para aquela ala isolada da universidade.

Tudo está aqui esta noite, menos ele. A solidão, o isolamento do resto do mundo, a espera, sempre a espera. Nada é real. Tudo se separou de mim: meu próprio corpo, meus filhos, minha mãe.

Até mesmo meus pensamentos vagueiam à vontade. Kraft preocupa-se com seus testes eletrônicos. A Dra. Cooley não cessa de me pesquisar por meio de questionários. Só Mehan se preocupa em arranjar tempo para saber como estou realmente me sentindo. Médicos e cientistas são sempre tão frios e distantes.

Nunca sabem o que seja sentir medo, um medo real e total.

Carlotta parou de escrever. Chega um ponto em que é melhor não escrever, não expressar coisa alguma, guardar tudo no íntimo, pois deixar escapar um pouco significa deixar a porta aberta para outras coisas mais profundas, onde a mente gira e flutua como uma pena caindo na escuridão infinita.

Então, Carlotta o *senti*.

Inexplicavelmente, *ele* estava à janela. Ela virou a cabeça. *Ele* sumira. Carlotta não vira nada, não sentira cheiro, tudo estava em silêncio. Mas *ele* ali estivera e, agora, *ele* desaparecera. Por enquanto.

Carlotta tocou a campainha que chamava a Dra. Cooley.

A Dra. Cooley despertou sobressaltada. Olhou para o monitor, sintonizou-o e viu apenas a cabeça e os ombros de Carlotta na metade inferior da cama. Vestindo um avental de laboratório, a Dra. Cooley atravessou o corredor e bateu à porta.

— Sra. Moran? Está passando bem?

Carlotta abriu a porta. A Dra. Cooley percebeu de imediato que a paciente se encontrava à beira de um baixo nível de histeria. Acontecera tão depressa — no espaço de meio dia desde que sua mãe chegara e tornara a partir.

— Entre, por favor — disse Carlotta, A Dra, Cooley entrou na sala, percebendo um cheiro esquisito na casa. Cheiro de comida, possivelmente. Um odor muito estranho.

— Eu senti... *ele*.

Não havia necessidade de perguntar quem ela sentira. A Dra. Cooley notou a tensão no ambiente. Talvez fosse proveniente da própria Carlotta: uma tensão quase palpável e elétrica.

— Há quanto tempo?

— Há alguns minutos, apenas. Na janela.

A Dra. Cooley se aproximou da janela. No brilho translúcido, formas vagas de poeira e condensação estendiam-se como braços sobre a vidraça. Ela fechou as cortinas.

— Deve ser mesmo difícil dormir aqui — comentou a Dra.

Cooley em tom compreensivo. — As luzes fazem desenhos muito estranhos nas vidraças.

— Eu não o vi. Eu o *senti*.

— O que desejava ele?

— Está diferente, agora, Dra. Cooley...

— Quer quer dizer?

— Tenho medo, Dra. Cooley. Tenho medo por todos nós.

26

Faltando apenas quarenta e oito horas para esgotar-se o prazo concedido para a experiência, a Dra. Cooley enviou ao escritório do Reitor Osborne a solicitação urgente para uma prorrogação de uma semana. Sob forma de memorando, a solicitação foi levada pessoalmente ao escritório do reitor por Joe Mehan. Uma hora mais tarde, a Dra. Cooley recebeu a resposta do Reitor Osborne — igualmente formal e em papel timbrado da universidade, declarava que o quarto pavimento deveria ser desocupado na data prevista, a fim de sofrer reformas que permitissem sua utilização para um estudo da Fundação Nacional de Ciências sobre os efeitos das radiações ultravioleta na retina dos répteis.

Durante a noite de 23 de maio, Kraft sonhou com panoramas bombardeados, estranhas formas distorcidas semelhantes a árvores, densas nuvens de gases nocivos...

Onde vira aquilo antes? Eram as imagens registradas por Carlotta em seu livro de sonhos.

— Os sonhos são muito importantes — segredou Kraft a Mehan. — Mostram que está sendo estabelecido um contato.

— Tolice. Mostram apenas que você se envolveu demais.

— Talvez. Mas indicam também uma proximidade...

— Vivo sonhando com meu trabalho — atalhou Mehan, acomodando-se na cama de campanha.

Acima deles, sem imagens, as telas dos monitores estavam apagadas e silenciosas.

Imagens de formas escuras, semelhantes a aves, mas que não eram aves, flutuavam num céu irreal e distante 11a, imaginação de Kraft. Este desejava intensamente ver o mundo exótico e aterrador que Carlotta via. Conseguia quase senti-lo, proibido, aniquilador, mas totalmente fascinante.

No silêncio da noite, porém, os aparelhos de observação nada mostravam. A câmara holográfica parecia um objeto inútil.

A fita corria interminavelmente, gastando quilômetros de material dispendioso. Os mapas de termo visão mostravam sempre o ambiente reconstituído, numa repetição infundável. A única alteração era a forma de Carlotta, andando pelo quarto ou parando para escrever no diário.

O tempo passa como o vento. Em determinado momento, somos jovens e temos medo do escuro; de uma hora para outra, somos adultos e a escuridão permanece conosco. Nenhum adulto conseguirá acalmar-nos com estórias e meias verdades. Não obstante, alguma vez saímos realmente desta escuridão? Em algum instante somos realmente livres?

Quando Kraft tornou a adormecer, os lasers focalizavam paredes vazias, corredores vazios, quartos vazios.

A concentração iônica nos aposentos mostrava-se notavelmente estável. Não ocorriam alterações em parte alguma.

Carlotta olhava para o relógio.

Passavam quarenta e três minutos da meia-noite.

A mente de Carlotta começou a povoar-se de imagens estranhas. A princípio, de Pasadena e da propriedade da família.

Depois, quando ela começou a sonhar, a visão transformou-se num panorama ainda mais esquisito, que ela jamais visitara, bombardeado e retorcido por algum cataclisma em um passado remoto; desolado, insuportavelmente amedrontador.

O dia passou. Todos sentiam uma espécie de expectativa carregada na atmosfera, embora tudo o que fizessem já fosse parte de uma rotina.

— Eu senti a presença *dele* na noite passada, Sr. Kraft — segredou finalmente Carlotta, quando a tarde terminava.

— Sim, eu sei — disse Kraft. — A Dra. Cooley me contou.

— *Ele* estava lá fora.

— Lá fora? Quer dizer no ar? Fora do prédio?

— Não... lá fora, fora do mundo. *Ele* quer entrar no mundo onde estou. *Ele* deseja destruir-nos todos.

— Não acredita que ele possa ser contido por qualquer coisa que façamos?

— Não mais. *Ele* é a coisa mais forte neste planeta.

Mais tarde, a Dra. Cooley examinou o caderno de registro. As premonições de Carlotta preenchiam os requisitos clássicos dos sintomas de precognição.

Ninguém dormiu direito naquela noite.

Então, na manhã do dia 24, pouco antes do raiar do sol, Mehan escutou um leve bip. Abriu um olho. Uma luz vermelha brilhava suavemente no monitor. Acordando depressa, Mehan foi à tela, apertou um botão e viu apenas o quarto vazio.

— Por favor! — veio a voz sumida de Carlotta, distorcida pela estática. — Venham socorrer-me... Sr. Kraft... Sr. Mehan...

Mehan atravessou depressa o corredor, vestindo um avental de laboratório por cima do pijama. Bateu à porta. Ninguém atendeu. Escutou a voz de Carlotta choramando nas profundezas da casa, como se alguém tentasse abafá-la. Tirou do bolso uma chave e abriu a porta.

Não havia ninguém no quarto. A saia estava vazia. Mehan deu meia-volta e entrou depressa na cozinha. Fazia frio. Carlotta não estava ali.

— Sr. Kraft... Sr. Mehan... — veio novamente a voz lamentosa.

Mehan bateu à porta do banheiro.

— Sou eu... Joe Mehan. A senhora está bem?

Entreabriu a porta. Carlotta, embrulhada em seu roupão vermelho, encolhia-se no canto do banheiro improvisado, onde a banheira fora colocada sob a janela.

— *Ele* veio buscar-me — sussurrou ela.

— Agora mesmo?

— Sim. Eu fugi correndo.

— Muito bem. Acalme-se — disse Mehan, umedecendo nervosamente os lábios. — Vamos sair daqui.

Foram para a sala de controle. A Dra. Cooley, atendendo depressa ao chamado de Kraft, atravessou rapidamente o corredor. Carlotta tentou explicar o que ocorrera: — *Ele* me ameaçou... A todos nós...

— Ameaçou? — repetiu a Dra. Cooley.

— Havia ódio na voz *dele*...

— Contra mim? Contra Gene?

— Contra todo mundo.

— O que *ele* ia fazer? — indagou suavemente Mehan.

— Não sei. *Ele* tem medo de ser aprisionado por vocês.

Kraft e a Dra. Cooley se entreolharam.

— A senhora sabia que nós tínhamos um método para aprisioná-lo?

— Não.

— Alguém lhe mencionou o fato? Algum estudante?

— Não sei de que estão falando.

— Porque é verdade — disse Kraft. — Arquetetamos algo.

Estamos procurando um meio que não acarrete perigo para a senhora.

— Trata-se de hélio super-resfriado — explicou Mehan, num sussurro confidencial.

— Se tentarem aprisioná-lo, ele matará vocês — declarou Carlotta num murmúrio.

— Suponhamos que a entidade ou aparição tenha existência independente daqueles que a percebem — disse Kraft perante a classe. — Nesse caso, a etapa seguinte é determinar se ela retém algumas propriedades físicas além de causar transformações luminosas, fenômenos auditivos e sensações tácteis. Em outras palavras: possui forma? É composta de átomos e moléculas? Existe sob a forma de matéria, como os objetos e gases, ou existe sob a forma de energia, como as ondas de rádio e a luz? Ou existe puramente

no plano espiritual, no qual é sensível apenas à mente humana, mas não à observação científica?

Os alunos, silenciosos, estavam agrupados na estreita passarela acima da casa simulada. Lá embaixo, sob uma luz peculiarmente brilhante — a simulada luz matinal incidia horizontalmente na sala — Carlotta falava ansiosamente com a Dra. Cooley.

— Os monitores, como já expliquei, analisaram rapidamente as propriedades eletromagnéticas ou termoiônicas da entidade — continuou Kraft. — Supondo que consigamos ao menos um pedaço dela, a questão de saber se ela possui ou não forma física será respondida pelo equipamento que a Dra. Cooley está explicando no momento à Sra. Moran.

Uma pequena lâmpada se acendeu. Kraft abriu uma porta dupla. No interior iluminado por uma lâmpada violeta existia um conjunto incrivelmente complicado de fios e encanamentos de cobre, equipado com mostradores de temperatura e medidores de pressão, bem como cilindros de gás comprimido, embalados e protegidos em tantos invólucros de ligas metálicas que já nem eram visíveis.

Kraft acrescentou:

— Seja o que for essa entidade, as áreas frias com ela relacionadas sugerem que possui propriedades semelhantes às de um tanque de calor, absorvendo a energia térmica do ambiente mais próximo a ela. Qualquer coisa que consuma ou absorva calor é definida como endotérmica e o método mais prático e eficiente de imobilizá-la ou inativá-la seria super-resfriá-la.

Kraft apontou para um marcador no equipamento e disse em tom grave, dramático:

— Hélio liquefeito. Quatrocentos e cinquenta e oito graus. Fahrenheit abaixo de zero. A substância mais fria conhecida pelo homem, à exceção do zero absoluto do espaço exterior.

— Em contato com hélio liquefeito, uma pessoa sofreria queimadura e perderia imediatamente qualquer parte do corpo que tivesse tal contato. Podem esquecer as fases de congelamento e gangrena, pois não existem nesse caso.

A imagem de um braço caindo do ombro e partindo-se em cristais de gelo passou pela mente dos alunos. Vários deles se aproximaram mais do

parapeito da passarela.

— O raciocínio que nos levou ao emprego de hélio liquefeito é o seguinte — explicou Kraft. — Desejamos dominar esse fenômeno de qualquer maneira que nos for possível. Sabemos que se pudermos espargi-lo com qualquer substância material que contenha hélio liquefeito baixaremos de tal forma sua temperatura que a atividade molecular e atômica praticamente cessará. Nesse caso, a entidade estará congelada.

Os estudantes pareciam atordoados pelas implicações do que Kraft lhes dizia. De repente, a entidade se tomava para eles algo real e tangível, ultrapassando os limites da simples teoria.

Era como abrir uma porta — uma porta amedrontadora, onde ninguém conseguia ver o que existia no outro lado.

— E se nada acontecer? — Indagou finalmente um dos alunos.

— Isso sugerirá que a aparição não é composta de matéria física tal como a concebemos.

Mehan interpôs:

— Uma outra possibilidade é que essa entidade seja capaz de movimentar-se para dentro e para fora da estrutura tempo-espço, conseguindo desse modo evadir-se a qualquer tentativa física para aprisioná-la.

Lenta, inexoravelmente, os alunos se voltaram para fitar o ambiente reconstituído abaixo da passarela. Carlotta olhava para cima, incapaz de enxergá-los, mas a Dra. Cooley apontava vários locais da passarela oculta na escuridão. A conversa era muito séria e intensa; a intervalos, Carlotta lançava olhares nervosos à Dra. Cooley.

— Isto é incrivelmente perigoso — sussurrou uma jovem aluna. — E a Sra. Moran?

— O hélio e um líquido secundário são espargidos por jatos de alta intensidade instalados na parede externa, lá embaixo, um pouco acima da cabeça da Dra. Cooley. Tais jatos estão apontados para uma única direção: aquele canto. Tão logo a Sra.

Moran seja removida da zona do alvo, duas portas de painel duplo de vidro temperado, com vácuo no espaço entre os painéis, correrão para o lugar, protegendo a Sra. Moran. Dessa maneira, ela ficará a salvo de efeitos

diretos e indiretos do líquido.

— Julga realmente que conseguirão manobrar a aparição para uma área tão reduzida? — indagou um estudante.

— Bem — replicou Kraft. — A entidade possui uma espécie de inteligência. Nossa esperança é iludi-la.

— Quer dizer: usando a Sra. Moran como isca?

Kraft ruborizou-se.

— Sim.

Lá embaixo, Carlotta olhava para a área acima da cabeça da Dra. Cooley. Não conseguia ver os injetores instalados nas vigas de aço da estrutura da parede, mas recuou nervosamente, afastando-se do local. Evidentemente, deixara-se convencer em parte pelos argumentos positivos da Dra. Cooley, porque logo voltou a sentar-se, a princípio inquieta, mas, depois, chegando a sorrir durante a conversa.

Os estudantes observavam, mal ousando respirar. O silêncio era tal que eles podiam escutar Carlotta falando em voz baixa com a Dra. Cooley.

— Não tenho medo — disse ela. — Não tenho medo. Se vocês podem agarrar o maldito, não tenho medo.

A Dra. Cooley, porém, estava preocupada. Nunca antes lidara com hélio liquefeito. Insistiu em que se fizesse um disparo experimental.

No interior de um pequeno laboratório no quinto pavimento, Kraft apagou todas as luzes, deixando acesa apenas uma lâmpada de alta intensidade. Em seguida, colocou um cilindro de gás e os respectivos controles sobre uma mesa de baquelite negra. Mehan, com as mãos e braços pesadamente protegidos por almofadas reforçadas, segurava um injetor cor de bronze a menos de meio metro do próprio peito. A Dra. Cooley colocou na zona do alvo uma cobaia, uma rosa vermelha e um chumaço de algodão branco do qual emanava uma nuvem de amônia.

— Suponhamos que esta área seja a sala — disse a Dra. Cooley. — Já

teremos isolado a Sra. Moran da zona do alvo.

Meneou a cabeça para Mehan e recuou.

Um leve silvo e, a seguir, uma explosão abafada, como metal destorcido esticando-se com violência. Só emergiu um vapor tênue, que se espalhou com rapidez, gotejando, expandindo-se e, de repente, transformando-se numa densa nuvem branca. A mesa foi varrida por uma baforada gelada de ar que empurrou para trás os cabelos de Kraft.

— Jesus Cristo! — gaguejou ele. — A senhora está bem. Dra. Cooley?

— Ótima. E você, Joe?

— Tudo bem por aqui. Vamos esperar um minuto, deixando esquentar.

— Esse troço está desligado? — quis saber Kraft.

— Desligado e com o trinco de segurança.

— Recoloque-o no receptáculo — instruiu a Dra. Cooley.

Cautelosamente, Kraft tocou na rosa. Lambeu a ponta dos dedos.

— Queima — reclamou.

— Não toque nela por vários minutos mais — advertiu a Dra. Cooley.

Mehan trouxe um par de pinças. O vapor fazia escorrer gotas de água gelada pelos lados da mesa, cobrindo a cabaia com cristais brancos, a cauda rígida e recurvada como um pedaço de metal branco sobre a superfície negra da mesa.

— Meus Deus! — sussurrou Kraft. — Virou uma pedra de gelo.

— Estão vendo aqui? — perguntou a Dra. Cooley. — A água nas células explodiu em segundos.

— Que morte horrível — murmurou Mehan.

— Não — replicou a Dra. Cooley. — Estava anestesiada. E a morte foi instantânea.

Estendeu a mão para a rosa e, quando a tocou, a flor se quebrou delicadamente, com o som melodioso de cristal. As pétalas e o talo se desfizeram em pó, como neve vermelha e verde.

Mehan assoviou baixinho.

— Vejam a nuvem de amônia — segredou a Dra. Cooley.

— Onde está ela? — indagou Mehan.

— É aquela pedra branca em cima da mesa.

Os vapores de amônia se erguiam rapidamente, à medida que a temperatura voltava ao normal; estalava, silvava, partia-se, cuspidando pedaços de amônia solidificada.

— Meus Deus... — comentou Kraft. — Nunca vi amônia sólida!

— Não se aproxime — acautelou Mehan.

À medida que o pedaço de amônia solidificada continuava a esquentar, cuspiam mais ferozmente, pulando, movendo-se, quase se levantando da mesa, vaporizando-se numa coluna vertical de gás.

— Puxa! — exclamou Kraft. — Como fede!

— O problema é o seguinte — interpôs a Dra. Cooley. — Os escudos de vidro funcionarão com rapidez suficiente para proteger a Sra. Moran?

Mehan acrescentou:

— E o vácuo entre as lâminas de vidro será mesmo perfeito para isolar totalmente o frio? Não quero que ela seja atingida por uma explosão de cacos de vidro.

— Então, devemos testar o vidro — replicou Kraft.

Foi o que fizeram naquela tarde: as lâminas de vidro separadas por vácuo resistiram perfeitamente. Testaram o aparelho que fechava as portas de vidro. Funcionava em um segundo e meio. Kraft julgou que era lento demais. Substituiu os rolamentos de esferas do equipamento e verificou que os painéis de vidro se fechavam em meio segundo. Duvidava que os painéis de vidro resistissem a repetidas pancadas tão violentas, de modo que os experimentou apenas mais uma vez. Calculava que seriam utilizados numa única ocasião: quando o hélio liquefeito fosse injetado no canto da sala.

Para ajudar Carlotta a se lembrar da localização das portas de vidro, Kraft colocou fitas adesivas vermelhas na parede e ao longo do tapete. Sentia-se secretamente atormentado pela possibilidade de Carlotta ser atingida com violência quando as portas se fechassem: seria esmagada pelo impacto.

Mas não havia motivo para preocupação. Os sistemas de difração movidos a laser eram supreendentemente estáveis. Os receptáculos de hélio estavam colocados numa plataforma movediça sobre a passarela, para permitir rápido acesso em caso de necessidade de mudar repentinamente o aparelho de posição.

No momento, porém, os injetores continuavam presos por grampos, apontando inutilmente de cima para baixo na direção do canto da sala.

O dia transcorria sem que algo ocorresse. Kraft, sentindo-se dominar pelo desalento, refletiu que em breve enfrentariam a tarefa de desmontar todo o equipamento. Seria pior que um velório, que um cortejo fúnebre.

O Dr. Weber pegou o telefone e discou um número. Franziu os olhos para olhar através da janela o sol que se refletia nos tetos e encanamentos metálicos do complexo hospitalar.

— Reitoria? O Reitor Osborne, por favor. Aqui é Henry Weber.

Tamborilou impacientemente com os dedos na mesa e depois olhou por cima da pilha de papéis para o Dr. Balczynski, que estava sentado à sua frente com os lábios comprimidos.

— Alô, Frank. Como vai você? — disse jovialmente o Dr. Henry. — Muito bem, muito bem. O Dr. Balczynski está aqui comigo e informa que estão transferindo alguns equipamentos bastante perigosos para lá... Hélio liquefeito e não sei o que mais...

O Dr. Weber escutou durante vários segundos. O Dr. Balczynski cruzou as pernas, observando-o.

— Ninguém naquela assembléia imaginava que eles submeteriam a Sra. Moran a algo desse tipo. Uma coisa é fazer perguntas ou rolar dados sobre uma tábua, mas quando se assumem riscos assim...

O Dr. Weber escutava com uma expressão de desgosto.

— Sei que é a última noite deles, Frank. Mas quanto tempo é preciso para matar uma pessoa?

O Dr. Weber tornou a escutar, ergueu os olhos para o céu e desligou.

— Então? — quis saber o Dr. Balczynski.

O Dr. Weber sacudiu os ombros.

— Não consigo entendê-lo mais. Acho que ele não sabe o que fazer.

— Necessitamos realmente da aprovação dele? Quero dizer...
não tenho autoridade para cancelar o projeto?

O Dr. Weber exibiu um sorriso amargo.

— Você ainda tem muito que aprender em matéria de política universitária.
Decididamente, o Reitor Osborne precisa aprovar.

Às nove e meia da noite de 24 de maio, Carlotta conseguiu adormecer de leve, a primeira vez que dormia num período de mais de trinta horas. Kraft, deprimido, sabendo que tudo estaria acabado dentro de poucas horas, observava-a na tela do monitor.

Carlotta era visível em quatro telas diferentes, virando-se e mexendo-se na cama. Os ponteiros dos mostradores tremiam ligeiramente. Às nove e trinta e cinco, a Dra. Cooley constatou um desvio entre a contagem iônica que se vinha mantendo e a contagem que desejavam duplicar da casa da rua Kentner. Deu instruções a Kraft para aumentar em meio por cento a concentração iônica.

Fascinados, observaram em silêncio Carlotta abrir os olhos, sentar-se na beira da cama e anotar vários pensamentos rápidos no caderno de registro.

Kraft não conseguia que as câmaras focalizassem a caligrafia. Então, Carlotta tornou a deitar-se, parecendo ignorar que vários pares de olhos observavam atentamente cada um de seus movimentos.

Às nove e cinquenta e oito, ocorreu um baque.

Carlotta sentiu uma corrente de ar. Uma corrente de ar frio.

Nem mesmo se virou. Com o coração aos pulos, teve a presença de espírito de lembrar-se de onde estava.

Agora, sabia que eles a observavam.

Virou-se vagorosamente. Nada.

Como ele é fugidio. Como uma nuvem no inverno. Rola e retumba como uma nuvem, mas quando a gente olha, já desapareceu. Em pleno ar. Como um riacho que se descongela na montanha e corre... corre... corre...

Outro baque. Carlotta prendeu a respiração, abriu os olhos, virou-se e...

nada.

— Aquele prato... — sussurrou Mehan. — Caiu da prateleira.

A sala de controle era uma colagem de olhos esbugalhados e rostos suados, iluminados pelo brilho das telas dos monitores.

Carlotta jazia na cama. Leves tremores vibravam-lhe os cantos dos lábios. Tremores de exaustão. Então, sentou-se de um pulo, olhando em volta como se surpresa por estar novamente em casa.

— Esqueceu-se de que está na universidade — disse a Dra. Cooley num tom muito baixo.

O corpo de Carlotta estava tenso. Ela não mais olhava para a escuridão que ocultava as câmaras e equipamentos.

— Espero que ela não esqueça a localização da zona de segurança, caso tenhamos oportunidade de usar o hélio — disse Kraft.

— Se ela esquecer, não o usaremos — replicou a Dra. Cooley.

Aproximaram-se mais dos monitores.

Carlotta pareceu cheirar algo. Fez uma careta e estremeceu.

— A temperatura caiu — anunciou Mehan.

— Verifique os controles da sala — disse a Dra. Cooley. — Talvez seja o nosso termostato.

Carlotta levantou-se e começou a explorar os aposentos.

Olhou para o interior dos quartos, como se procurasse os filhos.

— Eles o pegarão — sussurrou ela. — Se você entrar aqui esta noite...

— Por que estará ela avisando a ele? — perguntou Mehan.

— Talvez o esteja desafiando, provocando — disse a Dra.

Cooley, esperançosa.

Fitavam as cores variadas dos monitores, vendo uma Carlotta marrom, tingida de verde nas extremidades, tornar a deitar-se e encontrar dificuldade para adormecer. Uma visão fantasmagórica.

— Espero que não estejamos subestimando essa coisa — disse a Dra. Cooley.

— Que quer dizer? — indagou Kraft.

— Não sei... — a Dra. Cooley estruturou cautelosamente o pensamento antes de continuar: — É simplesmente o fato de termos ido a extremos para convidar ao nosso mundo uma força que desconhecemos. Se ele vier, espero que não tenhamos motivos para arrependimento.

O telefone tocou. A Dra. Cooley escutou por um momento e desligou.

— Era o Dr. Balczynski — informou ela. — Está a caminho, com o Dr. Weber.

O Dr. Weber e o Dr. Balczynski subiram depressa as escadas.

Haviam comparecido a uma conferência que durara até bem depois das oito e meia. Então, tinham discutido a experiência por mais de uma hora, antes de resolverem agarrar o touro pelos chifres, agindo por iniciativa própria.

— Faço uma aposta, Dr. Balczynski — disse o Dr. Weber. — Ou alguém alegará ter visto a tal entidade esta noite, ou inventarão alguma razão pseudo-científica para nada ter acontecido.

O Dr. Balczynski franziu a testa.

— Acho que o senhor é intransigente demais para com eles — replicou. — São como todo mundo: querem estudar o mundo e não deixar uma única pedra por revirar.

— Muitas pedras têm minhocas embaixo quando as reviramos. Um bom cientista sabe quando violou os limites justificáveis da pesquisa.

O Dr. Balczynski fez uma pausa para recuperar o fôlego quando chegaram ao quarto pavimento.

— Bem, foram umas poucas semanas muito interessantes.

— Para você. E para a Sra. Moran?

— Ela não parece ter sofrido com a experiência.

— Tem certeza?

— Eu seria capaz de apostar meu emprego.

— Não esteja tão certo de que não apostou.

Quando chegaram à mesa que barrava o acesso ao corredor, um estudante corpulento os encarou.

— Seu residente tem causado encrencas — disse ele.

— Meu residente? — repetiu o Dr. Weber. — Quem?

— Sneidermann.

— Ele está aqui?

— Não conseguimos livrar-nos dele.

O Dr. Weber tentou avançar, mas foi barrado pelo aluno.

— O senhor terá permissão de entrar para observar, mas a Dra. Cooley impõe uma condição imprescindível: terá que concordar em remover Sneidermann daqui.

O Dr. Weber assoviou por entre os dentes trincados e voltou-se para o Dr. Balczynski.

— Está vendo o tipo de nazistas com que estamos lidando? — murmurou.

Ao se aproximarem da sala de controle, escutaram uma voz cáustica, logo silenciada por sussurrados apelos de silêncio. O Dr. Weber reconheceu o vulto enérgico de Sneidermann, andando agitado de um lado para outro.

— Ela está histérica — disse Sneidermann rapidamente ao Dr. Weber.

O Dr. Weber olhou para um monitor.

Carlotta vagava pelo que pensava ser sua casa, vestida com um roupão e esfregando nervosamente o cotovelo com a outra mão. Estava amedrontada, como se aguardasse um visitante, um sinal, um barulho repentino. Andava de um lado para outro, numa área demarcada com finas faixas vermelhas de fita adesiva.

— Está mesmo nervosa — concordou o Dr. Weber.

De repente, Carlotta estacou e olhou em volta. Na escuridão geral, só a luz do quarto permanecia acesa, emprestando-lhe à pele um colorido suave mas estranho, como cera amarelo-rosado.

— O que há? — perguntou ela bruscamente, em voz alta. — Está com medo?

Kraft e Mehan ergueram as cabeças em uníssono, apanhados de surpresa.

— Ela está falando com ele outra vez! — disse Mehan. — Sente a presença *dele!*

Sneidermann curvou-se para diante, segredando ao ouvido do Dr. Weber:

— Vamos abrir a porta — sugeriu. — Arrombá-la, se for preciso, e arrancar Carlotta daqui.

— Não sei... — replicou o Dr. Weber, esfregando nervosamente os lábios com os dedos. — Deixe-me conversar com a Dra. Cooley.

Mas a Dra. Cooley estava ocupada em dar a Kraft as últimas instruções referentes ao equipamento de hélio liquefeito. Kraft elaborava planos de emergência para subir à passarela e ajustar o ângulo de disparo, caso fosse preciso acionar o aparelho uma segunda vez.

— Elizabeth — sussurrou o Dr. Weber. — Quanto tempo isto ainda vai continuar?

— Mais algumas horas.

O Dr. Weber consultou o relógio.

— Ela precisa dormir. Aconselho você a levar em consideração as consequências médicas do que está fazendo.

— Restam-nos menos de duas horas, Henry. Tenha a bondade de conceder-me o direito de prosseguir.

O Dr. Weber abandonou raivosamente a sala de controle. Na escuridão, percebeu que Sneidermann não estava por perto.

— Ele foi chamar a policia — segredou um estudante.

— Oh, merda! — exclamou o Dr. Weber. — Só me faltava isto!

O Dr. Weber informou o guarda do corredor, que telefonou para outro vigilante no andar térreo, mandando-o fechar as portas da frente do prédio. Sneidermann foi interceptado com um recado: o Dr. Weber ameaçava eliminá-lo sumariamente do programa de treinamento de médicos residentes, caso ele saísse do prédio.

— É um recado falso? — indagou rapidamente Sneidermann.

— Absolutamente não. Verifique lá em cima.

Sneidermann correu para o elevador.

— Recebeu meu recado? — perguntou-lhe o Dr. Weber.

— Então, o senhor realmente o enviou?

— Claro que enviei. Não precisamos da polícia aqui dentro. O que lhe deu na cabeça?

— Mas precisamos detê-los!

— Estamos numa universidade, não no bairro da ralé de Chicago! Aqui se procede de forma diferente.

Sneidermann fitou a fisionomia abatida e vermelha do Dr. Weber. Compreendeu que uma linha passara a separá-los, agora e para sempre. Era verdade que um psiquiatra deve proteger-se e evitar envolver-se emocionalmente com um paciente. No momento, porém, uma simples questão de humanidade exigia ação imediata. E se o Dr. Weber estava tão mutilado por uma vida inteira no ambiente universitário, onde política e timidez asseguram a sobrevivência...

— Por que não a deixam dormir sozinha em sua própria casa? — quis saber o residente, em tom acalorado. — Por que diabo a deixamos à mercê desses lunáticos.

— Não são lunáticos, Gary. Além disso, existem outras considerações.

— Que se danem suas outras considerações!

— Não fale assim comigo, Gary.

— Há dois meses que o venho observando lidar com esses maníacos como se usasse luvas de pelica — tudo em nome do relacionamento acadêmico!

— Estou prevenindo, Gary!

— Ora, isso é apenas outro nome para covardia!

O Dr. Weber encarava raivosamente Sneidermann. O que mais o magoava era a expressão de desapontamento no olhar de Sneidermann, como se este visse através de um véu e constatasse que seu herói não passava de um velho cansado e comprometido. O Dr. Weber engoliu em seco, nervoso.

— Não procure a polícia, Gary — implorou ele. — Para você, um escândalo nada significa. Para mim, é o fim de toda a minha carreira, de minha posição na universidade.

Sneidermann retribuiu raivosamente o olhar do Dr. Weber.

Finalmente perguntou:

— O senhor vai cancelar a experiência? Imediatamente?

— Não. Eles têm o direito de...

Sneidermann girou nos calcanhares e dirigiu-se à escada de saída.

— Gary! — Chamou o Dr. Weber.

Não sendo atendido, correu até o topo da escada.

— Estou prevenindo, Gary!

O Dr. Weber avistou de relance o vulto de Sneidermann descendo a escada e sentiu-se cair num abismo. Não se dera conta de quanta afeição criara pelo rapaz. Após alguns momentos, afastou-se da escada e foi à extremidade do saguão, olhando pela janela. À noite, as luzes do campus brilhavam em locais esquisitos: numa grade para estacionar bicicletas, num estacionamento de automóveis, num jogo noturno de futebol.

Quantos anos haviam-se escoado no enorme complexo de homens e ideias em permanente expansão. Como tinham sido penosos todos Os sacrifícios, as discussões, os devotamentos de vidas.

O Dr. Weber sentia-se confuso. Jamais duvidara da validade de tudo aquilo até o momento. Sneidermann penetrara-o com um rápido olhar, revelando-lhe o resultado de trinta anos de demasiada segurança, de manobras acadêmicas internas, de isolamento do resto do mundo.

O Dr. Weber deu as costas à janela. Nada lhe restava fazer senão voltar e supervisionar a experiência até o final, certificando-se de que nada de pior ocorrera e providenciando o retorno de Carlotta à clínica psiquiátrica. Provavelmente, sem Sneidermann. Contudo, a ideia lhe era penosa demais e ele tratou de afastá-la da mente. Quando voltou à sala de controle, Kraft segredou:

— Veja o rosto dela. Há uma flutuação de luz.

— Apenas irregularidades na transmissão.

— Não, olhe só! É apenas naquela área da imagem... como se existisse algo logo além do alcance da câmara.

Mehan observou com maior atenção a imagem do quarto, que estava sendo

gravada. Carlotta estava sentada quase no escuro. Uma lâmpada brilhava sobre ela, muito alto, dando lustro e refletindo-se em seus cabelos lisos e sedosos.

— Não podem mover as câmaras? — indagou Balczynski.

— Não — replicou Kraft. — os ângulos são fixos.

Carlotta recuou, engatinhando para trás de encontro às paredes do quarto. Fitava um local fora do ângulo alcançado pela câmara, acima das portas do armário embutido. O aparelho de termovisão revelava que aquela área estava 4 graus centígrados mais fria que a temperatura ambiente.

— Agora... se ao menos ela o atraísse para a zona do congelamento a hélio...
— sussurrou Kraft.

Carlotta gritou.

Um som agudo levou o ponteiro ao final do mostrador. Os microfones emudeceriam. Kraft apertou um botão e os circuitos voltaram a funcionar.

— Eles vão aprisioná-lo! Vão matá-lo!

— Não há dúvida de que ela o está prevenindo, agora — comentou Kraft.

O Dr. Weber, de pé junto à porta, corrigiu: — Em termos mais exatos, ela está entrando numa alucinação psicótica.

— Absolutamente não — protestou a Dra. Cooley.

— Mas vocês não conseguem ver nada além de um quarto vazio, Elizabeth.

— Houve relâmpagos acima da cabeça dela — insistiu Kraft.

— Podia ser qualquer coisa: uma luz qualquer, uma porta aberta de repente...

— Fazia um ângulo de cima para baixo, exatamente como na casa dela.

O Dr. Weber calou-se, compreendendo que não tinha coragem de exigir que abrissem a porta e removessem Carlotta do local. Por outro lado, não conseguia entender como se deixara arrastar, a contragosto, para aquela experiência. Observava as telas, fascinado.

No corredor externo, Sneidermann aproximou-se rapidamente da mesa que barrava o caminho.

— Sinto muito — disse o estudante. — Só é permitida a entrada de pessoas autorizadas.

O Reitor Osborne surgiu às costas de Sneidermann, as bochechas tremendo de raiva.

— Sou o Reitor Osborne, das faculdades — declarou em voz lenta mas clara. — Gostaria de inspecionar suas instalações.

— Sim, senhor — respondeu o estudante, engolindo em seco.

— Por aqui, senhor.

Caminharam pelo corredor escuro como breu. O Reitor Osborne fez uma careta.

— Que fedor é esse? — resmungou.

— Que fedor? — retrucou Sneidermann.

— Parece um depósito de carne apodrecida.

O interior da sala de controle cheirava a suor e fumaça de cigarros. Osborne pigarreou, anunciando: — Parece-me que chegou o momento de encerrarmos a experiência.

A Dra. Cooley girou nos calcanhares e deparou com o reitor e Sneidermann à porta.

— Não pode sucumbir a pressões, Frank. A assembléia...

— A assembléia que se foda, Elizabeth — replicou Osborne.

— Este jovem afirma que vocês estão torturando a paciente.

— Absurdo! Veja por si mesmo!

— Estou vendo. Ela me parece em péssimo estado.

Kraft virou-se na cadeira, as mãos cheias de gráficos e anotações.

— Os padrões de difração do laser! — exclamou, excitado. — Estão mudando! É a presença de ondas adicionais em frequência extremamente baixa.

— A experiência está sendo encerrada, meu rapaz — declarou Osborne em tom autoritário. — Desliguem essas máquinas e saiam daqui.

— Mas nós pegamos *ele!* Estes gráficos... são a prova As ondas de baixa

frequência... semelhantes às de um tecido vivo...

— Você está louco!

— Olhe o senhor mesmo, Reitor Osborne — disse Mehan.

Nos monitores, aparecia uma zona de cor flutuando em frente às portas do armário embutido, baixando vagorosamente até o chão. Irradiava um brilho transparente, a princípio róseo, depois alaranjado e, afinal, assumindo forte coloração vermelha.

— Isso é um truque? — berrou Osborne.

Mas ninguém o escutou.

Carlotta estava de pé, vacilante, no corredor da casa. Parecia exausta e aterrorizada, os cabelos despenteados úmidos de suor, os olhos desmensuradamente arregalados. Compreendera que o brilho avançava, lento como uma lesma, em sua direção.

— É isso! — sussurrou Kraft. — Traga *ele* para a sala!

Sneidermann interpôs:

— Reitor Osborne! Interrompa imediatamente essa loucura!

Mas Osborne estava hipnotizado pelos monitores. A aura vermelha parecia adquirir substância, deixando de ser transparente. Viera quase até a sala, mas dava a impressão de não poder entrar.

— Muito bem — disse Osborne, fraquejando. — Vamos abrir a porta.

Naquele preciso momento, Carlotta gritou.

Todos os olhares se fixaram nas telas. O monitor de termovisão revelava que a massa brilhante se tornara cada vez mais fria, aproximando-se do ponto de congelamento. Então, os monitores se apagaram. Quando voltaram a funcionar, Carlotta estava na extremidade oposta da sala.

Outro relâmpago. Um monitor passou a emitir uma luz branca, esmaecida.

— Foi a câmara! — exclamou Kraft. — Entrou em curto!

— Não! Registrou um relâmpago brilhante, Gene — segredou Mehan. — Foi isso.

Carlotta permaneceu colada à parede oposta da sala, na zona do alvo, recobrando o fôlego. Começou a cair, escorregando-se pela parede, mas controlou-se e sacudiu a cabeça. Sua fisionomia parecia pertencer a alguém cujas reservas já se tivessem esgotado há muito tempo.

Então, um silêncio pressago.

— Bastardo! — berrou Carlotta. — Cheiro ruim da morte!

Carlotta encolheu-se de encontro à vidraça. Um globo de luz, duas vezes maior que o anterior, pairava junto à porta do corredor, entrando muito vagarosamente na sala.

— Bastardo! — sibilou Carlotta outra vez.

Um trovão surdo e abafado sacudiu a sala de controle, soltando do teto fragmentos de gesso que caíram como neve.

O Reitor Osborne arregalou os olhos, espantado: — Que diabo foi isso? Um terremoto?

Nos monitores, o globo luminoso se expandia, como se tateasse às cegas, procurando Carlotta. Esta se esgueirou na direção da cozinha.

— Venha! — gritou ela. — Venha pegar-me, agora que tenho o meu exército!

— É *ele*! — sussurrou Kraft, febril e extasiado. — É *ele*!

Agora, todos viam: o globo de luz passara pela porta do corredor, entrando na sala. Sacudia-se e encolhia-se a cada grito de Carlotta, como se entendesse o que ela dizia.

— Leve-o para a zona do alvo — instou Kraft, quase sem fôlego.

Sneidermann observava, perplexo. Carlotta parecia olhar diretamente para ele e o roupão se abria tanto que um seio estava quase exposto. Os olhos, pela falta de sono, pelo júbilo triunfal, pela ousadia suicida, tinham uma expressão desvairada — um brilho que Sneidermann identificou como desejo sensual.

Viu o corpo da mulher movimentar-se sinuosamente ao longo da parede, as costas coladas ao reboco, as pernas finas mas bem torneadas.

Sentiu-se corar, como se ela o penetrasse com aquele olhar e desvendasse seus pensamentos mais íntimos, suas dúvidas mais atrozes de adolescente. Para ele, Carlotta transformara-se numa imagem da mulher que era:

inalcançável, atemorizadora, destruidora e, não obstante, irresistível e atraente. O olhar de Sneidermann estava preso ao sorriso que, com cinismo e amargura, destruía sua masculinidade.

— Verme insignificante — disse Carlotta, com um risinho rouco.

Sneidermann sentiu-se perdido num negro universo sem qualquer ponto de apoio.

— Insignificante! — sibilou Carlotta. — Fedor miserável!

Kraft, agitado, sabia que ela estava perto demais para que ele pudesse ativar os escudos de vidro.

No holograma, Mehan, prendendo a respiração, observava uma sala tridimensional em miniatura, onde uma minúscula Carlotta desafiava algo fora do alcance do aparelho — algo que emitia uma luminosidade na escuridão.

Frenético, voltou-se para Kraft:

— O holograma não o capta, Gene!

Kraft girou na direção de uma máquina de gravação, fez voltar a fita e reviu a cena no monitor de *video-tape*. Para seu desalento, o vídeo normal também não mostrava a forma luminosa. Virou-se para Dra. Cooley com expressão ansiosa: — Nossas câmaras não o captam, Dra. Cooley!

A Dra. Cooley, porém, estava totalmente absorta no que acontecia nas telas dos monitores, instando baixinho: — Tente atraí-lo! Provoque-o!

Carlotta, ignorando-os, espremeu-se ainda mais contra a parede. O globo luminoso pairou, imóvel, como uma nuvem ao raiar do sol.

Durante o minuto seguinte, todos mantiveram os olhos pregados na forma luminosa, que começou a movimentar-se tão devagar a ponto de provocar um choque geral quando perceberam que ela passara a congelar-se. As áreas estendidas começavam a parecer a musculatura de um homem muito forte.

— Ela está perto demais para usarmos o hélio! — gemeu Kraft.

— Então, altere o ângulo — murmurou a Dra. Cooley.

— Não posso! Não daqui!

— Grite com ele, Sra. Moran! — berrou Mehan para os monitores. — Como antes!

Kraft voltou-se para a Dra. Cooley.

— Vou entrar lá — declarou ele. — Vou mudar o injetor de posição.

— Sim — concordou ela. — Sim!

Kraft saiu da sala de controle e bateu na escuridão do corredor, conseguindo pegar a maçaneta da porta da câmara experimental. A maçaneta girou. De repente, Kraft ficou paralisado de medo. Produziu-se um som de metal rangendo.

Então, Kraft abriu a porta, entrou depressa e correu pela passarela. Escorregou-se até a plataforma movediça sob o depósito de hélio e começou a soltá-la. Então, escutou a porta lá embaixo fechar-se com estrondo. Começou a tremer tanto que seus dedos escorregavam nas peças de metal. Sentia medo. Não obstante, obrigou-se a olhar para baixo.

Carlotta gritava para o globo de luz contra a parede. A cada insulto, a forma luminosa encolhia-se, tremendo, como se fisicamente ferida. Mesmo assim, partes da massa se haviam congelado em inequívocas formas de braços e, agora, os ombros começavam a aparecer.

Atordoado, Kraft deu um arranco no aparelho, fazendo-o deslizar ao longo da balaustrada. Debruçando-se perigosamente sobre a beira da passarela, tratou de livrar o injetor do gancho que o fixava.

— Venha, bastardo! — berrava Carlota. — Mostre essa cara horrorosa! Está com medo? Agora, tenho meu exército!

A forma luminosa se encolhia e pulsava, como um orador gesticulando durante o sermão, pregando para um mundo indiferente...

Carlotta riu.

— Brutamontes fedorento! Covarde!

Não via Kraft na passarela, nem o injetor que se virava em sua direção.

As estrias internas da forma luminosa retorciam-se numa miríade de colorações sutis. Kraft conseguia enxergar através dela, vendo a mobília e a parede. Contudo, sentia-se hipnotizado pela massa de aparência gelatinosa que não conseguia fugir nem aproximar-se de Carlotta.

Era como assistir a um esplendor alucinatório. Os interstícios radiantes

apresentavam mil e uma formas complicadas, que se evaporavam ao congelarem. Era como observar um pensamento, formando-se de energia e logo retornando ao nada...

A estranha forma permanecia no mesmo lugar, à espera, gemendo tão baixo que os microfones sensíveis não conseguiam captar o som.

— Morra! — gritou repentinamente Carlotta. — Morra! *Morra!*

Naquele momento, exatamente naquele momento, soou uma explosão, como um tiro lá embaixo. Pedacos de cerâmica passaram voando perto da orelha de Kraft. Os restos de uma peça de cerâmica — uma lembrança da rua Olvera — espatifaram-se contra a balaustrada metálica da passarela e um trovão surdo fez estremecer a cavernosa câmara experimental. A passarela dançava sob os pés de Kraft enquanto a estranha forma se contorcia, chamando Carlotta através de sinais.

O som ensurdecedor enlouqueceu os medidores na sala de controle. Mehan arrancou os fones dos ouvidos torturados.

Então, novamente silêncio.

A mão direita de Kraft agarrava a balaustrada para apoiar-se, enquanto a esquerda apontava o injetor de hélio para o coração da entidade. O dedo no gatilho, querendo apertar mas não tendo coragem. Carlotta estava no lado errado da fita demarcatória.

— Onde está o seu peru agora — gritou Carlotta.

Tinha a fisionomia contorcida de ódio, numa expressão ameaçadora que Sneidermann jamais imaginaria ser possível nela.

Na presença dele, Carlotta nunca exibira tal comportamento. Parecia venenosa, até mesmo perigosa.

Lembrava o monstro castrador da literatura clássica. O rosto bonito irreconhecível, os olhos faiscando com uma bizarra sensação de triunfo, como se a despeito de todos eles, de todo o equipamento, *ela* trouxera *ele*, fazendo-o atravessar o universo até chegar ao mundo onde ela estava.

Kraft observava Carlotta de cima. O corpo da mulher se movia com graça e sedução, encostada à parede oposta, o roupão escorregado do ombro, os seios expostos...

A parede atrás de Carlotta estremeceu, abrindo-se numa fenda. Desapareceu, deixando apenas uma chuva de reboco e pregos de madeira. A parede oposta do laboratório ficou visível por entre a nuvem de material desintegrado.

Agora, Kraft compreendia o que a Dra. Cooley quisera dizer: era como brincar com um pára-raios em meio a uma trovoada.

Não tinham meios para controlar a quantidade energética que haviam atraído para o interior do laboratório.

Kraft engoliu em seco, olhando para baixo. A força espiritual se compusera, adquirindo forma e volume. Sim, era visível a olho nu: feições brutais, musculatura poderosa, um pênis enorme — um órgão brilhante e pulsante de desejo encarnado, cujo único objetivo, Carlotta Moran, retorcia-se, debatendo-se como se agarrada por um homem muito forte. Era como assistir a um sonho. O que ele estava vendo recebia forma e tamanho emanados dos receptores espirituais do cérebro. O que o compunha — a espécie de energia com a qual se relacionava — devia provir de quilômetros de dados captados pelos medidores.

Indubitavelmente, era forte, talvez nem mesmo fosse uma estrutura de ondas e pertencesse a uma ordem diferente de energia. O cérebro de Kraft zumbia enquanto a entidade assumia forma física e começava a envolver gradativamente o objeto de seu desvairado desejo. Ainda assim, Kraft permanecia encarando a entidade e segurando o injetor, o tubo virado para a frente como um arpão de dardo fino, uma arma absurda e mal concebida para enfrentar aquele poder monstruoso.

— Morra! — Kraft escutou Carlotta gritar. — *Morra!*

Uma série de estalos metálicos.

Pelo canto do olho, Kraft viu a desintegração das chapas de metal que ligavam a sala de controle à passarela.. Parafusos e pedaços de metal choviam sobre a casa experimental, chocando-se contra Carlotta e empurrando-a para fora da zona imediata de influência maléfica da criatura, Carlotta recuou até a extremidade da parede.

No interior da sala de controle, os monitores mostravam extremas deformações da forma, com um feio colorido marrom-avermelhado, transformando-se em tonalidades esverdeadas, à medida que a temperatura começava a flutuar através da sala em direção a Carlotta.

O Reitor Osborne engoliu em seco, incapaz de compreender o que estava vendo.

— Que diabo é aquilo? — balbuciou ele para o Dr. Weber, que estava de pé a seu lado.

O Dr. Weber fez um gesto vago.

— Uma ilusão em massa — replicou, sem convicção.

— Pelo amor de Deus, Gene! — gritou Mehan para os monitores. — Agora! Destrua-o!

Naquele mesmo instante, Kraft estava debruçado sobre a balaustrada, berrando:

— Sra. Moran! Recue!

Carlotta olhou para ele, os olhos esgazeados, sem ter conhecimento de quem era Kraft.

— Recue!

Carlotta, ainda olhando para cima, deu um passo atrás, ficando logo além da fita demarcatória. A massa esbranquiçada torceu-se vagarosamente, nem líquida nem gasosa — a cabeça nitidamente delineada, o corpo enorme e cheio de tendões e músculos, o pênis como um fruto oblongo e protuberante ameaçadoramente apontado para Carlotta.

Kraft, com os olhos esbugalhados de terror e espanto, levantou o bico do injetor.

— Pule! — gritou ele.

O escudo de vidro se fechou com rapidez e violência após a passagem de Carlotta. Kraft disparou o injetor de hélio, que produziu um estrondo acompanhado de vapor. Sentiu-se envolvido por uma onda de frio congelante que obscureceu o setor direito do laboratório. Não viu nem ouviu coisa alguma; seus ouvidos zumbiam de dor e o corpo vibrava com o recuo do disparo do injetor. Deu-se conta de que fora atirado para trás, de encontro à parede oposta à balaustrada da passarela. O ombro lhe doía e latejava.

— Morra, bastardo! Morra! — berrava Carlotta, protegida pela parede de vidro.

A entidade contraiu-se em aparente agonia e, depois.

começou a expandir-se raivosamente, brilhando, convulsio-nando-se, demolindo os pedaços restantes da parede como se fossem de farinha. Toda aquela metade da casa — a cozinha e o quarto — estava coberta por uma camada de gelo. Móveis se partiam com estrondo e dançavam loucamente pelo chão. O abajur caiu, soltando centelhas, espatifando-se como vidro; o tecido da cúpula desintegrou-se em farelos.

Carlotta ria. Em delírio, imaginava homens do espaço exterior atirando contra ele com pistolas de raios invisíveis.

Imaginava a casa no final da rua Kentner desintegrando-se numa chuva de flocos de neve. Imaginava o mundo desabando sobre *ele*, sepultando-o para sempre. Ela mataria *ele*. A morte *dele* fora causada por ela, embora ele viesse de algum lugar a um milhão de anos-luz de distância.

O aparelho de televisão foi jogado através da parede da sala.

Os pedaços de reboco voaram até a passarela e a passagem que levava à sala de controle. Peças de circuitos eletrônicos ficaram penduradas nas paredes forradas com nióbio ou rolaram pelo corredor além do laboratório. Era o apocalipse do reinado *dele* e Carlotta ria.

Então, como um rugido metálico que sacudiu os alicerces do prédio, a voz se fez ouvir:

— Deixem-me em paz!

Era um gemido das profundezas do inferno.

— Jesus Cristo! — exclamou o Dr. Weber. — Quem gritou isso?

— A alucinação dela, Dr. Weber! — replicou Mehan, num brado de triunfo.

— Foi *ele*!

De repente, a única janela transparente que havia diante deles quebrou-se para dentro da sala de observação, como sob o impacto de uma onda, fazendo chover estilhaços pequenos mas pesados de vidro sobre instrumentos, aparelhos e observadores.

A Dra. Cooley e Mehan foram empurrados para trás em suas cadeiras. O Reitor Osborne caiu de encontro ao Dr. Weber, que se agarrou a Sneiderman em busca de apoio.

— Meu Deus! — gritou o Dr. Balczynski. — Vamos embora daqui!

Mas ninguém se moveu. A sala inteira brilhava com uma névoa esverdeada. Todas as fisionomias estavam iluminadas por baixo com o brilho fantasmagórico da massa luminosa.

— Deixem-me em paz!

A voz reverberou enquanto a forma verde-azulada estendia-se e crescia, enchendo o ambiente, tateando, distendendo-se até erguer-se acima da parede de vidro que protegia Carlotta. Esta se encolheu no canto, sentindo o vácuo inevitável, esperando a irresistível sucção do abraço.

Acima dela, a passarela ondulava como uma fita ao vento forte. Kraft viu o ponto de apoio de seu estreito poleiro começar a ceder e agarrou-se à balaustrada, mas não soltou o injetor de hélio. A aura que enchia a câmara experimental, erguendo-se sobre os escombros, mostrava uma série de minúsculos olhos semelhantes a cérebros embriônicos de um feto, que brilhavam ao longo do que parecia constituir a coluna vertebral da figura.

Esta se estendeu para cima, cada vez mais, na direção da sala de controle, da passarela, de Kraft.

— Matem-no! — bradou Carlotta.

Kraft abriu a válvula. Pela segunda vez, o hélio liquefeito foi lançado pelo bico do injetor. Minúsculos cristais de gelo que restavam do disparo anterior se espalharam numa nuvem, pulverizados. Desta vez, Kraft preparara-se para o coice. Viu o líquido esverdeado transformar-se quase de imediato em vapor branco ao ser espargido no espaço, sobre a aura, penetrando nos ocelos, atingindo todos os centros nervosos da entidade. Houve o ribombar de um trovão, uma pancada de ar gelado que chegou à medula dos ossos de Kraft, e todas as luzes se apagaram.

Naquele instante, Kraft sentiu a passarela ceder sob seu peso.

No interior da sala de controle mergulhada na escuridão, seis vultos se agrupavam, encolhidos, à espera do inevitável golpe de misericórdia. O barulho de metal rasgado e paredes derrubadas. Castigava-lhes os tímpanos. A sala sacudia-se como um brinquedo nas mãos de uma criança irritada. Parecia prestes a soltar-se das escoras, pois, afinal, não era parte integrante da arquitetura nem fora construída com o laboratório, sendo mera improvisação temporária. Uma simples peça provisória do que certamente

fora uma experiência mal concebida. Embora se sacudisse brutalmente, a sala de controle resistiu.

Gradativamente, as vibrações cessaram e fez-se um silêncio mortal. Os ocupantes ainda tremiam, esperando pelo fim, mas este não chegou.

— Dra. Cooley? — murmurou Joe Mehan.

— Estou bem — respondeu ela, embora num tom esquisito.

Em algum lugar lá embaixo uma leve fluorescência tornou-se visível. O frio incrível contraíra as placas do chão e os pregos voavam como balas disparadas pelas tábuas que se partiam. O Reitor Osborne espremeu-se contra a parede dos fundos da sala.

Pequenas explosões, cujo som se filtrava lá de baixo, lançavam pelos ares estilhaços de vidro e de materiais cuja estrutura molecular se alterara e agora se partiam com um ruído de fogos de artifício. As paredes do laboratório — as paredes externas — soltavam pedaços de reboco no chão dos corredores.

Funcionários da universidade, atraídos pelo barulho, entraram no prédio, percorrendo os andares inferiores e chegando ao local da experiência. Os fachos de duas lanternas passeavam pelos escombros congelados enquanto eles avançavam cautelosamente por entre cacos de vidro e pedaços de metal retorcido. Então, usando escadas portáteis, retiraram as pessoas retidas na sala de controle. Chegando ao que fora o meio-ambiente simulado, a Dra. Cooley teve o rosto pálido iluminado pelas lanternas.

— Gene? — chamou ela, muito rouca. — Gene?

Silêncio.

— Balczynski! — grunhiu o Dr. Weber.

— Estou aqui — respondeu uma voz trêmula.

O Reitor Osborne tremia, de pé no centro do que mais parecia um depósito de ferro velho. De repente, sentiu-se um movimento sob os sapatos.

— Tem alguém soterrado aqui! — gritou ele.

Joe Mehan e a Dra. Cooley ajudaram as turmas de socorro a libertar Kraft dos escombros de metal gelado. Kraft tinha o rosto inchado e o sangue lhe empapava a camisa. Estava inconsciente, mas vivo. Mandaram chamar uma

ambulância. Joe Mehan limpava pedaços de vidro e fios do rosto e do cabelo do amigo. Com esforço, conseguiu soltar o injetor que este ainda agarrava com força.

A fisionomia de Mehan estava cinzenta. Movimentava-se aos arrancos, como uma marionete com fios partidos. Seu olhar desolado procurou a Dra. Cooley.

— Tudo acabado — gemeu. — E nada conseguimos.

— Consequimos tudo! — corrigiu enfaticamente a professora. — Temos testemunhas!

Nesse ínterim, totalmente atordoado, Sneidermann remexia os escombros, resmungando com seus botões, pisando em material congelado e ainda fumegante, tentando decifrar naquele cenário de desolação o significado do que vira. Avançou na direção de Carlotta.

Todavia, quando chegou à parede de vidro e forçando os olhos, conseguiu enxergar através da superfície embaçada e gotejante, não avistou Carlotta. Esta não foi encontrada em lugar algum do ambiente simulado. Mesmo depois de uma busca meticulosa, não a encontraram em parte alguma do prédio.

Atordoado, perplexo, totalmente confuso, Gary Sneidermann teve a impressão de que, à semelhança de todos os outros bizarros acontecimentos daquela noite tão incrível, Carlotta — assim como a entidade — simplesmente desaparecera numa nuvem de fumaça.

Carlotta entrou no que fora sua casa na rua Kentner.

(Como chegara até ali?)

Não havia mobília na casa. O luar — o brilho pálido das nuvens baixas que pairavam sobre a cidade — refletia-se nas tábuas do assoalho. O ar parado e silencioso, as sombras profundas e negras nos cantos. Havia marcas no chão, nos locais onde costumavam ficar o sofá e o aparelho de televisão. Carlotta fechou a porta e trancou-a.

(Viera a pé?)

Não acendeu a luz, preferindo o escuro. Apurou os ouvidos.

Aves distantes, calmas e solitárias, emitiam o chamado da madrugada — sinais inefáveis dos desígnios da natureza, do interrelacionamento entre todas as coisas vivas. Cães ladravam — tão tarde da noite, tão cedo da manhã.

(Não; viajara num ônibus)

O ar estava abafado, parado. Carlotta atravessou uma área no centro da sala, onde o brilho do luar avançara alguns centímetros desde que ela chegara. Abriu uma janela e apoiou-se no parapeito, pensativa. A casa dos Greenspan — a varanda fechada com venezianas — refletia-se à luz pálida da madrugada: uma estrutura pesada, escura, protetora.

(Como ela pagara a passagem?)

Tudo tão calmo. Carlotta olhou para a porta aberta que dava para a cozinha. Os móveis e aparelhos domésticos tinham sumido; irregularidades retangulares impressas no linóleo do chão marcavam seus antigos lugares. Eles tinham feito aquilo tudo para o bem dela. No final, de nada adiantara.

(Era demais pensar naquilo).

Carlotta foi a seu quarto. Quatro marcas redondas onde ficavam os pés da cama.

(Como tinham conseguido tirá-la dali?)

Nenhuma cortina. Nem a mesinha de cabeceira. A luz da rua filtrava-se através das vidraças empoeiradas, sugerindo formas nas sombras do chão.

Abrindo a janela, Carlotta sentiu o aroma de seu pequeno jardim. Um perfume suave, inebriante, cinético. Os insetos noturnos nos talos, nas folhas, até mesmo andando ao longo do peitoril da janela. A brisa brincou com os cabelos de Carlotta, restaurando-lhe os sentidos.

Quando ela se virou, Julie estava no quarto.

Carlotta não se surpreendeu. Não era real. Nada era real.

Tudo era produto de sua imaginação. Julie parecia fitá-la de modo estranho, objetivo; depois, esmaeceu-se lentamente, ficando transparente e terminando por mesclar-se outra vez com as sombras e manchas na parede.

Carlotta correu o olhar pelo quarto que habitara durante tanto tempo. O quarto do qual nenhum homem compartilhara com ela — até Jerry. Então, Billy se tornara hostil. Todas estas conexões ali estavam, flutuando vagamente como fios de uma teia de aranha rompida pelo vento, à espera de quem tornasse a tecê-los para formar novamente um todo. Entretanto, Carlotta não conseguia.

O quarto estava em silêncio. O reflexo do luar avançava de modo quase imperceptível, enquanto Carlotta aguardava.

Sentiu os insetos andando em sua mão e sacudiu-os de volta às plantas do jardim. Pareciam observá-la, as antenas movendo-se dentro da noite. Que realidades mágicas possuiriam eles?

Carlotta sabia que eram movidos por instintos; protegidos, irresistíveis a seu próprio modo — para eles, a realidade humana não passava de uma nuvem efêmera quando comparada com a substância sólida de que se alimentavam e os impulsos brutais que lhes organizavam a vida, Carlotta fitou os insetos, refletindo que a realidade deles era mais sólida.

Agora, compreendia por que motivo *tivera que vir*. Era a busca do ponto final, do lugar de onde não havia mais fuga.

Um barulho na sala. Tosse. Carlotta foi à porta do quarto.

Jerry estava na sala, uma maleta no chão, a seus pés. Sorriu timidamente, com ar de culpa, confuso. Fitou Carlotta como se implorasse perdão. Olhou em volta, fazendo um gesto impotente e tornou a sorrir, implorando com o olhar.

— Oh... Jerry! — balbuciou Carlotta, Com lágrimas escorrendo pelo rosto, ela correu para Jerry, que abriu os braços para acolhê-la. As mãos dele procuraram o rosto de Carlotta. Seus olhos suaves a encararam. Ela tremia.

— Oh... Jerry...

Carlotta beijava repetidamente as mãos dele. Parou de repente, erguendo a cabeça.

— Jerry!

Jerry desaparecera. Em lugar dele, Carlotta viu Kim, com o corpo corcunda, arrastando-se através da sala, ar-quejando de modo obsceno. Uma radiação azulada surgiu no centro da sala.

Carlotta recuou, esgueirando-se junto à parede do corredor. A sala parou de ondular. Ela escutou os pios distantes de diferentes pássaros. Recuperou vagarosamente o fôlego. O luar avançara mais meio metro, chegando à junção do assoalho com a parede manchada.

Carlotta ouviu um barulho no quarto.

Billy, nas sombras, despiu a camiseta, os músculos refletindo a parca luminosidade. As sombras vindas do jardim brincavam-lhe no peito. Fitou Carlotta com os olhos escuros, pensativos, zombeteiros. Desafivelou o cinto.

— Billy... — gaguejou Carlotta. — Não...

Billy tirou as calças, revelando as pernas grossas e musculosas, os órgãos genitais desenvolvidos, volumosos.

“Dois pequenos e um grande...”

Billy soltou uma risada tristonha. Arrumou cuidadosamente as calças no chão e avançou para Carlotta, encarando-a. Seus ombros largos bloqueavam a luminosidade das janelas às suas costas. Seus quadris moviam-se enquanto ele avançava.

Carlotta gritou, tapando os ouvidos com as mãos. Correu de volta à sala. Para sua surpresa, Billy não a acompanhou. Carlotta deu meia-volta. A luz da

rua se refletia no surrado tapete do quarto, chegando quase ao corredor. O quarto estava vazio.

Carlotta acalmou-se lentamente. A intervalos, as curvas nas paredes do corredor — imperfeições da construção barata — sugeriam a forma de pedras. *Canyons*. Montanhas. Depois, voltavam a ser simplesmente paredes. As ordinárias paredes pintadas cor de creme do corredor, levemente iluminadas pelos reflexos da luz da rua.

Carlotta esperava em seu refúgio final.

O luar subia aos poucos pela parede oposta da sala. Logo chegou a uma área onde era bloqueado pela esquadria superior da janela: uma linha negra atravessando um retângulo iluminado. Nas fendas da parede, Carlotta podia ver minúsculas borboletas cor de creme. Podia ouvir um coro de vozes — uma confusa e hipnótica babel de vozes, como milhares de crianças exigindo algo, todas ao mesmo tempo. Então, o barulho cessou.

Agora, o único som era o dos grilos no terreno baldio do outro lado da rua: um ruído quase melodioso que entrava suavemente pelas janelas. Carlotta conseguia ver vagamente os girassóis no terreno baldio. E caixotes velhos. Uma cerca quebrada. Não havia sensação de tempo. O tempo era como um pesado cobertor jogado sobre a casa, O tempo era algo que alterava a capacidade de Carlotta para diferenciar as percepções.

O tempo já não fazia parte do universo.

Carlotta deu-se conta de que morrer devia ser assim. Por isso Garrett a acusara de abandoná-lo. Quando fora ele quem abandonara a vida. Na época, ela não entendera, mas agora compreendia, pois sentia-se abandonada por Billy, Jerry e todos os outros, até mesmo Kraft e Mehan. Abandonaram-na, deixando-a para morrer. Quando na realidade ela sabia que, de algum modo, era ela que os abandonava, naufragando — para nunca mais emergir.

O último refúgio.

— Oh!

Um relâmpago e, em seguida, um choque. Um filete de sangue escorreu-lhe pelo rosto. Tão agudo e instantâneo — como a picada de uma cobra.

Franklin desferiu um pontapé furioso na parede. Parou perto da janela e

passou violentamente a mão pelos cabelos.

— Como se sente ao naufragar, hem, boneca?

Carlotta percebeu que ele procurava as palavras. O blusão de couro pendurado precariamente nos ombros, deixava-lhe à mostra o peito musculoso. A fisionomia expressava confusão, hostilidade, imprevisibilidade.

— Franklin...

Carlotta estava aterrorizada, reconhecendo a disposição de ânimo em que ele se encontrava. Ficava assim quando embriagado, ou tomava tóxicos — ou ambas as coisas ao mesmo tempo.

Franklin atravessou a sala em poucas passadas enormes, assustadoras. Agarrou Carlotta, puxando-a com violência.

— Responda, vagina fedorenta!

— Não... por favor...

Franklin riu. Então, suas feições se amenizaram e ele fitou Carlotta com ar nostálgico, examinando-lhe o rosto, o corpo miúdo, os braços.

— Venha, boneca, venha para mim.

Carlotta resistiu, mas ele era forte e ela se sentiu envolta num abraço. As mãos de Franklin se enfiaram sob o vestido dela.

Carlotta o empurrou, enrijecendo o corpo. Ele insistiu. Então, Carlotta deu-se conta de que podia enxergar através dele, vendo a parede e a janela por dentro do ombro forte e do pescoço musculoso.

Franklin era invisível, mas Carlotta sentia-lhe as pernas fortes que a apertavam, o calor do corpo dele, o intumescimento de desejo. O cheiro de Franklin lhe invadiu as narinas. Embora repugnante, fez nascer nela um ímpeto de desejo. O corpo de Carlotta, contrariando sua vontade, tinha necessidades próprias.

Franklin riu — um riso cruel — e desapareceu. Carlotta ficou sozinha, encostada à parede. O eco do riso sádico de Franklin morreu. Agora, a sala parecia maior que nunca, mais vazia que antes.

Os grilos gritavam, anunciando ao mundo que Carlotta desejara um homem morto! Carlotta sacudiu a cabeça de um lado para outro, até que o barulho

dos grilos arrefeceu.

— Franklin...?

Não teve resposta.

Era verdade, refletiu Carlotta. Ela precisava de Franklin.

Dependia da força física de um homem. Mas não existia homem.

Carlotta esperou durante o que lhe pareceu muitas horas.

Quanto mais esperava, mais mergulhava numa realidade diferente. Afinal, os relances que ela tinha da casa apareciam-lhe na mente como imaginação, enquanto as intuições que tivera de vozes e aparições passaram a constituir a sua verdadeira realidade.

— Carlotta. Vira teu rosto para mim.

O Pastor Dilworth caminhava pelos jardins. Carlotta via as montanhas além de Pasadena. Luzes cintilavam vagamente dentro da noite.

— Está me escutando, menina?

Uma voz sonora, profunda, quase metálica. Uma voz gravada em sua personalidade infantil, pois Carlotta penetrara na fase anterior à formação da personalidade, na qual os sons e imagens flutuam indistintamente, desprovidos de estrutura, provocando temor.

O Pastor Dilworth segurava uma correia. Uma mulher — a mãe de Carlotta — gemia, segurando um par de calcinhas sujas de sangue e terra. Ambos avançavam através de uma brilhante cortina branca, um ténue véu que tomava indistintos todos os seus gestos. Seu asco era quase palpável.

— Carlotta!

Uma voz impossível de resistir e Carlotta foi obrigada a obedecer aquele som profundo e grave. Sentia-se atraída por ele, a despeito de todos os instintos de repugnância.

De repente, a correia cortou o ar.

A dor penetrou pelo ombro de Carlotta.

— Papai...

Um movimento repentino e Pasadena se evaporou. O Pastor Dilworth desapareceu. A piscina sumiu. Tudo era uma fachada.

Nada existia.

Aquelas alucinações seriam um disfarce? Por que ele enviava aquelas quimeras? Para torturá-la? Ou eram mensageiros *dele*?

Carlotta ficou imóvel, de pé, como se enraizada na escuridão. Entre o mundo físico e o metafísico existia o reino da imaginação. Agarrando-se ao peitoril da janela para não cair, Carlotta sentiu os últimos laços se romperem. Ergueu-se, flutuando nos planos metafísicos.

— Carlotta...

Uma voz íntima, com a qual ela sonhava, que conhecia os recônditos mais profundos de sua alma. Conhecia-a... tão bem...

— Carlotta...

Paredes transparentes e distantes cintilavam como gaze, lembrando vagamente a casa da rua Kentner, mas infinitamente afastadas; um brilho suave ao longo dos contornos retangulares das janelas; e, através daquilo tudo, a infinidade do espaço negro, das galáxias distantes, formas iridescentes que se desvaneciam quando Carlotta as observava. Um mundo em negativo, onde as calçadas eram translúcidas e se projetavam, em perspectiva, até as estrelas — e não existia chão ou força da gravidade. Um brilho onde o horizonte parecia levantar-se em poças cor de magenta.

De longínquos céus sulfurosos, ele veio em direção a Carlotta, ladeado pelos anões de cabelos ruivos que se transformavam em chamas frias e radiantes — lambendo o negrume que permeava todos eles. Numa única passada, *ele* atravessou mil quilômetros, nitidamente delineado de encontro às nuvens amarelas tingidas de verde — um panorama proibido através do qual *ele* se encaminhava diretamente para ela.

Mal conseguindo respirar, Carlotta esperava.

Chamas de luz fria emanavam dos cabelos *dele*; seus olhos cintilavam, ameaçadores, implacáveis. Na escuridão do espaço, Carlotta viu o interior radiante *dele*, a rápida formação de ocelos e gânglios, que se alteravam à medida que *ele* se aproximava.

Através das estruturas vaporosas que pareciam — mas não eram — as estruturas da casa, Carlotta sentiu a eternidade concentrar-se, assumir um formato — uma sucção que ganhava forma visível. Sentiu e quase pode ver a luz *dele* penetrá-la, atravessá-la e chegar a horizontes que flutuavam e giravam a uma distância enorme abaixo dela.

— Eu... eu tenho... medo... — balbuciou ela.

— Carlotta!

Ela recuou, quase cega, envolvida pelo cheiro frio. O rosto perpetuamente irado, duro, impiedoso — um rosto forte, composto de mil e uma fisionomias, máscaras sutis que se alteravam continuamente, mas todas com o mesmo olhar assassino que causava calafrios em Carlotta.

— Por favor... tenho medo...

— Carlotta!

— Não...

Mas foi sugada para diante, dominada da cabeça aos pés pelo torvelhinho de desejo. Uma força gravitacional — uma lei cósmica — irresistível, a atraía para dissolver-se no abraço *dele*.

Mil fogos orgásmicos, alfinetadas de luz, como mandíbulas, mordiscavam-lhe os seios e as coxas. Raios de luz explodiam-lhe sob as pálpebras cerradas quando ela foi penetrada, dilacerada, inundada, dissolvida como nunca antes.

— Oooooooooohhhhhhhhhh...

Seu grito contínuo, musical, reverberou entre as estrelas.

Formas escorregadias cintilavam-lhe diante dos olhos, penetrando-lhe a substância, tornando-se cada vez mais frias, queimando com o frio que florescia dentro dela — depressa, cada vez mais depressa — tudo se desintegrando, agarrando-se a *ele*, dissolvendo-se, abraçando-o, desaparecendo no vácuo. Uma última percepção de luz e escuridão.

No vácuo sibilante e crepitante, o último refúgio se estilhaçou, desfazendo-se numa explosão; Carlotta, fragmentada, deixou de ser Carlotta, tornando-se uma substância vaporosa, um último som, como um trovão morrendo na distância.

— Minha doce... Carlotta...

EPÍLOGO

RECOMENDAÇÃO DE CURADORIA E INTERNAÇÃO

Para:

CO INSPETOR MUNICIPAL DE CURADORIA OR

Recomendo internação e curadoria de Sra. Carlotta Moran
(Nome do Paciente)

que se encontra sob meus cuidados. Verificou-se que o paciente está gravemente incapacitado,

nos termos do Código das Instituições de Previdência Social, art. 5.008, § h,

* (a) em resultado de distúrbio mental

~~1) (a) em resultado de distúrbio mental~~

e é

~~1) (a) em resultado de distúrbio mental~~

* (b) incapaz de aceitar voluntariamente tratamento médico

(*) -- (Risque as classificações não aplicáveis ao caso.)

Anexos: Resumo do Registro médico
Inclusive diagnóstico, prognóstico e razões
para recomendação de custódia e internação.

ASSINATURA DO PROFISSIONAL

G. Sneidermann M.D.
G. Sneidermann, MÉDICO PSIQUIATRA RESIDENTE

DATA

6/11/77

INFORMAÇÃO CONFIDENCIAL SOBRE PACIENTES
ESTADO DA CALIFÓRNIA
DEPARTAMENTO DE HIGIENE MENTAL
FORMULÁRIO MH-1943 (Rev. 8-60)
REF. ART. 5352 CÓDIGO WEL

RECOMENDAÇÃO DE CURADORIA E INTERNAÇÃO

2010-000 3-00 2010-000

JUSTIFICAÇÃO PARA CUSTÓDIA E INTERNAÇÃO

Nome: Sra. Carlotta Moran

Endereço: Rua Kentner, 212, LA, CA.

Telefone: KL5 1717

Nascimento: 03/08/44

Sexo: Fem.

Estado Civil: Viúva

Parente ou Responsável:

Sra. Harriet Dilworth

Bulevar Orange Grove, 743

Pasadena, Ca,

Parentesco: Mãe

Telefone: SM2 6464

Razões e observações que confirmem a incapacidade do paciente para prover (x) comida, (x) vestuário, (x) moradia. (Marcar com um x):

(Ver abaixo)

Histórico da incapacidade, terapia atual e recomendações para cuidados ao paciente:

A paciente sofre de distúrbio esquizofrênico e nas últimas semanas não responde quando lhe dirigem a palavra, não come e tem que ser alimentada por via intravenosa. Necessita ser vestida por terceiros e não dá importância às funções fisiológicas básicas sem supervisão permanente. Não reagiu à medicação.

CL-1 emitido em 30-01-70

Diagnóstico e descrição do estado mental do paciente que confirma o diagnóstico:

— Esquizofrenia do tipo catatônico.

Razões para crer que a paciente esteja incapacitada ou não queira aceitar voluntariamente ajuda e tratamento:

A paciente não reage e parece não compreender quando lhe indagam se deseja cuidados voluntários. A paciente não fala e, conseqüentemente, não pode expressar decisão verbal quanto a cuidados voluntários. A paciente não reage a ofertas de cuidados voluntários feitas através de mimica.

Recomendo, portanto, que lhe seja designado um curador em caráter temporário.

Sob pena de perjúrio, declaro que as informações acima são corretas e verdadeiras.

Redigido em 8/11/77
na Universidade da Costa Oeste, Califórnia.

Paul S. Seaman MD

ASSINATURA DO PROFISSIONAL QUE EFETUOU A AVALIAÇÃO DO PACIENTE E RECOMENDA A CURADORIA NOS TERMOS DOS ARTIGOS 5352 E 5352, § 1º DO CÓDIGO W & I.

H. Weber M.D. Chief Resident

ASSINATURADO PROFISSIONAL EN-CARREGADO DO SERVIÇO REGIONAL QUE FEZ A AVALIAÇÃO COMPLETA DO TRATAMENTO INTENSIVO E A REVISÃO DA RECOMENDAÇÃO DE CURADORIA TEMPORÁRIA NOS TERMOS DOS ARTIGOS 5352 E 5352, § 1º, DO CÓDIGO W & I.

Nos meses que se seguiram à internação de Carlotta no hospital, Sneidermann tentou analisar o que ocorrera naquela noite, mas todas as suas pesquisas sobre eletrônica e todas as suas investigações sobre truques químicos resultaram em nada.

Não havia explicação para a substância vaporosa que ele próprio vira pairando ao longo das paredes da câmara experimental; não havia como compreender o poder, a força, a devastação que ela causara e que provocara o colapso final da personalidade de Carlotta. Até mesmo Weber não acreditava realmente que se tratasse de alucinação em massa. O problema zumbia continuamente no cérebro de Sneidermann como um enxame de abelhas furiosas, recusando-se a ser solucionado. Fosse o que fosse, lançara Carlotta num estado de total esquizofrenia.

Guiada pelo instinto, provavelmente incoerente, ela correria para casa em busca de algum contato com a realidade que, no seu caso, só poderia ser a família. Sneidermann tentava imaginá-la entrando em casa — naquela casa que não era um lar, sem um quadro nas paredes nuas, sem toalhas nos cabides, sem coisa alguma que pudesse fornecer a Carlotta uma indicação de quem era ela ou onde estava. Encontrara apenas uma casca oca, vazia.

Até mesmo as crianças haviam partido. Confusa, amedrontada, sofrendo uma terrível pressão, ela implodiria como um vulcão voltado para o interior da terra.

Chegando cedo à casa da rua Kentner naquela manhã, Sneidermann encontrara Carlotta de quatro na sala, completamente despida, fitando o vácuo com olhos esbugalhados que nada viam, respirando com extrema lentidão.

Cobriu-a com sua própria camisa, colocou Carlotta no carro e regressou depressa à clínica de emergência. O primeiro diagnóstico indicava que Carlotta fora vítima de estupro, mas não conseguia falar. No final do dia, o diagnóstico foi de fuga catatônica. Três dias depois, ela foi internada como doente mental.

Decorreram seis meses antes que o Dr. Weber e Sneidermann voltassem a se falar. Quando isto aconteceu, continuaram sentindo-se pouco à vontade um com o outro. Sneidermann escreveu uma carta desculpando-se perante o

supervisor.

Minha juventude impeliu-me a tomar medidas que, na ocasião, pareceram-se adequadas. Deixei-me guiar menos pelas medidas de prudência médica que pelos impulsos de profundos sentimentos que, agora percebo, mesclavam-se com motivações menos edificantes. Não há dúvida de que sua recusa em tomar conhecimento de minha correspondência é justificada, mas asseguro-lhe que minha única motivação é o esforço de cumprir a solene promessa que fiz ao deixar a Universidade da Costa Oeste.

Sneidermann não voltou para o Leste. Em vez disso, assumiu o controle de uma enfermaria em um hospital psiquiátrico estadual nas proximidades de Santa Barbara. Certo dia, recebeu um curto bilhete de Los Angeles.

Meu caro Gary, perdoe meu silêncio. Foi a reação ãe um velho que tinha esquecido as paixões e enganos de sua própria juventude. Aceita encontrar-se comigo em Los Angeles? Responda, por favor.

Estava assinado pelo Dr. Weber.

Três semanas mais tarde, porém, o Dr. Weber morreu em consequência de um derrame. Sneidermann não compareceu ao enterro, pois seus deveres impediam-no de afastar-se do hospital. Lembrou-se que no anuário de sua classe na universidade havia uma fotografia do Dr. Weber. Encontrando-a, mandou ampliá-la, emoldurá-la e pendurá-la na parede por detrás de sua mesa de trabalho. Uma tarde, olhou para o retrato, imaginando se alguém consegue realmente encontrar o caminho de saída do labirinto da vida e sentiu as lágrimas lhe escorrerem pelo rosto.

Durante o dia, Sneidermann supervisionava sua enfermaria e auxiliava nas outras. O hospital lutava com falta de pessoal.

Muitos dos pacientes nunca tinham recebido um diagnóstico adequado e Sneidermann batalhou junto à legislatura estadual para conseguir auxílio financeiro e uma reforma legislativa. Num período surpreendentemente curto, conseguiu melhorar a segurança da área. Suas enfermarias eram as

únicas na Califórnia Meridional onde não ocorreram estupros, espancamentos e tentativas de suicídio no segundo semestre do ano.

Muitas enfermeiras e funcionários imaginavam por que motivo um jovem médico tão brilhante viera parar numa instituição estadual.

Após bater de leve, Sneidermann abriu uma porta.

— Bom-dia, Carlotta — disse delicadamente.

— Oh, bom-dia, Gary — disse ela, fechando recatadamente o roupão no pescoço.

Seu rosto apresentava pequenas rugas nos cantos dos olhos e lábios, mas a vitalidade persistia — aquela graça, tão perfeitamente modulada. Era um rosto que flutuara mil e uma vezes nos sonhos de Sneidermann.

— Ouvi dizer que você tem dificuldade de dormir — disse ele.

— Um pouco — confessou Carlotta. — A pílula para dormir foi muito fraca.

— Estou procurando livrá-la de soporíferos, Carlotta.

— Fico amedrontada... só um pouco.

Sneidermann sorriu, fitando-a com um brilho nos olhos cinzentos.

— Gostaria de vê-la após o café da manhã — declarou. — Poderíamos andar pelos jardins.

— Sim. Eu também gostaria.

Sneidennann fechou a porta. As duas enfermeiras daquela ala sorriram. Murmurava-se que Sneidermann tinha uma namorada entre as pacientes. O médico era muito sério e chegava a mostrar-se ríspido quando havia falhas na disciplina e as enfermeiras não funcionavam como ele desejava. Mas no quarto 114-B, de Carlotta Moran, paranóica esquizofrênica... quando Sneidermann abria a porta, suavizava-se, emitindo uma espécie de radiação, voltando a ser quase um adolescente, entusiasmado e com senso de humor.

Sneidermann encaminhou-se energicamente a seu escritório.

Um grupo de repórteres vinha visitar as instalações do hospital.

A maioria dos psiquiatras detestava tal interferência, mas Sneidennann a acolhia bem e chegava a encorajá-la. Desejava que as condições de

assistência pública aos doentes mentais chegassem ao conhecimento do público.

Encontrou-se com Carlotta antes do almoço.

— Recebi uma carta de sua mãe — anunciou.

— É mesmo?

— As crianças estão ótimas.

— É maravilhoso — disse ela.

Carlotta parecia distraída naquele dia. Normalmente, no decorrer do dia, reagia com os instintos de uma pessoa normal.

Só ao cair da noite ficava assim: distante e, depois, amedrontada.

— Gostaria de vê-los? — indagou Sneidermann.

— Sim. Antes, porém, desejo melhorar.

— Posso providenciar uma visita.

Carlotta sorriu, protegendo os olhos contra o sol quente. A grama era verde, regada por preguiçosos repuxos colocados em fila. Crianças brincavam sob vigilância e suas risadas ecoavam de modo nítido e agradável.

— Em breve, talvez.

Sneidermann estudou aquele rosto que ele nunca tocara, o pescoço que nunca beijara. Não obstante, agora era muito mais íntimo dela, sob certo aspecto. Seu anjo da guarda.

— Eu gostaria de diminuir o sedativo.

— Não...

— Não está dependente dele. Não quero isso.

— Não, por favor...

— Só um pouquinho. Paulatinamente. Não lhe fará mal.

— Tenho medo.

— Ora, você sabe que não há motivo para medo — insistiu ele, tomando a mão de Carlotta e segurando-a de leve. — Fará isso por mim, Carlotta?

Tente. Cada noite, tomará um pouco menos. E verá o que acontece.

— Está certo — disse ela em voz baixa, sorrindo.

— O que é tão engraçado?

— Você gosta mesmo de mim, não é?

Sneidermann ruborizou-se.

— Sou seu médico. Além disso, você sabe que eu gosto... Eu já lhe disse.

— Não devia gostar. Veja o que foi feito de sua carreira. Veio acabar neste miserável...

— Gosto de trabalhar aqui. Aprecio meu trabalho. No duro.

— Uma parte de você jamais cresceu, Dr. Sneidermann.

Continua a ser um garotinho. Sabe de uma coisa? Deveria ter-se casado.

Sneidermann ficou ainda mais vermelho.

— Minha vida particular é... bastante satisfatória.

Riram juntos. Enquanto o sol penetrava por entre as folhas das árvores, lançando sombras no terreno, Sneidermann refletiu que talvez, de algum modo misterioso e estranho, tivesse encontrado a felicidade. Uma perspectiva em que pouca gente ainda acreditava. E, sobretudo, num local que a maioria das pessoas evitava como evitaria as chamas ardentes do inferno.

Não obstante, era verdade. Sob certo aspecto, agora — pelo menos durante o dia —, juntos, ao leve sopro da brisa, não havia ansiedade ou nervosismo. Conheciam-se totalmente, sem ambiguidades. Todavia, todas as tardes, à medida que a noite se aproximava, Sneidermann percebia as alterações que se operavam em Carlotta: mudanças que se refletiam no corpo e na fisionomia. Seu olhar se tornava inquieto, desconfiado. Ela se obcecava com as sombras que aumentavam. Enervava-se. Parecia temer o cair da noite.

Ou o aguardava com ânsia?

Mais tarde, naquela mesma noite, Sneidermann passou pela porta do quarto 114-B, como costumava fazer.

— Como está ela? — indagou.

— Um pouco inquieta — replicou a enfermeira.

— Tomou a pílula para dormir?

— Sim, senhor. Apenas cinco miligramas.

— Bom. Muito bom.

Sneidermann inspecionou os quartos ao longo do corredor.

Um rapaz gravemente autista machucara a cabeça na parede.

Foram obrigados a amarrá-lo para protegê-lo. Sneidermann tentava obter uma verba especial — um subsídio ou qualquer outra coisa — para remover o rapaz da enfermaria e enviá-lo aos cuidados especializados de que ele carecia.

Voltou ao quarto de Carlotta.

— Ela está dormindo, Doutor. Um sono muito leve.

— Está bem. Pode ir, agora.

Sneidermann aproximou-se da janelinha embutida na porta e colou o rosto ao vidro.

Carlotta estava coberta por lençóis leves. O luar entrava pela janela, iluminando-lhe suavemente o rosto. Os cabelos negros se espalhavam em leque sobre o travesseiro. Tinha as narinas dilatadas e Sneidermann percebeu que o suor lhe empapava os cabelos.

Ela murmurava.

Sneiderman não conseguia ouvir. Entreabiu a porta.

— Por favor... oh... por favor... oh, oh...

Um som esquisito, sobrenatural. Estaria gemendo de êxtase ou em protesto... contra uma violação?

— Ohhhhhh...

Sneidermann engoliu em seco, obrigando-se a observar e notar que ela se movimentava lentamente, de modo incessante, quase sugestivo, o rosto contorcido numa careta grotesca... de prazer ou de repugnância?

Transfixado, ficou observando até ela terminar e *ele* ir embora. Os gemidos diminuíram até cessarem.

Humilhado, remoído de ciúmes, Sneidermann afastou-se da janelinha.

Consultou o relógio. Com apenas cinco miligramas, o pesadelo durara menos que cinco minutos. Ele, Sneidermann, conseguira trazê-la de volta, fazê-la falar inteligivelmente; conduziu-a a um estado em que ela era capaz de cuidar sozinha de suas necessidades fisiológicas. Carlotta recuperara toda a graça, todo o encanto que outrora destruíra o ego masculino do jovem residente. Agora, ele estava conseguindo diminuir os pesadelos, pouco a pouco, dia a dia.

Sneidermann saiu para o jardim a fim de fumar um cigarro.

O luar lhe incidiu nas mãos, ajudando-o a guiar a chama do isqueiro até o cigarro. Sentia-se peculiarmente carregado de emoções naquela noite. Pequenas vitórias eram a única coisa importante na sua vida, agora. Como em tantas outras noites, imaginou Carlotta conversando agradavelmente num café, talvez em algum lugar bonito onde suas maneiras encantadoras causassem inveja a todos. Seria o suficiente para ele.

Todavia, ela continuava a pairar em seu consciente, linda mas inatingível, sempre misteriosa e fugidia.

Sneidermann trouxe vagarosamente. Fora um dia rotineiro.

Sentia-se exausto. Tornou a pensar no assunto. Um sono melhor, com apenas cinco miligramas de sedativo. Levaria tempo, mas... juntos, não havia limite para o que poderiam conseguir.

Caminhando pelo jardim, lembrou-se do dia em que tudo aquilo começara, o dia em que Carlotta, trêmula, entrara pela primeira vez em seu consultório.

Fora dos terrenos do hospital havia uma estrada e, além da estrada, a grama seca que chegava até à beira do oceano escuro.

Sneidermann estava contente.

FIM

ADENDOS

UMA PESQUISA MULTIFÁSICA DOS COMPONENTES FÍSICOS E PSÍQUICOS DE UMA ENTIDADE DESENCARNADA

Relatório Preliminar de Avaliação da Observação — Em preparo: Estudo Quantitativo e/ Computação e Análise dos Dados

Por

EUGENE KRAFT

JOSEPH MEHAN

apresentado como parte da defesa de tese de pós-graduação no Departamento de Psicologia, Universidade da Costa Oeste

Dra. ELIZABETH COOLEY Diretora da Divisão de Parapsicologia

Até o presente, o estudo de eventos metafísicos tem sido efetuado em condições de campo de natureza por demais aleatória para a obtenção de dados definitivos e incontrovertidos. Descrições de “aparições”, “fantasmas” e “assombrações”, bem como visitas incorpóreas semelhantes jamais foram reproduzidas em condições de laboratório. Em consequência, todo esse campo de pesquisa tem sido ignorado, justificavelmente, pela comunidade científica que o considera pouco confiável para merecer atenção mais séria.

Todavia, uma investigação que durou quatro meses e foi concluída recentemente conseguiu induzir uma entidade desencarnada a ingressar num campo controlado e descobriu ricos veios de dados referentes à sua natureza.

Uma pessoa que era visitada por uma entidade singular, ocasionalmente acompanhada por duas entidades menores, foi colocada num meio-ambiente isolado e à prova de som (ver diagrama anexo). O meio-ambiente simulado era uma duplicata exata da casa onde a pessoa residia, com exceção do teto, que foi removido para permitir ação direta de equipamentos de observação e medição nos aposentos. Além disso, as paredes foram reforçadas com camadas isolantes para eliminar a entrada de praticamente qualquer interferência eletromagnética estranha.

A pessoa passou a residir nos aposentos do ambiente experimental, decorado e mobiliado com tapetes, cortinas, cadeiras, cama e demais utensílios retirados da casa onde morava. A experiência teve várias semanas de duração. Durante esse período, não foram observadas quaisquer alterações ou variações nos aparelhos medidores. Gradativamente, porém, à medida que ela se aclimatava ao novo ambiente, reverteu aos padrões emocionais que lhe haviam dominado a vida por vários meses antes da experiência controlada. Tal estado emocional incluía extrema ansiedade com relação à família, frequentes problemas pessoais com o noivo e lembranças profundamente arraigadas da infância.

Pouco a pouco, o caderno de registros começou a encher-se com descrições de sonhos repetitivos que sugeriam um panorama psíquico de ordem espiritualista que a aterrorizava.

Em várias ocasiões, ela relatou verbalmente premonições de que uma visita da entidade se tomava cada vez mais iminente.

À medida que ocorreram certas transições emocionais importantes, verificaram-se as primeiras leituras de alterações na concentração, distribuição e densidade iônica da atmosfera. A primeira transição emocional importante foi o rompimento definitivo e irrevogável entre a mulher e o noivo. Dentro de oito horas, o trauma foi seguido de flutuações notáveis da resistência atmosférica, isto é, constante dielétrica à radiação ELF, que é inferior a 40 ciclos por segundo — característica de vida tanto animal como humana.

A visita da mãe, de quem a mulher se afastara havia mais de dez anos, e

a subsequente remoção dos filhos da mulher para maior segurança destes provocaram a segunda alteração significativa nas leituras gravadas pelos sensores remotos de fenômenos fisiológicos.

Na medida em que o isolamento da mulher aumentava, ela mergulhava mais profundamente em suas próprias lembranças, fantasias, remorsos e esperanças de uma vida melhor. Sua ignorância das origens de laboratório do meio-ambiente em que vivia cresceu visivelmente. Passou a falar sozinha e, às vezes, com pessoas ausentes, algumas das quais eram sabidamente falecidas. Em resumo, começou a apresentar o comportamento de um médium em estado de receptividade.

Paulatinamente, durante um período de 42 horas de intensa atividade emocional, começaram a registrar-se fenômenos visíveis. O mais notável foi uma massa branca que se estendeu ao longo da parede e que se contraiu numa esfera no espaço de três horas, deixando uma substância imóvel cerca de setenta e cinco centímetros acima do tapete.

A mulher começou a gritar insultos pesados contra a aparição, a fim de desabafar-se do horror que significava viver quase meio ano aterrorizada por esta. A cada imprecisão, a substância da entidade sofria alterações dramáticas, observadas pelas testemunhas oculares mas, infelizmente, não captadas ou registradas por várias câmaras e aparelhos de gravação altamente sofisticados, inclusive equipamento de termovisão, câmaras de televisão a cores para baixa intensidade de iluminação e um aparelho de holograma laser de duplo impulso.

As alterações mais pronunciadas observadas eram referentes à cor e à forma, quando a massa se transformou numa nuvem azul-esverdeada que emitia luz. Além disso, ocorreu a lenta transformação de uma musculatura definida no interior da nuvem, bem como o surgimento de minúsculos vasos sanguíneos e órgãos embrionários.

Imediatamente antes da aparição da entidade, ocorreram alterações bruscas e nítidas no ambiente eletromagnético e termoiônico nas proximidades da mulher. No momento, é impossível verificar se tais alterações causaram a aparição, resultaram desta ou se tanto a aparição como as alterações atmosféricas observáveis foram ocasionadas por alguma causa singular e oculta, ainda não descoberta.

A última e mais conclusiva etapa da experiência incluía a tentativa de solucionar o problema mais enigmático e persistente das ciências paranormais.

Fez-se lançamento de hélio liquefeito, a temperaturas próximas do zero absoluto, com um líquido secundário composto de uma solução transparente e minúsculas partículas em suspensão, sobre a massa azulada que se movimentava. No instante exato do contato, ouviu-se um grito. Depoimentos posteriores das testemunhas oculares são unânimes em afirmar que as palavras eram uma deformação da frase “Deixem-me em paz!”

A entidade era simultaneamente visível a pelo menos oito pessoas, todas as quais relataram idênticas visões e sons nos mesmos momentos. Não obstante, os equipamentos de gravação destinados a traduzir em imagens a radiação de comprimentos de ondas variáveis deixaram de captar tais eventos. Tratar-se-ia, então, de uma alucinação de massa, consequente de muitas semanas de fadiga, árduo esforço e desesperado desejo de ver a entidade? Tal possibilidade parece muito remota, porque entre os observadores estavam incluídos um reitor da universidade, um destacado membro da equipe médica e um residente do hospital da faculdade, todos eles extremamente céticos em relação à experiência. Sugerir que eles, juntamente com a equipe altamente disciplinada da Dra. Cooley, foram “hipnotizados” de modo a acreditarem em algo que não existiu ali parece, na melhor das hipóteses, uma proposição duvidosa. Mesmo que isso ocorresse é impossível que todos os observadores pudessem relatar os fatos de modo tão idêntico sem prévia e prolongada consulta entre si. Nem é necessário acrescentar que este não foi o caso e que, na verdade, vários dos observadores nem mesmo se conheciam ou tinham pouco conhecimento e mesmo nenhum interesse pela parapsicologia.

Qual poderá ser então, a explicação do mistério? Será a estória já familiar, conhecida há séculos em lenda e mito, do “espírito” que não pode ser fotografado? Não haverá uma explicação mais científica? A verdade dos fatos é que a entidade realmente existia, independente de quem assistia à experiência.

Isto ficou provado além de qualquer possibilidade de dúvida pelas gravações contínuas e precisas registradas nos termômetros, nos medidores de concentração iônica e por determinadas flutuações na atmosfera eletromagnética. Então, o que causou a relativa falha ou fracasso dos instrumentos de gravação visual?

É possível que a imagem tenha sido percebida psiquicamente por todos os observadores; e suas mentes, a fim de traduzir a experiência para um nível mais prontamente compreensível de percepção, interpretaram os eventos em termos visuais. Em outras palavras: uma forte tempestade de energia psíquica espiritual, que poderia ter sido dotada de inteligência, foi interpretada por mentes humanas como algo visível, quando, na verdade, tais mentes receberam o conhecimento da referida energia por meios espirituais. Daí, a unanimidade das reações.

É bem sabido que houve uma energia imensa naquela câmara. Causou enormes tensões nos elementos estruturais do laboratório, levou ao extremo do curso os ponteiros dos medidores e, finalmente, causou a destruição total da câmara, resultando em grande devastação e nos ferimentos de Kraft.

Contudo, a natureza dessa energia continua desconhecida.

Foi eletromagnética, ou emitia ondas eletromagnéticas como uma espécie de atributo secundário? A verdade é que nenhuma teoria ainda é capaz de explicar a ampla faixa das variações energéticas que foram observadas. Talvez se trate, no caso, de uma forma de energia relativamente nova e desconhecida, que só agora é submetida a pesquisas científicas.

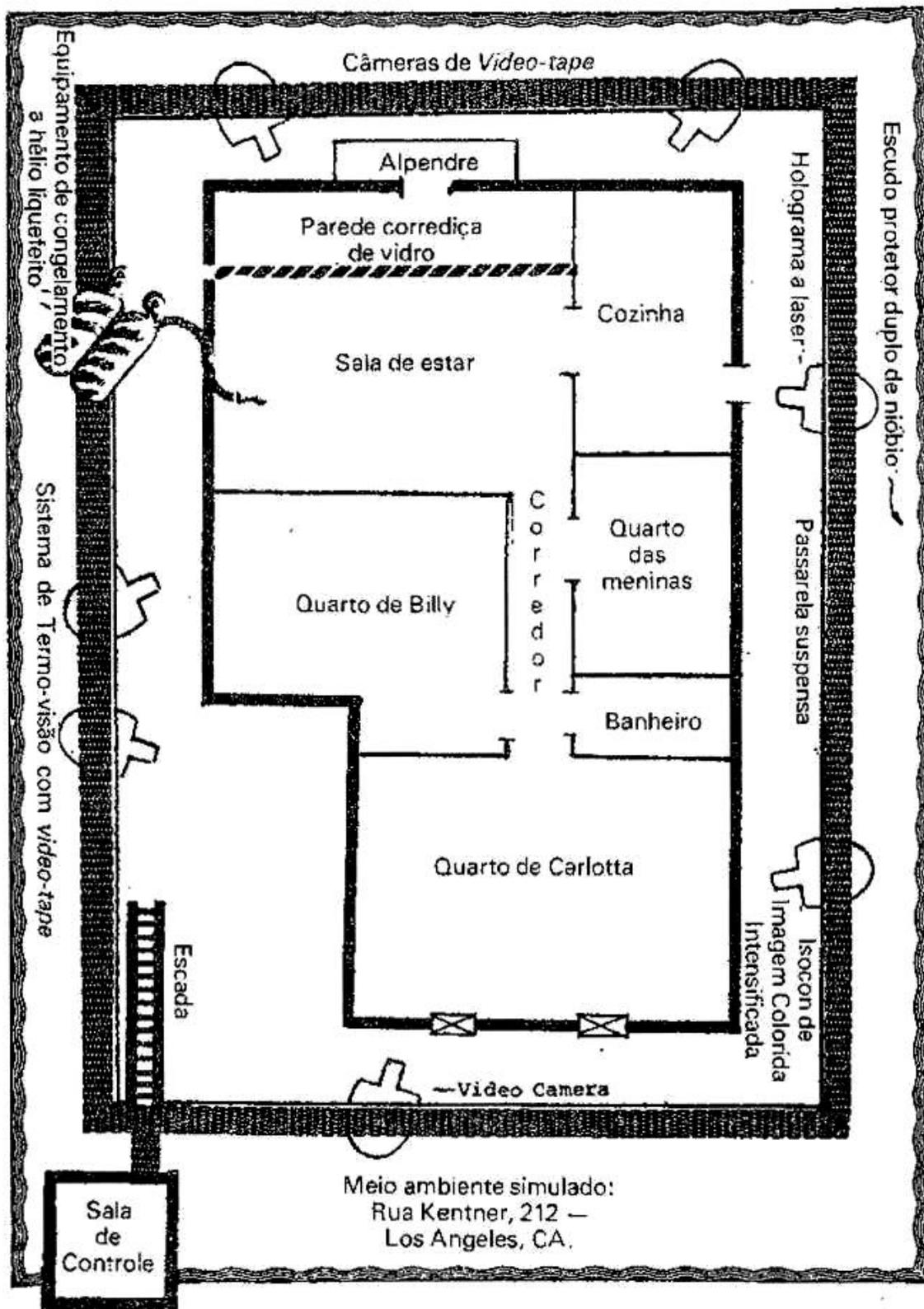
Uma questão secundária, referente à origem da entidade, permanece ambígua.

Dado que a aparição existe independentemente da vítima, como é confirmado pelos dados aqui incluídos, será possível determinar se emana da vítima como uma entidade projetada ou se, ao contrário, deriva de fontes e espaços-tempos (“locações”) ainda não explorados?

Esta última parece a solução mais provável, em vista do alto grau de independência da entidade espiritual em relação à vontade psicológica

da vítima. Tudo indica, porém, que uma pessoa altamente receptiva constitui um intermediário entre o mundo de dados constatáveis e os planos da experiência metafísica. Na melhor das hipóteses, maiores experimentos seriam necessários para solucionar de uma vez por todas o problema.

Interpretar tais eventos como alucinação em massa, fraude ou fantasias coletivas de tantos trabalhadores dedicados foge a toda e qualquer probabilidade. Os depoimentos de muitas testemunhas oculares, algumas das quais absolutamente contrárias ao projeto, provam de maneira incontroversa que a entidade existia, independentemente de outros seres humanos, que ocupava tempo e espaço no nosso mundo, e que interagia com a matéria física.



{} N.T. — Termo alemão empregado em parapsicologia, cujo significado será definido mais adiante no próprio texto.